

CELSO CUNHA LUÍS F. LINDLEY CINTRA
NOVA
GRAMÁTICA
DO PORTUGUÊS
CONTEMPORÂNEO
2" EDIÇÃO / 43" IMPRESSÃO
EDITORA
NOVA FRONTEIRA

© 1985, by Celso Ferreira da Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra
Direitos de edição da obra em língua portuguesa, no Brasil, adquiridos pela
EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.

Rua Bambina, nº 25 CEP 22251 Botafogo Tel.: 286-7822

Endereço Telegráfico: NEOFRONT - Telex: 34695 ENFS BR

Rio de Janeiro, RJ

Revisão tipográfica

OSCAR LOPES

HENRIQUE TARNAPOLSKY

PAULO GUANAES

A memória de Serafim da Silva Neto, amigo comum e mestre da Filologia Portuguesa.
A Joseph M. Piel, Jacinto do Prado Coelho, José V. de Pina Martins, companheiros e
amigos.

UMESA Bibliotecas CENTRAL

s

/0003

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ
Cunha, Celso.

C977n Nova gramática do português contemporâneo / Celso Cunha e Luís F.
Lindley Cintra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bibliografia

I. Português II. Gramática I. Cintra, Luis F. Lindley II. Título 85-0258 CDD
469.5

SUMÁRIO

Prefácio, XIII

Capítulo 1. CONCEITOS GERAIS, 1

Linguagem, língua, discurso, estilo, / Língua e sociedade: variação e conservação
linguística, 2 Diversidade geográfica da língua: dialeto e falar, 4 A noção de
correto, 4

Capítulo 2. DOMÍNIO ATUAL DA LÍNGUA PORTUGUESA, 9

Unidade e diversidade, 9

As variedades do português, 9

Os dialetos do português europeu, W

Os dialetos das ilhas atlânticas, 19

Os dialetos brasileiros, 19

O português da África, da Ásia e da Oceânia, 23

Capítulo 3. FONÉTICA E FONOLOGIA, 25

Os sons da fala, 25

Som e fonema, 28

Classificação dos sons linguísticos, 33

Classificação das vogais, 33

Classificação das consoantes, 41

Encontros vocálicos, 48

Encontros consonantais. 5/

Acento tônico, 55

VII

Capítulo 4. ORTOGRAFIA, 63

Letra e alfabeto, 65 Notações léxicas, 64 Regras de acentuação, 69 /

~Dlv07gtiieiaa "entre as ortografias oficialmente adotadas em Portugal e no
Brasil, 75

Capítulo 5. CLASSE, ESTRUTURA E FORMA DE PALAVRAS, 75
Palavra e morfema, 75 Forma de palavras, 81 Famílias de palavras, 82

Capítulo 6. DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO, 83

Forma de palavras, 83
Derivação prefixal, 83
Derivação sufixal, 87
Derivação parassintética, 101
Derivação regressiva, 102
Derivação imprópria, 103
Forma de palavras por composição, 104
Compostos eruditos, 107
Recomposição, 111
Hibridismo, 113
Onomatopéia, 113

Abreviação vocabular, 114

Capítulo 7. FRASE, ORAÇÃO, PERÍODO, 776

A frase e sua constituição, 116
A oração e os seus termos essenciais, 119
O sujeito, 127
O predicado, 129
A oração e seus termos integrantes, 134
Complemento nominal, 135
Complementos verbais, 136
A oração e os seus termos acessórios, 145
Adjunto adnominal, 145
Adjunto adverbial, 147
Aposto, 151
Vocativo, 155
Colocação dos termos na oração, 157

Entoação oracional, 162

Capítulo 8. SUBSTANTIVO, 777

Classificação dos substantivos, 171 g Flexões dos substantivos, 774

Número, 774

Forma do plural, 174

Gênero, 182

Forma do feminino, 184

Substantivos uniformes, 789

Emprego do substantivo, 795

Capítulo 9. ARTIGO, 799

Artigo definido e indefinido, 799 Formas do artigo, 200 Valores do artigo, 204

Emprego do artigo definido, 206 Repetição do artigo definido, 226 Omissão do artigo

definido, 228 Emprego do artigo indefinido, 229 Omissão do artigo indefinido, 255

Capítulo 10. ADJETIVO, 238

Flexões dos adjetivos, 245 Número, 245 Gênero, 244 /-Graus do adjetivo, 247

/" Emprego do adjetivo, 255

Concordância do adjetivo com o substantivo, 265 Adjetivo Adjunto Adnominal, 264

Adjetivo predicativo de sujeito composto, 267

VIII

Capítulo 11. PRONOMES, 265

Pronomes substantivos e pronomes adjetivos, 268

Pronomes pessoais, 269

Emprego dos pronomes retos, 274

Pronomes de tratamento, 282

Emprego dos pronomes oblíquos, 289

Pronomes possessivos, 309

Pronomes demonstrativos, 319

Pronomes relativos, 333 /
 Pronomes interrogativos, 343
 Pronomes indefinidos, 347
 Capítulo 12. NUMERAIS, 358
 Espécies de numerais, 358 Flexão dos numerais, 359
 Capítulo B.
 Noções preliminares, 367
 Tempos simples, 376
 Verbos auxiliares e o seu emprego, 383 ^Conjugação dos verbos regulares, 392 ^
 Conjugação da voz passiva, 393
 Voz reflexiva, 395
 Conjugação de um verbo reflexivo, 396 ^ Conjugação dos verbos irregulares, 400 /
 Irregularidade verbal e discordância gráfica, 401
 Verbos com alternância vocálica, 402
 Outros tipos de irregularidade, 409
 Verbos de participio irregular, 429 C1 Verbos abundantes, 429 ^Verbos impessoais,
 unipessoais e
 Sintaxe dos modos e dos tempos, 436 ^
 Modo indicativo, 436
 Emprego dos tempos do indicativo, 436
 Modo subjuntivo, 453
 Emprego do subjuntivo, 454
 Modo imperativo, 464
 Emprego do modo imperativo, 465
 ? Emprego das formas nominais, 471 Emprego do infinitivo, 473 Emprego do gerúndio,
 479 Emprego do participio, 483 ^Concordância verbal, 485 / Regras gerais, 486
 Casos particulares, 487 Regência de alguns verbos, 507 / Sintaxe do verbo haver,
 525 ^
 ^ Capítulo 14. ADVÉRBIO, 529
 ^Classificação dos advérbios, 530 Gradação dos advérbios, 536 Palavras
 denotativas, 540
 Capítulo 15. PREPOSIÇÃO, 542
 Função das preposições, 542
 Significação das preposições, 543
 Conteúdo significativo e função relacional, 545
 Valores das preposições, 549
 Capítulo 16. CONJUNÇÃO, 565
 * Conjunção coordenativa e subordinativa, 565
 * Conjunções coordenativas, 566 ^Conjunções subordinativas, 570 a Locução
 conjuntiva, 576
 Capítulo 17. INTERJEIÇÃO, 577
 Capítulo 18. O PERÍODO E SUA CONSTRUÇÃO, 57*
 * Período simples e período composto, 578 ^Coordenação, 581 % Subordinação, 583
 Orações reduzidas, 594
 XI
 Capítulo 19. FIGURAS DE SINTAXE, 602
 Elipse, 602 ""
 Zeugma, 606
 Pleonasma, 607
 Hipérbato, 670
 Anástrofe, 6/0
 Prolepse, 6/0
 Sínquise, 611
 Assíndeto, 611
 Polissíndeto, 6/2
 Anacoluto, 6/3
 Silepse, 614
 Capítulo 20. DISCURSO DIRETO, DISCURSO INDIRETO E DISCURSO

INDIRETO LIVRE, 617
Discurso direto, 6/7
Discurso indireto, 619
Discurso indireto livre, 622
Capítulo 21. PONTUAÇÃO, 625
Sinais pausais e sinais melódicos, 625
Sinais que marcam sobretudo a pausa, 626
Sinais que marcam sobretudo a melodia, 656
Capítulo 22. NOMES DE VERSIFICAÇÃO, 650
Estrutura do verso, 650 Tipos de verso, 66/ A rima, 675 Estrofa, 652 Poemas de
forma fixa, 690
ELENCO DAS PRINCIPAIS ABREVIATURAS, 693 ÍNDICE ONOMÁSTICO, 707 ÍNDICE DE ASSUNTOS,
775

XII

PREFACIO

Esta gramática foi idealizada há muito tempo, quando, unida a forte amizade, já nos ligava uma convergência de formações, interesses e objetivos. Sentamo-la como

uma urgente necessidade para o ensino da língua portuguesa não só em Portugal, no Brasil e nas nações lusófonas da África, mas em todos os países em que se estuda o nosso idioma.

Parecia-nos faltar uma descrição do português contemporâneo que levasse em conta, simultaneamente, as diversas normas vigentes' dentro do seu vasto domínio geográfico

(principalmente as admitidas como padrão em Portugal e no Brasil) e servisse, assim, fosse de fonte de informação, tanto quanto possível completa e atualizada, sobre

elas, fosse de guia orientador de uma expressão oral e, sobretudo, escrita que, para o presente momento da evolução da língua, se pudesse considerar "correta", de acordo com o conceito de "correção" que adotamos no Capítulo 1.

De então para cá várias descrições importantes do português se foram publicando, entre as quais é justo destacar a Estrutura da língua portuguesa, de Joaquim Matoso

Câmara Júnior (1969); a Gramática simbólica do português, de Oscar Lopes (1971); a Gramática portuguesa, de Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz, mormente a partir da 3.ª edição refundida (1971), sobre a qual se fez a tradução portuguesa (1980); e mais recentemente, a Gramática da língua portuguesa, de Maria

Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Silva Duarte e Isabel Hub Faria (1983). Nenhuma no entanto, e por diversas razões, correspondia ao nosso objetivo inicial.

A de Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz, apesar do seu rigor e qualidade, considerava as características do português do ponto de vista de um falante de língua espanhola, com todos os inconvenientes (e também as vantagens) que isso implica.

XIII

A de Matoso Câmara Júnior baseava-se no padrão do português do Brasil;1 as outras duas levavam em conta fundamentalmente a norma de Portugal e tinham como objetivo,

não propriamente o ensino da língua portuguesa, mas análises e reflexões, do maior interesse, sobre a sua estrutura e funcionamento interno, expostas numa linguagem técnica de difícil acesso para os não iniciados.

Digno também de particular menção pelo seu alto nível é o Manuel de la langue portugaise (Portugal e Brasil),2 de Paul Teyssier, obra em que pela primeira vez se

apresentam sistematicamente em confronto as normas europeia e americana do português.

Por outro lado, um de nós, Celso Cunha, elaborou e publicou em sucessivas edições a sua Gramática do português contemporâneo (1.ª ed., 1970 e 10.ª ed., 1983) e a sua Gramática da língua portuguesa (1.ª ed., 1972 e 10.ª ed. 1983), que, embora amplamente baseadas, quanto à linguagem escrita, tanto em autores portugueses como

brasileiros, tinham principalmente em conta a variedade americana e ainda não correspondiam, portanto, ao projeto primitivo.

Foi esse projeto que há pouco mais de três anos resolvemos retomar, e o resultado do esforço conjunto é a obra que agora apresentamos ao público.

As características gerais desta Nova gramática do português contemporâneo são fáceis de definir.

Trata-se de uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta, isto é, da língua como a têm utilizado os escritores portugueses, brasileiros e africanos

do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação privilegiada aos autores dos nossos dias. Não descuramos, porém, dos fatos da linguagem coloquial, especialmente

ao analisarmos os empregos e os valores afetivos das formas idiomáticas.

Não desejamos discorrer sobre o plano da obra, mas não podemos deixar de fazer uma breve referência a alguns aspetos metodológicos.

Como esta gramática pretende mostrar a superior unidade da língua portuguesa dentro da sua natural diversidade, particularmente do ponto de vista diatópico, uma

acurada atenção se deu às diferenças no uso entre as modalidades nacionais e regionais do idioma, sobretudo às que se observam entre a variedade nacional europeia e a americana.

1 Duas gramáticas de inegáveis méritos e de larga difusão no Brasil é a Gramática normativa da língua portuguesa, de Rocha Lima (23.ª ed., 1983), e a Moderna gramática

portuguesa, de Evanildo Bechara (27.ª ed., 1982) e são bem anteriores ao nosso projeto. * Paris, Klincksieck, 1976.

XIV

No estudo da fonética e da fonologia, procurou-se estabelecer, sempre que possível, a equivalência entre os conceitos e a terminologia tradicionais e os da fonética

acústica e da fonologia moderna; no estudo das classes de palavras, examinou-se a palavra em sua forma e, a seguir, em sua função, de acordo com os princípios da morfo-sintaxe.

Notar-se-á, por outro lado, uma permanente preocupação de salientar e valorizar os meios expressivos do idioma, o que torna este livro não apenas uma gramática, mas, de certo modo, uma introdução estilística do português contemporâneo.

Embora, a rigor, o estudo da versificação não faça parte de uma descrição gramatical, incluiu-se um capítulo final sobre o enunciado em verso, complementar, a nosso

ver, do estudo da entoação da prosa, a que se deu atenção no Capítulo 7.

Toda a obra foi objeto de exame conjunto e de troca de sugestões entre os seus autores. Cumpre-nos, no entanto, dizer, para resguardar as responsabilidades de autoria,

que a Lindley Cintra se deve a redação do Capítulo 2, da maior parte do Capítulo 3 e do tratamento contrastivo do Capítulo 13. A Celso Cunha cabe a redação dos demais

capítulos, bem como a exemplificação aduzida.

Queremos, por fim, expressar a nossa gratidão a todos os que contribuíram para que esta obra saísse com menos imperfeições, em particular os nossos colegas foram Pinto de Lima, Maria do Carmo P. Machado, Edila Viana da Silva, Sólvia Figueiredo Brandão e Cilene da Cunha

Pereira.

Um agradecimento especial endereçamos a Cinira, permanente animadora da obra, pelo penoso trabalho de ajuda na revisão das provas tipográficas e de confronto textual

da versão brasileira com a portuguesa, assim como pela elaboração do Índice Onomástico; a Maurício Ma-chevsky, por algumas das ilustrações; a Sérgio e Sebastião

Lacerda, pela confiança e interesse demonstrados desde o início na execução do projeto e, finalmente, a equipe de Produção da Nova Fronteira pelo paciente cuidado

posto na apresentação deste livro.

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1985.

CELSO CUNHA

Luís F. LINDLEY CINTRA

XV

1

CONCEITOS GERAIS

LINGUAGEM, LÍNGUA, DISCURSO, ESTILO

1. LINGUAGEM é "um conjunto complexo de processos e resultado de uma certa atividade psíquica profundamente determinada pela vida social e que torna possível a aquisição

e o emprego concreto de uma LÍNGUA qualquer"¹. Usa-se também o termo para designar todo sistema de sinais que serve de meio de comunicação entre os indivíduos. Desde

que se atribua valor convencional a determinado sinal, existe uma LINGUAGEM. A linguística interessa particularmente uma espécie de LINGUAGEM, ou seja, a LINGUAGEM

FALADA OU ARTICULADA.

2. LÍNGUA é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma coletividade, a LÍNGUA é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age. Utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável; ao contrário, tem de viver em perpetua evolução,

paralela e do organismo social que a criou.

3. DISCURSO é a língua no ato, na execução individual. E, como cada indivíduo tem em si um ideal linguístico, procura ele extrair do sistema idiomático de que se serve as formas de enunciado que melhor lhe exprimam o gosto e o pensamento. Essa escolha entre os diversos meios de expressão que lhe oferece o rico repertório de possibilidades, que é a língua, denomina-se ESTILO².

4. A distinção entre LINGUAGEM, LÍNGUA e DISCURSO, indispensável do ponto de vista metodológico, não deixa de ser em parte artificial. Em verdade, as três denominações

aplicam-se a aspectos diferentes, mas não opostos, do fenômeno extremamente complexo que é a comunicação humana.

¹ Tatiana Slama-Casacu. Langage et contexte. Haia, Mouton, 1961, p. 20.

² Aceitando a distinção de Jules Marouzeau, podemos dizer que a LÍNGUA é "a soma dos meios de expressão de que dispomos para formar o enunciado" e o ESTILO "o aspecto

e a qualidade que resultam da escolha entre esses meios de expressão" (Précis de stylistique française, 2. ed. Paris, Masson, 1946, p. 10).

1

A interdependência desses aspectos, salienta-a Tatiana Slama-Casacu, ao escrever:

"A LÍNGUA é a criação, mas também o fundamento da LINGUAGEM

que não poderia funcionar sem ela; e, simultaneamente, o instrumento e o resultado da atividade de comunicação. Por outro lado, a LINGUAGEM não pode existir,

manifestar-se e desenvolver-se a não ser pelo aprendizado e pela utilização de uma LÍNGUA qualquer. A mais frequente forma da manifestação da LINGUAGEM é constituída

de uma complexidade de processos, de mecanismos, de meios expressivos e a LINGUAGEM FALADA, concretizada no DISCURSO, ou seja, a realização verbal do processo de comunicação. O DISCURSO é um dos aspectos da LINGUAGEM e o mais importante e, ao mesmo tempo [...], a forma concreta sob a qual se manifesta a LINGUA. O DISCURSO define-se, pois, como o ato de utilização individual e concreto da LINGUA

no quadro do processo complexo da LINGUAGEM. Os três termos estudados e LINGUAGEM, LINGUA, DISCURSO e designam no fundo três aspectos, diferentes mas estreitamente ligados, do mesmo processo unitário e complexo"1.

LINGUA E SOCIEDADE: VARIAÇÃO E CONSERVAÇÃO LINGÜÍSTICA

Embora desde princípios deste século linguistas como Antoine Meillet e Ferdinand de Saussure tenham chegado a configurar a língua como um fato social, rigorosamente

enquadrado na definição dada por Emile Durkheim², só nos últimos vinte anos, com o desenvolvimento da SOCIOLINGÜÍSTICA, as relações entre a língua e a sociedade passaram a ser caracterizadas com maior precisão.

A sociolinguística, ramo da linguística que estuda a língua como fenômeno social e cultural, veio mostrar que estas inter-relações são muito complexas e podem assumir

diferentes formas. Na maioria das vezes, comprova-se uma covariação do fenômeno linguístico e social. Em alguns casos, no entanto, faz mais sentido admitir uma relação

direcional: a influência da sociedade na língua, ou da língua na sociedade.

É, pois, recente a concepção de língua como instrumento de comunicação social, maleável e diversificado em todos os seus aspectos, meio de expressão de indivíduos

que 'vivem em sociedades também diversificadas social, cultural e geograficamente. Nesse sentido, uma língua histórica não é um sistema linguístico unitário, mas um conjunto de sistemas linguísticos,

> Obra cit., p. 20.

2 Vejam-se Antoine Meillet. Linguistique historique et linguistique générale. 2. ed. Paris, Champion, 1926, p. 16, 230 passim; Ferdinand de Saussure. Cours de linguistique

générale, édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris, Payot, 1973, p. 31.

isto é, um DIASSISTEMA, no qual se inter-relacionam diversos sistemas e subsistemas. Daí o estudo de uma língua revestir-se de extrema complexidade, não podendo

prescindir de uma delimitação precisa dos fatos analisados para controle das variáveis que atuam, em todos os níveis, nos diversos eixos de diferenciação. A variação

sistemática está, hoje, incorporada à teoria e à descrição da língua.

Em princípio, uma língua apresenta, pelo menos, três tipos de diferenças internas, que podem ser mais ou menos profundas:

1) diferenças no espaço geográfico, ou VARIAÇÕES DIATÓPICAS (falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais);

2) diferenças entre as camadas socioculturais, ou VARIAÇÕES DIAS-TRÓPICAS (nível culto, língua padrão, nível popular, etc.);

3) diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, ou VARIAÇÕES DIAFÁSICAS (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagem dos homens, linguagem das mulheres, etc.).

A partir da nova concepção da língua como DIASSISTEMA, tornou-se possível o esclarecimento de numerosos casos de polimorfismo, de pluralidade de normas e de toda

a inter-relação dos fatores geográficos, históricos, sociais e psicológicos que atuam no complexo operar de uma língua e orientam a sua deriva.

Condicionada de forma consistente dentro de cada grupo social e parte integrante

da competência linguística dos seus membros, a variação, pois, inerente ao sistema da língua e ocorre em todos os níveis: fonético, fono-lógico, morfológico, sintático, etc. E essa multiplicidade de realizações do sistema em nada prejudica as suas condições funcionais. todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades dos seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades diatópicas, diastróticas e diafásicas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Numa língua existe, pois, ao lado da força centrífuga da inovação, a força centrípeta da conservação, que, contra-regrando a primeira, garante a superior unidade de um idioma como o português, falado por povos que se distribuem pelos cinco continentes.

1 Veja-se Eugénio Coseriu. Structure lexicale et enseignement du vocabulaire. In Actes du premier Colloque International de Linguistique Appliquée. Nancy, Université de Nancy, 1966, p. 199.

DIVERSIDADE GEOGRÁFICA DA LÍNGUA: DIALETO E FALAR

As formas características que uma língua assume regionalmente denominam-se DIALETOS.

Alguns linguistas, porém, distinguem, entre as variedades diatópicas, O FALAR do DIALETO.

DIALETO seria "um sistema de sinais desgarrado de uma língua comum, viva ou desaparecida; normalmente, com uma concreta delimitação geográfica, mas sem uma forte

diferenciação diante dos outros da mesma origem". De modo secundário, poder-se-iam também chamar dialetos "as estruturas linguísticas, simultâneas de outra, que não alcançam a categoria de língua"¹.

FALAR seria a peculiaridade expressiva própria de uma região e que não apresenta o grau de coerência alcançado pelo dialeto. Caracterizar-se-ia, do ponto de vista diacrónico, segundo Manuel Alvar, por ser um dialeto empobrecido, que, tendo abandonado a língua escrita, convive apenas com as manifestações orais. Poder-se-iam

ainda distinguir, dentro dos FALARES REGIONAIS, os FALARES LOCAIS, que, para o mesmo linguista, corresponderiam a subsistemas idiomáticos "de traços pouco diferenciados,

mas com matizes próprios dentro da estrutura regional a que pertencem e cujos usos estão limitados a pequenas circunscrições geográficas, normalmente com caráter administrativo"².

No entanto, à vista da dificuldade de caracterizar na prática as duas modalidades diatópicas, empregaremos neste livro e particularmente no capítulo seguinte o termo DIALETO no sentido de variedade regional da língua, não importando o seu maior ou menor distanciamento com referência à língua padrão.

A NOÇÃO DE CORRETO

Uma gramática que pretenda registrar e analisar os fatos da língua culta deve fundar-se num claro conceito de norma e de correção idiomática. Permitimo-nos, por

isso, uma ligeira digressão a respeito deste controvertido tema.

Os progressos dos estudos linguísticos vieram mostrar a falsidade dos

1 Manuel Alvar. Hacia los conceptos de lengua, dialecto y hablas. Nueva Revista de Filología Hispánica. 15:57. 1961.

2 W., ibid., p- 60.

postulados em que a gramática logicista e a latinizante esteavam a correção idiomática e, com isso, deixaram o preceptismo gramatical inerte diante da reação anticorretista

que se iniciou no século passado e que vem assumindo, em nossos dias, atitudes violentas, não raro contaminadas de radicalismo ideológico.

Por outro lado, a ideia, sempre renovada, de que o povo tem o poder criador e a soberania em matéria de linguagem associa-se, naturalmente, outra a de considerar

elemento perturbador ou estéril a interferência da força conservadora ou repressiva dos setores cultos.

Contra essa concepção demolidora do edifício gramatical, pacientemente construído desde a época alexandrina com base na analogia, levantam-se alguns linguistas modernos,

procurando fundamentar a correção idiomática em fatores mais objetivos.

Dessa nova linha de preocupações foi precursor Adolf Noreen, o linguista sueco a cujas ideias geniais hoje se começa a fazer justiça².

Para Noreen há três critérios principais de correção, por ele denominados histórico-literário, histórico-natural e racional, o último, obviamente, o seu preferido.

De acordo com o critério histórico-literário, "a correção estriba-se essencialmente em conformar-se com o uso encontrado nos escritores de uma época pretérita",

em geral escolhida arbitrariamente. É o critério tradicional de correção, fundado no exemplo dos clássicos.

O segundo critério, o histórico-natural de Noreen e que Jespersen prefere chamar anárquico, baseia-se na doutrina, a que nos referimos, de que a linguagem é um organismo

que se desenvolve muito melhor em estado de completa liberdade, sem entraves.

Dentro desse ponto de vista não pode haver, em princípio, nada correio ou incorreto

na língua.

Depois de deixar patente o caráter arbitrário do primeiro critério e o absurdo do segundo, se levado a suas naturais consequências, Noreen tenta justificar o único que resta, o dele Noreen, expresso na fórmula: "o melhor é o que pode ser apreendido mais exata e rapidamente pela audiência pre-

1 Veja-se, a propósito, Angel Rosenblat. El criterio de corrección lingüística: unidad y pluralidad de normas en el español de España y América. Separata de P.I.L.E.I.

El Simposio de Indiana. Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 1967, p. 27. Consulte-se também Celso Cunha. Língua portuguesa e realidade brasileira, 8. ed. Rio de Janeiro,

Tempo Brasileiro, 1981, p. 35-39, texto em parte aqui reproduzido.

2 Leia-se Björn Collinder. Les origines du structuralisme. Stockholm e Copenhaga e Uppsala, Almqvist & Wiksell, 1962, p. 6 e ss.; Bertil Malmberg. Les nouvelles ten-dances de la linguistique, trad. por Jacques Gengoux. Paris, P.U.F., 1966, p. 42, 52-53, 130, 184-186, 197, - 279.

sente e pode ser produzido mais facilmente por aquele que fala"; ou no enunciado mais sintético de Flodström: "o melhor é a forma de falar que reúne a maior simplicidade

possível com a necessária inteligibilidade"¹.

Jespersen considera a fórmula de Noreen oportunista, individualista, atomística, "pois que divide demasiado a comunidade linguística em indivíduos particulares e olvida excessivamente o conjunto"².

Em nome de que princípio se corrige, então, o falar de uma pessoa? Por que uma criança aprende de seus pais que não deve dizer sube por soube, jazerei por farei e, medida que vai crescendo em anos, continua a ter o seu comportamento linguístico ora corrigido por outros, ora por esforço próprio?

Para Jespersen nenhum dos critérios anteriormente lembrados e enumera sete: o da autoridade, o geográfico, o literário, o aristocrático, o democrático, o lógico e o estético e o explica. É evidente, no entanto, que existe algo que justifica a correção, "algo comum para o que fala e para o que ouve", e que lhes facilita a compreensão. Este elemento comum é "a norma linguística que ambos aceitaram de fora, da comunidade, da sociedade, da nação"³.

Todo o nosso comportamento social está regulado por normas a que devemos obedecer, se quisermos ser correios. O mesmo sucede com a linguagem, apenas com a diferença de que as suas normas, de um modo geral, são mais complexas e mais coercitivas.

Por isso, e para simplificar as coisas, Jespersen define o "linguisticamente correio"

como aquilo que é exigido pela comunidade linguística a que se pertence. O que difere é o "linguisticamente incorreto". Ou, com suas palavras: "falar correio significa

o falar que a comunidade espera, e erro em linguagem equivale a desvios desta norma, sem relação alguma com o valor interno das palavras ou formas". Reconhece, porém,

que, independentemente disso, "existe uma valorização da linguagem na qual o seu valor se mete com referência a um ideal linguístico", para cuja formação colabora eficazmente a "fórmula energética de que o mais facilmente enunciado é o que se recebe mais facilmente"⁴.

Entre as atitudes extremadas dos que advogam o rompimento radical com as tradições clássicas da língua e dos que aspiram a sujeitar-se a velhas normas gramaticais

há sempre lugar para uma posição moderada, termo médio que represente o aproveitamento harmônico da energia dessas

1 Citados por Otto Jespersen. *Humanidad, nación, individuo*, desde el punto de vista linguístico, trad. por Fernando Vela. Buenos Aires, Revista de Occidente. 1947.

p. 113 e 114.

2 Obra cit., p. 120.

3 *Wid.*, p. 120 e 1.

4 *Md.*, p. 178.

forças contrárias e que, a nosso ver, melhor consubstancia os ideais de uma sólida e eficaz política educacional e cultural dos países de língua portuguesa.

"Na linguagem é importante o pólo da variedade, que corresponde à expressão individual, mas também o pólo da unidade, que corresponde à comunicação interindividual

e à garantia de intercompreensão. A linguagem expressa o indivíduo por seu caráter de criação, mas expressa também o ambiente social e nacional, por seu caráter de repetição, de aceitação de uma norma, que é ao mesmo tempo histórica e sincrônica: existe o falar porque existem indivíduos que pensam e sentem, e existem 'línguas'

como entidades históricas e como sistemas e normas ideais, porque a linguagem não é só expressão, finalidade em si mesma, senão também comunicação, finalidade instrumental, expressão para outro, cultura objetivada historicamente e que transcende ao indivíduo"¹.

A hipótese da "linguagem monolítica" não se assenta numa realidade, e a sua corporificação nas gramáticas não tem sido benéfica ao ensino dos diversos idiomas. "Sem

nenhuma dúvida", escreve Roman Jakobson, "para qualquer comunidade linguística, para todo indivíduo falante existe uma unidade de língua, mas esse código global representa um sistema de sub-códigos em comunicação recíproca; cada língua abarca

vários sistemas simultâneos, cada um dos quais se caracteriza por uma função diferente"2.

Se uma língua pode abarcar vários sistemas, ou seja, as formas ideais de sua realização, a sua dinamicidade, o seu modo de fazer-se, pode também admitir várias-normas,

que representam modelos, escolhas que se consagraram dentro das possibilidades de realizações de um sistema linguístico. Mas é pondera Eugénio Coseriu, o lúcido mestre de Tübingen é se "é um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente", a norma não corresponde, como pensam certos gramáticos, ao

que se pode ou se deve dizer, mas "ao que já se disse e tradicionalmente se diz na comunidade considerada"3.

A norma pode variar no seio de uma mesma comunidade linguística, seja de um ponto de vista dialético (português de Portugal / português do Brasil / português de Angola), seja de um ponto de vista diacrítico (lin-

1 Eugénio Coseriu. La geografía lingüística. Montevideo, Universidad de la República, 1956, p. 44-45. A propósito, consultem-se também os magistrais estudos do autor:

Sistema, norma y habla e Determinación y entorno, agora enfeixados no volume Teoría del lenguaje y lingüística general. Madrid, Ctedos, 1962, p. 11-113 e 282-323.

2 Closing statement: Linguistics and poetics. In Style in Language. Edited by Thomas A. Sebeok. New York-London, M.L.T. & John Wiley, 1960, p. 352.

3 Sincronía, diacronía e historia: el problema del cambio lingüístico, 2 ed. Madrid, Ctedos, 1973, p. 55.

guagem culta / linguagem média / linguagem popular), seja, finalmente, de um ponto de vista diafásico (linguagem poética / linguagem da prosa)1.

Este conceito linguístico de norma, que implica um maior liberalismo gramatical, é o que, em nosso entender, convém adotarmos para a comunidade de fala portuguesa, formada hoje por sete nações soberanas, todas movidas pela legítima aspiração de enriquecer o património comum com formas e construções novas, a patentarem o dinamismo

do nosso idioma, o meio de comunicação e expressão, nos dias que correm, de mais de cento e cinquenta milhões de indivíduos.

"Não se repreende de leve num povo o que geralmente agrada a todos", disse com singeleza o poeta Gonçalves Dias. Com efeito, por cima de todos os critérios de correção

é aplicáveis nuns casos, inaplicáveis noutros é para o da aceitabilidade social, a consuetudo de Varrão, o único válido em qualquer circunstância.

É justamente para chegarem a um conceito mais preciso de "correção" em cada idioma que os linguistas atuais vêm tentando estabelecer métodos que possibilitem a descrição

minuciosa de suas variedades cultas, seja na forma falada, seja na escrita. Sem investigações pacientes, sem métodos descritivos aperfeiçoados nunca alcançaremos determinar o que, no domínio da nossa língua ou de uma área dela, é de emprego obrigatório, o que é facultativo, o que é tolerável, o que é grosseiro, o que é inadmissível;

ou, em termos radicais, o que é e o que não é correto.

1 Veja-se Celso Cunha. Língua, nação, alienação. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, p. 73-74 e ss.

DOMÍNIO ATUAL DA LÍNGUA PORTUGUESA

UNIDADE E DIVERSIDADE

Na área vastíssima e descontínua em que é falado, o português apresenta-se, como qualquer língua viva, internamente diferenciado em variedades que divergem de maneira

mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, à gramática e ao vocabulário.

Embora seja inegável a existência de tal diferenciação, não é ela suficiente para impedir a superior unidade de nosso idioma, fato, aliás, salientado até pelos

dialectólogos.

Com relação a Portugal, observa o professor Manuel de Paiva Boléo: "Uma pessoa, mesmo alheia a assuntos filológicos, que haja percorrido Portugal de norte a sul e conversado com gente do povo, não pode deixar de ficar impressionada com a excepcional homogeneidade linguística do País e a sua escassa diferenciação dialectal

em comparação ao contrário do que sucede noutros países, quer de língua românica, quer germânica"¹.

Com referência à situação linguística do Brasil, escreve Serafim da Silva Neto: "É preciso ter na devida conta que unidade não é igualdade; no tecido linguístico brasileiro há, decerto, graduações de cores. Minucioso estudo de campo determinaria, com segurança, várias áreas. O que é certo, porém, é que o conjunto dos falares

brasileiros se coaduna com o princípio da unidade na diversidade e da diversidade na unidade"².

AS VARIÉDADES DO PORTUGUÊS

Excetuando-se o caso especial dos CRIoulos, que estudaremos adiante, temos, pois, de reconhecer esta verdade: apesar da acidentada história que

¹ Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva. O "Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental". Boletim de Filologia, 20:85, 1961. 1

Introdução

ao estudo da língua portuguesa no Brasil, 1. ed. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1963, p. 271.

foi a sua expansão na Europa e, principalmente, fora dela, nos distantes e extensíssimos territórios de outros continentes, a língua portuguesa conseguiu manter

até hoje apreciável coesão entre as suas variedades por mais afastadas que se encontrem no espaço.

A diversidade interna, contudo, existe e dela importa dar uma visão tanto quanto possível ordenada.¹

OS DIALETOS DO PORTUGUÊS EUROPEU

Na faixa ocidental da Península Ibérica ocupada pelo galego-português apresenta-nos um conjunto de DIALETOS que, de acordo com certas características diferenciais de tipo fonético, podem ser classificados em três grandes grupos:

a) DIALETOS GALEGOS;

b) DIALETOS PORTUGUESES SETENTRIONAIS;

c) DIALETOS PORTUGUESES CENTRO-MERIDIONAIS.²

Esta classificação parece ser apoiada pelo sentimento dos falantes comuns do português padrão europeu, isto é, dos que seguem a NORMA ou conjunto dos usos linguísticos

das classes cultas da região Lisboa-Coimbra, e que distinguem-se pela fala um galego, um homem do Norte e um homem do Sul.

¹ Veja-se, sobre o conjunto das variedades do português, a Bibliografia dialectal galego-portuguesa. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1974. Sobre o português do Brasil, em particular, possuímos hoje uma bibliografia muito completa: Wolf Dietrich. 'Bibliografia da língua portuguesa do Brasil. Tübingen, Gunter Narr, 1980.

² Quanto à classificação dialetal aqui adotada, veja-se Luís Filipe Lindley Cintra. Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. Boletim de Filologia,

22: 81-116, Lisboa, 1971. Entre as classificações anteriores, duas merecem realce particular: a de José Leite de Vasconcelos e a de Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva. A de Leite de Vasconcelos, baseada na divisão de Portugal em províncias, é mais geográfica do que linguística. Foi publicada, inicialmente, no seu Mappa dialectológico do continente português (Lisboa, Guillaud, Aillaud, 1897), depois reproduzida na Esquisse d'une dialectologie portugaise (Paris-Lisboa,

Aillaud, 1901; 2. ed., com aditamentos e correções do autor, preparada por Maria

Adelaide Valle Cintra, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1970) e, com alterações, nos Opúsculos, IV, Filologia, parte II (Coimbra, 1929, p. 791-796). A de Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva, exposta em: O "Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental" (Boletim de Filologia, 20: 85-112, Lisboa, 1961), assenta-se em fatos linguísticos, principalmente fonéticos, que se fossem apresentados numa certa e possível hierarquização permitiriam talvez um mais claro agrupamento das variedades.

10

A distinção funda-se principalmente no sistema das SIBILANTES. Assim:

1. Nos dialetos galegos não existe a sibilante sonora /z/: rosa articula-se com a mesma sibilante [ʃ] ou [s] (surda) de passo; fazer, com a mesma sibilante [ʃ] ou [s] (surda) de caía. Inexiste também a fricativa palatal sonora [ʒ], grafada em português / ou g (antes de e ou i). Em galego, hoje tem a mesma fricativa [ʃ] de enxada.

2. Nos dialetos portugueses, setentrionais existe a sibilante tónica-, alveolar [ʃ], idêntica à do castelhano setentrional e padrão, em palavras como seis, passo.

A ela corresponde a sonora [*] de rosa.

Em alguns dialetos mais conservadores coexistem com estas sibilantes as pré-dorsodentais [s] (em cinco, caía) e [z] (em fazer), que, noutros dialetos, com elas

se fundiram, provocando a igualdade da sibilante de cinco e caía com a que aparece em seis e passo, ou seja [s], bem como a da de fazer com a que se ouve em rosa, isto é [z].

3. Nos dialetos portugueses centro-meridionais só aparecem as sibilantes pré-dorsodentais que caracterizam a língua padrão:

a) a surda [s], tanto em seis e passo como em cinco e caía;

b) a sonora [z], tanto em rosa como em fazer.

As fronteiras entre as três zonas mencionadas atravessam a faixa galego-portuguesa de oeste a leste, ou, mais precisamente, no caso da fronteira entre dialetos portugueses

setentrionais e centro-meridionais, de noroeste a sueste.

Mas há outros traços importantes em que a referida distinção se fundamenta, sem que, no entanto, as suas fronteiras coincidam perfeitamente com as das características

já indicadas.

São eles:

a) a pronúncia como [b] ou [ft] do v gráfico (emitido como labio-dental na pronúncia padrão e na centro-meridional) na maior parte dos dialetos portugueses setentrionais

e na totalidade dos dialetos galegos: binho, abo por vinho, avô;

b) a pronúncia como africada palatal [tʃ] do ch da grafia (emitido como fricativa [ʃ] na pronúncia padrão e em quase todos os dialetos centro-meridionais) na maior parte dos dialetos portugueses setentrionais e na totalidade dos dialetos galegos: chave, atchar por chave, achar;

c) a monotongação ou não monotongação dos ditongos [ow] e [ej]: a

1. Pronúncia semelhante k do francês ou do italiano padrão, do castelhano meridional e do hispano-americano.

11

r

1. Entre moger (t outras formas em - er) e mugir, mojar e afins; 2. Entre beber e amojo; 3. Entre anho e cordeiro;

4. Entre espiga e maçaroca;

A primeira das formas citadas fica sempre ao Norte e a Oeste da segunda;

5. Área de recobrimento das formas mais arcaicas;
6. Área de almece; no resto do país diz-se soro, exceto no Minho onde não se usa nenhuma designação.

Alguns limites lexicais

pronúncia [o] e [e] desses ditongos (por exemplo: oru por ouro, ferrero por ferreiro) caracteriza os dialetos portugueses centro-meridionais e, no caso de [o], a

pronúncia padrão perante os dialetos portugueses setentrionais e os dialetos galegos¹.

Merecem menção especial o mesmo numa apresentação panorâmica dos dialetos portugueses e três regiões em que, a par dos traços gerais que acabamos de apontar, aparecem

características fonéticas peculiares que afastam muito vincadamente os dialetos nelas falados de todos os outros do mesmo grupo.

Trata-se, em primeiro lugar, de uma região (dentro da zona dos dialetos setentrionais) em que se observa regularmente a ditongação de [e] e [o] acentuados: pjeso

por peso, pwrto por porto. Abrange uma grande parte do Minho e do Douro Litoral, incluindo o falar popular da cidade do Porto e de seus arredores.

Em segundo lugar, temos uma extensa área da Beira-Baixa e do Alto-Alentejo (compreendendo uma faixa pertencente aos dialetos setentrionais, mas, principalmente,

uma vasta zona dos dialetos centro-meridionais) em que se registra uma profunda alteração do timbre das vogais. Os traços mais salientes são: a) a articulação do u tónico como [U] (próximo do u francês), por exemplo [tu], [mula], por tu, mula; b) a representação do antigo ditongo grafado ou por [o] (também semelhante ao som correspondente do francês), por exemplo: [poka] por pouca; c) a queda da vogal tona final grafada -o ou sua redução ao som [S], por exemplo cop(d), cop'(S)s,

por copo, copos; tud(o) por tudo.

Por fim, no ocidente do Algarve situa-se outra região em que se observam coincidências com a anteriormente mencionada, no que se refere às vogais. Em lugar de u,

encontramos [o]: [tu], ['mula] (mas o ou estó representado por [o]). Por outro lado, o a tónico evoluiu para um som semelhante ao o aberto: bata o pronunciado quase

bota, alteração de timbre que não é estranha a alguns lugares da mencionada zona da Beira-Baixa e Alto-Alentejo, embora seja a mais frequente a passagem, em determinados

contextos fonéticos, de a a um som [o] semelhante a e aberto [E], por exemplo: afilhado por afilhado, fumar por fumar. A vogal tona grafada o também cai ou se reduz

a' [3]: cop(g) , cop(t)s, por copo, copos; tud(o) por tudo.

Não são, porém, apenas traços fonéticos que permitem opor os Jiver-sos grupos de dialetos galego-portugueses. Se, no que diz respeito a particularidades morfológicas

e sintáticas, a grande variedade e irregularidade

16

1 Com referência ao ditongo [ej],
caso
uma ilha de conservação ao sul)
na sua
manutenção. Note-se contudo que,
entre
os dois elementos do ditongo, este
[nj]

a pronúncia padrão e a de Lisboa (neste
coincidem com os dialetos setentrionais
devido a um fenómeno de diferenciação
se transformou na referida pronúncia em

17

r

na distribuição parece impedir um delineamento de áreas que as tome como base, já no que se refere à distribuição do léxico podemos observar, ainda que num restrito

número de setores e casos, certas regularidades. Não é raro, por exemplo, que os dialetos centro-meridionais se oponham aos setentrionais e aos galegos por neles se designar um objeto ou noção com um termo de origem árabe enquanto nos últimos permanece o descendente da palavra latina ou visigótica. É o caso da oposição almece

/ soro (do queijo), ceifar / segar.

Talvez ainda mais frequente seja a oposição lexical entre os dialetos do sul e leste de Portugal, caracterizados por inovações vocabulares de vários tipos, e os dialetos do noroeste e centro-norte, que, como os galegos, se distinguem pelo conservadorismo, pela manutenção de termos mais antigos na língua. É o caso da oposição

de ordenhar a moger, mugir e amojar; de amojo a úbere; de borrego a cordeiro e a anho; de chibo a cabrito; de maçaroca a espiga (de milho), etc.

Adverte-se, por fim, que em relação a muitas outras noções é grande a variedade terminológica já faixa galego-portuguesa, sem que se observe este ou qualquer outro

esquema regular de distribuição. É que a distribuição dos tipos lexicais depende de numerosíssimos fatores, não só linguísticos, mas sobretudo histórico-culturais e sociais, que variam de caso para caso. A regularidade atrás observada parece depender, em alguns casos, da ação de um mesmo fator histórico: a Reconquista aos mouros do Centro e do Sul do território português, movimento que teria criado o contraste entre uma Galiza e um Portugal do Noroeste para Oeste mais conservadores,

porque de povoamento antigo, e um Portugal do Nordeste, Este e Sul mais inovador, justamente o que foi repovoado em consequência daquele acontecimento histórico².

Trata-se, aliás, de um contraste que tem o seu paralelo na história da arte. Ao Norte, resistência do estilo romântico, enquanto ao Sul, a partir do século XIII, se acentua progressivamente a penetração e a expansão do estilo gótico.

1 Quando muito, poder-se-á dizer, por exemplo, que certos traços, como a perfeitos em -i da l* conjugação (lavi por lavei, canti por cantei), são exclusivamente

centro-meridionais.

2 Veja-se, a este respeito, principalmente, Luís F. Lindley Cintra. Áreas lexicais no território português. Boletim de Filologia, 20: 273-307, 1961; e Orlando Ribeiro.

A propósito de áreas lexicais no território português. Boletim de Filologia, 21: 177-205, 1962-1963 (artigos reproduzidos em Luís F. Lindley Cintra. Estudos de dialectologia

portuguesa. Lisboa, São da Costa, 1983, p. 55-94 e 165-202).

18

OS DIALETOS DAS ILHAS ATLÂNTICAS

Os dialetos falados nos arquipélagos atlânticos dos Açores e da Madeira representam o que era de esperar da história do povoamento destas ilhas, desertas no momento

em que os portugueses as descobriram e um prolongamento dos dialetos portugueses continentais.

Considerando a maior parte das características fonéticas que neles se observam, pode-se afirmar, com maior precisão, que prolongam o grupo dos dialetos centro-meridionais.

Com efeito, não se encontram nos dialetos açorianos e madeirenses nem o [s] épico-alveolar, nem a neutralização da oposição entre [v] e [b], nem a africada [tf] dos dialetos setentrionais do continente. Quanto à monotongação dos ditongos decrescentes [ow] e [ej], observam-se as mesmas tendências da língua padrão: o ditongo

[ow] reduz-se normalmente a [o], mas a redução de [ej] a [e] é fenómeno esporádico; só ocorre como norma na ilha de São Miguel. Esta ilha, assim como a Madeira, constituem casos excepcionais dentro do português insular. Independentemente uma da outra, ambas se afastam do que se pode chamar a norma centro-meridional por acrescentar-lhe um certo número de traços muito peculiares.

No que se refere à ilha de São Miguel, os mais característicos dentre os traços que afastam os seus dialetos das outras ilhas coincidem, curiosamente, com os traços que, na Península, distinguem a região da Beira-Baixa e do Alto-Alentejo (e também, parcialmente, com os que se observam no ocidente do Algarve): a) o u tónico

é articulado como [uj: lii. mula; b) o antigo ditongo ou pronuncia-se como [u]: poa, lora; c) o a tónico tende para o aberto [o] : quase bata por bata; d) a vogal

final grafada -o cai ou reduz-se a [a] cop(>) , cop(t)s , tód() , pok() , por copo, copos, tudo, pouco.

Quanto à ilha da Madeira, os seus dialetos apresentam características fonéticas singulares, que só esporadicamente (e não todas) aparecem em dialetos continentais.

Assim, o u tónico apresenta-se ditongado em [aw], por exemplo: flawa] por lua; o i tónico em [aj], por exemplo: [YajXa] por filha. Por outro lado, a consoante /, precedida de /, palataliza-se: ['vajXa] por vila, ['fajXa] por fila (confundindo-se, portanto, desse modo fila com filha).

OS DIALETOS BRASILEIROS

Com relação ao extensíssimo território brasileiro da língua portuguesa, a insuficiência de informações rigorosamente científicas sobre as diferenças de natureza

fonética, morfossintática e lexical que separam as variedades

19

TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

• LIMITES COM O ESTRANGEIRO

• LIMITES ESTADUAIS

• LIMITES DOS SUBFALARES

• Áreas linguísticas do Brasil (divisão proposta por Antenor Nascentes)

20

regionais nele existentes não permite classificá-las em bases semelhantes às que foram adotadas na classificação dos dialetos do português europeu. Deve-se reconhecer,

contudo, que a publicação de dois atlas prévios regionais é o do Estado da Bahia e o do Estado de Minas Gerais² e a anunciada impressão do já concluído Atlas dos falares de Sergipe* t bem como a elaboração de algumas monografias dialetais, são passos importantes no sentido de suprir a lacuna apontada.

Entre as classificações de conjunto, propostas em caráter provisório, sobleva, pela indiscutível autoridade de quem a fez, a de Antenor Nascentes, fundada em observações

pessoais colhidas em suas viagens por todos os Estados do país.

A base desta proposta reside é como no caso do português europeu é em diferenças de pronúncia.

De acordo com Antenor Nascentes, é possível distinguir dois grupos de dialetos4 brasileiros é o do Norte e o do Sul é, tendo em conta dois traços fundamentais:

a) a abertura das vogais pretónicas, nos dialetos do Norte, em palavras que não sejam diminutivos nem advérbios em -mente: pegar por pegar, correr por correr; b) o que ele chama um tanto impressionisticamente a "cadência" da fala: fala "cantada" no Norte, fala "descansada" no Sul.

A fronteira entre os dois grupos de dialetos passa por "uma zona que ocupa uma posição mais ou menos equidistante dos extremos setentrional e meridional do país.

Esta zona se estende, mais ou menos, da foz do rio Mucuri, entre Espírito Santo e

Bahia, até a cidade de Mato Grosso, no Estado do mesmo nome"5.
Em cada grupo, distingue Antenor Nascentes diversas variedades a que chama SUBFALARES. E enumera dois no grupo Norte:

- a) o AMAZONICO;
- b) o NORDESTINO;

1 Nelson Rossi. Atlas prôvio dos falares baianos. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1963.

2 José Ribeiro et alii. Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais, 1ª vol. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa/UFJF, 1977.

1 Elaborado por Nelson Rossi, com a colaboração de um grupo de professores da Universidade Federal da Bahia.

4 Empregamos o termo DIALETO pelas razões aduzidas no Capítulo 1 e para mantermos o paralelismo com a designação adotada para as variedades regionais portuguesas. Ao que chamamos aqui DIALETO Nascentes denomina SUBFALAR.

5 Antenor Nascentes. O linguajar carioca, 2.ª ed. completante refundida. Rio de Janeiro, Simões, 1953, p. 25. Por ser quase despovoada, considerava ele incharacterística

a área compreendida entre a parte da fronteira boliviana e a fronteira de Mato Grosso com Amazonas e Pará.

21

r

II^I/I-I.MK^

M,F,,I/.,IM'OI

N

"i-,

Galinha d'Angola

Saque

Cocafr)

Guin

Quenquom

Conqutr

Caqui

"j"*""

"Galinha de Angola". Alias prôvio dos falares baianos, de Nelson Rossi.

22

e quatro no grupo Sul:

- a) o BAIANO;
- b) o FLUMINENSE;
- c) o MINEIRO;
- d) o SULISTA.

Assinale-se; por fim, que as condições peculiares da formação linguística do Brasil revelam uma dialectalização que não parece tão variada e tão intensa como a portuguesa.

Revelam, também, estas condições que a referida dialectalização é muito mais instável que a europeia.

O PORTUGUÊS DE AFRICA, DA ÁSIA E DA OCEANIA

No estudo das formas que veio a assumir a língua portuguesa em África, na Ásia e na Oceania, é necessário distinguir, preliminarmente, dois tipos de variedades: as CRIOULAS e as NÃO-CRIOULAS.

As variedades CRIOULAS resultam do contacto que o sistema linguístico português estabeleceu, a partir do século XV, com sistemas linguísticos indígenas. Talvez todas

elas derivem do mesmo PROTOCRIOULO ou LÍNGUA FRANCA que, durante os primeiros séculos da expansão portuguesa, serviu de meio de comunicação entre as populações locais

e os navegadores, comerciantes e missionários ao longo das costas da África Ocidental e Oriental, da Arábia, da Pérsia, da Índia, da Malásia, da China e do Japão.

Aparecem-nos, atualmente, como resultados muito diversificados, mas com algumas

características comuns e/ou, pelo menos, paralelas e, que se manifestam numa profunda transformação da fonologia e da morfossintaxe do português que lhes deu origem. O grau de afastamento em relação à língua-mãe e hoje de tal ordem que, mais do que como DIALETOS, os crioulos devem ser considerados como línguas derivadas do português.

Os crioulos de origem portuguesa na África, que são os de maior vitalidade, podem ser distribuídos espacialmente em três grupos:

1. Crioulos das ilhas do Golfo da Guiné:

a) de São Tomé;

b) do Príncipe;

c) de Ano Bom (ilha que pertence à Guiné Equatorial).

2. Crioulos do Arquipélago de Cabo Verde, com as duas variedades: o) de Barlavento, ao norte, usada nas ilhas de Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal e Boavista;

23

6) de Sotavento, ao sul, utilizada nas ilhas de Santiago, Maio, Fogo e Brava.

3. Crioulos continentais:

a) da Guiné-Bissau;

b) de Casamance (no Senegal).

Dos crioulos da Ásia subsistem apenas:

o), o de Malaca, conhecido pelas denominações de papiá cristão, malaqueiro, malaquês, malaquenho, malaquense, serani, bahasa geragau e português basu;

b) o de Macau, macaêsta ou macauenho, ainda falado por algumas famílias de Hong-Kong;

c) o de Sri-Lanka, falado por famílias de Vaipim e Batticaloa; e/ou os de Chaul, Korlai, Tellicherry, Cananor e Cochim, no território da União Indiana.

Na Oceânia, sobrevive ainda o crioulo de Tugu, localidade perto de Jacarta, na ilha de Java.

Quanto às variedades NÃO-CRIOULAS, há que considerar não só a presença do português, que é a língua oficial das repúblicas de Angola, de Cabo Verde, da Guiné-Bissau,

de Moçambique e de São Tomé e Príncipe, mas as variedades faladas por uma parte da população destes Estados e, também, de Goa, Damão, Diu e Macau, na Ásia, e Timor, na Oceânia. Trata-se de um português com base na variedade europeia, porém mais ou menos modificado, sobretudo pelo emprego de um vocabulário proveniente das línguas

nativas, e a que não faltam algumas características próprias no aspecto fonológico e gramatical.

Estas características, no entanto, que divergem de região para região, ainda não foram suficientemente observadas e descritas, embora muitas delas e principalmente

no que se refere a Angola, Cabo Verde e Moçambique e transpareçam na obra de alguns dos modernos escritores desses países².

1 Sobre o estado atual dos crioulos portugueses, veja-se Celso Cunha. Língua, nacionalidade, alienação. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 37-106, onde se remete

à bibliografia especializada; veja-se, também, José Gonçalo Herculano de Carvalho. Deux langues créoles: le créole du Cap Vert et le forro de S. Tomé. Biblos, 57:1-15,

Coimbra, 1981.

2 Sobre a linguagem de um deles, do maior significado, o angolano Luandino Vieira, leiam-se: Michel Laban. L'oeuvre littéraire de Luandino Vieira, tese de 3.º ciclo,

apresentada em 1979 à Universidade de Paris-Sorbonne; e Salvato Trigo. Luandino Vieira, o logoteta. Porto, Brasília Editora, 1981.

24

FONÉTICA E FONOLOGIA

OS SONS DA FALA

Os SONS de nossa fala resultam quase todos da saída de certos órgãos sobre a corrente de ar vinda dos pulmões.

Para a sua produção, três condições se fazem necessárias:

- a) a corrente de ar;
- b) um obstáculo encontrado por essa corrente de ar;
- c) uma caixa de ressonância.

Estas condições são criadas pelos ÓRGÃOS DA FALA, denominados, em seu conjunto, APARELHO FONADOR.

O APARELHO FONADOR

É constituído das seguintes partes:

a) os PULMÕES, os BRÔNQUIOS e a TRAQUEJA - órgãos respiratórios que fornecem a corrente de ar, matéria-prima da fonação;

b) a LARINGE, onde se localizam as CORDAS VOCAIS, que produzem a energia sonora utilizada na fala;

c) as CAVIDADES SUPRALARINGEAS (FARINGE, BOCA e FOSSAS NASAIS), que funcionam como caixas de ressonância, sendo que a cavidade bucal pode variar profundamente de forma e de volume, graças aos movimentos dos órgãos ativos, sobretudo

da LÍNGUA, que, de tão importante na fonação, se tornou sinónimo de "idioma".

Quase todos os sons de nossa fala são produzidos na expiração. A inspiração normalmente funciona para nós como um instante de silêncio, um momento de pausa na elocução.

Línguas há, porém, como o hotentote, o zulo, o boximane e outros idiomas africanos, que apresentam uma série de consoantes articuladas na inspiração, os ruídos que

se denominam CUQUES. Em português praticamos alguns CUQUES, mas

25

sem valor fonético: o beijo, que é uma bilabial inspiratória; o muxoxo, um clique linguoalveolar; o estalido linguodental com que animamos o andar das cavalgadas;

e uns poucos mais, Sobre o assunto consulte-se Rodrigo de S. Nogueira. Temas de linguística banta: dos diques em geral. Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1957.

FUNCIONAMENTO DO APARELHO FONADOR

O ar expelido dos PULMÕES, por via dos BRÔNQUIOS, penetra na TRAQUEIA e chega à LARINGE, onde, ao atravessar a GLOTE, costuma encontrar o primeiro obstáculo à sua passagem.

A GLOTE, que fica na altura do chamado pomo-de-ado ou gogó, é a abertura entre duas pregas musculares das paredes superiores da LARINGE, conhecidas pelo nome de CORDAS VOCAIS. O fluxo de ar pode encontrá-la fechada ou aberta, em virtude de estarem aproximados ou afastados os bordos das CORDAS VOCAIS. No primeiro caso, o ar força a passagem através das CORDAS VOCAIS retesadas, fazendo-as vibrar e produzir o som musical característico das articulações SONORAS. No segundo caso, relaxadas

as CORDAS VOCAIS, o ar se escapa sem vibrações laringeas. As articulações produzidas denominam-se, então, SURDAS.

A distinção entre SONORA e SURDA pode ser claramente percebida na pronúncia de duas consoantes que no mais se identificam. Assim:

/b/ [= SONORO] /p/ [= SURDO]

Ao sair da LARINGE, a corrente expiratória entra na CAVIDADE FARINGEA, uma encruzilhada, que lhe oferece duas vias de acesso ao exterior: o CANAL BUCAL e o NASAL.

Suspensão no entrecruzar desses dois canais fica o VÓU PALATINO, órgão dotado de mobilidade capaz de obstruir ou não o ingresso do ar na CAVIDADE NASAL e, conseqüentemente,

de determinar a natureza ORAL ou NASAL de um som.

Quando levantado, o VÓU PALATINO cola-se à parede posterior da FARINGE, deixando

livre apenas o CONDUTO BUCAL. As articulações assim obtidas denominam-se ORAIS (adjetivo derivado do latim os, oris "a boca"). Quando abaixado, o VOU PALATINO deixa ambas as passagens livres. A corrente expiratória então divide-se, e uma parte dela escoar-se

pelas FOSSAS NASAIS, onde adquire a ressonância característica das articulações, por este motivo, também chamadas NASAIS.

Compare-se, por exemplo, a pronúncia das vogais:

/a/ [= ORAL] /ã/ [= NASAL] em palavras como: 26

O APARELHO FONADOR

produção (A LARINGE e as CAVIDADES SUPRALARINGEAS) tala

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.
- 10.
- 11.
- 12.
- 13.
- 14.
- 15.
- 16.
- 17.

Cavidade nasal Palato duro VOU palatino LÍBIOS

Cavidade bucal Língua Faringe oral Epiglote

Abóbada palatina Rinofaringe Traquéia Esófago Vértices Laringe Pomo-de-ado

Maxilar superior Maxilar inferior

27

l / l mato / manto

é, porém, na CAVIDADE BUCAL que se produzem os movimentos fonadores mais variados, graças à maior ou menor separação dos MAXILARES, das BOCHECHAS e, sobretudo, à mobilidade da LÍNGUA e dos LÍBIOS.

CORDAS VOCAIS

SOM E FONEMA

Nem todos os sons que pronunciamos em português têm o mesmo valor no funcionamento de nossa língua.

Alguns servem para diferenciar palavras que no mais se identificam. Por exemplo, em:

erro

a diversidade de timbre (fechado ou aberto) da vogal tônica é suficiente para estabelecer uma oposição entre substantivo e verbo. Na série:

dia	via	mia
tia	fia	pia

28

temos seis palavras que se distinguem apenas pelo elemento consonântico inicial. Toda distinção significativa entre duas palavras de uma língua estabelecida pela oposição ou contraste entre dois sons revela que cada um desses sons representa uma unidade mental sonora diferente. Essa unidade de que o som é a representação (ou realização) física recebe o nome de FONEMA.

Correspondem, pois, a FONEMAS diversos os sons vocálicos e consonânticos diferenciadores das palavras atrás mencionadas.

A disciplina que estuda minuciosamente os sons da fala, as múltiplas realizações

dos FONEMAS, chama-se FONÉTICA.

A parte da gramática que estuda o comportamento dos FONEMAS numa língua denomina-se FONOLOGIA, FONEMÁTICA ou FONOMICA.

DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA

A descrição dos SONS DA FALA (DESCRIÇÃO FONÉTICA), para ser completa, deveria considerar sempre:

- a) como eles são produzidos;
- b) como são transmitidos;
- c) como são percebidos.

Sobre a impressão auditiva deveria concentrar-se o interesse maior da descrição, pois é ela que nos deixa perceber a variedade dos sons e o seu funcionamento em representação dos FONEMAS. A DESCRIÇÃO FONOLÓGICA mal se compreende que não seja de base acústica.

Acontece, porém, que a descrição do efeito acústico de um fonema não se faz com termos precisos, semelhantes aos que se usam para descrever os movimentos dos órgãos

que participam da produção de um som. Os progressos da FONÉTICA ACÚSTICA são, aliás, relativamente recentes¹.

¹ Data de 1952, com o trabalho Preliminaries to Speech Analysis, de R. Jakobson, C. G. M. Fant e M. Halle, a primeira tentativa convincente de uma classificação acústica dos fonemas. De então para cá, a utilização de uma nova aparelhagem e, principalmente, o esforço coordenado de foneticistas e engenheiros do som têm permitido

progressos sensíveis no particular, de que nos dão mostras as penetrantes análises acústicas de Pierre Delattre, enfileiradas em Studies in French and Comparative Phonetics (London - The Hague - Paris, Mouton, 1966), e os estudos recentes sobre a fonética portuguesa de Maria Raquel Delgado Martins, principalmente Aspects de l'accent en portugais. Voyelles toniques et atones (Thèse de doctorat de troisième

29

A FONÉTICA FISIOLÓGICA, de base articulatória, é uma especialidade antiga e muito desenvolvida, porque bem conhecidos são os órgãos fonadores e o seu funcionamento.

Devem ser os fonemas frequentemente descritos e classificados em função das suas características articulatórias, embora se note, modernamente, uma tendência de associar

a descrição acústica e fisiológica, ou de realizá-las paralelamente.

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA

Para simbolizar na escrita a pronúncia real de um som usa-se um alfabeto especial, o ALFABETO FONÉTICO.

Os sinais fonéticos são colocados entre colchetes: [].

Por exemplo: ['kaw], pronúncia popular carioca, ['kal], pronúncia portuguesa normal e brasileira do Rio Grande do Sul, para a palavra sempre escrita cal.

Os fonemas transcrevem-se entre barras oblíquas: //.

Por exemplo: o fonema /s/ pode ser representado ortograficamente por s, como em saco; por ss, como em osso; por c, como em cera; por ç, como em poço; por x, como em próximo; e pode ser realizado como [s], no português normal de Portugal e do Brasil, ou como [ʃ], em regiões do Norte de Portugal e da Galiza, conforme se disse

no Capítulo 2.

ALFABETO FONÉTICO UTILIZADO

Empregamos nas nossas transcrições fonéticas, sempre que possível, o Alfabeto Fonético Internacional. Tivemos, no entanto, de fazer certas adaptações e acrescentar

alguns sinais necessários para a transcrição de sons de variedades da língua portuguesa para os quais não existe sinal próprio naquele Alfabeto¹.

cycle, Strasbourg, 1977), publicada em Hamburger Phonetische Beiträge (Hamburg, Buske Verlag, 1982), e Sept Étudet atr Ia perception. Accent et intonation du portugais!*

(2. ed. Lisboa, Laboratório de Fonetica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1983) e de Mirian Therezinha da Matta Machado, Étude articulaire et acoustique des voyelles nasales du portugais de Rio de Janeiro (Thèse de doctorat de troisième cycle, Strasbourg, 1981). Os dois últimos trabalhos são dissertações policopiadas.

Nessas adaptações e acrescentamentos seguimos, em geral, o alfabeto fonético utilizado pelo grupo do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, encarregado da elaboração do Atlas tingústico-einográfico de Portugal e da Galiza.

30

Eis o elenco dos sinais aqui adotados: 1. VOGAIS:

[a] português

português

[a] português guês de

português

[e] português [e] português

português

[3] português [D] português [o]- português

português ti] português

português [u] português

português

2. SEMIVOGAIS:

normal de Portugal e do Brasil: p, gato

normal do Brasil: pedra, fazer

normal de Portugal: cama, cana, pedra, fazer; portu-

Lisboa: lei, lenha

normal do Brasil: cama, cana

normal de Portugal e do Brasil: ferro

normal de Portugal e do Brasil: medo, saber

normal do Brasil: regar, sedento

normal de Portugal: sede, corre, regar, sedento

normal de Portugal e do Brasil: p, cola

normal de Portugal e do Brasil: morro, força

normal do Brasil: correr, morar

normal de Portugal e do Brasil: vir, bico

normal do Brasil: sede, corre

normal de Portugal e do Brasil: bambu, sul, caro

normal de Portugal: correr, morar

[j] português normal de Portugal e do Brasil: pai, feito, vário [w]

português normal de Portugal e do Brasil: pau, água

3. CONSOANTES:

[b] português normal de Portugal e do Brasil: bravo (!), ambos

português normal do Brasil: o boi, aba, barba, abrir [P l] português normal de

Portugal: o boi, aba, barba, abrir . I d] português normal de Portugal e do

Brasil: dar (!), andar

português normal do Brasil: ida, espada [] português normal de Portugal: o

dar, ida, espada [d'] português do Rio de Janeiro, de São Paulo e de-

zonas

do Brasil: dia, sede

[d3] português popular do Rio de Janeiro e de algumas zonas próximas: dia,

sede

português dialectal europeu de zonas fronteiriças muito restritas:

Jesus, jaqueta [g] português normal de Portugal e do Brasil: guarda (!),

frango

português normal do Brasil: a guarda, agora, agrado [Y] português normal de

Portugal: a guarda, agora, agrado

31

[p] português normal de Portugal e do Brasil: pai, caprino
 [t] português normal de Portugal e do Brasil: tu, canto
 [f] português do Rio de Janeiro, de São Paulo e de extensas zonas do Brasil: tio, sete
 [tf] português de extensas zonas do Norte de Portugal e de áreas não bem delimitadas de Mato Grosso e regiões circunvizinhas, no Brasil: chave, encher
 português popular do Rio de Janeiro e de algumas zonas próximas: tio, sete
 k português normal de Portugal e do Brasil: casa, porco, que m português normal de Portugal e do Brasil: mar, amigo n português normal de Portugal e do Brasil: nada, cano ji português normal de Portugal e do Brasil: vinha, caminho l português normal de Portugal e do Brasil: lama, calo t português normal de Portugal e de certas zonas do Sul do Brasil: alto, Brasil
 X português normal de Portugal e do Brasil: filho, lhe r português normal de Portugal e do Brasil: caro, cores, dar r português normal de várias regiões de Portugal, do Rio Grande do Sul e outras regiões do Brasil: roda, carro [R] português normal de Portugal (principalmente de Lisboa), do Rio de Janeiro e de várias zonas costeiras do Brasil: roda, carro [f] português normal de Portugal e do Brasil: filho, afiar [v] português normal de Portugal e do Brasil: vinho, uva [s] português normal de Portugal e do Brasil: saber, posso, cou, caça
 l z] português normal de Portugal e do Brasil: azar, casa l ?] português de certas zonas do Norte de Portugal: saber, posso; e, noutras zonas, também: cou, caça t %] português de certas zonas do Norte de Portugal: casa; e, noutras zonas, também: azar
 f 6] português galego normal: cou, facer (port. fazer), caza (port. caça), azar t /] português normal de Portugal e do Brasil: chave, xarope português normal de Portugal, do Rio de Janeiro e de algumas zonas costeiras do Brasil: este [3] português normal de Portugal e do Brasil: jó, genro português normal de Portugal, do Rio de Janeiro e de algumas zonas costeiras do Brasil: mesmo

32

CLASSIFICAÇÃO DOS SONS LINGÜÍSTICOS

Os sons lingüísticos classificam-se em -VOGAIS, CONSOANTES e SEMI-VOGAIS.

VOGAIS E CONSOANTES

1. Do ponto de vista articulatorio, as vogais podem ser consideradas sons formados pela vibração das cordas vocais e modificados segundo a forma das cavidades supralaringeas,

que devem estar sempre abertas ou entreabertas e passagem do ar. Na pronúncia das consoantes, ao contrário, há sempre na cavidade bucal obstáculo e passagem da corrente expiratória.

2. Quanto à função silábica e outro critério de distinção e cabe salientar que, na nossa língua, as vogais são sempre centro de sílaba, ao passo que as consoantes são fonemas marginais: só aparecem na sílaba junto a uma vogal.

SEMI-VOGAIS

Entre as vogais e as consoantes situam-se as semivogais, que são os fonemas /i/ e /u/ quando, juntos a uma vogal, com ela formam sílaba. Foneticamente estas vogais assilábicas transcrevem-se [j] e [w].

Exemplificando:

Em qgo ['rizu] e vju ['viw] o /i/ é vogal, mas em jrei ['rej] e vório ['varju] é

semivogal. Também a vogal o /u/ em muro ['muru] e rua ['rua], mas semivogal em meu ['mew] e quatro ['kwatru].

CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

1. Segundo a classificação tradicional, de base fundamentalmente articulatória, as vogais da língua portuguesa podem ser:

f) anteriores ou palatais a) quanto a região de articulação J centrais ou médias [posterioriores ou velares

abertas

,x , , , semi-abertas 6) quanto ao grau de abertura

j semifechadas

fechadas

33

f) orais

c) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal - , , , .

i) HoSciis

de base acústica a classificação em:

, , % - . j f) tónicas

d) quanto a intensidade < ,

2. Tem-se difundido recentemente uma classificação das vogais com base em certo número de traços que são "distintivos" numa perspectiva fonológica ou fonemática,

isto é, que apresentam características capazes por si só de opor um segmento fonico a outro segmento fonico.

Por exemplo: o traço distintivo ABERTURA, ligado, do ponto de vista fisiológico, a maior ou menor elevação ou altura da língua no momento da articulação, opõe-se por si peso (substantivo) a peso (forma verbal) e a piso (substantivo ou verbo). A presença ou a ausência de cada traço, neste tipo de classificação, assinalada pelos sinais matemáticos (+) e (0). Assim: /e/ de peso (verbo) será [+ baixo], e /e/ de peso (substantivo) será [0 alto], mas também [0 baixo], ao passo que /i/ de piso será [+ alto].

Por vezes, torna-se necessário mais do que um traço para descrever a oposição entre duas vogais. Por exemplo, a oposição entre /a/ de carro e /o/ de carro implica

a presença em /a/ de um traço distintivo a maior abertura e correlativa menor altura da língua [+ baixo] e a ausência de outro traço, o arredondamento dos lábios

durante a articulação [0 arredondado].

Os traços distintivos que devem ser considerados na classificação dos fonemas vocálicos portugueses dependem: a) da maior ou menor elevação da língua; b) do recuo

ou avanço da região de articulação; c) do arredondamento ou não arredondamento dos lábios. vx

De acordo com esta classificação, as vogais da língua portuguesa podem ser:

f) + altas

quanto a maior ou menor elevação da língua < , , , l) altas a)

[+ baixas

fe) quanto ao recuo ou avanço da articulação

+ recuadas 0 recuadas

c) quanto ao arredondamento ou não arredondamento dos lábios J + arredondadas

l) arredondadas

34

ARTICULAÇÃO

Dissemos que as vogais são sons que se pronunciam com a via bucal livre. Mas, como acabamos de ver ao apresentar os vários critérios de classificação, isto não significa

que seja irrelevante para distingui-las o movimento dos diversos órgãos

articulatórios. Pelo contrário. Esses critérios baseiam-se na diversidade de tal movimento.

Assim:

Ao elevarmos a língua na parte anterior da cavidade bucal, aproximando-a do palato duro, produzimos a série das vogais ANTERIORES ou PALATAIS, ou seja [+RECUADAS]: W, M, [i]-

Ao elevarmos a língua na parte posterior da cavidade bucal, aproximando-a do véu palatino, produzimos a série das vogais POSTERIORES ou VELARES, [ɔ], [o], [+ RECUADAS]: [ɜ], [ɔ], [U].

Dentro da classificação tradicional, que considera a boca dividida em duas regiões (anterior e posterior), as vogais [a] e [ɑ], articuladas com a língua baixa, em posição de repouso, são denominadas MÍDIAS ou CENTRAIS. De acordo com a classificação mais recente, devem ser incluídas entre as [+ RECUADAS].

Também importante como elemento distintivo na articulação das vogais é a posição assumida pelos lábios durante a passagem da corrente de ar expirada. Podem eles dispor-se de modo tal que formem uma saída arredondada para essa corrente, e teremos a série das vogais [-(- ARREDONDADAS)]:

[P], [o], [u],

ou permanecer numa posição quase de repouso, e teremos a série das vogais [0 ARREDONDADAS]:

[a], [e], [ɛ], [i].

TIMBRE

Para a distinção do TIMBRE das vogais é a qualidade acústica que resulta de uma composição do tom fundamental com os harmônicos é é ainda determinante, do ponto de

vista articulatório, a forma tomada pela cavidade faríngea e, sobretudo, pela cavidade bucal, que funcionam como tubo de ressonância.

35

A maior largura do tubo de ressonância, provocada principalmente pela menor elevação do dorso da língua em direção ao palato (quer duro, quer mole), produz as vogais

chamadas ABERTAS e SEMI-ABERTAS [+ BAIXAS]:

ABERTA:

[a]

SEMI-ABERTAS:

W, M

O estreitamento do tubo de ressonância, causado principalmente pela maior elevação do dorso da língua, produz as vogais chamadas SEMI-

BAIXAS J*

[e], [a], [o]

e FECHADAS [+ ALTAS]: PI, [ʰ]

INTENSIDADE E ACENTO

A INTENSIDADE é a qualidade física da vogal que depende da força expiratória e, portanto, da amplitude da vibração das cordas vocais. As vogais que se encontram nas sílabas pronunciadas com maior intensidade chamam-se TÔNICAS, porque sobre elas recai o ACENTO TÔNICO, que se caracteriza em português principalmente por um reforço da energia expiratória. As vogais que se encontram em sílabas não acentuadas denominam-se ATÔNICAS.

VOGAIS ORAIS E VOGAIS NASAIS

Finalmente, é de grande importância na produção e caracterização das vogais, do ponto de vista articulatório, a posição do véu palatino durante a passagem da corrente

expiratória. Se, durante essa passagem, o véu palatino estiver levantado contra a parede posterior da faringe, as vogais produzidas serão ORAIS:

[i], [E], W, [a], [ɑ], [o], [u].

36

Se, pelo contrário, essa passagem se der com o véu palatino abaixado, uma parte da corrente expiratória ressoará na cavidade nasal e as vogais produzidas serão

NASAIS:

PI, [ɨ], [2], [ʊ], [ʊ].

VOGAIS TÓNICAS ORAIS

Para o português normal de Portugal e do Brasil o seguinte o quadro das vogais orais em posição tónica:

	ANTERIORES	MÉDIAS	POSTERIORES
	ou	ou	
	PALATAIS	CENTRAIS	VELARES
Fechadas	[i]	[u]	+ altas
Semifechadas	>	te]	[a] [ʊ] ʊ altas ʊ baixas
Semi-abertas	w	[i]	
		+ baixas	
Aberta	[a]		
	ʊ recuadas	+ recuadas	+ recuadas
	ʊ arredonda-	ʊ arredonda-	+ arredonda-
	das	das	

Exemplos:

U / ɨ, peso (s.) / peso (v.), pɨ / pɨ, saco / soco, poʊa / possa, todo / tudo.

Observação:

No português normal do Brasil a vogal [a] só aparece em posição tónica antes de consoante nasal. Por exemplo: cama ['kuma], cana ['kana]. sanha ['sapa]. Não ocorre

nunca em oposição a [a] para distinguir segmentos fónicos de significado diverso. Do ponto de vista fonológico, funciona, pois, como variante do mesmo fonema, e não como fonema autónomo.

No português europeu normal, [o], quando tónico, também aparece, na maioria dos casos, antes de consoante nasal, a exemplo de cama, cana e sanha. Mas nessa mesma situação tónica existe uma oposição de pequeno rendimento entre [a] e [a]. É a que se observa, nos verbos da 1ª conjugação, entre as primeiras pessoas do plural do presente (ex.: amamos [a'mamu]) e do pretérito perfeito do indicativo (ex.: amámos [a'mamu]). Neste caso, temos, pois, de considerar a existência de fonemas

diferentes. Além disso, no falar de Lisboa e de outras zonas de Portugal,

37

encontra-se [a] em sílaba tónica antes de semivogal ou de consoante palatal: rei ['reji].fenão['taju].telha f/toxa].

Adverte-se, por fim, que no português de Portugal, como veremos adiante, o fonema /a/ em posição tónica é normalmente realizado como [a].

VOGAIS TÓNICAS NASAIS

Além das VOGAIS ORAIS que acabamos de examinar correspondentes a oito fonemas no português normal de Portugal, e a sete no do Brasil, possui o nosso idioma, tanto na sua variante portuguesa como na brasileira, cinco VOGAIS NASAIS, que podem ser assim classificadas:

	ANTERIORES ou PALATAIS	MÉDIA ou CENTRAL	POSTERIORES ou
VELARES			
fechadas	[i]	[ɨ]	+ altas
semifechadas	[c]	el	[ɨ] - altas ʊ baixas
	ʊ recuadas ʊ arredondadas	+ recuada ʊ arredondada	+ recuadas
+ arredondadas			

Exemplos:

rim, senda, canta, ɨ, bomba, atum.

Como se vê no quadro acima, as vogais nasais da língua portuguesa são sempre fechadas ou semifechadas. São em variedades regionais aparecem vogais abertas ou semi-abertas

como as francesas.

Observação:

Do ponto de vista fonológico ou fonemático, as vogais nasais do português têm sido interpretadas como realizações dos fonemas orais correspondentes em contacto com

um fonema consonântico nasal, que, acusticamente, é imperceptível ou quase imperceptível. Vejam-se J. Mattoso Câmara Jr. Para o estudo da fonética portuguesa, 2.

ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1977, p. 67-72; Jorge Morais Barbosa. Les voyelles nasales portugaises: interpretation phonologique. In Proceedings of the Fourth International

Congress of Phonetic Sciences. The Hague, Mouton, 1962, p. 691-708; 1965. Eludes de phonologie portugaise. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1965, p. 91-104;

Maria Helena Mira Mateus. Aspectos da fonologia portuguesa. 2. ed. Lisboa, INIC, 1982, p. 44-71 e 87-95.

VOGAIS ATONAS ORAIS

Em posição átona, o quadro das vogais orais do português apresenta diferenças consideráveis em relação à posição tônica, diferenças que, por nem sempre coincidirem

nas duas normas principais da língua, serão estudadas separadamente.

1. No português normal do Brasil, em posição átona não final, anulou-se a distinção entre [E] e [e], tendo-se mantido apenas [e] e [i], na série das vogais anteriores

ou palatais; paralelamente, anulou-se a distinção entre [o] e [o], com o que ficou reduzida a [o] e [u] a série das vogais posteriores ou velares.

É, pois, o seguinte o quadro das vogais átonas em posição não final absoluta, particularmente em posição PRETÔNICA:

	ANTERIORES ou PALATAIS	MÉDIA OU CENTRAL	POSTERIORES ou
VELARES			
fechadas	[i]	[u]	
semifechadas	[e]	[ø]	
aberta	[a]		

Exemplos:

ligar [li'gar], legar [le'gar], lagar [la'gar], lograr [lo'grar], lugar [lu'gar];

plano ['ai a mu], véspera ['vɛspera], ciclotron ['siklotron]. diálogo [di'alugu].

2. Em posição final absoluta, a série anterior ou palatal apresenta-se reduzida a uma única vogal [i], grafada e; e a série posterior ou velar também a uma só vogal

[u], escrita o.

Temos, assim, três vogais em situação POSTÔNICA FINAL ABSOLUTA;

	ANTERIOR ou PALATAL	MÉDIA OU CENTRAL	POSTERIOR ou VELAR
fechadas	[i]	M	
aberta	W		

Exemplos:

tarde f/tardi], povo f/povu], casa ['kaza].

38

39

3. No português normal de Portugal, em posição átona não final, também se anulou a distinção entre [E] e [e], mas, em lugar de qualquer destas vogais da série das anteriores ou palatais, aparece geralmente a vogal [ɜ], média ou central, fechada [+ alta, -(-recuada arredondada)], realização que não ocorre em posição tônica e é completamente estranha ao português do Brasil. A série fica, assim, representada apenas pela vogal [i]. Por outro lado, tendo desaparecido a distinção entre

[o], [o] e [u], toda a série das vogais posteriores ou velares está hoje reduzida a [u], grafado o ou u. Finalmente, a vogal média ou central [a], aberta, corresponde

a vogal também média ou central, mas semifechada [o], grafada naturalmente a.

O que foi dito pode ser expresso no seguinte quadro:

	ANTERIOR ou PALATAL	MÉDIAS OU CENTRAIS	POSTERIOR ou VELAR
fechadas	[i]	W	[u]
semifechada		w	

2. Recentemente, porém, difundiu-se, como para as vogais, outro sistema de classificação, com base em certos TRAÇOS DISTINTIVOS.

Os traços que se têm em conta neste sistema relacionam-se também com características da articulação, mas nem sempre coincidem com os que estão na base da classificação anterior.

Segundo o novo sistema classificatório, as consoantes podem ser:

a) quanto ao modo de articulação

b) quanto à zona de articulação

c) quanto ao papel das cordas vocais

[-f- contínuas] [± contínuas] [+ laterais] [± laterais]

[+ anteriores] [± anteriores] [+ coronais] [± coronais]

[± sonoras] [± sonoras]

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal

[+ nasais]

[± nasais] de base mais acústica do que articulatória a classificação:

e) quanto ao efeito acústico mais ou menos J [+ soante] próximo ao de uma vogal

l [± soante]

MODO DE ARTICULAÇÃO

A articulação das consoantes não se faz, como a das vogais, com a passagem livre do ar através da cavidade bucal. Na sua pronúncia, a corrente expiratória encontra

sempre, em alguma parte da boca, ou um obstáculo total, que a interrompe momentaneamente, ou um obstáculo parcial, que a comprime sem, contudo, interceptá-la. No

primeiro caso, as consoantes dizem-se OCLUSIVAS ou [±CONTÍNUAS]; no segundo, CONSTRITIVAS ou [+ CONTÍNUAS].

São OCLUSIVAS as consoantes [p], [b], [t], [d], [k], [g]: pala, bala, tala, d-la, cala, gala.

Entre as CONSTRITIVAS, distinguem-se as:

1. FRICATIVAS, caracterizadas pela passagem do ar através de uma estreita fenda formada no meio da via bucal, o que produz um ruído comparável ao de uma fricção.

42

São fricativas as consoantes [f], [v], [s], [z], [ʃ], [ʒ]: /ato, vala, selo (passo, cou, caça, próximo), zelo (rosa, exame), xarope (encher), j

2. LATERAIS, caracterizadas pela passagem da corrente expiratória pelos dois lados da cavidade bucal, em virtude de um obstáculo formado no centro desta pelo contacto

da língua com os alvéolos dos dentes ou com o palato.

São laterais as consoantes [l] e [X]: fila, filha.

3. VIBRANTES, caracterizadas pelo movimento vibratório rápido de um órgão ativo elástico (a língua ou o véu palatino-), que provoca uma ou várias brevíssimas interrupções

da passagem da corrente expiratória.

São vibrantes as consoantes [r] e [ʀ] ou [R]: caro, carro.

Observação:

Do ponto de vista acústico, as consoantes LATERAIS e VIBRANTES têm em comum um traço que as opõe a todas as outras consoantes: a sua maior proximidade dos sons vocálicos,

o que, em certas línguas, chega a ponto de poderem servir de centro de sílaba.

Esta qualidade, reconhecida desde tempos antigos, trouxe-lhes as denominações de LÍQUIDAS

ou SOANTES. A fonética moderna atribui-lhes o traço distintivo [+ SOANTES].

Acresce salientar que, pelo carácter lateral de sua articulação, [l] e [X] opõem-se às vibrantes [r], [ʀ] ou [R]. Esta diferença explicita-se pela indicação [+ LATERAL]

para [l] e [X], que contrasta com a de [± LATERAL] para as vibrantes [r], [ʀ] ou

[R].

O PONTO OU ZONA DE ARTICULAÇÃO

O obstáculo (total ou parcial) necessário à articulação das consoantes pode produzir-se em diversos lugares da cavidade bucal. Daí o conceito de PONTO DE ARTICULAÇÃO,

segundo o qual as consoantes se classificam em:

1. BILABIAIS, formadas pelo contacto dos lábios. São as consoantes [p], [b], [m]: pato, bato, mato.

2. LABIODENTAIS, formadas pela constricção do ar entre o lábio inferior e os dentes incisivos superiores. São as consoantes [f], [v]: faca, vaca.

3. LINGUODENTAIS (ou DORSODENTAIS), formadas pela aproximação do pré-dorso da língua à face interna dos dentes incisivos superiores, ou pelo contacto desses órgãos.

São as consoantes [s], [z], [ʃ], [d]: cinco, zinco, tardo, dardo.

4. ALVEOLARES (ou PICCO-ALVEOLARES), formadas pelo contacto da ponta da língua com os alvéolos dos dentes incisivos superiores. São as

1 Como dissemos, na pronúncia normal de Portugal, do Rio de Janeiro e de alguns pontos da costa do Brasil, a fricativa palatal surda [ç] aparece em formas como três e dez, e a sonora [ʒ] em formas como desde e mesmo.

43

consoantes [n], [ɲ], [r], [ʀ]: nada, cala, cara, carro (na pronúncia de certas regiões de Portugal e do Brasil).

5. PALATAIS, formadas pelo contacto do dorso da língua com o palato duro, ou céu da boca. São as consoantes [ʎ], [ʝ], [X], [p]: acho, ajo, alho, anho.

6. VELARES, formadas pelo contacto da parte posterior da língua com o palato mole, ou véu palatino. São as consoantes [k], [g], [R]: calo, galo, ralo.

Se considerarmos a zona em que se situam o contacto ou a constricção que caracterizam a consoante, a classificação com base nos traços distintivos será a seguinte:

1. CONSOANTES [+ ANTERIORES], formadas na zona anterior da cavidade bucal: [p], [b], [f], [v], [m], [t], [d], [s], [z], [n], [ɲ], [r] e [ʎ];

2. CONSOANTES [- ANTERIORES], formadas na zona posterior da cavidade bucal: [ʝ], [ç], [p], [X], [R];

3. CONSOANTES [+ CORONAIS], formadas com a intervenção da "coroa", ou seja, do dorso (pré-dorso, médio dorso) da língua: [t], [d], [s], [z], Hl. [ʃ], [ʝ], [ɲ], [ɲ], [X], [r];

4. CONSOANTES [- CORONAIS], formadas sem a intervenção do dorso da língua: [p], [b], [m], [k], [g], [f], [v], [R].

O PAPEL DAS CORDAS VOCAIS

Enquanto as vogais são normalmente sonoras (só excepcionalmente aparecem ensurdecidas), as consoantes podem ser ou não produzidas com vibração das CORDAS VOCAIS.

São SURDAS [- SONORAS] as consoantes: [p], [t], [k], [f], [s], [ç].

São SONORAS [+SONORAS] as consoantes: [b], [d], [g], [v], [z], [ç], [ɲ], [w], [r], [ʃ], [R], [m], [n], [p].

PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL

Como as vogais, as consoantes podem ser ORAIS [- NASAIS] ou NASAIS [+ NASAIS]. Por outras palavras: na sua emissão, a corrente expiratória pode passar apenas pela cavidade bucal, ou ressoar na cavidade nasal, caso encontre abaixado o véu palatino.

São NASAIS as consoantes [m], [n], [p]: amo, ano, anho.

Todas as outras são ORAIS.

Observação:

Quanto ao modo de articulação (bucal), as consoantes nasais são OCLUSIVAS [- CONTINUAS]. Atendendo, no entanto, à forte individualidade que lhes confere o seu traço

nasal, costuma-se isolá-las das outras oclusivas, tratando-as como classe à parte.

QUADRO DAS CONSOANTES

Resumindo, podemos dizer que o conjunto das consoantes da língua portuguesa é constituído por dezenove unidades, cuja classificação se expõe esquematicamente no

quadro seguinte:

S

r

l

'i'

.8 S '

l

3

.3 + 1

1+

ap euoz no o;uoj

45

Observações:

1.) Neste quadro, procuramos integrar a classificação por traços distintivos e a classificação tradicional de base articulatória. Para se fazer a análise em traços

distintivos de qualquer som consonântico do português, bastará juntar os vários traços associados no quadro à sua classificação articulatória corrente.

Por exemplo: as consoantes [p] e [b] serão analisadas deste modo:

[p] contínua

sonora

nasal + anterior

coronal

e as consoantes [l] e [ʎ], do seguinte:

[b]

[l]

+ contínua + soante + lateral nasal + anterior + coronal

[m]

contínua + sonora

nasal + anterior

coronal

+ contínua + soante + lateral

nasal

anterior 4- coronal

2.) Classificamos a vibrante forte ou múltipla [R] como VELAR, ou [ANTERIOR, CORONAL], por ser esta a sua pronúncia mais corrente no português de Lisboa e do Rio de Janeiro². A antiga VIBRANTE ALVEOLAR MÚLTIPLA [r] mantém-se, no entanto, viva na maior parte de Portugal e em extensas zonas do Brasil, como, por exemplo, o Rio Grande do Sul. Uma realização DORSO-UVULAR MÚLTIPLA ocorre também por vezes em Lisboa e no português popular do Rio de Janeiro. Aponte-se, por fim, a realização

LINGUOPALATAL VELARIZADA, que se observa na região Norte de São Paulo, Sul de Minas e outras áreas do Brasil³ e é conhecida por r-caipira. Em Portugal é característica

da fala popular de Setúbal, não só a realização VIBRANTE UVULAR do r múltiplo de rua, carro, como a do r simples de caro, andar.

3.) Na pronúncia normal do português europeu, a consoante /, quando final de sílaba, é velarizada; a sua articulação aproxima-se, pelo recuo da língua, de um

[u] ou [w]. Na transcrição fonética, é costume distinguir este / do / inicial de sílaba.

1 Pode-se dizer mesmo que é a pronúncia mais corrente no português normal contemporâneo, ao contrário do que sucedia há poucos anos, segundo a descrição dos

foneticistas.

2 O a pronúncia normal do R'io de Janeiro e de extensas áreas do país. Sobre o assunto, leia-se a importante contribuição de Dinah Maria Isensee Callou: Variações

e distribuição da vibrante, na fala urbana culta do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1979 (Tese de doutorado policopiada).

3 O professor Brian F. Head vem estudando, ultimamente, a vitalidade do r-caipira em várias regiões do Brasil. Leia-se, a propósito, os seus trabalhos: O estudo do "r-caipira" no contexto social. Revista de Cultura Vozes: 67(8): 4349, ano 67, 1973; Subsídios do Atlas Provisório dos Falares Baianos para o estudo de uma variante dialetal controversa (texto policopiado).

46

representando-se o último por [l] e a consoante velarizada por [t]: lado ['laðu], alto ['ahu], mal [mal]. Na pronúncia normal do Rio de Janeiro e de vastas zonas do Brasil, por perder-se o contacto entre os órgãos da articulação, o / final de sílaba vocaliza-se, ou seja, transforma-se na semivogal [w]: alto ['awtu], mal ['maw].

Anulam-se, deste modo, as oposições entre alto / auto, mal / mau.

4.) No português do Brasil, as consoantes / e d, antes de i vogal ou semivogal, sofrem a sua influência e palatalizam-se em grau maior ou menor, conforme as regiões

e até as pessoas de cada região. Podem ser pronunciadas [f], [dʎ], ou realizar-se como africadas palatais [tʃ] e [dʒ]: noi-<rchojtɔi] oufttojt/ij tio [Yiju] ou ['t/iju],

dia l'd'ija] ou [MSija]. Ódio l'od'ju] ou [d3ju], *ede ['sed'ij ou ['sedʒ].

POSICÃO DAS CONSOANTES

Só em posição intervocálica é possível encontrar as dezenove consoantes portuguesas que acabamos de descrever e classificar. Noutras posições, o número de consoantes

possíveis reduz-se sensivelmente.

Assim, em posição inicial de palavra, além das consoantes OCLUSIVAS e FRICATIVAS, só aparecem: das LATERAIS, o [l]; das VIBRANTES, o [R] ou o [r]; das NASAIS, o [m] e o [n]. São casos isolados os de empréstimos, principalmente do espanhol, em que ocorrem [A] ou [ʝi]: lhano, lhama, nhato.

Em posição final de sílaba ou de palavra, só se encontram normalmente as consoantes:

a) l, a que correspondem as pronúncias atrás mencionadas [fl ou [w];

b) r, a que corresponde, nas pronúncias normais de Portugal e do Brasil, o [r] simples apical, algumas vezes perdido na pronúncia popular brasileira, quando em final

absoluta;

c) s ou z (esta só em final de palavra), a que correspondem, na pronúncia normal de Portugal, na do Rio de Janeiro e de outras zonas costeiras do Brasil, as realizações

[ʃ], em posição final absoluta ou se se lhes segue uma consoante surda, e [ʒ], se antepostas a uma consoante sonora.

As grafias m e n nesta posição representam normalmente apenas a nasalidade da vogal anterior.

Outras consoantes podem ainda aparecer em final de sílaba ou de palavra, principalmente em formas cultas ou estrangeiras (por exemplo: ritmo, apto, club, chie).

Manifesta-se, então, particularmente no português do Brasil, uma tendência para apoiar a sua articulação numa breve vogal epentética ou paragógica (por exemplo: ['ritimu], fapitu], fklubi], [/'iki]). Paralelamente, é possível encontrar, em final absoluta de palavras cultas, a articulação épico-alveolar da consoante n: abdómen,

dólmén, regómen.

47

ENCONTROS VOCÁLICOS

DITONGOS

O encontro de uma VOGAL -\- uma SEMIVOGAL, ou de uma SEMIVOGAL -f- uma VOGAL recebe o nome de DITONGO. Os DITONGOS podem ser:

a) DECRESCENTES e CRESCENTES; b) ORAIS e NASAIS.

DITONGOS DECRESCENTES. E CRESCENTES

Quando a vogal vem em primeiro lugar, o DITONGO se denomina DECRESCENTE. Assim:

pai

coi

muito

Quando a semivogal antecede a vogal, o DITONGO diz-se CRESCENTE. Assim:

qual

linguio

frequente

Em português apenas os DECRESCENTES são DITONGOS estáveis. Os DITONGOS CRESCENTES aparecem com frequência no verso. Mas na linguagem do coloquio normal só apresentam

estabilidade aqueles que têm a semivogal [w] precedida de [k] (grafado q) ou de [g]. Assim:

quase

igual

quando

enxaguando

equestre

goela

linguieta

quinquênio

quoo

quiproquo

tranquilo

sagiogiao

DITONGOS ORAIS E NASAIS

Como as vogais, os DITONGOS podem ser ORAIS e NASAIS, segundo a natureza oral ou nasal dos seus elementos.

1. São os seguintes os DITONGOS ORAIS DECRESCENTES:

[ocj] : sei, no português normal de Portugal

48

[aw]

[ew] [cw] [iw] [oj]

mau

sei, no português normal do Brasil

papois

meu

coi

viu

boi

heroi

azuis

Observações:

1.) Nem na pronúncia normal de Portugal nem na do Brasil se conserva o antigo ditongo [ow], que ainda se mantém vivo em falares regionais do Norte de Portugal e

no galego. Na pronúncia normal reduziu-se a [o], desaparecendo assim a distinção de formas como poupa / popa, boba l boba.

2.*) No português do Rio de Janeiro e de algumas outras regiões do Brasil, devido à vocalização do / em final absoluta ou em final de sílaba, ouvem-se os ditongos [ow] e [3w] em palavras como gol ['gow], soltar [sow'tarj; sol ['syw], molde ['mawdi].

2. Existem os seguintes DITONGOS NASAIS DECRESCENTES:

correspondente às grafias oe, ai e, no português normal de Portugal, em (em posição final absoluta) e en (no interior de palavras derivadas): moe, coibra; no português

normal de Portugal: vem, levem, benzinho.

correspondente às grafias ao e am: moo, vejam. correspondente, no português do Brasil e em falares meridionais de Portugal, às grafias em (em posição final de palavra)

e en (no interior de palavras derivadas): vem, levem, benzinho. correspondente o

grafia *oe*: *poe*, *sermes*, correspondente à grafia *ui*: *muito*.

[*ow*] [*oj*]

[*føj*] [*Uj*]

TRITONGOS

Denomina-se TRITONGO o encontro formado de SEMIVOGAL -f- VOGAL -f- SEMIVOGAL. De acordo com a natureza (oral ou nasal) dos seus componentes, classificam-se também os TRITONGOS em ORAIS e NASAIS.

1. SÃO TRITONGOS ORAIS:

[*t waj*] : Uruguai

[*l waj*] : enxaguei, no português normal de Portugal (*wej*] : enxaguei, no português normal do Brasil e em falares meridionais de Portugal.

49

[*wiw*] : delinuiu

2. SÃO TRITONGOS NASAIS:

[*wow*] : correspondente às grafias *uoo*, *uam*: *saguoo*, *enxaguam*.

[*wøj*] : correspondente, no português normal de Portugal, à grafia *uem* (em posição final de palavra) : *delinuiem*. [*wøj*] : correspondente, no português normal do Brasil e em falares meridionais de Portugal, à grafia *uem* (em posição final de palavra) : *delinuiem*. [*wøj*] : correspondente à grafia *uoe*: *saguoês*.

HIATOS

Diz-se o nome de HIATO ao encontro de duas vogais. Assim, comparando-se as palavras *pais* (plural de *pai*) e *país* (região), verificamos que: a) na primeira, o encontro *ai* soa numa só sílaba: [*'pajøj*. f) na segunda, o *a* pertence a uma sílaba e o *i* a outra: [*pa'iøj*].

Observação:

Quando a tons finais, os encontros escritos -*ia*, -*ie*, -*io*, -*oa*, -*ua*, -*ue* e -*no* são normalmente DITONGOS CRESCENTES: *gl-ri-a*, *c-ri-e*, *v-ri-o*, *m-go-a*, *g-gua*, *t-nue*, *r-duo*. Podem, no entanto, ser emitidos com separação dos dois elementos, formando assim um HIATO: *gl-ri-a*, *c-ri-e*, *v-ri-o*, etc. Ressalte-se, porém, que na escrita,

em hipótese alguma, os elementos desses encontros vocálicos se separam no fim da linha, como salientamos no Capítulo 4.

"2\$ ENCONTROS INTRAVERBAIS E INTERVERBAIS

Os ENCONTROS VOCÁlicos podem ocorrer no interior do vocábulo ou entre dois vocábulos, isto é, podem ser INTRAVERBAIS (= INTRAVOCABULARES) OU INTERVERBAIS (= INTERVOCABULARES).

Os ENCONTROS absolutamente estáveis. Assim, quer no verso, quer na prosa, a palavra *lua* possui sempre duas sílabas, ao passo que as palavras *mau* e *quais* terão

invariavelmente uma. O hiato [*ua*], da primeira, bem como o ditongo [*aw*], da segunda, e o tritongo [*waj*], da terceira, são, pois, as únicas pronúncias que a língua

admite para tais ENCONTROS nessas palavras.

Muitos, porém, são instáveis. Por exemplo: numa pronúncia normal, as palavras *lua* e *reais* são dissílabos: [*lu'ar*], [*Ri'ajj*]. Emitidas rapidamente, podem elas, no entanto, passar a monossílabos pela transformação do hiato [*ua*] no ditongo [*wa*] e pela criação do tritongo [*jaj*]. Por outro lado, palavras como *vaidade* e *saudade*, trissílabos na língua viva-atual, costumam aparecer no verso com quatro sílabas métricas.

50

A passagem de um hiato a ditongo no interior da palavra diz-se o nome de SINESE. E chama-se DIRESSE o fenómeno contrário, ou seja, a transformação de um ditongo normal em hiato.

Quando a ditongação do hiato se verifica entre vocábulos, diz-se que há SINALEFA. Estes fenómenos têm importância particular no verso, e deles tratamos com o necessário desenvolvimento no Capítulo 23.

ENCONTROS CONSONANTAIS

Diz-se o nome de ENCONTRO CONSONANTAL ao agrupamento de consoantes num vocábulo. Entre os ENCONTROS CONSONANTAIS, merecem realce, pela frequência com que se apresentam,

aqueles inseparáveis cuja segunda consoante é / ou r. Assim:

ENCONTRO CONSONANTAL	EXEMPLIFICAÇÃO	ENCONTRO CONSONANTAL
EXEMPLIFICAÇÃO		

b!	bloco,	abluir	gl	glutão,	aglutinar
br	branco,	rubro	gr	grande,	regra
cl	claro,	tecla	Pi	plano,	triplo
cr	cravo,	Acre	pr	prato,	sopro
dr	dragão,	vidro	U	U, atlas	
n	flor,	rufiar	tr	tribo,	atrás
fr	francês,	refrão	vr	vr, palavra	

ENCONTROS CONSONANTAIS como gn, mn, pn, ps, pt, tm e outros não aparecem em muitos vocábulos.

Quando iniciais, são naturalmente inseparáveis:

gno-mo mne-m-ni-co
pneu-m-ti-co psi-c-lo-go
pti-a-li-na ne-se

Quando mediais, em pronúncia tensa, podem ser articulados numa sílaba, ou em sílabas distintas:

a-pto ap-to
di-gno dig-no
ri-mo rit-mo

Na linguagem coloquial brasileira há, porém, como dissemos, uma acentuada tendência de destruir estes encontros de difícil pronúncia pela intercalação da vogal i

(ou e):
d-gui-no
pe-neu
r-ti-mo

51

Não raro, temos de admitir a existência desta vogal epentética, embora não escrita, para que versos de poetas brasileiros conservem a regularidade. Por exemplo,

nestes setes sílabos:

Deixa-me ouvir teus cantores, Admirar teus verdes.

(Gonçalves Dias, PCPE, 376.)

A tua carne não fremia a ideia da dança inerte Que teu corpo dançaria No pântano submerso?

(V. de Moraes, PCP, 342.)

as palavras admirar e submerso devem ser emitidas em quatro sílabas (a-di-mi-rar e su-bi-mer-so) para que os versos a que pertencem mantenham aquela medida.

DÍGRAFOS

Não é demais recordar ainda uma vez que não se devem confundir CONSOANTES e VOGAIS com LETRAS, que são sinais representativos daqueles sons.

Assim, nas palavras carro, possego, chave, malho e canhoto não há ENCONTRO CONSONANTAL, pois as letras rr, ss, ch, lh e nh representam uma sílaba consoante.

Também não

se pode afirmar que exista ENCONTRO CONSONANTAL em palavras como campo e ponto, embora a análise de palavras como estas, em fonética experimental, revele a existência

de um resíduo de consoante nasal imperceptível ao ouvido; o m e o n funcionam portanto nelas essencialmente como sinal de nasalidade da vogal anterior, equivalendo,

no caso, a um TIL (capo, pto).

A esses grupos de letras que simbolizam apenas um som diz-se o nome de DÍGRAFOS.

São DÍGRAFOS, pois:

- a) ch, que simboliza a palatal [ç] também representada por x: ficha (compare-se com lixa);
- b) lh e nh, únicas formas de representar na língua a lateral [X] e a nasal palatal [ɲ]: velho, tenho;
- c) rr e ss, que só se empregam entre letras-vogais para representar os mesmos sons ([R] ou [r] e [s]) que se escrevem com r's simples no início de palavra: prorrogar (compare-se com rogar), assimetria (compare-se com simetria).

52

Entre os DÍGRAFOS devem ainda ser incluídas as combinações de letras:

- a) gu e qu antes de e e i, quando representam os mesmos sons oclusivos que se escrevem, respectivamente, g c c- antes de a, o e u: guerra, seguir (comparar a: galo, gole, gula); querer, quilo (comparar a: calar, cobre, cubro);
- b) se, só e xc, qje, entre letras-vogais, podem representar, no português normal do Brasil e no de algumas regiões de Portugal, o mesmo som que se transcreve também por c ou f: florescer (comparar a: amanhecer), desôa (comparar a: pareôa), exceder (comparar a: preceder);
- c) am, an, em, en, im, in, om, on, um, un, que servem para representar as vogais nasais: tampo, tanto, tempo, tento, limbo, lindo, pombo, tonto, comum, mundo.

SÍLABA

Quando pronunciamos lentamente uma palavra, sentimos que não a fazemos separando um som de outro, mas dividindo a palavra em pequenos segmentos fônicos que serão tantos quantas forem as vogais. Assim, uma palavra como alegrou, não será por nós emitida

a-l-e-g-r-o-u mas sim:
a-le-grou

A cada vogal ou grupo de sons pronunciados numa só expiração damos o nome de **SÍLABA**.

A **SÍLABA** pode ser formada:

- a) por uma vogal, um ditongo ou um tritongo:
eu
uai!
- b) por uma vogal, um ditongo ou um tritongo acompanhados de consoantes:
a-plau-dir trans-por U-ru-guai

53

SÍLABAS ABERTAS E SÍLABAS FECHADAS

- 1. Chama-se **ABERTA** a sílaba que termina por uma vogal: a-pa-ga-do
- 2. Diz-se **FECHADA** a sílaba que termina por uma consoante: al-tar op-tar

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS

Quanto ao número de **SÍLABAS**, classificam-se as palavras em **MONOSSÍLABAS**, **DISSÍLABAS**, **TRISSÍLABAS** e **POLISSÍLABAS**.

MONOSSÍLABAS, quando constituídas de uma só sílaba:

a ti
eu grou
mão quais

DISSÍLABAS, quando constituídas de duas sílabas:

ru-a -gua
he-rói li-vro
sa-guão so-nhar

TRISSÍLABAS, quando constituídas de três sílabas:

a-lu-no cri-an-ça
Eu-ro-pa por-tu-guês
ban-dei-ra en-xa-guou

POLISSÍLABAS, quando constituídas de mais de três sílabas:

es-tu-dan-te u-ni-ver-si-da-de li-ber-da-de em-pre-en-di-men-to

Observação:

Embora a sua unidade seja normalmente percebida pela competência linguística dos usuários de um idioma, a sílaba não é uma noção caracterizada de modo pacífico pelos

foneticistas. Uma breve introdução à problemática da sílaba pode ler-se em Bohuslav Haia. La sílaba: su naturaleza, su origen y sus transformaciones. Trad. de E.

R. Palavecino y A. Quilis. Madrid, C.S.I.C., 1966.

54

ACENTO TÔNICO

Examinemos este período de Raul Bopp:

Dias e noites os horizontes se repetem.

Nele distinguimos, numa análise fonética elementar, as sílabas ACENTUADAS (em negrita) das INACENTUADAS (em romano).

A percepção distinta das sílabas acentuadas (tônicas) das inacentuadas (ótonas) provém da dosagem maior ou menor de certas qualidades físicas que, vimos, caracterizam

os sons da fala humana:

a) a INTENSIDADE, isto é, a força expiratória com que são pronunciados;

b) o TOM (ou altura musical), isto é, a frequência com que vibram as cordas vocais em sua emissão;

c) o TIMBRE (ou metal de voz), isto é, o conjunto sonoro do tom fundamental e dos tons secundários produzidos pela ressonância daquele nas cavidades por onde passa o ar;

d) a QUANTIDADE, isto é, a duração com que são emitidos. Assim, pela INTENSIDADE, os sons podem ser FORTES (tônicos) ou FRACOS (ótonos); pelo TOM, serão AGUDOS (altos)

ou GRAVES (baixos); pelo

TIMBRE, ABERTOS OU FECHADOS; pela QUANTIDADE, LONGOS OU BREVES.

Em geral, porém, esses elementos estão intimamente associados, e o conjunto deles, com predominância da intensidade, do tom e da quantidade, é que se chama

ACENTO

TÔNICO.

Otoervações:

1.*) Tanto a Nomenclatura Gramatical Brasileira como a Nomenclatura Gramatical Portuguesa classificam as sílabas, quanto à intensidade, em TÔNICAS, SUBTÔNICAS e ÓTONAS (PRETÔNICAS e POSTÔNICAS). Pela nomenclatura aconselhada nos dois países, TOM é, pois, o mesmo que ACENTO DE INTENSIDADE. Cabe advertir, no entanto, que, se na maioria dos casos os dois elementos vêm unidos, por vezes eles não coincidem. "Na linguagem, como na música, qualquer som, seja agudo ou grave, pode tornar-se

forte ou débil, segundo convenha" (Navarro Tomás. Manual de pronunciación española, 14. ed., Madrid, C.S.I.C., 1968, p. 25, nota 1).

2.*) A quantidade longa ou breve das vogais, fundamental em latim, não tem valor distintivo em português. Os contrastes que nos oferecem, numa pronúncia tensa, pares

de formas como caatinga / latinga, coorte / corte explicam-se não pela oposição de quantidade vocálica; mas pela de duas vogais em face de uma vogal. Sobre fenômeno semelhante em espanhol, veja-se A. Quilis. Phonologie de l'Espagnol. Phonétique, J3:82-85, 1965.

Em nosso idioma, como nas demais línguas românicas, a duração maior de uma vogal é recurso de ênfase, e está condicionada pelo acento, pelo contexto fonético ou por múltiplas razões de ordem afetiva.

55

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO ACENTO TÔNICO

1. Quanto ao ACENTO, as palavras de mais de uma sílaba classificam-se em OXÍTONAS, PAROXÍTONAS e PROPAROXÍTONAS.

OXÍTONAS, quando o acento recai na última sílaba:

café

funil

Niterói

PAROXÉTONAS, quando o acento recai na penúltima sílaba: baía escola
retorno

PROPAROXÉTONAS, quando o acento recai na antepenúltima sílaba: exército
pêndulo quilômetro

2. Quando se combinam certas formas verbais com pronomes tônicos, formando um só
vocábulo fonético, é possível o acento recuar mais uma sílaba. Diz-se BISESDRÓXULA

a acentuação dessas combinações:

amávamo-lo fá-la-se-lhe

3. Os MONOSSÍLABOS podem ser TÔNOS ou TÔNICOS.

TÔNOS são aqueles pronunciados tão fracamente que, na frase, precisam apoiar-se
no acento tônico de um vocábulo vizinho, formando, por assim dizer, uma sílaba
deste.

Por exemplo:

Diga-me / o preço / do livro.

São MONOSSÍLABOS TÔNOS:

a) o artigo definido (o, a, os, as) e o indefinido (um, uns);

b) os pronomes pessoais oblíquos me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes e
suas combinações: mo, to, lho, etc.;

c) o pronome relativo que;

d) as preposições a, com, de, em, por, sem, sob;

e) as combinações de preposição e artigo: o, ao, da, do, na, no, num, etc.;

f) as conjunções e, mas, nem, ou, que, se;

g) as formas de tratamento dom, frei, seu (o senhor).

56

TÔNICOS são aqueles emitidos fortemente. Por terem acento próprio, não necessitam
apoiar-se noutro vocábulo. Exemplos: cê, flor, mau, mêu, mês, mim, pêr, vou, etc.

OBSERVAÇÕES SOBRE A PRONÚNCIA CULTA

1. Atente-se na exata pronúncia das seguintes palavras, para evitar uma
SILABADA, que é a denominação que se dá ao erro de prosódia:

a) são OXÉTONAS:

b)

c)

alôos	Nobel	recom	sutil
Gibraltar	novel	refom	ureter

são PAROXÉTONAS:

alanos	efebo	inaudito	pletora
avaro	erudito	leucemia	policromo
avito	estalido	maquinaria	pudico
aziago	oxul	matula	quiromancia
barbaria	filantropo	misanthropo	refrega
batavo	golfôo	mercancia	rubrica
cartomancia	grôcil	nênfar	Salonica
ciclope	gratuito (ôi)	Normandia	tôctil
decano	hosana	onagro	tôxtil
diatribe	Hungria	opimo	Tibulo
edito (lei)	ibero	pegada	tulipa

são PROPAROXÉTONAS:

ôdvena	areôpago	ôgide	num ida
aerôdromo	arôete	etôope	ômega
aerôlito	arquôtipo	ôxodo	pôramo
ôgape	autôctone	fac-sômile	Pôgaso
ôlacre	azôfama	fagôcito	pôriplo
ôlcali	azômola	farôndula	plôiade
alcôone	bôtega	fôrula	prôstino
alcoôlatra	bôvaro	gôrrulo	prôfugo
ômago	bôgamo	hôjira	protôtipo
amôlgama	bômano	hipôdromo	quadrômano

. anônimo bôlido(-e) idôlatra revôrbero
androgino bromane ômprobo sôtrapa
anômona côfila ônclito Tamisa

57

anôdino antôfona antôfrase antôstrofe

Prefiram-se ainda as pronôncias: barbôrie boômia

cônhamo ônterim Côrbero invôlucro cotilôdone leucôcito ôdito

(ordem Niôgara judicial) trônsfuga vegeto zôfiro zônite

estratôgia sinonômia

2. Para alguns vocôbulos hê, mesmo na lônqua culta, oscilaôôo de pronôncia. Ô o caso de:

ambrôsia ou ambrôsia anidrido ou anôdrido crisôntemo ou crisôntemo hierôglifo ou

hierôglifo Oceania ou Oceônia

ortoepia ou ortôpia projêtil ou projôtil reptil ou rôptil soror ou soror zangôo

ou zangôo

Observaôôo:

Hê por vezes discordôncia na pronôncia mais corrente entre Portugal e o Brasil. Os portugueses dizem comumente pudico e rubrica; os brasileiros, apegados ô

acentuaôôo

que a etimologia recomenda, pronunciam pudico e rubrica-

VALOR DISTINTIVO DO ACENTO TÔNICO

Pela variabilidade de sua posiôôo, o acento pode ter em português valor

"distintivo, fonolôgico.

Comparando, por exemplo, os vocôbulos:

dôvida / duvida

percebemos que a posiôôo do acento tônico ô suficiente para estabelecer uma

oposiôôo, uma distinôôo significativa.

Observaôôo:

Este fato ocorre com mais frequôncia no português do Brasil, pois, no de Portugal,

a mudanôa de posiôôo do acento se faz acompanhar normalmente de uma alteraôôo

no timbre das vogais tônicas que passam a ôtonas. Assim' sendo, a distinôôo

significativa assenta tambêm nessa variaôôo. Por exemplo, no português do Brasil,

correram

opôe-se a correrôo, vôlido a valido, apenas pela posiôôo do acento; no português

de Portugal, porêm, ô oposiôôo ôe dê entre [ku'Rerorw]e [kuRa'ww], ['validu] e

[vo/lidu].

58

ACENTO PRINCIPAL E ACENTO SECUNDÁRIO

Normalmente os vocôbulos de pequeno corpo sô possuem uma sôlaba acentuada em que

se apoiam as demais, ôtonas. Os vocôbulos longos, principalmente os derivados,

costumam

no entanto apresentar, além da sôlaba tônica fundamental, uma ou mais subtônicas.

Dizemos, por exemplo, que as palavras decididamente e inacreditavelmente sôo

PAROXÔTONAS, porque sentimos que em ambas o acento bôsico recai na penôltima

sôlaba

(men). Mas percebemos tambêm que, nas duas palavras, as sôlabas restantes nêo sôo

igualmente ôtonas. Em decididamente, a sôlaba -ai-, mais fraca do que a sôlaba

-men-, ô sem dôvida mais forte do que as outras. Em inacreditavelmente, as sôlabas

-crô- e -ta-, embora mais dôbeis do que a sôlaba -men-, sôo sensivelmente mais

fortes do que as demais. Daô considerarmos PRINCIPAL o acento que recai sobre a

sôlaba

-men- (nos dois exemplos) e SECUNDÁRIOS os que incidem sobre a sôlaba

-di- (em decididamente) ou sobre as sôlabas -crô- e -ta- (em inacreditavelmente) .

GRUPO ACENTUAL (OU DE INTENSIDADE)

As palavras nêo costumam vir isoladas. Geralmente se unem, articulando-se umas com as outras, para formar frases, que sôo as verdadeiras unidades da fala.

Materialmente, a frase constitui uma cadeia sonora com seus acentos principais e

secundários a que pode estar subordinado mais de um vocôbulo. Cada segmento de

frase

dependente de um acento tônico chama-se GRUPO ACENTUAL OU DE INTENSIDADE.

Por exemplo, no período atrás mencionado:

Dias e noites os horizontes se repetem.

Os sete vocábulos, que, de acordo com a rapidez ou lentidão da pronúncia, podem agrupar-se debaixo de três ou quatro acentos principais.

Numa emissão pausada, que ressalte os elementos significativos, o período em exame terá quatro grupos acentuais:

/ Dias / e noites / os horizontes / se repetem./

Se imprimirmos, porém, ritmo acelerado e pronúncia dos dois primeiros grupos:

☉ / Dias / e noites/ ☉,

verificamos que a sílaba tônica da palavra dias se enfraquece, e esse enfra-

quecimento impede que ela continue a servir de suporte fônico de um grupo acentual. O acento que nela recai de principal torna-se secundário e, consequentemente,

o grupo que o tinha por centro de apoio passa a integrar o seguinte, subordinado ao acento da palavra noites:

☉ Dias e noites /

ENCLISE E PROCLISE

Denomina-se ENCLISE a situação de uma palavra que depende do acento tônico da palavra anterior, com a qual forma, assim, um todo fonético. PROCLISE é a situação

contrária: a vinculação de uma palavra tônica e palavra seguinte, a cujo acento tônico se subordina. São PROCLÉTICOS, por exemplo, o artigo, as preposições e as conjunções

monossilábicas. São geralmente ENCLÉTICOS os pronomes pessoais tônicos.

A ENCLISE e, sobretudo, a PROCLISE são responsáveis por frequentes alterações vocabulares. Perdendo o seu acento tônico (a "alma da palavra", no dizer de Diomedes),

um vocábulo perde o seu centro de resistência e fica sujeito a reduções violentas. Vejam-se, por exemplo, estes versos de Raul Bopp:

☉ Vamos pros Índias!

☉ Olha! Melhor mesmo ☉ buscar vento mais pro fundo.

em que aparecem as formas pros e pro, abreviações de para as e para o provocadas pela PROCLISE. Também a forma seu (por senhor), que ocorre neste passo de Marques Rebelo:

Segura esta, seu Fagundes!...

☉ um caso de redução proclética. Se dissessemos, por exemplo: Fagundes, o senhor segura esta!...

não seria mais possível a substituição de senhor por seu, já que a autonomia acentual da palavra a resguardaria de qualquer mutilação.

Explicam-se também como consequência da PROCLISE as formas cem (por cento), grão (por grande), quão (por quanto), são (por santo), tão (por tanto) e frequentes elisões, sinalefas e síncresei, que se observam no enunciado versificado ou na linguagem popular. Veja-se, a propósito, Sousa da Silveira. Fonética sintética. Rio

de Janeiro, Simões, 1952, especialmente p. 86-125.

60

ACENTO DE INSISTÊNCIA

Além dos acentos normais (PRINCIPAL e SECUNDÁRIO), uma palavra pode receber outro, chamado de INSISTÊNCIA, que serve para realçá-la em determinado contexto, quer impregnando-a de afetividade (emoção), quer dando ênfase e ideia que expressa. Daí distinguirmos dois tipos de ACENTO DE INSISTÊNCIA: o ACENTO AFETIVO e o ACENTO INTELLECTUAL.

ACENTO AFETIVO

Se enunciarmos calmamente, sem intenção particular, a frase: ☉ um homem miserável,

a pronúncia da palavra miserável caracteriza-se por apresentar acentuada apenas a sílaba -rá-. É ela emitida com maior intensidade, com maior altura e, às vezes, com maior duração que as demais.

Mas a mesma frase pode ser enunciada num momento em que nos achamos presos de certa emoção. Podemos, por exemplo, estar possuídos de um sentimento de cólera ou de

desprezo em relação ao indivíduo que consideramos miserável. Esse nosso sentimento exprime-se então foneticamente por um realce particular dado à sílaba inicial mi-, que passa a competir na palavra com a tônica -rá-. Chega a igualá-la, quanto à intensidade e a altura, e até a superá-la, quanto à duração da vogal e, principalmente,

da consoante que a antecede.

No primeiro caso, a palavra recebe apenas um acento; no segundo, ela possui dois, quase equivalentes. A esse novo acento, de caráter emocional, chamamos ACENTO AFETIVO.

ACENTO INTELECTUAL

Com o ACENTO AFETIVO impressionamos determinada palavra de emoção particular. E ele uma espécie de comentário sentimental que fazemos a um elemento do enunciado. Mas nem sempre o realce sonoro de uma sílaba diversa da tônica normal põe em jogo a nossa sensibilidade aguçada. É por vezes um recurso eficaz de que dispomos para valorizar uma noção, para defini-la, para caracterizá-la, geralmente contrastando-a com outra. Por sua função, denominamos ACENTO INTELECTUAL 3 CSSC tipo de ACENTO DE INSISTÊNCIA.

61

Exemplifiquemos com os seguintes dizeres:

Esta medida é arbitrária.

Fez uso exclusivo e abusivo do carro.

Não se trata de um ato imoral, mas amoral.

Quero razões objetivas e não subjetivas.

Se quisermos dar relevo significativo às palavras arbitrária, exclusivo, abusivo, imoral, amoral, objetivas e subjetivas, imprimimos à sílaba inicial de cada uma delas maior duração, maior altura e, sobretudo, maior intensidade.

Tal como o ACENTO AFETIVO, o ACENTO INTELECTUAL é inesperado, brusco, violento, características que os estremam do acento tônico normal, suporte do grupo rítmico e, portanto, esperado, regular. São justamente essas peculiaridades dos dois tipos de ACENTO DE INSISTÊNCIA que fazem ressaltar vivamente num contexto as palavras sobre as quais eles incidem.

DISTINÇÕES FUNDAMENTAIS

O ACENTO INTELECTUAL distingue-se do ACENTO AFETIVO não só pela função, mas também por particularidades fonéticas. Assim:

a) O ACENTO INTELECTUAL recai sempre na primeira sílaba da palavra, seja ela iniciada por consoante, seja por vogal. O ACENTO AFETIVO incide na primeira sílaba da

palavra quando esta se inicia por consoante, mas pode recair na sílaba seguinte, se ela começar por vogal. Nas palavras de pequeno corpo o ACENTO AFETIVO costuma coincidir com o acento tônico normal. Comparem-se:

ACENTO INTELECTUAL

São razões subjetivas! Foi uma ação arbitrária! Trata-se de ato ilegal!

ACENTO AFETIVO

É um homem miserável! É uma pessoa abominável! Esta criança é um amor!

b) Ambos reforçam a consoante inicial da sílaba sobre que recaem, mas o realce que dão à vogal seguinte é de natureza diversa. O ACENTO INTELECTUAL aumenta-a em duração, em altura e, sobretudo, em intensidade. O ACENTO AFETIVO aumenta-a em intensidade, mas principalmente em duração e altura.

62

ORTOGRAFIA

LETRA E ALFABETO

1. Para reproduzirmos na escrita as palavras de nossa língua, empregamos um certo

auto-retrato, auto-sugestão, neo-escolástica, neo-humanismo, neo-republicano, proto-érico, proto-histórico, proto-renascença, proto-sulfureto, pseudo-herói, pseudo-revelação,

pseudo-sábio, semi-homem, semi-reta, semi-selvagem;

4?) nos compostos com os radicais pan- e mal-, quando o elemento seguinte começa por vogal ou h: pan-americano, pan-helênico, mal-educado, mal-humorado;

66

5?) nos compostos com bem, quando o elemento seguinte tem vida autónoma, ou quando a pronúncia o requer: bem-ditoso, bem-aventurança;

6?) nos compostos com sem, além, aquém e recém: sem-cerimónia, além-mar, aquém-jronteiras, recém-casado.

Advirta-se por fim, que as abreviaturas e os derivados desses compostos conservam o HÍFEN: ten.-c.'l (= tenente-coronel), para-quedista, bem-te-vizinho, sem-cerimonioso.

EMPREGO DO HÍFEN NA PREFIXAÇÃO

O prefixo escreve-se geralmente aglutinado ao radical. Há casos, porém, em que a ligação dos dois elementos se deve fazer por HÍFEN. Assim, nos vocábulos formados pelos prefixos:

a) contra-, extra-, infra-, intra-, supra- e ultra-, quando seguidos de radical iniciado por vogal, h, r ou s: contra-almirante, extra-regimental, infra-escrito, intra-hepático, supra-sumo, ultra-rápido; exclui-se a palavra extraordinário, cuja aglutinação está consagrada pelo uso;

b) ante-, anti-, arqui- e sobre-, quando seguidos de radical principiado por h, r ou s: ante-histórico, anti-higiénico, arqui-rabino, sobre-saia;

c) super- e inter-, quando seguidos de radical começado por h ou r: super-homem, super-revisão, inter-helênico, inter-resistente;

d) ab-, ad-, ob-, sob- e sub-, quando seguidos de radical iniciado por ' r: ab-rogar, ad-rogação, ob-reptício, sob-roda, sub-reino;

e) sota-, solo-, vice- (ou v/zo-) e ex- (este último com o sentido de cessamento ou estado anterior): sota-piloto, soto-ministro, vice-reitor, vizo-rei, ex-diretor;

f) pós-, pró- e pro-, quando têm significado e acento próprios; ao contrário das formas homógrafas inacentuadas, que se aglutinam com o radical seguinte: pós-diluviano,

mas pospor; pró-escolar, mas preestabelecer; pró-britânico, mas procônsul.

EMPREGO DO HÍFEN COM AS FORMAS DO VERBO HAVER

Em Portugal, a ortografia oficialmente, adotada impõe o emprego do HÍFEN entre as formas monossilábicas de haver e a preposição de: hei-de, hês-de, hê-de, hêo-de.

No Brasil, não se usa nestes casos o HÍFEN, escrevendo-se: hei de, hês de, hê de, hêo de.

PARTIÇÃO DAS PALAVRAS NO FIM DA LINHA

Quando não há espaço no fim da linha para escrevermos uma palavra inteira, podemos dividi-la em duas partes. Esta separação, que se indica

67

por meio de um HÍFEN, obedece às regras de silabação. São inseparáveis os elementos de cada sílaba.

Convém, portanto, serem respeitadas as seguintes normas: l*) Não se separam as letras com que representamos:

a) os ditongos e os tritongos, bem como os grupos ia, ie, io, oa, ua, ue e uo, que, quando tônos finais, soam normalmente numa sílaba (DI-TONGO CRESCENTE), mas

podem ser pronunciados em duas (HIATO):

au-ro-ra Pa-ra-guai m-Goa

mui-to gl-ria r-gua

par-tiu c-rie t-nue

a-g-en-tar M-rio con-t-guo

b) os encontros consonantais que iniciam sílaba e os dígrafos ch, lh e nh:
pneu-m-ti-co

psi-có-lo-go
mne-mó-ni-co
a-bro-lhos
es-cla-re-cer
re-gre-dir
ra-char
fi-lho
ma-nhó

2a) Separam-se as letras com que representamos: a) as vogais de hiatos:

co-or-de-nar ca-ó-eis
fi-el mi-ó-do
ra-i-nha sa-ó-de

b) as consoantes seguidas que pertencem a sílabas diferentes:

ab-di-car abs-tra-ir
bis-ne-to oc-ci-pi-tal
sub-ju-gar subs-cre-ver

3a) Separam-se também as letras dos dígrafos rr, ss, se, só e xc:

ter-ra pro-fes-sor
des-cer abs-ces-so
cres-óa ex-ce-der

Observações:

1.) Quando a palavra jô se escreve com HÓFEN ó quer por ser composta, quer por ser uma forma verbal seguida de pronome ótono ó, e coincidir o fim da linha

68 com o lugar onde está o HÓFEN, pode-se repeti-lo, por clareza, no início da linha seguinte. Assim:

couve-flor = couve-Aflor unamo-nos = unamo-/-nos

2.) Embora o sistema ortográfico vigente o permita, não se deve escrever no princípio ou no fim da linha uma só vogal. Evite-se, por conseguinte, a partição de

vocábulo como ógua, aó, aqui, baó, rua, etc. Melhor será também que se dividam vocábulo como abrasar, aguentar, agradecer, equidade, ortografia, pavio e outros apenas nos lugares indicados pelo HÓFEN:

abra-sar eqó-i-da-de
agó-en-tar or-to-gra-fia
agra-dar pa-vio

DITONGOS

Vimos no capítulo anterior que, normalmente, se representam por i e u as semivogais dos ditongos orais: Observe-se, porém, que:

a) a 1a, 2a e 3a pessoa do singular do presente do subjuntivo, bem como a 3a pessoa do singular no imperativo dos verbos terminados em -oar escrevem-se com -oe,

e não -oi:

abenóe
amaldióoes
perdoe

b) as mesmas pessoas dos verbos terminados em -uar escrevem-se com -ue, e não -ui:

cultue
habitue
preceitue

REGRAS DE ACENTUAÇÃO

A acentuação gráfica obedece às seguintes regras:

1a) Assinalam-se com o acento agudo os vocábulo oxótonos que terminam em a aberto, e e o semi-abertos, e com acento circunflexo os que acabam em e e o semifechados,

seguidos, ou não, de s: cajó, hós, jacaró, pós, seridó, só; dendó, lós, trisavó; etc.

Observação:

Nesta regra se incluem as formas verbais em que, depois de a, e, o, se assimilaram o r, o s e o z ao / do pronome Io, Ia, los, Ias, caindo depois o primeiro l: d^o-lo, cont^o-la, f^o-lo-^o, f^o-los, mov^o-las-ia, p^o-los, qu^o-los, sab^o-lo-emos, tr^o-lo-^s,etc.

69

2a) Todas as palavras proparox^otonas devem ser acentuadas graficamente: recebem o acento agudo as que t^om na antepen^oltima s^olaba as vogais a aberta, e ou o semi-abertas,

i ou u; e levam acento circunflexo aquelas em que figuram na s^olaba predominante as vogais a, e, o semifechadas: ^orabe, ex^orcito, g^otico, l^ompido, louvar^oamos, p^oblico,

^ombrico; l^omina, l^ompada, dev^ossemos, l^omures, p^ondula, f^olego, rec^ondito, etc.

Observa^oes:

1. *) Incluem-se neste preceito os voc^obulos terminados em encontros voc^olicos que costumam ser pronunciados como ditongos crescentes: ^orea, espont^oneo, ignor^oncia, imund^ocie, l^orio, m^ogoa, r^ogua, v^ocuo, etc.

2. ') Nas palavras proparox^otonas que t^om na antepen^oltima s^olaba as vogais a, e e o seguidas de m ou n, estas s^oo, no portugu^os-padr^oo do Brasil, sempre semifechadas

(em geral nasalizadas), raz^oo por que levam acento circunflexo. No portugu^os-padr^oo de Portugal podem ser ou semifechadas ou semi-abertas, pelo que a ortografia

em vigor manda que se lhes ponha acento circunflexo, se s^oo semifechadas, e acento agudo, se semi-abertas. Por isso, de acordo .com a pron^oncia-padr^oo, escrevem-se no Brasil: ^omag^o, ^onimo, f^omea, s^omola, c^omor^o e, da mesma forma, acad^omico, an^omona, c^onico, Amaz^onia, Ant^onio, fen^omeno, quil^ometro; ao passo que em Portugal,

tamb^om de acordo com a pron^oncia-padr^oo, se adotam as grafias ^omag^o, ^onimo, f^omea, s^omola, c^omor^o, mas acad^omico, an^omona, c^onico, Amaz^onia, Ant^onio, fen^omeno, quil^ometro.

3") Os voc^obulos parox^otonos. finalizados em i ou w, seguidos, ou n^oo, de s, marcam-se com acento agudo quando na s^olaba t^onica figuram n^o aberto, e ou o semi-abertos,

i ou u; e com acento circunflexo quando nela figuram a, e, o semifechados: l^opis, berib^ori, mios^otis, ^oris, j^ori, d^ondi, t^onis, b^onus.

Observa^oes;

1. ') Paralelamente ao que ocorre com as palavras proparox^otonas, nas palavras parox^otonas que t^om na pen^oltima s^olaba as vogais a, e e o seguidas de m ou n, estas

s^oo, no portugu^os-padr^oo do Brasil, sempre semifechadas (em geral nasalizadas), pelo que levam acento circunflexo. No portugu^os-padr^oo de Portugal podem ser ou semifechadas

ou semi-abertas, pelo que recebem acento circunflexo, se s^oo semifechadas, e acento agudo, se semi-abertas. Estas as raz^oes por que se adotam, no Brasil, as grafias

^onus, cert^omen, e tamb^om f^omur, F^onix, t^onis, ^onus, b^onus; ao passo que, em Portugal, se escrevem ^onus, cert^omen, mas f^omur, F^onix,, t^onis, ^onus, b^onus.

2. ') Entre as palavras parox^otonas, cumpre ressaltar o caso da 1.* pessoa do plural dos verbos da 1.* conjuga^oo, que, no presente e no pret^orito perfeito do indicativo,

apresentam a t^onico seguido de m. No portugu^os-padr^oo do Brasil (e em v^orios dialetos portugueses meridionais) a vogal ^o igualmente semifechada nos dois tempos,

enquanto no portugu^os-padr^oo de Portugal ela ^o semifechada no presente e aberta no pret^orito perfeito do indicativo^o. Assim sendo, nenhuma das formas ^o

1 Em certos dialetos portugueses setentrionais, a vogal a ^o, em geral, aberta nos dois tempos.

acentuada no Brasil, ao passo que, pelo sistema ortográfico português, recebe acento agudo a forma do pretérito perfeito: amamos (presente), amamos (pretérito perfeito).

3.) Também no português-padrão do Brasil a forma demos pronuncia-se com e semifechado [e], seja ela 1.* pessoa do presente do subjuntivo ou do pretérito perfeito

do indicativo, razão por que não recebe nenhum acento gráfico. Já no português-padrão europeu, a vogal e semifechada no presente do subjuntivo [e] e semiaberta no

pretérito perfeito do indicativo [e], pelo que a ortografia portuguesa manda apor-lhe um acento agudo no segundo caso. Daí as grafias demos (presente do subjuntivo)

e dōmos (pretérito perfeito do indicativo).

4.) No português-padrão do Brasil distinguem-se na pronúncia dois grupos de palavras terminados em -eia: um em que a vogal e semi-aberta e vem marcada com acento

agudo: assembleia, hebreia, ideia; outro em que a vogal e semifechada e, por conseguinte, não se acentua graficamente: feia, meia, passeia. No português-padrão de

Portugal não se diferenciam fonicamente estes dois grupos de palavras, razão por que o e nunca vem acentuado. O ditongo e no caso sempre pronunciado [oj]-

5.) As palavras paroxítonas terminadas em -oo, apesar de terem a mesma pronúncia em todo o domínio do idioma, não são acentuadas graficamente no português de Portugal,

ao passo que no português do Brasil recebem um acento circunflexo no primeiro o. Assim: enjoo, voo (em Portugal), enjoo, voo (no Brasil).

6.*) Tanto em Portugal como no Brasil emprega-se o acento circunflexo sobre a vogal tônica semifechada da forma pode, do pretérito perfeito do indicativo, para distingui-la

de pode, do presente do indicativo, com vogal tônica semi-aberta.

7.) Pelos sistemas ortográficos vigentes nos dois países, os paroxítonos terminados em -um, -uns recebem acento agudo na sílaba tônica: álbum, albuns, etc.

8.) Também é comum aos dois sistemas ortográficos não se acentuarem os pseudoprefixos paroxítonos terminados em -i: semi-oficial, etc.

4a) Põe-se acento agudo no i e no u tônicos que não formam ditongo com a vogal anterior: aó, balaóstre, cafeóna, caós, contraó-la, distribuó-lo, egoósta, faóscas,

heroóna, juózo, paós, peóga, saóa, saóde, timboóva, vióvo, etc.

ObMrracóek

1.) Não se coloca o acento agudo no e e no u quando, precedidos de vogal que com eles não forma ditongo, são seguidos de /, m, n, r ou z que não iniciam sílabas e, ainda, nh: adail, contribuinte, demiurgo, juiz, paul, retribuides, ruim, tainha, ventoinha, etc.

2.*) Também não se assinala com acento agudo a base dos ditongos tônicos iu e ui quando precedidos de vogal: atraiu, contribuiu, paus, etc.

5a) Assinala-se com o acento agudo o u tônico precedido de g ou q e seguido de e ou i: argói, argóis, averigóe, averigóes, obliqóe, obtujóes, etc.

6a) Põe-se o acento agudo na base dos ditongos semi-abertos oi, eu, oi, quando tônicos: barchois, chapóu, jibóia, lóio, paranóico, rouxinóis, etc.

71

r

Observaóóo:

Quanto e grafia das palavras terminadas em -eia, veja-se o que se disse na Regra 3.', Observaóóo 4.'.

7?) Marca-se com o acento agudo o e da terminação em ou ens das palavras oxítonas: alguóm, armazóm, convóm, convóens, detóm-lo, mnntóm-na, parabóens, ..retóm-no, tambóm,

etc.

Observações:

1.*) Não se acentuam graficamente os vocábulos paroxítonos finalizados por em ou ens: ontem, origem, imagens, jovens, nuvens, etc.

2.*) A terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos ter, vir e seus compostos recebe acento circunflexo no e da sílaba tônica: (eles) contêm, (elas)

convêm, (eles) têm, (elas) vêm, etc.

3.º) Conserva-se, por clareza gráfica, o acento circunflexo do singular crê, dê, lê, vê no plural crêm, dêem, lêem, vêem e nos compostos desses verbos, como descrevem,

desdêm, relêm, revêm, etc.

8?) Sobrepe-se o acento agudo ao a aberto, ao e ou o semi-abertos e ao / ou u da penúltima sílaba dos vocábulos paroxítonos que acabam em /, n, r e x; e o acento circunflexo ao a, e e o semifechados: açúcar, afável, alômen, córtex, ôter, hōfen, aljôfar, ôambar, cōnon, ôxul, etc.

Observação:

Não se acentuam graficamente os prefixos paroxítonos terminados em r: interhumano, super-homem, etc.

9") Marca-se com o competente acento, agudo ou circunflexo, a vogal da sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos acabados em ditongo oral: ôgeis, devôreis, escrevôsseis,

farôeis, fôrteis, fôsseis, fôsseis, imôveis, jôquei, pônseis, pusôsseis, quisôsseis, tônheis, tôneis, ôteis, variôveis, etc.

10?) Usa-se o til para indicar a nasalização, e vale como acento tônico se outro acento não figura no vocábulo: afê, capitéis, coraôo, devoôes, põem, etc.

Observação:

Se ô tôna a sílaba onde figura o til, acentua-se graficamente a predominante: acôrdôo, bônôo, ôrfô, etc.

11?) No Brasil, de acordo com a ortografia oficial em vigor, emprega-se o trema no u que se pronuncia depois de g ou q e seguido de e ou i: aguentar, arguiôo, eloquente,

tranquilo, etc. Em Portugal, o emprego do trema foi abolido em todos os casos a partir do acordo ortográfico de 1945.

12?) Recebem acento agudo os seguintes vocábulos que estão em homografia com outros: ôs (s. m.), cf. ôs (contr. da prep. a com o art. ou pron. as); pôra (v.), cf.

para (prep.); pôla, pôlas (s. f. e v.), cf. pela, pelas (agi. da prep. per com o art. ou pron. Ia, Ias); pô/o-(v.), cf. pelo (agi. da prep. per com o art. ou pron.

Io); pôra (el. do s. f. comp. pôra-fita), cf. pôra (prep. ant.); pôlo, pôlos (s. m.), cf. polo, poios (agi. da prep. por com o art. ou pron. /o,- los); etc.

13?) O acento grave assinala as contrações da preposição a com o artigo a e com*os pronomes demonstrativos a, aquele, aqueloutro, aquilo, as quais se escreverão assim: ô, ôs, ôquele, ôquela, ôqueles, ôquelas, ôquilo, aqueloutro, ôqueloutra, ôqueloutros, ôqueloutras.

DIVERGÊNCIAS ENTRE AS ORTOGRAFIAS

OFICIALMENTE ADOTADAS EM PORTUGAL

E NO BRASIL

Além das divergências atrás mencionadas que dizem respeito ao emprego do trema, do hōfen e, principalmente, da acentuação ô divergência esta que, vimos, corresponde,

em geral, ô diversidade de pronúncia de certas vogais tônicas ô, persiste ainda uma importante diferença entre os sistemas ortográficos oficialmente adotados em Portugal e no Brasil: o tratamento das chamadas "consoantes mudas".

No Brasil, por disposição do Formulário Ortográfico de 1943, as consoantes etimológicas finais de sílaba (implosivas), quando não articuladas ô ou seja, quando "mudas"

deixaram de se escrever. Em Portugal, no entanto, em conformidade com o texto do Acordo de 1945, continuaram a ser grafadas sempre que se seguem as vogais tônicas a (aberta), e ou o (semi-abertas), como forma de indicar a abertura dessas vogais³. Por uma razão de coerência, mantêm-se tais consoantes em sílaba tônica nas palavras

pertencentes à mesma família ou flexão.

1 Em Portugal, a ortografia oficialmente adotada é a do Acordo Ortográfico de 1945, assinado em Lisboa, a 10 de agosto de 1945, por uma Comissão composta de

membros da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras. Esse Acordo não entrou em vigor no Brasil por não ter sido ratificado pelo Congresso Nacional.

1 No Brasil vigoram oficialmente as normas do Formulário Ortográfico de 1943, consubstanciadas no Vocabulário Ortográfico, publicado no mesmo ano, com as leves alterações

determinadas pela Lei n.º 5.765, de 18 de dezembro de 1971. 1 Hó, porém, no português-padrão de Portugal vogais pré-tônicas, provenientes de antiga crase, que conservam

o timbre aberto ([a]) ou semi-aberto ([E],[3]), sem que o fato seja assinalado na escrita. Assim: padeiro, pegada, corar.

72

73

Essa forma de distinguir, no português europeu, as pretônicas abertas ou semi-abertas das reduzidas não se justifica no português do Brasil, em cuja pronúncia-padrão

não há pretônicas reduzidas, tendo-se as vogais nesta posição neutralizado num a aberto e num e ou num o semifechados. Daí escrever-se em Portugal: acto, accção, accionar, accionista, baptismo, baptizar, director, correcto, correcção, óptimo, optimismo, adoptar, adopção; t no Brasil: ato, ação, acionar, acionista, batismo, batizar, direior, carreto, correção, otimo, otimismo, adotar, adoção.

Existe, no entanto, um certo número de palavras em que a consoante final de sílaba é articulada tanto em Portugal como no Brasil e, nesse caso, a ortografia dos dois países é uniforme. Assim: autóctone, compacto, apto, inepto, etc.

Raríssimos são os exemplos que se apontam em que esta consoante é efetivamente pronunciada em Portugal e não no Brasil, como factó (em Portugal) e fato (no Brasil).

Finalmente, há casos em que se verifica uma oscilação em ambas as variantes do português e nos quais a ortografia brasileira (e não a portuguesa) admite grafias duplas: aspecto / aspeto, dactilografia / datilografia, infecção / infeção, etc.

74

CLASSE, ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

PALAVRA E MORFEMA

1. Uma língua é constituída de um conjunto infinito de frases. Cada uma delas possui uma face sonora, ou seja a cadeia falada, e uma face significativa, que corresponde

ao seu conteúdo. Uma frase, por sua vez, pode ser dividida em unidades menores de som e significado e as PALAVRAS e em unidades ainda menores, que apresentam apenas

a face significante

OS FONEMAS.

As palavras são, pois, unidades menores que a frase e maiores que o fonema. Assim, na frase

Óvora! Ruas ermas sob os céus Cor de violetas roxas...

(F. Espanca, S, 149.)

distinguimos dez palavras, todas com independência ortográfica. E em cada uma dessas palavras identificamos um certo número de fonemas. Por exemplo, cinco em

Óvora:

/tʃ /v/ /o/ /r/ /a/, e quatro em ruas:

/r/ /u/ /a/ /s/

2. Existem, no entanto, unidades de som e conteúdo menores que as palavras. Assim, em ruas temos de reconhecer a existência de duas unidades significativas: rua e -s. O primeiro elemento \emptyset rua \emptyset também se emprega como palavra isolada ou serve para formar outras palavras isoladas: arruada, arruamento, etc. Já a forma plural -s, que vai aparecer no final de muitas outras palavras (ermas, ruas, violetas, roxas, etc.), nunca poderá realizar-se como palavra individual, autônoma.

A essas unidades significativas mínimas dá-se o nome de MORFEMA.

75

r

3. Os morfemas podem apresentar variação, por vezes acentuada, em suas realizações fonéticas. \emptyset o caso do morfema plural do português, cuja pronúncia está sempre condicionada \emptyset natureza do som seguinte.

Nos falares de Lisboa e do Rio de Janeiro, por exemplo, o -s plural de casas assume forma fonética diferente em cada um dos três enunciados:

Casas amarelas.

Casas bonitas.

Casas pequenas.

Realiza-se:

a) como [z], ao ligar-se \emptyset vogal inicial da palavra amarelas;

b) como [ʒ], antes da palavra bonitas, iniciada por consoante sonora;

c) como [ʃ], antes da palavra pequenas, iniciada por consoante surda.

A última realização [ʃ] \emptyset também a que apresenta o morfema de plural diante de pausa, como podemos observar nas formas amarelas, bonitas e pequenas dos exemplos citados.

A essas manifestações fonéticas diferentes de um único morfema dá-se o nome de VARIANTE DE MORFEMA ou ALOMORFE.

TIPOS DE MORFEMAS

1. Quando, na análise da palavra ruas, distinguimos dois morfemas, observamos que um deles \emptyset rua \emptyset forma por si só um vocábulo, enquanto o morfema -s não tem existência

autônoma, aparecendo sempre ligado a um morfema anterior. Os linguistas costumam chamar MORFEMAS LIVRES os que podem figurar sozinhos como vocábulos, e MORFEMAS PRESOS aqueles que não se encontram nunca isolados, com autonomia vocabular.

2. Quanto \emptyset natureza da significação, os morfemas classificam-se em LEXICAIS e GRAMATICAIS.

Os morfemas lexicais têm significação externa, porque referente a fatos do mundo extralingüístico, aos símbolos básicos de tudo o que os falantes distinguem na realidade

objetiva ou subjetiva. Assim:

rua erma

rua cor

rua roxa

rua tristeza

Já a significação dos morfemas gramaticais \emptyset interna, pois deriva das relações e categorias levadas em conta pela língua. Assim, em nossa frase-exemplo, o artigo o, as preposições de e sob, a marca de feminino -a (rox-a, erm-a) e a de plural -s (rua-s, erma-s, rua-s, violeta-s, roxa-s).

3. Outras características, não semânticas, opõem os morfemas lexicais aos gramaticais. Aqueles são de número elevado, indefinido, em virtude de constituírem uma classe aberta, sempre passível de ser acrescida de novos elementos; estes pertencem a uma série fechada, de número definido e restrito no idioma. Em decorrência, se os examinarmos num dado texto, verificaremos que os primeiros apresentam frequência média baixa, em contraste com a frequência média alta

dos últimos.

Observações:

1.*) Os morfemas lexicais são também chamados LEXEMAS ou SEMANTEMAS. Aos morfemas

gramaticais linguistas modernos costumam dar o nome de GRAMEMAS ou de FORMANTES.

2.) Não se deve confundir o conceito de significação linguística interna, aplicável aos morfemas gramaticais, com a ideia de morfema vazio, desprovido de conteúdo, infelizmente muito vulgarizada. Basta atentarmos nos efeitos que a autora do texto abaixo obtém da oposição entre as preposições em, com, para e por para nos certificarmos

de que os morfemas gramaticais têm a sua significação própria:

Hoje eu queria andar l em cima, nas nuvens, com as nuvens, pelas nuvens, para as nuvens.

(C. Meireles, Q, I, 119.)

CLASSES DE PALAVRAS

1. Estabelecida a distinção entre morfema lexical e morfema gramatical, podemos agora relacionar cada um deles com as CLASSES DE PALAVRAS.

São morfemas lexicais os substantivos, os adjetivos, os verbos e os advérbios de modo. São morfemas gramaticais os artigos, os pronomes, os numerais, as preposições,

as conjunções e os demais advérbios, bem como as formas indicadoras de número, gênero, tempo, modo ou aspecto verbal.

2. As classes de palavras podem ser também agrupadas em VARIÁVEIS e INVARIÁVEIS, de acordo com a possibilidade ou a impossibilidade de se combinarem com os morfemas

flexionais ou desinências.

São variáveis os substantivos, os adjetivos, os artigos e certos numerais e pronomes, que se combinam com morfemas gramaticais que expressam o gênero e o número;

o verbo, que se liga a morfemas gramaticais de-notadores do tempo, do modo, do aspecto, do número e da pessoa.

São invariáveis os advérbios, as preposições, as conjunções e certos pronomes, classes que não admitem se lhes agregue uma desinência.

A interjeição, vocábulo-frase, fica excluída de qualquer das classificações.

76

77

ESTRUTURA DAS PALAVRAS RADICAL

Ao que chamamos até agora MORFEMA LEXICAL dá-se tradicionalmente o nome de RADICAL. É o radical que irmana as palavras da mesma família e lhes transmite uma base

comum de significação.

A ele se agregam, como vimos, os MORFEMAS GRAMATICAIS, que podem ser uma DESINÊNCIA (ou MORFEMA FLEXIONAL), um AFIXO (ou MORFEMA DERIVACIONAL) OU Uma VOGAL TEMÁTICA.

DESINÊNCIA

As DESINÊNCIAS, ou MORFEMAS FLEXIONAIS, servem para indicar:

- a) o gênero e o número dos substantivos, dos adjetivos e de certos pronomes;
- b) o número e a pessoa dos verbos.

Assim, no adjetivo ermas e numa forma verbal como renovamos, temos as seguintes desinências:

-a, para caracterizar o feminino (em ermas);

-s, para denotar o plural (em ermas);

-mos, para expressar a 1ª pessoa do plural (em renovamos).

Há, por conseguinte, em português DESINÊNCIAS NOMINAIS e DESINÊNCIAS VERBAIS.

DESINÊNCIAS NOMINAIS. São:

GÊNERO		NÚMERO	
Masculino	Feminino	Singular	Plural
o	-a	o	os

O SINGULAR caracteriza-se pela ausência de qualquer desinência, ou melhor, pela

DESINONCIA-ZERO, pois a falta, no caso, é um sinal particula-rizante.

DESINONCIAS VERBAIS. As flexões de pessoa e número são expressas nos verbos por desinoncias especiais, que podemos distribuir por três gru-

78

pos: desinoncias do presente do indicativo, do pretérito perfeito do indicativo e do infinitivo pessoal (= futuro do subjuntivo):

PESSOAL FOT. DO SUBJUNTIVO	PRESENTE		PRETÉRITO PERFEITO		INFINITIVO	
	Singular	Plural	Singular	Plural	Singular	Plural
1.ª	-o'	-mões	-l	-mões	-mões	-mões
2.ª*	-s	-is (-dões)	-ste	-stes	-es	-dões
3.ª'	Ø	-m	-u	-ram	-em	-em

Nas outras formas finitas, as desinoncias são as mesmas do presente do indicativo, salvo na primeira pessoa do singular, que, como a terceira, se caracteriza pela falta de qualquer desinoncia.

Obscrvaçao:

Para facilitar a aprendizagem, dissemos que a DESINONCIA da 3.ª pessoa do plural é -m (ou -ram, -em). Mas, em verdade, o -m que a aparece é um mero símbolo gráfico,

pois nestas formas verbais as terminaões -om e -em são apenas modos de representar, na escrita, os ditongos nasais tonos [ow] e [oj].

AFIXO

Os AFIOS, ou MORFEMAS DERTVACIONAIS, são elementos que modificam geralmente de maneira precisa o sentido do radical a que se agregam. Os AFIOS que se antepem ao radical chamam-se PREFIXOS; os que a ele se pospõem denominam-se SUFIOS.

Assim, em desterrar e renovamos aparecem os PREFIXOS:

dos-, que empresta ao primeiro verbo a ideia de separaão;

re-, que ao segundo acrescenta o sentido de repetião de um fato.

Os SUFIOS, como as desinoncias, unem-se à parte final do radical. Mas, enquanto estas caracterizam apenas o gênero, o número ou a pessoa da palavra, sem lhe

alterar o sentido lexical ou a classe, os SUFIOS transformam substancialmente o radical a que se juntam. Assim, em terroso, terreiro, novinho e novamente, encontramos os SUFIOS:

79

-oso, que do substantivo terra forma um adjetivo (terroso) ;

-eiro, que do substantivo terra forma outro substantivo (terreiro);

-inho, que do adjetivo novo forma um diminutivo (no-vinho);

-mente, que do feminino do adjetivo novo forma um advérbio (novamente).

Observaão:

Esta distinção entre sufixo e desinoncia, nem sempre observada pelos linguistas modernos, pertence à análise morfica tradicional.

Poderíamos simplificar a classificaão desses morfemas gramaticais:

1.ª) considerando-os apenas sob o aspecto formal, caso em que a denominaão de sufixo, com abarc-la, dispensaria a de desinoncia;

2.ª) distinguindo-os pelo aspecto funcional: as desinoncias identificar-se-iam com os morfemas flexionais, e os sufixos seriam somente morfemas derivacionais.

Nesta última hipótese, as características de tempo e modo e, por extensão, as das formas nominais do verbo ficariam incluás nas desinoncias.

VOGAL TEMÁTICA

Na análise da forma verbal renovamos, distinguimos três elementos formativos:

a) o RADICAL: nov-

b) a DESINONCIA NÚMERO-PESSOAL: -mões

c) o PREFIXO: re-

Falta identificarmos apenas a vogal a, que aparece entre o radical nov- e a desinoncia -mões, vogal que encontramos também na forma de infinitivo fumar, entre o radical

fum- e a desinência -r.

Nos dois casos, vemos, ela está indicando que os verbos em causa pertencem à 1ª conjugação. A essas vogais que caracterizam a conjugação dos verbos dá-se o nome de VOGAIS TEMÁTICAS. São elas:

-a-, para os verbos da 1ª conjugação (fum-a-r, renov-a-mos);

-e-, para os da 2ª (dev-e-r, faz-e-mos);

-i-, para os da 3ª (part-i-r, constru-i-mos).

O RADICAL acrescido de uma VOGAL TEMÁTICA, isto é, pronto para receber uma desinência (ou um sufixo), denomina-se TEMA.

80

Observação:

Não há acordo entre os linguistas quanto à inclusão das VOGAIS TEMÁTICAS entre os morfemas. Parece-nos que, assim como as desinências, elas fazem parte dos morfemas

gramaticais categóricos, pois também distribuem os radicais em classes. Por si mesmas nada significam, mas poder-se-ia talvez dizer que, no caso, a função é a significação.

VOGAL E CONSOANTE DE LIGAÇÃO

Os elementos mortuos até aqui estudados entram sempre na estrutura do vocábulo com determinado valor significativo externo ou interno. Há, porém, outros que são insignificativos, e servem apenas para evitar dissonâncias (hiatos, encontros consonantais) na junção daqueles elementos.

Se examinarmos, por exemplo, os vocábulos gasômetro e cafeteira, verificamos que:

a) o primeiro é formado de dois radicais é gás- + -metro é, ligados pela vogal -o-, sem valor significativo;

b) o segundo é constituído do radical cafê- + o sufixo -eira, entre os quais aparece a consoante insignificativa -t- para evitar o desagradável hiato -êê-,

A esses sons, empregados para tornar a pronúncia das palavras mais fácil ou eufônica, dá-se o nome de VOGAIS e CONSOANTES DE LIGAÇÃO.

Observação:

Observa-se na linguística moderna a tendência generalizada de não isolar tais elementos na análise morfológica, preferindo-se considerá-los como parte do radical ou

como afixo, que, então, se apresentariam sob a forma de variantes (ou ALOMORFOS) relativamente a outras ocorrências suas em contextos diversos. Com efeito, é semelhante

dos fonemas, ou morfemas podem apresentar variantes em sua formação, embora se mantenham semântica e funcionalmente inalterados. Assim, do prefixo in- (nu-) há uma

variante i-, fonologicamente condicionada, porquanto ocorre tão somente antes de consoante nasal, lateral e vibrante: infeliz, imbielível, mas nuortil. ilegial, irn-giilui-.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

PALAVRAS PRIMITIVAS E DERIVADAS

Chamam-se PRIMITIVAS as palavras que não se formam, de nenhuma outra e que, pelo contrário, permitem que delas se originem novas palavras no idioma. Assim:

fumo

mar

novo

pedra

81

Denominam-se DERIVADAS as que se formam de outras palavras da língua, mediante o acréscimo ao seu radical de um prefixo ou um sufixo. Assim:

fumoso defumar

marinha marear

novinho renovar

pedreiro empedrar

PALAVRAS SIMPLES E COMPOSTAS

As palavras que possuem apenas um radical, sejam primitivas, sejam derivadas, denominam-se SIMPLES. Assim:

mar marinha pedra pedreiro São COMPOSTAS as que
contêm mais de um radical:
quebra-mar guarda-marinha pedra-sabão pedreiro-livre aguardente
pernalta pontapé vaivém

Observação:

Note-se que, na língua atual, muitas formas compostas não são mais sentidas como tais pelos falantes. É o caso de aguardente, de pontapé, etc.

FAMÍLIAS DE PALAVRAS

Denomina-se FAMÍLIA DE PALAVRAS o conjunto de todas as palavras que se agrupam em torno de um radical comum, do qual se formaram pelos processos de derivação ou de composição que estudaremos desenvolvendo no Capítulo seguinte.

6

'DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Deixando de lado a viva controvérsia entre linguistas contemporâneos sobre a área a que efetivamente pertence a FORMAÇÃO DE PALAVRAS e se é morfologia, o seu domínio

tradicional, se ao léxico ou à semântica, ou, mesmo, se à sintaxe, procuraremos tratar a matéria deste capítulo inter-titulado com a do anterior e com respaldo na seguinte conceitualização: "Chama-se FORMAÇÃO DE PALAVRAS o conjunto de processos morfos-sintéticos que permitem a criação de unidades novas com base em morfemas lexicais. Utilizam-se assim, para formar as palavras, os afixos de derivação ou os procedimentos de composição".

Observação:

Cumprindo advertir que a DERIVAÇÃO e a COMPOSIÇÃO não são os únicos processos de formação de palavras. Como bem salienta um estudioso do assunto, além destes dois processos

mais comuns, há outros de uso restrito, sendo particularmente curiosos

ONÍMOS, os ACRÓNIMOS e as AMÍLGAMAS. (Veja-se a respeito T. R. Fontenele Bena. Por

uma conceitualização do termo "opacidade". Educação, 3/: 17-22, Brasília, julho/setembro, 1979.)

DERIVAÇÃO PREFIXAL

Os PREFIXOS são mais independentes que os SUFIXOS, pois se originam, em geral, de advérbios ou de preposições que têm ou tiveram vida autónoma na língua. A rigor, poderíamos até discernir as formações em que entram prefixos que são meras partículas, sem existência própria no idioma (como des- em desfazer, ou re- em repor),

daquelas de que participam elementos prefixais que costumam funcionar também como palavras

82

1 Jean Dubois et alii. Dictionnaire de linguistique. Paris, Larousse, 1973, s. v.

83

independentes (assim: contra- em contradizer, entre- em entreabrir). No primeiro caso haveria DERIVAÇÃO; no segundo, seria justo falar-se em COMPOSIÇÃO.

Mas nem sempre é fácil estabelecer tal diferença, razão por que preferimos considerar a formação de palavras mediante o emprego de prefixos um tipo de derivação

-r- a DERIVAÇÃO PREFIXAL. Tanto os sufixos como os prefixos formam novas palavras que conservam de regra uma relação de sentido com o radical derivante; processo distinto da composição, que forma palavras não raro dissociadas pelo sentido dos radicais componentes.

Feitas estas considerações, passemos ao exame dos prefixos que aparecem em palavras portuguesas.

São eles de origem latina ou grega, embora normalmente não sejam sentidos como

tais. Alguns sofrem apreciáveis alterações em contacto com a vogal e, principalmente, com a consoante inicial da palavra derivante. Assim, o prefixo grego an-, que indica "privação" (an-ónimo), assume a forma a- antes de consoante: a-patia; in-, o seu correspondente latino, toma a forma i- antes de / e m: in-feliz, in-ativo; mas i-legal, i-moral.

Não se devem confundir tais alterações com as formas vernáculas, oriundas de evolução normal de certos prefixos latinos. Assim: a-, de ad-(a-dólar); em- ou en-, de in- (em-barcar, en-terror).

Na lista abaixo, colocaremos em chave as formas que pode assumir o mesmo prefixo: em primeiro lugar, daremos a forma originária; em último, a vernácula, quando houver.

PREFIXOS DE ORIGEM LATINA

PREFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
ab-abs-		abdicar, abjurar abster, abstrair
ad-		amovível, aversão adjunto, adventício
*- (ar-, as-)	ante-	anterioridade abeirar,
		arribar, assentir antebraço, antepor

1 Quanto à vitalidade dos prefixos utilizados na língua contemporânea, leia-se Li Ching. Sobre a formação de palavras com prefixos no português atual. Boletim de Filologia, 22: 117-176 e 197-234, Lisboa, 1971-1973.

A exemplo de alguns linguistas, os autores observam a distinção entre PREFIXOS e PSEUDOPREFIXOS, como se verá adiante.

84

circum-	movimento em torno	circum-adjacente, circunvagiar
(circun-) Cif.	posição aquém	cisalpino, cisplatino
com- (con-)	contiguidade, companhia	compor, conter
co- (cor-)	oposição, ação conjunta	cooperar, corroborar
contradizer, contra-selar		
de-de-	movimento de cima para baixo .	decair, decrescer desviar,
desfazer		
JM dl. (dir-)	separação, movimento para diversos lados, negação	
dissidente, distender		
entre-		
entre-	movimento para fora, estado anterior	
exportar, extrair	escorrer, estender	
ex-	posição exterior (fora de)	emigrar, evadir
InJ (im-) i-flr.)	movimento para dentro	ingerir, impedir
em- (en-) ta-* (im-)	negação, privação	embarcar,
enterrar inativo, impermeável		
l-(ir-) !_,*_	posição interior	ilegal, irrestrito
Intro-	movimento para dentro	introversão, intrometer
insta-	justapor, justalinear	
JBBOBM ob-o-	posição em frente, oposição movimento através	
.....	objeto, obstáculo ocorrer, opor	
per-		
PO-	anterioridade	
pre-	movimento para a frente	progresso, prosseguir
gnw-re-	movimento para trás, repetição . movimento mais para trás	
refluir, refazer retroceder, retrospectivo		
mt-	posição inferior	soto-mestre, sotopor
sott-sub-cus-	movimento de baixo para cima, inferioridade	
sota-vento, sota-voga	subir, subalterno suspender, suster suceder, supor	
sob-s-	sobestar, sobpor soerguer, soterrar	

85

super- superpor, superpovoado
sobre- sobrepor, sobrecarga
trans-tras- movimento para alóm de, posi000 transpor, transalpino
Ires-ultra- tresvariar, tresmalhar
vice- vice-reitor, vice-c0nsul
vis- (viio-) visconde, vizo-rei

Observa00es:

1.) As altera00es sofridas pelos prefixos s0o provocadas quase sempre pelo fen0meno chamado ASSIMILA000, que consiste em absorver um fonema as caracter0sticas de outro que lhe est0 cont0guo. Como, em geral, a ASSIMILA000 identifica os dois fonemas, 0 comum o desaparecimento do primeiro deles: in-Iegal > il-legal > ilegal.

Advirta-se, em tempo, que a ASSIMILA000 0 um fato fon0tico, e n0o deve ser confundida com as acomoda00es que, na escrita, sofrem certos prefixos por exig0ncia do nosso sistema ortogr0fico. Assim, in-jiel, mas im-produtivo; i-migrar, mas ir-romper; etc. S0o essas variantes puramente gr0ficas que colocamos entre par0nteses.

2.*) Cumpre n0o confundir os dois prefixos que aparecem sob a mesma forma in- (ou i-). Um indica "movimento para dentro" (ingerir, imigrar); o outro denota "priva00o, nega00o" (inafivo, ilegal).

3.) As formas numerais uni- (unipessoal), bis- ou bi- (bisneto, bimestral) e semelhantes s0o, pela maioria dos gram0ticos, tidas por prefixos. Como, pelo emprego, n0o se diferenciam substancialmente dos elementos numerais que ocorrem em compostos aritm0ticos e geom0tricos 0 a exemplo de deci-, centi- (latinos), deca-, quilo-(gregos)

0 julgamos mais acertado consider0-los verdadeiros RADICAIS, e o processo formativo de que participam um caso de COMPOSI000.

PREFIXOS DE ORIGEM GREGA

Eis os principais prefixos de origem grega com as formas que assumem em portugu0s:

PREFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICA000
0n- (a-)	priva00o, nega00o anarquia, ateu
ana-	a00o ou movimento inverso,	
anfl-antt-ap0.	de um e outro lado, em torno oposi00o, a00o contr0ria	
afastamento, separa00o	anf0bio, anfiteatro antia0reo, ant0poda
apogeu,		
ap0stata		

86

arqui- (are-,	arquiduque, arcanjo	
arque, arc0.) cata-	movimento de cima para baixo, oposi00o
catadupa, catacrese		
di0- (di.)	movimento atrav0s de, afasta-	
dfc. ec- (0x-)	dificuldade, mau estado	movimento para fora
dispneia, disenteria	
en- (em-, e-)	posi00o interior enc0falo, emplastro,
elipse		
endo- (end-)	posi00o interior, movimento	endot0rmico, endosmose
epi-	posi00o superior, movimento	epiderme, ep0logo
AM /AU 0	bem, bom
biper-hlp0-0et*- (aMt.) 000*.<0*0)	peri.	posi00o superior, excesso
posi00o inferior, escassez	posterioridade, mudan0a proximidade, ao lado
de	posi00o ou movimento em	hip0rbole, hipertens0o hipod0rmio,
hipotens0o metacarpo, met0tese paralogismo, paramn0sia per0metro, per0frase		
pr0. sb0. (rim-, d-)	posi00o em frente, anterior	. . simultaneidade,
companhia . .	pr0logo, progn0stico	sinfonia, simpatia, s0laba

Observa00o:

Para um estudo do prefixo anti- em relação com os seus concorrentes no t mbito do francês, mas com possibilidade de aplicação ao português, consulte-se A. Rey. Un champ prefixai: les mots français en anti. Cahiers de Lexicologie, 12: 37-57, Paris, 1968.

DERIVAÇÃO SUFIXAL

Pela DERIVAÇÃO SUFIXAL formaram-se, e ainda se formam, novos substantivos, adjetivos, verbos e, até, advérbios (os advérbios em -mente). Daí classificar-se o sufixo

em:

a) NOMINAL, quando se aglutina a um radical para dar origem a um substantivo ou a um adjetivo: pont-eira, pont-inha, pont-udo;

fc) VERBAL, quando, ligado a um radical, d  origem a um verbo: bord-ejar, suavizar, amanh-ecer;

l Sobre a origem e a vitalidade dos sufixos empregados em português, veja-se especialmente Joseph H. D. Allen Jr. Portuguese word-formation with suffixes.

Supplement

to Language, vol. 17, n.  2. Baltimore, 1941.

87

c) ADVERBIAL, que é o sufixo -mente, acrescentado   foima feminina de um adjctivo: bondosa-raente, fraca-mente, perigosa-mente.

SUFFIXOS NOMINAIS

Entre os SUFFIXOS NOMINAIS, mencionaremos em primeiro lugar os SUFFIXOS AUMENTATIVOS e DIMINUTIVOS, cujo valor é mais afetivo do que lógico.

SUFFIXOS AUMENTATIVOS Eis os principais SUFFIXOS AUMENTATIVOS usados em português:

SUFFIXO	EXEMPLIEICA��O	SUFFIXO	EXEMPLIFICA��O
-ao	caldeir�o, pared�o	-anzil	corpanzil
-alh�o	grandalh�o, vagalli�o	-areu	fogar�u, povar�u
-(z)arr�o	gatarr�o, homenzarr�o	-arra	bocarra, naviarra
-eir�o	asneir�o, toleir�o	-orra	beirorra, cabeorra
-a�a	barba�a, barca�a	-astro	medicastro, poetastro
-a�o	animala�o, rica�o	-az	lobaz, roaz
�izio	cop�zio, gat�zio	-alhaz	facalhaz
-uca	dcntu�a, cardu�a	-arraz	pratarraz

Observação:

Nem sempre o sufixo aumentativo se junta ao radical de um substantivo. Há derivações feitas sobre adjetivos (rica o, de rico; sabichão, de sábio) e também sobre

radicais verbais (chor o, de chorar; mand o, de mandar).

VALOR E EMPREGO DOS SUFFIXOS AUMENTATIVOS

1. -ao.  , por excelência, o formador dos aumentativos em português. Pode juntar-se a radicais de substantivos (papel- o), de adjetivos (solteir- o) e de verbos (chor- o), quer diretamente, como nos exemplos citados, quer por intermédio de consoantes de ligação (chape-l- o) ou de outros sufixos (-alho, -arro, -eir , -//),

donde os sufixos compostos -alh o (grand-alh o), -arr o (gat-arr o), -eir o (voz-eir o), -H o (com-il o).

Advirta-se também que, nos aumentativos em -ao, o g nero normal é o masculino, mesmo quando a palavra derivante   feminina. Assim:

a parede é o paredão

uma mulher é um mulher o

88

Só os adjetivos fazem diferença entre o masculino e o feminino, diferença que, naturalmente, conservam quando substantivados:

solteir o   solteirona

chor o   chorona

2. -a a, -a o, -uca e - zio.- Formam substantivos com força aumentativa e pejorativa. Prendem-se a radicais de outros substantivos e, mais raramente, a de adjetivos,

sendo de notar que -uca apresenta acentuado valor coletivo. Saliente-se ainda que -ozio parece ser adaptação do espanhol -azol.

3. -anzil. Este sufixo, que ocorre em corpanzil, deve ser composto de -ao -f -U, com a consoante de ligação -z-. Quanto ao valor, é nitidamente pejorativo.

4. -arou. De origem obscura, este sufixo nem sempre é aumentativo. Em mastarou (pequeno mastro suplementar), por exemplo, é antes diminutivo. Em fogarou, fumarou,

mundarou e povarou sente-se que o valor aumentativo está associado ao coletivo.

5. -arra e -orra. Formas femininas dos sufixos -arro e -orro, ligam-se a radicais de substantivos de qualquer gênero:

bocarra
naviarra
beiorra
cabeiorra

Nas formas de adjetivos, com base em radicais de verbos ou de outros adjetivos, há, segundo a regra geral, oposição de gênero:

bebarro é bebarra
beatorro é beatorra

Em épocas mais antigas, estes sufixos não tinham o forte valor depreciativo de hoje. A forma -orro, por exemplo, aparece em cachorro, palavra que, na acepção primitiva

de "filhote de cão e de algumas feras", deveria ter sido um diminutivo.

6. -astro. Neste sufixo, que aparece em poucas palavras portuguesas, o valor pejorativo é o mais saliente: medicastro "médico ruim, charlatão"; poetastro "mau poeta, versejador ordinário". O sufixo assume a forma -asto, -asta, em padraço e madraça.

7. -az. Como o sufixo -ao, pode juntar-se diretamente ao radical (lob-az), ou admitir a inserção de uma consoante eufônica (ladra-v-az), ou de outros sufixos (-alho, -arro), com os quais passa a formar os compostos: -alhaz (fac-alhaz), -arraz (prat-arraz).

1 Sobre o assunto, veja-se o fundamental estudo de Y. Malkiel. The two sources of the Hispanic suffix -azo, -aço. Language, 35:193-258, 1959.

89

SUFIXOS DIMINUTIVOS

São estes os principais SUFIXOS DIMINUTIVOS empregados em português:1

SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO	SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO
-lobo, -a	-zinho, -a	-ino, 4	-im
pequenino, cravina	espadim, fortim	toquinho, vozinha	cozinho, ruazinha
rapazelho	animalejo, lugarejo	pecadilho, tropilha	-elho, 4
-acho, -a	-icho, -a	-ucbo, -a	ebre
papelucho, casucha	casebre	-tte -eto, -a	otto, oo
artlguete,	lembrete	esboceto, saleta	rapazito, casita
-eco, -a	-ko, -a	livreco, soneca	burrico, marica(s)
-a	chuvisco, talisca	chamusco, velhusco	-bco, -a
ócia	ruela, viela	ola	fazendola, rapazola

VALOR E EMPREGO DOS SUFIXOS DIMINUTIVOS

1. -(z)inho, -ino, -im. Os sufixos -inho e -ino provêm do latim -inus. A forma tipicamente portuguesa é -inho; -ino, variante erudita, só aparece com valor diminutivo

em um restrito número de palavras; -im é importação do francês -in, ou do italiano -ino, através da forma francesa.

1 Sobre a formação dos diminutivos nas línguas românicas em geral, leiam-se: Reino Hakamies. Étude sur l'origine et l'évolution du diminutif latin et sa survie dans les langues romanes. Helsinki, Academiae Scientiarum Fennicae, 1951; Bengt

Hasserlot. Eludes sur la formation diminutive dans les langues romanes. Upsala, Acta Universitatis

Upsaliensis, 1957. Quanto ao seu valor e emprego na língua portuguesa, consultem-se especialmente: Silvia Skorge. Os sufixos diminutivos em português. Boletim de filologia, 16: 50-90 e 222-305, 1956-1957; /7: 20-53, 1958; Max Leopold Wagner. Das Diminutiv in Portugiesischen. Orbis, 6: 460-476, 1952; Delmira Maúros. O sufixo -inho junto a adjetivos na linguagem familiar portuguesa. Boletim de Filologia de la Universidad de Chile, 8: 219-232, 1954-1955; Th. Henrique Maurer Jr. Um sufixo de comportamento original: o diminutivo em -zinho. In Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho). Rio de Janeiro, Simões, s./d., p. 233-246. De importante leitura,

à vista da relação com o português, são os seguintes estudos sobre os diminutivos espanhóis: Amado Alonso. Noción, emoción, acción y fantasía en

90

Compare-se: tamborim, do francês tambourin; festim, ao francês por sua vez derivado do italiano festino.

O sufixo -inho (-zinho) é de enorme vitalidade na língua, desde tempos antigos. Junta-se não só a substantivos e adjetivos, mas também a advérbios e outras palavras

invariáveis:

agorinha devagarinho sozinho adeusinho!

Excetuando-se o caso das palavras terminadas em -x e -z, que naturalmente exigem a forma -inho (pires-inho, rapaz-inho), não é fácil indicar as razões que comandam a escolha entre -inho e -zinho. Sente-se que muitas vezes a seleção está ligada ao ritmo da frase. Por outro lado, verifica-se uma preferência na linguagem culta pelas formas* com -zinho, não evidente intuito de manter íntegra a pronúncia da palavra derivante; a linguagem popular, no entanto, simplificadora por excelência,

tende para as formas com -inho. Comparem-se, por exemplo, as formas alternantes bal-dezinho e baldinho, xicarazinha e xicrinha, etc.

Do ponto de vista morfológico, acentue-se que, ao contrário dos aumentativos em -ão, os diminutivos em -inho (e também em -iro) não sofrem mudança de gênero. O diminutivo

conserva o gênero da palavra derivante:

casa casinha casita cão cãozinho canito

Em formas -com outros sufixos, não é, porém, estranha tal mudança:

ilha ilhote ilhota chuva chuvisco

los diminutivos. In Estudios lingüísticos: temas españoles. Madrid, Ctedos, 1951, p 195-229- Fernando González OH. Los sufijos diminutivos en coslellano medieval. Madrid C S I C 1962; Emilio Nunez Fernández. El diminutivo: historia y funciones 'em e español clásico y moderno. Madrid, Ctedos, 1973. (As duas últimas obras trazem

extensa bibliografia.)

i I G Herculano de Carvalho propõe a designação de SUFIXÍDE para o sufixo -

(z)inho pelas razões que o levaram a adotar a de PREFIXÍDE para certos elementos formativos

que não se comportam como prefixos (vj. adiante nossas considerações sobre os PSEUDOPREFIXOS) . Lembra o ilustre linguista o caráter sintagmático deste sufixo, evidenciado

morfologicamente pelas variações de gênero e número, que se manifestam duplamente nos derivados: corpotinho e corpozinhos, cãozinho e cãesinhos, bonzinho e boazinha

(cf. Teoria da linguagem, t. H, Coimbra, Atlântida, 1974, p. 551-552).

91

Convém notar ainda que nas formas populares em que o sufixo -inho se junta a participípios, caso estes sejam irregulares, tornam-se regulares. Exemplo:

Esse dinheiro foi bem ganhadinho e bem gastadinho por mim.

2. -acho, '-kbo, -ncho. Originam-se da acumulação dos sufixos latinos -ascu (-iscu

e -uscu) -f -ulus, e têm geralmente valor pejorativo. As variantes -echo e -ocho são de emprego raro. Ocorrem em formas dialetais portuguesas, ' como ventrecha "posta de peixe imediata e cabeça", bagocho "novo pequeno" e realocho "moeda antiga".

A última provavelmente entra no brasileirismo cabrocha "moeda mestiça escura".

3. -ebre. O sufixo -ebre, de origem desconhecida, aparece apenas em casebre, onde tem caráter pejorativo.

4. -eco, -iço. Também não está suficientemente esclarecida a origem dos sufixos -eco e -iço. O primeiro tem acentuado valor pejorativo: jolheca, jornaleco, livreco,

ele. Não possui, no entanto, a mesma conotação em guatemalteco, provavelmente empréstimo do espanhol. O segundo aparece como diminutivo afetivo não só de substantivos

comuns (abanico, amorico, burrico), mas também de nomes próprios: A nica, Joanico, etc.

5. -ela. Continua o latim -ella, que tinha forma diminutiva e largo emprego na língua vulgar (assim: dominicella "senhorita">port. donzela). No português moderno

é pouco produtivo; só nas formas nominais em -dela apresenta vitalidade: entaladela, mordidela, etc.

6. -dho, -ilho. Os sufixos -elho e -ilho representam, em português, a evolução normal dos sufixos diminutivos latinos -culus e -culus, respectivamente. A forma -ejo é o desenvolvimento de -culus para o espanhol. Importada dessa língua, tornou-se, em certos casos, autônoma em português. Assim: lugarejo, quintalejo, etc.

7. -*-<*. -eto, -(z)ito, -ote. É um tanto obscura a origem destes sufixos. Deles o mais usado, principalmente em Portugal e no Sul do Brasil, é -iro, com a variante -ato. O sufixo -eto, como diminutivo, não apresenta vitalidade em português; as palavras que o possuem são, em geral, empréstimos do italiano: poemeto, verseto, etc. Já as formas -ete e -ote, provavelmente originárias do francês, aparecem hoje em derivações genuinamente portuguesas: artiguete, lembrete, malandrete; meninote,

serrote, velhote, etc. As formas -ato e -oto são de emprego raro e, hoje, praticamente improdutivas. Ocorrem nuns poucos substantivos que, de regra, designam crias

de animais. Assim: chibato, lobato, lebroto e perdigoto são nomes que se dão, respectivamente, ao filhote da chiba (= cabra nova), do lobo, da lebre e da perdiz

(masculino = perdigoto). Perdigoto emprega-se também na acepção de "salpico de saliva que se lança ao falar".

92

8. -isco, -asco. O sufixo -isco é forma erudita do latim -iscus, provavelmente originado da fusão do grego -iskos com o germânico -isk. O descendente popular é -esco,

que forma adjetivos denotadores de "referência ou semelhança" (burlesco, principesco), sentido que também possui -isco em palavras como levantiseo, mourisco. Por

analogia com -isco, a língua criou -usco: chamusco. É

9. -ola. Este sufixo não deve ser em português o representante direto do latim -ola. Chegou-nos provavelmente por intermédio do italiano -ola, ou do francês -ole.

Comparem-se, por exemplo, as palavras portuguesas bandeirola e camisola com as italianas banderuola e camiciuola, ou com as francesas banderole e camisole. Hoje, porém,

generalizou-se o emprego de -ola no idioma, principalmente na formação de substantivos sobrecomuns de caráter irônico-pejorativo: gabarola, mariola, etc.

DIMINUTIVOS ERUDITOS

Na língua literária e culta, especialmente na terminologia científica, aparecem

formas modeladas no latim em que entram os sufixos -ulo (-w/a) e -culo (-cuia), com as variantes -culo (-cula), -culo (-cula), -sculo (-scula) e -nculo (ncula):

corpo	corp ^o sculo	nota	n ^o tula
febre	febr ^o cula	obra	op ^o sculo
globo	gl ^o bulo	parte	part ^o cula
gota	got ^o cula	pele	pel ^o cula
gr ^o o	gr ^o nulo	quest ^o o	questi ^o ncula
homem	hom ^o nculo	raiz	rad ^o cula
modo	m ^o dule	rei	r ^o gulo
monte	mont ^o culo	verme	verm ^o culo
n ^o	n ^o dule	verso	vers ^o culo

Observa^oes:

1.)* Como vemos, nestas formas latinas, ou feitas em id^onticos moldes, o sufixo -culo(-a) e sua variante -nculo(-a) podem juntar-se ao radical diretamente (m^os-culo, hom-^onculo), ou por interm^odio da vogal de liga^oo -i- (vers-^o-culo, quest-i-^oncula).

2.)* A forma primitiva deste sufixo latino, derivado do indo-europeu *-lo '-o/o, era -ulo, que encontramos empregado com substantivos (ancillula) e adjetivos (acutu-lus)

O acrescimo do -c ao sufixo ^o geralmente explicado como "um refor^o da expressividade, fen^omeno comum nos diminutivos". Ernout, por^om, acha que foi a exist^oncia

de muitas palavras de radical em -c que provocou uma falsa an^olise do sufixo diminutivo, dando origem a -culus (Veja-se Fernando Gonz^olez Oll^o. Obra cif., p. 177-179).

93

OUTROS SUFIXOS NOMINAIS 1. FORMAM SUBSTANTIVOS DE OUTROS SUBSTANTIVOS:

SUFIXO

SENTIDO

EXEMPLIFICA^oo

a) multid ^o o, cole ^o o	boiada, papelada
b) por ^o o contida num objeto ...	bocada, colherada
c) marca feita com um instrumento	penada,
pinclada	
d) ferimento ou golpe	dentada, facada
e) produto alimentar, bebida	bananada, laranjada
/) dura ^o o prolongada	inventada, temporada
g) ato ou movimento en ^o rgico ...	cartada, saraivada
J ^o) territ ^o rio subordinado a titular	bispado, condado
b) institui ^o o, titulatura	almirantado, doutorado
f a) institui ^o o, titulatura	baronato, cardinalato
oato	l b) ria nomenclatura qu ^o mica =
sal	carbonato, sulfato
o a) no ^o o coletiva	folhagem, plumagem
[6) ato ou estado	aprendizagem, ladroagem
{a) ideia de rela ^o o, pertin ^o ncia ..	dedal, portal b) cultura de vegetais
.....	arrozal, cafezal c) no ^o o coletiva ou de quantidade
.....	areal, pombal
oafta	coletivo-pejorativo
ooma	no ^o o coletiva e de quantidade ..
no ^o o coletiva e de quantidade ..	vasilhame, velame
:a) atividade, ramo de neg ^o cio ..	carpintaria, livraria b) no ^o o coletiva
.....	gritaria, pedraria c) a ^o o pr ^o pria de certos indiv ^o duos
.....	patifaria, pirataria
^j-	j a) ocupa ^o o, oficio, profess ^o o ..
	oper ^o rio, secret ^o rio

(^ b) lugar onde se guarda algo herbário, vestiário
 f a) lugar onde crescem vegetais .. olivedo, vinhedo
 | b) noção coletiva lajedo, passaredo
 * a) ocupação, ofício, profissão ... barbeiro, copeira
 b) lugar onde se guarda algo .. galinheiro, tinteiro
 feirão (-a) C^ *rvore e arbusto laranjeira, craveiro
 d) ideia de intensidade, aumento nevoeiro, poeira
 e) objeto de uso cinzeiro, pulseira
 . /) noção coletiva berreiro, formigueiro
 ' a) profissão, titulação advocacia, baronia
 . , b) lugar onde se exerce uma atividade
 delegacia, reitoria
 c) noção coletiva cavalaria, clerezia

94

-to noção coletiva, reunião gentio, mulhério
 -tte inflamação bronquite, gastrite
 çagem semelhança (pejorativo) ferrugem, penugem
 çume __ noção coletiva e de quantidade .. cardume, negrume

Observações:

Na terminologia científica empregam-se sufixos com valor particular. Na química, por exemplo, usam-se:

- a) -ato, -cto e -ito na formação dos nomes de sais: clorato, cloreto, clorato;
- b) -ina na dos alcalóides e álcalis artificiais: cafeína, anilina;
- c) -k na dos corpos simples: potássio, sódio;
- d) -ol na dos derivados de hidrocarbonetos: fenol, naftol.

A nomenclatura da mineralogia e da geologia adota os sufixos:

- a) -ita para os nomes das espécies minerais: pirita;
- b) -ito para os das rochas: granito;
- c) -ite para os dos fósseis: amonite.

A linguística moderna faz largo uso do sufixo -ema com o sentido de "menor unidade distintiva" ou "significativa": fonema "menor segmento distintivo numa enunciação";

morfema "menor unidade gramatical de forma".

2. FORMAM SUBSTANTIVOS DE ADJETIVOS. Os substantivos derivados, geralmente nomes abstratos, indicam qualidade, propriedade, estado ou modo de ser:

SUFIXO

EXEMPLIFICAÇÃO

SUFIXO

EXEMPLIFICAÇÃO

-dade crueldade, dignidade
 -<i>d</i>o gratidão, mansidão
 -ez altivez, honradez
 -eza beleza, riqueza
 -ia alegria, valentia
 -Ice
 -<i>cle

-or
 tolice, velhice calvície, imundície alvor, amargor altitude, magnitude alvura, doçura

Observações:

1.) Antes de receberem o sufixo -dade, os adjetivos terminados em -az, -iz, -oz e -vel retomam a forma latina em -ac(i), -ic(i), -oc(i) e -bil(i):

sagaz > sagacidade feliz > felicidade
 atroz > atrocidade amável > amabilidade

2.*) O sufixo -Ície só aparece em palavras modeladas sobre o latim: calvície (latim calvitias), planície (latim planities), etc. Também justiça não apresenta propriamente

o sufixo -ícia, porque a palavra continua do latim iustitia. Da mesma forma

cobiça (do baixo-latim cupiditia), preguiça (do latim pigritia), etc.

95

3. FORMA SUBSTANTIVOS DE SUBSTANTIVOS E DE ADJETIVOS:

SUFXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
	artísticos	
a)	doutrinas ou sis-	filosóficos.... temas
políticos	kantismo, positivismo	
oboto	religiosos	budismo, calvinismo
	galicismo, neologismo	
d)	na terminologia científica	

4. FORMA SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS DE OUTROS SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS:

SUFXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
-tato	a) partidários ou sectários	de doutrinas ou sistemas (em
-ismo) 6) ocupaçao, oficio	. . .	artísticos.. . filósofos., políticos
.		
. .	religiosos . .	realista, simbolista kantista, positivista federalista,
		fascista budista, calvinista dentista, pianista nortista, paulista
c)	nomes próprios e gnto	

Observação:

Nem todos os designativos de sectários ou partidários de doutrinas ou sistemas em -ismo se formam com o sufixo -/s/a. Por exemplo: a protestantismo corresponde protestante;

a maometismo, maometano; a islamismo, islamita.

5. FORMAM SUBSTANTIVOS DE VERBOS:

SUFXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
-anca -anda -ença	aço ou o resultado dela,	estado lembrança,
vingança observância, tolerância	descrença, diferença	anúncia, concorrência

96

-inte		
agente		
agente, instrumento da ação		
ação ou o resultado dela		
lugar ou instrumento da ação		
resultado ou instrumento da ação, noção coletiva		
a) ação ou resultado dela		
b) instrumento da ação .		
c) noção coletiva		
estudante, navegante afluente, combatente ouvinte, pedinte		
jogador, regador inspetor, interruptor agressor, ascensor		
nomeação, traição agressão, extensão		
bebedouro, suadouro lavatório, vomitório		
pintura, atadura formatura, magistratura clausura, tonsura		
acolhimento, ferimento ornamento, instrumento armamento, fardamento		

Observações:

1. *) Os sufixos -ância e -ância são semi-eruditos. Aparecem em palavras de criação recente e modeladas sobre o latim.

2. *) Os sufixos -ante, -ente e -inte procedem das terminações do particípio presente latino, com aglutinação da vogal temática da conjugação correspondente.

3. *) Em -dor, -tor e -sor, bem como em -dura, -/ura e -sura, os sufixos são propriamente -or e -ura. As consoantes d, t e s pertencem ao tema do particípio latino.

Apenas as formas -dor e -dura são evolutivas; as demais são eruditas: são ocorrem em palavras latinas ou formadas sobre o seu modelo.

4. *) Os sufixos -ção e -são depreendem-se de substantivos deverbais, quase todos formados no próprio latim.

6. FORMAM ADJETIVOS DE SUBSTANTIVOS:

SUFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
-aço	estado	antimo, pertinência, origem
-do		manaco, austraco
97		
-1		campal, conjugal
-J	a) proveniência, origem, pertença	escolar, familiar
romano, serrano		
-ao	c) semelhante ou comparável a . .	bilaquiano, camoniano
-diol	diário, fracionário	
-eiri	J caseiro, mineiro	
-enho	semelhança, procedência, origem	ferrenho, estremenho
-cnse l	J relação, procedência, origem forense,
parisiense cortês, norueguês		
-mento		
-eo	f SCO] relação, semelhança, matéria ruseo, furreo
burlesco, dantesco		
-isco	J -este	ievantisco, mourisco
-estre		
-CU -ck)	relação, procedência, origem europeu, hebreu
alimentício, natalício		

-il

-ita

-onho propriedade, hábito constante enfadonho, risonho brioso, venenoso

-tico

-udo

Observações:

1.) Alguns desses sufixos servem também para formar adjetivos de outros adjetivos. Por exemplo: -ai junta-se a angélico, formando angelical; -enlo liga-se a cinza,

originando cinzento; -onho acrescenta-se a triste, produzindo tristonho.

2.*) São peculiares aos adjetivos os sufixos eruditos -imo e -íssimo, que se ligam a radicais latinos: hutn-imo, fidel-íssimo. Do seu valor e emprego tratamos no Capítulo 10. 5: ciuus DO ADJETIVO.

98

7. FORMAM ADJETIVOS DE VERBOS:

SUFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ante	l	f semelhante, tolerante.
-ente	>	
-intc	j	[^ constituinte, seguinte
<*>l	o	possibilidade de praticar ou sofrer
louvável		f durável,
o(ve	j	"l perecível, punível
-io	l -<t)ivo	J aco, referência, modo de ser J
fugidio, tardio	[afirmativo, pensativo	
-(d)io	l	possibilidade de praticar ou sofrer
quebradio		J movediço,
ofcio	j"	
-<d)ouro	l	j duradouro, casadouro
-<t)orio	J	[preparatório, emigratório

Observação:

Os sufixos -ante, -ente e -inte provêm, como dissemos, das terminações do particípio presente latino com aglutinação da vogal temática de cada uma das conjugações.

Servem para formar substantivos e, com mais frequência, adjetivos, que se substantivam facilmente.

SUFIOS VERBAIS

Os verbos novos da língua formam-se em geral pelo acréscimo da terminação -ar a substantivos e adjetivos. Assim:

esqui-ar radiograf-ar (a)do-ar (a)frances-ar nivel-ar
 telefon-ar (a)fin-ar (a)portugues-ar

A terminação -ar, já o sabemos, é constituída da vogal temática -a-, característica dos verbos da 1ª conjugação, e do sufixo -r, do infinitivo impessoal.

99

Por vezes, a vogal temática -a- liga-se não ao radical propriamente dito, mas a uma forma dele derivada, ou, melhor dizendo, ao radical com a adição de um sufixo.

No caso, por exemplo, dos verbos:

afug-ent-ar lamb-isc-ar ded-ilh-ar salt-it-ar bord-ej-ar cusp-
 inh-ar depen-ic-ar amen-iz-ar,

em que encontramos alguns sufixos anteriormente estudados: -ent(o), -ej(o), -isc(o), -inh(o), -ic(o) e -it(o).

São tais sufixos que transmitem a esses verbos matizes significativos especiais: FREQUENTATIVO (ação repetida), FACTITIVO (atribuição de uma qualidade ou modo de ser), DIMINUTIVO e PEJORATIVO. Mas, como neles a combinação de SUFIXO + VOGAL TEMÁTICA (-a) + SUFIXO DO INFINITIVO (-r) vale por um todo, costuma-se considerar não

o sufixo em si, mas o conjunto daqueles elementos mortuários, o verdadeiro SUFIXO VERBAL. Esta conceituação, por simplificadora, apresenta evidentes vantagens didáticas,

razão por que a adotamos aqui.

Eis os principais SUFIOS VERBAIS, com a indicação dos matizes significativos que denotam:

SUFXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
-Qflf	frequentativo, durativo	cabecear, folhear
-ejwr		gotejar, velejar
-entar	factitivo	aformosentar, amolentar
KOHcw	factitivo	
-iãr	frequentativo-diminutivo	dedilhar, fervilhar
.iohar -iscar	frequentativo-diminutivo-pejorativo	escrevinhar,
cuspinhar chuviscar, lambiscar		
-Mar		dormitar, saltitar
-ter	factitivo	civilizar, utilizar

Das outras conjugações apenas a 2ª possui um sufixo capaz de formar verbos novos em português. É o sufixo -ecer (ou -escer), característico dos verbos chamados INCOATIVOS,

ou seja, dos verbos que indicam o começo de um estado e, às vezes, o seu desenvolvimento:

alvor-ecer amadur-ecer envelh-ecer flor-escer anoit-ecer
 embranqu-ecer escur-ecer rejuvenescer

Em verdade, também -ecer não é sufixo. Decompõe-se esta terminação em: SUFIXO (-e [s]c-) -f- VOGAL TEMÁTICA (-e-) + SUFIXO (-r).

100

SUFXO ADVERBIAL

O único SUFIXO ADVERBIAL que existe em português é -mente, oriundo do substantivo latino mens, mentis "a mente, o espírito, o intento". Com o sentido de "intento"

e, depois, com o de "maneira", passou a aglutinar-se a adjetivos para indicar circunstâncias, especialmente a de modo. Assim: boamente = com boa intenção, de maneira boa.

Como o substantivo latino mens era feminino (compare-se o português a mente), junta-se o sufixo -mente forma feminina do adjetivo:

bondosa-mente fraca-mente
nervosa-mente pia-mente

Desta norma excetuam-se os advérbios que se derivam de adjetivos terminados em -mente: burgues-mente, português-mente, etc. Mas o fato tem explicação histórica: tais

adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedregoso e montoso, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedregoso, uma galinha pedregosa; um cabrito

montoso, uma cabra montosa. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo.

DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA

Numa análise morfológica do adjetivo desalmado e do verbo repatriar, verificamos imediatamente que:

a) o primeiro é constituído do PREFIXO des- -\- o RADICAL alm(a) + o SUFIXO -ado; e

b) o segundo é formado do PREFIXO re- + o RADICAL patri(a) + o SUFIXO -ar.

Um exame mais cuidadoso mostra-nos, porém, que, nos dois casos, o prefixo e o sufixo se aglutinaram a um só tempo aos radicais alm(a) e patri(a), pois que não existem

des e não existiram nunca os substantivos desalma e repatria, nem tampouco o adjetivo almado e o verbo patriar.

Os vocábulos formados pela agregação simultânea de prefixo e sufixo a determinado radical chamam-se PARASSINTÉTICOS, palavra derivada do grego para- (= justaposição,

posição ao lado de) e synthetikós (= que compõe, que junta, que combina).

A PARASSÍNTESE é particularmente produtiva nos verbos, e a principal função dos prefixos vernáculos a- e em- (en-) é a de participar desse tipo especial de derivação:

abotoar embainhar
amanhecer ensurdecer

101

DERIVAÇÃO REGRESSIVA

Nos tipos de derivação até aqui estudados a palavra nova resulta sempre do acréscimo de AFIXOS (PREFIXOS ou SUFIXOS) a determinado RADICAL. Neles há, pois, uma constante:

a palavra derivada amplia a primitiva.

Existe, porém, um processo de criação vocabular exatamente contrário. É a chamada DERIVAÇÃO REGRESSIVA, que consiste na redução da palavra derivante por uma falsa análise da sua estrutura.

Um exemplo:

Proveniente da linguagem dos ciganos espanhóis, entrou na gíria portuguesa o termo gajo com o significado de "indivíduo feio, velho". Por causa deste sentido pejorativo e da presença da final -ao, passou ele, com o tempo, a ser considerado simples aumentativo de um suposto substantivo gajo, que é hoje a forma corrente.

A DERIVAÇÃO REGRESSIVA tem importância maior na criação dos SUBSTANTIVOS DEVERBAIS ou PÓS-VERBAIS, formados pela junção de uma das vogais -o, -a ou -e ao radical do verbo.

Exemplos:

VERBO	DEVERBAL	VERBO	DEVERBAL	VERBO	DEVERBAL
abalar	abalo	amostrar	amostra	alcançar	alcance
adejar	adejo	aparar	apara	atacar	ataque
afagar	afago	buscar	busca	cortar	corte
amparar	amparo	caçar	caça	debater	debate

apelar	apelo	censurar	censura	enlaçar	enlace
arrimar	arrimo	ajudar	ajuda	levantar	levante
chorar	choro	comprar	compra	rebater	rebate
errar	erro	perder	perda	resgatar	resgate
recuar	recuo	pescar	pesca	tocar	toque
sustentar	sustento	vender	venda	sacar	saque

Alguns verbos possuem forma masculina e feminina:

VERBO	DEVERBAIS	VERBO	DEVERBAIS
ameaçar	ameaço	ameaça	gritar
custar	custo	custa	trocar
			troco
			troca

102

Observação:

Nem sempre é fácil saber se o substantivo se deriva do verbo ou se este se origina do substantivo. Ha um critério prático para a distinção, sugerido pelo filólogo Mário Barreto: "se o substantivo denota ação, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva; mas, se o nome denota algum objeto ou substância, verificar-se-

o contrário." (De Gramática e de Linguagem, II, Rio de Janeiro, 1922, p. 247.)

Assim: dança, ataque e amparo, denotadores, respectivamente, das ações de dançar, atacar e amparar, são formas derivadas; Ancora, azeite e escudo, ao contrário, são as formas primitivas, que dão origem aos verbos ancorar, azeitar e escudar.

Ho, no entanto, quem não considere relevante a origem da base, mas a relação geral VERBO / NOME, que obedeceria, em princípio, a um padrão derivacional, segundo o qual, "dada a existência de um verbo no léxico do Português, é previsível uma relação lexical entre este verbo e um nome X'." Este padrão pode ser assim formalizado:

[X]

[X]

[X1]

Acrescente-se ainda que esse padrão derivacional "pode abarcar o fato de que os verbos muitas vezes se relacionam a nomes morfologicamente básicos, e não apenas a nomes deverbais" (cf. Margarida Basílio. Padrões derivacionais gerais e o fenômeno da nominalização em português. Revista Brasileira de Linguística, 5(1):80-81 1978).

DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

As palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação na forma.

Basta, por exemplo, antepor-se o artigo a qualquer vocábulo da língua para que ele

se torne um substantivo. Assim:

Ele examinou os prós e os contras da proposta. Esperava um sim e recebeu um não.

A este processo de enriquecimento vocabular pela mudança de classe das palavras dá-se o nome de DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA, e por ele se explica a passagem:

- de substantivos próprios a comuns: damasco, macadame (de Mac Adam), quixote;
- de substantivos comuns a próprios: Coelho, Leão, Pereira;
- de adjetivos a substantivos: capital, circular, veneziana;
- de substantivos a adjetivos: burro, (cate)-concerto, (colégio)-modelo;
- de substantivos, adjetivos e verbos a interjeições: silêncio! bravo! viva!

103

/) de verbos a substantivos: afazer, jantar, prazer;

g) de verbos e advérbios a conjunções: quer. . . quer, já... já;

h) de participios (presentes e passados) a preposições: mediante, salvo;

i) de participios (passados) a substantivos e adjetivos: conteúdo, resolutivo.

Observação:

A rigor, a DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA '(também denominada CONVERSÃO, HABILITAÇÃO ou HIPÓSTASE por linguistas modernos) não deve ser incluída entre os processos de formação

de palavras que estamos examinando, pois pertence à área da semântica, e não à da

morfologia.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR COMPOSIÇÃO

A COMPOSIÇÃO, já o sabemos, consiste em formar uma nova palavra pela união de dois ou mais radicais. A palavra composta representa sempre uma ideia única e autónoma,

muitas vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes. Assim, criado-mudo é o nome de um móvel; mil-folhas, o de um doce; vitória-régia, o de uma planta;

pé-de-galinha, o de uma ruga no canto externo dos olhos.

TIPOS DE COMPOSIÇÃO 1. Quanto à FORMA, os elementos de uma palavra composta podem

estar:

a) simplesmente justapostos, conservando cada qual a sua integridade:

beija-flor segunda-feira

bem-me-quer chapéu-de-sol

madrepérola passatempo

b) intimamente unidos, por se ter perdido a ideia da composição, caso em que se subordinam a um único acento tónico e sofrem perda de sua integridade silábica:

aguardente (água 4- ardente) penalta (perna + alta) embora (em -f- boa + hora)

viandante (via + andante)

Daí distinguir-se a COMPOSIÇÃO POR JUSTAPOSIÇÃO da COMPOSIÇÃO POR AGLUTINAÇÃO, diferença que a escrita procura refletir, pois que na

104

JUSTAPOSIÇÃO os elementos componentes vêm em geral ligados por hífen, ao passo que na AGLUTINAÇÃO eles se juntam num só vocábulo gráfico

Obervação:

Reitere-se que o emprego do hífen é uma simples convenção ortográfica. Nem sempre os elementos justapostos vêm ligados por ele. Há os que se escrevem unidos:

passatempo,

varapau, etc.; como há outros que conservam a sua autonomia gráfica: pai de família, fim de semana, Idade Média, etc.

2. Quanto ao SENTIDO, distingue-se numa palavra composta o elemento DETERMINADO, que contém a ideia geral, do DETERMINANTE, que encerra a noção particular. Assim, em escola-modelo, o termo escola é o DETERMINADO, e modelo o DETERMINANTE. Em métrica, ao inverso, métrica é o DETERMINANTE, e métrica o DETERMINADO.

Nos compostos tipicamente portugueses, o DETERMINADO de regra precede o DETERMINANTE, mas naqueles que entraram por via erudita, ou se formaram pelo

modelo da composição latina, observa-se exatamente o contrário é o primeiro elemento é o que exprime a noção específica, e o segundo a geral. Assim: agricultura (= cultivo do campo), suaviloquência (= linguagem suave), mundividência (= visão-do mundo), etc.

Observação:

Como o DETERMINANTE encerra a noção mais característica, muitas vezes por si só designa o objeto. Assim: capital (por cidade capital), vapor (por barco a vapor).

3. Quanto à CLASSE GRAMATICAL dos seus elementos, uma palavra composta pode ser constituída de:

1º) SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO:

manga-rosa

porco-espinho

tamanduá-bandeira

2º) SUBSTANTIVO + PREPOSIÇÃO -f SUBSTANTIVO:

chapéu-de-sol

mêe-d'água

pai de família

3º) SUBSTANTIVO -f- ADJETIVO:

a) com o adjetivo posposto ao substantivo: aguardente

amor-perfeito

criado-mudo

b) com o adjetivo anteposto ao substantivo: alto-forno

belas-artes

gentil-homem

105

r

4?) ADJETIVO -f ADJETIVO:

azul-marinho luso-brasileiro 50) NUMERAL -f- SUBSTANTIVO:
 mil-folhas segunda-feira 60) PRONOME + SUBSTANTIVO:
 meu-bem nossa-amizade
 70) VERBO + SUBSTANTIVO:
 beija-flor guarda-roupa
 80) VERBO + VERBO:
 corre-corre perde-ganha 90) ADVÉRBO -f ADJETIVO:
 bem-bom não-euclidiana
 passatempo
 vaivém

sempre-viva
 100) ADVÉRBO (OU ADJETIVO EM FUNÇÃO ADVERBIAL) + VERBO:
 bem-aventurar maldizer vangloriar-se Observações:

1.*) No último grupo poderíamos incluir os numerosos compostos de bem e mal + SUBSTANTIVO ou ADJETIVO, porque, neles, tanto o substantivo como o adjetivo são quase

sempre derivados de verbos, cuja significação ainda conservam. Assim: bem-aventurana, bem-aventurado, benquerena, bem-vindo, maldizente, mal-encarado, malfeitor, malsoante, etc.

2.) Nem todos os compostos da língua se distribuem pelos tipos que enumeramos. Há, ainda, uma infinidade de combinações, por vezes curiosas, como as seguintes: bem-te-vi, bem-te-vi-do-bico-chato, disse-que-disse, louva-a-deus, malmequer, não-me-deixes, não-me-toques, não-te-esqueças-de-mim (miosotis), não-sei-que-diga (nome do diabo), etc.

3.*) Empregamos muitas palavras compostas que não são, propriamente, formações portuguesas. Assim, couve-flor é tradução do francês chou-fleur; café-concerto é também

de origem francesa; bancarrota provém do italiano bancarotta; vinagre chegou-nos, provavelmente, por intermédio do espanhol vinagre, originário, por sua vez, de uma forma catalã idêntica.

4.) Algumas palavras de importância que aparentam forma simples são compostas nas línguas de origem. É o caso, por exemplo, de oxalá, derivado do árabe wa sá llá (= t queira Deus); de aleluia, proveniente do hebraico hatlelu Yah (= louvai ao Senhor).

106

COMPOSTOS ERUDITOS

A nomenclatura científica, técnica e literária é fundamentalmente constituída de palavras formadas pelo modelo da composição greco-latina, que consistia em

associar dois termos, o primeiro dos quais servia de determinante do segundo.

Examinaremos, a seguir, os principais radicais latinos e gregos que participam dessas formações, distribuindo-os por dois grupos, de acordo com a posição que ocupam no composto.

RADICAIS LATINOS

1. Entre outros, funcionam como primeiro elemento da composição os seguintes radicais latinos, em geral terminados em -/:

FORMA	ORIGEM LATINA	SENTIDO	EXEMPLO
ambi-	ambo ambos	ambidestro	
arbori-	arbor, -oris	árvore	arborfcola
,vi-	avis-, -is	ave	avifauna
bis-	j bi- J	bis	duas vezes bisavô bispede
calori-	calor, -oris	calor	calorífero
cruci-	crux, -ucis	cruz	crucifixo
curvi-	curvus, -a, -um	curvo	curvilíneo
equi-	aequus, -a, -um	igual	equilítero

feni-	j	ferro-	J	ferrum, -i	ferro	ferrífero	ferrovia
feri-		ignis, -is		fogo	ignívomo		
loco-		locus, -i		lugar	locomotiva		
morfl-		mors, mor t is		morte	mortífero		
olei-	l	oleo-	J	oleum, -i	azeite, óleo	oleógeno	
oleoduto							
onl-		omnis, -e		todo	onipotente		
pedi-		pés, pedis		pé	pedilúvio		
piscl-		piseis, -is		peixe	piscicultor		
quadri-	\	quadro-	j	quattuor	quatro	quadrimotor	quadrópede
rtfl.		rectus, -a, -um		reto	retilíneo		
icsqni-		sesqui-		um e meio	sesquicenténario		
Iri-		tres, tria		três	tricolor		
unl-		unus, -a, -um		um	uníssono		
vermló		vermis, -is		verme	vermífugo		

107

r

2. Como segundo elemento da composição, empregam-se:

FORMA.	SENTIDO	EXEMPLOS
ocida	que mata	regicida, fratricida
ocola	que cultiva, ou habita	vitícola, arborícola
ocataró	ato de cultivar	apicultura, piscicultura
otoo	que contém, ou produz	aurífero, flamífero
Jico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	cuneiforme, uniforme
-futo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	armífero, belífero
-para	que prodir	multíparo, ovíparo
.pede	pé	palmípede, velocípede
oródo	que soa	horríssono, uníssono
-romo	que expele	fumívomo, ignívomo
-VOTO	que come	carnívoro, herbívoro

RADICAIS GREGOS

1. Mais numerosos são os compostos eruditos formados de elementos gregos, fonte de quase todos os neologismos filosóficos, literários, técnicos e científicos. Entre os mais usados, podemos indicar os seguintes, que servem geralmente de primeiro elemento da composição:

FORMA	SENTIDO	EXEMPLOS
anemo-	vento	anemógrafo, anemómetro
antropo-	homem	antropófago, antropologia
arqueo-	antigo	arqueografia, arqueologia
biblio-	livro	bibliografia, biblioteca
caco-	mau	cacofonia, cacografia
caU-	belo	califasia, caligrafia
cosmo-	mundo	cosmógrafo, cosmologia
cromo-	cor	cromolitografia, cromossomo
crono-	tempo	cronologia, cronometro
dactito-	dedo	dactilografia, dactiloscopia
deca-	dez	decaedro, decalitro
di-	dois	dipólato, dissólabo
enea-	nove	eneógono, eneassflabo
etno-	raça	etnografia, etnologia
farnaco-	medicamento	farmacologia, farmacopeia
ftto-	natureza	fisiologia, fisionomia
heUo-	sol	heliografia, helioscópico
heral-	metade	hemisfério, hemistóquio
IWJDO-	sangue	hemoglobina, hematócrito
hemato-		

hepte-	sete	heptógono, heptassólabo
hexa-	seis	hexógono, hexómetro
hipo-	cavalo	hipódromo, hipopótamo
hom(e)o-	semelhante	homeopatia, homógrafo
ictio-	peixe	ictiófago, ictiologia
Iso-	igual	isócrono, isóscele(s)
lito-	pedra	litografia, litogravura
mega(lo).	grande	megatério, megalomaníaco
melo-	canto	melodia, melopeia
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
mlria-	dez mil	mirímetro, miríade
miso-	que odeia	misógino, misantropo
mito-	fóvula	mitologia, mítmano
necro-	morto	necrópole, necrotério.
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-	nervo	neurologia, nevralgia
nevro-		
octo-	oito	octossólabo, octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmoscópio
onomato-	nome	onomatologia, onomatopéia
oro-	montanha	orogenia, orografia
orto-	reto, justo	ortografia, ortodoxo
oxi-	agudo, penetrante	oxógono, oxótono
pako.	antigo	paleografia, paleontologia
pan-	todos, tudo	panteísmo, pan-americano
pato-	(sentimento) doença	patogenético, patologia
pedo-	criança	pediatria, pedologia
potamo-	rio	potamografia, potamologia
pslco-	alma, espírito	psicologia, psicanálise
quilo-	mil	quilograma, quilómetro
quiro-	mão	quiromancia, quiroptero
rino-	nariz	rinoceronte, rinoplastia
rizo*	raiz	rizófilo, rizotônico
sidero-	ferro	siderólita, siderurgia
taqnl-	rápido	taquicardia, taquigrafia
teo-	deus	teocracia, teólogo
tetra-	quatro	tetrarca, tetraedro
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, toponímia
xcno-	estrangeiro	xenofobia, xenomania
xlo-	madeira	xilógrafo, xilogravura
lOO-	animal	zoógrafo, zoologia

108

109

Observação:

Como vemos, a maioria destes radicais assume na composição uma forma terminada em -o. Alguns empregam-se também como segundo elemento do composto. O caso, por exemplo, de -antropo (filantropo), -crono (isócrono), -dóctilo (pterodóctilo), -filo (germáfilo), -lito (aerólito), -pótamo (hipopótamo) e outros.

2. Funcionam, preferentemente, como segundo elemento da composição, entre outros, estes radicais gregos:

FORMA	SENTIDO	EXEMPLOS
-agogo	que conduz	demagogo, pedagogo
-algia	dor	cefalalgia, nevralgia
-arca	que comanda	heresiarca, monarca
-arquia	comando, governo	autarquia, monarquia
-astenia	debilidade	neurastenia, psicastenia

-céfalo	cabeça	dolicocéfalo, microcéfalo
-cracia	poder	democracia, plutocracia
-doio	que opina	heterodoxo, ortodoxo
-dromo	lugar para correr	hipódromo, velódromo
-edro	base, face	pentaedro, poliedro
-fagia	ato de comer	aerofagia, antropofagia
ófago	que come	antropófago, necrófago
-filia	amizade	bibliofilia, lusofilia
-fobia	inimizade, ódio, temor	fotofobia, hidrofobia
-fobo	que odeia, inimigo	xenófobo, zoófobo
-foro	que leva ou conduz	electróforo, fósforo
-gamia	casamento	monogamia, poligamia
-gamo	que casa	bígamo, polígamo
-góneo	que gera	heterogóneo, homogóneo
-glota, -glossa	língua	políglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentógono, pológono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, geografia
-grafo	que escreve	calógrafo, pológrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-logia	discurso, tratado, ciência	arqueologia, filologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, teólogo
-maneia	adivinhação	necromancia, quiromancia
-mania	loucura, tendência	megalomania, monomania
-mano	louco, inclinado	bibliómano, mitómano
-maquia	combate	logomaquia, tauromaquia
-media	medida	antropometria, biometria
-metro	que mede	hidrómetro, pentómetro
-morfo	que tem a forma	antropomorfo, polimorfo
-nomia	lei, regra	agronomia, astronomia
-nomo	que regula	autónimo, metónimo
-póla	ato de fazer	melopecia, onomatopéia

110

-polis, -pote	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptcro	asa	dóptero, helicóptero
óscopia	ato de ver	macroscopia, microscopia
-Kópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
óoofia	sabedoria	filosofia, teosofia
-ótico	verso	déstico, monéstico
-teca	lugar onde se guarda	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, hidroterapia
-tomia	corte, divisão	dicotomia, nevrotomia
-tono	tensão, tom	barótono, monotono

RECOMPOSIÇÃO

PSEUDOPREFIXOS

Certos radicais latinos e gregos adquiriram sentido especial nas línguas modernas. Assim auto- (do grego autos = próprio, de si mesmo), que ainda se emprega com o valor originário em numerosos compostos (por exemplo: autodidata = que estudou por si mesmo; autógrafo = escrito do próprio autor), passou, com a vulgarização de auto, forma abreviada de automóvel (= veículo movido por si mesmo), a ter este significado em uma série de novos compostos: auto-estrada, autódromo, etc. Também o radical electro- (do grego eléctron = âmbar), pela propriedade que apresenta o âmbar de atrair os corpos leves, veio a aplicar-se a tudo o que se relaciona com a "eletricidade": electrodinâmica, electróscopo, electroterapia, etc. Estes radicais que assumem o sentido global dos vocábulos de que antes eram elementos componentes denominam-se PSEUDOPREFIXOS ou PREFIXÓIDES1.

Os PSEUDOPREFIXOS caracterizam-se:

o) por apresentarem um acentuado grau de independência;

b) por possuírem "uma significação mais ou menos delimitada e presente e consciência dos falantes, de tal modo que o significado do todo a que pertencem se aproxima

de um conceito complexo, e portanto de um sintagma"²;

1 Leiam-se, a propósito, as considerações de Iorgu Iordan e Maria Manoliu. Manual de linguística românica. Revisão, reelaboração parcial y notas por Manuel Alvar,

t. II, Madrid, Credos, 1972, p. 44-49; J. G. Herculano de Carvalho. Teoria da linguagem, t. II, Coimbra, Atlantida, 1974, p. 547-554; Li Ching. Boletim de Filologia,

22:213-225. 1 J. G. Herculano de Carvalho. Obra cit., p. 554.

111

c) por terem, de um modo geral, menor rendimento do que os prefixos propriamente ditos.

Cumpre-nos, pois, fazer distinção entre os PSEUDOPREFIXOS e os RADICAIS ERUDITOS que não apresentam esse comportamento especial. O critério básico para tal distinção

é a deriva semântica que se evidencia quando, processada a "decomposição", os elementos ingressam noutras formas com sentido diverso do etimológico.

A deriva semântica desses elementos decorre, portanto, de um procedimento especial, denominado RECOMPOSIÇÃO por André Martinet, termo que lhe pareceu necessário

para batizar "uma situação linguística particular que não se identifica nem com a composição propriamente dita, nem tampouco, de um modo geral, com a derivação, que supõe a combinação de elementos de estatuto diferente"¹.

Eis uma lista de PSEUDOPREFIXOS, ilustrada com exemplos:

PSEUDOPREFIXO

EXEMPLOS

aero-

arqui-

astro-

auto-

bto-

cinc.

demo-

electro-

fODO-

fofo-

geo-

hetero-

hidro.

inter-

macro-

maxi*

micro-

mini-

moto-molt. phiri-

aeroclube, aeromoça agroindustrial, agropecuária arquibanco, arquimilionário

astronauta, astronave auto-estrada, autopeça biociência, biodegradável cineclube, cinerama

demofilia, demologia electrodoméstico, electromagnético fonoestilística, fonovisão

fotomontagem, fotonovela geoeconómico, geopolítico heteroagressão, heterorrelação

hidroelétrica, hidrogenização interestadual, inter-racial macroeconomia,

macrobiótica maxidesvalorização, maxissaia microfilme, microonda minifóndio,

minissaia

monobloco, monomotor motomecanização, motonave multifacetado, multinacional

pluripartidarismo, plurisseriado

¹ Elements de linguistique générale. Paris, Armand Colin, 1967, p. 135. 112

pseudo-
radio-
retro-
ttk-

policlfnica, polimorfismo proto-história, protomórtir pseudo-intelectual, pseudo-realismo radiojornal, radioteatro retrocontagem, retrovisor semi-oficial, semivogal

teleguiado, televisão termodinâmica, termonuclear

HIBRIDISMO

São PALAVRAS HÍBRIDAS, ou HÍBRIDISMOS, aquelas que se formam de elementos tirados de línguas diferentes. Assim, em automóvel o primeiro radical é grego e o segundo latino, em sociologia, ao contrário, o primeiro é latino e o segundo grego.

As formações híbridas são em geral condenadas pelos gramáticos, mas existem algumas tão enraizadas no idioma que seria pueril pretender eliminá-las. É o caso das

palavras mencionadas e de outras, como

bicicleta bígamo

endovenoso monóculo

neolatino oleografia

Obwryaóio:

Com razão, observa Matoso Câmara Jr.: "esses compostos decorrem, em princípio, da circunstância de os elementos se terem integrado no mecanismo da língua que faz a composição, e a sua origem diversa só ter um sentido diacrônico" (Dicionário de filologia e gramática, 2. ed.. Rio de Janeiro, J. Ozon, 1964, p. 180).

ONOMATOPEIA

As ONOMATOPEIAS são palavras imitativas, isto é, palavras que procuram reproduzir aproximadamente certos sons ou certos ruídos:

tique-taque

zês-três

zunzum

Em geral, os verbos e os substantivos denotadores de vozes de animais têm origem onomatopéica. Assim:

ciciar coaxar

cicio (da cigarra) coxo (da rã, do sapo)

113

ABREVIADO VOCABULAR

O ritmo acelerado da vida intensa de nossos dias obriga-nos, necessariamente, a uma elocução mais rápida. Economizar tempo e palavras é uma tendência geral do mundo de hoje.

Observamos, a todo momento, a redução de frases e palavras até limites que não prejudiquem a compreensão. É o que sucede, por exemplo, com os vocábulos longos, e

em particular com os compostos greco-latinos de criação recente: auto (por automóvel), foto (por fotografia), moto (por motocicleta), ônibus (por auto-ônibus), pneu

(por pneumático), quilo (por quilograma), etc. Em todos eles a forma abreviada assumiu o sentido da forma plena.

SIGLAS

Também moderno é e cada vez mais generalizado é o processo de criação vocabular que consiste em reduzir longos títulos a meras SIGLAS, constituídas das letras iniciais das palavras que os compõem.

Atualmente, instituições de natureza varia é como organizações internacionais, partidos políticos, serviços públicos, sociedades comerciais, associações operárias,

patronais, estudantis, culturais, recreativas, etc. É são, em geral, mais conhecidas pelas SIGLAS do que pelas denominações completas. Assim:

ONU UNESCO

OEA
OUA
AD
PDS
PFL
PMDB
PT
PTB
APU
PCP
PPM
PS
PSD
FRELIMO

114

Organização das Nações Unidas
United Nations Educational, Scientific and Cultural
Organization

Organização dos Estados Americanos

Organização de Unidade Africana

Aliança Democrática

Partido Democrático Social

Partido da Frente Liberal

Partido do Movimento Democrático Brasileiro

Partido dos Trabalhadores

Partido Trabalhista Brasileiro

Aliança Povo Unido

Partido Comunista Português

Partido Popular Monárquico

Partido Socialista

Partido Social Democrático

Frente de Libert  o de Moçambique

IMPLA = Movimento Popular de Libert  o de Angola

PAIGC == Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde

MEC = Ministério da Educação e Cultura

CGT = Conf  deration Générale du Travail

IJNE    União Nacional dos Estudantes

TAP = Transportes A  reos Portugueses

VARIG = Viação Aérea Rio-Grandense

IFIFA = F  deration Internationale de Football Association

PDT = Partido Democrático Trabalhista

E não    só. Uma vez criada e vulgarizada, a SIGLA passa a ser sentida como uma palavra primitiva, capaz, portanto, de formar derivados: cege-tista, petebista, etc.

  
Observação:

Nem sempre uma instituição é conhecida pela mesma sigla em Portugal e no Brasil. No Brasil, por exemplo, denomina-se OTAN (= Organização do Tratado do Atlântico Norte) o organismo que em Portugal se chama NATO (= North Atlantic Treaty Organization), por ter-se aí vulgarizado a sigla inglesa.

Por vezes há diferença de acentuação da sigla nos dois países. Diz-se, por exemplo, ONU em Portugal e ONU no Brasil.

t  :

115

FRASE, ORAÇÃO, PERÍODO

A FRASE E A SUA CONSTITUIÇÃO

1. FRASE é um enunciado de sentido completo, a unidade mínima de comunicação. A parte da gramática que descreve as regras segundo as quais as palavras se

combinam para formar FRASES denomina-se SINTAXE.

2. A FRASE pode ser constituída: 1) de uma só palavra:

Fogo! Atenção! Silêncio!

2) de várias palavras, entre as quais se inclui ou não um verbo:

a) com verbo:

Alguns anos vivi em Itabira.

(C. Drummond de Andrade, R, 45.)

b) sem verbo:

Que inocência! Que raron! Que alegria!

(Teixeira de Pascoaes, OC, III, 140.)

3. A FRASE é sempre acompanhada de uma melodia, de uma entoação. Nas frases organizadas com verbo, a entoação caracteriza o fim do enunciado, geralmente seguido

de forte pausa. É o caso destes exemplos:

Bate o vento no postigo... / Cai a chuva lentamente...

(Da Costa e Silva, PC, 307.)

Se a frase não possui verbo, a melodia é a única marca por que podemos reconhecê-la. Sem ela, frases como

Atenção! Que inocência! Que alegria!

116

criam simples vocábulos, unidades léxicas sem função, sem valor gramatical.

O estudo da frase e o da organização dos elementos que a constituem pressupõem o conhecimento de alguns conceitos nem sempre fáceis de definir. Essa dificuldade resulta não só da própria natureza do assunto, mas também das diferenças dos métodos e técnicas de análise adotados pela Linguística Clássica e pelas principais

correntes da Linguística Contemporânea.

Neste capítulo, evitar-se-ão discussões teóricas que não tragam esclarecimentos ao estudo descritivo-normativo da sintaxe portuguesa, que é o nosso objetivo principal.

FRASE E ORAÇÕES

A FRASE pode conter uma ou mais ORAÇÕES.

Contém apenas uma oração, quando apresenta:

a) uma só forma verbal, clara ou oculta:

O dia decorreu sem sobressalto.

(J. Paão d'Arcos, CVL, 491.)

Na cabeça, aquela bonita coroa. (J. Montello, A, 32.)

b) duas ou mais formas verbais, integrantes de uma LOCUÇÃO VERBAL:

Podem vir os dois...

(V. Nemésio, MTC, 446.)

Tudo de repente entrou a viver uma vida secreta de luz. (Autran Dourado, TA, 13.)

2) Contém mais de uma oração, quando há nela mais de um verbo (seja na forma simples, seja na locução verbal), claro ou oculto:

Fechei os olhos, / meu coração doía.

(Luandino Vieira, NANV, 75.)

Busco, / volto, / abandono, / e chamo de novo. (A. Bessa Luís, AM, 38.)

117

O Negrinho começou a chorar, / enquanto os cavalos iam pastando.

(Simões Lopes Neto, CGLS, 332.)

Os anos são degraus; / a vida, a escada.

(Fernanda de Castro, AN E, 73.)

Observação:

A LOCUÇÃO VERBAL é o conjunto formado de um VERBO AUXILIAR + um VERBO PRINCIPAL.

Enquanto o último vem sempre numa FORMA NOMINAL (INFINITIVO, GERÚNDIO, PARTICÍPIO),

o primeiro pode vir:

a) numa FORMA FINITA (INDICATIVO, IMPERATIVO, SUBJUNTIVO):

A viticultura foi-se alargando talvez a partir do terceiro século. (A. Sérgio, E,

VIII, 65.)

☉ V☉ deitar-se, / v☉ co☉ar as pulgas / e descansar. (G. Ramos, AOH, 117.)

☉ Voc☉ cr☉ deveras que / venhamos a ser grandes homens? (Machado de Assis, OC, I, 984.)

b) numa FORMA NOMINAL (INFINITIVO ou GER☉NDIO):

Ah, n☉o poder subir na sombra Como um ladr☉o que escala um muro! (Ribeiro Couto, PR, 333.)

Doente, quase n☉o podendo andar, fui ter com o Evaristo. (A. Nobre, Cl, 156.)

ORA☉☉O E PER☉ODO

1. PER☉ODO ☉ a frase organizada em ora☉☉o ou ora☉☉es.

Pode ser:

a) SIMPLES, quando constituído de uma s☉ ora☉☉o:

Cai o crep☉sculo.

(Da Costa e Silva, PC, 281.)

Nunca mais recobrou por inteiro a sa☉de. (A. Bessa Lu☉s, S, 186.)

118

b) COMPOSTO, quando formado de duas ou mais ora☉☉es:

N☉o bulia uma folha, / n☉o cintilava um luzeiro. (A. Ribeiro, ☉5, 211.)

O senhor tirou fora o cigarro, / bateu-o na tampa da cigarreira, / levou-o ao canto dos l☉bios, / premiu a mola do isqueiro.

(J. Montello, SC, 173.)

2. O PER☉ODO termina sempre por uma pausa bem definida, que se marca na escrita com ponto, ponto de exclama☉☉o, ponto de interroga☉☉o, retic☉ncias e, algumas vezes,

com dois pontos.

A ORA☉☉O E OS SEUS TERMOS ESSENCIAIS

SUJEITO E PREDICADO

1. S☉o termos essenciais da ora☉☉o o SUJEITO e o PREDICADO. O SUJEITO ☉ o ser sobre o qual se faz uma declara☉☉o; o PREDICADO ☉ tudo aquilo que se diz do SUJEITO.

Assim, na ora☉☉o

Este aluno obteve ontem uma boa nota.

temos:

sujeito

Este aluno

ora☉☉o

predicado

obteve ontem uma boa nota

2. Nem sempre o SUJEITO e o PREDICADO v☉m materialmente expressos. Assim, em:

Andei l☉guas de sombra Dentro em meu pensamento.

(F. Pessoa, OP, 59.)

119

o sujeito de andei ☉ eu, indicado apenas pela desin☉ncia verbal. J☉ em:

Boa cidade, Santa Rita.

(M. Palm☉rio, VC, 298.)

☉ a forma verbal ☉ que est☉ subentendida.

Chamam-se EL☉PTICAS as ora☉☉es a que falta um termo essencial. E, conforme o caso, diz-se que o SUJEITO ou o PREDICADO est☉o EL☉PTICOS.

SINTAGMA NOMINAL E VERBAL

1. Na* ora☉☉o:

Este aluno obteve ontem uma boa nota, distinguimos duas unidades maiores:

☉) o SUJEITO: este aluno;

b) o PREDICADO: obteve ontem uma boa nota.

Examinando, por☉m, o SUJEITO, vemos que ele ☉ formado de duas palavras:

este aluno

O demonstrativo este ☉ um determinante (DET) do substantivo (N) aluno, palavra que constitui o N☉CLEO da unidade.

Toda unidade que tem por núcleo um substantivo recebe o nome de SINTAGMA NOMINAL (SN).

A oração que estamos estudando apresenta, assim, dois SINTAGMAS NOMINAIS:

- a) SN1 = este aluno;
- b) SN* = uma boa nota.

2. Podem ocorrer muitos SINTAGMAS NOMINAIS (SN) na oração, mas somente um deles será o SUJEITO. E, como veremos adiante, a sua posição, na ordem direta e lógica do enunciado, é à esquerda do verbo. Os demais SINTAGMAS NOMINAIS encaixam-se no PREDICADO.

3. O substantivo, núcleo de um sintagma nominal, admite a presença de DETERMINANTES (DET) que são os artigos, os numerais e os pro-

120
nomes adjetivos e de MODIFICADORES (MOD), que, no caso, são os adjetivos ou expressões adjetivas.

Os dois sintagmas nominais da oração em exame podem ser assim esquematizados:

4. O SINTAGMA VERBAL (SV) constitui o predicado. Nele há sempre um verbo, que, quando SIGNIFICATIVO, é o seu núcleo.

O SINTAGMA VERBAL pode ser complementado por sintagmas nominais e modificado por advérbios ou expressões adverbiais (MOD).

A oração que nos serve de exemplo obedece, pois, ao seguinte esquema:

SN*

DET

MOD

N

V MOD

SN

DET N MOD

aluno

nota

O SUJEITO

REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO

Os SUJEITOS da 1ª e da 2ª pessoa são, respectivamente, os pronomes pessoais eu e tu, no singular; nós e vós (ou combinações equivalentes: eu e tu, tu e ele, etc.),

no plural.

121

Os SUJEITOS da 3ª pessoa podem ter como núcleo:

a) um substantivo:

Matilde entendia disso.

(A. Bessa Luís, OM, 170.)

Os olhos dela estavam secos.

(Machado de Assis, OC, I, 495.)

b) os pronomes pessoais ele, ela (singular); eles, elas (plural):

Estavam de braços dados, de arrumava a gravata, de ajeitava o chapéu.

(O. Veríssimo, Li, 128.)

Esperam que dós as tomem?... (Alves Redol, BC, 333.)

c) um pronome demonstrativo, relativo, interrogativo, ou indefinido:

Isto não lhe arrefece o ânimo?

(A. Abelaira, NC, 35.)

Achava consolo nos livros, que o afastavam cada vez mais da vida.

(O. Veríssimo, LS, 131.)

Quem disse isso?

(F. Botelho, X, 150.)

Tudo parara ao redor de nós.

(C. Lispector, BF, 81.)

d) um numeral:

Os dois riram-se satisfeitos.

(L. B. Honwana, NMCT, 65.)

Ambos alteraram os roteiros originais. (N. Pinon, FD, 86.)

e) uma palavra ou uma expressão substantivada:

Infanta, no exílio amargo, só o existirdes me consola.

(T. da Silveira, PC, 367.)

O por fazer é só com Deus.

(F. Pessoa, OP, 16.)

122

m.

o

/) uma oração substantiva subjetiva:

Era forçoso / que fosse assim.

(A. Sörgio, E, IV, 245.)

Valeria a pena / discutir com o Benkio? (J. Montello, SC, 16.)

SUJEITO SIMPLES E COMPOSTO

SUJEITO SIMPLES. Quando o sujeito tem um só núcleo, isto é, quando o verbo se refere a um só substantivo, ou a um só pronome, ou a um só numeral, ou a uma só

palavra substantivada, ou a uma só oração substantiva, o SUJEITO é SIMPLES. Esse o caso do sujeito de todos os exemplos atrás mencionados.

SUJEITO COMPOSTO. é COMPOSTO o sujeito que tem mais de um núcleo, ou seja, o sujeito constituído de:

a) mais de um substantivo:

As vozes e os passos aproximam-se.

(M. da Fonseca, SV, 248.)

Pai jovem, mãe jovem não deixam menino solto. (G. Amado, HMI, 49.)

b) mais de um pronome:

Ele e eu somos da mesma raça.

(D. Mourão-Ferreira, /, 98.)

Não vivo sem a sua sombra, você e eu sabemos. (N. Pinon, CC, 12.)

c) mais de uma palavra ou expressão substantivada:

Falam por mim os abandonados de justiça, os simples

[de coração.

(C. Drummond de Andrade, R, 148.) Quantos mortos e feridos não me precederam ali.

(N. Pinon, CC, 16.)

123

d) mais de uma oração substantiva:

Era melhor esquecer o não e pensar numa cama igual à de seu Tomás da bolandeira.

(G. Ramos, VS, 83.)

Dir-se-ia que o pano do palco se havia levantado e que iam surgir, pelas entradas laterais, as demais figuras da peça.

(J. Montello, L, 108.)

Observação:

Outras combinações podem entrar na formação do SUJEITO COMPOSTO, sendo particularmente comum a de pronome + substantivo, ou vice-versa:

Éramos meu pai e eu E um negro, negro cavalo.

(V. de Moraes, PCP, 286.)

SUJEITO OCULTO (DETERMINADO)

é aquele que não está materialmente expresso na oração, mas pode ser identificado.

A identificação faz-se:

a) pela desinência verbal:

Ficamos um bocado sem falar.

(L. B. Honwana, NMCT, 10.)

[O sujeito de ficamos, indicado pela desinência -mos, é nós.]

b) pela presença do sujeito em outra oração do mesmo período ou de período contíguo:

Soropita ali viera, na véspera, lá dormira; e agora retornava a casa.

(Guimarães Rosa, CB, II, 467.)

[O sujeito de viera, dormira e retornava é Soropita, mencionado na primeira

oração, antes de viera.]

Guilhermina bocejou. Iria adormecer? Pôs-se a calcular as horas.

(C. de Oliveira, CD, 115.)

124

[O Sujeito de iria adormecer c pôs-se a calcular é Guilhermina, mencionado no primeiro período, antes de bocejou.]

Obfcrroção:

Pode ocorrer que o verbo não tenha desinência pessoal e que o sujeito venha sugerido pela desinência de outro verbo. Por exemplo, neste período:

Antes de comunicar-vos uma descoberta que considero de algum interesse para o nosso país, deixai que vos agradeça.

o sujeito de considero, indicado pela desinência -o, é eu, também sujeito de comunicar, verbo na forma infinitiva sem desinência pessoal.

Vejamos um caso similar, com o verbo na forma finita:

Hoje k tardinha, acabado o jantar, enquanto esperava a chegada de Joio, estirei-me no sofá e adormeci.

* Eu, sujeito de estirei-me e adormeci, é também o sujeito de esperava, forma verbal finita sem desinência pessoal.

SUJEITO INDETERMINADO

Algumas vezes o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento.

Dizemos,

então, que o SUJEITO é INDETERMINADO.

Nestes casos em que o sujeito não vem expresso na oração nem pode ser identificado, põe-se o verbo:

a) ou na 3ª pessoa do plural:

Contaram-me, quando eu era pequenina, a história duns naufragos, como nós.
(A. Ribeiro, SB AM, 265.)

Reputavam-no o maior comilão da cidade. (C. dos Anjos, MS, 44.)

b) ou na 3ª pessoa do singular, com o pronome se:

Ainda se vivia num mundo de certezas. (A. BessaLuís, OM, 296.)

Precisa-se do carvalho; não se precisa do canião. (C. dos Anjos, MS, 381.)

Comi-se com a boca, com os olhos, com o nariz. (Machado de Assis, OC, l, 520 P.)

125

Os dois processos de indctenninação podem concorrer num mesmo período:

Na Casa pisavam sem sapatos, e falava-se baixo. (A. M. Machado, JT, 13.)

ORAÇÃO SEM SUJEITO

Não deve ser confundido o SUJEITO INDETERMINADO, que existe, mas não se pode ou não se deseja identificar, com a inexistência do sujeito. Em orações como as seguintes:

Chove. Anoitece. Faz frio.

interessa-nos o processo verbal em si, pois não o atribuímos a nenhum ser. Diz-se, então, que o verbo é IMPESSOAL; e o sujeito, INEXISTENTE. Eis os principais casos de inexistência do sujeito:

a) com verbos ou expressões que denotam fenômenos da natureza:

Anoitecia e tinham acabado de jantar. (E. Veríssimo, LS, 147.)

De volta, com a garrafa na mão, apenas chuviscava. (L. Jardim, MP, 49.)

Amanheceu a chover.

(A. Botto, AO, 235.)

Era março e ainda fazia frio.

(M. Torga, NCM, 120.)

b) com o verbo haver na acepção de "existir":

Ainda há jasmims, ainda há rosas, Ainda há violões e modinhas Em certas ruas saudosas.

(Ribeiro Couto, PR, 315.)

Na sala havia ainda três quadros do pintor. (F. Namora, DT, 206.)

c) com os verbos ^avg/r, /azar^V^quando indicam tempo decorrido:

Morava no Rio havia muitos anos, desligado das coisas de Minas.

(C. dos Anjos, Af5, 327.)

126

Faz hoje oito dias que comecei. (A. Abelaira, B, 133.)

Vai para uns quinze anos escrevi uma crônica do Curvelo. (M. Bandeira, PP, II, 338.)

d) com o verbo ser, na indicação do tempo em geral:

Era inverno na certa no alto sertão.

(J. Lins do Rego, ME, 57.)

Era por altura das lavouras.

(A. Bessa Luós, 5, 187.)

Observações:

1.º) Nas orações impessoais o verbo ser concorda em número e pessoa com o predicativo. Veja-se, a propósito, o Capítulo 13.

2.º) Também ocorre a impessoalidade nas locuções verbais:

Como podia haver tantas casas e tanta gente? (G. Ramos, VS, 114.)

Devo estar esfacelada, deve haver pedaços de mim por todos os cantos.

(M. J. de Carvalho, AV. 56.)

3.º) Na linguagem coloquial do Brasil é corrente o emprego do verbo ter como impessoal, é semelhante de haver. Escritores modernos é e alguns dos maiores é não têm

duvidado em alçar a construção é língua literária. Comparem-se estes passos:

Hoje tem festa no brejo!

(C. Drummond de Andrade, R 16.)

Em Pasargada tem tudo, é outra civilização...

(M. Bandeira, PP. 222.)

O uso de ter impessoal deve estender-se ao português das nações africanas. De sua vitalidade em Angola há abundante documentação na obra de Luandino Vieira.

Comparem-se,

por exemplo, estes passos:

Não tem morte para o riso, não tem morte. (NM, 74.)

É Aqui tem galinha, tem quintal... (L, 63.)

Verdes amores não tem mais, nunca mais. (N.M., 62.)

127

4.º) Em sentido figurado, os verbos que exprimem fenômenos da natureza podem ser empregados com sujeito:

Dormiu mal, mas amanheceu alegre. (É. Veríssimo. LS. 146.)

Choviam M ditos ao passo que ela seguia pelas mesas. (Almada Negreiros, NG, 92.)

DA ATITUDE DO SUJEITO

COM OS VERBOS DE AÇÃO

Quando o verbo exprime uma ação, a atitude do sujeito com referência ao processo verbal pode ser de atividade, de passividade, ou de atividade e passividade ao mesmo tempo.

1. Neste exemplo:

Maria levantou o menino.

o sujeito Maria executa a ação expressa pela forma verbal levantou. O sujeito é, pois, O AGENTE.

2. Neste exemplo:

O menino foi levantado por Maria.

a ação não é praticada pelo sujeito o menino, mas pelo agente da passiva é Maria. O sujeito, no caso, sofre a ação; é dela o PACIENTE.

3. Neste exemplo:

Maria levantou-se.

a ação é simultaneamente exercida e sofrida pelo sujeito Maria. O sujeito é então, a um tempo, o AGENTE e o PACIENTE dela.

Observação:

Como vemos, na voz ativa, o termo que representa o agente é o SUJEITO do verbo; o que representa o paciente é o OBJETO DIRETO. Na voz passiva, o OBJETO (paciente)

torna-se o SUJEITO do verbo.

COM OS VERBOS DE ESTADO

Quando o verbo evoca um estado, a atitude da pessoa ou da coisa que dele participa é de neutralidade. O sujeito, no caso, não é o agente

128

Inem o paciente, mas a sede do processo verbal, o lugar onde ele se desenvolve:

Pedro é magro.

Antônio permanece doente.

O porteiro ficou pálido.

Observação:

Incluem-se naturalmente entre os verbos que evocam um estado, ou melhor, uma mudança de estado, os incoativos como adoecer, emagrecer, empalidecer, equivalentes

a ficar doente, ficar magro, ficar pálido.

O PREDICADO

O PREDICADO pode ser NOMINAL, VERBAL ou VERBONOMINAL.

PREDICADO NOMINAL O PREDICADO NOMINAL é formado por um VERBO DE LIGAÇÃO -f-PREDICATIVO.

1. O VERBO DE LIGAÇÃO pode expressar:

a) estado permanente:

Hilário era o herdeiro da quinta.

(C. de Oliveira, CD, 90.)

Eu sou a tua sombra.

(N. Pinon, FD, 38.)

b) estado transitório:

O velho esteve entre a vida e a morte durante uma semana.

(Castro Soromenho, TM, 236.)

Você não anda um pouco fatigado pelo excesso de trabalho?

(C. Drummond de Andrade, CA, 139.)

129

c) mudança de estado:

Receava que eu me tomasse ingrato. (A. Abelaira, NC, 14.)

Amaro ficou muito perturbado.

(E. Veríssimo, LS, 137.)

d) continuidade de estado:

Calada estava, calada permaneceu. (J. Conde, C, 4.)

O Barbaças continuava alheado e sorridente. (F. Namora, TJ, 177.)

e) aparência de estado:

Ela parecia uma figura de retraio.

(Autran Dourado, TA, 14.)

Os ventos pareciam quietos naquela noite. (Alves Redol, BC, 62.)

Observação:

Os VERBOS DE LIGAÇÃO (ou copulativos) servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal. Não trazem propriamente ideia nova ao sujeito; funcionam apenas como elo entre este e o seu predicativo.

Como há verbos que se empregam ora como copulativos, ora como significativos, convém atentar sempre no valor que apresentam em determinado texto a fim de classificá-los

com acerto. Comparem-se, por exemplo, estas frases.

Estavas triste. Andei muito preocupado. Fiquei pesaroso. Continuamos silenciosos.

Estavas em casa. Andei muito hoje. Fiquei no meu posto. Continuamos a marcha.

Nas primeiras, os verbos estar, andar, ficar e continuar são verbos de ligação; nas segundas, verbos significativos.

2. O PREDICATIVO pode ser representado: a) por substantivo ou expressão substantivada:

É o boato é um vício detestável.

(C. de Oliveira, AC, 183.)

Todo momento de achar \emptyset um perder-se a si pr \emptyset prio.

(C. Lispector, PSGH, 12.) \emptyset 30

b) por adjetivo ou locu $\emptyset\emptyset\emptyset$ o adjetiva:

A praia estava deserta.

(Branquinho da Fonseca, M5, 11.)

\emptyset Esta linha \emptyset de morte.

(C. Drummond de Andrade, CB, 93.)

c) por pronome:

Vou calar-me e fingir que eu sou eu... (A. Renault, LSL, XVIII.)

O mito \emptyset o nada que \emptyset tudo. (F. Pessoa, OP, 8.)

d) por numeral:

N \emptyset s \emptyset ramos cinco e brig \emptyset vamos muito, recordou Augusto, olhos perdidos num ponto X, quase sorrindo.

(C. Drummond de Andrade, CA, 5.)

Tua alma o um que s \emptyset o dois quando dois s \emptyset o um... (F. Pessoa, OP, 298.)

e) por ora $\emptyset\emptyset\emptyset$ o substantiva predicativa:

A verdade \emptyset / que eu nunca me ralara muito com isso.

(M. J. de Carvalho, A V, 107.)

Uma tarefa fundamental \emptyset / preservar a hist \emptyset ria humana. (N. Pinon, FD, 73.)

Observa $\emptyset\emptyset\emptyset$ es:

1.) O pronome o, quando funciona como PREDICATIVO, \emptyset demonstrativo:

Cada coisa \emptyset o que \emptyset .

(F. Pessoa, OP, 175:)

Eu era \emptyset que eles me designassem. (N. Pinon, CC. 13.)

2.) O PREDICATIVO pode referir-se ao OBJETO, aplica $\emptyset\emptyset\emptyset$ o esta que estudaremos adiante.

3.) Quando K deseja dar \emptyset nfase ao PREDICATIVO, costuma-se repeti-lo:

\emptyset Arquiteto do Mosteiro de Santa Maria, j \emptyset o n \emptyset o sou. (A. Herculano, LN. l, 282.)
131

Tive depois motivo para crer que o porem \emptyset e a peite fora-o ele pr \emptyset prio, na inten $\emptyset\emptyset\emptyset$ o de fazer valer um bom servi $\emptyset\emptyset\emptyset$ o. (R. Pomp \emptyset ia. A. 50.)

\emptyset o que \emptyset e chama PREDICATIVO PLBON \emptyset STICO.

PREDICADO VERBAL

O PREDICADO VERBAL tem como n \emptyset cleo, isto \emptyset , como elemento principal da declara $\emptyset\emptyset\emptyset$ o que se faz do sujeito, um VERBO SIGNIFICATIVO.

VERBOS SIGNIFICATIVOS s \emptyset o aqueles que trazem uma ideia nova ao sujeito. Podem ser INTRANSITIVOS e TRANSITIVOS.

VERBOS INTRANSITIVOS Nestas ora $\emptyset\emptyset\emptyset$ es de Da Costa e Silva:

Sobe a n \emptyset voo... A sombra desce... (PC, 281.)

verificamos que a a $\emptyset\emptyset\emptyset$ o est \emptyset integralmente contida nas formas verbais sobe e desce. Tais verbos s \emptyset o, pois, INTRANSITIVOS, ou seja, n \emptyset o TRANSITIVOS: a a $\emptyset\emptyset\emptyset$ o n \emptyset o vai al \emptyset m do verbo.

VERBOS TRANSITIVOS Nestas ora $\emptyset\emptyset\emptyset$ es de Fernanda Botelho:

Ele n \emptyset o me agradece, / nem eu lhe dou tempo. (X, 41.)

vemos que as formas verbais agradece e dou exigem certos termos para completarlhes o significado. Como o processo verbal n \emptyset o est \emptyset integral-, mente contido nelas,

mas se transmite a outros elementos (o pronome me na primeira ora $\emptyset\emptyset\emptyset$ o, o pronome lhe e o substantivo tempo na segunda), estes verbos chamam-se TRANSITIVOS.

Os verbos TRANSITIVOS podem ser DIRETOS, INDIRETOS, ou DIRETOS e INDIRETOS ao mesmo tempo.

Lu \emptyset s:

1. VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS. Nestas ora $\emptyset\emptyset\emptyset$ es de Agustina Bessa

Voo ver o doente.

(OM, 206.)

Ela invejava os homens.

(OM, 207.)

132

a a^o expressa por vou ver e invejava transmite-se a outros elementos (o doente e os homens) diretamente, ou seja, sem o aux^olio de preposi^o. S^o, por isso, chamados

VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS, e o termo da ora^o que lhes integra o sentido recebe o nome de OBJETO DIRETO.

2. VERBOS TRANSITIVOS INDIRETOS. Nestes exemplos:

Da janela da cozinha, as mulheres assistiam ^o cena. (R. de Queir^{os}, TR, 15.)

Perdoem ao pobre tolo.

(C. dos Anjos, DR, 235.)

a a^o expressa por assistiam e perdoem transita para outros elementos da ora^o (a cena e o pobre tolo) indiretamente, isto ^o, por meio da preposi^o a. Tais verbos

s^o, por conseguinte, TRANSITIVOS INDIRETOS. O termo da ora^o que completa o sentido de um verbo TRANSITIVO INDIRETO denomina-se OBJETO INDIRETO.

3. VERBOS SIMULTANEAMENTE TRANSITIVOS DIRETOS E INDIRETOS. Nestes exemplos:

O sucesso do seu gesto n^o deu paz ao Lomba. (M. Torga, NCM, 51.)

Apenas lhe aconselho prud^oncia.

(C. de Oliveira, CD, 94.)

a a^o expressa por deu e aconselho transita para outros elementos da ora^o, a um tempo, direta e indiretamente. Por outras palavras: estes verbos s^o requerem simultaneamente

OBJETO DIRETO e INDIRETO para completar-lhes o sentido.

Observa^o:

Seguimos aqui a distin^o estabelecida pela Nomenclatura Gramatical Brasileira.

N^o ^o pac^ofica, ainda hoje, a conce^{tua}o de OBJETO INDIRETO, embora desde o s^oculo

XVIII gram^oticos, fil^ologos e linguistas tenham procurado precis^o-la. Leia-se, a prop^osito, o que escreve Andr^e Chervel na Histoire de Ia grammaire scolaire.

Paris,

Payot, 1981, p. 76, 120, 121, 172-176, 178-184, 245, 268.

PREDICADO VERBO-NOMINAL

N^o s^o apenas os verbos de liga^o que se constr^oem com predicativo do sujeito. Tamb^om verbos significativos podem ser empregados com ele.

Nestes exemplos:

Paulo riu despreocupado.

(A. Peixoto, ^oC, 191.)

Am^olia saiu da igreja, muito fatigada, muito p^olida.

(E^oa de Queir^{os}, ^oC, I, 42J)

os verbos rir e sair s^o significativos. Na primeira ora^o despreocupado refere-se ao sujeito Paulo, qualificando-o. Tamb^om muito fatigada t^o muito p^olida s^o qualifica^oes

de Am^olia, o sujeito da segunda ora^o.

A este predicado misto, que possui dois n^ocleos significativos (um verbo e um predicativo), d^o-se o nome de VERBO-NOMINAL.

No PREDICADO VEMO-NOMINAL o predicativo anexo ao sujeito pode vir antecedido de preposi^o, ou do conectivo como:

O ato foi acusado de Regai.

Carlos saiu estudante ^o voltou como doutor.

VARIABILIDADE DE PREDICA^o VERBAL

A an^olise da transitividade verbal ^o feita de acordo com o texto e n^o isoladamente. O mesmo verbo pode estar empregado ora intransitivamente, ora transitivamente;

ora com objeto dircto, ora com objeto indireto. Com-parem-se estes exemplos:

Perdoai sempre [= INTRANSITIVO]. Perdoai as ofensas [= TRANSITIVO DIRETO]. Perdoai

aos inimigos [= TRANSITIVO INDIRETO]. Perdoai as ofensas aos inimigos [= TRANSITIVO

DIRETO E INDIRETO].

Por que sonhas, ^o jovem poeta? [= INTRANSITIVO]. Sonhei um sonho gu^onholesco [=

TRANSITIVO DIRETO].

A ORAÇÃO E OS SEUS TERMOS INTEGRANTES

Examinemos as partes assinaladas nas orações abaixo:

Alguns colegas mostravam interesse por ele. - +>u - (R. Pompéia, A, 234.)

Tinha os olhos rasos de lágrimas.

(A. Bessa Luís, QR, 272.)

Tenho escrito bastantes poemas.

(F. Pessoa, OP, 175.)

134

ilha

Não sei que diga do marido relativamente ao baile da

(Machado de Assis, OC, I, 935.)

No primeiro exemplo, o pronome ele está relacionado com o substantivo interesse por meio da preposição por; no segundo, o substantivo lágrimas relaciona-se com o adjetivo rasos através da preposição de; no terceiro, o substantivo poemas, modificado pelo adjetivo bastantes, integra o sentido da forma verbal tenho escrito;

no quarto, o baile da ilha prende-se ao advérbio relativamente por intermédio da preposição a.

Vemos, pois, que há palavras que completam o sentido de substantivos, de adjetivos, de verbos e de advérbios. As que se ligam por preposição a substantivo, adjetivo

ou advérbio chamam-se COMPLEMENTOS NOMINAIS. Denominam-se COMPLEMENTOS VERBAIS as que integram o sentido do verbo.

COMPLEMENTO NOMINAL

O COMPLEMENTO NOMINAL vem, como dissemos, ligado por preposição ao substantivo, ao adjetivo ou ao advérbio cujo sentido integra ou limita. A palavra que tem o seu sentido completado ou integrado encerra "uma ideia de relação e o complemento é o objeto desta relação".

O COMPLEMENTO NOMINAL pode ser representado por:

a) substantivo (acompanhado ou não dos seus modificadores):

O pior é a demora do vapor.

(V. Nemosio, MTC, 361.)

Só Joana parecia alheia a toda essa atividade.

(F. Namora, TJ, 231.)

b) pronome:

Tinha nojo de si mesma.

(Machado de Assis, OC, I, 487.)

Ninguém teve notícia dele.

(J. Conde, TC, 101.)

1 Jean Dubois et alii. Dictionnaire de linguistique. Paris, Larousse, 1973, p. 10).

135

c) numeral:

A vida dele era necessária a ambas.

(Machado de Assis, OC, I, 393.)

Era um repasto de lágrimas de ambos.

(C. Castelo Branco, OS, I, 563.)

d) palavra ou expressão substantivada:

Passo, fantasma do meu ser presente, ébrio, por intervalos, de um Além. (F. Pessoa, OP, 392.)

Os dois adversários na luta do sim e do não trataram do que então Ifies interessava, numa conversa breve. (A. F. Schmidt, AP, 105.)

e) oração completiva nominal:

Comprei a consciência de que sou Homem de trocas com a natureza.

(M. Torga, CH, 11.)

Estou com vontade de suprimir este capítulo.

(Machado de Assis, OC, I, 509.)

Observações:

1.) O COMPLEMENTO NOMINAL pode estar integrando o sujeito, o predicativo, o objeto direto, o objeto indireto, o agente da passiva, o adjunto adverbial, o aposto e o vocativo.

2.*) Convém ter presente que o nome cujo sentido o COMPLEMENTO NOMINAL integra corresponde, geralmente, a um verbo transitivo de radical semelhante:

amor ~~do~~ pátria amar a pátria
ódio ao~~s~~ injustos odiar os injustos

COMPLEMENTOS VERBAIS

OBJETO DIRETO

1. OBJETO DIRETO ~~é~~ o complemento de um verbo transitivo direto, ou seja, o complemento que normalmente vem ligado ao verbo sem preposição e indica o ser para o qual

se dirige a ação verbal.

136

Pode ser representado por: a) substantivo:

Vou descobrir mundos, quero glória e fama!...

(Guerra Junqueira, S, 12.)

Não recebo dinheiro nenhum.

(C. Drummond de Andrade, CB, 82.)

fc) pronome (substantivo):

Os jornais nada publicaram.

(C. Drummond de Andrade, CA, 135.)

Nunca o interrompi.

(Alves Redol, BSL, 68.)

~~É~~ Visto-me num instante e vou te levar de carro. (Vianna Moog, T, 80.)

c) numeral:

~~É~~ Já tenho seis l~~o~~ em casa, que mal faz inteirar sete? (C. Drummond de Andrade, CB, 31.)

Nunca achou dois ou três?

(A. Abelaira, NC, 62.)

d) palavra ou expressão substantivada:

Tem um qu~~ê~~ de inexplicável.

(Gonçalves Dias, PCPE, 230.)

Como quem comp~~õe~~ roupas o outrora comp~~on~~hamos.

(F. Pessoa, OP, 206.)

Perscrutava na quietude o in~~ú~~til de sua vida.

(Autran Dourado, TA, 36.)

e) oração substantiva (objetiva direta):

Não quero que fiques triste.

(J. Régio, SM, 295.)

Veja se consegue o mapa dos caminhos.

(A. M. Machado, CJ, 244.)

137

2. Saliente-se, ainda, que na constituição do OBJETO DIRETO podem entrar mais de um substantivo ou mais de um dos seus equivalentes:

Tomara-lhe a mulher e a terra, mas mandara-lhe entregar o milho e as abóboras que nela encontrara. (Castro Soromenho, C, 3.)

Discreto e cauteloso, raramente diz "sim" ou "não" categóricos; prefere o "vamos ver" protelatório e reflexivo. (A. M. Machado, JT, LI.)

OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO1

1. O OBJETO DIRETO costuma vir regido da preposição a: a) com os verbos que exprimem sentimentos:

Não amo a ninguém, Pedro.

(C. dos Anjos, M, 196.) Se não amava a Jorge como amava ao filho.

(J. Pa~~o~~ d'Arcos, CVL, 156.)

b) para evitar ambiguidade:

Sabeis, que ao Mestre vai matá-lo. (M. Mesquita, LT, 66.)

c) quando vem antecipado, como nos provérbios seguintes:

A homem pobre ninguém roube.

A médico, confessor e letrado nunca enganes.

2. O OBJETO DIRETO é obrigatoriamente preposicionado quando expresso por pronome pessoal oblíquo tónico:

Não a ti, Cristo, odeio ou te não quero. (F. Pessoa, OP, 218.)

Rubião viu em duas rosas vulgares uma festa imperial, e esqueceu a sala, a mulher e a si.

(Machado de Assis, OC, I, 679.)

1 Sobre o emprego do OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO em português, veja-se a excelente monografia de Karl Heinz Delille. Die geschichtliche Entwicklung des prädpositionalen

Akusativs im Portugiesischen. Bonn, Romanisches Seminar der Universität, 1970.

138

OBJETO DIRETO PLEONASTICO

1. Quando se quer chamar atenção para o OBJETO DIRETO que precede o verbo, costuma-se repeti-lo. É o que se chama OBJETO DIRETO PLEONASTICO, em cuja constituição

entra sempre um pronome pessoal tónico:

Palavras cria-as o tempo e o tempo as mata. (J. Cardoso Pires, D, 300.)

Árvore, filho e livro, queria-os perfeitos. (Vianna Moog, T, 330.)

2. O OBJETO DIRETO PLEONASTICO pode também ser constituído de um pronome tónico e de uma forma pronominal tónica preposicionada:

A mim, ninguém me espera em casa. (J. Régio, CL, 52.)

Quantas vezes, viandante, esta incolor paisagem Não te mirou a ti, a ti também sem cor!

(A. de Guimaraens, OC, 194.)

Mas não encontrou Marcelo nenhum. Encontrou-nos a nós.

(D. Mourão-Ferreira, 7, 23.)

OBJETO INDIRETO

1. OBJETO INDIRETO é o complemento de um verbo transitivo inócuo, isto é, o complemento que se liga ao verbo por meio de preposição. Pode ser representado por:

a) substantivo:

Duvidava da riqueza da terra.

(N. Pinon, CC, 190.)

Necessitamos de orna cabeça bem firme na terra, bem fincada na terra!

(A. Abelaira, NC, 74.)

b) pronome (substantivo):

Que ela afaste de ti aquelas dores Que fizeram de mim isto que sou! (F. Espanca, S, 24.)

139

Inserir-se em Roma é mais difícil do que incorporar a si o sentimento de Roma.

(A. A. de Melo Franco, AR, 25.)

c) numeral:

Os domingos, porém, pertenciam aos dois. (F. Namora, CS, 113.)

Se o meu barbeiro é, como creio, verdadeiro, a viúva do defunto compôs-se com o matador, e o ministério público cem ambos, de modo que o homicida granjeou pacificamente

suas terras.

(C. Castelo Branco, OS, I, 93.)

d) palavra ou expressão substantivada:

Mas é quem daria dinheiro aos pobres? (C. Lispector, BF, 138.)

Seu formidável vulto solitário Enche de estar presente o mar e o céu. (F. Pessoa, OP, 14.)

e) oração substantiva (objetiva indireta):

É Não te esqueças de que a obediência é o primeiro voto das noivas.

(J. Montello, DP, 236.)

A mãe contava e recontava as duas malas tentando convencer-se de que ambas estavam no carro. (C. Lispector, LF, 90.)

2. Como o OBJETO DIRETO, o OBJETO INDIRETO pode ser constituído de mais de um substantivo ou mais de um dos seus equivalentes:

Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estado e à cura de si mesmo. (Machado de Assis, OC, II, 288.)

Embora não perceba grande coisa do que ouve, está sempre a precisar disto e daquilo.

(M. J. de Carvalho, AV, 54.)

140

r- Não vem precedido de preposição o OBJETO INDIRETO representado pelos pro-Ínfomes pessoais oblíquos me, te, lhe, nos, vos, lhes, e pelo reflexivo se. Note-se

que o; o pronome oblíquo lhe (lhes) é essencialmente OBJETO INDIRETO:

«Vocês não me estão insinuando que não vai aceitar?» (Vianna Moog, T, 390.)

As noites não HM trouxeram repouso, mas deram-lhe, em contrapartida, tempo para a meditação.

(f. Paço d'Arcos, CVL. 1177.)

Luís Garcia dera-se pressa em visitar o filho de Valéria. (Machado de Assis. OC, I. 336.)

A propósito do emprego dos pronomes oblíquos (tónicos e tônicos), bem como do modo por que se podem combinar, leia-se o que dizemos no Capítulo 11.

OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

Com a finalidade de realçá-lo, costuma-se repetir o OBJETO INDIRETO. Neste caso, uma das formas é obrigatoriamente um pronome pessoal tónico. A outra pode ser um substantivo ou um pronome oblíquo tónico antecedido de preposição:

A não ensinou-me tudo.

(F. Pessoa, OP, 145.)

«Quem lhe disse a vocês que estavam no palheiro?» (C. de Oliveira, A C, 119.)

Aos

escritos, não lhes dava importância nenhuma. (G. Amado, -HML, 190.)

Oteerraio:

Enquanto a preposição que encabeça um ADJUNTO ADVERBIAL possui claro valor significativo, a que introduz um OBJETO INDIRETO apresenta acentuado esvaziamento de sentido.

Comparem-se estes exemplos:

Não duvides de mim. Não saias de casa.

Cantava ;

Viajou para São Paulo.

Nas duas primeiras orações, em que introduzem OBJETO INDIRETO, as preposições para e de são simples elos sintéticos. Nas duas últimas, introduzindo ADJUNTOS ADVERBIAIS,

servem para indicar, respectivamente, o lugar para onde e o lugar donde.

A propósito, leia-se o que escrevemos no Capítulo 15.

141

PREDICATIVO DO OBJETO

1. Tanto o OBJETO DIRETO como o INDIRETO podem ser modificados por PREDICATIVO. O PREDICATIVO DO OBJETO só aparece no predicado VERBO-NOMINAL, e é expresso:

a) por substantivo:

Uns a nomeiam primavera. Eu lhe chamo estado de espírito.

(C. Drummond de Andrade, FA, 125.)

Chamo-me Aldemiro.

(I. Lisboa, MCN, 94.)

b) por adjetivo:

Os trabalhadores da Gamboa julgam-no assombrado. (O. Mendes, P, 140.)

Naquele ano Ismael achou o avô mais macabro.

(Autran Dourado, TA, 41.)

2. Como o PREDICATIVO DO SUJEITO, o DO OBJETO pode vir antecedido de preposição, ou do conectivo como:
Quaresma então explicou porque o tratavam por major. (Lima Barreto, TFPQ, 215.)
Considero-o como o primeiro dos precursores do espírito moderno.
(A. de Quental, C, 313.)

Observação:

Somente com o verbo chamar pode ocorrer o PREDICATIVO DO OBJETO INDIRETO:

A gente só ouvia o Pancrácio chamar-lhe ladrão e mentiroso. (Castro Soromenho, V, 220.)

Chamam-lhe fascista por toda a parte. (C. dos Anjos, M, 277.)

Com os demais verbos que admitem esse predicativo (por exemplo: crer, eleger, encontrar, estimar, fazer, julgar, nomear, proclamar e sinônimos), ele é sempre um

modificador do OBJETO DIRETO. Baseados nesse fato, filólogos como Epifônio da Silva Dias e Martinz de Aguiar preferem considerar o complemento no caso é seja expresso

pelo pronome lhe, seja por um substantivo antecedido de preposição é

COMO OBJETO DIRETO.

142

AGENTE DA PASSIVA

1. AGENTE DA PASSIVA é o complemento que, na voz passiva com *é*liar, designa o ser que pratica a ação sofrida ou recebida pelo sujeito, este complemento verbal é normalmente introduzido pela preposição por (ou per) e, algumas vezes, por de é pode ser representado:

a) por substantivo ou palavra substantivada:

é Esta carta foi escrita por um marinheiro americano. (F. Namora, DT, 120.)

Um jornal é lido por muita gente.

(C. Drummond de Andrade, CB, 30.)

b) por pronome:

Ele dela é ignorado. Ela para ele é ninguém.

(F. Pessoa, OP, 117.)

A mesma oração foi por mim proferida em São José dos Campos, minha cidade natal.
(Cassiano Ricardo, VTE, 26.)

c) por numeral:

Tudo quanto os leitores sabem de um e de outro foi ali exposto por ambos, e por ambos ouvido entre abatimento e cólera.

(Machado de Assis, OC, II, 212-213.)

Não devem ser escutadas por todos; têm de ser ouvidas por um.

(J. Paão d'Arcost CVL, 350.)

d) por oração substantiva:

A

E se a primeira pode não encontrar partidários incondicionais, a segunda é certamente subscrita por quantos tenham uma experiência análoga, e não pensam a América,

mas se incorporam nela, sem deixarem de ser Europeus. (M. Torga, TU, 48.)

Mariana era apreciada por todos quantos iam a nossa casa, homens e senhoras.

(Machado de Assis, OC, II, 746.)

143

TRANSFORMAÇÃO DE ORAÇÃO ATIVA EM PASSIVA

1. Quando uma oração contém um verbo construído com objeto direto, ela pode assumir a forma passiva, mediante as seguintes transformações:

a) o objeto direto passa a ser sujeito da passiva;

b) o verbo passa à forma passiva analítica do mesmo tempo e modo;

c) o sujeito converte-se em agente da passiva. Tomando-se como exemplo a seguinte oração ativa:

A inflação corrói os salários. poderíamos colocá-la no esquema:

oração sujeito predicado

verbo objeto direto

a inflação

l os salários]

Convertida na oração passiva, teríamos:

Os salários são corroídos pela inflação. O seu esquema seria então:

oração sujeito predicado

verbo agente da passiva

[os salários] [são corroídos] [pela inflação]

2. Se numa oração da voz ativa o verbo estiver na 3ª pessoa do plural para indicar a indeterminação do sujeito, na transformação passiva cala-se o agente.

Assim:

voz ATIVA:

Aumentaram os salários. Contiveram a inflação.

voz PASSIVA:

Os salários foram aumentados.

A inflação foi contida.

144

1.*) Cumprimo não esquecer que, na passagem de uma oração da voz ativa para a passiva, ou vice-versa, o agente e o paciente continuam os mesmos; apenas desempenham função sintática diferente.

2.*) Na voz passiva pronominal, a língua moderna omite sempre o agente:

Aumentou-se o salário dos gráficos. Conterem a inflação em noveis razões.

A ORAÇÃO E OS SEUS TERMOS ACESSÓRIOS

Chamam-se ACESSÓRIOS os TERMOS que se juntam -a um nome ou a um verbo para precisar-lhes o significado. Embora tragam um dado novo à oração, não são eles indispensáveis

ao entendimento do enunciado. Dão a sua denominação.

São TERMOS ACESSÓRIOS: a) o ADJUNTO ADNOMINAL; b) o ADJUNTO ADVERBIAL; c) o APOSTO.

ADJUNTO ADNOMINAL

ADJUNTO ADNOMINAL é o termo de valor adjetivo que serve para especificar ou delimitar o significado de um substantivo, qualquer que seja a função deste.

O ADJUNTO ADNOMINAL pode vir expresso por:

a) adjetivo:

Na areia podemos fazer até castelos soberbos, onde abrigar o nosso íntimo sonho. (R. Braga, CCE, 251.)

Tenho pensado que toda esta geringonça social precisa de uma grande volta. (C. de Oliveira, CD, 93.)

(C. de Oliveira, CD, 93.)

b) locução adjetiva:

X

Tinha uma memória de prodígio.

(J. Lins do Rego, ME, 104.)

Era um homem de consciência.

(A. Abelaira, NC, 15.)

O homem já estava acamado Dentro da noite sem cor.

(M. Bandeira, PP, I, 339.)

145

c) artigo (definido ou indefinido):

O ovo é a cruz que a galinha carrega na vida. (C. Lispector, FC, 51.)

As ondas rebentavam com estrondo, formando uma muralha de espuma, para lá da qual o mar era um lago sereno e azul.

(Branquinho da Fonseca, MS, 10.)

d) pronome adjetivo:

Deposito a minha dona no limiar da sua moradia. (F. Botelho, X, 118.)

Vários vendedores de artesanato expunham suas mercadorias.

(R. Fonseca, C, 76-77.)

e) numeral:

Casara-se havia duas semanas.

(C. Drummond de Andrade, CB, 29.)

Tinha uns seis a oito meses e eu, proporcionalmente, devia orar pela sua idade.
(A. Ribeiro, CRG, 17.)

/) oraço adjetiva:

Os cabelos, que tinha fartos e lisos, caíram-lhe todos. (M. J. de Carvalho, A V, 116.)

Venho cumprir uma missão do sacerdócio que abracei. (Machado de Assis, OC, II, 155.)

Observação:

O mesmo substantivo pode estar acompanhado por mais de um ADJUNTO ADNO-MINAI: Ante o meu embezzamento, o paizinho sorria um sorriso benévolo e desenfadado.
(A. Ribeiro, CRG. 11.)

Um Cristo barroco pendia da cruz, num altar lateral. (Vianna Moog, T, 86.)

146

ADJUNTO ADVERBIAL

' ADVERBIAL, como o nome indica, o termo de valor adver-i denota alguma circunstância do fato expresso pelo verbo, ou inten-; o sentido deste, de um adjetivo,

ou de um advérbio.

to ADJUNTO ADVERBIAL pode vir representado por: p) advérbio:

Aqui não passa ninguém.

(F. Namora, TJ, 205.)

Amou-a perdidamente.

(L. Fagundes Telles, DA, 118.)

b) por locução ou expressão adverbial:

De súbito, eu, o Barão e a criada começamos a dançar no meio da sala.

(Branquinho da Fonseca, B, 61.)

Lá embaixo aparece Jacarecanga sob o sol do meio-dia.

(O. Veríssimo, ML, 13.)

c) por oraço adverbial:

Fechemos os olhos até que o sol comece a declinar.

(A. M. Machado, C J, 82.)

Quando acordou, já Lisa ali estava.

(M. J. de Carvalho, AV, 141.)

CLASSIFICAÇÃO DOS ADJUNTOS ADVERBIAIS

É difícil enumerar todos os tipos de ADJUNTOS ADVERBIAIS. Muitas t, só em face do texto se pode propor uma classificação exata. Não ante, convém conhecer os seguintes:

a) DE CAUSA:

Por que lhes dais tanta dor?! (A. Gil, LJ, 25.)

Não havia de perder o esforço daqueles anos todos, por causa de um exame só, o derradeiro.

(C. dos Anjos, MS, 343.)

147

f) DB LUGAR AONDE1:

b) DE COMPANHIA:

Lanchas, ide com Deus! ide e voltai com ele Por esse mar de Cristo... (A. Nobre, S. 32.)

Vivi com Daniel perto de dois anos. (C. Lispector, BF, 79.)

c) DE DÚVIDA:

Talvez Nina tivesse razão...

(V. Neraócio, MTC, 105.)

Acaso meu pai entenderia mesmo de poemas? (L. Jardim, MPM, 89.)

d) DE FIM:

Homens para nada, muitos para pouco, alguns para luto, nenhum para tudo.

(Marquês de Maricó, M, 87.)

Viaja então para se contrafazer, por penitência? (A. Abelaira, NC, 19.)

e) DE INSTRUMENTO:

Anastácio estava no alto, na orla do mato, juntando, ancinho, as folhas caídas.
(Lima Barreto, TFPQ, 156.)

Dou-te com o chicote, ouviste!

(Luandino Vieira, L, 41.)

/) DE INTENSIDADE:

Gosto muito de ti.

(M. Torga, NCM, 32.)

“Ou ele estuda demais, ou não come bastante de manhã”, disse a mãe.

(C. Lispector, LF, 104.)”

148

Cheguei à taberna do velho ao fim da tarde. (Alves Redol, BSL, 330.)

Veja aonde vai.

(A. M. Machado, C/, 243.)

h) DE LUGAR ONDE:

No mês passado estive algumas horas em Cartago. (A. Abelaira, NC, 19.)

O vulto escuro entrou no jardim, sumiu-se em meio às árvores.

(E. Veríssimo, LS, 133.)

t) DB LUGAR DONDE:

Dos mares da China não mais virão as quinquilharias. (M. Rubião, D, 144.)

“Some-te daqui, ingrato!

(F. Namora, TJ, 99.)

/) DB LUGAR PARA ONDE:

Levaram a defunta numa rede para o cemitério de S. Caetano.

(L. Jardim, MP, 25.)

A chuva levou-os para casa.

(C. de Oliveira, A C, 166.)

/) DB LUGAR POR ONDE:

t Atravessou o Campo da Aclamação, enfiou pela Rua de São Pedro e meteu-se pelo Aterrado acima.

(Machado de Assis, OC, II, 569.1

Por sobre o navio vojavam ainda gaivotas, com movimentos lentos, ritmados.

(J. Paço d'Arcos, CVL, 593.)

1 Sobre o emprego indiscriminado de onde e aonde, veja-se p. 342-3.

149

m) DE MATÉRIA:

Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia.

(Machado de Assis, OC, I, 413.)

Cheguei de Paris, e encontrei uma carta de Irene, escrita na véspera do casamento.

Era um adeus com raiva e lágrimas. (C. Castelo Branco, OS, H, 298.)

n) DE MEIO:

Estarei talvez confundindo as coisas, mas Aníbal ainda viajava de bicicleta, imaginem!

(A. Abelaira, NC, 19.)

Voltamos de bote para a ponta do Caju. (Lima Barreto, REIC, 287.)

o) DE MODO:

Vagarosamente ela foi recolhendo o fio.

(L. Fagundes Telles, ABV, 7.)

Henriqueta subiu a escada, pô ante pô, como um ladrão. (V. Nêscio, MTC, 79.)

p) DE NEGAÇÃO:

“Não, senhor Conego, vejo. Mas não concordo, não aceito.

(B. Santareno, TPM, 109.)

“Não partas, não. Aqui todos te querem!” (Castro Alves, EF, 154.)

q) DE TEMPO:

Todas as manhãs ele sentava-se cedo a essa mesa e escrevia até as dez, onze horas.

(P. Nava, BO, 330.)

A Custódia esteve cinco anos na clausura. (A. Ribeiro, CRG, 28.)

APOSTO

1. APOSTO é o termo de caráter nominal que se junta a um subs-livo, a um pronome,

ou a um equivalente destes, a título de explicação ; de apreciação:

Eles, os pobres desesperados, tinham uma euforia de fantoches.

(F. Namora, DT, 237.)

Mas como explicar que, logo em seguida, fossem recolhidos José Borges do Couto Leme, pessoa estimável, o Chico das Cambraias, folgazão emérito, o escrivão Fabrício,

e ainda outros?

(Machado de Assis, OC, II, 269.)

2. Entre o APOSTO e o termo a que ele se refere há em geral pausa, marcada na escrita por uma vírgula, como nos exemplos acima.

Mas pode também não haver pausa entre o APOSTO e a palavra principal, quando esta é um termo genérico, especificado ou individualizado pelo APOSTO. Por exemplo:

A cidade de Lisboa o poeta Bilac o rei D. Manuel o mês de junho

Este APOSTO, chamado DE ESPECIFICAÇÃO, não deve ser confundido com certas construções formalmente semelhantes, como:

O clima de Lisboa o soneto de Bilac A época de D. Manuel As festas de junho em que de Lisboa, de Bilac, de D. Manuel e de junho equivalem- a adjeti-vos (= lisboeta, bilaquiano, manuelina e juninas) e funcionam, portanto, COMO ATRIBUTOS OU ADJUNTOS ADNOMINAIS.

3. O APOSTO pode também:

a) ser representado por uma oração:

A outra metade tocara aos sobrinhos, com uma condição expressa: que o legado só lhes fosse entregue trinta anos depois.

(J. Montello, L, 202.)

150

151

A verdade é esta: não fida a bem dizer com acento algum.

(M. de S-Carneiro, CF, 108.)

b) referir-se a uma oração inteira:

Pedi que Ibe fornecessem papel de carta e que lhe restituissem a sua caneta, o que lhe foi concedido. (J. Paço d'Arcos, CVL, 1183.)

O importante é saber para onde puxa mais a corredeira é coisa, aliás, sem grandes mistérios. (M. Palmório, VC, 375.)

c) ser enumerativo, ou recapitulativo:

Tudo o fazia lembrar-se dela: a manhã, os pássaros, o mar, o azul do céu, as flores, os campos, os jardins, a relva, as casas, as fontes, sobretudo as fontes, principalmente as fontes!

(Almada Negreiros, NG, 112.)

Os porcos do chiqueiro, as galinhas, os pés de bogari, o cardeiro da estrada, as cajazeiras, o bode manso, tudo na casa de seu compadre parecia mais seguro do que dantes. (J. Lins do Rego, FM, 289.)

VALOR SINTÁTICO DO APOSTO

O APOSTO tem o mesmo valor sintático do termo a que se refere. Pode, assim, haver:

a) aposto no sujeito:

Ela, Dora, foi, de resto, muitíssimo discreta. (M. J. de Carvalho, AV, 105.)

A espingarda lazarina, a melhor espingarda do mundo, não mentia fogo e alcançava longe, alcançava tanto quanto a vista do dono; a mulher, Cesária, fazia renda e adivinhava os pensamentos do marido.

(G. Ramos, AOH, 25.)

b) aposto no predicativo:

As escrituras eram duas: a do distrato da hipoteca e a da venda das propriedades.

(J. Paços d'Arcos, CVL, 550.)

132

O meu projeto é este: podemos obrigar toda a gente é i no rosto.

(G. Ramos, AOH, 143.)

aposto no complemento nominal:

João Viegas está ansioso por um amigo que se demora, o Calisto.

(Machado de Assis, OC, II, 521.)

A vida é um contínuo naufrágio de tudo: de seres e de coisas, de paixões e de indiferenças, de ambições e temores.

(A. F. Schmidt, F, 72.)

d) aposto no objeto direto:

Assim, apontou com especialidade alguns personagens célebres, Sócrates, que tinha um demônio familiar, Pascal, que via um abismo à esquerda, Maomé, Caracala, Domiciano,

Calígula...

(Machado de Assis, OC, II, 262.)

Jogamos uma partida de xadrez, uma luta renhida, quase duas horas...

(A. Abelaira, NC, 54.)

e) aposto no objeto indireto:

Devorador da vida lhe chamaram, A ele, artista, sábio e pensador, Que denodadamente se procura! (M. Torga, CH, 79.)

Meu pai cortava cana para a água, sua montaria predileta. (J. Amado, MG, 13.)

Foi o que sucedeu ao seu maior amigo, ao Abel, quando andavam na traineira do Domingos Peixe. (Alves Redol, FM, 173.)

/) aposto no agente da passiva:

Esta frase foi proposta por Sebastião Freitas, o vereador dissidente, cuja defesa dos Canjicas tanto escandalizara os colegas.

(Machado de Assis, OC, II, 274.)

153

As paredes foram levantadas por Tomás Manuel, avô do Engenheiro.

(J. Cardoso Pires, D, 63.)

g) aposto no adjunto adverbial:

Uma vez empossado da licença começou a construir a casa. Era na rua nova, a mais bela de Itaguaçu.

(Machado de Assis, OC, II, 256-257.)

Foi em 14 de maio de 1542, uma segunda-feira*.

(A. Ribeiro, PST, 272.)

h) aposto no aposto:

As crônicas da vila de Itaguaçu dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espantas.

(Machado de Assis, OC, II, 255.)

No Recolhimento morreram umas, ficaram desfeadas outras para todo o sempre, cegou a filha do Floriano, fidalgo de Rape, cunhado de meu padrinho, D. Nicóforo da Ula Monterroso Barbaleda Fernandes, moço fidalgo da Casa Real e par do Reino.

(A. Ribeiro, CRG, 29.)

i) aposto no vocativo:

Razão, irmão do Amor e da Justiça,

Mais uma vez escuta a minha prece. (A. de Quental, SC, 71.)

Tu, Deus, o Inspirador, Taumaturgo e Adivinho,

Dê-me alívio ao pesar, prodigando-me o Vinho Que é o néctar celestial da eterna Moradia. (A. de Guimaraens, OC, 313.)

APOSTO PREDICATIVO

Com o APOSTO atribui-se a um substantivo a propriedade representada por outro substantivo. Os dois termos designam sempre o mesmo ser. o mesmo objeto, o mesmo fato

ou a mesma ideia.

154

|jc;' Por isso, o APOSTO não deve ser confundido com o adjetivo que, em ifunção de PREDICATIVO, costuma vir separado do substantivo que modifica por uma pausa sensível (indicada geralmente por vírgula na escrita). Numa oração como a seguinte:

E a noite vai descendo moda e calma... (F. Espanca, S, 60.)

que também poderia ser enunciada:

E a noite, muda e calma, vai descendo... ou:

E, muda e calma, a noite vai descendo...

muda e calma é PREDICATIVO de um predicado verbo-nominal.

O mesmo raciocínio aplica-se à análise de orações elípticas, cujo corpo se reduz a um adjetivo, que nelas desempenha a função de PREDICATIVO.

o caso de frases do tipo:

Rico, desdenhava dos humildes.

em que rico não é APOSTO. Equivale a uma oração adverbial de causa [= porque era rico], dentro da qual exerce a função de PREDICATIVO.

O adjetivo, enquanto adjetivo, "não pode exercer a função de APOSTO, porque ele designa uma característica do ser ou da coisa, e não o próprio ser ou a própria coisa"1.

VOCATIVO

1. Examinando estes versos de A. Nobre:

Manuel, tens razão. Venho tarde. Desculpa. (S, 51.)

O sinos de Santa Clara,

Por quem dobrais, quem morreu? (S, 47.)

1 Georges Galichet. Grammaire structurelle du français moderne. 2. ed. Paris. L. Imoges, Charles-Lavauzelle, 1968, p. 135.

155

vemos que, neles, os termos Manuel e o sinos de Santa Clara não estão subordinados a nenhum outro termo da frase. Servem apenas para invocar, chamar ou nomear, com ênfase maior ou menor, uma pessoa ou coisa personificada.

A estes termos, de entoação exclamativa e isolados do resto da frase, dá-se o nome de VOCATIVO.

2. Embora não subordinado a nenhum outro termo da oração e isolado do resto da frase, o VOCATIVO pode relacionar-se com algum dos termos. Assim, neste exemplo:

E, ao vê-la, acordarei, meu Deus de França!

(A. Nobre, S, 43.)

o VOCATIVO meu Deus de França! não tem relação alguma com os demais termos da frase. Já nestes exemplos:

Dizei-me vós, Senhor Deus!

(Castro Alves, OC, 281.)

o lanchas, Deus vos leve pela mão! (A. Nobre, S, 31.)

o VOCATIVO Senhor Deus! relaciona-se com o sujeito vós, da primeira oração; e o VOCATIVO o lanchas com o objeto direto vos, da segunda.

Observações:

1.*) Quando se quer dar maior ênfase à frase, costuma-se preceder o VOCATIVO da interjeição ó!, como neste exemplo de Vinícius de Moraes:

ó minha anueta,

Que olhos os teus!

(PCP. 334.)

2.*) Na escrita, o VOCATIVO vem normalmente isolado por vírgula, ou seguido de ponto de exclamação, como nos mostram os exemplos acima.

3.*) Cumpre distinguir o VOCATIVO do substantivo que, acompanhado ou não de determinação, constitui por si mesmo o predicado em frases exclamativas do tipo: Silêncio [= Faça silêncio!]

Mãos* ao alto! [= Ponha mãos ao alto!]

156

COLOCAÇÃO DOS TERMOS NA ORAÇÃO

ORDEM DIRETA E ORDEM INVERSA

1. Em português, como nas demais línguas românicas, predomina a ordem DIRETA, isto é, os termos da oração dispõem-se preferentemente na sequência:

SUJEITO + VERBO + OBJETO DIRETO + OBJETO INDIRETO OU

SUJEITO + VERBO -f- PREDICATIVO

Essa preferência pela ORDEM DIRETA é mais sensível nas ORAÇÕES ENUNCIATIVAS ou DECLARATIVAS (afirmativas ou negativas). Assim:

Carlos ofereceu um livro ao colega. Carlos é gentil.

Paulo não perdoou a ofensa do colega. Paulo não é generoso.

2. Ao reconhecermos a predominância da ordem direta em português, não devemos concluir que as inversões repugnam ao nosso idioma. Pelo contrário, com muito mais

facilidade do que outras línguas (do que o francês, por exemplo), ele nos permite alterar a ordem normal dos termos da oração. Há mesmo certas inversões que o uso consagrou, e se tornaram para nós uma exigência gramatical.

INVERSÕES DE NATUREZA ESTILÍSTICA

Dos fatores que normalmente concorrem para alterar a sequência lógica -dos termos de uma oração, o mais importante é, sem dúvida, a ênfase.

Assim, o realce do SUJEITO provoca geralmente a sua posição ao VERBO:

Quero levar-te a distâncias profundas, Onde refervem seais... e céus... e mundos...

(Castro Alves, EF, 44.)

Es tá! Es tá! Sempre vieste, enfim! (F. Espanca, S, 140.)

Não vos o que te dou?

(V. de Moraes, PCP, 297.)

157

cj|0 l?1'

'1*"

Ao contrário, o realce do PREDICATIVO, do OBJETO (DIRETO ou INDI->) e do ADJUNTO ADVERBIAL é expresso de regra por sua antecipação verbo:

Fracá foi a resistência.

(C. dos Anjos, MS, 313.)

Minha espada, pesada a braços lassos, Em mãos viris e calmas entreguei. (F. Pessoa, OP, 67.)

A ela devia o meu estado psíquico cinzento e melindroso. (F. Namora, DT, 59.)

Acoló, na entrada do Catongo, é uma festa de mutirão. (Adonias Filho, LP, 30.)

r INVERSÕES DE NATUREZA GRAMATICAL

Em outros lugares deste livro tratamos da colocação de termos da oração. Nos Capítulos 10, 11 e 14 estudamos, respectivamente, a posição: a) do ADJETIVO como ADJUNTO

ADNOMINAL; b) dos PRONOMES, em particular dos PRONOMES PESSOAIS TONOS que servem de OBJETO DIRETO ou INDIRETO; c) do ADVÉRBIO e de outras classes de palavras em sua função oracional. No Capítulo 19 examinamos as figuras de sintaxe denominadas HIPÉRBATO, ANÁSTROFE e SÍNQUISE. Por isso, vamos restringir-nos aqui apenas a algumas considerações quanto à posição do VERBO relativamente ao SUJEITO e ao PREDICATIVO.

INVERSÃO VERBO + SUJEITO

1. A inversão VERBO + SUJEITO verifica-se em geral:

a) nas orações interrogativas:

Que fozes tá de grande e bom, contudo? (A. de Quental, SC, 64.)

Onde está a estrela da manhã?

(M. Bandeira, PP, I, 233.)

b) nas orações que contêm uma forma verbal imperativa:

Ouve tá, meu cansado coração, O que te diz a voz da natureza:

(A. de Quental, SC, 51.)

158

Dize-me tá, é céu deserto, dize-me tá se é muito tarde.

(C. Meireles, OP, 502.)

c) nas orações em que o verbo está na passiva pronominal:

Formam-se bolhas na água...

(F. Pessoa, OP, 160.)

Servia-se o almoço às dez.

(C. dos Anjos, MS, 4.)

d) nas orações absolutas construídas com o verbo no subjuntivo para denotar uma ordem, um desejo:

Que venha essa coisa melhor! (M. Rubião, D, 17.)

Chovam lírios e rosas no teu colo! (A. de Quental, SC, 35.)

Durma, de tuas mãos nas palmas sacrossantas, O meu remorso.

(O. Bilac, T, 192.)

e) nas orações construídas com verbos do tipo dizer, sugerir, perguntar, responder e sinônimos que arrematam enunciados em DISCURSO DIRETO ou neles se inserem:

• Isso não se faz, moco, protestou Fabiano. (G. Ramos, VS, 66.)

• Traz-se-lhe as duas coisas • disse o Barão aflorando a cabeça no ombro da consorte, de mão na porta escura. (V. Nêmesio, AfTC, 363.)

/) nas orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio:

Pelas madrugadas de São João, ao começarem a morrer as fogueiras, mocinhas postavam-se diante do Solar. (G. França de Lima, JV, 5.)

Tendo adoecido o nosso professor de português, padre Faria, ele o substituiu.

(J. Amado, MG, 112.)

Acabada a lengalenga, pretendi que bisasse. (A. Ribeiro, CRG, 16.)

159

g) nas orações subordinadas adverbiais condicionais construídas sem conjunção:

Tivesse eu tomado em meus braços a rapariga e pagaria dentro em pouco em amarguras os momentos fugazes de felicidade..

(A. F. Schmidt, AP, 68.)

Viesse a ocasião, e ele havia de mostrar de que pau era a canoa...

(Machado de Assis. OC, I, 505.)

h) em certas construções com verbos unipessoais:

Aconteceu no Rio, como acontecem tantas coisas.

(C. Drummond de Andrade, CB, 30.)

Baata o amor ao trabalho...

(A. Abelaira, ATC, 14.)

Zuz• aproveitou para meter a parte dele, ainda do•a-ihe no coração a cabeçada antiga.

(Luandino Vieira, L, 48.)

i) nas orações que se iniciam pelo predicativo, pelo objeto (direto ou indireto) ou por adjunto adverbial:

Este • o destino dos versos.

(F. Pessoa, OP, 165.)

Essa justiça vulgar, por•m, não me soube fazer o meu velho1 mestre.

(R. Barbosa, R, 86.)

A nós, homens de letras, impõe-se o dever da direção deste movimento.

(O. Bilac, DN, 112.)

Num pacote como este não existe a solidão! (A. Abelaira, NC, 41.)

2. A oração subordinada substantiva subjetiva coloca-se normalmente depois do verbo da principal:

• provável que te sintas logo muito melhor.

(A. O'Neill, S•, 37.)

160

Parece que vamos ter um belo dia de sol, depois de noite de vento e chuva.

(J. Montello, A, 178.)

• preciso que eles nos temam.

(Castro Soromenho, V, 116.)

3. Em princípio, os verbos intransitivos podem vir sempre antepos-ao seu sujeito:

Desponta a lua. Adormeceu o vento, Adormeceram vales e campinas,..

(A. deQuental, SC, 114.)

Correm as horas, vem o Sol descambando; refresca a brisa, e sopra rijo o vento.

Não ciciam mais os buritis...

(Visconde de Taunay, /, 33.)

Observações:

1.*) Embora nos casos mencionados a tendência da língua seja manifestamente pela inversão VERBO -f- SUJEITO, em quase todos eles • possível • e perfeitamente correia

• a construção SUJEITO + VEMO.

4- 2.*) O pronome relativo coloca-se no princípio da oração, quer

desempenhe a função de sujeito, quer a de objeto.

INVERSO PREDICATIVO + VERBO

1. O PREDICATIVO segue normalmente o verbo de ligação. Pode, no entanto, precedê-lo:

a) nas orações interrogativas e exclamativas:

Que monstro seria ela?

(J. Lins do Rego, E, 255.)

Que lindos eram os lagartos nos terraços de suas luras a divisar-me com as duas gotas de suor líquido dos olhos pequeninos!

(A. Ribeiro, CRG, 91.)

b) em construções afetivas do tipo:

Orgulhoso, apaixonado pela própria imagem é isso ele o foi!

(A. F. Schmidt, F, 131.)

161

Probidade é essa foi realmente a qualidade primacial de Veríssimo.

(M. Bandeira, PP, II. 415.)

2. Na voz passiva analítica, o PARTICÍPIO vem normalmente posposto às formas do auxiliar ser. Costuma, no entanto, precedê-las em frases afe-(ivas denotadoras de um desejo:

Abençoados sejam os nossos maiores, que nos deram esta Pátria livre e formosa!

(O. Bilac, DN, 81.)

Amaldiçoados sejam eles, caiam-lhes as almas nas profundezas do inferno.

(J. Saramago, LC, 121.)

ENTONÇÃO ORACIONAL

1. Dos elementos constitutivos da voz humana é o TOM, ou altura musical, o mais sensível às modificações emocionais. Agrada-nos ou desagada-nos o tom de voz de uma pessoa. Percebemos imediatamente se ela fala em tom alto ou baixo, ou se, pobre de inflexões, a sua elocução é monótona, isto é, de um "só tom", o que vale dizer

"enfadonha". A fala expressiva exige variedade de tons e sua adequação ao pensamento.

A linha ou curva melódica descrita pela voz ao pronunciar palavras, orações e períodos chama-se ENTONÇÃO.

2. Os diferentes problemas suscitados pelas tentativas de interpretação da curva melódica têm posto à prova a argúcia dos linguistas contemporâneos.

Entre esses problemas de solução delicada, sobreleva o de caracterizar o valor da entonção na frase, isto é, o de saber se nela a entonção desempenha uma função linguística (significativa ou distintiva) determinada. Por outras palavras: interessa-nos saber preliminarmente se, pela simples diversidade da curva melódica, duas

mensagens é no mais foneticamente idênticas é podem ser interpretadas de maneira distinta pelos usuários de uma mesma língua.

Pelas razões que aduziremos a seguir, parece-nos lícito reconhecer a funcionalidade linguística da entonção em nosso idioma.

162

GRUPO ACENTUAL E GRUPO FONICO

Dissemos que GRUPO ACENTUAL é todo segmento de frase que se apoia um acento tônico principal. A um ou vários grupos acentuais com-ndidos entre duas pausas (lógicas, expressivas, ou respiratórias) dá-se nome de GRUPO FONICO.

Por exemplo: numa elocução lenta, o seguinte período de Marques P Rebelo:

O aguaceiro / desabou, / com estrépito, / mas a folia / persistiu.

^apresenta cinco GRUPOS ACENTUAIS, cujos limites marcamos com um traço inclinado.

Mas encerra apenas três GRUPOS FONICOS:

O aguaceiro desabou, // com estrépito, // mas a folia persistiu.

que separamos por dois traços.

Já numa elocução rápida, que omitisse a pausa (indicada pela vírgula) entre o verbo desabou e o seu adjunto adverbial com estrépito, o período em exame passaria

a ter somente dois GRUPOS FONICOS:

O aguaceiro desabou com estrópite, // mas a folia persistiu.

O GRUPO FONICO, UNIDADE MELÓDICA

A UNIDADE MELÓDICA é o segmento mínimo de um enunciado com sentido próprio e com forma musical determinada. Os seus limites coincidem com os do GRUPO FONICO.

Podemos,

pois, considerar o GRUPO FONICO o equivalente da UNIDADE MELÓDICA*.

Observação:

Em poesia, os versos curtos (até sete sílabas) constam geralmente de um só grupo fonico. Os versos longos costumam apresentar internamente uma deflexão da voz (CESURA),

que os divide em hemistíquios. Cada hemistíquio corresponde, de regra, a um grupo fonico.

1 Sobre a identificação do grupo fonico e unidade melódica leiam-se especialmente os estudos de T. Navarro Tomás: El grupo fonico como unidad melódica. Revista de Filologia Hispánica. Buenos Aires-New York, 1(1):3-19, 1939; Manual de entonación española. New York, Hispanic Institute, 1948, particularmente p. 37 e ss.

163

O GRUPO FONICO E A ORAÇÃO

Caracterizada a unidade melódica, passemos à análise das diferenças que se observam na curva tonal descrita por três tipos de oração: a DECLARATIVA, a INTERROGATIVA

e a EXCLAMATIVA.

ORAÇÃO DECLARATIVA 1. Examinando a seguinte oração, constituída de um só grupo fonico:

Os alunos chegaram tarde, observamos que a voz descreve, aproximadamente, esta curva melódica:

lu ga tar nos che ram

Os

que poderíamos simplificar no esquema:

de

2. Notamos, com base no traçado acima, que o grupo fonico em exame compreende três partes distintas:

a) a parte inicial (ou ASCENDENTE), que começa em um nível tonal médio, característico das frases afirmativas, e apresenta, em seguida, uma ascensão da voz, que

atinge o seu ponto culminante na primeira sílaba tônica (lu);

b) A parte medial, em que a voz, com ligeiras ondulações, permanece, aproximadamente, no nível tonal alcançado;

c) a parte final (ou DESCENDENTE), em que a voz cai progressivamente a partir da sílaba (lar), atingindo um nível tonal baixo no final da frase.

164

3. Dessas três partes, a inicial e a final são as mais importantes da tira da entoação. Toda ORAÇÃO DECLARATIVA completa encerra uma parte ascendente e uma parte final descendente, ambas muito notadas.

4. No caso de ser a oração declarativa constituída de mais de um grupo fonico, o primeiro grupo começa por uma parte ascendente, e o último-finaliza com uma descendente.

ORAÇÃO INTERROGATIVA

No estudo da ENTOAÇÃO INTERROGATIVA temos de considerar previamente o fato de iniciar-se ou não a frase por pronome ou advérbio interrogativo, pois que a curva

tonal é distinta nos dois casos.

ORAÇÕES NÃO INICIADAS POR PRONOME OU ADVÉRBIO INTERROGATIVO

1. Tomando como exemplo a mesma oração declarativa, enunciada, porém, de forma interrogativa:

Os alunos chegaram tarde? " observamos que ela descreve a curva melódica:

tar

ga
ram
che
de
lu
nos
Os

que poderíamos assim apresentar esquematicamente:

165

2. São características deste tipo de interrogação, em que se espera sempre uma resposta categórica sim, ou não:

a) o ataque da frase começar por um nível tonal mais alto do que na oração declarativa;

b) na parte medial do segmento melódico, haver uma queda da voz, que, embora seja mais acentuada do que nas orações declarativas, não altera o caráter ascendente desta modalidade de interrogação;

c) subir a voz acentuadamente na última vogal tônica, ponto culminante da frase; em seguida, sofrer uma queda brusca, apesar de se manter em nível tonal elevado.

3. Comparando esta curva da oração declarativa estudada, verificamos que elas se assemelham por terem ambas a parte inicial ascendente e a parte medial relativamente uniforme.

Distinguem-se, porém:

a) quanto à parte final: descendente, na declarativa; ascendente, na interrogativa;

b) quanto ao nível tonal: médio e baixo, na declarativa; alto e altíssimo, na interrogativa;

c) quanto à queda da voz a partir da última sílaba tônica: progressiva, na declarativa; brusca, na interrogativa.

4. Por ser a curva melódica descrita pela voz o único elemento que, na frase em exame, contribui para o caráter interrogativo da mensagem, temos de reconhecer que,

em casos tais, a entoação apresenta inequívoco valor funcional em nossa língua.

ORAÇÕES INICIADAS POR PRONOME OU ADVERBIO INTERROGATIVO

Tomemos como exemplo a oração:

Como soube disto? Em sua enunciação a voz descreve a seguinte curva melódica:

co sou mo be
dis
to

que poderíamos assim esquematizar:

166

São características das orações interrogativas deste tipo:

a) o ataque da frase que, iniciado em um nível tonal muito alto, sobe, l vezes, bruscamente, até a primeira sílaba tônica, sílaba esta que, na maioria dos casos, pertence

ao pronome ou ao advérbio interrogativo, ou seja, elemento que realiza a função interrogativa da oração;

b) a curva melódica, que, após a primeira sílaba tônica, decresce progressivamente e de maneira mais acentuada do que nas frases declarativas.

INTERROGAÇÃO DIRETA E INDIRETA

1. Vimos que a interrogação pode ser expressa: a) ou por meio de uma oração em que a parte final apresenta entoação ascendente, como em:

Os alunos chegaram tarde?

f>) ou por uma oração iniciada por pronome ou advérbio interrogativo, em que a parte final apresenta entoação descendente, pelo exemplo:

Como soube disto?

Nestes casos dizemos que a interrogação é DIRETA.

2. Existe, porém, um outro tipo de interrogação, chamada INDIRETA, que se faz por

meio de um período composto, em que a pergunta está contida numa oração subordinada de entoação descendente.

Exemplo:

Diga-me como soube disto.

3. Nas orações INTERROGATIVAS INDIRECTAS a entoação apresenta as seguintes características:

a) o ataque da frase começa por um nível tonal alto; há uma elevação da voz na primeira sílaba tônica, seguida de um lento declínio da curva melódica até o final

da frase;

b) o nível tonal da frase é, em geral, mais baixo que o da interrogação direta;

c) a queda da curva melódica é progressiva, semelhante à que se observa nas orações declarativas.

4. A escrita procura refletir a diferença tonal entre essas formas de interrogação com adotar o PONTO DE INTERROGAÇÃO para marcar o término da interrogação direta, e o simples PONTO, para o da indireta.

167

ORAÇÃO EXCLAMATIVA

Nas exclamações, a entoação depende de múltiplos fatores, especialmente do grau e da natureza da emoção de quem fala.

É a expressão emocional que faz variar o tom, a duração e a intensidade de uma interjeição-monossilábica, tal como acontece com a interjeição *oh* nestes dois versos

de Castro Alves:

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa! Oh! ver não posso este labou maldito!

Nas fônias exclamativas de maior corpo, a expressão emocional concentra-se fundamentalmente ou na sílaba que recebe o acento de insistência (se houver), ou na sílaba

em que recai o acento normal. Como o primeiro não tem valor rítmico, é o acento normal o ápice da curva melódica. Assim, nas exclamações:

Bandido! Insolente! Fantástico!

a voz eleva-se até a sílaba tônica e, depois de alguma demora, decai bruscamente.

Obedecem elas, pois, ao esquema

Maior variedade em matizes de entoação encontramos, natural-nas frases exclamativas constituídas de duas ou mais palavras. A melódica dependerá sempre da posição

da palavra de maior con-pressivo, porque é sobre a sua sílaba acentuada que irão incidir | agudo, a intensidade mais forte e a maior duração.

no a sílaba forte da palavra de maior valor expressivo pode ocupar inicial, medial ou final da oração, três soluções devem ser as:

1) Se a sílaba em causa for a inicial, todo o resto do enunciado terá descendente.

Exemplo:

Deus de minha alma!

Se for a final, a frase inteira terá entoação ascendente: Meu amor!

Se for uma das sílabas mediais, a entoação será ascendente até sílaba e descendente dela até a final, como nos mostram estes colhidos em obra de Marques Rebelo:

Sai da frente! Todo o mundo!!!

linha tonal de cada um desses casos poderia ser assim esquema-

semelhante ao da entoação declarativa. Já em exclamações como

Jesus! Adeus! Imbecil!

o grupo fônico é ascendente e aproxima-se do esquema da entoação interrogativa:

161

CONCLUSÃO

exposto, verificamos que a linha melódica tem uma função essencialmente oracional. Com uma simples mudança de tom, podemos reforçar, é ou, mesmo, inverter o sentido literal

do que dizemos. É, por exemplo, a entoação particular que permite uma forma imperativa exprimir todos

169

os matizes que vão da ordem à súplica. Pela entoação que lhes dermos, frases como: Pois não! Pois sim!

podem ter ora valor afirmativo, ora negativo.

Enfim: a entoação reflete e expressa nossos pensamentos e sentimentos. Se o acento é a "alma da palavra", devemos considerá-la a "alma da oração"1.

8

SUBSTANTIVO

1. SUBSTANTIVO é a palavra com que designamos ou nomeamos os em geral.

São, por conseguinte, substantivos:

a) os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de um género, de espécie ou de um dos seus representantes:

homem	cidade	Senado	Árvore	cedro
Pedro	Lisboa	Fórum	animal	cavalo
Maria	Brasil	clero	Acaiaca	Rocinante

b) os nomes de noções, ações, estados e qualidades, tomados como

1 As características da entoação portuguesa estão hoje melhor conhecidas graças sobretudo às infatigáveis pesquisas do eminente foneticista de Coimbra, o professor

Armando de Lacerda, que em 1975 publicou a sua obra mestra no particular: Objectos verbais e significado elocucional. Toemos e entoemos. Entoação. Coimbra, Instituto

de Alta Cultura. Mais recentemente, a mesma matéria voltou a ser tratada, numa nova perspectiva e segundo métodos diversos, por Maria Raquel Delgado Martins na sua

obra, anteriormente citada, Sepeludes sur la perception. Accent et intonation du portugais. Lisboa, Laboratório de Fónica da Faculdade de Letras, 1983.

170

justiça	colheita	velhice
verdade	viagem	doença
glória	opinião	limpeza
largura	bondade	
otimismo	doçura	
caridade	ira	

2. Do ponto de vista funcional, o substantivo é a palavra que serve, \tivamente, de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto agente da passiva.

Toda palavra de outra classe que desempenhe uma função equivalerá forçosamente a um substantivo (pronomes, numeral ou qualquer palavra substantivada).

CLASSIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS SUBSTANTIVOS CONCRETOS E ABSTRATOS

Chamam-se CONCRETOS os substantivos que designam os seres propriamente ditos, isto é, os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de género, de uma espécie ou de um dos seus representantes:

homem

Pedro

Maria

cidade Lisboa Brasil

Senado Fórum clero

Árvore

cedro

Acaiaca

cavalo

Rocinante

171

Chamam-se ABSTRATOS os substantivos que designam noções, ações, estados e qualidades, considerados como seres:

justiça	colheita	velhice
verdade	viagem	doença
glória	opinião	limpeza
largura	bondade	
otimismo	doçura	
caridade	ira	

SUBSTANTIVOS PRÓPRIOS E COMUNS

Os substantivos podem designar a totalidade dos seres de uma espécie (DESIGNAÇÃO GÊNÉRICA) ou um indivíduo de determinada espécie (DESIGNAÇÃO ESPECÍFICA).

Quando se aplica a todos os seres de uma espécie ou quando designa uma abstração, o substantivo é chamado COMUM.

Quando se aplica a determinado indivíduo da espécie, o substantivo é PRÓPRIO.

Assim, os substantivos homem, país e cidade são comuns, porque se empregam para nomear todos os seres e todas as coisas das respectivas classes. Pedro, Brasil e Lisboa, ao contrário, são substantivos próprios, porque se aplicam a um determinado homem, a um dado país e a uma certa cidade.

SUBSTANTIVOS COLETIVOS

COLETIVOS são os substantivos comuns que, no singular, designam um conjunto de seres ou coisas da mesma espécie.

Comparem-se, por exemplo, estas duas afirmações:

Cento e vinte milhões de brasileiros pensam assim. O povo brasileiro pensa assim.

Na primeira enuncia-se um número enorme de brasileiros, mas representados como uma quantidade de indivíduos. Na segunda, sem indicação de número, sem indicar gramaticalmente

a multiplicidade, isto é, com uma forma de singular, consegue-se agrupar maior número ainda de elementos, ou seja, todos os brasileiros como um conjunto harmônico.

Além desses coletivos que exprimem um todo, há na língua outros que designam:

a) uma parte organizada de um todo, como, por exemplo, regimento, batalhão, companhia (partes do coletivo geral exército);

b) um grupo accidental, como grupo, multidão, bando: bando de andorinhas, bando de salteadores, 'bando de ciganos;

c) um grupo de seres de determinada espécie: boiada (de bois), romaria (de ramos).

172

ia-se também incluir entre os coletivos os nomes de corporações sociais, culturais e religiosas, como assembleia, congresso, congregação, conclave e consistório. Tais denominações afastam-se, no entanto, do tipo normal dos coletivos, pois não são simples agrupamentos de antes representam instituições de natureza especial, organizadas

em quantidade superior para determinado fim.

'Bis alguns coletivos que merecem ser conhecidos:

(de lobos)

(de gado grande: bois, boiada, etc.)

arquipélago (de ilhas) (de espigas) (de examinadores) (de músicos) (de aves, de ciganos, de malfeitores, etc.)

(de bananas, de uvas, etc.) (de camelos)

caravana (de caranguejos, de chaves, malandros, etc.)

'canto (conjunto de canções, de líricas)

(de viajantes, de peregrinos, estudantes, etc.) (de peixes)

(de assassinos, de malandros, malfeitores)

(de gente, de pessoas) dafnção (de estrelas) (de vadios, de tratantes, de vândalos, de ladrões) (de anjos, de cantores) (de atores)

(de soldados, de anjos) aula (de ladrões, de desordeiros, assassinos, de maltrapilhos e de vadios)

(de cabras) (de lenha, de capim) (de navios mercantes, de ônibus)

girândola (de foguetes)

horda (de povos selvagens nômades, de desordeiros, de aventureiros, de bandidos,

de vasos)
junta (de bois, de médicos, de credores, de examinadores)
legião (de soldados, de demnios, etc.)
magote (de pessoas, de coisas)
malta (de desordeiros)
manada (de bois, de búfalos, de elefantes)
matilha (de cães de caça)
matula (de vadios, de desordeiros)
m (de gente)
molho (de chaves, de verdura)
multidão (de pessoas)
 ninhada (de pintos)
penca (de bananas, de chaves)
pliade (de poetas, de artistas)
quadrilha (de ladros, de bandidos)
ramalhete (de flores)
rebanho (de ovelhas)
recua (de bestas de carga)
rstia (de cebolas, de alhos)
roda (de pessoas)
romanceiro (conjunto de poesias narrativas)
sócia (de velhacos, de desonestos)
talha (de lenha)
tropa (de muares)
turma (de estudantes, de trabalhadores, de médicos)
vara (de porcos)

1.*) Excluímos dessa lista os NUMERAIS COIATIVOS, como novena, década, dúzia, f, que designam um número de seres absolutamente exato. Leia-se, a propósito, dizemos na p. 359.

173

2.*) O coletivo especial geralmente dispensa a enunciação da pessoa ou coisa a que se refere. Tal omissão é mesmo obrigatória quando o coletivo é um mero derivado do substantivo a que se aplica. Assim, dir-se-i:

A ramaria balouava ao vento. A papelada estava em ordem.

Quando, porém, a significação do coletivo não for específica, deve-se nomear o ser a que se refere:

Uma junta de médicos, de bois. etc. Um feixe de capim, de lenha, etc.

FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

Os substantivos podem variar em NÚMERO, GNERO e GRAU.

NUMERO

Quanto  flexão de NÚMERO, os substantivos podem estar: a) no SINGULAR, quando designam um ser único, ou um conjunto de seres considerados como um todo (SUBSTANTIVO

COLETIVO):

aluno

cão

mesa

povo

manada

tropa

b) no PLURAL, quando designam mais de um ser, ou mais de um desses conjuntos orgânicos:

alunos

cães

mesas

povos

manadas

tropas

FORMAÇÃO DO PLURAL Substantivos terminados em vogal ou ditongo

GERAL: O plural dos substantivos terminados em vogal ou ditongo forma-se acrescentando-se -s ao singular.

174

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
mesa	mesas	pai	pais
estante	estantes	pau	paus
tinteiro	tinteiros	lei	leis
rajão	rajões	chapão	chapões
bonão	bonões	camaféu	camaféus
javali	javalis	herói	heróis
cipão	cipões	boi	bois
peru	perus	mie	mies

Incluem-se nes'a regra os substantivos terminados em vogal nasal, orno a nasalidade das vogais /e/, /i/, /o/ e /u/, em posição final, e apresentada graficamente por

-m, e não se pode escrever -ms, muda-se jro -m em -n. Assim: bem faz no plural bens; flautim faz flautins; som faz sons; atum faz atuns.

REGRAS ESPECIAIS:

1. Os substantivos terminados em -ão formam o plural de três maneiras:

a) a maioria muda a terminação -ão em -ões:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
balão	balões	gavião	gaviões
botão	botões	leão	leões
canção	canções	nação	nações
confissão	confissões	operação	operações
coração	corações	opinião	opiniões
eleição	eleições	questão	questões
estação	estações	tubarão	tubarões
fração	frações	vulcão	vulcões

Neste grupo se incluem todos os aumentativos:

t	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
amigalhão	amigalhões	moleirão	moleirões	
bobalhão	bobalhões	narigão	narigões	
casarão	casarões	paredão	paredões	
chapelão	chapelões	pobretão	pobretões	
dramalhão	dramalhões	rapagão	rapagões	
espertalhão	espertalhões	sabichão	sabichões	
facão	facões	vagalhão	vagalhões	
figurão	figurões	vozeirão	vozeirões	

175

b) um reduzido número muda a terminação -ão em -ões:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
alemão	alemões	charlatão	charlatões
bastião	bastiões	escrivão	escrivões
cão	cães	guardião	guardiões
capelão	capelões	pão	pães
capitão	capitões	sacristão	sacristões
catalão	catalões	tabelião	tabeliões

c) um número pequeno de oxítonos e todos os paroxítonos acrescentam simplesmente um -s e forma singular:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
cidadão	cidadãos	acórdão	acórdãos
cortesão	cortesãos	benção	benções
cristão	cristãos	golfeão	golfeãos
desvão	desvãos	ortão	ortãos
irmão	irmãos	orgão	orgãos

pagão pagãos sãto sãtos

Otenracão:

1.*) Neste grupo se incluem os monossílabos tônicos chão, grão, mão e vão, que fazem no plural chãos, grãos, mãos e vãos.

2. '.) Artesão, quando significa "artífice", faz no plural artesãos; no sentido de "adorno arquitetônico", o seu plural pode ser artesões ou artesões.

2. Para alguns substantivos finalizados em -ão, não há ainda uma forma de plural definitivamente fixada, notando-se, porém, na linguagem corrente, uma preferência sensível pela formação mais comum, em -ões. O caso dos seguintes:

SINGULAR PLURAL SINGULAR PLURAL

alão alões j ermitões
alão S alões ermitão i ermitões
t alões L ermitões

alazão alazões \ alazões hortelão hortelões \ hortelões

176

aldeão aldeões aldeões refrão 1 refrões \ refrões

fanões anões rufião rufiões rufiões

1 anciões Isultões

anciões sultão sultões

anciões sultões

{castelões castelões truão {truões truões

{corrimões corrimões verão (verões verões

J deões 1 deões vilão (vilões vilões

i, como composto de mão, devia apresentar apenas o plural corrimões; existe também corrimões, por esquecimento da formação original da traí com alteração de timbre da vogal tônica

1. Alguns substantivos, cuja vogal tônica é o fechado, além de rece-a desinência -s, mudam, no plural, o o fechado [o] para aberto [3]. Vpontem-se os seguintes:

abrolho escolho olho rogo

carão esforço osso sobrolho

contorno estorvo ovo socorro

corcovo fogo poão tijolo

coro forno porco toco

corno foro porto tojo

corpo fosso posto tordo

corvo imposto povo torno

despojo jogo reforão troco

destroão miolo renovo troão

2. Note-se, porém, que muitos substantivos conservam no plural o o chado do singular. Entre outros, não alteram o timbre da vogal tônica:

acordo adorno

encosto engodo

moão molho

potro reboco

177

bojo bolo estojo ferrolho morro mosto repolho restolho

cachorro globo namoro rolo

coco golfo piloto rosto

colmo consolo gosto lobo piolho poldro sopro suborno

dorso logro polvo topo

3. Por vezes diverge, na formação desses plurais, a norma cuHadc Portugal e a do Brasil. E o caso, por exemplo, dos substantivos ^moão bolso e sogro, que, no plural,

apresentam a vogal aberta [o] em Portugal e fechada [oj no Brasil].

Cumpr advertir, por fim, que, no curso histórico da língua, certos substantivos alteraram o timbre da vogal tônica no plural e que outros, ainda hoje, vacilam no preferir uma das duas soluções.

Observação?

Atente-se na distinção entre molho "condimento" (por ex.: o mo/Jo da carne) e molho "feixe" (por ex.: um molho de chaves), palavras que conservam no plural a mesma

diferença de timbre da vogal tônica: molhos e molhos.

Substantivos terminados em consoante

1. Os substantivos terminados em -r, -z e -n formam o plural acrescentando -es ao singular:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
mar	mares	colher	colheres	reitor	reitores
xadrez	xadrezes	raiz	raízes	cruz	cruzes
		rapazes	rapazes	abdômen	abdômenes
				cônon	cônones
				dôlmen	dôlmenes

lôquen abdômenes cônones dôlmenes lôquenes

' A propósito da formação desses plurais, vejam-se, especialmente: A. Cavacas. A língua portuguesa e a sua metafonia. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921; Edwaldo

Cafezeiro. A metafonia portuguesa- aspectos diacrônicos. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1981 (texto policopiado).

178

1. t.*) O plural de caráter (escrito caractere na ortografia portuguesa) é tanto no Bra- [T como em Portugal, caracteres, com deslocamento do acento tônico e articulação

do c

! possuía de origem.

, 2.*) Também com deslocamento do acento é o plural dos substantivos espécimen; iter e Lúcifer: espécimenes, Júpiteres e Lucíferes.

; Advirta-se, porém, que, a par de Lúcifer. há Lúcifer, forma antiga no idioma, i plural é, naturalmente, Lucíferes.

2. Os substantivos terminados em -s, quando oxítonos, formam o plu-acrescentando também -es ao singular; quando paroxítonos, sãoáveis:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
anãos	anãos	reves	reveses
portugueses	portugueses	países	países
retros	retros	retroses	retroses
os ananases	os ananases	os atlas	os atlas
os pires	os pires	os lópis	os lópis
os oósis	os oósis	os ônibus	os ônibus

t* '

1.*) O monossílabo cais é invariável. Cais 6 geralmente invariável, mas documente também o plural couses.

2.*) Como os paroxítonos terminados em -s, os poucos substantivos existentes talizados em -AC são invariáveis: o tórax é os tórax, o ônix é os ônix.

3. Os substantivos terminados em -ai, -el, -ol e -ul substituem no plu-o -l por -ej;

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
animal	animais	papel	papeis
móveis	móveis	aquele	aqueles
farol	faróis	lençol	lençóis
alcoól	alcoóis	país	países

Observação:

Excetuam-se as palavras mal, real (moeda) e cônsul e seus derivados, que fazem, respectivamente, males, réis, cônsules e, por este, procônsules, vice-cônsules.

179

4. Os substantivos oxítonos terminados em -// mudam o -/ em -s:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
ardil	ardis	barril	barris
covil	covis	funil	fuzis
redil	redis	funil	fuzil
redil	redis	funil	fuzil

5. Os substantivos paroxítonos terminados em -:/ substituem esta terminação por -eis:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
fóssil	fósseis	róptil	rópteis

1.') Além de projétil, pronúncia mais generalizada no Brasil, há na língua a variante paroxítona projétil, com o plural projéteis, que é a pronúncia normal

portuguesa.

2.*) Reptil, pronúncia que postula a origem latina da palavra, tem a variante reptil, cujo plural réptis, naturalmente, reptis.

6. Nos diminutivos formados com os sufixos -zinho e -zito, tanto o substantivo primitivo como o sufixo vão para o plural, desaparecendo, porém, o -s do plural do

substantivo primitivo. Assim:

SINGULAR	PLURAL				
baliozinho	papelzinho	colarzinho	ciozito	balde(s) + zinhos	> baldezinhos
papei(s) + zinhos	> papezinhos	colare(s) + zinhos	> colarezinhos	coze(s) + zitos	> coezitos

Substantivos de um só número

1. Há substantivos que só se empregam no plural. Assim:

alvossaras

anais

antolhos

cós

condolências

esponsais

fezes

matinas

nópcias

primícias vóveres copas (naipe)

arredores exéquias óculos espadas (naipe)

belas-attes fastos olheiras ouros (naipe)

calendas férias pêsames paus (naipe)

2. Outros substantivos existem que se usam habitualmente no sin-r. Assim os nomes de metais e os tigjries_abstratos: J[gnrg. ouro, cobre;

^esperança, caridade. Quando aparecem no plural, têm de regra um sen-i diferente.

Comparem-se, por exemplo, cobre (metal) a cobres (dinhei-

jó, ferro (metal) a ferros (ferramentas, aparelhos).

tbstanóvos compostos

Não é fácil a formação do plural dos substantivos compostos. Obser-e, porém, as seguintes normas, com fundamento na grafia: 1a) Quando o substantivo composto é constituído

de palavras que se

ravam ligadamente. sem hífen, forma o plural como se fosse um subs-

stivo simples:

aguardente (s) varapau(s)

clarabóia(s) ferrovia(s)

malmequer(es) pontapó(s)

lobisomen(s) vaivém(s)

2a) Quando os termos componentes se ligam por hífen, podem variar dos ou apenas um deles:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
couve-flor	obra-prima	salvo-conduto	couves-flores obras-primas salvos-
condutos	gróo-mestre	guarda-marinha	guarda-roupa gróo-mestres
guardas-marinha			
guarda-roupas			

Note-se, porém, que:

a) quando o primeiro termo do composto é verbo ou palavra inva-' fiável e o segundo substantivo ou adjetivo, só o segundo vai para o plural:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
guarda-chuva	sempre-viva	vice-presidente	guarda-chuva* sempre-vivas vice-
presidentes	bate-boca	abaixo-assinado	gróoduque bate-bocas abaixo-
assinados			
gróo-duques			

180

181

b) quando os termos componentes se ligam por preposição, só meiro toma a forma de plural:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
chapéu-de-sol	pé-de-lé	pé-de-cabra	chapéus-de-sol pées-de-lé pées-de-cabra
peroba-do-campo	joé-de-barro	mula-sem-cabeéa	perobas-do-campo joées-de-barro
		mulas-sem-cabeéa	

c) também só o primeiro toma a forma de plural quando o segundo termo da composição é um substantivo que funciona como determinante específico:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
navio-escola	salório-família	navios-escola	salórios-família
banana-prata	manga-espada	bananas-prata	mangas-espada

d) geralmente ambos os elementos tomam a forma de plural quando o composto é constituído de dois substantivos, ou de um substantivo e um adjetivo:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
carta-bilhete	tenente-coronel	amor-perfeito	cartas-bilhetes tenentes-coronéis
amores-perfeitos	genlil-homem	água-marinha	vitórias-régias
gentis-homens	iguaas-marinhas	vitórias-régias	

GÊNERO

1. Há dois gêneros em português: o MASCULINO e o FEMININO.

O masculino é o termo não marcado; o feminino o termo marcado.

2. Pertencem ao gênero masculino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo o:

o aluno

o péo

o poema o jabuti

Pertencem ao gênero feminino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo a:

a casa

a mãe

a ema

a juriti

182

3. O gênero de um substantivo não se conhece, de regra, nem pela significação, nem pela sua terminação.

Para facilidade de aprendizado, convém, no entanto, saber:

JANTO É SIGNIFICAÇÃO

1. São geralmente masculinos:

a) os nomes de homens ou de funções por eles exercidas:

João mestre padre rei f) os nomes de animais do

sexo masculino:

cavalo galo gato peru

c) os nomes de lagos, montes, oceanos, rios e ventos, nos quais se ubentendem as palavras lago, monte, oceano, rio e vento, que são mas-

o Amazonas [= o rio Amazonas] o Atlântico [o oceano Atlântico] |j o

Lódoga [= o lago Lódoga]

o Minuano [= o vento Minuano] os Alpes [= os montes Alpes]

d) os nomes de meses e dos pontos cardeais:

março findo o Norte setembro vindouro o Sul

2. São geralmente femininos:

a) os nomes de mulheres ou de funções por elas exercidas:

Mt',i é

Maria professora freira rainha f />) os nomes de

animais do sexo feminino:

água galinha gata perua

c) os nomes de cidades e ilhas, nos quais se subentendem as palavras cidade e ilha, que são femininas:

a antiga Ouro Preto

a Sicília

as Antilhas

183

Obwraior

Alguns nomes de cidades, como Rio de Janeiro, Porto, Cairo, Havre, são masculin*
los pelas razões que aduzimos no Capítulo seguinte, ao tratarmos do EMPREGO DO
ARTIGO.

QUANTO À TERMINAÇÃO

1. São masculinos os nomes terminados em -o tônico:

o aluno o livro o lobo o banco

2. São geralmente femininos os nomes terminados em -a tônico: a aluna a

caneta a loba a mesa

Excetua-se, porém, clima, cometa, dia, fantasma, mapa, planeta, telefonema,
fonema e outros mais. que serão estudados adiante.

3. Dos substantivos terminados em -ao, os concretos são masculinos e os abstratos
femininos:

o grão o algodão a educação a opinião o balcão o

feijão a produção a recordação

Excetua-se mão, que, embora concreto, é feminino. Fora desses casos, é sempre
difícil conhecer-se pela terminação o gênero de um dado substantivo.

FORMAÇÃO DO FEMININO

Os substantivos que designam pessoas e animais costumam flexionar-se em gênero,
isto é, têm geralmente uma forma para indicar os seres do sexo masculino e outra
para indicar os do sexo feminino. Assim:

MASCULINO FEMININO MASCULINO FEMININO

homem	mulher	bode	cabra
aluno	aluna	galo	galinha
cidadão	cidadã	leitão	leitão
cantor	cantora	barão	baronesa
profeta	profetisa	lebrão	lebre

184

Dos exemplos acima verifica-se que a forma do feminino pode ser: a) completamente
diversa da do masculino, ou seja, proveniente de f radical distinto:

bode

cabra

homem

mulher

b) derivada do radical do masculino, mediante a substituição ou o cimo de
desinências:

aluno

aluna

cantor

cantora

Examinemos, pois, à luz desses dois processos, a formação do femi-ino dos
substantivos de nossa língua.

Masculinos e femininos de radicais diferentes Convém conhecer os seguintes:

T MASCULINO FEMININO MASCULINO FEMININO

1 bode	cabra	genro	nora
boi (ou touro)	vaca	homem	mulher
cão	cadela	macho	fêmea
carneiro	ovelha	marido	mulher
cavalheiro	dama	padrasto	madrasta
cavalo	égua	padrinho	madrinha
compadre	comadre	pai	mãe
frei	soror (ou sorora)	zangão	abelha

Femininos derivados de radical do masculino

REGRAS GERAIS:

1a) Os substantivos terminados em -o tônico formam normalmente o feminino substituindo essa desinência por -a:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
gato	gata	pombo	pomba
lobo	loba	aluno	aluna

185

Otocrva

Além das formas irregulares que vimos, há um pequeno número de substantivos terminados em -o que, no feminino, substituem essa final por desinências especiais.

Assim:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
diácono	galg	galinha	maestra
silfo	maestra		

2?) Os substantivos terminados em consoante formam normalmente o feminino com o acréscimo da desinência -a. Exemplos:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
camponês	camponesa	freguês	freguesa
pintor	pintora		

REGRAS ESPECIAIS:

1?) Os substantivos terminados em -ao podem formar o feminino de três maneiras:

a) mudando a terminação -ao em -oa:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
ermiteiro	ermita	hortelão	horteloa
patroa		leitão	leitoeira

b) mudando a terminação -ao em -a:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
aldeão	aldeia	castelão	castelã
anião	aniã	cidadão	cidadã
ancião	anciã	cirurgião	cirurgiã
anfitrião	anfitriã	cortesão	cortesã
campeão	campeã	irmão	irmã

186

mudando a terminação -ao em -ona:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
bonachão	bonachona	comilão	comilona
espertalhão	espertalhona	figurão	figurona
folião	foliona	moleirão	moleirona
paspalhão	paspalhona	pobreão	pobretona
sabichão	sabichona	solteirão	solteirona

ratões:

1.) Como se vê, os substantivos que fazem o feminino em -ona são os aumentos ou adjetivos substantivados. '2.) Além dos animais cão e zangão, a que já nos referimos, não seguem estes processos de formação os substantivos seguintes:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
barão	baronesa	ladroão	ladra
lebrão	lebre	maganão	perdigão
sultão	sultana		

Usa-se às vezes ladrona por ladra.

2*) Os substantivos terminados em -or formam normalmente o feminino, como dissemos, com o acréscimo da desinência -a:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
pastor	pastora	remador	remadora

, Alguns, porém, fazem o feminino em -eira. Assim: cantador e cantadeira, cerzidor e cerzideira.

Outros, dentre os finalizados em -dor e -tor, mudam estas terminações em -triz. Assim: ator e atriz, imperador e imperatriz.

Observação:

De embaixador h, convencionalmente, dois femininos: embaixatriz (a esposa de embaixador) e embaixadora (funcionaria chefe de embaixada).

187

3?) Certos substantivos que designam ttulos de nobreza e dignidades formam o feminino com as terminaes -esa, -essa e -isa:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
abade baro	condessa	abadesa baronesa	condessa
diaconisa	duquesa	sacerdotisa	dicono duque sacerdote

Observao:

De prior h o feminino priora (superiora de certas ordens) e priora (irm de Ordem Terceira). Prncipe faz no feminino princesa.

4a) Os substantivos terminados em -e, no includos entre os que acabamos de mencionar, so geralmente uniformes. Essa igualdade formal para os dois gneros , como

veremos adiante, quase que absoluta nos finalizados em -nte, de regra originrios de participios presentes e de adjetivos uniformes latinos. H, por, um pequeno nmero que, , semelhana da substituio -o (masculino) por -a (feminino), troca o -e por -a. Assim:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
elefante	elefanta	mestre	mestra
governante	infante	governanta	infanta
parenta		monge	parente
			monja

Observao:

Os femininos gigante (de gigante), hospeda (de hospede) e presidenta (de presidente) tm ainda curso restrito no idioma.

5a) So dignos de nota os femininos dos seguintes substantivos:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
av	av	maestro	maestrina
consul	consulesa	piton	pitonisa
czar	feia	frade	czarina
felana	freira	poeta	profeta
raj	poetisa	profetisa	rani
grou	heroi	grua	heroona
rapaz	rei	rapariga	moa
rainha	jogral	jograles	rou
re			

gw o feminino de rapaz mais usado em Portugal. No Brasil, prefere-se i raz do valor pejorativo que, em certas regies, o primeiro termo adquiriu.

SUBSTANTIVOS UNIFORMES

SUBSTANTIVOS EPICENOS

Denominam-se EPICENOS os nomes de animais que possuem um s iiero gramatical para designar um e outro sexo. Assim:

a gua	a mosca	o besouro	o polvo
a baleia	a on	o condor	o rouxinol
a borboleta	a pulga	o crocodilo	o tatu
a cobra	a sardinha	o gavi	o tigre

va:

w Quando h necessidade de especificar o sexo do animal, juntam-se ento ao pbstantivo as palavras macho e fmea: crocodilo macho, crocodilo fmea; o macho a

fmea do jacar.

SUBSTANTIVOS SOBRECUMUNS

Chamam-se SOBRECUMUNS os substantivos que tm um s gnero gramatical para designar pessoas de ambos os sexos. Assim:

o algoz	o cnjuge	a crian	a testemunha
o apstolo	o indivduo	a criatura	a vtima
o carrasco	o verdugo	a pessoa	

Observao:

; Neste caso, querendo-se discriminar o sexo, diz-se, por exemplo: o cnjuge feminino; uma pessoa do sexo masculino.

SUBSTANTIVOS COMUNS DE DOIS GÊNEROS

Alguns substantivos apresentam uma só forma para os dois gêneros, mas distinguem o masculino do feminino pelo gênero do artigo ou de outro

188

189

determinativo acompanhante. Chamam-se COMUNS DE DOIS GÊNEROS estes substantivos.

Exemplos:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
o tgente	a agente	o herege	herege
o artista	a artista	o imigrante	imigrante
o camarada	a camarada	o indígena	indígena
o colega	a colega	o intérprete	intérprete
o colegial	a colegial	o jovem	jovem
o cliente	a cliente	o jornalista	jornalista
o compatriota	a compatriota	o mártir	mártir
o dentista	a dentista	o selvagem	selvagem
o estudante	a estudante	o servente	servente
o gerente	a gerente	o suicida	suicida

1.*) São COMUNS DE DOIS GÊNEROS todos os substantivos ou adjetivos substantivados terminados em -ista: o pianista, a pianista; um anarquista, uma anarquista.

2.*) Diz-se, indiferentemente, o personagem ou a personagem com referência ao protagonista homem ou mulher.

MUDANÇA DE SENTIDO NA MUDANÇA DE GÊNERO

Há um certo número de substantivos cuja significação varia com a mudança de gênero:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
o cabeça	cabeça	o guarda	a guarda
o caixa	caixa	o guia	a guia
o capital	capital	o lente	a lente
o cisma	cisma	o língua	a língua
o corneta	corneta	o moral	a moral
o cura	cura	o voga	a voga

SUBSTANTIVOS MASCULINOS TERMINADOS EM -A

Vimos que, embora a terminação -a seja de regra denotadora do feminino, há vários masculinos com essa terminação: artista, camarada, colega,

190

poeta, profeta, etc. Alguns destes substantivos apresentam uma forma própria para o feminino, como poeta (poetisa) e profeta (profetisa); A maioria, | entanto, distingue

o gênero apenas pelo determinativo empregado: o camarada, a compatriota; este jornalista, aquela jornalista; meu camarada, minha camarada.

Um pequeno número de substantivos em -a existe, todavia, que só se masculino por designar profissão ou atividade própria do homem.

jesuíta monarca

nauta papa

patriarca pirata

heresiarca tctarca

1.1) Entre os substantivos que designam coisas, são masculinos os terminados em i e -orna que se originam de palavras gregas:

anotema

cinema

diadema

dilema

emblema

edema

estratagema

fonema

poema

problema
sistema
telefonema
tema
teorema
trema
diploma
idioma
aroma
axioma
coma

2.*) Embora a palavra grama se use também no gênero feminino (quinhentas fomas), os seus compostos mantêm-se no gênero masculino: um miligrama, o quilo-

SUBSTANTIVO DE GÊNERO VACILANTE
Substantivos há em cujo emprego se nota vacilação de gênero. Eis alguns, para os quais se recomenda a seguinte preferência:

a) GÊNERO MASCULINO:

gape cló
antílope contralto
caudal diabete(s)
gengibre sanduíche
lãoa-perfume soprano
praça (soldado) suéter

b) GÊNERO FEMININO:

abusão espide jãanã ordenança
alcão fôcies juriti sentinela
aluvião filoxera omoplata sucuri

191

GRAU

Um substantivo pode apresentar-se:

- com a sua significação normal: chapô, boca;
- com a sua significação exagerada, ou intensificada disforme ou desprezivelmente (GRAU AUMENTATIVO): chapelão, bocarra; chapô grande, boca enorme;
- com a sua significação atenuada, ou valorizada afetivamente (GRAU DIMINUTIVO): chapeuzinho, boquinha; chapô pequeno, boca minúscula.

Vemos, portanto, que a GRADAÇÃO do significado de um substantivo se faz por dois processos:

- SINTETICAMENTE, mediante o emprego de sufixos especiais, que estudamos no Capítulo 6; assim: chape-lão, boc-arra; chapeu-zinho, boqu-inha;
- ANALITICAMENTE, juntando-lhe um adjetivo que indique aumento ou diminuição, ou aspectos relacionados com essas noções: chapô grande, boca enorme; chapô pequeno, boca minúscula.

VALOR DAS FORMAS AUMENTATIVAS E DIMINUTIVAS

Convém ter presente que o que denominamos AUMENTATIVO e DIMINUTIVO nem sempre indica o aumento ou a diminuição do tamanho de um ser. Ou melhor, essas noções são

expressas em geral pelas formas analíticas, especialmente pelos adjetivos grande e pequeno, ou sinônimos, que acompanham o substantivo.

Os sufixos aumentativos de regra emprestam ao nome as ideias de desproporção, de disformidade, de brutalidade, de grosseria ou de coisa desprezível. Assim:

narigão,
beiborra, pratalhaz ou pratarraz, atrevidaço, por-calhão, etc. Ressalta, pois, na maioria dos aumentativos, esse valor depreciativo ou PEJORATIVO.

O emprego dos sufixos diminutivos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afetiva no primeiro plano. Não quer comunicar ideias ou reflexões, resultantes de profunda meditação, mas o que quer expressar, de modo espontâneo e impulsivo, o que sente, o que o comove ou impressiona e quer

seja carinho, saudade, desejo, prazer, quer, digamos, um impulso negativo: troça, desprezo, ofensa. Assim se encontra no sufixo diminutivo um meio estilístico que elide a objetividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável, mas às vezes também mais vaga."1

Silvia Skorge. Boletim de filologia, Lisboa. 17: 50-51. 1958.

192

A rigor a flexão de GRAU é pertinente ao adjetivo. Admitimos, porém, a existência de três graus para o substantivo o NORMAL, o AUMENTATIVO e o DIMINUTIVO em consonância com a Nomenclatura Gramatical Brasileira e a Nomenclatura Gramatical Portuguesa, que, neste ponto, seguem uma longa tradição no ensino do ESPECIALIZADO DE FORMAS

Muitas formas, originariamente aumentativas e diminutivas, adquiriram, com o correr do tempo, significados especiais, por vezes dissociados do sentido da palavra

derivante. Nestes casos, não se pode mais, a rigor, falar em aumentativo ou diminutivo. São, na verdade, palavras em sua acepção normal. Assim*

cartão ferro florão

portão corpete

lingueta cartilha

flautim

pastilha cavalete

folhinha

vidrilho (= calendário)

EMPREGO DO SUBSTANTIVO

FUNÇÕES SINTÁTICAS DO SUBSTANTIVO O SUBSTANTIVO pode figurar na oração como:

1. SUJEITO:

Samuel está desolado.

(C. Drummond de Andrade, CA, 127.)

O pasmo e a felicidade transtornaram-no. (C. de Oliveira, AC, 122.)

2. PREDICATIVO: a) DO SUJEITO:

Eu já não sou funcionário.

(Castro Soromenho, TM, 243.)

De maneiras finas, era um fidalgo. (N. Pinon, FD, 61.)

193

b) DO OBJETO DIRETO:

De toda parte, aclamavam-no herói. (R. Pompéia, A, 108.)

O amor... Como adora o marido, como deve ser bom tê-la por esposa.

(A. Abelaira, NC, 25.)

c) DO OBJETO INDIRETO:

Eram capazes de me chamar sacristão. (F. Namora, TJ, 214.)

Irmão lhe chamaria, mas irmão

por quê, se a vida nova

se nutre de outros saís, que não sabemos?

(C. Drummond de Andrade, R, 169-170.)

3. OBJETO DIRETO:

Eu arranjo umas velinhas.

(A. de Alcântara Machado, NP, 203.)

O velho não desvia os olhos.

(Alves Redol, FM, 195.)

4. OBJETO INDIRETO:

O que Amélia, naquele instante, pediria a Deus? (J. Lins do Rego, FA, 236.)

Aos martelheiros dá-se um salário, aos estivadores e saibreiros outro, negócio de "pinchas" outro. (A. Ribeiro, V, 41.)

5. COMPLEMENTO NOMINAL:

O talento é um complexo de virtudes, às vezes inseparáveis de defeitos.

(F. Namora, E, 119.)

Lúcia era particularmente sensível à nota humana. (A. Peixoto, RC, 49.)

194

6. ADJUNTO ADVERBIAL:

De Braga voltamos às Caldas.

(C. Castelo Branco, OS, I, 11.)

Contemplaram-se em silêncio.

(O. Verossimo, LS, 153.)

7. AGENTE DA PASSIVA:

Fomos apresentados um ao outro por Silva Jardim. (R. Correia, PCP, 559.)

A investida O observada de longe pelos sitiantes. (J. PaOo d'Arcos, CVL, 355.)

8. APOSTO:

Ia haver um baile na Faculdade de Direito, o baile dos calouros, o meu baile. (C. dos Anjos, MS, 345.)

Os dois, governador e filho, encarregaram-se de todos os aprestos da sua viagem para o Paraguai

(J. CortesOo, IHB, II, 104.)

9. VOCATIVO:

O Prima, venha conhecer o compadre. (J. C. de Carvalho, CL, 69.)

Eu tenho, Amor, a cinta esbelta e fina... (F. Espanca, S, 96.)

SUBSTANTIVO COMO ADJUNTO ADNOMINAL

1. Precedido de preposiOoO, pode o SUBSTANTIVO formar uma LOCUCOAO ADJETIVA, que funciona como ADJUNTO ADNOMINAL. Assim:

uma vontade de ferro [= fOorra] um menino Os direitas [= correto] uma pessoa sem entranhas [= perversa] uma forOa de HOrcules [= hercOlea]

195

2. Em funOoO de ADJUNTO ADNOMINAL, pode tambOem c SUBSTANTIVO referir-se diretamente a outro SUBSTANTIVO. Comparem-se expressOes do tipo:

um riso canalha um ar provOncia

uma recepoOo monstro uma atitude povo

Exemplos literOrios:

Durante essas ruas paris de Barcelona, tOo avenida entre uma gente meio londres urbanizada em mansas filas,

chegava a desafio seu caminhar sevilha: que O levando a cabeOa em flor que fosse espiga.

(J. Cabral de Melo Neto, PC, 87-88.)

Ovora! Ruas ermas sob os cOus Cor de violetas roxas... Ruas frades Pedindo em triste penitOncia a Deus Que nos perdoe as mOseras vaidades! (F. Espanca, S, 149.)

SUBSTANTIVO CARACTERIZADO!* DE ADJETIVO

Os adjetivos referentes a cores podem ser modificados por um SUBSTANTIVO que melhor precise uma de suas tonalidades, um de seus matizes. Assim:

amarelo-canOrio azul-petrOleo

verde-gamfa roxo-batate

Neste emprego o SUBSTANTIVO equivale-a um ADVORBIO DE MODO1.

1 Cf. R. L. Wagner O J. Pinchon. Grammaire du franOais classique et moderne. Paris, Hachette, 1962, p. 76. Sobre a interpretaOoO e a duvidosa vernaculidade das expressOes

do tipo ramagens verde-garrafa, olhos verde-mar, leiam-se as observaOoes

196

SUBSTANTIVO CARACTERIZADO POR UM NOME

..urso expressivo, generalizado nas lOnguas romOnicas*, O a caracte-j de um SUBSTANTIVO por meio de um NOME (substantivo ou adjeti-Oanteposto, ligado pela preposiOoO

de, num sintagma nominal do tipo:

O raio do menino

A desgraOada da mulher

Em que pese Os divergOncias quanto O interpretaOoO dos valores secos e sintOticos que entram em jogo nessa estrutura nominal, todos hecem a intensidade afetiva de sua caracterizaOoO antecipada. A feiOoO ular desta parece advir de, ao mesmo tempo, estar ligada pelo estreito de uma preposiOoO e gozar do realce significativo

que seria o de

aposto ou de uma predicaOoO nominal.

JO SUBSTANTIVO COMO NUCLEO DAS FRASES SEM VERBO

As FRASES NOMINAIS, organizadas sem verbo, tOem o substantivo como ntro. O o que se

verifica, por exemplo:

a) nas exclamações:

Ó minha amada, Que olhos os teus!

(V. de Moraes, PCP, 334.)

Mário Barreto, em *Novos estudos da língua portuguesa*, 2. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1921, p. 375-377; e de Sousa da Silveira, em *Trechos seletos*, 4. ed.

Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938, p. 68.

É já numerosa a bibliografia relativa a esta construção. Citamos aqui apenas as contribuições mais importantes: Alf Lombard. *Li fel d'anemis. Ce fripon de valet*. *Studium i Modern Sparakvetenskap*, Upsala, 2: 145-215, 1931; André Eskonazi. *Quel-remarques sur le type cø fripon de valet et sur certaines fonctions syntaxiques*

"de Ia proposition de. *Le Français Moderne*, 35: 184-200, 1967; Manana

Tutescu. *Le type nominal cø fripon de valet*. *Revue de Linguistique Romane*, 33: 299-316,

1969; l. M. Regula. *Encore une fois "cø fripon de valet"*. *Ibid.*, 36: 107-111, 1972.

Sobre o uso da construção em espanhol, veja-se Rafael Lapesa. *Sobre las construcciones El diablo dei toro, El bueno de Minaya, \Ay de mi!, \Pobre de Juan*, Por

maiores de pecados. *Filologia*, 8: 169-184, 1962. Quanto ao emprego em português, consulte-se M. M. Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo*.

Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 111-121.

197

Ó bendita paisagem! Terra estranha De antigos pinheirais e alegres campos, Ei-la silêncio, solidão, montanha!

(Teixeira de Pascoaes, OC, IV, 34.)

b) nas indicações sumárias:

Fim da tarde, boquinha da noite com as primeiras estrelas e os derradeiros sinos.

(J. de Lima, OC, I, 225.)

Canto litúrgico em latim abastardado: vozes rurais e gritadas, quase todas femininas. Sobe o pano. Escuro total. Silêncio.

(B. Santareno, TPM, 9.)

c) em títulos como:

Amanhã, Benfica e Flamengo no Maracanã. Nova crise no Oriente Médio Terremoto no Japão.

198

ARTIGO

ARTIGO DEFINIDO E INDEFINIDO

Dê-se o nome de ARTIGOS às palavras o (com as variações a, os, as) \um (com as variações uma, uns, umas), que se antepõem aos substantivos para indicar:

a) que se trata de um ser já conhecido do leitor ou ouvinte, seja por ser mencionado antes, seja por ser objeto de um conhecimento de experiência, como nestes exemplos:

Levanta-se, vai à mesa, tira um cigarro da caixa de laca, acende o cigarro no isqueiro, larga o isqueiro, volta ao sofá. (F. Botelho, X, 183.)

Atravessaram o pátio, deixaram na escuridão o chiqueiro e o curral, vazios, de portais abertas, o carro de bois que apodrecia, os juazeiros.

(G. Ramos, VS, 161.)

":...:

j b) que se trata de um simples representante de uma dada espécie ao qual não se fez menção anterior:

Vi que estávamos num velho solar, de certa imponência. Uma fachada de muitas janelas perdia-se na escuridão da noite. No alto da escada saía das sombras um alpendre

assente em grossas colunas.

(Branquinho da Fonseca, B, 21.)

Era orna casinha nova, a meia encosta, com trepadeiras pela varanda. Tinha um pomar pequeno de laranjeiras e marmeleiros e mais uma hortazinha, ao longo do rego

que descia do morro.

(R. M. F. de Andrade, V, 119.)

No primeiro caso, dizemos que o artigo é DEFINIDO; no segundo, INDEFINIDO.

199

Obccrvaio:

"O artigo é um signo que exige a presença de outro (ou outros) com o qual se associa em sintagma: um signo dependente. Por outra parte, pertence ao tipo de signos

que se agrupam em paradigmas ou inventários limitados, fechados: os signos morfológicos, cujos conteúdos são os morfemas e constituem o sistema gramatical, em -oposição

aos signos léxicos, caracterizados por constituírem inventários abertos, ilimitados" (E. Alarcos LLorach. El artículo en español. In To Honor Roman Jakobson; Essays

on the Occasion of his Seventieth Birthday, I. The Hague-Paris, Mouton. 1967, p. 19).

FORMAS DO ARTIGO

FORMAS SIMPLES 1. São estas as formas simples do artigo:

	ARTIGO DEFINIDO		ARTIGO INDEFINIDO	
	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL

Masculino	o	os	um	uns
Feminino	a	as	uma	umas

2. No português antigo havia as formas Io (Ia, los, Ias) e el do artigo definido. Lo (e suas variações) só aparece hoje, como artigo, em construções estereotipadas do tipo mai-lo (e mais o), ocorrentes em falares de Portugal, e que alguns escritores

têm incorporado a suas obras, como nos mostra este passo:

Veio da terra, mai-lo seu moinho. (A. Nobre, S, 26.)

Há resquício da antiga forma feminina Ia em alfim (aglutinação de a Ia fim), mas em certas expressões como a Ia cria, a Ia fresca, usadas por alguns escritores gaúchos,

o artigo é um mero espanholismo, de introdução moderna. Veja-se este exemplo:

A Ia fresca!... que ninho!

(Simões Lopes Neto, CGLS, 185.)

200

A forma arcaica el do artigo masculino fossilizou-se na titulação talvez por influência da conservadora linguagem da Corte:

Então o terceiro a El-Rei rogou ' Licença de os buscar, e El-Rei negou. (F. Pessoa, OP, 25.)

, Vejam-se topônimos atuais, como São João del-Rei, e outros antigos, São José del-Rei (hoje Tiradentes) e Sergipe del-Rei:

Dos Azevedos, família antiga na província de Sergipe d'El-Rei, viviam na Estância três irmãos, Felicidade, Turóbia, Umbelina e um irmão padre.

(G. Amado, HMI, 4.)

FORMAS COMBINADAS DO ARTIGO DEFINIDO

1. Quando o substantivo, em função de complemento ou de adjunto, constrói com uma das preposições a, de, em e por, o ARTIGO DEFINIDO o acompanha combina-se com essas preposições, dando:

L	ARTIGO DEFINIDO					
	PREPOSIÇÕES	o	os	os	as	
F" i *	ao	o	aos	os	as	
de	do	da	dos	das		
em	no	na	nos	nas		

por (per) pelo pela p[elo]s pelas

2. Crase. O artigo definido feminino, quando vem precedido da pre-; , posiç[ã]o a, funde-se com ela, e tal fus[ã]o (= CRASE) é representada na escrita por um acento grave sobre a vogal (ê). Assim:

Vou a -f- a cidade =

Vou ê cidade

preposiç[ã]o que introduz o adjunto adverbial do verbo ir. artigo que determina o substantivo cidade.

201

N[ã]o raro, o ê vale como reduç[ã]o sint[é]tica da express[ã]o ê moda de (êê maneira de, ao estilo de):

As bordaduras e os recamos de ouro, os veludos e sedas de fora, talhados ê francesa, resplandeciam constelados de p[er]olas e diamantes.

(Rebello da Silva, CL, 175.)

Mas o major? Por que n[ã]o ria ê inglesa, nem ê alem[ã], nem ê francesa, nem ê brasileira? Qual o seu g[ê]nero? (Monteiro Lobato, 17, 117.)

Observaç[ã]o:

Como se v[ê], o conhecimento do emprego da forma feminina do artigo definido ê de grande import[ã]ncia para se aplicar acertadamente o acento grave denotador da crase

com a preposiç[ã]o a. Tal conhecimento torna-se mesmo imprescind[ível] no caso dos falantes do portugu[ê]s do Brasil, que n[ã]o distinguem, pela pron[ú]ncia, a vogal singela

a (do artigo ou da preposiç[ã]o) daquela proveniente de crase. Conv[ém], por isso, atentar-se sempre na construç[ã]o de determinada palavra com outras preposiç[õ]es para

se saber se ela exige ou dispensa o artigo. Assim, escreveremos:

Vou i feira e, depois, irei a Copacabana. porque tamb[ém] diremos:

Vim da feira e, depois, passei por Copacabana.

3. Quando a preposiç[ã]o antecede o artigo definido que faz parte do t[í]tulo de obras (livros, revistas, jornais, contos, poemas, etc.), n[ã]o h[á] uma pr[á]tica uniforme.

Na l[í]ngua escrita, por[ém], deve-se neste caso:

a) ou evitar a contraç[ã]o, pelo modelo:

Cam[ões] ê o autor de Os Lus[í]adas. A not[í]cia saiu em O Globo.

fc) ou indicar pelo ap[ó]strofo a supress[ã]o da vogal da preposiç[ã]o:

Cam[ões] ê o autor d'Os Lus[í]adas. A not[í]cia saiu n'O Globo.

Tenha-se presente que as grafias dos Lus[í]adas e no Globo ê talvez as mais frequentes ê deturpam o t[í]tulo do poema e do jornal em causa.

ObscnracjbK

As duas soluç[õ]es apontadas s[ã]o admitidas pela ortografia portuguesa. No Brasil, 202

, o Formul[á]rio Ortogr[á]fico de 1943 n[ã]o preceitua o emprego do ap[ó]strofo para a supress[ã]o da vogal da preposiç[ã]o.

4. Quando a preposiç[ã]o que antecede o artigo est[á] relacionada com rbo, e n[ã]o com o substantivo que o artigo introduz, ê aconselh[ável] que dois elementos fiquem separados, embora n[ã]o faltem exemplos de sua naç[ã]o na pr[á]tica dos melhores escritores:

A circunst[â]ncia de as vindimas juntarem a fam[í]lia prestava-se a uma reuni[ã]o anual na Junceda. (M. Torga, V, 159.)

ê Estou-me esforç[ando], Sr. Juiz, por conservar o jeito especial de o garoto falar. (A. M. Machado, HR, 27.)

Dona Rosa, Dona Rosa, Quando eras inda bot[ã]o Disseram-te alguma coisa De a flor n[ã]o ter coraç[ã]o?

(F. Pessoa, QGP, n[º] 160.)

5. A antiga preposiç[ã]o per cont[ra]fa[ç]a-se com lo(s), la(s), formas primitivas do artigo definido, produzindo pelo(s), pela(s). Estas contraç[õ]es vieram substituir polo(s) e pola(s), de emprego normal no portugu[ê]s cl[á]ssico, como ilustram estes versos camonianos:

Pois pois doze pares dar-vos quero Os doze de Inglaterra, e o seu Magrião. (L, l, 12.)

Da Lua os claros raios rutilavam Polas argenteas ondas Neptuninas. (L, I, 58.)

FORMAS COMBINADAS DO ARTIGO INDEFINIDO

1. O ARTIGO INDEFINIDO pode contrair-se com as preposições em e de, originando:
num dum numa duma nuns duns numas dumas

203

2. As preposições em e de, antepostas ao artigo indefinido que integra o título de obras, separam-se dele na escrita:

Soframos do que, em Um olhar sobre a Vida, qualifiquei de "insônia internacional".

(Genolino Amado, RP, 21.)

Ou no caso da outra Maria, a de "Um capitão de Voluntários", criatura esta "mais quente e mais fria do que ninguém".

(A. Meyer, SE. 45.)

3. Também não é aconselhável a contração do artigo indefinido com a preposição que se relaciona com o verbo, e não com o substantivo que o artigo introduz:

A obra atrasou-se em virtude de uns operários se terem acidentado.

VALORES DO ARTIGO

A DETERMINAÇÃO 1. Comparando-se esta frase de Alceu Amoroso Lima:

Foi chegando um caboclinho magro, com uma taquara na mão.

(A, 40.)

Os seguintes:

Foi chegando o caboclinho magro, com a taquara na mão. Foi chegando este caboclinho magro, com esta taquara a mão.

verifica-se que a determinação dos substantivos caboclinho e taquara se vai tornando mais precisa, a medida que se passa do ARTIGO INDEFINIDO (um, uma) para o ARTIGO

DEFINIDO (o, a) e, depois, para o DEMONSTRATIVO (este, esta).

No primeiro caso, indica-se apenas a espécie dos substantivos que são apresentados ao ouvinte. No segundo, restringe-se a extensão do significado dos substantivos, com individualizá-los, defini-los. No terceiro, limita-se ainda mais o sentido dos substantivos, que aparecem situados no espaço e no tempo. Exemplificando: este caboclinho magro não é um caboclinho magro qualquer (INDEFINIDO), nem o caboclinho magro, que o interlocutor

204

tiêce (DEFINIDO), mas o que está no momento perto da pessoa que fala. Por outras palavras: o ARTIGO DEFINIDO é, essencialmente, um sinal de notoriedade, de conhecimento

prévio, por parte dos interlocutores, do ser do objeto mencionado: o ARTIGO INDEFINIDO, ao contrário, é por exceção um sinal da falta de notoriedade, de desconhecimento

individualiza-, por parte de um dos interlocutores (o ouvinte), do ser ou do objeto em

2. Quer seja DEFINIDO (o e suas variações a, os, as), quer seja INDEFINIDO (um e suas variações uma, uns, umas), o ARTIGO caracteriza-se por ter a palavra que introduz

o substantivo indicando-lhe o gênero e o número. Assim sendo:

a) qualquer palavra ou expressão antecedida de artigo se torna substantivo: O ato literário é o conjunto do escrever e do ler. (F. Namora, E, 111.)

Tudo no mundo começou com um sim. (C. Lispector, HE, 15.)

Que motivo é este do "não sei quê", pergunta o Leitor. (A. Meyer, CM, 79.)

o artigo faz aparecer o gênero e o número do substantivo:

o Amazonas	as Amazonas	o cliente	a cliente
o pires	os pires	as bibliotecas	os Astecas
o pianista	a pianista	um pirata	uma gravata
um quilograma	a ama	o jabuti	a juriti
o péo	a mão	um barão	a produção

o cló a irmo um poema a ema
Com isso, permite a distinção de substantivos homônimos, tais como:
o cabeça a cabeça o guarda a guarda
o caixa o capital o cisma o corneta a caixa a capital a cisma a corneta
ogua o lente o língua o moral o gua a lente a língua a moral
o cura a cura o voga a voga

205

EMPREGO DO ARTIGO DEFINIDO COM OS SUBSTANTIVOS COMUNS

Na língua de nossos dias, o ARTIGO DEFINIDO, em geral, um mero designativo. Anteposto a um substantivo comum, serve para determiná-lo, ou seja, para apresentá-lo

isolado dos outros indivíduos ou objetos da espécie. Assim:

O aparelho de ch, o faqueiro, os cristais e os tapetes tinham ficado com ele.
(L. Fagundes Telles, ABV, 13.)

Sumiu-se a rapariga.

(C. de Oliveira, AC, 123.)

Este seu valor costuma ser enfatizado, quando se pretende acentuar o caráter único ou universal do elemento representado pelo substantivo, como nestes passos:

Tive, há alguns meses, um momento crítico, ou talvez, por certos lados, o momento crítico, da minha vida. A. de Quental, C, 357.)

Não era uma loja qualquer: era a Loja. (C. dos Anjos, MS, 350.)

E o que se chama ARTIGO DE NOTORIEDADE.

EMPREGOS PARTICULARES

Entre os empregos particulares do ARTIGO DEFINIDO devem ser mencionados os seguintes:

Emprego como demonstrativo

1. O artigo definido provém do pronome demonstrativo latino ille, illa, illud (= aquele, aquela, aquilo). Este valor demonstrativo foi-se perdendo pouco a pouco, mas subsiste ainda, embora enfraquecido, em alguns casos. E o que se observa em frases do tipo:

Permaneceu a [= esta, ou aquela] semana inteira em casa. Partimos no [= neste] momento para São Paulo. Levarei produtos da [= desta] região.

206

2. Também sensível o valor demonstrativo do artigo que faz evocar o substantivo como algo presente no espírito do locutor ou do ouvinte, situado, portanto, no tempo e no espaço. Sirva de exemplo esta frase:

Pedro foi um ativista desde a Faculdade. [Isto: aquela Faculdade que os interlocutores sabem qual seja.]

Emprego do artigo pelo possessivo

Este emprego do ARTIGO DEFINIDO é frequente antes de substantivos que designam:

a) partes do corpo:

Passei a mão pelo queixo.

(L. Fagundes Telles, ABV, 15.)

Ela repeliu-o então e firmou-se nos cotovelos, enfurnando a cara nas mãos

(U. Tavares Rodrigues, TO, 71.)

b) peças de vestuário ou objetos de uso marcadamente pessoal:

Abel Matias, calado, veste as calças e a camisa. (O. Mendes, P, 130.)

Ao anoitecer vestiu o impermeável, enfiou o chapéu e saiu.

(E. Veríssimo, LS, 138.)

c) faculdades do espírito:

Chegou a tomar balanço para as habituais meditações. (A. Abelaira, D, 19.)

O velho embalava o pensamento.

(Autran Dourado, TA, 42.)

d) relações de parentesco:

Nunca mais pude separar a lembrança da prima da sensação cromática das escalas musicais. (P. Nava, BO, 365.)

Já não chamou pela mãe!... (M. Torga, V, 186.)

Não se emprega, porém, o artigo quando estes nomes formam com as preposições de ou a uma locução adverbial.

Pus-me de Joelhos. Emagrece a olhos visto*.

Emprego do artigo antes dos possessivos

1. ANTES DE PRONOME SUBSTANTIVO POSSESSIVO.

Em português, o emprego ou a omissão do artigo definido antes de possessivos que funcionam como pronomes substantivos não tem apenas valor estilístico, mas corresponde

a uma clara distinção significativa.

Comparem-se, por exemplo, as frases seguintes:

Este cinto é meu. Este cinto o meu.

Com a primeira, pretende-se acentuar a simples ideia de posse. Equivale a dizer-se: "Este cinto pertence-me, é de minha propriedade".

Com a segunda, porém, faz-se convergir a atenção para o objeto possuído, que se evidencia como distinto de outros da mesma espécie, não pertencentes à pessoa em causa. O seu sentido será: "Este é o meu cinto, o que possuo".

2. ANTES DE PRONOME ADJETIVO POSSESSIVO. 1. Quando trazem claros os seus substantivos, os possessivos podem usar-se com artigo ou sem ele:

Meu amor é só teu. O meu amor é só teu.

A presença do artigo antes de pronome adjetivo possessivo ocorre com menos frequência no português do Brasil do que no de Portugal, onde, com exceção dos casos adiante

mencionados, ela é praticamente obrigatória. Comparem-se estes exemplos:

É A minha irmã e o meu cunhado costumam receber os seus amigos mais íntimos. (A. Abelaira, D, 107.)

Meu avô materno foi verdadeiramente minha primeira amizade, companheiro de brinquedo da minha primeira infância.

(G. Amado, HMI, 4,)

2. O artigo é sistematicamente omitido quando o possessivo: o) é parte integrante de uma fórmula de tratamento ou de expressões no Nosso Pai (referente ao Santíssimo),

Nosso Senhor, Nossa Senhora:

Sua Excelência Reverendíssima escusou-se de recebê-los pessoalmente.

(B. Santareno, TPM, 37.)

V. Ex? é sempre lisonjeiro.

(Castro Alves, OC, 604.)

Nosso Senhor tinha o olhar em pranto. Chorava Nossa Senhora.

(A. de Guimaraens, OC, 121.)

b) faz parte de um vocativo:

É Morrer, meu Amo, só uma vez! (A. Nobre, S, 106.)

É neto, meu padrinho?

(J. Lins do Rego, MV A, 251.)

c) pertence a certas expressões feitas: em minha opinião, em meu poder, a seu bel-prazer, por minha vontade, por meu mal, etc.

d) vem precedido de um demonstrativo:

É Não aguento mais esse teu silêncio antipático. (U. Tavares Rodrigues, TO, 162.)

É Isto, aliás, seria benefício a este seu criado. (C. dos Anjos, A, 173.)

Se o possessivo estiver posposto ao substantivo, este virá normalmente precedido AMIGO:

Quanto mistério Nos olhos teus...

(V. de Moraes, PCP, 334.)

Pode, no entanto dispensá-lo, quando nos referimos a algo de modo impreciso [ou vago:

Tenho estado à espera de notícias tuas, mas vejo que não chegam nunca.

(A. Nobre, Cl, 117.)

EMPREGO GENÉRICO

Usa-se às vezes o ARTIGO DEFINIDO junto a um substantivo no singular para exprimir a totalidade específica de um gênero, de uma categoria, de um grupo, de uma substância:

O guarani fez-se aliado do espanhol.

(J. Cortesão, IHB, II, 126.)

O relógio é um objeto torturante: parece algemado ao tempo.

(C. Lispector, SV, 113.)

Este emprego é frequente nos provérbios:

O hemem não é propriedade do homem. O avarento não tem e o prodigo não terá.

Se o substantivo é abstrato, o ARTIGO serve, ademais, para personalizá-lo:

Sacrificou um pouco, sobretudo no exórdio, a articulação do seu discurso para evitar o brilho, a saliência, a ênfase. (M. Bandeira, A, 306.)

Era o deus vivo que os tinha na sua mão, o amigo-inimigo donde lhes vinha todo o bera e todo o mal, a miséria e o pão, o luto e a alegria.

(Branquinho da Fonseca, MS, 173.)

Entre os abstratos incluem-se naturalmente os adjetivos substantivados:

Eu trabalho com o inesperado.

(C. Lispector, SV, 14.)

O pior é que nos apareceram outros doentes. (F Namora, CS, 157.)

Observação:

Nestes casos pode-se dispensar o artigo, principalmente quando o substantivo é abstrato, ou quando faz parte de provérbios, frases sentenciosas e comparações breves:

Pobreza não é vileza. Cio que ladra não morde. Homem não é bicho. Preto como azeviche.

EMPREGO EM EXPRESSÕES DE TEMPO

19) Os nomes de meses não admitem ARTIGO, a menos que venham acompanhados de qualificativo:

Estou seguro de ir até o Rio em fins de junho ou princípios de julho.

(M. de Andrade, CMB, 102.)

Descobria afinal a manhã carioca, no abril de Botafogo, manhã que antes nunca me dera o ar de sua graça.

(Genolino Amado, RP, 22.) Era um setembro puro.

(M. Torga, NCM, 63.)

Observação:

Omite-se em geral o ARTIGO antes das datas do mês:

A 28 de setembro, por vinte e sete votos, sai ele vitorioso. (J. Montello, PM A, 276.)

O parecer é de 28 de janeiro de 1640.

(J. Cortesão, IHB, II, 218.)

Costuma-se, no entanto, usá-lo:

a) antes de datas célebres (que adquirem o valor de um substantivo composto . de NUMERAL + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO):

Por ser precisamente um dos feriados extintos, o 19 de Novembro faz lembrar hoje, aos marmanjos do começo do século, não só a bandeira como a própria infância, tão perdida quanto esse feriado.

(C. Drummond de Andrade, F A, 116.)

6) antes de datas mencionadas no curso de uma narração:

Constituiu-se assim livremente a Academia e a primeira sessão se' realizou aos 15 de dezembro de 1896, aclamados presidente Machado de Assis e secretários Rodrigo Otávio e Pedro Rabelo. (M. Bandeira, PP, II, 1132.)

20) Os nomes dos dias da semana vêm precedidos de ARTIGO, principalmente quando enunciados no plural:

Queres ir comigo à Itália no domingo? (A. Abelaira, D, 45.)

210

211

Aos domingos saíam cedo para a missa. (Coelho Netto, OS, I, 33.)

Mas podem dispensá-lo (juntamente com a preposição a que se aglutinam), quando funcionam como adjunto adverbial. Assim:

Sexta-feira fui vê-la sair.

(Machado de Assis, OC, III, 593.)

Domingo tarde. Domingo será a vez do teu moinho... (F. Namora, DT, 221.)

3?) Não se usa o ARTIGO nas designações das horas do dia, nem com as expressões meio-dia e meia-noite:

O relógio marcava meio-dia e dez... (A. Abelaira, D, 124.)

Meia-noite? Não se teria enganado? (J. Montello, SC, 25-26.)

O ARTIGO, porém, de regra quando, antecidas de preposição, tais formas se empregam adverbialmente:

Já não se almoça às 9 da manhã e não se janta às 4.

(C. Drummond de Andrade, MA, 99.)

Ao meio-dia já as águas do porto eram prata fundida. (U. Tavares Rodrigues, J E, 47.)

4?) Os nomes das quatro estações do ano são precedidos de artigo:

As nevoas anunciam o Inverno. (R. Brandão, P, 52.)

Talvez tenha acabado o verão.

(R. Braga, CCE, 293.)

Será goivo no outono, assim como era,

Eternamente mal-aventurada,

A alma, que lório foi na primavera...

(A. de Guimaraens, OC, 342.)

212

Podem, no entanto, dispensá-lo quando, antecidos da preposição de, racionam como complemento nominal ou como adjunto adnominal:

Que noite de inverno! Que frio, que frio!

Gelou meu carvão: Mas boto-o à lareira, tal qual pelo estio,

Faz sol de verão!

(A. Nobre, S, 13.)

Num meio-dia de fim de primavera

Tive um sonho como uma fotografia. (F. Pessoa, OP, 143.)

Hora sagrada dum entardecer De outono, à beira-mar, cor de safira. (F. Espanca, S, 22.)

Os nomes de datas festivas dizem-se com ARTIGO:

o Ano-Bom o Carnaval

o Natal a Páscoa

, porém, de regra a omissão do ARTIGO quando estes nomes funcionam como adjunto adnominal das palavras dia, noite, semana, presente, etc.:

O primeiro dia de Carnaval. A noite de Natal. A semana de Páscoa. Um presente de Ano-Bom.

EMPREGO COM EXPRESSÕES DE PESO E MEDIDA O ARTIGO DEFINIDO é usado com força distributiva em frases do tipo:

O feijão está a cento e trinta cruzeiros o quilo (= cada quilo).

Este tecido custa dois mil escudos o metro (= cada metro).

nas quais se expressa por unidade de peso ou medida o custo ou o valor de determinada coisa.

213

COM A PALAVRA CASA

1. Dispensam o ARTIGO os adjuntos adverbiais de lugar em que entra a palavra casa:

a) desacompanhada de determinação ou qualificação, no sentido de "residência", "lar":

As quatro da madrugada entrou em casa. (M. Torga, CM, 32.)

Voltou para casa e ficou à espera da hora insuportável. (C. Drummond de Andrade, CA, 105.)

b) em sentido vago, embora acompanhada de qualificação:

Estava em casa própria lá para Ipanema. (A. Ribeiro, A, 356.)

A vida na casa de Sinhô era mesquinha como em casa de pobre, mas havia ló dentro a bela Pórola.

(J. Lins do Rego, MV A, 306.)

2. Mas a palavra casa vem de regra antecedida de ARTIGO:

a) quando usada na acepção própria de "prédio", "edifício", "estabelecimento": J[osé] Oflympio] em geral não emprega a primeira pessoa; diz: a casa. A casa não pode editar um livro nessas condições, a casa ficou magoada, a casa está feliz... (C. Drummond de Andrade, F A, 52.)

Estou cansado, preciso de um sócio, alguém que me dirija a casa.

(A. Abelaira, D, 28.)

b) quando está particularizada por adjunto adnominal:

Foi um golpe esta carta; não obstante, apenas fechou a noite, corri à casa de Virgula.

(Machado de Assis, OC, 1, 484.)

Na sua própria casa, Horácio pressentia que a mãe lhe ocultava alguma coisa.

(Ferreira de Castro, OC, I, 451.) Observação:

Diz-se o dono (ou a dona) da casa para indicar, com precisão, seja o proprietário do prédio, seja o chefe da família. Em sentido vago, dir-se-á, porém: uma boa dona

de casa.

214

COM A PALAVRA PALÁCIO

1. A palavra palácio usa-se com ARTIGO:

Absorvendo-me nos exames, suspendi as idas ao Palácio. (Genolino Amado, RP, 124.)

Só perto do palácio enxugou os olhos. (Alves Redol, BC, 342.)

2. Costuma, no entanto, dispensá-lo, no português do Brasil, quando, t função de adjunto adverbial, designa a residência ou o local de despacho Chefe da Nação ou do Estado e vem desacompanhada da competente germinação ou qualificação. Poder-se-á dizer, por conseguinte:

O Governador chamou-o a Palácio, pedindo-lhe que desse um termo à luta.

(J. Lins do Rego, MVA, 134-135.)

Olhe, nos Governos de gente nossa, não se pode nem comer em Palácio...

(A. Deodato, POBD, 55.)

Mas dir-se-á sempre com artigo, quando determinada ou qualificada:

Paladino do amor, busco anelante o palácio encantado da Ventura!

(A. de Quental, SC, 42.)

Benício tornou a acercar-se da janela, alongou a vista na direção do Palácio Laranjeiras.

(J. Montello, SC, 25.)

EMPREGO COM O SUPERLATIVO RELATIVO

O ARTIGO DEFINIDO é de emprego obrigatório com o superlativo relativo. Pode preceder o substantivo:

Era o aluno mais estudioso da turma.

ou o superlativo:

Era o mais estudioso aluno da turma. Era aluno o mais estudioso da turma.

215

Mas não deve ser repetido antes do superlativo quando já acompanha o substantivo, como neste exemplo:

Era o aluno o mais estudioso da turma.

Observações:

1.)* é locuta, no entanto, a repetição do ARTIGO antes do superlativo reforçado pela palavra ainda ou sinônima, pois neste caso se pode subentender o substantivo depois do segundo artigo:

Essa façanha os marinheiros ainda os mais audazes não ousariam cometê-la.

isto é: ainda os [marinheiros] mais audazes.

2.)* O ARTIGO aparece por vezes com valor intensivo em frases da linguagem coloquial de entoação particular. Por exemplo:

Ele é o fim!

COM OS NOMES PRÓPRIOS

Sendo por definição individualizante, o nome próprio deveria dispensar o ARTIGO. Mas, no curso da história da língua, razões diversas concorreram para que esta norma

lógica nem sempre fosse observada e, hoje, há mesmo grande número de nomes próprios que exigem obrigatoriamente o acompanhamento do ARTIGO DEFINIDO. Entre essas

razões, devem ser mencionadas:

a) a intenção de reforçar a ideia de individualidade, de um todo intimamente unido, como se concebe, em geral, um país, um continente, um oceano:

o Brasil a França

a América a Europa

o Atlântico o Pacífico

fc) a de ser o nome próprio originariamente um substantivo comum, construído com o ARTIGO:

a Guarda o Cairo (árabe El-Kahira = a vitoriosa) o Porto o

Havre (francês Le Havre = o porto)

c) a influência sintática do italiano, língua em que os nomes de família, quando empregados isoladamente, vêm precedidos de ARTIGO:

o Tasso

o Ticiano

a Besanzoni

216

d) a de cercar o nome próprio de uma atmosfera afetiva ou familiar:

.....A Cariota! A Carlota!

Boa velhinha, como ela é meiga e devota! (A. Nobre, S, 166.)

É Aqui é o Custódio. Olhe, achei melhor dizer ao Cantódio que você tinha chegado e queria vê-lo. (C. dos Anjos, M, 160.)

Feitas essas considerações preliminares, particularizemos, agora, os principais casos de emprego do artigo definido com os nomes próprios.

COM OS NOMES DE PESSOAS

Os nomes próprios de pessoas (de batismo e de família) não levam ARTIGO, principalmente quando se aplicam a personagens muito conhecidos: Camões

Dante

Napoleão

Emprega-se, porém, o ARTIGO DEFINIDO:

1º) quando o nome de pessoa vem precedido de qualificativo:

O romântico Alencar.

O divino Dante.

r

2º) quando o nome de pessoa vem acompanhado de determinativo ou qualificativo denotadores de um aspecto, de uma época, de uma circunstância da vida do indivíduo:

Era o Daniel de ontrora que eu tinha diante de mim. (J. Montello, DVP, 237.)

Estas palavras eram de Raul, o Raul adolescente. (A. Abelaira, D, 130.)

3º) quando se pretende atribuir ao nome próprio um sentido depreciativo, como neste passo de A. Nobre, em que o Carlos é o rei D. Carlos I, de Portugal:

Nada me importas, País! seja meu Amo O Carlos ou o Zé da Tresa...

(5, 118.)

217

4º) quando o nome de pessoa vem enunciado no plural:

a) seja para indicar indivíduos do mesmo nome:

Os dois Plônios. Os três Horácios.

b) seja para designar uma coletividade familiar:

Os Andradas. Os Braganças.

c) seja para caracterizar, enfaticamente, classes ou tipos de indivíduos que se assemelham a um vulto ou personagem célebre, caso em que o nome próprio vale por um nome comum:

Eu vejo os Cipiões, vejo os Emflios.

(C. M. da Costa, OP, II, 122.)

Que importa isso tudo, se, aqui, os Clemenceaus andam a monte, os Hindemburgos rolam aos tombos, os Gladstones pululam aos cardumes, os Bismarcks se multiplicam em ninhadas, e os Thiers cobrem o sol como nuvens de gafanhotos. (R. Barbosa, EDS, 484.)

d) para designar obras de um artista (geralmente quadros de um pintor):

Os Goyas do Museu do Prado.

Observações:

1.) Na linguagem popular e no trato familiar é muito frequente no Brasil e está praticamente generalizada na linguagem corrente de Portugal a anteposição do ARTIGO

DEFINIDO a nomes de batismo de pessoas, o que lhes dá, como dissemos, um tom de afetividade ou de familiaridade. Comparem-se, por exemplo, estas duas frases: Geraldo saiu agora. O Geraldo saiu agora.

Na primeira (se possível, em Portugal, na linguagem escrita), a pessoa mencionada vem envolta de certa distinção, sentimo-la mais distante. Na segunda, apontamos a pessoa como conhecida dos presentes, como um elemento familiar, caseiro.

2.) As alcunhas são comumente precedidas de ARTIGO:

Morreu o Palhaça...

(M. Torga, NCM, 59.)

218

Gomes Ribeiro, que não se misturava com quem quer que fosse, era conhecido como o

~

(A. F. Schmidt, GB, 107.)

3.*) O artigo definido antecede as palavras senhor, senhora e senhorita quando uma pessoa por seu nome ou por seu título:

O senhor Fontes está adoentado. Falei com a senhora Baronesa. Não vi a senhorita Joana.

Não empregamos, porém, o artigo quando nos dirigimos à própria pessoa:

:< Como vai, senhor Fontes?

Adeus, senhora Baronesa.

Obrigado, senhorita Joana.

fc <!) O adjetivo santo (ou são e santa) não vem precedido de artigo quando acompanha um nome próprio do qual consideramos ser parte integrante:

Assim conversam, gloriosos, Santa Clara e São Francisco.

(C. Meireles, OP, 903.)

O senhor formulara um conceito heterodoxo das epístolas de São Paulo e do evangelho de São Marcos... (A. Ribeiro, OS, 17.)

O artigo é, porém, de regra, se com o nome do santo, precedido do adjetivo i causa, quisermos designar a época em que se festeja:

Já a trago debaixo de olho desde o Santo António.

(M. Torga, V, 21.)

Ainda há um ano precisamente, assistia eu no Porto ao São João mais fantástico deste mundo.

(A. F. Schmidt, GB, 146.)

COM OS NOMES GEOGRÁFICOS

O estado atual do uso do ARTIGO com os nomes geográficos é o seguinte:

1.) Emprega-se normalmente o ARTIGO DEFINIDO:

a) com os nomes de países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas:

o Brasil o Himalaia o Nilo

a França os Alpes o Lemano

os Estados Unidos o Teide o Atlântico

219

a Guiné o Nordeste a África

o Atacama

o Saara

o Cruzeiro do Sul

o Báltico

o Mediterrâneo

os Açores

b) com os nomes dos pontos cardeais e os dos colaterais, quer no sentido próprio, quer no de regiões ou ventos:

O promontório tapava para o norte.

(Branquinho da Fonseca, MS, 104.)

Os nossos companheiros de viagem e gente do Sul e tasquinhavam, cantavam e beberricavam.

(U. Tavares Rodrigues, J E, 21.)

Também os ventos nordestinos se acharam presentes: o Nordeste e o Sudeste...

(J. Cardoso, SE, 60.)

Observações:

1.) Certos nomes de países e regiões costumam, no entanto, rejeitar o artigo.

Entre outros: Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Macau,

Timor, Andorra, Israel, São Salvador, Araró, Castela, Leão.

2.) Alguns nomes de países, como Espanha, França, Inglaterra, Itália e poucos mais, podem construir-se sem ARTIGO, principalmente quando regidos de preposição:

Viveu muito tempo em Espanha, casada. (F. Namora, CS, 93.)

Aquela que reside na esperança Foi quem me recompôs o sonho antigo Numa canção de músico mendigo Pelas estradas lúricas de França.

(J. Cardoso, SE. 49.)

3.) Quando indicam apenas direção, os nomes de pontos cardeais podem vir sem ARTIGO:

Marcha para

Vento de leite

20) Não se usa em geral o ARTIGO DEFINIDO:

a) com os nomes de cidades, de localidades e de maioria das ilhas:

Barbacena

Lisboa

Paris

Agueda Campo Grande Topózio

Creta Cuba Malta

220

i>) com os nomes de planetas e de estrelas:

Marte

Saturno

Vênus

Canopus

Sírius

Vega

Tacões:

1.*) Alguns nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conser-~~em~~ o

ARTIGO: a Guarda, o Porto, o Rio de Janeiro, a Figueira da Foz. O mesmo se ~~é~~, como

vimos, com o nome de certas cidades estrangeiras: o Cairo, a Haia. o Havre.

2.*) A semelhança dos nomes de países, usam-se com artigo alguns nomes de lhas: a Corsega, a Madeira, a Sardenha, a Sicília.

K. 3P) Não é uniforme o emprego do ARTIGO DEFINIDO com os nomes l dos

estados brasileiros e das províncias portuguesas. A maioria leva ARTIGO. Assim:

o Acre

o Amazonas

a Bahia

o Ceará

o Espírito Santo

o Maranhão

o Pará
a Paraíba
o Paraná
o Piauí
o Rio de Janeiro
o Alentejo o Algarve a Beira o Douro a Estremadura
o Rio Grande do Norte o Minho
o Mato Grosso do Sul o Rio Grande do Sul o Ribatejo Não se usam, porém,
com artigo:

Alagoas Goiás Mato Grosso Minas Gerais Pernambuco Rondônia Santa Catarina
São Paulo Sergipe Três-os-Montes

Ofafetvação:

Diz-se também as Alagoas.

4) Como os nomes de pessoas, os nomes geográficos passam a admitir o artigo desde que acompanhados de qualificação ou de determinação:

Ai canta, canta ao luar, minha guitarra, A Lisboa dos Poetas Cavaleiros!

(A. Nobre, D, 68.)

221

Gosto da Onro Preto de Guignard.

(M. Bandeira, A, 57.)

De novo, ungingo-me de Europa, alastrando-me da sua vibração, se encapelava dentro de mim Paris o meu Paris, o Paris dos meus vinte e três anos...

(M. de São-Carneiro, CL, 131.)

Patriota, desejava sem dúvida nos fazer conscientes da grandeza de Portugal, o Portugal das descobertas e dos clássicos.

(J. Amado, MG, 113.)

COM OS NOMES DE OBRAS LITERARIAS E ARTÍSTICAS Emprega-se em geral o artigo, mesmo quando não pertença ao título:

Ontem, o noite, comecei a ler a Ana Karenina. (A. Abelaira, D, 64.)

A chegada de José Veríssimo ao Rio, em 1891, coincide com o aparecimento do Quincas Borba, primeiro romance de Machado de Assis depois das Memórias Póstumas.

(J.

Montello, PM A. 216.)

CASOS ESPECIAIS ANTES DA PALAVRA OUTRO

1. Emprega-se o artigo definido quando a palavra outro tem sentido determinado: Tirei do colégio os meus dois filhos: o mais velho era um demônio, o outro um anjo.

(C. Castelo Branco, OS, 1, 290.)

Não era pela outra, não, dizia ela consigo, pela centésima vez, era por ele, era pelo outro.

(A. Peixoto, RC, 517.)

Um era careca, o outro tinha bigode.

(A. M. Machado, HR, 72.)

222

2. Cala-se, porém, o artigo quando o seu sentido é indeterminado:

A uns amei, a outros estimei, aborreci alguns e alguns mal conheci mas todos! ai! todos, me impregnaram de suas vidas.

(P. Nava, BC, 228.)

Na estrada, os homens apartaram-se, uns grupos para a Covilhã, outros para a Aldeia do Carvalho, como nos demais dias.

(Ferreira de Castro, OC, I, 463.)

DEPOIS DAS PALAVRAS AMBOS E TODO

Ambos e todo são as únicas palavras que, em português, antecedem o tigo pertencente ao mesmo sintagma.

1. Se o substantivo determinado pelo numeral ambos estiver claro, a regra o emprego do artigo definido:

Eram centenas de pessoas de ambos os sexos.

(C. Castelo Branco, OS, 1, 537.)

Vasco apoiou os cotovelos nela e segurou o rosto com ambas as mãos.

(E. Veríssimo, LS, 166.)

2. A presença ou a ausência do artigo depois da palavra todo depende, obviamente, de admitir ou rejeitar o substantivo aquela determinação. Diremos, por exemplo:

Todo o Brasil pensa assim. Todo Portugal pensa assim.

se construírem de modo diverso esses dois nomes geográficos.

3. Há casos, porém, que precisam de ser considerados particularmente. Assim: l?) No PLURAL, anteposto ou posposto ao substantivo, todos vem acompanhado de artigo, a menos que haja um determinativo que o exclua: Conheceu todos os salões e todos os antros.

(C. Castelo Branco, OS, II, 302.)

Os discípulos amavam-na, prontos a todos os obséquios. (A. Ribeiro, CRG, 100.)

223

r

lam-se-me as esperanças todas; terminava a carreira política.

(Machado de Assis, OC, I, 536.)

Mas:

Todos estes costumes vão desaparecer. (R. Brandão, P, 165.)

Todos esses dons do meu amigo ficarão perdidos para sempre.

(A. F. Schmidt, AP, 98.)

20) Não se usa o artigo antes do numeral em aposição a todos:

Vi-os felizes a todos quatro.

(Machado de Assis, OC, I, 1126.)

Elas são, todas duas, minhas irmãs que eu ajudei a criar. (R. M. F. de Andrade, V, 67.)

Se, no entanto, o substantivo estiver claro, o artigo é de regra:

Vi-os felizes a todos os quatro meninos. Todas as duas irmãs eu ajudei a criar.

30) No SINGULAR, todo:

a) vir acompanhado de artigo, quando indicar a totalidade das partes:

Toda a praia é um único grito de ansiedade. (Alves Redol, FM, 306.)

Esteia assistiu à lição toda, com a paciência da curiosidade.

(Machado de Assis, OC, I, 373.)

b) poder vir ou não acompanhado de artigo quando exprimir a totalidade numérica:

Falava bem como todo francês.

(G. Amado, PP, 168.)

Verdade, a atribuição é lógica: todo o homem é bicho, embora nem todo o bicho seja homem. (A. Ribeiro, AFPB, 33.)

Neste último caso é obrigatória a sua anteposição ao substantivo.

Observação:

Adverta-se que o uso do artigo neste último caso é muito mais frequente na língua contemporânea de Portugal do que na do Brasil, onde, no ensino médio, de um modo geral, os professores procuram estabelecer uma distinção entre todo "qualquer", "cada" e todo o "inteiro", "total", pelo modelo:

Toda casa [= qualquer casa] cedo ou tarde precisa de reforma, Toda a casa [= a casa inteira] foi reformada.

40) Anteposto ao artigo indefinido, todo significa "inteiro" pleto":

com-

Para conseguir o seu intento cobriu de ridículo toda a geração, e lançou as bases de toda uma remodelação social.

(G. Amado, TL, 29.)

Pelo chão, pelos sofás, alastrava-se toda uma literatura em rufas de volumes graves.

(Eça de Queirós, OF, II, 71.)

5?) Quando todo (ou toda) está empregado com força adverbial, não admite naturalmente o acompanhamento do artigo:

Todo barbeado de fresco, as cordoveias do pescoço lu-ziam-lhe grossas como calabres.

(A. Ribeiro, CRG, 228.)

Vi então um homem todo amarrado de cordas a carregar uma cruz, com outro de chicote na mão batendo nele. (J. Lins do Rego, MV A, 13.)

60) Em numerosas locuções do português contemporâneo, todo (ou toda) vem seguido de artigo. Entre outras, mencionem-se as seguintes:

a todo o custo a todo o galope a todo o instante a todo-o momento em todo o caso a toda a brida a toda a hora a toda a pressa em toda a parte por toda a parte

Observação:

Quanto a outros valores e empregos do indefinido todo, veja-se p. 356-7.

224

225

REPETIÇÃO DO ARTIGO DEFINIDO

COM SUBSTANTIVOS

1. Quando empregado antes do primeiro substantivo de uma série, o artigo deve anteceder os substantivos seguintes, ainda que sejam todos do mesmo gênero e do

número:

Cantava para os anjos, para os presos, para os vivos e para os mortos.

(J. Lins do Rego, MV A, 347.)

Para ganhar o céu, vendeste a ira, a luxúria,

A gula, a inveja, o orgulho, a preguiça e a avareza.

(Olavo Bilac, T, 239.)

Depois, a iniciação, a mudança de traje, o banho, o perfume, a visita de belos cavalheiros, o primeiro café, o licor, a queda e algumas lágrimas.

(J. de Araújo Correia, FX, 93.)

2. Mas a alternância de sequências com artigo e sem ele pode, em certos casos, apresentar efeitos estilísticos apreciáveis:

Não viram sumo bem ao redor, Mas sim o mal, a tentação, o crime, Orgulho, humilhações, remorso e dor.

(A. Corrêa d'Oliveira, VSVA, 213.)

Observação:

Não se repete, porém, o artigo:

a) quando o segundo substantivo designa o mesmo ser ou a mesma coisa que o primeiro:

Presenteou-me este livro o compadre e amigo Carlos. A fruta-de-conde, ou ata, é deliciosa.

6) quando, no pensamento, os substantivos se representam como um todo estreitamente unido:

O estudo [do folclore] era necessitado pela existência das histórias, pontos de fadas, fábulas, apólogos, superstições, provérbios, poesia e mitos recolhidos da tradição oral. (J. Ribeiro, Fl, 6.)

226

COM ADJETIVOS

1. Repete-se o artigo antes de dois adjetivos unidos por uma das conjunções e e ou quando os adjetivos acentuam qualidades opostas de um no substantivo: Conhecia o novo e o velho Testamento. A boa ou a má fortuna não o alteraram.

2. Não se repete, porém, o ARTIGO se os dois adjetivos ligados pelas Iconjunções e, ou (e mas) se aplicam a um substantivo com o qual formam um conceito único: Mas por que não lhe telefona logo à noite, por que não recomendam a velha e quase esquecida amizade? (A. Abelaira, D, 22.)

* Esqueceu que já não tinha mais a sua tristonha mas bela solidão.

(E. Veríssimo, LS, 148.)

3. Se os adjetivos não vêm unidos pelas conjunções e e ou, deve-se repetir o artigo. Tal construção empresta ao enunciado ênfase particular:

Era o próprio, o exato, o verdadeiro Escobar. (Machado de Arsis, OC, I, 867.)

É o povo, o verdadeiro, o nobre, o austero povo português.

(A. F. Schmidt, F, 102.)

4. Se um mesmo substantivo vem qualificado por uma série de superlativos

relativos, deve-se antepor o artigo a cada membro da série:

Que o mais belo, o mais forte, o mais ardente

Destes sujeitos é precisamente

O mais triste, o mais pálido, o mais feio.

(E. da Cunha, OC, I, 659.)

Vi pela vez primeira a Eleita de mimYalma, A grande Flor subtil, inigualável,
alma, A Maior, a mais Bela, a mais Amada, a Cnica! (E. de Castro, OP, I, 30.)

227

OMISSÃO DO ARTIGO DEFINIDO

Do que foi estudado nas páginas anteriores, verificamos que o artigo definido limita sempre a noção expressa pelo substantivo.

1. O seu emprego é, pois, evitado em certos casos.

19) Quando o gênero e o número do substantivo já estão claramente determinados por outras classes de palavras (pronomes demonstrativos, numerais, etc.). Assim, diremos:

Na revolução de 17 muito sofrera este padre. (J. Lins do Rego, MV A, 281.)

Antes, ainda no automóvel, Ramiro achara duas novas pérolas.

(A. Abelaira, D, 121.)

2?) Quando queremos indicar a noção expressa pelo substantivo de um modo geral, isto é, na plena extensão do seu significado. Comparem-se, por exemplo, estas três

frases:

Foi acusado do crime [acusação precisa].

Foi acusado de um crime [acusação vaga].

Foi acusado de crime [acusação mais vaga ainda].

39) Quando, nas enumerações, pretendemos obter um efeito:

a) de acumulação:

Samuel, a princípio com relutância, depois com fúria, finalmente com resignação, pôs-se a morder e a mastigar tudo: lúpis, borrachas, pedacinhos de pau, gomos de cana-de-açúcar.

(C. Drummond de Andrade, CA, 143-144.)

b) de dispersão:

Volteiam dentro de mim, Em rodopio, em novelos, Milagres, uivos, castelos, Forças de luz, pesadelos, Altas torres de marfim.

(M. de Sô-Carneiro, P, 75.)

228

ObMiraçãoSo:

No exemplo acima, o poeta português M. de Sô-Carneiro procura conjugar num sentido superior (o tema da "incoerência" ou "dispersão") coisas apresentadas em série desconexa. Trata-se de um caso da chamada ENUMERAÇÃO CAÓTICA, recurso estilístico de alto efeito expressivo em alguns escritores modernos. Leia-se a propósito.

Leo Spitzer. La enumeración caótica en la poesía moderna. Trad. de Raimundo Lida, Buenos Aires, Instituto de Filología, 1945.

2. Além desses casos gerais e de outros particulares, anteriormente examinados, omite-se o artigo definido: a) nos vocativos:

Oh! dias da minha infância! Oh! meu céu de primavera!

(C. de Abreu, O, 94.)

/'/ nos apostos que indicam simples apreciação:

Tardes de minha terra, doce encanto, Tardes duma pureza de açucenas. (F. Espanca, S, 35.)

c) antes de palavras que designam matéria de estudo, empregadas com os Verbos aprender, estudar, cursar, ensinar e sinônimos:

Aprender I n filós. Cursar Direito.

Estudar Latim. Ensinar Geometria.

d) antes das palavras tempo, ocasião, motivo, permissão, força, valor, ânimo (para alguma coisa), complementos dos verbos ter, dar, pedir e seus sinônimos:

Não houve tempo para descanso. Não dei motivo é crítica. Pedimos permissão para sair. Não tive ânimo para viajar.

EMPREGO DO ARTIGO INDEFINIDO

O artigo indefinido provém do numeral latino unus, una, unum, que exprime a unidade.

Esse valor numeral, embora enfraquecido em "um certo", transparece ainda hoje nos diversos empregos das formas do singular (um, uma), principalmente no mais comum deles, qual seja, o de apresentar o ser ou o

229

objeto expresso pelo substantivo de maneira imprecisa, indeterminada ou desconhecida.

Desse valor fundamental decorrem certos empregos particulares do artigo indefinido, alguns dos quais devem ser conhecidos.

COM OS SUBSTANTIVOS COMUNS

1. O artigo indefinido *o* *j* *o* dissemos *o* serve principalmente para a apresentação de um ser ou de um objeto ainda não conhecido do ouvinte ou do leitor.

Retomemos o exemplo de A. Amoroso Lima anteriormente citado:

Pouco depois, atraído também pelo espetáculo, foi chegando um caboclinho magro, com uma taquara na mão. (A, 40.)

Uma vez apresentados o ser e o objeto, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o escritor ou o locutor deverá usar *o* por diante o artigo definido.

o o que se observa na continuação do texto em causa:

Pupilas acesas vinham espiar entre as árvores, como que também atraídas pela melodia da taquara do caboclinho. (Ibid.)

2. Para se precisar a classe ou a espécie de um substantivo *o* determinado por artigo definido, costuma-se repeti-lo, na aposição, com o artigo indefinido:

Ele sentia o cheiro do impermeável dela: um cheiro doce de fruta madura.

(O. Veríssimo, LS, 140.)

A chuva continuava, uma chuva mansa e igual, quase lenta, sem interesse em tombar. (M. J. de Carvalho, AV, 153.)

3. Por sua força generalizadora, o artigo indefinido pode atribuir a um substantivo no singular a representação de toda a espécie:

o Aquele, digo-vos eu, aquele *o* um homem. (Branquinho da Fonseca, MS, 165.)

230

Uma mulher não gosta de profissão nenhuma. Uma mulher só gosta sinceramente de duas coisas: casar e ter filhos. (I. Losa, E0, 106.)

4. A anteposição do plural uns, umas, a cardinais *o* a forma preferida do idioma para indicar a aproximação numérica:

O sítio em que nos instalamos ficava a uns oito quilômetros de Barbacena, pela estrada que vai para Remédios. (R. M. F. de Andrade, K, 119.)

Teria, quando muito, uns doze anos.

(U. Tavares Rodrigues, PC, 168.)

Com o mesmo sentido aparece a forma singular uma antes da fracionária meia:

Decorreu uma boa meia-hora.

(J. de Alencar. OC, II, 569.)

Indaguei de Virgília, depois ficamos a- conversar uma meia hora.

(Machado de Assis, OC, I, 507.)

5. Antes dos nomes de partes do corpo ou de objetos que se consideram aos pares, usa-se o plural do artigo indefinido para designar um só par:

Ao parar nos últimos degraus da escada para conversar com alguém que conhecia, dei com uns pés enormes ao nível de meus olhos.

(A. M. Machado, HR, 146.)

Trazia uns sapatos rasos, uns olhos verdes. (A. Abelaira, CF, 207.)

Otoervaftt

O artigo indefinido aparece com acentuado valor intensivo em certas frases da linguagem coloquial caracterizadas por uma entoação particular:

Ela *o* de uma cantara!... Tens nmnt idíait...

A suspensão final da voz faz subentender um adjetivo denotador de qualidade ou defeito de caráter excepcional. Equivale a dizer-se:

231

Ela é de uma candura admirável (ou comovente). Tens uma ideias estapafúrdias (ou ótimas).

Ressalte-se que a força intensiva do indefinido permite que se complete a estrutura consecutiva com o aparecimento de uma oração iniciada por que:

Entenda-se:

Ela é de uma candura, que comove.

Ela é de uma candura tal, que comove.

COM OS NOMES PRÓPRIOS

1. Emprega-se o artigo indefinido antes de um nome de pessoa:

a) para acentuar a semelhança ou a conformidade de alguém com um vulto ou um personagem célebre, caso em que o nome próprio passa a ser um nome comum:

Papai era um Quixote.

(C. dos Anjos, MS, 298.)

é uma Ofélia, mas, depravada...

(J. de Araújo Correia, FX, 128.)

b) para indicar ser o indivíduo verdadeiro símbolo de uma espécie:

A fortuna, toda nossa, é que não temos um Kant. (J. Ribeiro, F, 36.)

Nazaré merecia bem um Cézanne ou outro grande pintor a rondar-lhe os sótãos, a pintar-lhe os tipos. (A. F. Schmidt, F, 103.)

c) para designar um indivíduo pertencente a determinada família:

José Bonifácio era um Andrada.

D. Pedro I do Brasil, que foi D. Pedro IV de Portugal, era um Bragança.

d) para evocar aspectos geralmente imprevisos de uma pessoa:

Apesar disso tudo, um Joaquim risonho, a satisfação em pessoa.

(Genolino Amado, RP, 115.)

232

Raul Brandão, nas Memórias, evocou um Fialho torturado, através do estilo imprevisito, "escorrendo sangue, aflição, miséria".

(J. do Prado Coelho, PHL, 247.)

e) para designar obras de um artista (geralmente quadros de um pintor):

Também disse, é verdade, como era necessário aprender a distinguir o fado de uma sinfonia, um Picasso de um calendário.

(V. Ferreira, ,4, 28.)

2. Como o artigo definido, o indefinido pode acompanhar os nomes geográficos, se qualificados:

Mais tarde, haveria de ouvir-lhe pessoalmente a sua visão dum Egeu de deuses vivos.

(L. Forjaz Trigueiros, ME. 269.)

Numa Europa mecanizada, a Espanha surge-nos intemporal.

(U. Tavares Rodrigues, JE, 21.)

OMISSÃO DO ARTIGO INDEFINIDO

Apesar de sua generalização crescente, há circunstâncias que, ainda hoje, pedem ou favorecem a omissão do artigo indefinido. Assim:

1) A existência de outro elemento determinativo anteposto ao nome, como, por exemplo, uma forma de identidade ou de comparação:

De você não esperava semelhante gesto. Não é possível pior exemplo do que esse.

2) O fato de um substantivo ser empregado no singular para exprimir não a ideia de unidade, mas uma noção partitiva, ou para designar toda a espécie ou categoria a que pertence:

A grande parte do público irritou a cena. Amigo fiel e prudente é melhor que parente.

233

Otocrraço:

Não existe propriamente omissão do artigo indefinido, mas casos onde ele nunca se empregou de forma regular.

Na fase primitiva das línguas românicas, o artigo indefinido era de uso restrito.

Com o correr do tempo, esse determinativo foi-se introduzindo em numerosas construções

e, hoje, os variados matizes do seu emprego constituem uma inestimável riqueza estilística de todas elas.

Contra essa generalização e valorização progressiva do indefinido se manifestaram sempre os nossos gramáticos, que nela vêem uma simples e desnecessária influência do francês, onde, em verdade, poucas são atualmente as interdições ao uso do determinativo em causa. Mas tal guerra se tem revelado inútil, e inútil precisamente

porque não se trata, no caso, de um mero galicismo extirpável, e sim de uma tendência geral dos idiomas neolatinos em busca de formas mais expressivas, de maior

clareza e vigor para o enunciado.

EM EXPRESSÕES DE IDENTIDADE

1. Evita-se, em geral, empregar o artigo indefinido quando já existe, anteposto ao substantivo, um dos pronomes demonstrativos igual, semelhante e tal; ou um dos indefinidos certo, outro, qualquer e tanto:

Certo amigo meu já usou de igual argumento. Em outra circunstância eu aprovaria semelhante atitude. Se continuares com tal inapetência e com tanta febre, podes tomar

o remédio a qualquer hora.

2. Advirta-se, porém, que algumas dessas formas, quando postas a um substantivo, passam a ser adjetivos, caso em que se constroem normalmente com artigo indefinido:

Ele disse uma coisa certa. Quero um livro igual a esse. Uma hora qualquer irei vê-lo. Tens um modo semelhante de falar.

Costuma-se, no entanto, calar o artigo indefinido, quando a frase é negativa ou interrogativa:

Nunca li coisa igual.

Jamais se ouviu barbaridade tal!

Já viste trejeitos semelhantes?

234

EM EXPRESSÕES COMPARATIVAS

1. Em princípio, as fórmulas comparativas podem admitir a exclusão do artigo indefinido. É o caso:

a) dos comparativos de igualdade formados com tão ou tanto:

Nunca passei por lugar tão perigoso como aquele. Trabalhava com tanto cuidado como o pai.

b) dos comparativos de superioridade ou de inferioridade, principalmente quando expressos sob a forma negativa ou interrogativa:

Não encontrarias melhor amigo nesta emergência. Conseguiste maior renda este mês?

2. E dispensável também o artigo indefinido em comparações do tipo:

Qual furacão, revolveu tudo. Bailava como neme da floresta.

EM EXPRESSÕES DE QUANTIDADE

Costuma-se evitar o artigo indefinido antes de expressões denotadoras de quantidade indeterminada, constituídas seja por substantivos (como: coisa, gente, infinidade,

multidão, número, parte, pessoa, porção, quantia, quantidade, soma e equivalentes), seja por adjetivos (como: escasso, excessivo, suficiente e sinónimos):

Havia grande número de pessoas no casamento. Reservou para si boa parte do lucro. Disponho de escasso capital para o empreendimento. Não há suficiente espaço para o móvel.

Observação:

A presença do numeral fracionário meio exclui normalmente a do artigo indefinido: Comprou meio quilo de pó. Tomou meia dose do remédio.

Mas, como vimos, o feminino meia constrói-se com o indefinido nas designações de quantidade aproximada. E também pode admiti-lo quando forma com o substantivo uma

unidade de uso corrente:

Só tenho uma meia libra.

No caso, basta uma meia-palavra sua.

235

COM SUBSTANTIVO DENOTADOR DA ESPÉCIE

Quando um substantivo no singular é concebido sob o aspecto de categoria, de espécie, e não sob o de unidade, pode-se calar o artigo indefinido. Esta omissão aparece

frequentemente em provérbios:

O ladrador nunca é bom caçador.

Espada na mão de sandeu, perigo de quem lha deu.

Advirta-se que, na língua de nossos dias, esta construção é mais frequente no Brasil do que em Portugal. Comparem-se estes exemplos:

Criança tem amigos e inimigos. (G. Amado, HMI, 8.)

O Noivo não se deixa na solta.

(J. Lins do Rego, MV A, 270.)

Vida não tem adjetivo.

(C. Lispector, SV, 18.)

Chega, hoje, aqui o meu amigo Costa Cabral, filho do Conde de Tomar, meu antigo condiscípulo em Coimbra e no Laranjo.

(A. Nobre, Cl, 74.)

e sempre que a clareza, ou a ênfase não o exigirem.

OUTROS CASOS DE OMISSÃO DO ARTIGO INDEFINIDO

Além dos casos mencionados, a língua portuguesa admite a omissão do artigo indefinido em muitos outros. Como o artigo definido, ele pode faltar:

a) nas enumerações:

Desde aí, os campos-santos não cessaram de recolher os mortos meus: avós, tios, amigos de infância, companheiros queridos e a lista é aterradora...

(A. F. Schmidt, GB, 151.)

Casas, árvores, nuvens desagregavam-se numa melancólica paisagem de Outono.

(F. Namora, TJ, 232.)

b) nos apostos:

Meu pai, homem de boa família, possuía fortuna grossa, como não ignoram.

(G. Ramos, AOH, 28.)

236

237

ri

10

ADJETIVO

O ADJETIVO é essencialmente um modificador do substantivo. Serve: l?) para caracterizar os seres, os objetos ou as noções nomeadas pelo substantivo, indicando-lhes:

a) uma qualidade (ou defeito):

inteligência lúcida homem perverso

o) o modo de ser:

pessoa simples rapaz delicado

c) o aspecto ou aparência: céu azul

d) o estado:

casa arruinada

vidro fosco

laranjeira florida

2o) para estabelecer com o substantivo uma relação de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade, de procedência, etc. (ADJETIVO DE RELAÇÃO):

nota mensal (= nota relativa ao mês)

movimento estudantil (= movimento feito por estudantes)

casa paterna (= casa onde habitam os pais)

vinho português (= vinho proveniente de Portugal)

Observação:

*É

Os ADJETIVOS DE RELAÇÃO, derivados de substantivos, são de natureza classificatória, ou seja, precisam o conceito expresso pelo substantivo, restringindo-lhe, pois, a extensão do significado. Não admitem graus de intensidade e vêm normalmente pospostos ao substantivo. A sua anteposi o, no caso, provoca uma valorização de sentido muito sensível.

NOME SUBSTANTIVO E NOME ADJETIVO

É muito estreita a relação entre o SUBSTANTIVO (termo determinado) E' o ADJETIVO (termo determinante). Não raro, há uma única forma para [as duas classes de palavras

e, nesse caso, a distin o s  poder  ser feita na [frase. Comparem-se, por exemplo:

Uma preta velha vendia laranjas. Uma velha preta vendia laranjas.

Na primeira oração, preta   substantivo, porque é a palavra-núcleo, caracterizada por velha, que, por sua vez,   adjetivo na medida em que é a palavra caracterizadora

do termo-núcleo. Na segunda oração, ao contrário, velha   substantivo e preta adjetivo.

Como vemos, a subdivisão dos nomes portugueses em substantivos e adjetivos obedece a um critério basicamente sint tico, funcional.

SUBSTANTIVAÇÃO DO ADJETIVO

Sempre que a qualidade referida a um ser, objeto ou no o for concebida com grande independência, o adjetivo que a representa deixar  de ser um termo subordinado para tornar-se o termo nuclear do sintagma nominal. D -se, então, o que se chama SUBSTANTIVAÇÃO DO ADJETIVO, fato que se exprime, gramaticalmente, pela anteposi o

de um determinativo (em geral, do artigo) ao adjetivo1.

Comparem-se, por exemplo, estas orações:

O céu cinzento indica chuva. O cinzento do céu indica chuva.

Na primeira, cinzento   adjetivo; na segunda, substantivo.

SUBSTITUTOS DO ADJETIVO

1. Palavras ou expressões de outra classe gramatical podem também servir para caracterizar o substantivo, ficando a ele subordinadas na frase. Valem, portanto, por verdadeiros kdjetivos, semântica e sintaticamente falando.

Veja-se o que a respeito dissemos no Capítulo 9

238

239

Costuma-se, por exemplo, com tal finalidade:

a) associar ao substantivo principal outro substantivo em forma de aposto:

O tio Joaquim Moça cabeça-de-vento

b) empregar locu es formadas quer de PREPOSI O + SUBSTANTIVO:

barco a vela (= veleiro) Cora o de anjo [= angélico] Indivíduo sem coragem [= medroso]

quer de PREPOSI O + ADVERBIO:

Jornal de hoje [= hodierno] Patas de tr s [= traseiras]

c) substituir o adjetivo por um substantivo abstrato, que passa a ter como complemento nominal o antigo substantivo nuclear. Comparem-se, por exemplo, estas frases:

Sofreu o destino cruel. Sofreu a crueldade do destino.

2. A caracterização do substantivo pode fazer-se ainda por meio de uma oração:

a) seja desenvolvida (quando encabeçada por pronome relativo):

Susana, que não se sentia bem, estava de cama. (M. Torga, V, 178.)

Há homens que não acham nunca a sua expressão.

(G. Amado, TL, 9.)

b) seja reduzida:

Jorge via a dor andando no corpo, a febre queimando, o pai já apodrecia por dentro.

(Adonias Filho, LP, 53.)

Surge ao longe um bananal, oscilando suas folhas tostadas de vento frio.

(A. M. Machado, HR, 73.)

240

MORFOLOGIA DOS ADJETIVOS

Poucos são os adjetivos que podemos considerar PRIMITIVOS, ou seja, designam por si mesmos uma qualidade, sem referência a uma substância ou coisa que a representem¹.

E, por exemplo, o caso de, entre outros, ando, claro, curto, grande, largo, liso, livre, triste e de boa parte dos adje-referentes a cor: azul, branco, preto, verde,

etc. A maioria dos adjetivos é constituída por aqueles que derivam de um primitivo ou de um verbo, com os quais continuam a relacionar-se do ponto de vista semântico-.

ADJETIVOS PATRIOS

Entre os adjetivos derivados de substantivos cumpre salientar os que referem a continentes, países, regiões, províncias, estados, cidades, vilas ! povoados, bem como aqueles que se aplicam a raças e povos. Os primeiros chamam-se PATRIOS; os segundos, GENTÍLICOS, denominações estas que foram omitidas na Nomenclatura Gramatical

Brasileira e na Nomenclatura Gramatical Portuguesa, mas que nos parecem necessárias.

PATRIOS BRASILEIROS REFERENTES AO PAÍS E AOS ESTADOS:

Brasil > brasileiro, -a

Acre > acreano, -a

Alagoas > alagoano, -a

Amazonas > amazonense (m. e f.)

Bahia > baiano, -a

Ceará > cearense (m. e f.)

Espírito Santo > espírito-santense (m. e f.)

Goiás > goiano, -a Maranhão > maranhense (m. e f.) Mato Grosso > mato-grossense (m. e f.)

Mato Grosso do Sul > mato-grossense-

do-sul (m. e f.) Minas Gerais > mineiro, -a

Pará > paraense (m. e f.)

Paraíba > paraibano, -a

Paraná > paranaense (m. e f.)

Pernambuco > pernambucano, -a

Piauí > piauiense (m. e f.)

Rio de Janeiro > fluminense (m. e f.)

Rio Grande do Norte > norte-rio-

grandense (m. e f.) Rio Grande do Sul > sul-rio-grandense (m. e f.)

Rondonia > rondoniano, -a Santa Catarina > catarinense (m. e f.) São Paulo > paulista (m. e f.) Sergipe > sergipano, -a

1 Gonzalo Sobejano. El epíteto en la literatura española. 2. ed. Madrid, Ctedos. 1970, p. 83.

: Quanto aos sufixos que entram na formação destes adjetivos, veja-se o que dissemos no Capítulo 6, p. 97-98

241

PATRIOS PORTUGUESES

REFERENTES AO PAÍS E A ALGUMAS REGIÕES:

Entre as formas alatinadas e reduzidas que se empregam como primeiro elemento desses patrios compostos, as mais frequentes são:

Portugal > português, -a Alentejo > alentejano, -a Algarve > algarvio, -a Beira > beirão, -oa Douro > duriense (m. e f.)

Estremadura > estremenho, -a Minho > minhoto, -a Ribatejo > ribatejano, -a Trás-

os-Montes > trasmontano, -a ou transmontano, -a

PÁTRIOS AFRICANOS

Angola > angolano, -a

Cabo Verde > cabo-verdiano, -a

Guiné-Bissau > guineense (m. e f.)

Moçambique > moçambicano, -a São Tomé > são-tomeense ou são-tomense (m. e f.)

Observações:

1.*) Além de brasileiro, que é o pátrio normal, há as formas alatinadas, de emprego mais raro: brasiliano, brasílico e brasiliense. Sirvam de exemplo: Coleção Brasileira,

da Companhia Editora Nacional; Corografia Brasílica, livro de Aires do Casal; Correio Brasiliense, nome do célebre jornal de Hipólito José da Costa.

2.*) Fluminense é derivado do latim flumen, fluminis "rio".

3.*) Chamamos também rio-grandense-do-norte e rio-grandense-do-sul os naturais dos Estados do Rio Grande do Norte e do Rio Grande do Sul, mais conhecidos pelas alcunhas

coletivas de potiguar e gaúcho, que normalmente não têm, como outras, valor pejorativo.

ADJETIVOS PÁTRIOS COMPOSTOS

Quando dizemos:

a civilização portuguesa

referimo-nos à civilização própria do povo português. Se, no entanto, quisermos indicar aquela civilização que é comum ao povo português e ao brasileiro, diremos:

a civilização luso-brasileira

assumindo o primeiro adjetivo uma forma alatinada e reduzida. 242

(= inglês) (= austríaco) (= europeu) MICO (= francês)

(= grego) [hispano (= hispânico, espanhol)

(= indiano) ítalo (= italiano) . falaico (--- galego) luso (= lusitano,

português) | i-aipo (= nipônico, japonês) sino (= chinês) teuto (= teutônico, alemão)

Amizade anglo-americana Império austro-húngaro Relações euro-africanas Falares franco-provençais Antiguidade greco-romana Literatura hispano-americana Línguas indo-européias

Atlas ítalo-sul-trova Trovadores galaico-portugueses Glossário luso-asiático Comércio nipo-brasileiro Guerra sino-japonesa Ginásio teuto-brasileiro

valão:

Hispano e hispânico, embora usados frequentemente como sinônimos de espanhol (isto é, relativo à Espanha, país), são, em verdade, equivalentes de ibérico, pois se referem à Hispania, nome que os romanos davam à província que abarcava toda a península Ibérica.

FLEXÕES DOS ADJETIVOS

Como os substantivos, os adjetivos podem flexionar-se em NÚMERO, [GÊNERO e GRAU. NÚMERO

O adjetivo toma a forma SINGULAR ou PLURAL do substantivo que ele * qualifica:

aluno estudioso alunos estudiosos

mulher hindu mulheres hindus

perfume francês perfumes franceses

PLURAL DOS ADJETIVOS SIMPLES

Na formação do plural, os adjetivos simples seguem as mesmas regras a que obedecem os substantivos.

243

PLURAL DOS ADJETIVOS COMPOSTOS

Nos adjetivos compostos, apenas o último elemento recebe a forma de plural:

consultórios médico-cirúrgicos institutos afro-asiáticos letras anglo-germânicas

Observação:

Exceções:

a) surdo-mudo, que faz surdos-mudos;

b) os adjetivos referentes a cores, que são invariáveis quando o segundo elemento

da composição de um substantivo:

uniformes verde-oliva saias azul-ferrete

canôrios amarelo-ouro blusas vermelho-sangue

MASCULINO

FEMININO

MASCULINO

FEMININO

bom formoso lindo

boa formosa linda

mau nu português

mãe nua

portuguesa

2. O processo de formação do feminino destes adjetivos é idêntico dos substantivos. Assim:

10) Os terminados em -o tônico formam o feminino mudando o -o l* m -a:

belo

bela

ligeiro

ligeira

20) Os terminados em -u, -os e -or formam geralmente o feminino acrescentando -a ao masculino:

GÊNERO

O substantivo tem sempre um GÊNERO, o que não sucede com o adjetivo, que assume o gênero do substantivo.

Do ponto de vista morfológico, o único traço que, na verdade, singulariza o adjetivo como uma parte do discurso diversa das demais é o de poder, na maioria das vezes,

apresentar duas terminações de gênero, sem que, com isso, seja uma palavra de gênero determinado e sem que o conceito por ele designado corresponda a um gênero real.

Observação:

Assinale-se que mesmo os adjetivos uniformes, quando no superlativo absoluto sintético, passam a apresentar os morfemas de gênero -o, -a. Assim:

um exercício fácil uma questão fácil o momento feliz a solução feliz

um exercício facilíssimo uma questão facilíssima o momento felicíssimo a solução felicíssima

cru

crua

nu

nua

francês

francesa

inglês

inglesa

encantador

encantadora

morador

moradora

Excetuam-se, porém: ;

a) dos finalizados em -w: os gentílicos hindu e

zulu, que são invariáveis;

b) dos finalizados em -os: cortos, descortos, montos e pedros, que são invariáveis;

c) dos finalizados em -or: os comparativos melhor, pior, maior, menor, superior, inferior, interior, exterior, posterior, ulterior, ceterior e, ainda, formas como multicolor, incolor, sensor e poucas mais, que são invariáveis; gerador, motor e outros terminados em -dor e -or, que mudam estas sílabas em -triz: geratriz, motriz,

etc.; e um pequeno número que substitui -or por -eira: trabalhador, trabalhadeira, etc.

3?) Os terminados em -ao formam o feminino em -a ou em -ona:

são

sã

chorão

chorona

FORMAÇÃO DO FEMININO

1. Como dissemos, os adjetivos são geralmente BIFORMES, isto é, possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino:

Beirão, no entanto, faz no feminino beiroa.

41?) Os terminados em -eu (com e fechado) formam o feminino em

-eia:

europeu hebreu

europeia hebreia

plebeu pigmeu

plebeia pigmeia

244

245

Excetuam-se judeu e sandeu, que fazem, respectivamente, judia e sandia.

50) Os terminados em -eu (com e aberto) formam o feminino em -oa:

ilho

ilha

tabaro

tabaroa

6?) Alguns adjetivos que no masculino possuem o tônico fechado [o], além de receberem a desinência -a, mudam o o fechado para aberto [o], no feminino:

brioso briosa formoso formosa disposto

disposta grosso grossa

Outros, porom, conservam no feminino o o fechado f o] do masculino:

chocho fofo

chocha fofa

fosco oco

fosca oca

ADJETIVOS UNIFORMES

Ho adjetivos que tom uma so forma para os dois goneros.

Soo de regra UNIFORMES os adjetivos:

a) terminados em -a, muitos dos quais funcionam tambom como substantivos:

hipocrita, homicida, indogena; asteca, celta, israelita, mala, persa; agrocola, silvocola,

vinocola, cosmopolita, etc.;

6) terminados em -e: orabe, breve, cafre, doce, humilde, terrestre, torpe, triste e muitos outros, entre os quais se incluem todos os formados com os sufixos -ense,

-ante, -ente e -inte: cearense, constante, crescente, pedinte, etc.;

c) terminados em -/: cordial, infiel, amovel, pueril, ogil, reinol, azul, oxul, etc.;

d) terminados em -ar e em -or (neste caso apenas os comparativos em -or):

exemplar, ompar, maior, superior, etc.;

e) paroxotonos terminados em -s: reles, simples, etc.;

/) terminados em -z: audaz, feliz, atroz, etc.;

g) terminados em -m grofico: virgem, ruim, comum, etc.

Observaoo:

Fazem exceoo: andaluz, fem. andatuza; bom, fem. boa; espanhol, fem. espanhola; e a maior parte dos terminados em -os e -or.

246

FEMININO DOS ADJETIVOS COMPOSTOS

Nos ADJETIVOS COMPOSTOS, apenas o segundo elemento pode assumir |a forma feminina: a literatura hispano-americana uma intervenoo modico-cirorgica

A onica exceoo o surdo-mudo, que faz no feminino surda-muda: um menino surdo-mudo uma crianoa surda-muda

GRAUS DO ADJETIVO

A gradaoo pode ser expressa em portuguos por 'processos sintoticos ou morfologicos.

COMPARATIVO E SUPERLATIVO

Dois soo os GRAUS do adjetivo: o COMPARATIVO e o SUPERLATIVO. 1. O COMPARATIVO pode indicar:

a) que um ser possui determinada qualidade em grau superior, igual , ou inferior a outro:

Pedro o mais estudioso do que Paulo.

olvaro o too estudioso como [ou quanto] Pedro.

Paulo o menos estudioso do que olvaro.

b) que num mesmo ser determinada qualidade o superior, igual ou Inferior a outra que possui:

Paulo é mais inteligente que estudioso. Pedro é tão inteligente quanto estudioso. Álvaro é menos inteligente do que estudioso.

Daí a existência de um COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE, de um COMPARATIVO DE IGUALDADE e de um COMPARATIVO DE INFERIORIDADE.

247

2. O SUPERLATIVO pode denotar:

a) que um ser apresenta em elevado grau determinada qualidade (SUPERLATIVO ABSOLUTO):

Paulo é inteligentíssimo. Pedro é muito inteligente.

b) que, em comparação com a totalidade dos seres que apresentam a mesma qualidade, um se sobressai por possuí-la em grau maior ou menor que os demais (SUPERLATIVO RELATIVO)

:

Carlos é o aluno mais estudioso do Colégio. João é o aluno menos estudioso do Colégio.

No primeiro exemplo, o SUPERLATIVO RELATIVO é DE SUPERIORIDADE; no segundo, DE INFERIORIDADE.

FORMAÇÃO DO GRAU COMPARATIVO

1. Forma-se o COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE antepondo-se o advérbio mais e pospondo-se a conjunção que ou do que ao adjetivo:

Pedro é mais idoso do que Carlos. João é mais nervoso que desatento.

2. Forma-se o COMPARATIVO DE IGUALDADE antepondo-se o advérbio tão e pospondo-se a conjunção como ou quanto ao adjetivo:

Carlos é tão jovem como Álvaro. José é tão nervoso quanto desatento.

3. Forma-se o COMPARATIVO DE INFERIORIDADE antepondo-se o advérbio menos e pospondo-se a conjunção que ou do que ao adjetivo:

Paulo é menos idoso que Álvaro. João é menos nervoso do que desatento.

FORMAÇÃO DO GRAU SUPERLATIVO Vimos que há duas espécies de SUPERLATIVO: ABSOLUTO e RELATIVO.

248

O SUPERLATIVO ABSOLUTO pode ser:

a) SINTÉTICO, se expresso por uma só palavra (adjetivo + sufixo):

amicíssimo

estudiosíssimo

tristíssimo

acerrimo

facilimo

saluberrimo

b) ANALÍTICO, se formado com a ajuda de outra palavra, geralmente um advérbio indicador de excesso é muito, imensamente, extraordinariamente, excessivamente, grandemente, etc.:

muito estudioso excessivamente fácil

imensamente triste extraordinariamente salubre

grandemente prejudicial excepcionalmente cheio

SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO 1. Forma-se pelo acréscimo ao adjetivo do sufixo -íssimo:

fértil

original

vulgar

fertilíssimo

originalíssimo

vulgaríssimo

Se o adjetivo terminar em vogal, esta desaparece ao aglutinar-se o sufixo:

belo

lindo

triste

belíssimo

lind^ossimo

trist^ossimo

2. Muitas vezes o adjetivo, ao receber o sufixo -^ossimo, reassume a primitiva forma latina. Assim:

a) os adjetivos terminados em -vel formam o superlativo em -bil^ossimo:

am^ovel

indel^ovel

terr^ovel

m^ovel

vol^ovel

amabil^ossimo

indelebil^ossimo

terribil^ossimo

mobil^ossimo

volubil^ossimo

249

b) os terminados em -z fazem o superlativo em -c^ossimo:

capaz

feliz

atroz

capac^ossimo

felic^ossimo

atroc^ossimo

c) os terminados em vogal nasal (representada com -m gráfico) formam o superlativo em -n^ossimo:

comum comun^ossimo

d) os terminados no ditongo -ao fazem o superlativo em -an^ossimo:

NORMAL	SUPERLATIVO	NORMAL	SUPERLATIVO
--------	-------------	--------	-------------

acre	ac ^o rrimo	magro	mac ^o rrimo (ou
------	-----------------------	-------	----------------------------

celebre	celeb ^o rrimo		magr ^o ssimo)
---------	--------------------------	--	--------------------------

humilde	hum ^o limo (ou	negro	nig ^o rrimo (ou
---------	---------------------------	-------	----------------------------

	humild ^o ssimo)	negro	negr ^o ssimo)
--	----------------------------	-------	--------------------------

íntegro	integ ^o rrimo	pobre	paup ^o rrimo (ou
---------	--------------------------	-------	-----------------------------

livre	lib ^o rrimo		pobr ^o ssimo)
-------	------------------------	--	--------------------------

salubre	salub ^o rrimo		
---------	--------------------------	--	--

pag^oo v^oo

pagan^ossimo van^ossimo

3. No raro a forma portuguesa do adjetivo difere sensivelmente da latina, da qual se deriva o superlativo. Assim:

NORMAL	SUPERLATIVO	NORMAL	SUPERLATIVO
--------	-------------	--------	-------------

amargo	amar ^o ssimo	magn ^o fico	magnificent ^o ssimo
--------	-------------------------	------------------------	--------------------------------

amigo	amic ^o ssimo	mal ^o fico	malefican ^o ssimo
-------	-------------------------	-----------------------	------------------------------

antigo	antiqu ^o ssimo	mal ^o volo	malevolent ^o ssimo
--------	---------------------------	-----------------------	-------------------------------

ben ^o fico	beneficent ^o ssimo	mi ^o do	minut ^o ssimo
-----------------------	-------------------------------	--------------------	--------------------------

ben ^o voló	benevolen ^o ssimo	nobre	nobil ^o ssimo
-----------------------	------------------------------	-------	--------------------------

cris ^o o	cristian ^o ssimo	peçoal	personal ^o ssimo
---------------------	-----------------------------	--------	-----------------------------

cruel	crudel ^o ssimo	pr ^o digo	prodigal ^o ssimo
-------	---------------------------	----------------------	-----------------------------

doce	dulc ^o ssimo	s ^o bio	sapient ^o ssimo
------	-------------------------	--------------------	----------------------------

fiel	fidel ^o ssimo	sagrado	sacrat ^o ssimo
------	--------------------------	---------	---------------------------

frio	frigid ^o ssimo	simples	simplic ^o ssimo ou
------	---------------------------	---------	-------------------------------

geral	general ^o ssimo		simpl ^o ssimo
-------	----------------------------	--	--------------------------

inimigo	immicissimo	soberbo	superbfssimo
---------	-------------	---------	--------------

4. Também os superlativos em -imo e -rimo representam simples formas latinas. Com exclus^o de facil^olimo, diffic^olimo e paup^orrimo (superlativos de f^ocil, dif^ocil e pobre), que pertencem ^o linguagem coloquial, s^oo todos de uso liter^orio e um tanto precioso. Anotem-se os seguintes:

Observação:

Em lugar das formas superlativas serotíssimo, necessaríssimo e outras semelhantes, a língua atual prefere seríssimo, necessaríssimo, com um só i.

OUTRAS FORMAS DE SUPERLATIVO

Pode-se formar também o SUPERLATIVO com:

a) o acréscimo de um prefixo ou de um pseudoprefixo, como archi-, extra-, hiper-, super-, ultra-, etc.: arquimilionário, extrafino, hipersensível, superexaltado, ultra-rápido:

Manuel Torres saiu-lhe ao encontro, prazenteiro, como ultraprazenteiro caminhava para ele o eclesiástico. (A. Ribeiro, K, 32.)

b) a repetição do próprio adjetivo:

Um Abril de pureza: lindo, lindo! (A. Patrício, P, 130.)

A avó, que tem oitenta anos, está tão fraca e velhinha... Teve tantos desenganos: ficou branquinha, branquinha, com os desgostos humanos. (O. Bilac, /Y, 7.)

c) uma comparação breve:

Isso é claro como água.

(Castro Soromenho, TM. 101.)

251

Estava escuro como breu, e a distância de dez passos um vulto mal se via a negrejar.

(A. Ribeiro, V, 393.)

d) certas expressões fixas, como podre de rico [= riquíssimo], de mão cheia [= excelente, de grandes recursos técnicos], e outras semelhantes:

A Zorilda era uma pianista de mão cheia. (H. Sales, DBFM, 120.)

Podre de rico! Nem sabe o que tem de seu! (V. Nemésio, MPM, 102.)

e) o artigo definido, marcado por uma tonicidade e uma duração particular, em frases do tipo:

Ela não é apenas uma excelente cantora, ela é a cantora [= a incomparável, a melhor de todas].

Diz-se, como vimos, de notoriedade este emprego do artigo.

SUPERLATIVO RELATIVO

1. O SUPERLATIVO RELATIVO é sempre analítico. O DE SUPERIORIDADE forma-se pela anteposição do artigo definido ao comparativo de superioridade:

Este aluno é o mais estudioso do Colégio. João foi o colega mais leal que conheci.

O DE INFERIORIDADE forma-se pela anteposição do artigo definido ao comparativo de inferioridade:

Este aluno é o menos estudioso do Colégio. Jorge foi o colega menos leal que conheci.

2. O termo da comparação é expresso por um complemento nominal introduzido pela preposição de (e também entre, em e sobre), ou por uma oração adjetiva restritiva,

como nos exemplos mencionados.

k

3. O superlativo relativo denotador dos limites da possibilidade forma-se com a posposição da palavra possível ou uma expressão (ou oração) de sentido equivalente:

O arraial era o mais monótono possível.

(Guimarães Rosa, 5, 264.)

Era a pessoa mais cortês deste mundo, e não deu corpo às suas aversões.

(A. Ribeiro, V, 34.)

Nos livros que eu lia estes todos eram os mais ricos que se conhecia.

(Simões Lopes Neto, CGLS, 297.)

Observação:

A função de superlativo relativo pode ser também desempenhada por um numeral ordinal ou por adjetivos que denotem posições extremas. Assim:

Bartolomeu Dias foi o primeiro navegante que dobrou o Cabo das Tormentas.

O Amazonas é o principal rio do Brasil.

COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS ANOMALOS

Quatro adjetivos (bom, mau, grande e pequeno) formam o comparativo e o superlativo de modo especial:

ADJETIVO	COMPARATIVO DB SUPERIORIDADE		SUPERLATIVO
	ABSOLUTO	RELATIVO	
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

252

1 Sobre os diversos processos de intensificação do superlativo relativo em português contemporâneo, veja-se Maria Manuela Moreno de Oliveira. Processos de intensificação

no português contemporâneo. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 191-202.

253

Observações:

1. *) Quando se compara a qualidade de dois seres, não se deve dizer mais bom, mais mau e mais grande; e sim: melhor, pior e maior. Possível, no entanto, usar as formas analíticas desses adjetivos quando se confrontam duas qualidades do mesmo ser:

Ele foi mais mau do que desgraçado.

Ele é bom e inteligente; mais bom do que inteligente.

Em lugar de menor usa-se também mais pequeno, que é a forma preferida em Portugal.

2. ') A par de ótimo, péssimo, máximo e mínimo, existem os superlativos absolutos regulares: boníssimo e muito bom, malíssimo e muito mau, grandíssimo e muito grande,

pequeníssimo e muito pequeno.

3. ') 'Grande e pequeno possuem dois superlativos: o maior ou o máximo e o menor ou o mínimo.

4. ') Alguns comparativos e superlativos não têm forma normal usada:

COMPARATIVO	SUPERLATIVO			
superior	inferior	anterior posterior ulterior	supremo ou ínfimo	sumo
	postumo	último		

As formas superior e inferior, supremo (ou sumo) e ótimo podem ser empregadas como comparativo e superlativo de alto e baixo, respectivamente.

ADJETIVOS QUE NÃO SE FLEXIONAM EM GRAU

Vimos que os chamados ADJETIVOS DE RELAÇÃO não se flexionam em grau. O mesmo se dá com os outros adjetivos de tipo classificatório, entre os quais se incluem os pertencentes às terminologias científicas, que se caracterizam por seu sentido específico, unívoco. Assim: atmosférico, morfológico, ovíparo, ruminante, síncrono, etc.

Para que um adjetivo tenha comparativo e superlativo, é obviamente indispensável que o seu sentido admita variação de intensidade.

254

EMPREGO DO ADJETIVO

FUNÇÕES SINTÁTICAS DO ADJETIVO1

A rigor, o ADJETIVO só existe referido a um substantivo. Conforme se estabelece a relação entre os dois termos na frase, o ADJETIVO desempenhará as funções sintáticas

de ADJUNTO ADNOMINAL ou de PREDICATIVO.

Adjetivo em função de adjunto adnominal

Neste caso, o ADJETIVO refere-se, sem intermediário, ao substantivo, a que pode vir posposto ou anteposto. Formam ambos um conjunto significativo, marcado pela unidade

de acento e entoação e pela identidade de função sintática. Assim, no exemplo:

Seus olhos negros me encantam,

o sujeito da oração é não apenas olhos, mas toda a unidade significativa e

acentuai:

Seus olhos negros.

• dentro deste conjunto que o ADJETIVO desempenhar• a fun••o sint•tica ACESS•RIA, portanto secund•ria, de ADJUNTO ADNOMINAL do substantivo olhos, n•cleo do sujeito. Adjetivo em fun••o predicativa

Neste caso, a qualidade expressa pelo ADJETIVO transmite-se ao substantivo por interm•dio de um verbo, que pode estar expl•cito ou impl•cito,

Temos o ADJETIVO em fun••o PREDICATIVA nas seguintes constru•es:

1. PREDICATIVO DO SUJEITO, com verbo de liga••o expl•cito:

A cidade parece encantada.

(C. Drummond de Andrade, CM, 138.)

Doce e brando era o seio de Jesus. . . (A. de Quental, SC, 57.)

1 Sobre a sintaxe do adjetivo em portugu•s, veja-se o trabalho fundamental de Jo•o Malaca Casteleiro. Sintaxe transformadonal do adjectivo: reg•ncia das constru•es completivas. Lisboa, INIC, 1981.

255

2. PREDICATIVO DO SUJEITO, com verbo de liga••o impl•cito:

Misterioso e mau, o Urucan•. Trai•oeiro, aquele jeito inofensivo de correr macio entre os barrancos altos. (M. Palm•rio, VC, 27.)

Estranho aquele casal.

(J. Conde, TC, 33.)

3. PREDICATIVO DO OBJETO DIRETO, com verbo nocional transitivo:

Afasto-me para que ele n•o se sinta tolhido, quero-o livre.

(L. Fagundes Telles, DA, 144.)

Alguns julgaram-no inocente do crime assacado. (C. Castelo Branco, OS, l, 1127.)

4. PREDICATIVO DO OBJETO INDIRETO, com verbo nocional transitivo:

Na escola a professora tamb•m lhe chama teimoso. (Alves Redol, C, 24.)

A mulher, Juliana Gouveia, toma ar aborrecido e chama-lhe antip•tico.

(C. dos Anjos, DR, 10.)

5. PREDICATIVO DO SUJEITO, com verbo nocional intransitivo:

A casa-grande respirava tranquila.

(J. Lins do Rego, MV A, 275.)

As palavras rolaram n•tidas, desamparadas.

(C. de Oliveira, AC, 10.)

O mar palpita enorme.

(A. F. Schmidt, GB, 411.)

Nesta •ltima constru•o, o ADJETIVO encerra sempre, mais ou menos acentuada, uma no•o adverbial.

256

DIFEREN•A FUNDAMENTAL

A diferen•a entre o ADJETIVO em fun••o de ADJUNTO ADNOMINAL e o ADJETIVO em fun••o de PREDICATIVO baseia-se, principalmente, em dois pontos:

11?) O primeiro • TERMO ACESS•RIO da ora•o, parte de um TERMO ESSENCIAL ou INTEGRANTE dela; o segundo •, por si pr•prio, um TERMO ESSENCIAL da ora•o.

Se diss•ssemos, por exemplo:

O campo • imenso,

o adjetivo predicativo n•o poderia faltar, pois, sendo TERMO ESSENCIAL, sem ele a ora•o n•o teria sentido. Se diss•ssemos, no entanto:

O campo imenso est• alagado,

o adjetivo imenso seria parte do sujeito, uma dispens•vel qualifica•o do substantivo que lhe serve de n•cleo, um TERMO, por conseguinte, ACESS•RIO da ora•o.

29) A qualidade expressa por um adjetivo em fun••o PREDICATIVA vem marcada no tempo, e por essa rela•o cronol•gica entre a qualidade e o ser • respons•vel o verbo

que liga o adjetivo ao substantivo. Comparem-se estas frases:

O bom aluno estuda.

Ele est• nervoso, mas era calmo.

Na primeira, acrescentamos a noção de bom e de aluno sem termos em mente qualquer referência e ideia de tempo. Já na segunda, as noções expressas pelos adjetivos nervoso e calmo são por nós atribuídas ao sujeito com a situação de tempo marcada pelo verbo: nervoso, no presente; calmo, no passado.

EMPREGO ADVERBIAL DO ADJETIVO

I. Examinemos as seguintes orações:

O menino dorme tranquilo. A menina dorme tranquila. Os meninos dormem tranquilos. As meninas dormem tranquilas.

257

Vemos que, nelas, o adjetivo em função predicativa concorda em gênero e número com o substantivo sujeito. Mas verificamos, por outro lado, que, servindo embora de predicativo do sujeito, com o qual concorda, o adjetivo modifica em todas elas a ação expressa pelo verbo e assume, de alguma forma, um valor também adverbial. Esse valor naturalmente será o preponderante se, em lugar daquelas construções, usarmos as seguintes:

O menino dorme tranquilamente. A menina dorme tranquilamente. Os meninos dormem tranquilamente. As meninas dormem tranquilamente.

Aqui, a forma adverbial, invariável, impede a possibilidade de concordância, justamente o elo que prendia o adjetivo ao sujeito, e, com isso, faz aflorar com toda

a nitidez o modo por que se processa a ação indicada pelo verbo dormir.

2. Esse emprego do adjetivo em predicados verbo-nominais, com valor fronteiro de advérbio, que nos vai explicar o fenômeno, hoje muito generalizado, da adverbialização

de adjetivos sem o acréscimo do sufixo -mente.

Por exemplo, nestas orações:

D. Felismina sorriu amarelo.

(Machado de Assis, OC, II, 519.)

Tinham-se habituado a falar baixo. (C. de Oliveira, CD, 56.)

as palavras amarelo e baixo são advérbios.

Observação:

Embora o adjetivo adverbializado deva permanecer invariável, não faltam abonações, mesmo em bons autores, de sua concordância com o sujeito da oração, fato justificável

pela ampla zona de contacto existente, no caso, entre o adjetivo e o advérbio.

O adjetivo meio, por exemplo, tornado advérbio quando modifica outro adjetivo,

aparece não raro em concordância com um substantivo da oração:

Estes homens rudes combatiam meios nus e desprezavam todas as precauções de guerra.

(A. Herculano, E, 93.)

Maria necessitava de apoio, meia espantada, meia grata, deixou-se levar.

(M. de Andrade, Ol. 64.)

258

VALOR ESTILÍSTICO DO ADJETIVO

Como elemento fundamental para a caracterização dos seres, o ADJETIVO (ou qualquer expressão adjetiva) desempenha importante papel naquilo que falamos ou escrevemos.

É ele que nos permite configurar os seres ou os objetos tal como a nossa inteligência os distingue, nomeando-lhes as peculiaridades objetiva-mente apreensíveis.

Ex.:

rapaz alto muro de pedra

mesa redonda templo barroco

É ele que nos permite expressar os seres e os objetos enriquecidos pelo que nossa imaginação e sensibilidade lhes atribui. Assim:

moça exuberante caráter difícil

estupenda paisagem ambiente acolhedor

Portanto, quer para a precisão do enunciado, quer para a sua expressividade, o adjetivo impõe-se como termo imprescindível, mas a exigir de quem dele se utilize

cuidados especiais, principalmente bom senso e bom gosto.

COLOCAÇÃO DO ADJETIVO ADJUNTO ADNOMINAL

1. Sabemos que, na oração declarativa, prepondera a ORDEM DIRETA, que corresponde à sequência progressiva do enunciado lógico.

Como elemento acessório da oração, o adjetivo em função de ADJUNTO ADNOMINAL deverá, portanto, vir com maior frequência depois do substantivo que ele qualifica.

2. Mas sabemos, também, que ao nosso idioma não repugna a ORDEM chamada INVERSA, principalmente nas formas afetivas da linguagem, e que a anteposição de um termo, de regra, uma forma de realçá-lo.

3. Podemos, então, estabelecer previamente que:

a) sendo a sequência SUBSTANTIVO + ADJETIVO a predominante no enunciado lógico, deriva daí a noção de que o adjetivo posposto possui valor objetivo:

noite escura rapaz bom
dia triste campos verdes

259

fr) sendo a sequência ADJETIVO -f- SUBSTANTIVO provocada pela ênfase dada ao qualificativo, decorre daí a noção de que, anteposto, o adjetivo assume um valor subjetivo:

escara noite bom rapaz
triste dia verdes campos

Adjetivo posposto ao substantivo

Colocam-se normalmente depois do substantivo: a) os adjetivos de natureza classificatória, como os técnicos e os de relação, que indicam uma categoria na espécie

designada pelo substantivo:

animal doméstico flor silvestre
água mineral deputado estadual

b) os adjetivos que designam características muito salientes do substantivo, tais como forma, dimensão, cor e estado:

terreno plano homem baixo
calça preta mamoeiro carregado

r) os adjetivos seguidos de um complemento nominal:

um programa fácil de cumprir
uma providência necessária ao ensino

Adjetivo anteposto ao substantivo

1. De um modo constante, só se colocam antes do substantivo:

a) os superlativos relativos: o melhor, o pior, & maior, o menor:

O melhor meio de ganhar & poupar.
O maior castigo da injúria & havê-la feito.

b) certos adjetivos monossilábicos que formam com o substantivo expressões equivalentes a substantivos compostos:

O pior cego & o que não quer ver. O menor descuido pode ser fatal. O mar palpita enorme, bom dia m& hora

260

c) adjetivos que nesta posição adquiriram sentido especial, como simples (= mero, só, único); comparem-se:

Nessa ocasião ele era um simples escrevente [= um mero escrevente].

Este escritor tem um estilo simples [= um estilo não complexo].

2. Afora esses casos, o adjetivo anteposto assume, em geral, um sentido figurado. Comparem-se, por exemplo:

um grande homem [= grandeza figurada] um homem grande [= grandeza material] uma pobre mulher [= uma mulher infeliz] uma mulher pobre [= uma mulher sem recursos]

COLOCAÇÃO DO EPÍTETO RETÓRICO

O chamado EPÍTETO RETÓRICO serve:

a) para acentuar uma parte do significado do substantivo com o qual se relaciona (EPÍTETO DE NATUREZA), e, neste caso, pode vir posposto ou anteposto ao substantivo,

embora a primeira colocação seja a mais frequente:

a branca neve

a noite escura

•) para exprimir uma conhecida qualidade distintiva e individual de um nome próprio (EPÍTETO CARACTERÍSTICO), caso em que vem sempre anteposto ao substantivo: o sábio Nestor

a fiel Penélope

A posposição do qualificativo, nesses exemplos, transformaria o epíteto característico num mero adjetivo classificatório.

Observação:

Encontrar o adjetivo preciso e colocá-lo adequadamente junto ao substantivo que qualifica é sempre uma operação artística. Com razão dizia o poeta Vicente Huidobro:

"O adjetivo, quando não dá vida, mata". A propósito, convém meditar nesta advertência de Samuel Gili y Gaya:

261

"A preferência por uma ou outra posição [do adjetivo], quando as condições lógicas não exigem colocação fixa, é um elemento de caracterização de um estilo, sempre que esteja internamente vivida; ocorre não raro, porém, que apenas pelo afeto de dar à linguagem um matiz literário, próprio do estilo elevado e declamatório, alguns escritores principiantes, ou pouco sinceros, antepõem sistematicamente os adjetivos." (Curso superior de sintaxis espanhola, 5. ed., Barcelona, Ediciones Spes, 1955, p. 195.)

OUTRAS FORMAS DE REALCE DO ADJETIVO

1. Para realçar a caracterização do ser ou do objeto, costumam os escritores não só antepor o adjetivo ao substantivo, mas também:

a) estabelecer uma pausa entre o adjetivo e o substantivo, o que se marca, na escrita, pela colocação do adjetivo entre vírgulas:

A 15 de novembro Floriano Peixoto, doente, deixou o governo.

(G. Ramos, AOH, 183.)

E o Negrinho, sarado e risonho, pulando de em pélo e sem rodeas, no baio, chupou o beijo e tocou a tropilha a galope.

(Simões Lopes Neto, CGLS, 334.)

b) repetir intencionalmente o adjetivo, que é, como vimos, uma das formas de superlativo-lo:

Por teus olhos negros, negros

Trago eu negro o coração

(Almeida Garrett, O, II, 127.)

Oh que duro, duro, duro

ofício de se exprimir!

(C. Drummond de Andrade, R, 160.)

c) separar o adjetivo do substantivo, colocando-o no fim da frase:

D. Quitéria levou a mão ao bolso, pensativa. (F. Namora, TJ, 215.)

Baleia ficou passeando na calçada, olhando a rua, inquieta.

(G. Ramos, VS, 109.)

d) acentuar o sentido do adjetivo por meio de um advérbio-

262

Deixo nessas pobres linhas a minha saudade do homem Camus, tão simples, tão simpático, tão despretensioso na sua glória mundial.

(M. Bandeira, A, 342.)

Trá-la muito bem tratada, muito bem fechada, restos da vida moura.

(R. Brandão, P, 164.)

2. O adjetivo, ou participio, que modifica um pronome substantivo vem sempre numa situação enfática, em razão da pausa notada que separa os dois termos. Por isso, escreve-se isolado por vírgulas:

Eu, louco, amara-te, esttua!

(Guimarães Passos, y S, 37.)

Mas eu, Senhor! . . . Eu, triste, abandonada Em meio das areias esgarrada, Perdida
marcho em voo!

(Castro Alves, OC, 291.)

CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO COM O SUBSTANTIVO

O ADJETIVO, dissemos, varia em gênero e número de acordo com o gênero e o número do SUBSTANTIVO ao qual se refere.

• por essa correspondência de flexões que os dois termos se acham inequivocamente relacionados, mesmo quando distantes um do outro na frase.

Assim:

Eu amo a noite solitária e muda; Como formosa dona em raios paços,
Trajando ao mesmo tempo luto e galas Majestosa e sentida.

(Gonçalves Dias, PCP, 250.)

Disse o mostrengo, e rodou três vezes, Três vezes rodou imundo e grosso... (F. Pessoa, OP, 17.)

Os homens continuam a passar, indiferentes.

(O. Mendes, P, 124.)

263

r

ADJETIVO REFERIDO A UM SUBSTANTIVO

O ADJETIVO, quer em função de ADJUNTO ADNOMINAL, quer em função de PREDICATIVO, desde que se refira a um único substantivo, com ele concorda em gênero e número.

Assim:

O Barão continuava a contar aventuras, pequenos casos que revivia com um prazer doentio.

(Branquinho da Fonseca, B, 27.)

Saiu de cabeça baixa, as mãos cerradas no fundo dos bolsos.

(L. Fagundes Telles, ABV, 51.)

O Antunes andava encantado por todas as razões. (Almada Negreiros, NG, 70.)

A casa ficou vazia.

(A. M. Machado, HR, 231.)

ADJETIVO REFERIDO A MAIS DE UM SUBSTANTIVO

Quando o ADJETIVO se associa a mais de um substantivo, importa considerar:

- a) o GÊNERO dos substantivos;
- b) a FUNÇÃO do adjetivo (ADJUNTO ADNOMINAL ou PREDICATIVO);
- c) a POSIÇÃO do adjetivo (anteposto ou posposto aos substantivos), condições essas que permitem a concordância do adjetivo com os substantivos englobados, ou apenas com o mais próximo.

Examinemos as diversas possibilidades, exemplificando-as.

ADJETIVO ADJUNTO ADNOMINAL O adjetivo vem antes dos substantivos

REGRA GERAL. O ADJETIVO concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo, ou seja, com o primeiro deles:

Vivia em tranquilos bosques e montanhas. Vivia em tranquilas montanhas e bosques.

Tinha por ele alto respeito e admiração. Tinha por ele alta admiração e respeito.

Observação:

Quando os substantivos são nomes próprios ou nomes de parentesco, o ADJETIVO vai sempre para o plural:

Conheci ontem as gentis irmãs e cunhada de Laura.

Portugal cultua os feitos dos heróis Diogo Cão e Bartolomeu Dias.

O adjetivo vem depois dos substantivos

Neste caso, a concordância depende do gênero e do número dos substantivos.

1. Se os substantivos são do mesmo gênero e do singular, o adjetivo toma o gênero (masculino ou feminino) dos substantivos e, quanto ao número, vai:

- a) para o singular (concordância mais comum):

A professora estava com um vestido e um chapéu escuro. Estudo a língua e a literatura portuguesa.

- b) para o plural (concordância mais rara):

A professora estava com um vestido e um chapéu escuros. Estudo a língua e a literatura portuguesas.

2. Se os substantivos são de gêneros diferentes e do singular, o adjetivo pode concordar:

a) com o substantivo mais próximo (concordância mais comum):

A professora estava com uma saia e um chapéu escuro. Estudo o idioma e a literatura portuguesa.

h) com os substantivos em conjunto, caso em que vai para o masculino plural (concordância mais rara):

A professora estava com uma saia e um chapéu escuros. Estudo o idioma e a literatura portugueses.

3. Se os substantivos são do mesmo gênero, mas de números diversos, o adjetivo toma o gênero dos substantivos, e vai: a) para o plural (concordância mais comum):

Ela comprou dois vestidos e um chapéu escuros. Estudo as línguas e a civilização ibéricas.

264

265

6) para o número do substantivo mais próximo (concordância mais rara):

Ela comprou dois vestidos e um chapéu escuro. Estudo as línguas e a civilização ibérica.

4. Se os substantivos são de gêneros diferentes e do plural, o adjetivo vai:

a) para o plural e para o gênero do substantivo mais próximo (concordância mais comum):

Ela comprou saias e chapéus escuros. Estudo os idiomas e as literaturas ibéricas.

b) para o masculino plural (concordância mais rara):

Ela comprou chapéus e saias escuros. Estudo os idiomas e as literaturas ibéricas.

5. Se os substantivos são de gêneros e números diferentes, o adjetivo pode ir:

a) para o masculino plural (concordância mais comum):

Ela comprou saias e chapéu escuros. Estudo os falares e a cultura portuguesas.

fc) para o gênero e o número do substantivo mais próximo (concordância que não é rara quando o último substantivo é um feminino plural):

Ela comprou saias e chapéu escuro. Estudo o idioma e as tradições portuguesas.

Observação:

Quando está em concordância apenas com o substantivo mais próximo, o adjetivo nem sempre caracteriza de forma precisa o substantivo dele distanciado. Por isso, em todas as hipóteses mencionadas, pode-se e deve-se, caso a concordância origine qualquer dúvida, repetir o adjetivo para cada um dos substantivos:

Ela comprou uma saia escura e um chapéu escuro. Estudo os falares portugueses e a cultura portuguesa.

266

ADJETIVO PREDICATIVO DE SUJEITO COMPOSTO

Quando o adjetivo serve de predicativo a um sujeito múltiplo, constituído de substantivos (ou expressões equivalentes), observa, na maioria dos casos, as mesmas

regras de concordância a que está submetido o adjetivo que funciona como adjunto adnominal.

Convém salientar, no entanto, que:

a) se os substantivos sujeitos são do mesmo gênero, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e vai, preferentemente, para o plural, ainda que os substantivos estejam

no singular:

O livro e o caderno são novos.

A porta e a janela estavam abertas.

b) se os substantivos sujeitos são de gêneros diversos, o adjetivo vai, normalmente, para o masculino plural:

O livro e a caneta são novos.

A janela e o portão estavam abertos.

Mas, nos dois casos, é também possível que o adjetivo predicativo concorde com o sujeito mais próximo se o VERBO DE LIGAÇÃO estiver no singular e anteposto aos sujeitos,

como nos exemplos abaixo:

Era novo o livro e a caneta. Estava aberta a janela e o portão.

Observações:

1.) O adjetivo predicativo do objeto direto obedece, em geral, às mesmas regras de concordância observadas pelo adjetivo predicativo do sujeito.

2.) Como as orações, e as palavras tomadas materialmente, se consideram do número singular e do gênero masculino, quando o sujeito é expresso por uma oração (plena ou reduzida), o adjetivo predicativo fica no masculino singular:

É justo que uma nação venere os seus poetas. É honroso morrer pela pátria.

267

11

a palavra teus é pronome substantivo, na primeira, e pronome adjetivo, na segunda.

3. Há seis espécies de pronomes: PESSOAIS, POSSESSIVOS, DEMONSTRATIVOS, RELATIVOS, INTERROGATIVOS E INDEFINIDOS.

PRONOMES

PRONOMES SUBSTANTIVOS E PRONOMES ADJETIVOS

1. Os PRONOMES desempenham na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais. Servem, pois:

a) para representar um substantivo:

Os campos, que suportaram a longa presença solar a queimá-los incessantemente, recebem agora a água abundante com uma gula feliz.

(A. Frederico Schmidt, GB, 294.)

b) para acompanhar um substantivo determinando-lhe a extensão do significado:

Quanto valem, são capaz de dizer? Leques espanhóis, de seda, de alguma bisavô do meu tio cunego, com estas pérolas de prata e ouro!

(F. Namora, TJ, 103.)

No primeiro caso desempenham a função de um substantivo e, por isso, recebem o nome de PRONOMES SUBSTANTIVOS; no segundo chamam-se PRONOMES ADJETIVOS, porque modificam

o substantivo, que acompanham, como se fossem adjetivos.

2. Facilmente, aliás, se distinguem na prática essas duas classes de pronomes, porque os PRONOMES SUBSTANTIVOS aparecem isolados na frase, ao passo que os

PRONOMES

ADJETIVOS se empregam sempre junto de um substantivo, com o qual concordam em gênero e número.

Assim, nas frases:

Lembranças a todos os teus.

(E. da Cunha, OC, II, 646.)

Teus olhos são dois desejos.

(R. Correia, PCP, 109.)

PRONOMES PESSOAIS

Os PRONOMES PESSOAIS caracterizam-se:

1) por denotarem as três pessoas gramaticais, isto é, por terem a capacidade de indicar no colóquio:

a) quem fala é 1ª PESSOA: eu (singular), nós (plural);

b) com quem se fala = 2ª PESSOA: tu (singular), vós (plural);

c) de quem se fala = 3ª PESSOA: ele, ela (singular); eles, elas (plural);

2*) por poderem representar, quando na 3ª pessoa, uma forma nominal anteriormente expressa:

Santas virtudes primitivas, ponde Bônitos nesta Alma para que ela se una A Deus, e vós, sabendo bem por onde. . . (A. de Guimaraens, OC, 149.)

Levantaram Dona Rosário, quiseram levantá-la, embora ela se opusesse, choramingasse um pouco, dissesse que não lhe era possível fazê-lo.

(M. J. de Carvalho, AV, 137.)

3) por variarem de forma, segundo: a) a função que desempenham na oração; b) a

acentuação que nela recebem.

Observação:

A pessoa com quem se fala pode ser expressa também pelos chamados PRONOMES DE TRATAMENTO, que se constroem com o verbo na 3.ª pessoa. Veja-se o que sobre essas

formas e o seu emprego escrevemos adiante.

FORMAS DOS PRONOMES PESSOAIS

Quanto à função, as formas do pronome pessoal podem ser RETAS ou OBLÍQUAS. RETAS, quando funcionam como sujeito da oração; OBLÍQUAS, quando nela se empregam fundamentalmente

como objeto (direto ou indireto).

Quanto à acentuação, distinguem-se nos pronomes pessoais as formas

TÔNICAS das ATÔNICAS.

268

269

O quadro abaixo mostra claramente a correspondência entre essas formas:

	PRONOMES PESSOAIS RETOS			PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS			
REFLEXIVOS	ATÔNICOS			TÔNICOS			
Singular	1.ª pessoa	2.ª pessoa	3.ª pessoa	eu	tu	ele, ela	me
mim, comigo	te		ti, contigo	o, a.			
lhe	ele, ela						
Plural	1.ª pessoa	2.ª pessoa	3.ª pessoa	nós	vós	eles, elas	
nos	nós, conosco	vos		vós, convosco	os.		

as. lhes eles, elas

FORMAS O, LO E NO DO PRONOME OBLÍQUO

Quando o pronome oblíquo da 3ª pessoa, que funciona como objeto direto, vem antes do verbo, apresenta-se sempre com as formas o, a, os, as. Assim:

Não o ver para mim um suplício. Nunca a encontramos em casa. João ainda não fez anos; ele os faz hoje. Eles as trouxeram consigo.

Quando, porém, está colocado depois do verbo e se liga a este por hífen (PRONOME ENCLÍTICO), a sua forma depende da terminação do verbo. Assim:

1) Se a forma verbal terminar em VOGAL ou DITONGO ORAL, empregam-se o, a, os, as:

Louvo-o Louvava-a

Louvei-os Louvou-as

L

2) Se a forma verbal terminar em -r, -s ou -z, suprimem-se estas consoantes, e o pronome assume as modalidades Io, Ia, los. Ias, como nestes exemplos:

270

Vol-o para mim um suplício. Encontramo-la em casa. João ainda não fez anos; fê-los hoje. Não quero vendê-las.

O mesmo se dá quando ele vem posposto ao designativo eis ou aos pronomes nos e vos:

Ei-lo sorridente.

O nome não vo-lo direi

3) Se a forma verbal terminar em DITONGO NASAL, o pronome assume as modalidades no, na, nos, nas.

Dão-no Põe-na

Tem-nos

Trouxeram-nas

São também estas as formas que o pronome costuma apresentar, na linguagem popular e na literatura popularizante de Portugal, depois dos advérbios não e bem, assim como dos pronomes quem, alguém, ninguém e outras palavras terminadas em ditongo nasal:

E assim pedia, num tão tamanho, Não no tirassem lá donde estava. (A. Nobre, 5, 77.)

Neto sou de quem no sou!

(J. Régio, F. 13.)

Observações:

t.)* As formas antigas do pronome oblóquo objeto direto eram lo(s) e la(s), provenientes do acusativo do demonstrativo latino il/e, Ma, illud (= aquele, aquela, aquilo). Pospostas a formas verbais terminadas em -r, -s ou -z, o seu /- inicial assimilou aquelas consoantes, que depois desapareceram:

fazer-lo > fazei-lo > faz-lo
fazes-lo > fazei-lo > faze-lo
fiz-lo > fil-lo > fi-lo

Igual assimilarão sofreu o -s de eis, nos e vos, quando em contato com o /- do pronome.

2.)* Com as formas verbais terminadas em nasal, a nasalidade transmitiu-se ao do pronome, que passou a n-:

fazem-lo > fazem-no façam-to > façam-no

271

J.)* No futuro do presente e no futuro do pretérito o pronome oblóquo não pode ser ENCLÍTICO, isto é, não pode vir depois do verbo. De-se, então, a MESCLISE do pronome, ou seja, a sua colocação no interior do verbo. Justifica-se tal colocação por terem sido estes dois tempos formados pela justaposição do infinitivo do verbo

principal e das formas reduzidas, respectivamente, do presente e do imperfeito do indicativo do verbo haver. O pronome empregava-se depois do infinitivo do verbo principal, situação que, em última análise, ainda hoje conserva. E, como todo infinitivo termina em -r, também nos dois tempos em causa desaparece esta consoante

e o pronome toma as formas Io, Ia, los, Ias. Assim:

FUTURO DO	PRESENTE	FUTURO DO	PRETÉRITO
vender-(h)ei	vendo-lo-ei	vender-(h)ia	vendo-lo-ia
vender-(h)os	vendo-lo-os	vender-(h)ias	vendo-lo-ias
vender-(h)ô	vendo-lo-ô	vender-(h)ôa	vendo-lo-ia
vender-(h)emos	vendo-lo-emos	vender-(h)ôamos	vendo-lo-ôamos
vender-(h)eis	vendo-lo-eis	vender-(h)ôeis	vendo-lo-ôeis
vender-(h)ôo	vendo-lo-ôo	vender-(h)iam	vendo-lo-iam

4.)* Quanto às normas que se observam no emprego proclítico, enclítico ou mesoclitico destes pronomes, veja-se o que dizemos adiante, ao tratarmos da COLOCAÇÃO DOS

PRONOMES OBLÓQUOS TONOS.

PRONOMES REFLEXIVOS E RECÍPROCOS

1. Quando o objeto direto ou indireto representa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o sujeito do verbo, ele é expresso por um PRONOME REFLEXIVO.

O REFLEXIVO apresenta três formas próprias: se, si e consigo, que se aplicam tanto à 3ª pessoa do singular como à do plural:

Ele vestiu-se rapidamente.

Ela fala sempre de si.

O pintor não trouxe o quadro consigo.

Eles vestiram-se rapidamente.

Elas falam sempre de si.

Os pintores não trouxeram os quadros consigo.

Nas demais pessoas, as suas formas identificam-se com as do pronome oblóquo: me, te, nos e vos.

Eu me feri. Tu te lavas. Nós nos vestimos. Vós vos levantai.

2. As formas do REFLEXIVO nas pessoas do plural (nos, vos e se) empregam-se também para exprimir a reciprocidade da ação, isto é, para indicar que a ação é mútua entre dois ou mais indivíduos. Neste caso, diz-se que o pronome é RECÍPROCO.

Carlos e eu nos abraçamos.

Vós vos quereis muito.

José e António não se cumprimentam.

3. Como são idênticas as formas do pronome recíproco e do reflexivo, pode haver ambiguidade com um sujeito plural. Por exemplo, uma frase como a seguinte:

Joaquim e Pedro enganaram-se.

pode significar que o grupo formado por Joaquim e Pedro cometeu o engano, ou que Joaquim enganou Pedro e este a Joaquim.

Costuma-se remover a dúvida fazendo-se acompanhar tais pronomes de expressões reforçativas especiais. Assim:

a) para marcar expressamente a ação reflexiva, acrescenta-se-lhes, conforme a pessoa, a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, etc.:

Joaquim e Pedro enganaram-se a si mesmos.

f) para marcar expressamente a ação recíproca, junta-se-lhes, ou uma expressão pronominal, como um ao outro, uns aos outros, entre si:

Joaquim e Pedro enganaram-se entre si. Joaquim e Pedro enganaram-se um ao outro. ou um advérbio como reciprocamente, mutuamente:

Joaquim e Pedro enganaram-se mutuamente.

Não raro, a reciprocidade da ação esclarece-se pelo emprego de uma forma verbal derivada com o prefixo entre-:

As duas entreolharam-se e Luísa atendeu. (Coelho Netto, OS, I, 67.)

Marido e mulher entreolharam-se.

(V. Nêscio, MTC, 360.)

272

273

EMPREGO DOS PRONOMES RETOS

FUNÇÕES DOS PRONOMES RETOS *

1. Os PRONOMES RETOS empregam-se como:

a) SUJEITO:

Eu era a desdenhosa, a indiferente. (F. Espanca, S, 55.)

Nós vamos em busca de luz.

(Agostinho Neto, SE, 36.)

Se os nós, meu pai, eu vou contigo .

(A. de Guimaraens, OC, 58.)

b) PREDICATIVO DO SUJEITO:

Trata-se do seguinte: eu não sou mais eu! Revoguei-me a mim mesmo.

(A. M. Machado, Cy, 150.)

Meu Deus!, quando serei tu?

(J. Régio, ED, 157.)

2. Tu e vós podem ser VOCATIVOS:

Ó tu, Senhor Jesus, o Misericordioso. De quem o Amor sublime enaltece o Universo.

. . (A. de Guimaraens, OC, 313.)

Ó vós, que, no silêncio e no recolhimento Do campo, conversais a sós, quando anoitece. . . (O. Bilac, P. 158.)

Observação:

Na linguagem popular ou popularizante de Portugal aparece por vezes um pronome ele expletivo, que funciona como sujeito gramatical de um verbo impessoal, e semelhante

do francês H (U y a):

Ele haveria no mundo nada mais acertado. (M Torga. CM. 24.)

Ó Pois ele pode haver maior colondrina por esses mundos fora. (A. Ribeiro. M, 102 l

274

Ó Ele há tanta mulher por aí!... (F. Namora, T/. 258.)

Ó provável que este pronome expletivo tenha vitalidade em outras áreas do idioma, pois aparece na pena de um escritor angolano:

Ele há tantas amarguras!

(Agostinho Neto, SE, 99.)

Os raríssimos exemplos que dele se colhem em escritores brasileiros, como este de Machado de Assis:

Que ele também há eleições no Amazonas; e o tempo da salga política, a quadra das

barracas e dos regatões. (OC, II, 698.)
representam simples imitação da construção portuguesa.

OMISSÃO DO PRONOME SUJEITO

Os pronomes sujeitos eu, tu, ele (ela), nós, vós, eles (elas) são normalmente omitidos em português, porque as desinências verbais bastam, de regra, para indicar

a pessoa a que se refere o predicado, bem como o número gramatical (singular ou plural) dessa pessoa:

ando rimos
escreves partistes
dormiu voltaram

PRESENÇA DO PRONOME SUJEITO Emprega-se o pronome sujeito:

a) quando se deseja, enfaticamente, chamar a atenção para a pessoa do sujeito:
Eu, naufraga da vida, ando a morrer! (F. Espanca, S, 31.)

Sim! tu sabes ligar-me a todos os teus crimes. Tu me sopras todos os pensamentos maus, tu me apontas o abismo. . . (Castro Alves, OC, 643.)

b) para opor duas pessoas diferentes:

Abraçamo-nos ambos contristados, Ele, porque hei de ser, como eu, um velho, E eu, por ter sido jó, como ele, um moço. (E. de Castro, UV, 68.)

275

Eu calo-me e tu descantas,
Eu rojo e tu te levantas,
Tu és livre e escrava eu sou! . . .

(Castro Alves, OC, 273.)

c) quando a forma verbal e comum 1ª e 3ª pessoa do singular e, por isso, se torna necessário evitar o equívoco:

Eu preciso que eu repita o que ele disse? Ele precisa que ele repita o que eu disse?

EXTENSÃO DE EMPREGO DOS PRONOMES RETOS

Na linguagem formal certos pronomes retos adquirem valores especiais. Enumeremos os seguintes:

1. O plural de modéstia. Para evitar o tom impositivo ou muito pessoal de suas opiniões, costumam os escritores e os oradores tralhar-se por nós em lugar da forma

normal eu. Com isso, procuram dar a impressão de que as ideias que expõem são compartilhadas por seus leitores ou ouvintes, pois que se expressam como portavozes

do pensamento coletivo. A este emprego da 1ª pessoa do plural pela correspondente do singular chamamos PLURAL DE MODÉSTIA.

Comparem-se estes exemplos:

Algumas [cantigas], mas poucas, foram por nós colhidas da boca do Povo.
(J. Cortesão, CP, 12.)

As ocupações oficiais em que nos achamos desde 1861 a 1867, quer nas repúblicas de Venezuela, Equador, Peru e Chile, quer nas próprias Antilhas, não nos deram muita ocasião de pensar em semelhante edição, para a qual até aí nos faltavam auxílios.
(F. A. Varnhagen, CTA, 9.)

Advirta-se que, quando o sujeito nós é um PLURAL DE MODÉSTIA, o predicativo ou participio, que com ele deve concordar, costuma ficar no singular, como se o sujeito

fosse efetivamente eu. Assim, em vez de:

Fiquei perplexo com o que ele disse.

276

podemos dizer

Ficamos perplexo com o que ele disse.

2. O plural de majestade. O pronome nós era usado outrora pelos reis de Portugal e ainda hoje o é pelos altos dignitários da Igreja e como símbolo de grandeza e poder de suas funções:

Nós, Dom Fernando, pela graça de Deus Rei de Portugal e do Algarve, fazemos saber. . .

o que se chama PLURAL DE MAJESTADE.

Observa o:

De início, o nós majestático deveria ser uma f rmula de modestia: o rei a confundir-se com a na o, que falava por sua boca. Também na Igreja seria, no princípio,

uma forma de humildade: os prelados a solidarizarem-se com os seus fiéis dentro de uma comunidade mediante o emprego do nós. Mas, perdido o valor originário, este plural com que superiores se dirigiam a inferiores veio a ser sentido como uma enfática expressão de grandeza, de poder, de majestade do cargo.

3. F rmula de cortesia (3  pessoa pela 1 ). Quando iu/emos um requerimento, por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, tratamo-nos a nós próprios pela 3a pessoa,

e não pela 1a:

Fulano de tal, aluno desse Colégio, requer a V. S? se digne de mandar passar por certidão as notas mensais por ele obtidas no presente ano letivo.

O emprego da 1a pessoa:

Eu, Fulano de tal, requeiro. . .

soa-nos como uma descortesia de nossa parte para com aquele a quem nos endereçamos. Não seria propriamente um pedido que lhe fanamos, e sim uma exigência r spida

de igual para igual.

4. O v s de cerim nia. O pronome v s praticamente desapareceu da linguagem corrente do Brasil e de Portugal. Mas em discursos enfáticos alguns oradores ainda se

servem da 2  pessoa do plural para se dirigirem cerimoniosamente a um auditório qualificado.

277

Veja-se este passo com que Olavo Bilac termina o seu discurso de ingresso na Academia das Ciências de Lisboa:

Ainda de longe, pensarei em v s, e pensarei convosco. Serei um dos menores sacerdotes do culto que nos congrega: o da nossa história e da nossa língua. E,  

do brilho que vos posso dar, poderei dar-vos o fervor da minha cren n e a honestidade do meu labor. (DM, 56.)

Observa es:

1.*) V s. com referência a uma só pessoa, normal como tratamento de 'cerim nia em português antigo e clássico, emprega-se ainda, vez por outra, em linguagem literária

de tom arcaizante para expressar distância, apreço social:

Por vós e'todo o nosso temor. Por v s, que sois o nosso rei! (| R gio. ERS. 93.)

  Não percebeis v s que a prudência é para mim um dever? (Gonçalves Dias. PCPE. 709)

2.") V s foi. durante muito tempo, a forma normal por que os católicos portugueses e brasileiros se dirigiam a Deus. tratamento que ainda prevalece entre cies:

Pai nosso que estais no Céu. . . No culto reformado, adota-se a forma tu:

Pai nosso que estás no céu . . .

Na linguagem poética, este tratamento alterna com v s, desde a época medieval, e é o predominante no português contemporâneo':

Não é mortal o que eu em ti adoro. Que  s tu aqui? olhar de piedade. Gota de mel em taça de venenos. . . (A de Quental, S. 3.)

Se te pedir piedade, d -me lume a comer. Que com pontas de fogo o podre se adormenta. O teu perdão de Pai ainda não pode ser. Mas lembre-te que   fraca a alma que

aguenta. (V Nemésio. VM. 90.)

' Veja-se, a propósito, Luís Filipe Lindley Cintra. Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa Lisboa, Horizonte, 1972, p. 75-122.

278

Tu, Senhor, tu meu Deus, tu me recebe Na tua santa glória, alarga as asas Do teu santo perdão, que ao teu conspecto Humilhado me sinto, como a grama.

(Gonçalves Dias, PCPE. 467.)

Deus! Deus! onde estás que r ao respondes? Em que mundo, em qu'estrela tu ('escondes Embuçado nos céus?

(Castro Alves. OC. 290.)

Senhor Deus dos desgraçados! Dizei-me vós, Senhor Deus! Se é loucura... se é verdade Tanto horror perante os céus...

(Castro Alves, OC, 281.)

REALCE DO PRONOME SUJEITO

Para dar ênfase ao pronome sujeito, costuma-se reforçá-lo:

a) seja com as palavras mesmo e próprio:

Eu mesmo serás o novo Hércules.

(Machado de Assis, OC, II, 548.)

Muitas vezes eu próprio me sinto ser o que ela pensa que eu sou.

(A. Abelaira, B, 129.)

b) seja com a expressão invariável que:

Eu é que lhe devia pedir desculpas de minha irritação. (R. M. F. de Andrade, V, 124.)'

Vocês é que morrem, meu alferes, mas nós é que pagamos. (Luandino Vieira, NM, 63.)

As dores é que eram de matar. . . (M. Torga, CM, 72.)

PRECEDÊNCIA DOS PRONOMES SUJEITOS

Quando no sujeito composto há um da 1ª pessoa do singular (eu), é boa norma de civilidade colocá-lo em último lugar:

Carlos, Augusto e eu fomos promovidos.

279

Se, porém, o que se declara contém algo de desagradável ou importa responsabilidade, por ele devemos iniciar a série:

Eu, Carlos e Augusto fomos os culpados do acidente.

Observação:

Convém usar com extrema parcimônia as formas pronominais da 1.ª pessoa do singular, especialmente a forma reta eu. O seu emprego imoderado deixa-nos sempre uma penosa

impressão de imodéstia de quem o pratica.

Não nos devemos esquecer de que as palavras que 'designam sentimentos exagerados da própria personalidade começam sempre por ego, que era a forma latina do pronome

eu. Assim: egoísmo, egocêntrico, egolatra, egotismo.

EQUÍVOCOS E INCORREÇÕES

1. Como o pronome ele (ela) pode representar qualquer substantivo anteriormente mencionado, convém ficar bem claro a que elemento da frase ele se refere.

Por exemplo, uma frase como:

Alvaro disse a Paulo que ele chegaria primeiro.

é ambígua, pois ele pode aplicar-se tanto a Alvaro como a Paulo.

2. Por outro lado, não devemos empregar o pronome ele (ela) para substituir um substantivo que, com sentido indeterminado, se fixou em expressões feitas, como falar

verdade, pedir perdão, etc.

Assim, não estariam bem construídas as frases:

Falaste verdade; ela me comoveu. É Pedi perdão; ele me foi concedido.

3. Se, no entanto, o substantivo estiver determinado, isto é, se não mais pertencer a uma daquelas fórmulas fixas, tem perfeito cabimento o emprego do pronome. Assim:

Falaste a verdade; ela me comoveu. Pedi o seu perdão; ele me foi concedido.

280

4. Na fala vulgar e familiar do Brasil é muito frequente o uso do pronome ele(s), ela(s) como objeto direto em frases do tipo:

Vi ele.

Encontrei ela.

Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta em escritores portugueses dos séculos XIII e XIV², deve ser hoje evitada.

5. Convém, no entanto, não confundir tal construção com outras, perfeitamente legítimas, em que o pronome em causa funciona como objeto direto.

Assim:

a) quando, antecedido da preposição a, repete o objeto direto enunciado pela forma normal tona (o, a, os, as):

Não sei se elas me compreendem

Nem se eu as compreendo a elas.

(F. Pessoa, OP, 160.)

Temia-a, a ela, a mulher que o guiava. (Guimarães Rosa, PE, 126.)

b) quando precedido das palavras todo ou só:

Ricas prendas! Todas elas Me deu ele; sim, donzelas... Oue não vo-lo negarei!

(J. de Deus, CF, 65.)

Conheço bem todos eles.

(H. Sales, DBFM, 150.)

1 Veja-se especialmente J. Mattoso Câmara Jr. Ele comme un accusatif dans le portugais du Brésil. In Miscelânea homenagem a André Martinet: estruturalismo e historia,

t. 1. La Laguna, Universidad de La Laguna, 1957, p. 39-46; artigo reproduzido, em tradução portuguesa, nos Dispersos. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas. 1972,

p. 47-53.

2 Sobre o emprego do pronome ele(s), ela(s) como objeto direto em português arcaico, leiam-se: Epifânio Dias. Syntaxe histórica portuguesa, 2. ed. Lisboa, Clássica

Editora. 1933. p. 71; Joseph Huber. Altportugiesisches Elementarbuch. Heidelberg, Carl Winter. 1933. p. 150; Sousa da Silveira, Trechos Seletos. 4.ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938. p 40 e 50

281

~

CONTRAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES DE E EM COM O PRONOME RETO DA 3ª PESSOA

As preposições de e em contraem-se com o pronome reto da 3ª pessoa ele(s), ela(s), dando, respectivamente, dele(s), dela(s) e nele(s), nela (s).

A pasta de dele, e nela está o meu caderno.

de norma, porém, não haver a contração quando o pronome de sujeito; ou, melhor dizendo, quando as preposições de e em se relacionam com o infinitivo, e não com o pronome. Assim:

O milagre de ele existir tinha-se dado já, no momento em que a mulher lhe anunciara a gravidez. (M. Torga, CM, 74.)

Para que há de ele desconfiar de nós e maltratar-te? (Machado de Assis, CO, I, 690.)

Pouco depois de eles saírem, levantei-me da mesa. (L. B. Honwana, NMCT, 96.)

PRONOMES DE TRATAMENTO

1. Denominam-se PRONOMES DE TRATAMENTO certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: você, o senhor, Vossa Excelência.

Embora designem a pessoa a quem se fala (isto é, a 2ª), esses pronomes levam o verbo para a 3ª pessoa:

Onde é que vocês vão?

(Luandino Vieira. NM, 78.)

Vossa Reverendíssima faz isso brincando, disse o principal dos festeiros. (Machado de Assis, OC, II, 550.)

Vossa Senhoria, senhor Comendador, terá de perdoar (A. Ribeiro, M, 354.)

2. Convém conhecer as seguintes formas de tratamento reverente e as abreviaturas com que são indicadas na escrita.

ABREV TRATAMENTO USADO PARA:

V. A.	Vossa Alteza	Príncipes, arquidukes, duques
V. Em.ª	Vossa Eminência	Cardeais
V. Ex.ª	Vossa Excelência	No Brasil: altas autoridades do Governo e oficiais gerais das Forças Armadas; em Portugal: qualquer pessoa a quem se quer manifestar grande respeito.
V. Mag.ª	Vossa Magnificência	Reitores das Universidades
V. M.	Vossa Majestade	Reis, imperadores
V. Ex.ª Rev.mª	Vossa Excelência Reverendíssima	Bispos e arcebispos
V. P.	Vossa Paternidade	Abades, superiores de conventos
V. Rev.ª	Vossa Reverência	
	ou	Sacerdotes em geral
V. Rev.ª	Vossa Reverendíssima	
V. S.	Vossa Santidade	Papa
V. S.ª	Vossa Senhoria	Funcionários públicos graduados, oficiais até coronel; na linguagem escrita do Brasil e na popular de Portugal, pessoas de cerimônia.

Observações:

J.1) Como dissemos, estas formas aplicam-se à 2.ª pessoa, àquela com quem falamos; para a 3.ª pessoa, aquela de quem falamos, usam-se as formas Sua Alteza, Sua Eminência, ele. Mas as últimas podem empregar-se com o valor das primeiras, como expressão de máxima cerimônia, mormente quando seguidas de apostrofo que contenha um título determinado por artigo. Assim, em lugar de:

É lícito dizer-se:

Vossa Excelência, Senhor Ministro, aprova a medida?

Sua Excelência, o Senhor Ministro, aprova a medida?

2.ª) Em princípio, os pronomes de tratamento da 2.ª pessoa devem acompanhar o verbo para evitar confusão com o sujeito da 3.ª pessoa:

Seu irmão cantava, e você acompanhava. Vossa Reverência já leu este livro?

Esta norma é naturalmente observada com maior rigor na linguagem escrita, pois na comunicação oral as possíveis dúvidas são muitas vezes eliminadas pela própria situação

282

283

Não é, porém, necessário repetir tais pronomes quando funcionam como sujeito de vários verbos consecutivos.

Você parece que não está com nenhuma vontade de ver aquele finório, não é?

(A. Callado, MC, 104.)

Quer V. Ex.ª dizer que antes queria escrever uma bonita página do que receber assim perto de quinhentas libras? (Eça de Queirós, O. II, 176-177.)

EMPREGO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO DA 2ª PESSOA

1. Tu e você. No português europeu normal, a pronome tu é empregado como forma própria da intimidade. Usa-se de pais para filhos, de avós ou tios para netos e sobrinhos, entre irmãos ou amigos, entre marido e mulher, entre colegas de faixa etária igual ou próxima. O seu emprego tem-se alargado, nos últimos tempos, entre colegas de estudo ou da mesma profissão, entre membros de um partido político e até, em certas famílias, de filhos para pais, tendendo a ultrapassar os limites da intimidade propriamente dita, em consonância com uma intenção igualitária ou, simplesmente, aproximativa.

No português do Brasil, o uso de tu restringe-se ao extremo Sul do País e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo

o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior.

Este último valor, de tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, em classe social, em hierarquia), e apenas este, o que *você* possui no português

normal europeu, onde só excepcionalmente e em certas camadas sociais altas aparece usado como forma carinhosa de intimidade. No português de Portugal não é ainda

possível, apesar de certo alargamento recente do seu emprego, usar *você* de inferior para superior, em idade, classe social ou hierarquia.

2. O senhor. O senhor, a senhora (e a senhorita, no Brasil, a menina, em Portugal, para a jovem solteira) são, nas variantes europeia e americana do português, formas

de respeito ou de cortesia e, como tais, se opõem a *tu* e *você*, em Portugal, e a *você*, na maior parte do Brasil.

1 Ressalte-se, porém que o emprego das formas oblíquas *te*, *ti*. contigo apresenta uma difusão bastante maior

284

Em Portugal, quando uma pessoa se dirige a alguém que possui um título profissional ou exerce determinado cargo, costuma fazer acompanhar as formas o senhor e a

senhora da menção do respectivo título ou cargo:

o senhor doutor a senhora doutora o senhor engenheiro

o senhor capitão o senhor ministro o senhor presidente

Mais raramente, usa-se como tratamento o título não precedido de senhor, senhora, o que é considerado menos respeitoso que a forma anterior:

o doutor

o engenheiro

Neste caso, é mais frequente apor-se ao título o nome próprio (primeiro nome e o que implica certa proximidade) ou o nome de família do interpelado):

o doutor Orlando

o engenheiro Silva

No Brasil, estas formas de tratamento são inusitadas. Aliás, o emprego dos títulos específicos, no tratamento ou fora dele, é sensivelmente maior em Portugal do que no Brasil, onde são em casos especialíssimos vêm precedidos de o senhor.

Sistematicamente, só se mencionam no Brasil, seguidos dos nomes próprios:

a) a patente dos militares:

O Tenente Barroso O Coronel Proença O General Osório

O Major Fagundes

O Almirante Jaceguai

O Brigadeiro Eduardo Gomes.

b) os altos cargos e títulos nobiliárquicos:

O Presidente Bernardes O Príncipe D. João

O Embaixador Ouro Preto A Condessa Pereira Carneiro

c) o título Dom (escrito abreviadamente D.), para os membros da família real ou imperial, para os nobres, para os monges beneditinos e para os dignitários da Igreja

a partir dos bispos:

D. Pedro D. Duarte

D. Clemente D. Hölder

285

Observe-se que, se Dom tem emprego restrito no idioma, tanto em Portugal como no Brasil, o feminino Dona (também abreviado em D.) se aplica, em princípio, a senhoras

de qualquer classe social.

De uso bastante generalizado em Portugal e no Brasil é o título de Doutor.

Recebem-no não só os médicos e os que defenderam tese de doutorado, mas, indiscriminadamente, todos os diplomados por escolas superiores. Também o emprego de Professor é muito frequente tanto em Portugal como no Brasil. Mas, enquanto no Brasil se aplica ao docente de qualquer grau de ensino, em Portugal usa-se sobretudo para os docentes do ensino primário e do ensino superior

Observações:

1.) As formas você e o senhor (a senhora) empregam-se normalmente nas funções de sujeito, de agente da passiva e de adjunto:

• Você amanhã não vão as ceifas. (A. Ribeiro. M, 354.)

Estava desfeitoado. um portador dele fora maltratado pelo senhor.

(I. Lins do Rego, P, 59.)

• Deixem-me ir com vocês!

(Luandino Vieira. N M. 78)

As formas roce (no Brasil) e o senhor, a senhora (tanto em Portugal como no Brasil) esíndem-se também às funções de objeto (direto ou indireto), substituindo com

frequência as correspondentes tonas o, a e lhe:

• Há uma hora estou esperando você sozinha, neste escritório. (C. dos Anjos, DR, 32.)

• Devo a você e ao doutor Rodrigo. (J. Amado, MM. 229)

• riu aprecio muito o senhor e era incapaz de ofendê-lo voluntariamente.

(R. M. F. de Andrade. V. 124)

2.) O pronome tu era até bem pouco tempo, no português de Portugal, a forma própria de marcar as distâncias de superior para inferior hierárquico. Este tratamento

caiu em quase total desuso e. hoje, tanto na variante idiomática brasileira como na portuguesa, c a forma o senhor que. na referida situação, se usa com este valor.

1 Em Portugal, omile-se ainda, por vezes, com os nomes de senhoras das classes sociais mais humildes.

286

3.) Pelas razões aduzidas no Capítulo 3. quando anteposta a um nome próprio, a palavra senhor assume na linguagem corrente de Portugal e, principalmente, do Brasil

a forma seu:

• Seu Malhadas, seu Malhadas, fosse você cavalheiro, não aceitava o meu copo!

(A. Ribeiro. M. 67.)

• Seu Firmino, o senhor duvida da minha palavra?

• Deus me livre, seu Alexandre. Quem é que duvida? (G. Ramos, AOH, 111)

• Seu Coronel não me ver mais, não senhor. (A. Peixoto. RC, 938.)

Observe-se, nos dois últimos exemplos, a concorrência da forma proclítica e da forma plena, esta sob o acento tônico.

3. Tratamento cerimonioso. As formas de tratamento propriamente cerimonioso usam-se muito menos no Brasil do que em Portugal.

l") Vossa Excelência (V. Ex). Embora o seu emprego, no português europeu, se tenha restringido bastante nas últimas décadas, e em particular nos últimos anos, ainda se usa a forma Vossa Excelência, na linguagem oral, em determinados ambientes (por ex.: Academias, Corpo Diplomático) ou situações (empregado de comércio dirigindo-se

a cliente, telefonista dirigindo-se a quem solicita uma ligação, etc.), sem que haja qualquer discriminação notada quanto à categoria da pessoa interpelada. Por vezes aparece reduzida à forma coloquial Vossência.

Na linguagem escrita, sob a forma abreviada V. Ex?, é largo o seu uso, principalmente na correspondência oficial e comercial.

No Brasil só se emprega para o Presidente da República, ministros, governadores dos Estados, senadores, deputados e oficiais gerais. E assim mesmo quase que

exclusivamente

na comunicação escrita e protocolar. Em requerimentos, petições, etc., o seu uso costuma estender-se a presidentes de instituições, diretores de serviço e altas autoridades em geral.

2) Vossa Senhoria (V. S"). É um tratamento praticamente inexistente na língua falada de Portugal e do Brasil. Na língua escrita, emprega-se ainda em ambas as variedades

idiomáticas, mas cada vez menos, em cartas comerciais, em requerimentos, em ofícios, etc., quando não é próprio o tratamento de Vossa Excelência.

3) As outras formas, Vossa Eminência, Vossa Magnificência, Vossa Santidade, etc., são protocolares e só se aplicam aos ocupantes dos cargos atrás indicados. Por vezes, no tratamento direto, é possível substituí-las por formas também respeitosas, mas menos solenes. A um sacerdote, por exemplo, é comum tratar-se, em lugar

de Vossa Reverência ou Vossa Reverendíssima, por o senhor, ou, no português europeu, por o senhor Padre.

287

4. Outras formas de tratamento. Frequente no português de Portugal, e muito raro no do Brasil, é o emprego das formas nominais antecedidas de artigo em vez das formas

pronominais ou pronominalizadas de tratamento.

São exemplos dessas formas nominais:

a) o nome próprio, seja o de batismo, seja o de família:

0 O Manuel já leu este livro?

0 O Martins já leu este livro?

0>) os nomes de parentesco ou equivalentes:

0 O pai já leu este livro?

0 A mãe já leu este livro?

0 O meu filho já leu este livro?

c) outros nomes que situam o interlocutor em relação à pessoa que fala:

0 O meu amigo já leu este livro?

0 O patrão já leu este livro?

0 O cavalheiro já leu este livro?

FÓRMULAS DE REPRESENTAÇÃO DA 1ª PESSOA

No colóquio normal, emprega-se a gente por nós e, também, por eu:

Houve um momento entre nós Em que a gente não falou.

(F. Pessoa, QGP, n.º 270.)

0 Não culpes mais o Barbaças, compadre! A gente só queria gastar um bocadito do dinheiro. (F. Namora, TJ, 165.)

0 Você não calcula o que é a gente ser perseguida pelos homens. Todos me olham como se quisessem devorar-me. (C. dos Anjos, DR, 41.)

Como se vê dos exemplos acima, o verbo deve ficar sempre na 3ª pessoa do singular.

Também na 3ª pessoa do singular deve ficar o verbo que tem por sujeito outras expressões substantivas que representam a 1ª pessoa do singular, como o brasileirismo

o degas, que os gerações mais novas já se afigura um tanto antiquado:

288

0 Então, adeus. Mande cá no degas... (J. Amado, MA/, 101.)

Não sendo pexote, e soltando arame, que vida supimpa a do degas!

(C. Drummond de Andrade, C/B, 69.)

EMPREGO DOS PRONOMES OBLÍQUOS FORMAS TÔNICAS

Sabemos que as formas oblíquas tônicas dos pronomes pessoais vêm acompanhadas de preposição. Como pronomes, são sempre termos da oração e, de acordo com a preposição

que as acompanhe, podem desempenhar as funções de:

f1) COMPLEMENTO NOMINAL:

Vou ver-me livre de ti...

(B. Santareno, TPM, 24.)

O meu ódio a ela crescia dia a dia.

(J. Lins do Rego, ME, 54.)

b) OBJETO INDIRETO:

Posso mandar incumbi-la de mostrar a ti os pontos pitorescos de Piratininga. . .
(C. dos Anjos, M, 302.)

Não a diria a ninguém, Nem a ti se eu a soubesse!

(A. Botto, C, 261.)

c) OBJETO DIRETO (antecedido da preposição a e dependente, em geral, de verbos que exprimem sentimento):

Paciente, obreira e dedicada, a ela que em verdade eu amo.

(J. Rodrigues Migueis, GTC, 159.)

Rubião viu em duas rosas vulgares uma festa imperial, e esqueceu a sala, a mulher e a si.

(Machado de Assis, OC, I, 679.)

289

d) AGENTE DA PASSIVA:

Eu sou daqueles que foram por ele consolados. (Graça Aranha, OC, 79.)

Os nossos amores não serão esquecidos nunca por mim, está claro, e estou certo que nem por ti. (Machado de Assis, OC, I, 688.)

e) ADJUNTO ADVERBIAL:

Eu já te vejo amanhã a colher flores comigo pelos campos.

(F. Pessoa, OL\ 167.)

Contigo, Antônio, Antônio Machado, contigo quisera passear, por manhã de serra, por-noite de rio, por nascer de luar.

(C. Meireles, OP, 344.)

Observação:

Do cruzamento das duas construções perfeitamente correias:

Isto não é trabalho para eu fazer e

Isto não é trabalho para mim,

surgiu uma terceira:

Isto não é trabalho para mim fazer,

em que o sujeito do verbo no infinitivo assume a forma oblíqua.

A construção parece ser desconhecida em Portugal, mas no Brasil ela está muito generalizada na língua familiar, apesar do sistemático combate que lhe inovem os gramáticos

e os professores do idioma.

EMPREGO ENFÁTICO DO PRONOME OBLÍQUO TÔNICO

Para se ressaltar o objeto (direto ou indireto), usa-se, acompanhando um pronome tônico, a sua forma tônica regida da preposição a:

Ele não via nada, via-sc a si mesmo.

(Machado de Assis, OC, I, 431.)

O Abrevezes dava-lhe razão a ela, em princípio. . . (U. Tavares Rodrigues, PC', 202.)

290

PRONOMES PRECEDIDOS DE PREPOSIÇÃO

As formas oblíquas tônicas mim, ti, ele (ela), nós, vós, eles (elas) só se usam antecedidas de preposição. Assim:

Fez isto para mim.

Gosto de ti.

A ele cabe decidir.

Orai por nós.

Confiamos em vós.

Não há discordância entre elas.

Se o pronome oblíquo for precedido da preposição com, dir-se-á comigo, contigo, conosco e convosco. É regular, no entanto, a construção com ele (com ela, com eles,

com elas):

Estive com ele agora mesmo. Fui com elas visitar o irmão.

Normal é também o emprego de com nós e com vós quando os pronomes vêm reforçados por outros, mesmos, próprios, todos, ambos ou qualquer numeral:
Terei de resolver com nós mesmos. Estava com vós outros. Saiu com nós três. Contava com todos vós.

Observações:

1.) Empregam-se as formas eu e tu depois das preposições accidentais afora, /ora, excetu, menos, salvo e tirante:

Afinal, todos exceto eu, sabem o que sou. . . (C. dos Anjos, UR, 43)

É Toda a gente desconfiava disso, menos eu. (Alves Redol. BC, 336.)

2.) A tradição gramatical aconselha o emprego das formas oblíquas "tônicas" depois da preposição entre. Exemplo:

É Foi um duelo entre mim e a velhice.

(Machado de Assis. OC, I, 1085.)

Que diferença há entre mim e um fidalgo qualquer? (Sttau Monteiro, F L, 29)

291

Por que vens, pois, pedir-me adorações quando entre mim e a cruz ensanguentada do calvário? (A. Hercúlio. E, 44.)

Na linguagem coloquial predomina, porém, a construção com as formas relas, construção que se vai insinuando na linguagem literária:

Entre eu e tu,

Tão profundo é o contrato Que não pode haver disputa.

(J. Régio, ED, 91.)

Entre eu e minha mãe existe o mar.

(Ribeiro Couto. PR. 365.)

3.) Com a preposição até usam-se as formas oblíquas mim, ti, ele.:

Curvam-se, agarram a rede, erguem-na até ao céu (R. Srandão, P. 154.)

Um grito do velho Zé Paulino chegou até mim. (L. Lins do Rego. D. 255.)

Se, porém, ale denota inclusão, e equivale a mesmo, também, inclusive, constrói-se com a forma reta do pronome:

Pois é de pascar, mas é verdade. E até eu já tive hoje quem me oferecesse champanhe.

(F. Régio, SM, 156.)

Até eu, que sou muito avesso a esses corre-corres, a esse espevitamento de tomar o cheiro dos famanazes em trânsito, saí-me dos meus cuidados e fui até ao Ministério.

(M. Bandeira, A. 341.)

FORMAS ATONAS

1. São formas próprias do OBJETO DIRETO: o, a, os, as:

Eu avisei-o.

(B. Santareno, TPM, 20.)

Ele olhou-a, espantado.

(Ferreira de Castro, OC, I, 481.)

Angela dominava-os a todos, venciam-os. (R. Pompéia, A, 222.)

É preciso acompanhá-las.

(Coelho Netto, OS, I, 45.)

292

2. São formas próprias do OBJETO INDIRETO: lhe, lhes:

O capitão lhe garantira que tudo fora um mal-entendido. (M. Palmório, KC, 286.)

Soube inspirar-lhes confiança.

(B. Santareno, TPM, 84.)

3. Podem empregar-se como OBJETO DIRETO ou INDIRETO: me, te, nos e vós.

a) OBJETO DIRETO:

Queres ouvir-me um instante, sensatamente? (U. Tavares Rodrigues, PC, 153.)

Queria-te ver logo em cima.

(Luandino Vieira, NM, 3.)

Vinde e contemplai-nos, que entardece. (C. Meireles, OP, 318.)

Ninguém vos abandona, senhor. (J. Régio, ERS, 90.)

b) OBJETO INDIRETO:

Chamava-me o seu alferes.
(Machado de Assis, OC, IF, 234.)

◊ Ninguém te vai agradecer.

(Alves Redol, BSL, 355.)

◊ a leitura dos grandes livros nos pode trazer a compensação das misérias de certos homens de letras. (A. F. Schmidt, GB, 331.)

◊ Ouvis o que vos pergunto?

(J. Régio, ERS, 186.)

O PRONOME OBLIQUO ATONO SUJEITO DE UM INFINITIVO

Se compararmos as duas frases:

Mandei que ele saísse... Mandei-o sair.

293

verificamos que o objeto direto, exigido pela forma verbal mandei, ◊ expresso:

a) na primeira, pela oração que ele saísse;

b) na segunda, pelo pronome seguido do infinitivo: o sair. E verificamos, também, que o pronome o está para o infinitivo sair como o pronome ele para a forma finita

saísse, da qual ◊ sujeito. Logo, na frase acima o pronome o desempenha a função de sujeito do verbo sair.

Construções semelhantes admitem os pronomes me, te, nos, vos (e o reflexivo se, que estudaremos ◊ parte). Exemplo:, :

Deixe-me falar. Mandam-te entrar. Fez-nos sentar.

EMPREGO ENFÁTICO DO PRONOME OBLIQUO ATONO

1. Para dar realce ao objeto direto, costuma-se colocá-lo no início da frase e, depois, repeti-lo com a forma pronominal o (a, os, as), como nestes passos:

Verdades, quem ◊ que as quer? (F. Pessoa, OP, 530.)

O meu avô, nunca o vi rezando.

(J. Lins do Rego, ME, 83.)

Note-se que, se o objeto direto for constituído de substantivos de gêneros diferentes, o pronome que os resume deve ir para o masculino plural ◊ os:

Se Paulo desejava mesmo escândalo e agitação, teve-os ◊ vontade.

(M. Palmório, VC, 307.)

Salas e corações, habita-os a saudade!

(A. de Oliveira, P, III, 109.)

2. Também o pronome lhe (lhes) pode reiterar o objeto indireto colocado no início da frase. Comparem-se os conhecidos provérbios:

Ao pobre não lhe prometas e ao rico não lhe faltas. Ao médico e ao abade, fala-lhes sempre a verdade.

294

O PRONOME DE INTERESSE Em frases como as seguintes:

Olhem-me para ela: ◊ o espelho das donas de casa! (A. Ribeiro, A◊, 101.)

Animo, Brós Cubas, não me sejas palerma. (Machado de Assis, OC, \, 534.)

o pronome me não desempenha função sintática alguma. ◊ apenas um recurso expressivo de que se serve a pessoa que fala para mostrar que está vivamente interessada

no cumprimento da ordem emitida ou da exortação feita.

Este PRONOME DE INTERESSE, também conhecido por DATIVO CÍTICO ou DE PROVEITO, ◊ de uso frequente na linguagem coloquial, mas não raro aparece na pena de escritores.

Por vezes o seu valor se dilui num me expletivo, produzindo belos efeitos:

Desde menino me choro E ainda não me achei fim!

(F. Pessoa, OP, 543.)

Quem pagar◊ o enterro e as flores Se eu me morrer de amores?

(V. de Moraes, PCP, 333.)

PRONOME ATONO COM VALOR POSSESSIVO

Os pronomes atonos que funcionam como objeto indireto (me, te, lhe, nos, vos, lhes) podem ser usados com sentido possessivo, principalmente quando se aplicam a partes

do corpo de uma pessoa ou a objetos de seu uso particular:

Escutaste-lhe a voz? Viste-lhe o rosto?

Osculaste-lhe as plantas? Tocaste-lhe os vestidos resplendentes?

(Fagundes Varela, PC, II, 272.)

O barro que em quimeras modelaste Quebrou-se-te nas mãos.

(C. Pessanha, C, 64.)

Duas lágrimas toldam-lhe a vista, um soluço prende-se-lhe no peito.

(O. Mendes, P, 166.)

295

PRONOMES COMPLEMENTOS DE VERBOS DE REGÊNCIA DISTINTA

Podemos empregar um só pronome como complemento de vários verbos quando estes admitem a mesma regência, ou seja, quando o pronome em causa desempenha idêntica função

com referência a cada verbo. Assim, a frase:

Só Roberto me viu e cumprimentou.

está perfeita, porque os verbos ver e cumprimentar pedem objeto direto, que, no caso, vem expresso pelo pronome me. Se dissessemos, porém:

Só Roberto me viu e deu as costas.

a frase não estaria bem construída, porque o me ficaria sendo, a um tempo, objeto direto de ver e indireto de dar.

Nesse caso, é de boa norma repetirmos o pronome

Só Roberto me viu e me deu as costas

ainda que da construção abreviada se tenham servido alguns dos melhores escritores da língua.

Observação:

Ainda quando complemento de verbos que tenham a mesma regência, o pronome só deve ser omitido com o segundo verbo seguintes, se estiver proclítico ao primeiro da série, como no exemplo citado:

Só Roberto me viu e cumprimentou. Vindo enclítico ao primeiro, convém repeti-lo com os demais. Dir-se-á, pois:

Viu-me e cumprimentou-me.

ou:

Viu-me e me cumprimentou (construção desusada em Portugal).

e não:

Viu-me e cumprimentou.

1 Com razão, diz Mário Barreto que esta regra "não é artificial, e não a combate, nem destrói a infração dela em certos casos, em que praticamente o autorizam os usos e modismos da língua, como as locuções entrar e sair do carro, vir e virar do campo, chegar ou sair de casa. empregadas por muitos e bons escritores".

(Novíssimos

estudos da língua portuguesa. 2. edição revista. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1924, p. 112-113, nota).

296

e não:

O que se disse do pronome enclítico aplica-se ao mesoclítico. Assim: Procurar-me-o e encontrar-me-o. Procurar-me-o e me encontrar-o (desusada em Portugal).

Procurar-me-o e encontrar-o.

VALORES E EMPREGOS DO PRONOME SE O pronome se emprega-se como:

a) OBJETO DIRETO (emprego mais comum):

Ao sentir aquela robustez nos braços, meu pai tranqüilizou-se e tranqüilizou-o.

(G. Amado, HML, 124.)

Viu-se ao espelho, cadavérico.

(U. Tavares Rodrigues, NR, 107.)

b) OBJETO INDIRETO:

Sofia dera-se pressa em tomar-lhe o braço. (Machado de Assis, OC, I, 656.)

Perguntava-se a si mesma Teresa se aquela horrorosa situação seria um sonho.

(C. Castelo Branco, OS, I, 390.)

Emprego menos raro quando exprime a reciprocidade da ação:

Os nossos olhos muito perto, imensos No desespero desse abraço mudo, Confessaram-se tudo!

(J. Régio, PDD, 83.)

Os estudantes passavam diante dos examinadores aglomerados, chocando-se uns aos outros como gado saindo em redemoinho da porta do curral.

(G. Amado, HML, 191.)

C) SUJEITO DE UM INFINITIVO:

Virgília deixou-se cair, no canapé, a rir.

(Machado de Assis, OC, I, 497.)

297

Moura Teles deixou-se conduzir passivamente. (J. Paço d'Arcos, CVL, 607.)

d) PRONOME APASSIVADOR:

Ouve-se ainda o toque de rebate.

(B. Santareno, TPM, 121.)

Fez-se novo silêncio.

(Coelho Netto, OS, I, 97.)

e) SÍMBOLO DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO (junto a 3ª pessoa do singular de verbos intransitivos, ou de transitivos tomados intransitivamente):

Vive-se ao ar livre, come-se ao ar livre, dorme-se ao ar livre.

(R. Brandão, P, 165.)

Martelava-se, serrava-se, acepilhava-se. (Coelho Netto, OS, I, 131.)

f) PALAVRA EXPLETIVA (para realçar, com verbos intransitivos, a espontaneidade de uma atitude ou de um movimento do sujeito):

As estrelas dirão: "Ai! nada somos. Pois ela se morreu, silente e fria. . ."

(A. de Guimaraens, OC, 258.)

Foi-se embora e a passagem, mascando o charuto, mediu Maria Antônia de alto a baixo.

(J. Paço d'Arcos, CVL, 929.)

. . . Vão-se as situações, e eles com elas. (A. Magalhães, OC, 798.)

g) PARTE INTEGRANTE DE CERTOS VERBOS que geralmente exprimem sentimento, ou

mudança de estado: admirar-se, arrepende-se, atrever-se, indignar-se, queixar-se, congelar-se, derreter-se, etc.

Atreva-se. Alreva-se, e verê. (M. Torga, NCM, 48.)

D. Adélia queixava-se baixinho. (G. Ramos, A, 136.)

Leonel arrependeu-se da frase inútil e dura. (J. Paço d'Arcos, CVL, 846.)

Observações:

1.*) No português antigo e médio usava-se normalmente a passiva pronominal com agente expresso, como ilustra este passo camoniano:

Aqui se escreverão novas histórias Por gentes estrangeiras que virão. (Lus., VII, 55.)

Na língua moderna evita-se tal prática. Da soar-nos artificial uma construção como a seguinte:

Este verbo, em nossa língua, nunca se usou pelos escritores vernáculos senão como equivalente de amar. (R. Barbosa. R. n." 584.)

2.') Em frases do tipo:

Vendem-se casas. Compram-se móveis.

consideram-se casas e móveis os sujeitos das formas verbais vendem e compram, razão por que na linguagem cuidada se evita deixar o verbo no singular

COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES DOS PRONOMES TONOS

Quando numa mesma oração ocorrem dois pronomes tonos, um objeto direto e outro indireto, podem combinar-se, observadas as seguintes regras:

1*) Me, te, nos, vos, lhe e lhes (formas de objeto indireto) juntam-se a o, a, os, as (de objeto direto), dando:

mo = me+o to = te+o lho = lhe+o no-lp = nos+[l]o vo-lo = vos+Ulo lho
lhes+o ma = me-r-a ta = te+a lha = lhe + a no-la = nos+[l]a
vo-la = vos+TUa lha = lhes+a mos = me+os tos = te+os lhos
= lhe + os no-los = nos + [l]os vo-los = vos+[l]os lhos = lhes+os mas

= me+as tas = te + as lhas = lhe+as no-las nos+[l]as vo-las =
vos+[l]as lhas = lhes + as

2?) O pronome se associa-se a me, te, nos, vos, lhe e lhes (e nunca a o, a, os, as). Na escrita, as duas formas conservam a sua autonomia, quando antepostas ao verbo,

e ligam-se por hifen, quando lhe e vosm pospostas:

O coraço se me confrange. . .

(O. Mariano, TVP, I, 216.)

A aventura gorou-se-lhe aos primeiros passos. (C. de Oliveira, AC, 155.)

298

299

3^) As formas me, te, nos e vos, quando funcipnam como objeto di-reto, ou quando são parte integrante dos chamados verbos pronominais, não admitem a posposiço de outra forma pronominal tona. O objeto in-direto assume em tais casos a forma tónica preposicionada:

Como me hei-de livrar de ti? (J. Rogio, J, 85.)

Quantas vezes, Amor, já te esqueci. Para mais doidamente me lembrar, Mais doidamente me lembrar de ti! (F. Espanca, 5, 71.)

Observaões:

1.') As combinaões lho, lha (equivalentes a lhes + o, lhes + a) e lhos, lhas (equivalentes a lhes+os, lhes+as) encontram sua explicaço no fato de, na língua antiga,

a forma lhe (sem -s) ser empregada tanto para o singular como para o plural.

Originariamente, eram, pois, contraões em tudo normais.

2.') No Brasil, quase não se usam as combinaões mo, to, lho, no-lo, vo-l, etc.

Da língua corrente estão de todo banidas e, mesmo na linguagem literária, são aparecem

geralmente em escritores um tanto artificiais.

COLOCAÇÃO DOS PRONOMES TONOS

1. Em relaço ao verbo, o pronome tónico pode estar:

a) ENCLÍTICO, isto é, depois dele: Calei-me.

b) PROCLÍTICO, isto é, antes dele: Eu me calei.

c) MESOCLÍTICO, ou seja, no meio dele, colocaço que só é possível com formas do FUTURO DO PRESENTE ou do FUTURO DO PRETÉRITO:

Calar-me-ei. Calar-me-ia.

2. Sendo o pronome tónico objeto direto ou indireto do verbo, a sua posiço lógica, normal, é a ENCLISE:

300

Agarraram-na conseguindo, a muito custo, arrast-la do quarto.

(Coelho Netto, OS, I, 43.)

Na segunda-feira, ao ir ao Morenal, parecera-lhe sentir pelas costas risinhos a escarne-la.

(Eça de Queirós, O, I, 124.)

H, porém; casos em que, na língua culta, se evita ou se pode evitar essa colocaço, sendo por vezes conflitantes, no particular, a norma portuguesa e a brasileira.

Procuraremos, assim, distinguir os casos de PROCLISE que representam a norma geral do idioma dos que são optativos e, ambos, daqueles em que se observa uma divergência

de normas entre as variantes europeia e americana da língua.

REGRAS GERAIS 1. Com um só verbo

1^)- Quando o verbo está no FUTURO DO PRESENTE ou no FUTURO DO PRETÉRITO, d-se

tão-somente a PROCLISE ou a MESCLISE do pronome:

Eu me calarei. Eu me calaria. Calar-me-ei. Calar-me-ia.

2<?) , ainda, preferida a PROCLISE:

a) Nas orações que contêm uma palavra negativa (não, nunca, jamais, ninguém, nada, etc.) quando entre ela e o verbo não há pausa:

• Não lhes dizia eu?

(M. de S. Carneiro, CF, 348.)

Nunca o vi tão sereno e obstinado. (C. dos Anjos, M, 316.)

• Ninguém me disse que você estava passando mal! (A. M. Machado, JT, 208.)

b) nas orações iniciadas com pronomes e advérbios interrogativos:

Quem me busca a esta hora tardia? (M. Bandeira, PP, I, 406.)

301

ora nas vezes que

nas esteja oc

r que te assustas de cada vez? (J. Régio, J, 98.)

a julgariam os pais se conhecessem a vida dela? (U. Tavares Rodrigues, \R. 23.)

iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas desejos (optativas) :

o vento te leve os meus recados de saudade. Q" (F. Namora, RT, 89.)

Que Deus o abençoe!

-^ (B. Santarcano, TPM, 18.)

Bons olhos o vejam! exclamou.

-" (Machado de Assis, OC, I, 483)

subordinadas desenvolvidas, ainda quando a conjun-

Mia:

.^ndo me deitei, , meia-noite, os preços estavam **% do preço, ,

altu' (C. Drummond de Andrade, BV, 20.)

Prefiro que me desdenhem, que me torturem, a que ^em s.

me

(U. Tavares Rodrigues, NR. 115.)

Que que desejavas te mainje do Rio? (A. Peixoto, RC, 174.)

•') CO

ln\ ^ndio regido da preposição em: o ge

. ^ se ela anuviando, em a não vendo,

L se me a luz de tudo anuviava. ' (J. de Deus, CF, 205.)

do obl;

30) N; O PARTIC

Em lhe cheirando a homem chulo com ele. (Machado de Assis, OC, I, 755.)

;a ENCLISE nem a PROCLISE com os PARTICÍPIOS. Quan-

Xla

s |fl desacompanhado de auxiliar, usa-se sempre a forma v' ;o

Exemplo:

a mun a explica, saiu.

302

49) Com os INFINITIVOS soltos, mesmo quando modificados por negação, , lícita a PROCLISE ou a ENCLISE, embora haja acentuada tendência para esta última colocação pronominal:

E aht que desejo de a tomar nos braços. .. (O. Bilac, P, 72.)

Canta-me cantigas para me embalar! (Guerra Junqueira, S, 118.)

Para não fito-lo, deixei cair os olhos.

(Machado de Assis, OC, I, 807.)

Para assustá-lo, os soldados atiravam a esmo. (C. Drummond de Andrade, CA, 82.)

A ENCLISE , mesmo de rigor quando o pronome tem a forma o (principalmente no feminino a) e o INFINITIVO vem regido da preposição a:

Se soubesse, não continuaria a lê-lo. (R. Barbosa, EDS, 743.)

togo os outros, Camponeses e Operários, começaram a imitá-la.

(B. Santarcano, TPM, 120.)

5?) Pode-se dizer que, além dos casos examinados, a língua portuguesa tende a PROCLISE pronominal:

a) quando o verbo vem antecedido de certos advérbios (bem, mal, ainda, já, sempre, só, talvez, etc.) ou expressões adverbiais e não há pausa que os separe:

Até a voz, dentro em pouco, já me parecia a mesma. (Machado de Assis, OC, I, 858.)

Só depois se senta no chão a chorar. (Alves Redol, MB, 255.)

Ao despertar, ainda as encontro lá, sempre se mexendo e discutindo.

(A. M. Machado, CJ, 174.)

Talvez Elisabeth se decidisse.

(Ferreira de Castro, OC, I, 261.)

Nas pernas me fiava eu.

(A. Ribeiro, M, 88.)

303

b) quando a oração, disposta em ordem inversa, se inicia por objeto direto ou predicativo:

Tiram mais que na ceifa; isso lá digo eu. (Alves Redol, G, 108.)

A grande notícia te dou agora. (F. Namora, NM, 162.)

Razoável lhe parecia a solução proposta.

c) quando o sujeito da oração, anteposto ao verbo, contém o numeral ambos ou algum dos pronomes indefinidos (todo, tudo, alguém, outro, qualquer, etc.):

Ambos se sentiam humildes e embaraçados. (F. Namora, TJ, 293.)

Alguém lhe bate nas costas.

(A. M. Machado, JT, 208.)

Todos os barcos se perdem, entre o passado e o futuro.

(C. Meireles. Ol\ 37.)

d) nas orações alternativas:

Das duas uma: ou as faz ela ou as faço eu.

(Sttau Monteiro, APJ, 39.)

Maria, ora se atribulava, ora se abonava.

(R. Ribas, EMT, 18.)

6?) Observe-se por fim que, sempre que houver pausa entre um elemento capaz de provocar a PROCLISE e o verbo, pode ocorrer a ENCLISE:

Pouco depois, detiveram-se de novo.

(Ferreira de Castro, OC, I, 403.)

A enclise é naturalmente obrigatória quando aquele elemento, contíguo ao verbo, a ele não se refere, como neste exemplo:

Sim, sim, disse ela desvairadamente, mas avisemos o cocheiro que nos leve até a casa de Cristiano.

Não, apeio-me aqui. . .

(Machado de Assis, OC, I. 690.)

304

OfcMrvacio:

Costumam os escritores do idioma, principalmente os portugueses, inserir uma ou mais palavras entre o pronome tônico em proclise e o verbo, sendo mais comum intercalá-lo

da negativa não:

Era impossível que lhe não deixasse uma lembrança. (Machado de Assis. OC. l. 563.)

Conformado pelas suas palavras, o tio calara-se, só para lhe não dar assentimento. (Alves Redol. F. 310.)

Há tanto tempo que o não via!

(Luandino Vieira. Cl. 64.)

2. Com uma locução verbal

1. Nas LOCUÇÕES VERBAIS em que o verbo principal está no INFINITIVO ou no GERÚNDIO pode dar-se:

1) Sempre a ENCLISE ao infinitivo ou ao gerúndio:

O roupeiro veio interromper-me.

(R. Pompéia, A, 37.)

Que poderé dizer-nos aquele rato de biblioteca? (A. Ribeiro, AFPB, 215.)

Só quero preveni-lo contra as exagerações do Prólogo. (A. de Quental, C, 314.)

Nós vamos seguindo; e, em torno, imensa, ia desenrolando-se a paisagem.

(R. Correia, PCP, 304.)

20) A PROCLISE ao verbo auxiliar, quando ocorrem as condições exigidas para a anteposição do pronome a um só verbo, isto é:

a) quando a locução verbal vem precedida de palavra negativa, e entre elas não há pausa:

Tempo que navegaremos Não se pode calcular.

(C. Meireles, OP, 141.)

Rita é minha irmã, não me ficaria querendo mal e acabaria rindo também.

(Machado de Assis, OC, I, 1051.)

305

É Ninguém o havia de dizer.

(A. Ribeiro, M, 68.)

Jamais me há de chamar outro mais doce. (F. Espanca, S, 49.)

fr) ' nas orações iniciadas por pronomes ou advérbios interrogativos-

É Que mal me havia de fazer?

(M. Torga, N CM, 47.)

Que é que me podia acontecer?

(G. Ramos, A, 152.)

É Em que lhe posso ser útil, senhor Petra? (A. Ribeiro, M, 268.)

Como te hei de receber em dia tão posterior? (C. Meireles, OP, 406.)

c) nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo (optativas):

Como se vinha trabalhando mal! Deus nos há de proteger!

d) nas orações subordinadas desenvolvidas, inclusive quando a conjunção está oculta:

O sufrágio que me vai dar será para mim uma consagração.

(E. da Cunha, OC, II, 634.)

Ega subiu ao seu quarto, onde outro criado lhe estava preparando o banho.

(Eça de Queirós, O, II, 329.)

Eram orações extraordinariamente tocantes, que N. lamenta não ter guardado na memória, ou registrado é proporcional que as ia ouvindo.

(A. F. Schmidt, F, 171.)

Ao cabo de cinco dias, minha mãe amanheceu tão transtornada que ordenou me mandassem buscar ao seminário. (Machado de Assis, OC, I, 800.)

306

A ENCLISE ao verbo auxiliar, quando não se verificam essas condições aconselha a PROCLISE:

Vão-me buscar, sem mastros e sem velas,

, Noiva-menina, as doidas caravelas, Ao ignoto País da minha infância...

(F. Espanca, S, 179.)

Ia-me esquecendo dela.

(G. Ramos, AOH, 40.)

A cidade ia-se perdendo é medida que o veleiro rumava para São Pedro.

(B. Lopes da Silva, C, 207.)

2. Quando o verbo principal está no PARTICÍPIO, o pronome tônico J não pode vir depois dele. Virá, então, PROCLÉTICO ou ENCLÉTICO ao verbo p auxiliar, de acordo com as normas expostas para os verbos na forma simples:

É Tenho-o trazido sempre, só hoje é que o viste? (M. J. de Carvalho, TM, 152.)

É Arrependa-se do que me disse, e tudo lhe será perdoado.

(Machado de Assis, OC, I, 645.)

Que se teria passado?

(Coelho Netto, OS, I, 1412.)

Queria mesmo dali adivinhar o que se tinha passado

na noite da sua ausência.

(Alves Redol, F, 195.)

A COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ATONOS NO BRASIL

A colocação dos pronomes átonos no Brasil, principalmente no coloquio normal,

difere da atual colocação portuguesa e encontra, em alguns casos, similar na língua medieval e clássica.

Podem-se considerar como características do português do Brasil e, também, do português falado nas Repúblicas africanas:

a) a possibilidade de se iniciarem frases com tais pronomes, especialmente com a forma me:

☉ Me desculpe se falei demais.

(☉. Veríssimo, A, II, 487.)

307

Me arrepio todo...

(Luandino Vieira, NM, 138.) -

b) a preferência pela próclise nas orações absolutas, principais e coordenadas não iniciadas por palavra que exija ou aconselhe tal colocação:

☉ Se Vossa Reverendíssima me permite, eu me sento na rede.

(J. Montello, TSL, 176.)

O mineiro nos entregava o açúcar pelo preço do dia, pagava a comissão e armazenagem e nós especulávamos para as praças do Rio e São Paulo.

(J. Lins do Rego, U, 251.)

☉ A sua prima Júlia, do Golungo, lhe mandou um cacho de bananas.

(Luandino Vieira, NM, 54.)

c) a próclise ao verbo principal nas locuções verbais:

Será que o pai não ia se dar ao respeito? (Autran Dourado, S, 68.)

☉ Não, não sabes e não posso te dizer mais, já não me ouves.

(Luandino Vieira, NM, 46.)

Outro teria se metido no meio do povo, teria terminado com aquela miséria, sem sangue.

(J. Lins do Rego, U, 222.)

Tudo ia se escurecendo.

(J. Lins do Rego, U, 338.)

Justificando essa última colocação, escreve Martinz de Aguiar: "Numa frase como ele vem-me ver, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome me do verbo vem, para adjudicá-lo ao verbo ver, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo e, não, do primeiro. Isto ☉: deixou a língua falada no Brasil de dizer vem-me ver (fator histórico por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer vem me-ver, que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz vem ver-me e trouxe consequências imprevistas: l?)

Pode-se

juntar o pronome ao particípio procliticamente: Aqueles haviam se-corrompido.

308

l) Pode-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do Poder☉ ae-reduir, poderia sc-reduzir. Deixando de ligar-se aos unir-se ao infinitivo, deixou igualmente

de interpor-se-lhes aos institutivos.

Em frases como vamos nos encontrar, deixando o pronome de r ☉ forma verbal pura, para antepor-se ☉ nominal, deixou igual-determinar a dissimilação das sílabas parafônicas,

podendo-se dizer vamos nos-encontrar.' '1

PRONOMES POSSESSIVOS [PRONOMES PESSOAIS, POSSESSIVOS E DEMONSTRATIVOS

Estreitamente relacionados com os pronomes pessoais estão os PRONOMES POSSESSIVOS e os DEMONSTRATIVOS.

Os PRONOMES PESSOAIS, vimos, denotam as pessoas gramaticais; os outros dois indicam algo determinado por elas:

a) os POSSESSIVOS, o que lhes cabe ou pertence;

b) os DEMONSTRATIVOS, o que delas se aproxima ou se distancia no espaço e no tempo.

Podemos, assim, estabelecer estas correspondências próprias:

	1.* PESSOA	2.* PESSOA	J.' PESSOA
Pronome pessoal	CU	tu	ele
Pronome possessivo	meu	teu	seu
Pronome demonstrativo	este	esse	aquele

FORMAS DOS PRONOMES POSSESSIVOS

Os PRONOMES POSSESSIVOS apresentam três séries de formas, correspondentes à pessoa a que se referem. Em cada série, estas formas variam de acordo com o gênero e o número da coisa possuída e com o número de pessoas representadas no possuidor.

1. Notas de português de Filinto a Odorico. Rio de Janeiro, Simões, 1955. p. 409.

309

	UM	POSSUIDOR	VÁRIOS	POSSUIDORES
	UM	OBJETO	VAMOS	OBJETOS
VÁRIOS	UM	OBJETO	OBJETOS	
. .		masc. '1.º	pessoa	fem. meu minha meus minhas
nosso nossa		nossos	nossas	
, .		masc. '2.º	pessoa	fem. teu tua teus luas
vosso vossa		vossos	vossas	
, ,		masc. V	pessoa	fem. seu sua seus suas
seu sua		seus	suas	

VALORES E EMPREGOS DOS POSSESSIVOS

Os PRONOMES POSSESSIVOS acrescentam ao nome de pessoa gramatical uma ideia de posse. São, de regra, pronomes adjetivos, equivalentes a um adjunto adnominal antecedido

da preposição de (de mim, de ti, de nós, de vós, de si), mas podem empregar-se como pronomes substantivos:

Por exemplo:

Meu livro é este. Este livro é o meu. Sempre com suas histórias! Fazer das suas.

CONCORDÂNCIA DO PRONOME POSSESSIVO

1. O PRONOME POSSESSIVO concorda em gênero e número com o substantivo que designa o objeto possuído; e em pessoa, com o possuidor do objeto em causa:

Cada um tratava de si, do seu corpo, da sua alma, dos seus ódios.

(M. Torga, A/CM, 204.)

Eu estava na porta da minha casa, casa de passeio-alto, com a minha mãe e o meu pai.

(Luandino Vieira, N AN V, 178.)

Suas mudanças súbitas, seu jeito provocante, sua música muito feminina me fazem lembrar a Jandira mulher, que tantas vezes desaparece a meus olhos, em nossas conversações.

(C. dos Anjos, DR. 124.)

310

2. Quando um só POSSESSIVO determina mais de um substantivo, concorda com o que lhe esteja mais próximo:

Rubião estacara o passo; ela pôde vê-lo bem, com os seus gestos e palavras, o peito alto, e uma barretada que deu em volta.

(Machado de Assis, OC, I, 715.)

E o meu corpo, minh'alma e coração,

Tudo em risos poisei em tua mão. . . (F. Espanca, S, 177.)

POSICÃO DO PRONOME ADJETIVO POSSESSIVO

O PRONOME ADJETIVO POSSESSIVO precede normalmente o substantivo que determina, como nos mostram os exemplos até aqui citados. Pode, no entanto, vir posposto ao substantivo:

1?) quando este vem desacompanhado do artigo definido:

Esperava notícias tuas para de novo te escrever. (A. Nobre, Cl, 119.)

Soube por José Veríssimo que estranhou a ausência de cartas minhas.

(E. da Cunha, OC, II, 707.)

2?) quando o substantivo já está determinado (pelo artigo indefinido ou por

numeral, por pronome demonstrativo ou por pronome indefinido):

Recebi, no Rio, no dia da posse no Instituto, um telegrama seu, de felicitações.

(E. da Cunha, OC, II, 639.)

Note este erro seu: não há em mim (que eu seja consciente) o menor espírito de renúncia ou de esquecimento de mim próprio.

(J. de Figueiredo, C, 177.)

Como tu foste infiel A certas ideias minhas!

(F. Pessoa, QGP, nº 186.)

3"?) nas interrogações diretas:

Onde estais, cuidados meus?

(M. Bandeira, PP, 23.)

Em todo o caso. . . Agora ouve-se menos ou apenas impressão minha?

(A. Abelaira, NC, 15.)

311

4?) quando há ênfase:

Tu não lustras as unhas! tu trabalhas! tu és digna filha minha! pobre, mas honesta!

(Machado de Assis, OC, I. 672.)

Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, primeiro que meta o pé na estrada, se esquecer de entrar em conta com as suas forças, por saber

se 'o levar ao cabo.

(R. Barbosa, EDS, 685.)

A alternância de colocações presta-se a efeitos estilísticos, como nos mostra este exemplo:

És meu único desejo, Ah! fosse o desejo teu!

(Guimarães Passos, VS, 24.)

EMPREGO AMBÍGUO DO POSSESSIVO DE 3ª PESSOA

As formas seu, sua, seus, suas aplicam-se indiferentemente ao possuidor de 3ª

pessoa do singular ou da 3ª do plural, seja este possuidor masculino ou feminino.

O fato de concordar o possessivo unicamente com o substantivo denotador do objeto possuído provoca, não raro, dúvida a respeito do possuidor.

Para evitar qualquer ambiguidade, o português nos oferece o recurso de precisar a pessoa do possuidor com a substituição de seu(s), sua (s), pelas formas dele(s), dela(s), de você, do senhor e outras expressões de tratamento.

Por exemplo, a frase:

Em casual encontro com Jôlia, Pedro fez comentários sobre os seus exames.

tem um enunciado equívoco: os comentários de Pedro podem ter sido feitos sobre os exames de Jôlia; ou sobre os exames dele, Pedro; ou, ainda, sobre os exames de ambos.

Assim sendo, o locutor deverá expressar-se, conforme a intenção que tenha:

Em casual encontro com Jôlia, Pedro fez comentários sobre os exames dela.

Em casual encontro com Jôlia, Pedro fez comentários sobre os exames dele.

Em casual encontro com Jôlia, Pedro fez comentários sobre os exames deles.

312

REFORÇO DOS POSSESSIVOS

O valor possessivo destes pronomes nem sempre é suficientemente forte. Quando há necessidade de realçar a ideia de posse ou quer visando a clareza, quer a ênfase, costuma-se reforçá-los:

a) com a palavra próprio ou mesmo:

Mais unidos sigamos e não tarda

Que eu ache a vida em tua própria morte.

(Guimarães Passos, VS, 46.)

Era ela mesma; eram os seus mesmos braços.

(Machado de Assis, OC, II, 484.)

b) com as expressões dele (s), dela(s), no caso do possessivo da 3ª pessoa:

Montaigne explica pelo seu modo dele a variedade deste livro.

(Machado de Assis, OC, II, 556.)

Domingos Botelho, avisado da rejeição do filho, respondeu que fizesse ele a sua vontade; mas que a sua vitória dele, sobre os protetores e os corrompidos pelo ouro

do fidalgo de Viseu, estava plenamente obtida.

(C. Castelo Branco, OS, I, 415.)

VALORES DOS POSSESSIVOS

O PRONOME POSSESSIVO não exprime sempre uma relação de posse ou pertinência, real ou figurada. Na língua moderna, tem ele assumido múltiplos valores, por vezes bem distanciados daquele sentido originário.

Mencione-se o seu emprego:

a) como indefinido:

Tinha tido o sen orgulho, a sua calma, a sua certeza.

(M. Torga, V, 216.)

Tenho tido os meus vidos.

(Alves Redol, BC, 43.)

A senhora hê de ter tido seus apertos de dinheiro, disse Rubião.

(Machado de Assis, OC, I, 630.)

313

b) para indicar aproximação numérica:

Revejo sempre uma rapariga que só uma vez fitei, tinha eu meus vinte anos.

(A. F. Schmidt, GB, 251.)

Ela media, como um marchante, o meu metro e oitenta de altura e pesava, com o mesmo rigor, os meus setenta e sete quilos.

(F. Namora, RT, 90.)

%

Entrou uma mulherzinha de seus quarenta anos, decidida e de passo firme.

(F. Sabino, HN, 164.)

c) para designar um hábito:

Neste instante, a Judite voltou-se e, abandonando as companheiras, veio desfazer o cumprimento com um repente dos seus.

(Almada Negreiros, NG, 110.)

Nos nossos dias, a baianinha chegava logo depois do almoço, muito leve e flexível, a passo rápido. (Ribeiro Couto, NC, 89.)

Era lindo o bicho, com sua calma de passarinho manso. (R. Braga, CCE, 85.)

Sente-se em todos esses empregos do POSSESSIVO uma certa carga afetiva, mais acentuada nos que passamos agora a examinar.

VALORES AFETIVOS

1. Variados são os matizes afetivos expressos pelos POSSESSIVOS. Servem, por vezes, para acentuar um sentimento:

a) de deferência, de respeito, de polidez:

"Quer alguma coisa, minha senhora?"

(Eça de Queirós, OF, I, 1037.)

314

Adeus! Bons dias, meu Comandante,

A nossa sorte... morrer, talvez... E o rude velho segue pra diante E o rude velho segue pra diante:

Morrer, meu Amo, só uma vez! (A. Nobre, S, 106.)

Não posso deixá-lo um instante, meu Fidalgo. (A. Arinos, OC, 436.)

Não assim, meus respeitáveis senhores? (O. Ribas, EMT, 123.)

b) de intimidade, de amizade:

Hoje, meu caro Antônio, temos de festejar a presença do meu rapaz.

(Sttau Monteiro, AP J, 203.)

Dispõe de mim, meu velho, estou às suas ordens, bem sabes.

(A. Azevedo, CFM, 6.)

Não há nada mais certo, meu amigo respondia D. Clara.

(A. de Assis Júnior, SM, 76.)

c) de simpatia, de interesse (com referência a personagem de uma narrativa, a

autor de leitura frequente, a clubes ou associações de que seja sócio ou aficionado, etc.):

« Não sei para onde vou mandar o meu herói... » disse com um falso sorriso. (E. Veríssimo, LS, 139.)

Ora bem, deixa-me transcrever o meu Saint-Exupéry. (F. Namora, RT, 190.)

Isto feito, meteu-se na cama, rezou uma ode do sen Horácio e fechou os olhos. Nem por isso dormiu. Tentou então uma página do sen Cervantes, outra do seu Erasmo, fechou novamente os olhos, até que dormiu. (Machado de Assis, OC, I, 953.)

« Onde está o meu Tenentes do Diabo? » (J. Lins do Rego, E, 282.)

315

d) de ironia, de malícia, de sarcasmo:

Todos aqueles santos varões comiam, bebiam o sen vinho do Porto na copa. (Eça de Queirós, O, II, 17.)

Na mesa do major jantei o meu frango, comi a minha boa posta de robalo, trabalho que afundou em mais de duas horas. (J. C. de Carvalho, CL, 133.)

Em casa de Norberto, as senhoras tinham as delicadezas do sexo, bebiam seu chá, faziam sua malha e eram madrinhas das filhas dos criados mais próximos. (J. Saramago, LC, 54.)

Observe-se que, nos dois últimos casos, o possessivo vem normalmente acompanhado do artigo definido.

2. De acentuado caráter afetivo « também a construção em que uma forma feminina plural do pronome completa a expressão fazer (ou dizer) uma das = praticar uma ação

ou dizer algo particular, geralmente passível de crítica:

Com aquele gênio esquentado « capaz de fazer uma das dele. (Castro Soromenho, TM, 175.)

As criadas, junto da porta, casquinaram uns risinhos abafados e o Barbaças voltou-se para elas, disposto a dizer uma das suas. (F. Namora, TJ, 210.)

« Vocês andou por aí fazendo das suas. » (J. Lins do Rego, MR, 229.)

NOSSO DE MODÉSTIA E DE MAJESTADE

Paralelamente ao emprego do pronome pessoal nós por eu nas fórmulas de modéstia e de majestade que estudamos, aparece o do POSSESSIVO nosso (a) por meu (minha). Comparem-se estes exemplos:

a) de modéstia:

316

Este livro nada mais pretende ser do que um pequeno ensaio. Foi nosso escopo encontrar apoio na história do Brasil, na formação e crescimento da sociedade brasileira, para colocar a língua no seu verdadeiro lugar: expressão da sociedade, inseparável da história da civilização. (S. da Silva Neto, IELPB, 11.)

b) de majestade:

Mandamos que os ciganos, assi homens como mulheres, nem outras pessoas, de qualquer nação que sejam, que com eles andarem, não entrem em nossos Reinos e Senhorios.

(Ordenações Filipinas, livro V, título 69.)

VOSSO DE CERIMONIA

O uso do pronome pessoal vós como tratamento cerimonioso aplicado a um indivíduo ou a um auditorio qualificado leva, naturalmente, a igual emprego do POSSESSIVO vosso (-a). Exemplos:

Nunca vosso avô, meu senhor e marido, achou que me não fosse possível compreender

o ânimo dum grande português.

(J. Régio, ERS, 69.)

Levareis, Senhores Delegados, aos vossos Governos, ó vossa Pátria, estas declarações que são a expressão sincera dos sentimentos do Governo e do Povo Brasileiro.

(Barão do Rio-Branco, D, 98.)

Obaerva

Quanto ao emprego das formas de tratamento cerimonioso em que se fixaram os POSSESSIVOS Sua e Vosso (tipo: Sua Excelência, Vossa Excelência), veja-se o que dissemos

ao estudarmos os PRONOMES PESSOAIS (Pronomes de tratamento).

SUBSTANTIVAÇÃO DOS POSSESSIVOS

Os POSSESSIVOS, quando substantivados, designam: a) no singular, o que pertence a uma pessoa:

Eu não tenho mais ambições que fazer fanga e ganhar o que puder, até ter um bocado de meu. (Alves Redol, F, 281.)

317

A rapariga não tinha um minuto de seu. (A. Rangel, IV, 61.)

Eu não tenho de meu um momento.

(Almeida Garrett, O, I, 1415.)

b) no plural, os parentes de alguém, seus companheiros, compatriotas ou correligionários:

Pede-te que transmitas, em nome de todos os meus, sinceros agradecimentos a D. Maria Júlia e a todos os teus. (E. da Cunha, OC, II, 705.)

Saudades a todos os teus.

(R. Correia, PCP, 623.)

Não me podia a Sorte dar guarida Por não ser eu dos seus.

(F. Pessoa, OP, 12.)

Impugnaram-na apaixonadamente Dômaso e os seus; de-fender;im-na com brio e vivacidade Moura Seco, Teodoro c os inimigos do arcepreste.

(A. Ribeiro, AFPB, 264.)

EMPREGO DO POSSESSIVO PELO PRONOME OBLIQUO TÔNICO

Em certas locuções preposilivas, o pronome oblíquo tônico, que deve seguir a preposição e com ela formar um complemento nominal do substantivo anterior, é normalmente

substituído pelo PRONOME POSSESSIVO correspondente. Assim:

em frente de ti = em tua frente ao lado de mira é ao meu lado em favor de nós é em nosso favor por causa de você = por sua causa

Veja-se, por exemplo, este passo, no qual a expressão em teu louvor equivale a em louvor de ti:

Negrinho do Pastoreio, Venho acender a velinha Que palpita em teu louvor.

(A. Meyer, P, 125.)

318

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

1. Os PRONOMES DEMONSTRATIVOS situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. Podem situá-la no espaço ou no tempo:

Lia coisas incríveis para aquele lugar e aquele tempo.

(C. dos Anjos, DR, 105.)

A capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo, a chamada FUNÇÃO DEICTICA (do grego deiktikós = próprio para demonstrar, demonstrativo), é a que caracteriza fundamentalmente

esta classe de pronomes.

2. Mas os DEMONSTRATIVOS empregam-se também para lembrar ao ouvinte ou ao leitor o que já foi mencionado ou o que se vai mencionar:

A ternura não embarga a descrição nem esta diminui aquela.

(Machado de Assis, OC, I, 1124.)

O mal foi este: criar os filhos como dois príncipes. (M. Torga, K, 309.)

é a sua FUNÇÃO ANAFÓRICA (do grego anaphorikós = que faz lembrar, que traz é

memória).

FORMAS DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

1. Os PRONOMES DEMONSTRATIVOS apresentam formas variáveis e formas invariáveis, ou neutras:

V	A	k	I	Ø	V	E	l	S	
MASCULINO					FEMININO				INVARIÁVEIS
este			estes		esta		estas		isto
esse			esses		essa		essas		isso
aquele			aqueles		aquela		aquelas		aquilo

319

2. As formas variáveis (este, esse, aquele, etc.) podem funcionar* como pronomes adjetivos e como pronomes substantivos:

Este livro é meu. Meu livro é este.

3. As formas invariáveis (isto, isso, aquilo) são sempre pronomes substantivos.

4. Estes DEMONSTRATIVOS combinam-se com as preposições de e em, tomando as formas: deste, desta, disto; neste, nesta, nisto; desse, dessa, disso; nesse, nessa, nisso;

daquele, daquela, daquilo; naquele, naquela, naquilo.

Aquele, aquela e aquilo contraem-se ainda com a preposição a, dando: aquele, aquela e aquilo.

5. Podem também ser DEMONSTRATIVOS o (a, os, as), mesmo, próprio, semelhante e tal, como veremos adiante.

VALORES GERAIS

Considerando-os em suas relações com as pessoas do discurso, podemos estabelecer as seguintes características gerais para os PRONOMES DEMONSTRATIVOS:

\V) Este, esta e isto indicam:

a) o que está perto da pessoa que fala:

Esta casa estará cheia de flores! Cê te espero amanhã! Não te demores! (E. de Castro, W, 59.)

As mãos que trago, as mãos são estas. (C. Meireles, OP, 216.)

/>) o tempo presente em relação à pessoa que fala:

Esta tarde para mim tem uma doçura nova. (Ribeiro Couto, PR, 83.)

Neste momento há um rapaz que gosta de mim, um inglês.

(U. Tavares Rodrigues, N R, 13.)

320

2*?) Esse, essa e isso designam:

a) o que está perto da pessoa a quem se fala:

Que susto você me pregou, entrando aqui com essa cara de alma do outro mundo! (C. dos Anjos, DR, 32.)

Ficas aí um pedaço a descansar e a remoer essas férias. Isso, agora, ainda incha um bocadinho. (F. Namora, NM, 122.)

Essas tuas férias avulso, esse teu calor, esse riso, essa amizade mesmo nos ódios que tinhas, procuro-lhes em vão só, que os teus olhos estão fechados para sempre. (Luandino Vieira, NM, 30.)

b) o tempo passado ou futuro com relação à época em que se coloca a pessoa que fala:

Bons tempos, Manuel, esses que já lá vão!

(A. Nobre, S, 51.)

Desses longes imaginados, dessas expectativas de sonho, passava ele ao exame da situação da Europa em geral e da Alemanha em particular.

(G. Amado, DP, 92.)

3?) Aquele, aquela e aquilo denotam:

a) o que está afastado tanto da pessoa que fala como da pessoa a quem se fala:

Olhem aquele monte ali em frente. É longe, não é? (G. Ramos, AOH, 107.)

Qualquer dia dizem assim: ali naquela casa viveu o Paulino.

(Castro Soromenho, C, 116.)

b) um afastamento no tempo de modo vago, ou uma época remota: Naquele tempo a fogueira crepitava até horas mortas. (C. dos Anjos, DR, 46.)

☉ Naquele tempo era uma boa casa de banho.
☉ Naquele tempo, filho... Ora, naquele tempo!
(M. J. de Carvalho, TM, 41.)

321

☉ Naquele tempo as pernas não me pesavam. (Castro Soromenho, C, 118.)
Resumindo, podemos apresentar no seguinte quadro os valores básicos dessas formas pronominais para a pessoa que fala ou escreve:

DEMONSTRATIVO	PESSOA	ESPAÇO	TEMPO
este	1.'	situação próxima	presente
esse	2.'	situação intermediária ou distante	passado ou futuro
pouco distantes			
aquele	3.'	situação longínqua	passado vago ou remoto

DIVERSIDADE DE EMPREGO

Estas distinções que nos oferece o sistema ternário dos demonstrativos em português não são, porém, rigorosamente obedecidas na prática. Com frequência, na linguagem animada, nos transportamos pelo pensamento a regiões ou a épocas distantes, a fim de nos referirmos a pessoas ou a objetos que nos interessam particularmente como se estivéssemos em sua presença. Lingüisticamente, esta aproximação mental traduz-se pelo emprego do pronome este (esta, isto) onde seria de esperar esse ou aquele.

Sirva de exemplo esta frase de um personagem do romance Fogo Morto, de José Lins do Rego, em que o advérbio lá se aplica a sua casa, da qual no momento estava ausente:

☉ Eu só queria estar lá para receber estes cachorros a ch;cate.
(FM, 296.)

Ao contrário, uma atitude de desinteresse ou de desagrado para com algo que esteja perto de nós pode levar-nos a expressar tal sentimento pelo uso do demonstrativo esse em lugar de este. Assim, no seguinte passo de Ferreira de Castro:

O guarda-livros, num repêlo, ordenou:

☉ Tire esse bandido da minha frente, João! Tome conta dele!
(OC, I, 300.)

321

EMPREGOS PARTICULARES

☉,.

1. Este (esta, isto) ☉ a forma de que nos servimos para chamar a atenção sobre aquilo que dissemos ou que vamos dizer:

☉ Justamente, traz uma comunicação reservada, reservadíssima; negócios pessoais. De licença?

Dizendo isto, Rubião meteu a carta no bolso; o médico saiu; ele respirou.
(Machado de Assis, OC, I, 564.)

Minha tristeza ☉ esta ☉ A das coisas reais.
(F. Pessoa, OP, 100.)

2. Para aludirmos ao que por nós foi antes mencionado, costumamos usar também o demonstrativo esse (essa, isso):

Não havia que pedir de fiado nas lojas; a lareira teria sempre lume. Nisso, ao menos, o Agostinho Serra abria bem as mãos.
(Alves Redol, C, 94.)

☉ A isso eu chamaria complexo de Carlitos. (C. dos Anjos, MS, 383.)

3. Esse (essa, isso) ☉ a forma que empregamos quando nos referimos ao que foi dito por nosso interlocutor:

☉ As minhas meditações foram sempre pessoais e in-transmissíveis.

☉ Sempre. ☉ nisso que ☉s extraordinária. (M. J. de Carvalho, PSB, 56.)

☉ Você, perdendo a noite, ☉ capaz de não dormir de

Já tenho feito isso..
(Machado de Assis, OC, II, 586.)
dia?

4. Tradicionalmente, usa-se nisto no sentido de "então", "nesse momento":
Nisto, ouvimos vozes e passos.
(A. Abelaira, TM, 112.)

323

Entardeceu.

Nisto correu voz que a noiva estava chorando. (Simões Lopes Neto, CGLS, 210.)
Escritores modernos, entretanto, empregam também nisto:

Nisso a orquestra, a boa orquestra romântica dos restaurantes da velha guarda,
atacou "Parabéns para você"... (C. Drummond de Andrade, CB, 20.)

Nisso bateram à porta.

(Ribeiro Couto, NC, 261.)

5. Em certas expressões o uso fixou determinada forma do demonstrativo, nem sempre de acordo com o seu sentido básico. É o caso das locuções: além disso, isto é, isto de, por isso (raramente por isto), nem por isso.

POSICÃO DO PRONOME ADJETIVO DEMONSTRATIVO

1. O DEMONSTRATIVO, quando PRONOME ADJETIVO, precede normalmente o substantivo que determina:

Meu pobre coração, nessa eterna ansiedade, Nesse eterno sofrer, eterno arrastaria
Esta triste, esta longa, esta eterna saudade. (M. Pederneiras, LSMV, 53.)

r1

Estes homens e estas mulheres nasceram para trabalhar. (J. Saramago, LC, 327.)

2. Pode, no entanto, vir posposto ao substantivo para melhor especificar o que se disse anteriormente:

Por outro lado, Si Bina era ainda comadre de Nhô Fe-lúcio, pois balizara um filho dele, há poucos anos, filho esse do segundo casamento.

(Ribeiro Couto, C, 145.)

A recepção esteve muito cacete e o Dr. Martiniano Lopes me pegou no terraço para ler um longo discurso que vai pronunciar na Ordem dos Economistas; martório esse que durou uma hora de relógio.

(C. Drummond de Andrade, CA, 128.)

324

3. Usa-se para determinar o aposto, geralmente quando este salienta uma característica marcante da pessoa ou do objeto:

Amanhã, seriam os comentários na rodinha do sura antipático, sem rabo ainda, sem voz ainda, pescoço pelado, e já metido a galo. Na do sura e na do garnis branco esse, então, uni afeminado de marca, com aquela vozinha esganiçada e o passinho miúdo.

(M. Palmório, KC, 99.)

Arlequim é o D. Quixote, esse livro admirável onde se experimentam ao ar livre, de dia e de noite, e através de todas as eventualidades os preceitos da Honra e das outras teorias.

(Almada Negreiros, OC, III, 90.)

Chamava-se "Terminus", porque o proprietário fizera em tempos a sua viagem à Europa, "Terminus" em luzinhas bem nítidas, bem fortes, com um halo, esse muito lúmpido,

a uni-las.

(M. J. de Carvalho, TM, 10.)

4. Esse (e mais raramente este) emprega-se também para pôr em relevo um substantivo que lhe venha anteposto:

O padre, esse andava de coração em aleluia. (M. Torga, CM, 47.)

O sacrificador, esse, ficara rodando por aí, e seu desejo seria não voltar para casa nem para dentro de si mesmo. (C. Drummond de Andrade, CB, 30.)

Maria José, essa, se comportava no pólo oposto, calada e carrancuda.

(A. Ribeiro, M, 289.)

ALUSÃO A TERMOS PRECEDENTES

1. Quando queremos aludir, discriminadamente, a termos já mencionados, servimo-nos do DEMONSTRATIVO aquele para o referido em primeiro lugar, e do DEMONSTRATIVO este para o que foi nomeado por último:

A ternura não embarga a descrição nem esta diminui aquela.

(Machado de Assis, OC, I, 1124.)

325

Porém de que serve a piedade sem a caridade? ou antes, pode aquela existir sem esta?

(Almeida Garrett, O, I, 721.)

2. Por vezes, os DEMONSTRATIVOS alternados têm valor indefinido:

E vimos isto: homens de todas as idades, tamanhos e cores, uns em mangas de camisa, outros de jaqueta, outros metidos em sobrecasacas esfrangalhadas; atitudes diversas,

uns de cores, outros com as mãos apoiadas nos joelhos, estes sentados em pedras, aqueles encostados ao muro, e todos com os olhos fixos no centro, e as almas debruçadas

das pupilas.

(Machado de Assis, OC, I, 525.)

Outras mulheres, assentadas sobre as esteiras, ladeavam a cama onde momentos antes repousou o corpo. Esta soluçava a um canto; aquela lacrimejava em silêncio junto a um móvel...

(A. de Assis Júnior, SM, 56.)

Depois vieram outros e outros, estes fincados de leve, aqueles até à cabeça.

(Monteiro Lobato, U, 110.)

3. Observe-se também a ocorrência de dois DEMONSTRATIVOS em construções nas quais o predicativo introduzido por aquele melhor esclarece o sujeito, expresso por um substantivo determinado por este ou esse:

Este homem foi aquele que me dizia "que não me afligisse que eu ainda estava muito novo para curar-me". (A. Nobre, CL, 144.)

Mas esses atos são justamente aqueles que os psiquiatras designam como características de qualquer perturbação mental.

(T. Barreto, QV, 39.)

Por vezes omite-se o substantivo:

Essa é aquela Lídia.

(G. Cruls, QR, 498.)

326

REFORÇO DOS DEMONSTRATIVOS

Quando, por motivo de clareza ou de ênfase, queremos precisar a situação das pessoas ou das coisas a que nos referimos, usamos acompanhar o DEMONSTRATIVO de algum

gesto indicador, ou reforçá-lo:

a) com os advérbios aqui, aí, ali, cá, lá, acolá:

É Espera aí. Este aqui já pagou. Agora vocês é que vão engolir tudo, se maltratarmos este rapaz.

(C. Drummond de Andrade, CB, 33.)

É E esse pacotinho aí, seu Xixi?

É Encomenda: é o relógio do Seu Gustavinho Sole. (M. Palmório, VC, 17.)

Esse aí sabia mesmo para ensinar aos outros? (Pepetela, AN, 23.)

É Isto aqui não pode dar saúde a ninguém; basta olhar-se para aquele embondeiro...

(A. de Assis Júnior, SM, 199.)

b) com as palavras mesmo e próprio:

É O Relógio da Sô em casa de Serralheiro?

É Esse mesmo.

É O da Matriz?

É Esse próprio.

(D. F. M. de Melo, AD, 16.)

É Recusei. Não sei se fiz bem.

É É por causa da mulher.

É Isso mesmo.

(O. Lins, FP, 72.)

c) com o pronome outro, possibilitando as aglutinações estoutro, essoutro,

aqueloutro, evitadas, em geral, no português contemporâneo.

VALORES AFETIVOS

1. Os DEMONSTRATIVOS reúnem o sentido de atualiza^{ção} ao de determina^{ção}. São verdadeiros "gestos verbais", acompanhados em geral de entoa^{ção} particular e, não raro, de gestos físicos.

A capacidade de fazerem aproximar ou distanciar no espaço e no tempo as pessoas e as coisas a que se referem permite a estes pronomes expressarem variados matizes afetivos, em especial os irônicos.

327

2. Nos exemplos a seguir, servem para intensificar, de acordo com a entoa^{ção} e o contexto, os sentimentos de: ,*

a) surpresa, espanto:

Passam vinte anos: chega Ele; Vem-se (Pasma) Ele e Ela:

☉ Santo Deus! este ☉ aquele?!...

☉ Mas, meu Deus! esta ☉ aquela?!... (Fontoura Xavier, O, 172.)

☉ Essa agora!

(J. de Sena, SF, 518.)

Ainda mais esta! Onde estaria o padre? (A. Santos, P, 74.)

b) admira^{ção}, apre^{ço}:

☉ Que gente tinha o Pestana, dizia um. Nunca pensei que houvesse homens com aquela coragem. (J. Lins do Rego, M R, 97.)

Aquilo ☉ que são homens fortes.

(Ferreira de Castro, OC, l, 154.)

Aquilo são pés de veludo!

(M. Torga, NCM, 27.)

c) indigna^{ção}:

☉ ☉ tudo claro como água: este c^{ão} roubou-me. Acabo ainda hoje com este malandro! Isto não fica assim. (F. Namora, NM, 193.)

Oi^{ço} a voz tosca do pai, a insultar:

☉ Esta parva!... Esta burra!...

(Luandino Vieira, NM, 119.)

☉ Aquilo ☉ uma terra de línguas pe^{çon}hentas. Deus os confunda a todos.

(A. Ribeiro, M, 346.)

d) pena, comiser^{ação}:

Quem mora ali? Mora ela, Aquela!, ☉

Que nessa triste viela Foi a flor da Mouraria!

(A. Botto, OA, 225.)

Aquela mulher, flor de poesia, era agora aquilo. (A. M. Machado, HR, 67.)

☉ H^á aqui falta de cuidado e asseio ☉ disse consigo ☉; esta pobre mulher vive aqui quase abandonada... (A. de Assis Júnior, SM, 192.)

e) ironia, mal^{ícia}:

Tem um decote pequeno, Um ar modesto e tranquilo; Mas v^ê-se l^á descobrir Coisa pior do que aquilo!

(F. Pessoa, QGP, n^o 251.)

☉ ☉ um malandro, esse Barba^{ças}! (F. Namora, Tl, 193.)

☉ Este Br^{ós}! Este Br^{ós}! Não lhes digo nada!

(A. de Alcantara Machado, NP, 57.)

/) sarcasmo, desprezo:

Isso era at^é uma vergonha!

(M. Torga, NCM, 91.)

Aquela desavergonhada da Helena não anda a dizer que ☉ a ela que o tio quer e ☉ a ela que leva para o Rio?! (A. Ribeiro, M, 349-350.)

☉ Depois transformaram a senhora nisso, D. Ad^{élia}. Um trapo, uma velha sem-vergonha. (G. Ramos, A, 136.)

3. Digno de nota ☉ o acentuado valor irônico, por vezes fortemente depreciativo, dos neutros isto, isso e aquilo, quando aplicados a pessoas, como nestes passos:

◊ Ninguém sabe onde ele anda, Seu Coronel Aquilo ◊ um desgraçado.

(J. Lins do Rego, ME, 80.)

Aquilo, aquele pobre homenzinho amarelento, dessorado, chocho.. .

(U. Tavares Rodrigues, J E, 158.)

Como estivesse a contemplá-lo, ◊ porta, parou um homem, entrou, e olhou com interesse para o retrato. O lojista reparou na expressão; podia ser algum miguelista,

mas também podia ser um colecionador...

◊ Quanto pede o senhor por isto?

◊ Isto? Há de perdoar; quer saber quanto peço pelo meu rico senhor D. Miguel?

(Machado de Assis, OC, I, 908.)

Mas, pelos contrastes que não raro se observam nos empregos afetivos, podem esses DEMONSTRATIVOS expressar também alto apreço por determinada pessoa. Assim:

Aquilo ◊ que dava um deputado os direitas! (C. Castelo Branco, QA, 19.)

◊ Bonita mulher. Como aquilo vê-se, pouco. Ele teve sorte.

(Castro Soromenho, C, 160.)

◊ Como cozinheira não há outra e aquilo. . . ◊ o apuro de asseio.

(Alves Redol, G, 95.)

4. Entre os valores afetivos cabe ressaltar o sentido intensivo, super-lativante, que o DEMONSTRATIVO adquire em frases do tipo:

Qual o quê! Queriam monte. Monte num dia-daqueles! (M. Torga, CM, 72.)

Ninguém ◊ operado assim com essa pressa. (J. Paço d'Arcos, CVL, 365.)

1 Sobre estas construções, leia-se Maria Manuela Moreno de Oliveira. Processos de intensificação no português contemporâneo. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 35-38.

Outro homem não podia existir com aquela força nos braços, aquele riso na boca e aquele calor no peito. (Adonias Filho, LBB, 86.)

5. As formas femininas esta e essa fixaram-se em construções elípticas do tipo:

Ora essa! Essa, não! Mais esta!...

Essa ◊ boa! Essa c◊ me fica! Esta ◊ fina!

6. Fixa também aparece a forma neutra na locução isto (ou isso) de, que equivale a "com referência a", "no tocante a", "a respeito de":

◊ Ah! meu caro Rubião, isto de política pode ser comparado ◊ paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo; não falta nada, nem o discípulo que nega, nem o discípulo que vende.

(Machado de Assis, OC, I, 642.)

◊ Isso de letras ◊ na escola.. . (M. Torga, V, 174.)

◊ Isto de filhos ◊ um aborrecimento! (◊. Ribas, EMT, 165.)

◊(5), A (S) COMO DEMONSTRATIVO

O DEMONSTRATIVO o (a, os, as) ◊ sempre pronome substantivo e emprega-se nos seguintes casos:

a) quando vem determinado por uma oração ou, mais raramente, por uma expressão adjetiva, e tem o significado de aquele (s), aquela(s), aquilo:

O homem que ri, liberta-se. O que faz rir, esconde-se. (A. M. Machado, CJ, 228.)

◊ Não vejo a que esperei! ◊ Vir◊ ainda. (E. Castro, W, 76.)

Ingrata para os da terra, boa para os que não são.

(C. Pena Filho, LG, 120.)

Era terrível o que se passava.

(M. Torga, NCM, 20.)

b) quando, no singular masculino, equivale a isto, isso, aquilo, e exerce as funções de objeto direto ou de predicativo, referindo-se a um substantivo, a um adjetivo,

ao sentido geral de uma frase ou de um termo dela:

O valor de uma desilusão, sabia-o ela. (M. Torga, NCM, 153.)

Não cuides que não era sincero, era-o.

(Machado de Assis, OC, I, 893.)

Seguia-o com o olhar sem me atrever a evitá-lo. (A. Santos, P, 125.)

Ser feliz é o que importa, Não importa como o ser!

(F. Pessoa, QGP, n.º 82.)

SUBSTITUTOS DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Podem também funcionar como DEMONSTRATIVOS as palavras tal, mesmo, próprio e semelhante.

1. Tal é DEMONSTRATIVO quando sinónimo:

a) de "este", "esta", "isto", "esse", "essa", "isso", "aquele", "aquela", "aquilo":

Tal foi a primeira conclusão do Palha; mas vieram outras hipóteses.

(Machado de Assis, OC, I, 602.)

Quando tal ouvi, respirei...

(A. de Assis Júnior, SM, 176.)

Como era possível que nunca tivesse dado por tal? (M. J. de Carvalho, TM, 57.)

b) de "semelhante":

Houve tudo quanto se faz em tais ocasiões. (Machado de Assis, OC, II, 197.)

A causa verdadeira de tal medo, não a sabia dizer. (M. Torga, CM, 151.)

Tal situação contundia-a fortemente, e fazia diminuir aquele vigor e energia com que a conhecemos. (A. de Assis Júnior, SM, 198.)

332

2. Mesmo e próprio são DEMONSTRATIVOS quando têm o sentido de "exato", "idêntico", "em pessoa":

Eu não posso viver muito tempo na mesma casa, na mesma rua, no mesmo sítio.

(Luandino Vieira, JV, 62.)

Foi a própria Carmélia quem me fez o convite. (C. dos Anjos, DR, 161.)

3. Semelhante serve de DEMONSTRATIVO de identidade:

O Lucas reparou nisso e doeu-se intimamente de semelhante descuido.

(M. Torga, CM, 84.)

Tudo o que disse foi, sem dúvida, convencional, e nem a jovem Aurora podia deixar de recorrer às fórmulas que se usam em semelhantes conjunturas.

(C. dos Anjos, DR, 284.)

PRONOMES RELATIVOS

São assim chamados porque se referem, de regra geral, a um termo anterior é o ANTECEDENTE.

FORMAS DOS PRONOMES RELATIVOS

Os PRONOMES RELATIVOS apresentam: a) formas variáveis e formas invariáveis:

VARIÁVEIS

INVARIÁVEIS

MASCULINO

FEMININO

o qual

os quais

a qual

as quais

que

cujo

cujo quanto

quantos

cuja

cujas

quem

onde

333

b) formas simples: que, quem, cujo, quanto e onde; e forma composta: o qual.

Observação:

Antecedido das preposições a e de, o pronome onde com elas se aglutina, produzindo as formas aonde e donde.

NATUREZA DO ANTECEDENTE

O ANTECEDENTE do PRONOME RELATIVO pode SCR:

a) um SUBSTANTIVO:

Dêem-me as cigarras que eu ouvi menino. (M. Bandeira, PP, I, 387.)

6) um PRONOME:

Não serás tu que o vês assim? (A. Sérgio, D, 31.)

c) um ADJETIVO:

As opiniões têm como as frutas o seu tempo de madureza em que se tornam doces de azedas ou astringentes que dantes eram.

(Marquês de Maricó, M, 166.)

d) um ADVÉRBIO:

Lá, por onde se perde a fantasia No sonho da beleza; lá, aonde A noite tem mais luz que o nosso dia... (A. de Ovental, SC, 61.)

e) uma ORAÇÃO (de regra resumida pelo demonstrativo o):

Só a febre aumenta um pouco, o que não admirar ninguém.

(A. Nobre, Cl, 145-6.)

"Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano, criado solto no mato."

(G. Ramos, V S, 172.)

334

' FUNÇÃO SINTÁTICA DOS PRONOMES RELATIVOS

Os PRONOMES RELATIVOS assumem um duplo papel no período com sentença um determinado antecedente e servirem de elo subordinante à oração que iniciam. Por isso, ao

contrário das conjunções, que são meros conectivos, e não exercem nenhuma função interna nas orações por elas traduzidas, estes pronomes desempenham sempre uma função

sintática orações a que pertencem. Podem ser:

1. SUJEITO:

Quero ver do alto o horizonte, que foge sempre de mim.

(O. Mariano, TVP, II, 434.)

[que = sujeito de foge]. 2. OBJETO DIRETO:

Quem não se lembra da picardia que me fez? (A. Ribeiro, M, 67.)

[que = objeto direto de fez].

3. OBJETO INDIRETO:

Eu aguardava com uma ansiedade medonha esta cheia de que tanto se falava.

(J. Lins do Rego, ME, 58.)

[de que = objeto indireto de se falava].

4. PREDICATIVO:

Não conheço quem fui no que hoje sou. (F. Pessoa, OP, 91.)

[quem e que =: predicativos do sujeito eu, oculto].

5. ADJUNTO ADNOMINAL:

Hoje pessoas cuja aversão e desprezo honram mais que os seus louvores e amizade.

(Marquês de Maricó, M, 223.)

335

[cuja = adjunto adnominal de aversão e desprezo, mas em concordância apenas com o primeiro substantivo, o mais próximo].

6. COMPLEMENTO NOMINAL:

Lembrava-me de que deixara toda a minha vida ao acaso e que não pusera ao estudo e ao trabalho com a força de que era capaz.

(L. Barreto, REIC, 287.)

[de que = complemento nominal de capaz].

7. ADJUNTO ADVERBIAL:

Entrava-se de barco pelo corredor da velha casa de cômodos onde eu morava.

(M. Quintana, P, 92.)

[onde = adjunto adverbial de morava].

8. AGENTE DA PASSIVA:

Sim, sua adorável pupila, a quem amo, a quem idolatro e por quem sou

correspondido com igual ardor! (A. Azevedo)

[por quem = agente da passiva do verbo corresponder].

Observação:

Note-se que o RELATIVO cujo funciona sempre como adjunto adnominal; e o relativo onde, apenas como adjunto adverbial.

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE

1. Os PRONOMES RELATIVOS quem e onde podem ser empregados sem antecedente em frases como as seguintes:

Quem tem amor, e tem calma, tem calma... Não tem amor... (A. Tavares, PC, 81.)

336

Passeias onde não ando, Andas sem eu te encontrar.

(F. Pessoa, QGP, nº 47.)

Denominam-se, então, RELATIVOS INDEFINIDOS.

2. Nestes casos de emprego absoluto dos RELATIVOS, muitos gramáticos admitem a existência de um antecedente interno, desenvolvendo, para efeito de análise, quem em aquele que, e onde em no lugar em que. Assim, exemplos citados se interpretariam:

Aquele que tem amor...

Passeias no lugar em que não ando...

3. O antecedente do RELATIVO quanto(s) costuma ser omitido:

Hoje penso quanto faço.

(F. Pessoa, OP, 92.)

Saibam quantos este meu verso virem Que te amo...

(O. de Andrade, PR, 167.)

VALORES E EMPREGOS DOS RELATIVOS Que

1. Que é o RELATIVO básico. Usa-se com referência a pessoa ou coisa, no singular ou no plural, e pode iniciar orações ADJETIVAS RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS:

Não diz nada que se aproveite, esse rapaz! (A. Bessa Luís, QR, 134.)

O ministro, que acabava de jantar, fumava calado e pacífico.

(Machado de Assis, OC, I, 638.)

2. O antecedente do RELATIVO pode ser o sentido de uma expressão ou oração anterior:

E seu cabelo em cachos, cachos d'uvas, E negro como a capa das viúvas... (de maneira o trar das virgens de Belém Que a Nossa Senhora ficava tão bem!) (A. Nobre,

S, 39.)

337

Neste caso, o que vem geralmente antecedido do demonstrativo o ou da palavra coisa ou equivalente, que resumem a expressão ou oração a que o RELATIVO se refere:

Vendia cautelas, o que requer muito cálculo, muito olho e muita porfia.

(J. de Araújo Correia, FX, 54.)

Achou-se mais prudente que eu ine safasse pelos fundos do prédio, o que fiz tão depressa quanto pude. (C. dos Anjos, MS, 328.)

Ela então consentiu que eu erguesse seu rosto, gesto que não me haviam autorizado.

(N. Pinon, CP, 65.)

3. Por vezes, o antecedente do que não vem expresso:

Esta palavra doeu-me muito, e não achei logo que lhe replicasse.

(Machado de Assis, OC, I, 826.)

A uma pergunta assim, a rapariga nem sabia que responder.

(M. Torga, N CM, 184.)

Qual, o qual

1. Nas orações ADJETIVAS EXPLICATIVAS, o pronome que, com antecedente substantivo, pode ser substituído por o qual (a qual, os quais, as quais):

Sei que estou plagiando nosso famoso cronista, o qual,

certa vez, deu-lhe na telha fazer essa comunicação ao jornal e aos leitores.

(C. Drummond de Andrade, CB, 57.)

Durante o seu domínio, todavia, acentua-se a evolução do latim vulgar, falado na península, o qual vinha de há muito diversificando-se em dialetos vários. (J. Cortesão,

FDFP, 42.)

Clareava: uma luz baía, em neblina, através da qual

apareciam serranias distantes e o mar liso, esbranquiçado, luzindo a trechos.

(Coelho Netto, OS, I, 173.)

338

1. Esta substituição pode ser um recurso de estilo, isto é, pode ser liada pela clareza, pela eufonia, pelo ritmo do enunciado. Mas há em que a língua exige o

emprego

da forma o qual. Precisando melhor:

a) o RELATIVO que emprega-se, preferentemente, depois das preposições monossilábicas a, com, de, em e por:

A verdade é um postigo A que ninguém vem falar.

(F. Pessoa, QGP, n.º 21.)

As artes com que o bacharel flautista vingou insinuar-se na estima de D. Maria I e Pedro III, não as sei eu. (C. Castelo Branco, OS., I, 322.)

Indicou-lhe um hotel, de que a viúva tomou nota num caderninho.

(C. Drummond de Andrade, CA, 137.)

Havia ocasiões em que me revoltava. (L. Jardim, MPM, 96.)

A maneira por que ele falava é que era apaixonada, dolorosa, comovente.

(Machado de Assis, OC, II, - 112.)

b) as demais preposições simples, essenciais ou acidentais, bem como as locuções prepositivas, constroem-se obrigatoriamente ou predominantemente com o pronome o qual: Tinha vindo para se libertar do abismo sobre o qual sua negra alma vivia debruçada.

(M. Torga, NCM, 49.)

Uma visita de dez minutos apenas, durante os quais D. Benedita disse quatro palavras no princípio: É Vamos para o- Norte.

(Machado de Assis, OC, II, 316.)

"O livro tinha numa página a figura de um bicho corcunda ao lado do qual, em letras grandes, destacava-se esta palavra: ESTÓMAGO."

(G. Amado, O/A/, 42)

339

Timbrava em manter em casa uma autoridade espreta, perante a qual todos os seus tinham de se curvar passivamente.

(R. M. F. de Andrade, K, 9.)

c) o qual é também a forma usada como partitivo após certos indefinidos, numerais e superlativos:

O Luís", que cuidava da horta de cima, era pai de uns sete ou oito, alguns dos quais já principiavam a ajudá-lo. (R. M. F. de Andrade, V, 135.)

Cinco cadeiras das quais uma de braços no centro do semicírculo.

(Costa Andrade, NVNT, 13.)

Os filhos, quatro crianças, a mais velha das quais teria oito anos, rodeavam-no aos gritos.

(Artur Azevedo, CF M, 5.)

3. Qual, quando repetido simetricamente, é INDEFINIDO, e equivale a um . . . outro:

Imagine uma cachoeira de ideias e imagens, qual mais original, qual mais bela, às vezes extravagante, às vezes sublime.

(Machado de Assis, OC, II, 326.)

Um carrega quatro grandes taboas ao ombro; outro grimpa, com risco de vida, a precária torre do enguiçado elevador; qual bate o martelo; qual despeja nas formas

o cimento, qual mira a planta, qual usa a pua, qual serra (o bárbaro) os galhos de uma jovem mangueira, qual ajusta, neste momento, um pedaço de madeira na serra circular. (R. Braga, CCE, 249.)

Quem

1. Na língua contemporânea, quem se emprega com referência a pessoa ou a alguma coisa personificada:

Feliz é quem tiver netos De quem tu sejas avô!

(F. Pessoa, QGP, n.º 118.)

A mim quem converteu foi o sofrimento. (Coelho Netto, OS, I, 105.)

340

simples RELATIVO, isto é, com referência a um antecedente, quem equivale a "o qual" e vem sempre antecedido de preposição:

A senhora a quem cumprimentara era a esposa do tenente-coronel Veiga.

(Machado de Assis, OC, II, 172.)

Nada como o mexe-mexe caseiro da mulher de quem se gosta e José de Arimatéia imaginava. (M. Palmório, CB, 25.)

Advirta-se, porém, que a língua moderna substitui por sem o (a) qual l dissonante combinações sem quem, de emprego corrente no português an-e médio.

3. Repetido, em fórmulas alternadas, quem corresponde ao INDEFINI-ium... outro. Esta construção, que não era rara no português médio (cf. nões. Lusadas, l, 92; IV, 5), só aparece, modernamente, em autores *de expressão artificial:

Quem no Rosto pasmando se extasia; Quem pelo cónio aos redobrados vivas Da plebe e dos patrocínios embasbaca; Outro em sangue de irmãos folga ensopar-se... (Odorico Mendes, VB, 125.)

Cujo

Cujo e, a um tempo, relativo e possessivo, equivalente pelo sentido a do qual, de quem, de que. Emprega-se apenas como pronome adjetivo e concorda com a coisa possuída

em género e número:

Convento d'Águas do Mar, e verde Convento, Cuja Abadessa secular e a Lua E cujo Padre-capelão e o Vento (A. Nobre, S, 28.)

Herculano e para mim, nas letras, depois de Camões, a figura em cujo espírito e em cuja obra sinto com plenitude o génio heróico de Portugal. (G. Amado, TL, 36.)

341

Quanto

Quanto, como simples relativo, tem por antecedente os pronomes indefinidos tudo, todos (ou todas), que podem ser omitidos. Daí o seu valor também indefinido:

Em tudo quanto olhei fiquei em parte. (F. Pessoa, OP, 231.)

Soprava dum lado, do outro, e tudo quanto foi de gar-rancho e folha seca se juntou num canto só. (L. Jardim, BA, 115.)

Entre quantos te rodeiam, Tu não enxergas teus pais.

(Gonçalves Dias, PCP, 385.)

Onde

1. Como desempenha normalmente a função de adjunto adverbial (=o lugar em que, no qual), onde costuma ser considerado por alguns gramáticos ADVÉRBIO RELATIVO:

Sob o mar sem borrasca, onde enfim se descansa.

(A. Nobre, 5, 90.) Ainda não sei mesmo onde vou buscar as flores.

(Luandino Vieira, NM, 29.)

O mundo ia pouco além do quarteirão de poucas casas e largos terrenos devolutos, onde o lixo subia, onde o capim crescia, onde catávamos melões de São Caetano, onde

os pirilampus surgiam aos milhares ao cair da tarde, onde o orvalho brilhava como pedras preciosas nas belas manhãs de inverno.

(Marques Rebelo, SMAP, 33.)

2. Embora a ponderável razão de maior clareza idiomática justifique o contraste que a disciplina gramatical procura estabelecer, na língua culta contemporânea, entre

onde (= o lugar em que) e aonde (= o lugar a que), cumpre ressaltar que esta distinção, praticamente anulada na linguagem coloquial, já não era rigorosa nos clássicos.

1 Sobre o emprego indiscriminado de onde e aonde, consulte-se a abundante exempli-342

fórmula, pois, de estranhar o emprego de uma forma por outra em pas-10 os seguintes: Vela ao entrares no porto Aonde o gigante está!

(Fagundes Varela, VA, 76.)

Não perceberam ainda onde quero chegar. (Alves Redol, BC, 47.)

(em mesmo a concorrência de ambas as formas num só enunciado:

Mas aonde te vais agora, Onde vais, esposo meu?2

(Machado de Assis, OC, III, 109.)

Ela quem e, meu coração? Responde! Nada me dizes. Onde mora? Aonde?

(Teixeira de Pascoaes, OC, III, 14.)

PRONOMES INTERROGATIVOS

1. Chamam-se INTERROGATIVOS os pronomes que, quem, qual e quanto, empregados para formular uma pergunta direta ou indireta:

Que trabalho estão fazendo? Diga-me que trabalho estão fazendo.

Quem disse tal coisa? Ignoramos quem disse tal coisa.

Qual dos livros preferes?

Não sei qual dos livros preferes.

Quantos passageiros desembarcaram? Pergunte quantos passageiros desembarcaram.

2. Os PRONOMES INTERROGATIVOS estão estreitamente ligados aos pronomes indefinidos. Em uns e outros a significação é indeterminada, embora, no caso dos interrogativos,

a resposta, em geral, venha esclarecer o que foi perguntado.

ficou coligida pelo professor Aurélio Buarque de Holanda, inserta em sua edição dos Contos gauchescos e lendas do sul, de Simões Lopes Neto, 5. ed. Porto Alegre, Globo, 1957, p. 79-82.

1 Na edição de 1902 das Poesias completas (Rio de Janeiro e Paris, Garnier, p. 207) lê-se vós em ambos os versos.

343

FLEXÃO DOS INTERROGATIVOS

Os INTERROGATIVOS que e quem são invariáveis. Qual flexiona-se em número (qual e quais); quanto, em gênero e em número (quanto e quanta e quantos e quantas).

VALOR E EMPREGO DOS INTERROGATIVOS Que

1. O INTERROGATIVO que pode ser:

a) pronome substantivo, quando significa "que coisa":

Que tenciona fazer quando sair daqui? (A. Abelaira, TM, 86.)

Mas não sei que disse a estrela... (A. Tavares, PC, 9.)

b) pronome adjetivo, quando significa "que espécie de", e neste caso refere-se a pessoas ou a coisas:

Que mal me havia de fazer?

(M. Torga, A/CM, 47.)

Não sei que vento mau turvou de todo o lago, (A. de Guimaraens, OC, 56.)

2. Para dar maior ênfase à pergunta, em lugar de que pronome substantivo, usa-se o que:

O mundo? O que é o mundo, é meu amor? (F. Espanca, 5, 90.)

Não sei o que o trouxe aqui.

(C. de Oliveira, AC, 17.)

3. Tanto uma como outra forma pode ser reforçada por o que:

O que é que o senhor está fazendo? gritou-lhe. (C. Lispector, ME, 313.)

O que é que eu vejo, nestas tardes tristes?

(Teixeira de Pascoaes, OC, III, 24.)

344

Nenhuma razão assiste aos que condenam a anteposição do o ao que interroga-, como exaustivamente mostraram Heróclito Graça, em Factos da linguagem. Rio Janeiro.

Livraria de Viúva Azevedo, 1904, p. 367-383; e Said Ali, em Dificuldade da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957, p. 12-20; e Gráfica histórica da língua portuguesa. 3. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1964, 112-114.

Quem

1. O INTERROGATIVO quem é pronome substantivo e refere-se apenas a pessoas ou a algo personificado:

Quem não a canta? Quem? Quem não a canta e sente? (J. de Lima, OC, I, 212.)

Perguntei ao doutor quem era a velha.

(J. de Araújo Correia, FX, 56.)

Mas a Ideia quem é? Quem foi que a viu, Jamais, a essa encoberta peregrina? (A. de Quental, SC, 59.)

2. Em orações com o verbo ser, pode servir de predicativo a um sujeito no plural:

Quem sois vós, meus irmãos e meus algozes? (A. de Quental, SC, 92.)

Sabem, acaso, os vultos, quem vão sendo? (C. Meireles, OP, 320.)

Qual

1. O INTERROGATIVO qual tem valor seletivo e pode referir-se tanto a pessoas como a coisas. Usa-se geralmente como pronome adjetivo, mas nem sempre com o substantivo

contíguo. Nas perguntas feitas com o verbo ser, costuma-se empregar o verbo depois de qual:

☉ Qual ☉ o hotel, em que rua fica?

(U. Tavares Rodrigues, NR, 76.)

Padre Manuel perguntou ao escudeiro do comendador qual era a situação de D. Ana Vaz.

(C. Castelo Branco, OS, II, 247.)

345

☉

2. A ideia seletiva pode ser reforçada pelo emprego da expressão qual dos (das ou de), anteposta a substantivo ou a pronome no plural, bem como a numeral:

Qual dos senhores ☉ pai dum menino que está de côcoras no jardim h☉ mais de meia hora? (A. M. Machado, 7r, 51.)

Qual deles tinha coragem para comer? (F. Namora, TJ, 293.)

☉ Então, moça? qual foi dos nove?

(C. Castelo Branco, BP, 25.)

Quanto

O INTERROGATIVO quanto ☉ um quantitativo indefinido. Refere-se a pessoas e a coisas e usa-se quer como pronome substantivo, quer como pronome adjetivo:

☉ Quanto devo?

(G. Ramos, A, 167.)

Quantas sementes lhe dás tu?

(F. Namora, TJ, 158.)

EMPREGO EXCLAMATIVO DOS INTERROGATIVOS

Estes pronomes são também frequentemente usados nas exclamações, que não passam muitas vezes de interrogações impregnadas de admiração. Conforme a curva tonal e o contexto, podem assumir então os mais variados matizes afetivos.

Comparem-se as frases seguintes:

Que inocência! Que aurora! Que alegria!

(Teixeira de Pascoaes, OC, III, 140.)

☉ Que vozinha que nada! explodiu amarga a aniversariante.

(C. Lispector, LF, 58.)

☉ Coitada!... quem diria... quem imaginaria que acabaria assim!?...

(A. de Assis Júnior, SM, 52.)

346

Quem me dera ser homem!

(B. Santareno, TPM, 101.)

☉ Quais feitios, qual vida!

(M. Torga, CM, 50.-)

☉ E Sigefredo tem esperneado muito?

☉ Qual nada! Anda no mundo da lua. (C. dos Anjos, M, 295.)

Quanto sonho a nascer e já desfeito! (F. Espanca, S, 81.)

Ai, quanto veludo e seda, e quantos finos brocados!

(C. Meireles, OP, 669.)

PRONOMES INDEFINIDOS

Chamam-se INDEFINIDOS os pronomes que se aplicam ☉ 3a pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado.

FORMAS DOS PRONOMES INDEFINIDOS

Os PRONOMES INDEFINIDOS apresentam formas variáveis e invariáveis:

VARIÁVEIS

MASCULINO

algum

nenhum

todo

alguns

nenhuns

todos

FEMININO

alguma

nenhuma

toda

algumas

nenhuma

todas

INVARIÁVEIS

alguém

ninguém

tudo

outro	outros	outra	outras	outrem
muito	muitos	muita	muitas	nada
pouco	poucos	pouca	poucas	cada
certo	certos	certa	certas	algo
vário	vários	vária	várias	
tanto	tantos	tanta	tantas	
quanto	quantos	quanta	quantas	
qualquer	quaisquer	qualquer	quaisquer	

347

LOCUÇÕES PRONOMINAIS INDEFINIDAS

Dê-se o nome de LOCUÇÕES PRONOMINAIS INDEFINIDAS aos grupos de palavras que equivalem a PRONOMES INDEFINIDOS: cada um, cada qual, quem quer que, todo aquele que,

seja quem for, seja qual for, etc.

PRONOMES INDEFINIDOS SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS

1. Os INDEFINIDOS *alguém*, *ninguém*, *outrem*, *algo* e *nada* são se usam como pronomes substantivos:

E se *alguém* fosse avisar a Guarda? (M. Torga, NCM, 52.)

Ninguém ainda inventou fósforos contra o vento? (A. Abelaira, QPN, 25.)

Outrem a repetiu [a frase do discurso], até que muita gente a fez sua.

(Machado de Assis, OC, I, 921.)

Minha Teresa tem algo a me dizer, não é? (J. Amado, TBCG, 289.)

Não devo nada a *ninguém*.

(Alves Redol, BC, 43.)

2. Tudo é normalmente pronome substantivo, mas tem valor de adjetivo nas combinações *tudo isto*, *tudo isso*, *tudo aquilo*, *tudo o que*, *tudo o mais* e semelhantes:

Subia as escadas que levavam à torre do palácio, meditando em *tudo isto*.

(Alves Redol, BC, 58.)

Hoje, *tudo isso*, pássaros e estrelas caldas do céu, são memórias.

(J. C. de Carvalho, N M AI, 51.)

Pensando bem, *tudo aquilo* era muito estranho. (A. Meyer, SI, 25.)

algum, *nenhum*, *todo*, *outro*, *muito*, *pouco*, *vário*, *tanto* e *quanto* são adjetivos que, em certos casos, se empregam como pronomes >.

sim nestes períodos:

Todos estavam admirados.

(Castro Soromenho, TM, 186.)

Quando nos tornamos a ver, *nenhum* teve para o outro a mínima palavra, ficamos a um banco, lado a lado, em expansivo silêncio.

(R. Pompéia, A, 205.)

4. Certo são se usa como pronome adjetivo:

Certos homens ergueram-se acima do seu tempo, acima da civilização.

(A. Abelaira, TM, 79.)

Em certo ponto a água cobria um homem. (R. Pompéia, A, 47.)

5. Também os INDEFINIDOS *cada* e *qualquer*, de acordo com a boa tradição da língua, devem sempre vir acompanhados de substantivo, pronome ou numeral cardinal:

Cada coisa a seu tempo tem seu tempo. (F. Pessoa, OP, 206.)

Está certo, cada qual como Deus o fez. (G. Ramos, A OH, 111.)

Amava a Deus em cada uma das suas criaturas. (B. Santareno, TPM, 47.)

Certas palavras não podem ser ditas em qualquer lugar e hora qualquer.

(C. Drummond de Andrade, MA, 143.)

Qualquer caminho

Em qualquer ponto seu em dois se parte. (F. Pessoa, OP, 476.)

348

349

OPOSIÇÕES SISTEMÁTICAS ENTRE OS INDEFINIDOS

Observam-se algumas oposições sistemáticas na classe dos PRONOMES

INDEFINIDOS.

São bastante notadas, por exemplo, as que se verificam:

a) entre o caráter afirmativo da série:

algum alguém algo e o negativo da série:
nenhum ninguém nada

b) entre o caráter de totalidade inclusiva de:

tudo todo e o de totalidade exclusiva de:

nada

nenhum

c) entre a presença de ideia de pessoa em:

alguém ninguém e a ausência dessa ideia em:

algo nada

d) entre o valor particularizante de:

certo

e a total ausência de particularização de: qualquer

Outras oposições privativas podem ser ainda assinaladas nesta classe tão

heterogênea de pronomes (as de certo / qualquer, muito / pouco, outro / outrem, etc.), com

vista a apresentá-la de maneira mais coerente e, assim, justificar-lhe, em parte pelo menos, a tradicional e unitária conceitual.

350

VALORES DE ALGUNS INDEFINIDOS

Algum e nenhum

1. Anteposto a um substantivo, algum tem valor positivo. É, como aos, o contrário de nenhum:

Com ele podes arranjar alguma coisa. (Castro Soromenho, TM, 248.)

Não havia nele senão aspiração à grandeza verdadeira; nenhum cabotinismo, nenhuma vaidade, e sim um compreensível orgulho.

(A. F. Schmidt, F, 237.)

2. Posposto a um substantivo, algum assumiu, na língua moderna, significação negativa, mais forte do que a expressa por nenhum. Em geral, o INDEFINIDO adquire

este valor em frases onde já existem formas negativas, como não, nem, sem:

Já não morria naquele dia e não tinha pressa alguma em chegar a casa.

(Ferreira de Castro, OC, II, 694.)

Não escreveu, que eu saiba, livro algum. (A. F. Schmidt, GB, 71-72.)

No português antigo e médio, podia dar-se a posição de algum com sentido positivo. Veja-se, por exemplo, este passo de Os Lusíadas, em que a expressão refresco

algum deve ser entendida como "algum refresco":

Desta gente refresco algum tomamos E do rio fresca água; mas com tudo Nenhum sinal aqui da Índia achamos No povo, com nós outros quase mudo. (Camões, Lus., V, 69)

3. No feminino, aparece em construções de acentuado valor afetivo:

O lavrador ainda levantou a cabeça para fazer alguma das dele.

(Alves Redol, BC, 354.)

Alguma ele andou fazendo.

(F. Sabino, ME, 31.)

351

Você quer sair da casa? Por alguma? (Eça de Queirós, O, I, 39.)

4. Reforçado por negativa, nenhum pode equivaler ao INDEFINIDO um:

Esse capitão não foi nenhum oficial de patente, mas um autêntico capitão de terra e mar de Quatrocentos, ao mesmo tempo piloto dos mares de Noroeste e regedor de capitania.

(V. Nêscio, C/, 205.)

Eu, Marília, não fui nenhum vaqueiro Fui honrado pastor da tua aldeia.

(T. A. Gonzaga, OC, I, 137.)

Cada

1. Como dissemos, deve-se empregar o INDEFINIDO cada apenas como PRONOME ADJETIVO.

Quando falta o substantivo, usa-se cada um (uma), cada qual:
Lá no fundo cada um espera o milagre. (C. de Oliveira, PB, 156.)
Cada qual sabe de sua vida.

(J. Amado, MM, 95.)

2. Cada pode preceder um numeral cardinal para indicar discriminação entre unidades, ou entre grupos ou séries de unidades:

De cada dúzia de ovos que vendia, a metade era lucro. Vinha ver-me cada três dias.

3. Tem acentuado valor intensivo em frases do tipo:

A ti era o Chiado que te fazia mal! Apanhavas ali cada constipação...

(V. Vitorino, F, 160.)

Você tem cada uma!

(G. Ramos, AOH, 75.)

Observação:

Na linguagem informal é cada dia mais frequente o emprego substantivo deste pronome em construções como a seguinte:

Estas águas-fortes custam dez mil cruzeiros cada.

352

Certo

1. Certo é PRONOME INDEFINIDO quando anteposto a um substantivo. Caracteriza-o a capacidade de particularizar o ser expresso pelo substantivo, distinguindo-o dos outros da espécie, mas sem identificá-lo.

Dispensa, em geral, o artigo indefinido. A presença deste torna a expressão menos vaga e dá-lhe um matiz afetivo.

Assim:

Sólvio não pede um amor qualquer, adventício ou anônimo; pede um certo amor, nomeado e predestinado. (Machado de Assis, OC, II, 552.)

No fim de contas, tinha uma certa moço da forma como a tratara.

(J. Paço d'Arcos, CVL, 765.)

No rostinho enrugado e emurchecido, havia ainda uma certa graça e vivacidade de menina.

(E. Veríssimo, /4, II, 306.)

2. É adjetivo, com o significado de "seguro", "verdadeiro", "exato", "fiel", "constante":

a) quando posposto ao substantivo:

É idade certa não sei.

(G. França de Lima, JV, 35.)

Homens de piso certo, seus passos derivam de suas lagoas interiores de resignação.

(A. Santos, P, 177.)

É Não há carreira mais certa. (Alves Redol, F, 279.)

b) em comparações intensivas, geralmente antecedido de tão:

Acredita que é tão certo como Deus estar no céu! (M. Torga)

Estou tão certo do que digo como da luz que nos alumia (A. Ribeiro)

353

Neste caso pode ser seguido de substantivo:

Mais certo amigo é João do que Pedro, tão certo amigo

é João como Paulo.

(Sousa da Silveira, LP. 244.)

Nada

1 Nada significa "nenhuma coisa", mas equivale a "alguma coisa" em frases interrogativas negativas do tipo:

É O capitão não come nada?

É Eu agradeço, minha senhora.

(J. Lins do Rego, FM, 317.)

De tempos em tempos aparecia, perguntava se eu não queria nada.

(M. de Andrade, CMB, 285.)

2. Junto a um adjetivo ou a um verbo intransitivo pode ter força adverbial:

É Não foi nada caro, tive um grande desconto. (A. Abelaira, QPN, 14.)

Não tinha um ar nada inocente. Mesmo nada. (J. Cardoso Pires, D, 298.)

O cavalo não correu nada. Outro

1. Cumpre distinguir as expressões:

a) outro dia, ou o outro dia e um dia passado mas próximo:

Outro dia fui à casa do Sebastião e lá aceitei um café.

(C. Drummond de Andrade, F A, 209.)

Contou-me a Ama, o outro dia, Que Deus, somente o veria Quem fosse Anjo, ninguém mais.

(A. Corrêa d'Oliveira(M, 92.)

354

b) no outro dia, ou ao outro dia =^ no dia seguinte:

No outro dia, de volta do campo, encontrei no alpendre João Nogueira, Padilha e Azevedo Gondim. (G. Ramos, SB, 52.)

No outro dia, o terceiro, Elmira não pôde sair mais cedo. (A. de Assis Júnior, SM, 204.)

Ao outro dia, ao almoço, Amélia estava pálida, com as olheiras até ao meio da face.

(Eça de Queirós, O, 1, 69.)

Partiu o navio, ao outro dia de manhã. (M. Ferreira, HB, 135.)

2. Em expressões denotadoras de reciprocidade, como um ao outro, um do outro, um para o outro, conserva-se em geral a fôrma masculina, ainda que aplicada a indivíduos

de sexos diferentes:

Compreendi que um vínculo de simpatia moral nos ligava um ao outro; com a diferença que o que era em mim paixão específica, era nela uma simples eleição de caráter.

(Machado de Assis, OC, II, 496.)

A Judite dava toda a atenção ao seu par, a uma distância perigosa um do outro.

(Almada Negreiros, NG, 93.)

Sentou-se no canapé e ficamos a olhar um para o outro, ela desfeita em graça, eu desmentindo Shelley com todas as forças sexagenárias restantes.

(Machado de Assis, OC, I, 1129.)

3. Outro pode empregar-se como adjetivo na acepção de "diferente", "mudado", "novo" -

Não sabia que assim tão outra voltarias: Eras de negro olhar, de olhar azul tu voltas. (A. de Guimaraens, OC, 105.)

Era outro homem, fora fundido noutra cadinho. (Ferreira de Castro, OC, II, 93.)

Entre em casa outro homem:, calmo e bem humorado. (R. M. F. de Andrade, V, 127.)

355

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido:

Não é uma qualquer coisa, não!

(Luandino Vieira, NM, 116.)

Ele não era um qualquer.

(M. Ferreira, HB, 47.)

Julio, se eu te falo assim é porque não te vejo como um qualquer.

(J. Lins do Rego, E, 253.)

A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o indefinido vem posposto a um nome de pessoa:

Já não era uma Judite qualquer, era a Judite do Antunes.

(Almada Negreiros, NG, 86.)

Hoje é isto que o senhor vê: um Pestana qualquer acha-se com o direito de ser deputado.

(J. Lins do Rego, M R, 239.)

Todo

No Capítulo 9, estudamos o emprego do artigo com este INDEFINIDO. Aqui acrescentaremos o seguinte:

1. No singular e posposto ao substantivo, todo indica a totalidade das partes:

Toda a obra é v, e v a obra toda. (F. Pessoa, OP, 486.)

O conflito acordou o colégio todo. (G. Amado, HMI, 163.)

2. Também indica a totalidade das partes, quando, no singular, antecede um pronome pessoal:

Todo ele evidenciava um cansaço íntimo. (M. Torga, V, 105.)

356

A casa, toda ela, gelava.

(C. de Oliveira, 4 C, 81.)

3. No plural, anteposto ou não, designa a totalidade numérica:

Todos os homens caminhavam em silêncio. (Ferreira de Castro, OC, I, 446.)

As culpas todas eram deles; aguentassem com elas! (A. Peixoto, RC, 449.)

4. Anteposto a um elemento nominal, aposto ou predicativo, em-a-se com o sentido de "inteiramente", "em todas as suas partes", "nuito":

Silva estendeu a guia de trânsito a Vasconcelos, levantando-se da secretária com um sorriso, todo amável. (Castro Soromenho, TM, 132.)

Paisagem desconhecida, Manuel da Bouça era todo olhos para a vórzea que atravessavam.

(Ferreira de Castro, OC, II, 390.)

Eras toda graça e. incompreensão.

(Ribeiro Couto, PR, 226.)

Tudo

Refere-se normalmente a coisas, mas pode aplicar-se também a pessoas:

Não se fala noutra coisa, e está tudo furioso. (A. de Quental, C, 358.)

Fidelia chegou, Tristão e a madrinha chegaram, tudo chegou.

(Machado de Assis, OC, 1, 1069.)

Aqui na pensão e na casa da lagoa tudo dorme. (J. Cardoso Pires, D, 339.)

Enfim, tudo aquilo era a mesma gente, exceto o Antunes.

(Almada Negreiros, NG, 92.)

357

12

NUMERAIS

ESPÉCIES DE NUMERAIS

1. Para indicarmos uma quantidade exata de pessoas ou coisas, ou para assinalarmos o lugar que elas ocupam numa série, empregamos uma classe especial de palavras os NUMERAIS.

Os NUMERAIS podem ser CARDINAIS, ORDINAIS, MULTIPLICATIVOS e FRACIONÁRIOS.

2. Os NUMERAIS CARDINAIS são os números básicos. Servem para designar:

a) a quantidade em si mesma, caso em que valem por verdadeiros substantivos:

Dois e-dois são quatro.

b) uma quantidade certa de pessoas ou coisas, caso em que acompanham um substantivo e semelhança dos adjetivos:

Geraldo Alonso levantou-se, deu três passos para a frente. (O. Lins, FP, 158.)

Botou a cinco contatos o mel... e a dois lagares o azeite.

(A. Ribeiro, M, 44.)

3. Os NUMERAIS ORDINAIS indicam a ordem de sucessão dos seres ou objetos numa dada série. Equivalem a adjetivos, que, no entanto, se substantivam facilmente:

A senhora Basília de Cedofeita, uma alfarrabista, era viúva e entendida em primeiras edições.

(A. Bessa Luís, OM, 126.)

Foi a que se tornou a primeira de sua classe.

(A. de Alcântara Machado, NP, 125.)

338

4. Os NUMERAIS MULTIPLICATIVOS indicam o aumento proporcional J, (quantidade, a sua multiplicação. Podem equivaler a adjetivos e, com frequência, a substantivos, por virem geralmente antecidos de artigo:

um duplo receber, que um duplo dar.

(J. M. de Macedo, RQ, 2.)

Tinha o dobro da minha grossura e era vermelho como malagueta.

(Ferreira de Castro, OC, I, 154.)

5. Os NUMERAIS FRACIONARIOS exprimem a diminuiçao proporcional quantidade, a sua divisao.

Já pagamos a metade da dívida. Só recebeu dois terços do ordenado.

r, NUMERAIS COLETIVOS

Assim se denominam certos NUMERAIS que, como os substantivos coletivos, designam um conjunto de pessoas ou coisas. Caracterizam-se, no entanto, por denotarem o número de seres rigorosamente exato. É o caso jje novena, dezena, década, dúzia, centena, cento, lustro, milhar, milheiro, par.

FLEXAO DOS NUMERAIS CARDINAIS

1. Os NUMERAIS CARDINAIS um, dois, e as centenas a partir de duzentos variam em gênero:

um uma duzentos duzentas dois duas trezentos trezentas

2. Milhão, bilhão ou bilião, trilhão, etc. comportam-se como substantivos e variam em número:

dois milhões vinte trilhões

3. Ambos, que substitui o CARDINAL os dois, varia em gênero: ambos os pés ambas as mãos

359

4. Os outros CARDINAIS são invariáveis.

ORDINAIS Os NUMERAIS ORDINAIS variam em gênero e número:

primeiro primeira primeiros primeiras vigésimo vigésima
vigésimos vigésimas

MULTIPLICATIVOS

1. Os NUMERAIS MULTIPLICATIVOS são invariáveis quando equivalem a substantivos: Podia ser meu avô, tem o triplo da minha idade.

Empregados com o valor de adjetivos flexionam-se em gênero e em número:

Costuma tomar o remédio em doses duplas.

2. As formas multiplicativas dúplice, triplice, etc. variam apenas em número:

Deram-se alguns saltos triplices.

FRACIONARIOS

1. Os NUMERAIS FRACIONARIOS concordam com os cardirtais que indicam o número das partes:

Subscrevi um terço e Carlos dois terços do capital.

2. Meio concorda em gênero com o designativo da quantidade de que é frção:

Comprou três quilos e meio de carne. Andou duas léguas e meia a pé.

No Brasil, em lugar de meio dia e meia (hora), diz-se normalmente meio dia e Meio dia e meio... nada de Luzardo. (Gilberto Amado, DP, 147.)

NUMERAIS COLETIVOS Todos os numerais coletivos flexionam-se em número:

três décadas dois milheiros

cinco dúzias quatro lustros

QUADRO DOS NUMERAIS I. NUMERAIS CARDINAIS E ORDINAIS

fci

ALGARISMOS CARDINAIS ORDINAIS

ROMANOS ARABICOS

I	1	um	primeiro
II	2	dois	segundo
III	3	três	terceiro
IV	4	quatro	quarto
V	5	cinco	quinto
VI	6	seis	sexto
VII	7	sete	sétimo
VIII	8	oito	oitavo
IX	9	nove	nono

X	10	dez	décimo		
XI	11	onze	undécimo	ou	décimo pri-
		meiro			
XII	12	doze	duodécimo	ou	décimo se-
		gundo			
XIII	13	treze	décimo terceiro		
XIV	14	quatorze	décimo quarto		
XV	15	quinze	décimo quinto		
XVI	16	dezesesseis	décimo sexto		
XVII	17	dezesete	décimo sétimo		
XVI II	18	dezoito	décimo oitavo		
XIX	19	dezenove	décimo nono		
XX	20	vinte	vigésimo		
XXI	21	vinte e um	vigésimo primeiro		
360					
361					
XXX	30	trinta	trigésimo		
XL	40	quarenta	quadragésimo		
L	50	cinquenta	quingésimo		
LX	60	sessenta	sexagésimo		
LXX	70	setenta	septuagésimo		
LXXX	80	oitenta	octogésimo		
XC	90	noventa	nonagésimo		
C	100	cem	centésimo		
CC	200	duzentos	ducentésimo		
CCC	300	trezentos	trecentésimo		
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo		
D	500	quinhentos	quingentésimo		
DC	600	seiscentos	seiscentésimo	ou	sexcenté-
		simo			
DCC	700	setecentos	septingentésimo		
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo		
CM	900	novecentos	nongentésimo		
M	1 000	mil	milésimo		
X	10 000	dez mil	dez milésimos		
C	100 000	cem mil	cem milésimos		
M	1 000 000	um milhão	milionésimo		
n	1 000 000 000	um bilhão	bilionésimo		

VALORES E EMPREGOS DOS CARDINAIS

1. Na lista dos CARDINAIS costuma-se incluir zero (0), que equivale a um substantivo, geralmente usado em aposição:

grau zero desinência zero

2. Cem, forma reduzida de cento, usa-se como um adjetivo invariável:

cem rapazes cem meninas Cento também invariável. Emprega-se hoje apenas:

a) na designação dos números entre cem e duzentos i

cento e dois homens cento e duas mulheres h) precedido do artigo, com valor de substantivo:

Comproou um cento de bananas. Pagou caro pelo cento de pêssegos.

362

c) na expressão cem por cento.

3. Usa-se ainda conto (antigamente = um milhão de réis) no sentido de "mil escudos" (em Portugal) e "mil cruzeiros" (no Brasil):

A gravura custou dois contos.

4. Bilhão (que também se escreve bilião) significava outrora "um milhão de milhões", valor que ainda conserva em Portugal, Grã-Bretanha, Alemanha e no mundo de língua

espanhola. No Brasil, na França, nos Estados Unidos e em outros países representa hoje "mil milhões".

va000:

No Brasil quatorze alterna com catorze, que é a forma normal portuguesa. Em Portugal empregam-se, normalmente dezasseis, dezassete e dezanove, variantes desusadas no Brasil.

CARDINAL COMO INDEFINIDO

O emprego do número determinado pelo indeterminado é um dos processos de superlativação preferidos pelas línguas românicas.

Sirva de exemplo o CARDINAL mil, desde os começos da língua portuguesa; mente usado para expressar a indeterminação exagerada:

Em abril, chuvas mil.

EMPREGO DA CONJUNÇÃO E COM OS CARDINAIS

1. A conjunção e é sempre intercalada entre as centenas, as dezenas e as unidades: é

trinta e cinco

trezentos e quarenta e nove.

2. Não se emprega a conjunção entre os milhares e as centenas, salvo quando o número terminar numa centena com dois zeros:

1892 = mil oitocentos e noventa e dois. 1800 = mil e oitocentos.

363

3. Em números muito grandes, a conjunção e emprega-se entre os membros da mesma ordem de unidades, e omite-se quando se passa de uma ordem a outra:

293.572 = duzentos e noventa e três mil quinhentos e setenta e dois.

332.415.741.211 = trezentos e trinta e dois bilhões, quatrocentos e quinze milhões, setecentos e quarenta e um mil duzentos e onze.'

VALORES E EMPREGOS DOS ORDINAIS

1. Ao lado de primeiro, que é forma própria do ORDINAL, a língua portuguesa conserva o latinismo primo (-a), empregado:

a) seja como substantivo, para designar parentesco (os primos) e, na forma feminina (a prima), "a primeira das horas canônicas" e "a mais elevada corda" de alguns

instrumentos;

b) seja como adjetivo, fixado em compostos como obra-prima e matéria-prima, ou em expressões como números primos.

2. Certos ORDINAIS, empregados com frequência para exprimir uma qualidade, tornam-se verdadeiros adjetivos. Comparem-se:

Um material de primeira categoria [= superior]. Um artigo de segunda qualidade [= inferior].

3. Como em certos jogos as cartas, pedras ou pontos são designados pelas palavras reis, duque, terno, quadra, a forma reis, equivalente a primeiro, passou a designar os campeões, especialmente dos esportes:

Os ases do automobilismo.

EMPREGO DOS CARDINAIS PELOS ORDINAIS

Em alguns casos o NUMERAL ORDINAL é substituído pelo CARDINAL correspondente.

Assim:

1?) Na designação de papas e soberanos, bem como na de séculos e de partes em que se divide uma obra, usam-se os ORDINAIS até décimo, e daí por diante o CARDINAL, sempre que o numeral vier depois do substantivo:

364

Gregório VII (sétimo) Pedro II (segundo) Século X (décimo) Ato III (terceiro)

Canto VI (sexto)

João XXIII (vinte e três) Luís XIV (quatorze) Século XX (vinte) Capítulo XI (onze)

Tomo XV (quinze)

Quando o numeral antecede o substantivo, emprega-se, porém, o ORDINAL:

Décimo século Terceiro ato Sexto Canto

Vigésimo século Décimo primeiro capítulo Décimo quinto tomo

2?) Na numeração de artigos de leis, decretos e portarias, usa-se o ORDINAL até nove, e o CARDINAL de dez em diante:

Artigo 1? (primeiro) Artigo 9*? (nono)

Artigo 10 (dez)

Artigo 41 (quarenta e um)

3?) Nas referências aos dias do mês, usam-se os CARDINAIS, salvo na designação do primeiro dia, em que se de regra o ORDINAL. Também na indicação dos anos e das horas

empregam-se os CARDINAIS.

Chegaremos às seis horas do dia primeiro de maio. São duas horas da tarde do dia vinte e oito de julho de mil novecentos e oitenta e três.

4?) Na enumeração de páginas e de folhas de um livro, assim como na de casas, apartamentos, quartos de hotel, cabines de navio, poltronas de casas de diversões e equivalentes empregam-se os CARDINAIS. Nestes casos sente-se a omissão da palavra número:

Página 3 (três) Folha 8 (oito) Cabine 2 (dois)

Casa 31 (trinta e um) Apartamento 102 (cento e dois) Quarto 18 (dezoito)

Se o numeral vier anteposto, usa-se o ordinal:

Terceira página Oitava folha

Segunda cabine Trigesima primeira casa

365

II. NUMERAIS MULTIPLICATIVOS E FRACIONARIOS

MULTIPLICATIVOS

FRACIONARIOS

duplo, dobro, duplice

triplo, triplice

quadruplo

quintuplo

sextuplo

septuplo

octuplo

nonuplo

decuplo

undecuplo

duodecuplo

centuplo

meio ou metade

terço

quarto

quinto

sexto

sétimo

oitavo

nono

décimo

undécimo ou onze avos

duodécimo ou doze avos

centésimo

EMPREGO DOS MULTIPLICATIVOS

Dos MULTIPLICATIVOS apenas dobro, duplo e triplo são de uso corrente. Os demais pertencem à linguagem erudita. Em seu lugar, emprega-se o numeral cardinal seguido

da palavra vezes: quatro vezes, oito vezes, doze vezes, etc.

EMPREGO DOS FRACIONARIOS

1. Os NUMERAIS FRACIONARIOS apresentam as formas próprias meio (ou metade) e terço. Os demais são expressos:

a) pelo ORDINAL correspondente, quando este se compõe de um só radical: quarto, quinto, décimo, vigésimo, milésimo, etc.;

b) pelo CARDINAL correspondente, seguido da palavra avos, quando o ORDINAL é uma forma composta: treze avos, dezoito avos, vinte e três avos, cento e quinze avos.

2. Excetuando-se meio, os NUMERAIS FRACIONARIOS vêm antecidos de um cardinal,

que designa o número de partes da unidade: um terço, três quintos, cinco treze avos.

Observações:

1.) No Brasil, a expressão meia-dúzia (não raro reduzida a meia) substitui o cardinal seis, principalmente quando se enunciam números de telefone.

2.) A forma fracionária duodécimo é de uso normal, na linguagem administrativa, nas áreas em que a distribuição orçamentária se processa por parcelas mensais:

O Departamento já recebeu o segundo duodécimo.

366

VERBO

'NÚMEROS PRELIMINARES

1. VERBO é uma palavra de forma variável que exprime o que se isto é, um acontecimento representado no tempo:

Um dia, Aparício desapareceu para sempre. (A. Meyer, SI, 25.)

A mulher foi educada por minha mãe.

(Machado de Assis, OC, I, 343.)

-Como estavam velhos!

(A. Bessa Luís, S, 189.)

'Anoitecera já de todo!

(C. de Oliveira, A C, 19.)

2. O VERBO não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja própria, pois também o SUBSTANTIVO e o ADJETIVO podem ser núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela função obrigatória de predicado, é a única que desempenha na estrutura oracional.

* FLEXÕES DO VERBO' /

O verbo apresenta as variações de NÚMERO, de PESSOA, de MODO, de TEMPO, de ASPECTO e de voz.

1 Daí a definição de A. Maria Barrenechea: "Os verbos são as palavras que têm a função obrigatória de predicado e um regime próprio" (Los clases de palabras en español

como clases funcionales. Romance Philology, 77:306-307, 1963).

367

NÚMEROS

Como as outras palavras variáveis, o verbo admite dois números: o SINGULAR e o PLURAL. Dizemos que um verbo está no singular quando ele se refere a uma só pessoa

ou coisa e, no plural, quando tem por sujeito mais de uma pessoa ou coisa.

Exemplo:

SINGULAR PLURAL estudo estudas estuda estudamos estudais

estudam

TEMPOS

TEMPO é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo

~ ~ ~ ~ ~
~ ~ ~ ~ ~ três tempos naturais são o PRESENTE, o PRETÉRITO (ou PASSADO) _RO, que designam respectivamente, um fato ocorrido no momento se fala, antes do momento em que se fala e após o momento em se fala.

OJ>RESENTP. jg. indivisível, mas o PRETÉRITO e o FUTURO subdividem-se

INDICATIVO e no SUBJUNTIVO, como se vê do seguinte esquema:

PESSOAS

O verbo possui três PESSOAS relacionadas diretamente com a pessoa gramatical que lhe serve de sujeito.

1. A primeira é aquela que fala e corresponde aos pronomes pessoais eu (singular) e nós (plural):

estudo

estudamos

2. A segunda é aquela a quem se fala e corresponde aos pronomes pessoais tu (singular) e vós (plural):

estudas

estudais

3. A terceira é aquela de quem se fala e corresponde aos pronomes pessoais ele, ela (singular) e eles, elas (plural)
estuda
estudam

V MODOS)

^.....-~*^^

^^^

C Chamam-se MODOS as diferentes formas que toma o verbo para indicar / ,/a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa j j que fala em relação ao fato que enuncia.

^ - IJ Jtr s modos em português -ji-imCAijyi- .^ -SL!BjuNTivo e o IMPE-
JIATIVO. Dos seus valores e empregos tratamos, com o necessário desenvolvimento, adiante,

neste mesmo capítulo, onde também estudamos as FORMAS NOMINAIS do verbo: o INFINITIVO, o GERONDIO e o PARTICÍPIO.

ATRvo 4

Presente: estudo

Pretérito

imperfeito: estudava perfeito

r si lcc

simples: estudei composto: tenho estudado

mais-que-per- j simples: estudara

feito l composto: tinha (ou havia) estudado

, 'LjiXWo duo- -Lut

J simples: estudarei

do

Futuro

: terei (ou haverei) estudado

do pretérito Presente: estude

. J simples: estudaria

| composto: teria (ou haveria) estudado

Pretérito

Futuro

l IMPERATIVO Presente:

{imperfeito: estudasse perfeito: tenha (ou haja) estudado mais-que-perfeito:

tivesse (ou houvesse) estudado

[simples: estudar l composto: tiver (ou houver) estudado

estuda (tu), estude (voc), estudemos (nós), estudai (vós), estudem (vocs).

l De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira e afastando-nos neste ponto

deliberadamente da tradição gramatical portuguesa adotamos esta designação,

em lugar de MODO CONDICIONAL, por a julgarmos mais adequada. Veja-se o que

'dizemos adiante, na página 452 (Observação 3.), ao tratarmos do emprego deste

tempo.

368

369

ASPECTOS

1. Diferente das categorias do TEMPO, do MODO e da voz, o ASPECTO designa "uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo". Pode ele considerá-la como concluída, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como não concluída, ou

seja, observada na sua duração, na sua repetição. ~

é a clara distinção que se verifica em português entre as formas verbais classificadas como PERFEITAS ou MAIS-QUE-PERFEITAS, de um lado, e as IMPERFEITAS, de outro.

2. Além dessa distinção básica, que divide o verbo, gramaticalmente, em dois grandes grupos de formas, costumam alguns estudiosos alargar o conceito de ASPECTO,

nele incluindo valores semânticos pertinentes ao verbo ou ao contexto.

Assim, nestas frases:

João comeu a comer. João continua a comer. João acabou de comer.

não há, a bem dizer, uma oposição gramatical de aspecto. É o próprio significado dos auxiliares que transmite ao contexto os sentidos INCOATIVO, PERMANENTE e CONCLUSIVO.

Dentro dessa lata conceitual, poderíamos distinguir, entre outras, as seguintes oposições aspectuais:

1?) ASPECTO PONTUAL / ASPECTO DURATIVO. A oposição aspectual caracteriza-se neste caso pela menor ou maior extensão de tempo ocupada pela ação verbal. Assim:

Aspecto pontual Acabo de ler Os Lusíadas.

Aspecto durativo Continuo a ler Os Lusíadas.

2?) ASPECTO CONTÍNUO / ASPECTO DESCONTÍNUO. Aqui a oposição aspectual incide sobre o processo de desenvolvimento da ação:

Aspecto contínuo Vou lendo Os Lusíadas.

Aspecto descontínuo Voltei a ler Os Lusíadas.

1 Conrad Bureau. In Dictionnaire de la linguistique sous la direction de Georges Mounin. Paris. P.U.F., 1974. p. 41.

370

INCOATIVO / ASPECTO CONCLUSIVO.)o aspecto incoati-_____ considerado em sua fase inicial|o aspecto con-terminativo expressa um processo observado em sua fase

final:

Aspecto incoativo ^_Aspectoconclusivo Comecei a ler Os Lusíadas. ^cabci
de ler Os Lusíadas.

1 São também de natureza aspectual as oposições entre: FORMA SIMPLES / PERÍFRASE DURATIVA:

L f

leio / estou lendo (ou estou a
perífrase de estar -f- GERÚNDIO (ou INFINITIVO precedido da pre-
a), que designa o "aspecto do momento rigoroso" (Said Ali), es-
a todos os modos e tempos do sistema verbal e pode ser substituí-
e outras perífrases, formadas com os auxiliares de movimento (andar,
viver, etc.) ou de implicação (continuar, ficar, etc.):

Ande lendo (ou a ler). Vai lendo.

Ser l estar:

Contínuo lendo (ou a ler). Ficou lendo (ou a ler).

^ ' Ele{est}eridof e

A oposição ser / estar corresponde a dois tipos de passividade. Ser na a passiva
de ação; estar, a passiva de estado.1 e-e-^

Como vemos, tais oposições se baseiam fundamentalmente na diver-de de forma das
perífrases verbais.

De um modo geral, pode-se dizer que as perífrases construídas com i PARTICÍPIO
exprimem o aspecto acabado, concluído; e as construídas com) INFINITIVO ou o
GERÚNDIO

expressam o aspecto inacabado, não concluído.

Dos seus principais valores aspectuais trataremos adiante ao estudar-

IMOS OS VERBOS AUXILIARES e 3S FORMAS NOMINAIS do VCrbo.

Quanto às construções com ser e estar em espanhol, mas com interesse para o
português, veja-se a monografia de Ricardo Navas Ruiz. Ser y estar. Estudio sobre
el

sistema atributivo del-español. Salamanca, Acta Salmanticensia, 1963,

371

Ob*erva(ões:

1.) Estudiosos há que, seguindo o eslavista Agreí, distinguem ASPECTO de
MODALIDADE DE AÇÃO, considerando o primeiro a categoria gramatical que opõe a ação
concluída

e não concluída, e a segunda toda oposição expressa por meios lexicais, o que

abrange um número ilimitado de possibilidades semânticas. Veja-se a respeito: ^

Robert

Martin. Temps et aspect. Essai sur l'emploi des temps narratifs en moyen français. Paris, Klincksieck, 1971. p. 56; 1970. Temps et aspect en français moderne.

Quelques

remarques inspirées par la lecture de Verbe et adverbe de M. A. Klum. Travaux de Linguistique et de Littérature, 3(1): 67-79, especialmente p. 76-79; L. Jenaro MacLennan. El problema del aspecto verbal. Estudio crítico de sus presupuestos. Madrid, Ctedos, 1962, p. 146-150; Arne Klum. Verbe et adverbe. Etude sur le

systeme

verbal indicatif et sur le systeme de certains adverbes de temps à la lumière des relations verbo-adverbiales dans la prose du français contemporain. Stockholm, Almqvist & Wiksell, 1961, p. 107 passim; Ataliba T. de Castilho. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. Marília, Faculdade de Filosofia, Ciências

e Letras, 1968, p. 39-44; Claudino Celso. Systeme verbal /français et systeme verbal portugais. Etude comparative. Metz, Université de Metz, 1978. p. 61-65 (com

larga

bibliografia sobre o assunto).

2.) É hoje vastíssima a bibliografia sobre aspecto verbal. Além da que se contém nas obras citadas na observação anterior, veja-se a que de Marc Wilmet em Eludes de morpho-syntaxe verbale. Paris, Klincksieck, 1976, p. 153; e em: Aspect grammatical, aspect sémantique, aspect lexical: un problème de limites. In La Notion d'Aspect.

Colloque organisé par le Centre d'Analyse Syntaxique de l'Université de Metz.

Actes publiés par Jean David et Robert Martin. Paris, Klincksieck, 1980, p. 51-52.

Estas Atas reproduzem o texto das comunicações de Eugénio Coseriu, Martin S. Ruipérez, Joe Larochette, Gérard Moignet, Marc Wilmet, Maurice Gross, Jean-Marie Zemb,

Görod Stahl, J. Hoepelman e C. Rohrer, Frédéric Nef, Antoine Culioli, J.-P. Desclés, Bernard Pottier e representam uma síntese conclusiva das principais questões

concernentes ao aspecto em geral.

VOZES O fato expresso pelo verbo pode ser representado de três formas:

a) como praticado pelo sujeito:

João feriu Pedro.

Não vejo rosas neste jardim.

b) como sofrido pelo sujeito:

Pedro foi ferido por João.

Não se vêem [= são vistas] rosas neste jardim.

c) como praticado e sofrido pelo sujeito:

João feriu-se.

Dei-me pressa em sair.

372

no primeiro caso, diz-se que o verbo está na voz ATIVA; no segundo,

é PASSIVA; no terceiro, na voz REFLEXIVA.

no se verifica dos exemplos acima, o objeto direto da voz ATIVA é o sujeito da voz PASSIVA; e, na voz REFLEXIVA, o objeto direto é a mesma pessoa do sujeito.

Logo, para que um verbo admita a voz de voz, é necessário que ele seja TRANSITIVO.

1. Voz passiva. Exprime-se a voz PASSIVA:

com o VERBO AUXILIAR ser e o PARTICÍPIO do verbo que se quer usar:

Pedro foi ferido por João.

fc) com o PRONOME APASSIVADOR se e uma terceira pessoa verbal, Singular ou plural, em concordância com o sujeito:

Não se vê [= é vista] uma rosa neste jardim. Não se vêem [= são vistas] rosas neste jardim.

Voz reflexiva. Exprime-se a voz REFLEXIVA juntando-se às formas ver- da voz ativa os pronomes oblíquos me, te, nos, vos e se (singular e plural):
Eu me feri [= a mim mesmo] Tu te feriste [= a ti mesmo] Ele se feriu [= a si mesmo] Nós nos ferimos [= a nós mesmos] Vós vos feristes [= a vós mesmos] Eles se feriram

[= a si mesmos]

Observações:

1.) Além do verbo ser, há outros auxiliares que, combinados com um particípio. m formTr a Joz PASSVA. Estão nesse caso certos verbos que exprimem estado ,,Sr viver.

etc.). mudança de estado (ficar) e movimento (,r, v.r):

Os homens já estavam tocados pela febre.

Ficou atormentado pelo remorso.

Os pais vinham acompanhados dos filhos.

2.) Nas formas da voz PASS.VA o PART,CÓP,O concorda em gênero e número com o sujeito:

Ele foi ferido. Ela foi ferida.

Eles foram feridos. Elas foram feridas.

373

FORMAS RIZOTônicas E ARRIZOTônicas

Em certas formas verbais o acento tônico recai no radical. Assim:

ando ande

andas andes

anda ande

andam* andem

Em outras, o acento tônico recai na terminação. Assim:

andamos andemos

andais andeis

andou andava

andar andarão

As primeiras damos o nome de FORMAS RIZOTônicas; as segundas, de FORMAS ARRIZOTônicas.

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO 1. Quanto à FLEXÃO, o verbo pode ser REGULAR, IRREGULAR, DEFECTIVO e ABUNDANTE.

Os REGULARES flexionam-se de acordo com o PARADIGMA, modelo que representa o tipo comum da conjugação. Tomando-se, por exemplo, cantar, vender e partir como paradigmas

da 1a, 2a e 3a conjugações, verificamos que todos os verbos regulares da 1ª conjugação formam os seus tempos como cantar; os da 2ª, como vender; os da 3ª, como partir.

São IRREGULARES os verbos que se afastam do paradigma de sua conjugação, como dar, estar, fazer, ser, pedir, ir e vários outros, que no lugar próprio estudaremos.

VERBOS DEFECTIVOS são aqueles que não têm certas formas, como abolir, falir e mais alguns de que tratamos adiante. Entre os DEFECTIVOS costumam os gramáticos incluir

os UNIPessoais, especialmente os IMPessoais, usados apenas na 3ª pessoa do singular: chover, ventar, etc.

ABUNDANTES são os verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes. De regra, essa abundância ocorre no particípio. Assim, o verbo aceitar apresenta os particípios

aceitado, aceito e, aceite; o verbo entregar, os particípios entregue e entregue; o verbo matar, os particípios matado e morto.

Observação:

A Nomenclatura Gramatical Brasileira distingue VERBOS IRREGULARES de VERBOS ANÔMALOS, aplicando a última denominação a verbos como estar, haver, ser, ter, ir, vir

e por, cujas profundas irregularidades não se enquadram em classificação alguma.

Esta distinção não é adotada pela Nomenclatura Gramatical Portuguesa.

374

ranto é FUNÇÃO, o verbo pode ser PRINCIPAL ou AUXILIAR. IPAL é o verbo de significação plena, nuclear de uma oração.

Estudei português.

Haverá uma solução para o caso.

Comprei um livro.

AUXILIAR é aquele que, desprovido total ou parcialmente da aceção se junta a formas nominais de um verbo principal, constituindo locuções que apresentam matizes significativos

especiais. Assim:

Tenho estudado português.

Há de haver uma solução para o caso.

Um livro foi comprado por mim.

Os AUXILIARES mais comuns são ter, haver, ser e estar, de que apre-imos, adiante, a conjugação completa.

CONJUGAÇÕES

CONJUGAR um verbo é dizê-lo em todos os modos, tempos, pessoas, eros e vozes. O agrupamento de todas essas flexões, segundo uma oração determinada, chama-se CONJUGAÇÃO.

Há três conjugações em português, caracterizadas pela VOGAL TEMÁTICA

A 1ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática -a-: estud-a-r
fic-a-r rem-a-r

A 2ª conjugação abarca os verbos que têm a vogal temática -e-: receb-e-r
dev-e-r tem-e-r

A 3ª conjugação pertencem os verbos que têm a vogal temática -i-: dorm-i-r
part-i-r sorr-i-r

Como as vogais temáticas se apresentam com maior nitidez no infinitivo, costuma-se indicar pela TERMINAÇÃO deste (VOGAL TEMÁTICA + SUFIXO -r) a conjugação a que pertence um dado verbo. Assim, os verbos de infinitivo terminado em -ar são da 1ª conjugação; os de infinitivo em -er, da 2ª; os de infinitivo em -ir, da 3ª.

375

TEMPOS SIMPLES ESTRUTURA DO VERBO 1. Examinemos os seguintes tempos do indicativo do verbo cantar:

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
----------	----------------------	-----------------------------

canto	cantava	cantara
cantas	cantavas	cantaras
canta	cantava	cantara
cantamos	cantávamos	cantáramos
cantais	cantáveis	cantáreis
cantam	cantavam	cantaram

Verificamos que todas as suas formas se irmanam pelo RADICAL cant-, a parte invariável que lhes dá a base comum de significação.

Verificamos também que a esse RADICAL VEABAL se junta, em cada forma, uma TERMINAÇÃO, da qual participa pelo menos um dos seguintes elementos:

a) a VOGAL TEMÁTICA -a-, característica dos verbos da 1ª conjugação:

canta
cant-a-va
cant-a-ra

b) o SUFIXO TEMPORAL (ou MODO-TEMPORAL), que indica o tempo e o modo:

cant-a-va
cant-a-ra

c) a DESINÊNCIA PESSOAL (OU NÚMERO-PESSOAL), que identifica o sujeito e o número:

cant-o
cant-a-va-s
cant-á-ra-mos

2. Todo o mecanismo da formação dos tempos simples repousa na combinação harmônica

desses três elementos flexivos com um determinado radical verbal. Muitas vezes falta um deles, como:

a) a VOGAL TEMÁTICA, no presente do subjuntivo e, em decorrência, nas formas do imperativo dele derivadas: cante, cantes, cante, etc.;

b) o SUFIXO TEMPORAL, no presente e no pretérito perfeito do indicativo, bem como nas formas do imperativo derivadas do presente do indicativo: canto, cantas, canta,

etc.; cantei, cantaste, cantou, etc.; canta u), cantai (vos);

376

j^ PESSOAL, na 3ª pessoa do singular do presente do in-,ra); na lª e na 3ª pessoa do singular do imperfeito (cantava), -perfeito (cantara) e do futuro do pretérito (cantaria) do indi-ttas mesmas pessoas do presente (cante), do imperfeito (cantar) do subjuntivo, assim como nas do infinitivo p-s-r).

alvo no caso em que a falta de DESINÊNCIA iguala duas pessoas P^mpo, perturbando a clareza, a ausência de qualquer desses elementos sempre um sinal particularizante,

pois caracteriza a forma pelo seu contraste com as que não o são.

FORMAÇÃO DOS TEMPOS SIMPLES

Bi. Com exceção do infinitivo pessoal, os tempos simples dos verbos S^ueses correspondem a formas existentes no latim clássico ou no l vulgar, que sofreram,

com os séculos, naturais alterações fonéticas. dessa evolução é matéria que pertence é chamada gramática his-

ji e excede, naturalmente, os limites deste livro de natureza sincrônica. r.nos, no entanto, adotar aqui um vulgarizado artifício didático para ficar apreendermos o mecanismo das conjugações. "Consiste tal artifício em admitir que o verbo apresente três tempos

HTIVOS, sendo os outros deles DERIVADOS.

tempos primitivos: o PRESENTE DO INDICATIVO, o PRETÉRITO PERTO DO INDICATIVO e o INFINITIVO IMPESSOAL.

2. Para mostrar a valia didática deste processo formativo, tomemos e exemplo os verbos cantar, vender e partir, e separemos nos seus tem-

, simples o RADICAL, ou o TEMA (= RADICAL + VOGAL TEMÁTICA), da RMINACÃO, incluindo nesta o SUFIXO TEMPORAL e a DESINÊNCIA NÚMERO-

QUAL.

DERIVADOS DO PRESENTE DO INDICATIVO

Do PRESENTE DO INDICATIVO formam-SC O IMPERFEITO DO INDICATIVO, PRESENTE DO SUBJUNTIVO e O IMPERATIVO.

lª) IMPERFEITO DO INDICATIVO. é formado do radical do PRESENTE

((crescido:

; a) na 1ª conjugação, das terminações -ava, -avos, -uva, -ovamos, 'oveis, -ovam (constituídas da vogal temática -a- -\- sufixo temporal -v- + desinências pessoais);

b) na 3ª conjugação, das terminações -ia, -ias, -iam, -iamos, -eis, -iam (constituídas da vogal temática -i- -\- + sufixo temporal -a- -\- desinências pessoais);

377

c) na 2ª conjugação, das mesmas terminações da 3ª, por ter a vogal temática -e- passado a -/'- antes de -a-.

Assim, nos verbos cantar, vender e partir, temos:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
RADICAL DO PRESENTE	cant-	vend-	part-
	cant-ava	vend-ia	part-ia
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	cant-avas	vend-ias	part-ias
	cant-ava	vend-ia	part-ia
	cant-ovamos	vend-amos	part-amos
	cant-oveis	vend-eis	part-eis

cant-avam vend-iam part-iam

Observações:

Fogem a regra acima os verbos ser, ter, vir e pôr, que fazem no IMPERFEITO era, tinha, vinha e punha, respectivamente.

2) PRESENTE DO SUBJUNTIVO. Forma-se do radical da 1ª pessoa do presente do indicativo, substituindo-se a desinência -o pelas flexões próprias do presente do subjuntivo:

-e, -es, -e, -emos, -eis, -em, nos verbos da 1ª conjugação; -a, -as, -a, -amos, -ais, -am, nos verbos da 2ª e da 3ª conjugação. Assim:

PRESENTE DO INDICATIVO 1.ª CONJUGAÇÃO 2.ª CONJUGAÇÃO 3.ª CONJUGAÇÃO

1.ª pessoa do singular cant-o vend-o part-o

cant-e vend-a part-a

cant-es vend-as part-as

PRESENTE DO SUBJUNTIVO cant-e vend-a part-a

cant-emos vend-amos part-amos

cant-eis vend-ais part-ais

cant-em vend-am part-am

Observações:

1.ª) Dentre todos os verbos da língua apenas os seguintes não obedecem a regra interior: haver, ser, estar, dar, ir, querer e saber, que fazem no presente do subjuntivo:

haja, seja, esteja, dê, vá, queira e saiba.

378

__, defectivos em que a 1.ª pessoa do presente do indicativo caiu em |'presente do subjuntivo.

F

IMPERATIVO. O imperativo afirmativo só possui formas próprias na 1ª pessoa do singular e 2ª pessoa do plural, derivadas das correspondentes do presente do indicativo com a supressão

do -s final. Assim:

cantai(s) vende(s) vendei(s) parte(s) parti(s)

1.ª) Excetua-se o verbo ser, que faz si (tu) e sede (vós).

*) Costumam perder o -e na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo os verbos dizer, fazer, trazer e os terminados em -uir: dize (ou diz) tu, faze (ou faz) tu, (ou traz) tu, aduze (ou aduz) tu, traduz (ou traduz) tu.

As outras pessoas do imperativo afirmativo, bem como todas as do imperativo negativo, são supridas pelas equivalentes do presente do subjuntivo, com o pronome posposto, quando usado.

DERIVADOS DO PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

Do tema do PRETÉRITO PERFEITO formam-se os seguintes tempos

simples:

1) o MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO, juntando-se as terminações (s= sufixo temporal -r- + desinências pessoais): -r, -ros, -r, -ramos, s, -ram:

t 1.ª CONJUGAÇÃO 2.ª CONJUGAÇÃO 3.ª CONJUGAÇÃO

RADICAL DO PERFEITO + canta- vende- parti-

VOGAL TEMÁTICA

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO canta-ra canta-ras canta-ra

cantaramos cantaramos cantaramos vendera venderas vendera venderamos

venderam

partira partiras partira partiramos partiramos partiram

379

2) o IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO, juntando-se as terminações (:= sufixo temporal, -sse- -j- desinências pessoais): -sse, -ssem, -sse, -ssemos, -ssemos, -ssemos:

1.ª CONJUGAÇÃO 2.ª CONJUGAÇÃO 3.ª CONJUGAÇÃO

RADICAL DO PERFEITO

+ VOGAL TEMÁTICA canta- vende- partii-

PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO canta-sse canta-sseis canta-sse cantá-
 ssemos cantá-sseis canta-ssem vende-sse vende-sseis vende-sse vendá-
 ssemos vendá-sseis
 vende-ssem parti-sse parti-sseis parti-sse partá-
 ssemos partá-sseis parti-
 ssem

3?) o FUTURO DO SUBJUNTIVO, juntando-se as terminações (= sufixo temporal -r-
 -f- desinências pessoais): -r, -r^{os}, -r, -rmos, -rdes, -rem.

1.* CONJUGAÇÃO 2.' CONJUGAÇÃO 3.* CONJUGAÇÃO

RADICAL DO PERFEITO

+ VOGAL TEMÁTICA canta- vende- parti-
 FUTURO DO SUBJUNTIVO canta-r canta-res canta-r canta-rmos canta-rdes canta-
 rem vende-r vende-res vende-r vende-rmos vende-rdes vende-rem parti-
 r

parti-res parti-r parti-rmos parti-rdes parti-rem

Observações:

1.) O TEMA do pretérito perfeito pode ser obtido suprimindo-se a desinência da
 2ª pessoa do singular ou da 1.ª pessoa do plural:

canta(ste)

canta(mos)

380

fize(ste) fize(mos)

vie(ste) vie(mos)

puse(ste) puse(mos)

ira as suas formas sejam quase sempre idênticas, o futuro do subjuntivo p pessoal
 tem origem diversa, que deve ser conhecida para evitar-se a ,*lifusão que se
 estabelece

nos poucos verbos em que as formas são dis- ' e fazer; for e ser; souber e saber,
 etc.

DERIVADOS DO INFINITIVO IMPESSOAL

i INFINITIVO IMPESSOAL formam-se os dois futuros simples do indi- ' infinitivo
 pessoal, o gerúndio e o particípio.

O FUTURO DO PRESENTE, com o simples acréscimo das termina-ti, -^{os}, -^o, -emos,
 -eis, -ao:

1* CONJUGAÇÃO 2.' CONJUGAÇÃO 3.' CONJUGAÇÃO
 rivo IMPESSOAL cantar vender partir
 O DO PRESENTE cantar-ei cantar-^{os} cantar-^o cantar-emos cantar-eis cantar-^o
 vender-ei vender-^{os} vender-^o vender-emos vender-eis vender-^o partir-ei
 partir-^{os} partir-^o partir-emos partir-eis partir-^o

2?) O FUTURO DO PRETÉRITO, com o acréscimo das terminações -ia,

ias, -ia, -^{amos}, -^{eis}, -iam:

1.* CONJUGAÇÃO 2.* CONJUGAÇÃO 3* CONJUGAÇÃO
 INFINITIVO IMPESSOAL cantar vender partir
 O -FUTURO DO PRETÉRITO cantar-ia cantar-ias cantar-ia cantar-^{amos} cantar-
^{eis} cantar-iam vender-ia vender-ias vender-ia vender-^{amos} vender-feis
 vender-iam pa
 rtir-ia partir-ias partir-ia partir-^{amos} partir-^{eis} partir-iam

RO DO

traria.

1.) Não seguem esta regra os verbos dizer, fazer e trazer, cujas formas do FUTU-
 PRESENTE e DO PRETÉRITO são, respectivamente: direi, diria; farei, faria; trarei.

381

2.*) O FUTURO DO PRESENTE e o FUTURO DO PRETÉRITO são formados pela agluti-nação
 do INFINITIVO do verbo principal e as formas reduzidas do PRESENTE e do IMPERFEITO
 DO INDICATIVO do auxiliar haver: amar + hei, amar + hia (por havia), etc.

30) O INFINITIVO PESSOAL, com o acréscimo das desinências pessoais: -es (2ª
 pessoa do singular), -mos, -des, -em:

1.' CONJUGAÇÃO 2.' CONJUGAÇÃO 3.* CONJUGAÇÃO

INFINITIVO IMPESSOAL	cantar	vender	partir	
	cantar	vender	partir	
INFINITIVO PESSOAL	cantar-es	cantar	vender-es vender	partir-
es partir				
	cantar-mos	vender-mos	partir-mos	
	cantar-des	vender-des	partir-des	
	cantar-em	vender-errf	partir-em	

4^') O GERÚNDIO forma-se substituindo-se o sufixo -r do infinitivo pelo sufixo -ndo:

1.* CONJUGAÇÃO	2.' CONJUGAÇÃO	3.* CONJUGAÇÃO	
INFINITIVO IMPESSOAL	canta-r	vende-r	parti-r
GERÚNDIO	canta-ndo	vende-ndo	parti-ndo

5^') O PARTICÍPIO forma-se substituindo-se o sufixo -r do infinitivo pelo sufixo -do, sendo de notar que, por influência da vogal temática da 3ª, a da 2ª conjugação

passou a -i-:

conjugação passou a -i-:

1.* CONJUGAÇÃO	2.' CONJUGAÇÃO	3." CONJUGAÇÃO	
INFINITIVO IMPESSOAL	canta-r	vende-r	parti-r
PARTICÍPIO)	canta-do	vendi-do	parti-do

382

nu dizer, escrever, fazer, ver, pôr, abrir, cobrir, vir e seus derivados i PARTICÍPIO irregularmente: dito, escrito, jeito, visto, posto, aberto, coberto, i derivados exclui-se prover, cujo PARTICÍPIO é provido.

VERBOS AUXILIARES E O SEU EMPREGO

1. Os conjuntos formados de um verbo auxiliar com um verbo prin-u chamam-se LOCUÇÕES VERBAIS. Nas LOCUÇÕES VERBAIS conjuga-se nas o auxiliar, pois o verbo principal

vem sempre numa das formas no-aisr no PARTICÍPIO, no GERÚNDIO, ou no INFINITIVO IMPESSOAL.

2. Os AUXILIARES de uso mais frequente são ter, haver, ser e estar.

Ter e haver empregam-se:

a) com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar os tempos com-stos da voz ativa, denotadores de um fato acabado, repetido ou contínuo:

Tenho feito exercícios. Havemos comprado livros.

i) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição de, j para exprimir, respectivamente, a obrigatoriedade ou o firme propósito de realizar o fato:

Tenho de fazer exercícios. Havemos de comprar livros.

1 Como não há uniformidade de critério linguístico para determinação dos Trmtes da auxiliaridade, costuma variar de gramática para gramática o elenco de verbos auxiliares. Sobre o assunto, no âmbito da língua portuguesa, o estudo mais desenvolvido é o de Lúcia Maria Pinheiro Lobato, L'Auxiliaritê en langue portugaise (tese

de doutorado apresentada à Universidade de Paris-III). Paris, 1970. [rimeografado.] Menção particular merecem também os trabalhos de: Eunice Pontes. Verbos auxiliares

em português. Petrópolis, 1973, onde a auxiliaridade, principalmente dos verbos que se constroem com infinitivo, é estudada à luz da Gramática Transformacional; e de Eduardo Paiva Raposo. A construção "união de orações" na gramática do português (dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa, Lisboa, 1981, rimeografado), em que se examinam do ponto de vista da Gramática Relacional as construções de infinitivo com verbos como fazer, mandar, deixar, ver, sentir e ouvir.

383

Ser emprega-se com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar os tempos da voz passiva de a:

Exercícios foram feitos por mim. Livros serão comprados por nós.

Estar emprega-se:

a) com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar tempos da voz passiva de estado:

Estou arrependido do que fiz. Estamos impressionados com o fato.

b) com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição a, para indicar uma ação durativa, continuada:

Estava ouvindo música. Estava a ouvir música.

c) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição para, para exprimir a iminência de um acontecimento, ou o intuito de realizar a ação expressa pelo

verbo principal:

O avião está para chegar. Há dias estou para visitá-lo.

d) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição por, para indicar que uma ação que já deveria ter sido realizada ainda não o foi:

O trabalho está por terminar. A carta ficou por escrever.

DISTINÇÃO IMPORTANTE

A construção de estar (ou andar) + GERÚNDIO, preferida no Brasil, é a mais antiga no idioma e ainda tem vitalidade em dialetos centro-meridionais de Portugal (principalmente no Alentejo e no Algarve), nos Açores¹ e nos países africanos de língua portuguesa.

¹ Veja-se M. de Paiva Boléo. Estudos de linguística portuguesa e românica, I. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1974, p. 425; Boléo. Revista Portuguesa de

Filologia, 17:971, 1975-1978.

384

português padrão e nos dialetos setentrionais de Portugal predomina a construção, de sentido idêntico, formada de estar (ou andar) + POSSESSIVO + INFINITIVO, que

aparece, vez por outra, na pena de es-i brasileiros. Comparem-se estes exemplos, colhidos na obra de Ado-Filho:

Estava * passar a cera no cordão e a ouvir Gonçalo Cintra quando se ergueu de um salto. (LBB, 126.)

Tres meses ali estava, João Joanes, a pescar com Pedre-Vento, a visitar os vizinhos, a ajoelhar-se na sepultura da mulher. (LBB, 133.)

O filho lá estava, correndo na areia, a brincar com outros meninos.

(LBB, 15.)

3. Além dos quatro verbos estudados, outros há que podem funcionar como auxiliares. Estão neste caso os verbos ir, vir, andar, ficar, acabar: e mais alguns

que se ligam ao INFINITIVO do verbo principal para expressar: matizes de tempo ou para marcar, certos aspectos do desenvolvimento da ação. Assim:

Ir emprega-se:

a) com o GERÚNDIO do verbo principal, para indicar que a ação se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas:

O navio ia encostando no cais (pouco a pouco). Os convidados iam chegando de automóvel (sucessivamente).

b) com o INFINITIVO do verbo principal, para exprimir o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo:

Vou procurar um médico. O navio vai partir.

Vir emprega-se:

a) com o GERÚNDIO do verbo principal, para indicar que a ação se desenvolve gradualmente (compare-se a construção similar com ir):

Vinha rompendo a madrugada. Venho tratando desse assunto.

385

b) com o INFINITIVO do verbo principal, para indicar movimento em direção a

determinado fim ou intenção de realizar um ato: Veio fazer compras. Vieste interromper-me o trabalho.

c) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição a, para expressar o resultado final da ação:

Vim a saber dessas coisas muito tarde. Veio a dar com os burros na água.

d) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição de, para indicar o término recente da ação:

Vinha de ajustar contas com o imigrante. (J. Cardoso Pires, D, 290.)

Minha intenção era saudar os jangadeiros que vêm de chegar.

(A. F. Schmidt, GB, 56.)

Esta última construção, que desde o século passado se documenta em bons escritores do idioma, tem sido condenada por alguns gramáticos como galicismo.

Andar, é semelhante de estar, emprega-se com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição a, para indicar uma ação durativa, continuada:

Ando lendo os clássicos. Ando a ler os clássicos.

A primeira construção, como dissemos, é a mais usada no Brasil; a segunda, a preferida em Portugal.

Ficar, além de se juntar ao PARTICÍPIO para formar a voz passiva de-notadora de mudança de estado (ficou molhado), emprega-se:

a) com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição a, para indicar uma ação durativa costumeira, ou mais longa do que a expressa por estar; coniparem-se:

Ficava cantando Estava cantando Ficava a cantar Estava a cantar

Ficou esperando Esteve esperando Ficou a esperar Esteve a esperar

386

b) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição por, [indicar que uma ação que deveria ter sido realizada não o foi:

O trabalho ficou por terminar.

é construção paralela com estar: O trabalho está por terminar.

Acabar emprega-se com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição de, para indicar uma ação recém-concluída:

O avião acabou de aterrissar.

Os convidados acabaram de chegar.

)NJUGAÇÃO DOS VERBOS TER, HAVER, SER E ESTAR

MODO INDICATIVO

n

Presente

j	tenho	hei	sou	estou
[.tens	hōs	ōs	estōs	
item	hō	ō	estō	
l	temos	havemos	somos	estamos
tendes	> haveis	sois	estais	
Item	hōo	sōo	estōo	
l				
	Pretérito	imperfeito		
'	tinha	era	estava	
tinhas	havia	eras	estavas	
tinha	havia	era	estava	
^	tinhamos	havíamos	éramos	estávamos
t	tinheis	haveis	ereis	estáveis
tinham	havam	eram	estavam	
Pretérito	perfeito			
tive	houve	fui	estive	
tiveste	houveste	foste	estiveste	
teve	houve	foi	esteve	
tivemos	houvemos	fomos	estivemos	

tivestes	houvestes	fostes	estivestes
tiveram	houveram	foram	estiveram

387

Pretérito	mais-que-perfeito		
tivera	houvera	fora	estivera
tiveras	houveras	foras	estiveras
tivera	houvera	fora	estivera
tivêramos	houvêramos	fôramos	estivêramos
tivêreis	houvêreis	fôreis	estivêreis
tiveram	houveram	foram	estiveram

	Futuro	presente	
terei	haverei	serei	estarei
terôs	havêrôs	serôs	estarrôs
terô	havêrô	serô	estarrô
teremos	havermos	seremos	estaremos
tereis	haveréis	seréis	estareis
terôo	havêroo	serôo	estarrôo

	Futuro	do pretérito	
teria	haveria	seria	estaria
terias	haverias	serias	estarias
teria	haveria	seria	estaria
teríamos	haveríamos	seríamos	estariamos
teríeis	haveríeis	seríeis	estariéis
teriam	haveriam	seriam	estariam

MODOSUBJUNTIVO

Presente

tenha	haja	seja	esteja
tenhas	hajas	sejas	estejas
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tenhais	hajais	sejais	estejais
tenham	hajam	sejam	estejam

	Pretérito	imperfeito	
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivesses	houvesse	fosses	estivesse
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivêssemos	houvêssemos	fôssemos	estivêssemos
tivêsseis	houvêsseis	fôsseis	estivêsseis
tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro

tiver	houver	for	estiver
tiveres	houveres	fores	estiveres
tiver	houver	for	estiver
tivermos	houvermos	formos	estivermos
tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
tiverem	houverem	forem	estiverem

388

MODOSUBJUNTIVO

Afirmativo

ô (tu)		(desusado) iha	(vocô)	haja (vocô)	lhamos
(nôs)	hajamos (nôs)	ide (vôs)		havei (vôs)	iham (vocôs)
hajam (vocôs)		sô (tu)		estô (tu)	seja (vocô)
esteja (vocô)	sejamos (nôs)			estejamos (nôs)	sede (vôs)
estai (vôs)	sejam (vocôs)			estejam (vocôs)	

Negativo

nôo	tenhas (tu)	nôo	tenha (vocô)	nôo	tenhamos (nôs)	nôo	tenhais (vôs)	nôo	tenham (vocôs)
		nôo	sejas (tu)	ô.iôo	seja (vocô)	nôo	sejamos (nôs)	nôo	sejais (vôs)

não sejam (vós)
 não hajas (tu) não haja (você) não hajamos (nós) não hajais (vós) não hajam (vós)
 não estejas (tu) não esteja (você) não estejamos (nós) não estejais (vós)
 não esteiam (vós)'

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal

ter	haver	ser	estar
Infinitivo pessoal			
, ter	teres	ter	termos
haverem	ser	seres	ser
estarmos	estares	estardes	estardes

Infinitivo pessoal

ter	termos	terdes	terem	haver	haveres	haver	havermos	haverdes
ser	seres	ser	sermos	serdes	serem	estar	estares	estar

Gerúndio

tendo havendo sendo estando

Particípio

tido havido sido estado

389

FORMAÇÃO DOS TEMPOS COMPOSTOS

Entre os TEMPOS COMPOSTOS da voz ativa merecem realce particular aqueles que são constituídos de formas do verbo ter (ou, mais raramente, haver) com o PARTICÍPIO do verbo que se quer conjugar, porque o costume inclui-os nos próprios paradigmas de conjugação.

Eis os tempos em causa:

MODO INDICATIVO

1<?) PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO. Formado do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo ter com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tenho cantado	tenho vendido	tenho partido
tens cantado	tens vendido	tens partido
tem cantado	tem vendido	tem partido
temos cantado	temos vendido	temos partido
tendes cantado	tendes vendido	tendes partido
têm cantado	têm vendido	têm partido

2<?) PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO. Formado do IMPERFEITO DO INDICATIVO do verbo ter (ou haver) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tinha cantado tinhas cantado tinha cantado tínhamos cantado tínheis cantado tinham cantado

tinha vendido tinhas vendido tinha vendido tínhamos vendido tínheis vendido tinham vendido

tinha partido tinhas partido tinha partido tínhamos partido tínheis partido tinham partido

39) FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO. Formado do FUTURO DO PRESENTE SIMPLES do verbo ter (ou haver) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

terei cantado	terei vendido	terei partido
terôs cantado	terôs vendido	terôs partido
terô cantado	terô vendido	terô partido
teremos cantado	teremos vendido	teremos partido
tereis cantado	tereis vendido	tereis partido
terôo cantado	terôo vendido	terôo partido

390

40) FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO. Formado do FUTURO DO PRE-UTO SIMPLES do verbo ter (ou haver) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

teria cantado	teria vendido	teria partido
terias cantado	terias vendido	terias partido
teria cantado	teria vendido	teria partido
teríamos cantado	teríamos vendido	teríamos partido
teríeis cantado	teríeis vendido	teríeis partido
teriam cantado	teriam vendido	teriam partido

MODO SUBJUNTIVO

1?) PRETÉRITO PERFEITO. Formado do PRESENTE DO SUBJUNTIVO do o ter (ou haver) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

1 tenha cantado 1 tenhas cantado 1 tenha cantado 1 : tenhamos cantado 1 tenhais cantado 1 tenham cantado tenha vendido tenhas vendido tenha vendido tenhamos vendido tenhais vendido tenham vendido tenha partido tenhas partido tenha partido tenhamos partido tenhais partido tenham partido

2?) PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO. Formado do IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO do verbo ter (ou haver) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tivesse cantado tivesses cantado tivesse cantado tivéssemos cantado tivésseis cantado tivéssem cantado tivesse vendido tivesses vendido tivesse vendido tivéssemos

vendido tivésseis vendido tivéssem vendido tivesse partido tivesses partido tivesse partido tivéssemos partido tivésseis partido tivéssem partido

39) FUTURO COMPOSTO. Formado do FUTURO SIMPLES DO SUBJUNTIVO do verbo ter (ou haver) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tiver cantado tiveres cantado tiver cantado tivermos cantado tiverdes cantado tiverem cantado tiver vendido tiveres vendido tiver vendido tivermos vendido

tiverdes vendido tiverem vendido tiver partido tiveres partido tiver partido tivermos partido tiverdes partido tiverem partido

391

FORMAS NOMINAIS

1?) INFINITIVO IMPESSOAL COMPOSTO (PRETÉRITO IMPESSOAL). Formado do INFINITIVO IMPESSOAL do verbo ter (ou haver) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

ter cantado. ter vendido ter partido

29) INFINITIVO PESSOAL COMPOSTO (ou PRETÉRITO PESSOAL). Formado do INFINITIVO PESSOAL do verbo ter (ou haver) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

ter cantado ter vendido ter partido

teres cantado teres vendido teres partido

ter cantado ter vendido ter partido

termos cantado termos vendido termos partido

terdes cantado terdes vendido terdes partido

terem cantado terem vendido terem partido

39) GERÚNDIO COMPOSTO. (PRETÉRITO). Formado do GERÚNDIO do verbo ter (ou haver) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tendo cantado tendo vendido tendo partido

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES

Como dissemos, são REGULARES os verbos que se flexionam de acordo com o PARADIGMA de sua conjugação. Assim, tomando os verbos cantar, vender e partir como paradigmas,

respectivamente, da 1ª, 2ª e 3ª conjugações, verificamos que todos os verbos regulares da 1ª conjugação formam os seus tempos pelo modelo de cantar; os da 2ª, pelo

de vender; os da 3ª, pelo de partir.

392

CONJUGAÇÃO DA VOZ PASSIVA Modelo: ser louvado

MODO INDICATIVO

eu louvado (-a) tu louvado (-a)

louvado (-a) nós somos louvados (-as) vós sois louvados (-as) eles são louvados (-as)

Preterito perfeito (simples)

fui louvado (-a) foste louvado (-a) foi louvado (-a) fomos louvados (-as) fostes

louvados (-as) foram louvados (-as)

Preterito mais-que-perfeito (simples)

foi louvado (-a) foram louvados (-a) fora louvado (-a) fomos louvados (-as)

foram louvados (-as) foram louvados (-as)

Futuro do presente (simples)

serei louvado (-a) serás louvado (-a) será louvado (-a) seremos louvados (-as)

sereis louvados (-as) ser^o louvados (-as)
 Furara do pret^orito (simples)
 seria louvado (-a) serias louvado (-a) seria louvado (-a) ser^{amos} louvados (-as)
 ser^{eis} louvados (-as) seriam louvados (-as)
 Pret^orito imperfeito
 era louvado (-a) eras louvado (-a) era louvado (-a) ^{eramos} louvados (-as) ^{ereis}
 louvados (-as) eram louvados (-as)
 Pret^orito perfeito (composto)
 tenho sido louvado (-a) tens sido louvado (-a) tem sido louvado (-a) temos sido
 louvados (-as) tendes sido louvados (-as) t^{om} sido louvados (-as)
 Pret^orito mais-que-perfeito (composto)
 tinha sido louvado (-a) tinhas sido louvado (-a) tinha sido louvado (-a) t^{onhamos}
 sido louvados (-as) t^{onheis} sido louvados (-as) tinham sido louvados (-as)
 Futuro do presente (composto)
 terei sido louvado (-a) ter^{es} sido louvado (-a) ter^o sido louvado (-a) teremos
 sido louvados (-as) tereis sido louvados (-as) ter^o sido louvados (-as)
 Futuro do pret^orito (composto)
 teria sido louvado (-a) terias sido louvado (-a) teria sido louvado (-a) ter^{amos}
 sido louvados (-as) ter^{eis} sido' louvados (-as) teriam sido louvados (-as)

393

MODO SUBJUNTIVO

Presente

seja louvado (-a) sejas louvado (-a) seja louvado (-a) sejamos louvados (-as)
 sejais louvados (-as) sejam louvados (-as)

Pret^orito perfeito

tenha sido louvado (-a) tenhas sido louvado (-a) tenha sido louvado (-a) tenhamos
 sido louvados (-as) tenhais sido louvados (-as) tenham sido louvados (-as)

Futuro (simples)

for louvado (-a) fores louvado (-a) for louvado (-a) formos louvados (-as) fordes
 louvados (-as) forem louvados (-as)

Pret^orito imperfeito

fosse louvado (-a) fosses louvado (-a) fosse louvado (-a) f^{ossemos} louvados (-as)
 f^{osseis} louvados (-as) fossem louvados (-as)

Pret^orito mais-que-perfeito

tivesse sido louvado (-a) tivesses sido louvado (-a) tivesse sido louvado (-a)
 tiv^{ossemos} sido louvados (-as) tiv^{osseis} sido louvados (-as) tivessem sido
 louvados

(-as)

Futuro (composto)

tiver sido louvado (-a) tiveres sido louvado (-a) tiver sido louvado (-a) tivermos
 sido louvados (-as) tiverdes sido louvados (-as) tiverem sido louvados (-as)

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal presente ser louvado (-a) Infinitivo impessoal

pret^orito ter sido louvado (-a)

Infinitivo pessoal presente ser louvado (-a) seres louvado (-a) ser louvado (-a)
 sermos louvados (-as) serdes louvados (-as) serem louvados (-as)

Infinitivo

pessoal pret^orito ter sido louvado (-a) teres sido louvado (-a) ter sido louvado
 (-a) termos sido louvados (-as) terdes sido louvados (-as) terem sido louvados
 (-as)

Ger^{ndio} presente sendo louvado (-a, -os, -as) Ger^{ndio} pret^orito tendo
 sido louvado (-a, -os, -as)

Partic^{pio}

louvado (-a, -os, -as)

394

Obs^{es}:

1.) S^o h^o uma forma simples na voz passiva, que ^o o PARTIC^{PIO}. Colocamos,
 entanto, entre par^{nteses}, as designa^{oes} SIMPLES e COMPOSTO para lembrar a

Respostas

das formas assim nomeadas com as da voz ativa, que apresentam semelhante oposição. 2.)* Na voz passiva não se usa o IMPERATIVO.

VOZ REFLEXIVA

Na voz REFLEXIVA o verbo vem acompanhado de um pronome oblíquo que lhe serve de objeto direto ou, mais raramente, de objeto indireto e apresenta a mesma pessoa que

o sujeito. Assim:

Eu me lavo (ou lavo-me).

Ele se deu o trabalho de vir a minha casa (ou deu-se).

A próclise é preferida no Brasil, a ênclise em Portugal. O verbo reflexivo pode indicar também a reciprocidade, isto é, uma junção mútua de dois ou mais sujeitos: Pedro, Paulo e eu nos estimamos (estunamo-nos) [é mutuamente].

Os dias se sucedem (sucodem-se) [= um ao outro] calmos.

VERBO REFLEXIVO E VERBO PRONOMINAL

Muitos verbos são conjugados com pronomes tônicos, e semelhança reflexivos, sem que tenham exatamente o seu sentido. São os chama-VERBOS PRONOMINAIS, de que podemos distinguir dois tipos:

a) os que são se usam na forma pronominal, como:

apiedar-se condoer-se

queixar-se suicidar-se

b) os que se usam também na forma simples, mas esta difere ou pelo sentido ou pela construção da forma pronominal, como, por exemplo:

debater [= discutir] debater-se [= agitar-se]

enganar alguém enganar-se com alguém

395

Observações:

Distingue-se, na prática, o verbo reflexivo do verbo pronominal porque ao primeiro se podem acrescentar, conforme a pessoa, as expressões a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, etc. Quando o reflexivo tem valor recíproco, as expressões reforçativas passam a ser um ao outro, reciprocamente, mutuamente, etc.

Assim:

Feri-me a mim mesmo. Amavam-se um ao outro.

CONJUGAÇÃO DE UM VERBO REFLEXIVO

Modelo: lavar-se MODO INDICATIVO

COM O PRONOME ENCLÍTICO OU MESOCLÍTICO

COM O PRONOME PROCLÍTICO

lavo-me

lavas-te

lava-se

lavamo-nos

lavais-vos

lavam-se

lavava-me

lavavas-te

lavava-se

lavávamos-nos

laváveis-vos

lavavam-se

lavei-me

lavaste-te

lavou-se

lavamo-nos

lavastes-vos

lavaram-se

Presente

eu me lavo tu te lavas ele se lava nós nos lavamos vós vos lavais eles se lavam

Pretérito Imperfeito

eu me lavava tu te lavavas ele se lavava nós nos lavávamos vós vos laváveis eles se lavavam

Pretérito perfeito simples

eu me lavei tu te lavaste ele se lavou nós nos lavamos vós vos lavastes eles se lavaram

396

Pretérito perfeito composto

tenho-me lavado tens-te lavado tem-se lavado temo-nos lavado tendes-vos lavado

têm-se lavado

lavara-me

lavaras-te

lavara-se

laváramo-nos

laváveis-vos

lavaram-se

eu me tenho lavado tu te tens lavado ele se tem lavado nós nos temos lavado vós

vos tendes lavado eles se têm lavado

Pretérito mais-que-perfeito simples

eu me lavara tu te lavaras ele se lavara nós nos laváramos vós vos lavaráveis eles se lavaram

Pretérito mais-que-perfeito composto

tinha-me lavado tinhas-te lavado tinha-se lavado tínhamo-nos lavado tínheis-vos

lavado tinham-se lavado

lavar-me-ei

lavar-te-ís

lavar-se-í

lavar-nos-emos

lavar-vos-eis

lava-se-í

ter-me-ei lavado ter-te-ís lavado ter-se-í lavado ter-nos-emos lavado ter-vos-eis

lavado ter-se-í

lavar-me-ia

lavar-te-ias

lavar-se-ia

lavar-nos-íamos

lavar-vos-íeis

lavar-se-iam

eu me tinha lavado tu te tinhas lavado ele se tinha lavado nós nos tínhamos lavado

vós vos tínheis lavado eles se tinham lavado

Futuro do presente simples

eu me lavarei tu te lavarás ele se lavará nós nos lavaremos vós vos lavareis eles

se lavario Futuro do presente composto

eu me terei lavado tu te terás lavado ele se terá lavado nós nos teremos lavado

vós vos tereis lavado eles se terão lavado

Futuro do pretérito simples

eu me lavaria tu te lavarías ele se lavaria nós nos lavaríamos vós vos lavaríeis

eles se lavaríam

397

ter-me-ia lavado ter-te-ias lavado ter-se-ia lavado ter-nos-íamos lavado ter-vos-

íeis lavado ter-se-iam lavado

Futuro do pretérito composto

eu me teria lavado tu te terias lavado ele se teria lavado nós nos teríamos lavado

vós vos teríeis lavado eles se teríam lavado

MODOS SUBJUNTIVO

COM O PRONOME ENCLÍTICO

COM O PRONOME PROCLÍTICO

Presente

lave-me

laves-te
lave-se
lavemo-nos
laveis-vos
lavem-se
lavasse-me
lavasses-te
lavasse-se
lavássemo-nos
lavásseis-vos
lavassem-se

eu me lave tu te laves ele se lave nós nos lavemos vós vos laveis eles se lavem
Pretérito imperfeito

eu me lavasse tu te lavasses ele se lavasse nós nos lavássemos vós vos lavásseis
eles se lavassem

Pretérito perfeito

Não se usa com o pronome enclítico

eu me tenha lavado tu te tenhas lavado ele se tenha lavado nós nos tenhamos lavado
vós vos tenhais lavado eles se tenham lavado

Pretérito mais-que-perfeito

tivesse-me lavado tivesses-te lavado tivesse-se lavado tivéssemo-nos lavado
tivésseis-vos lavado tivessem-se lavado

eu me tivesse lavado tu te tivesses lavado ele se tivesse lavado nós nos
tivéssemos lavado vós vos tivésseis lavado eles se tivessem lavado

398

fife,

Futuro simples

se usa com o pronome enclítico)

eu me lavar tu te lavares ele se lavar nós nos lavarmos vós vos lavardes eles se
lavarem

Futuro composto

f{Não se usa com o pronome enclítico)

eu me tiver lavado tu te tiveres lavado ele se tiver lavado nós nos tivermos
lavado vós vos tiverdes lavado eles se tiverem lavado

MODO IMPERATIVO

COM O PRONOME ENCLÍTICO

COM O PRONOME PROCLÍTICO

Afirmativo

lava-te lave-se lavemo-nos lavai-vos mf, lavem-se

(Não se usa com o pronome enclítico)

(Não pode vir proclítico o pronome)

Negativo

não te laves não se lave não nos lavemos não vos laveis não se lavem

FORMAS NOMINAIS

COM O PRONOME ENCLÍTICO

COM O PRONOME PROCLÍTICO

lavar-se

Infinitivo impessoal presente - se lavar

399

ter-se lavado

lavar-me

lavares-te

lavar-se

lavarmo-nos

lavardes-vos

lavarem-se

ter-me lavado teres-te lavado ter-se lavado lermo-nos lavado terdes-vos lavado

terem-se lavado

lavando-se
tendo-se lavado
Infinitivo impessoal pretérito
se ter lavado
Infinitivo pessoal presente
eu me lavar tu te lavares ele se lavar nós nos lavarmos vós vos lavardes eles se lavarem
Infinitivo pessoal pretérito
eu me ter lavado tu te teres lavado ele se ter lavado nós nos termos lavado vós vos terdes lavado eles se terem lavado
Gerúndio presente
se lavando
Gerúndio pretérito
se tendo lavado
Particípio

O pronome oblíquo não pode vir posposto ao particípio.

Observações:

1.) Note-se que, em todas as l.º pessoas do plural deste paradigma, quando o pronome é enclítico, o -s final da desinência -mos é omitido (em virtude de uma antiga assimilação nasal inicial do pronome seguinte).

2.*) Nas formas do modo indicativo, quando o pronome sujeito vem expresso, a ênclise do pronome oblíquo é a construção preferida em Portugal e a próclise, a norma!

no Brasil. Veja-se o que dissemos a propósito da colocação dos pronomes tônicos no Capítulo 11.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS IRREGULARES IRREGULARIDADE VERBAL

A irregularidade de um verbo pode estar na flexão ou no radical. Se examinarmos, por exemplo, a 1ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO dos verbos dar e medir, verificamos

que:

a) a forma dou não recebe a desinência normal -o da referida pessoa;

400

na 1ª pessoa apresenta o radical me-, distinto do radical med-, INFINITIVO e em outras formas do verbo: med-ir, med-es, r'ir, etc. i medir são, pois, VERBOS IRREGULARES.

Por outro lado, o PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO dos verbos em causa, observamos que as formas: .dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam se enquadram no

padrão dos verbos regulares da 1ª conjugação; media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam, por sua vez, não se ao paradigma dos verbos regulares da 3ª conjugação.

, assim, que num verbo irregular pode haver determinadas formas regulares. Para o conhecimento dos verbos irregulares, convém ter em mente o quadro sobre a formação dos tempos simples. Excetuando-se a anomalia que na conjugação dos verbos

dar, estar, haver, querer, saber, ser e ir, a dos demais é sempre constante nas formas de cada um dos grupos:

1.º GRUPO

indicativo 1ª subjuntivo tivo

2.º GRUPO

Pretérito perfeito do indicativo Pret. mais-que-perf. do indicativo Pret. imperfeito do subjuntivo Futuro do subjuntivo

3.º GRUPO

Futuro do presente Futuro do pretérito

L"

1.º tentando-se, pois, nas formas do PRESENTE, do PRETÉRITO PERFEITO e do FUTURO PRESENTE do MODO INDICATIVO, sabe-se se um verbo é ou não irregular e, também, é conjugado nos tempos de cada um dos três grupos.

IRREGULARIDADE VERBAL E DISCORDÂNCIA GRÁFICA

*"0'0'

p 0 necessário não confundir irregularidade verbal com certas discordâncias gráficas que aparecem em formas do mesmo verbo e que visam a indicar-lhes a uniformidade de pronúncia dentro das convenções do nosso sistema de escrita. Assim:

a) os verbos da 1ª conjugação cujos radicais terminem em -c, -o e -g das tais letras, respectivamente, em -qu, -c e -gu sempre que se lhes seguam -e: i

ficar 0 fiquei justiça 0 justicei chegar 0 cheguei

401

b) os verbos da 2ª e da 3ª conjugação cujos radicais terminem em -c, -g e -gu mudam tais letras, respectivamente, em -o, -e e -g sempre que se lhes segue um -o ou

um -a:

vencer 0 venço 0 vença tanger 0 tango 0 tanga erguer 0 ergo 0 erga restringir 0 restrinjo 0 restrinja extinguir 0 extingo 0 extinga

São, como vemos, simples acomodações gráficas, que não implicam irregularidade do verbo.

VERBOS COM ALTERNÂNCIA VOCÁLICA

Muitos verbos da língua portuguesa apresentam diferenças de timbre na vogal do radical conforme nele recaia ou não o acento tônico. Estas diferenças não são exatamente

as mesmas na variante europeia e na variante brasileira da língua portuguesa, devido sobretudo ao fenómeno da redução das vogais em sílaba-tônica, a que nos referimos

no capítulo sobre Fonetica e Fonologia. Assim, os verbos levar e levar-se com [ɔ] fechado no português normal de Portugal e com [e] semifechado no português do Brasil 0 contrapõem-se levo, levas, leva e levam, com e semi-aberto [e]; os verbos rogar e rogar-se com [u] no português de Portugal e com [o] semifechado no português

do Brasil 0 opõem-se rogo, rogas, roga e rogam, com o semi-aberto [ɔ]. Às vezes a alternância vocálica observa-se nas próprias formas rizotônicas. Por exemplo: subo, em contraste com sobes, sobe e sobem; firo, em oposição a feres, fere e ferem.

Por sofrerem tais mutações vocálicas no radical, esses verbos, ou melhor, os pertencentes à 3ª conjugação, vêm de regra incluídos no elenco dos VERBOS IRREGULARES.

Cumpramos ponderar, no entanto, que essas alternâncias são características do idioma; os verbos que as apresentam não formam exceções, mas a norma dentro da nossa complexa

morfologia. Saliente-se, ainda, que não é lógico que se considerem regulares verbos como beber e mover, que, nas formas rizotônicas, apresentam, respectivamente,

as alternâncias: a) de [d] fechado no português normal de Portugal e de e semifechado [e] no português do Brasil com e semi-aberto [E]; b) de [u] fechado no português

normal de Portugal e o semifechado [o] no português do Brasil com o semi-aberto [ɔ]; e, de outro lado, se tenham por irregulares verbos como frigar e acudir, que

alternam [i] com e semi-aberto [E] e [u] com o semi-aberto [ɔ]. Há flagrante semelhança nos casos citados. Apenas em beber e mover não se distinguem na escrita

(fato meramente

402

'Consequente) aquelas oposições de fonemas vocálicos a que

J*.

0 palavra deve ainda ser dita com referência aos verbos de qual-que têm no radical a vogal a.

....^jões do Brasil não se observa nenhuma alternância na refe-, que apresenta o mesmo timbre aberto nas formas rizotônicas e embora nestas últimas, naturalmente, ela se articule com me-iSidade. Assim: lavo, lavas, lava, lavamos, lavais, lavam; lave, e, lavemos, laveis, lavem (sempre com o a tônico ou pretônico

> português de Portugal, poróm, a vogal radical a, sujeita, nas formas tónicas, ao fenómeno da redução vocálica, apresenta, regularmente, o [j]. Temos assim: lavo, lavas, lava, lavam; lave, laves, lave, lavem (tônico aberto [a]), mas lavamos, lavais; lavemos, laveis; lavai (com co semifechado [ot]).

___ndo a vogal radical e a nasal [5], grafada an ou am, não se qualquer alternância nem no português do Brasil nem no de Por-PNMS a vogal e sempre semifechada,

como se disse no capítulo dedi-0. Fonética. Assim: canto, cante, cantamos, cantemos, etc. (sempre i]).

atas essas considerações, examinemos os principais tipos de alternan-

çãica dos verbos em que existem formas rizotônicas: o PRESENTE DO

%TIVO, O PRESENTE DO SUBJUNTIVO, O IMPERATIVO AFIRMATIVO C O OLVNO NEGATIVO.

l.' Conjugação Modelos: levar e lograr

^0&' '0> 0^INDICATIVO f PRESENTE SUBJUNTIVO PRESENTE IMPERATIVO

		AFIRMATIVO		NEGATIVO			
* levo P"	levas 0f	levo P'	levamos K	laveis E	levam	leve	leves leve
levemos	leveis levem	leva leve	levemos	lavai levem		não	leves não
leve não	levemos não	leveis não	levem				
E 00000 f	logro F	logras	logra	logramos	lograis	lograra	logre logres
logre	logremos	logreis	logrem	logra	logre	logremos	lograi logrem
							não

logres não logre não logremos não logreis não logrem

403

Verificamos que, no primeiro, e vogal fechada [3] do português normal de Portugal e e semifechada [e] do português normal, "do Brasil, que aparecem na 1a e 2a pessoas

do plural, corresponde a semi-aberta [E] na l', 2a e 3a pessoas do singular e na 3a do plural. No segundo, h0 uma mutação semelhante: e vogal fechada [u] do português

normal de Portugal e e semifechada [o] do português normal do Brasil, existentes nas formas arrizotônicas, corresponde a semi-aberta [D] nas formas rizotônicas. Observações:

1.*) Seguem o modelo de levar os verbos da l.' conjugação que têm e gráfico1 no radical, a menos que esta vogal:

a) faça parte do ditongo escrito ei e pronunciado [ej] no português do Brasil e [aj] no português normal de Portugal e, como em cheirar, por exemplo: cheiro, cheiras,

cheira, etc. (sempre com [e] ou [ai]);

b) esteja seguida de consoante nasal articulada ([m], [n] ou [p]), remo, remas, rema, etc.; ordeno, ordenas, ordena, etc.; empenho, empenhas, empenha, etc. (no português

do Brasil sempre com [e]; no português de Portugal, com [e] ou [a] antes de [p] nas formas rizotônicas, e com R] nas arrizotônicas);

c) venha seguida de consoante palatal ([J*], [3] ou [X]): fecho, fechas, fecha, etc.: desejo, desejas, deseja, etc.; aparelho, aparelhas, aparelha, etc. (no português

do Brasil sempre com [e]; no português de Portugal, com [e] ou [a] nas formas rizotônicas, e com [3] nas arrizotônicas);

Apenas os verbos invejar, embrechar, frechar e vexar, dentre os que ao [e] segue

uma consoante palatal, apresentam a vogal fe] nas formas rizotônicas.

2.') Embora não se enquadre em nenhuma das exceções apontadas, o verbo chegar (e seus derivados, como chegar, aconchegar, etc.) conserva a vogal semifechada [e] em todas as formas rizotônicas.

5.') Seguem o modelo de lograr os verbos da 1* conjugação que têm o gráfico no radical, salvo nos casos em que esta vogal:

a) faz parte do ditongo oi (seguido de consoante) e do antigo ditongo ou:

pernoito, pernoitas, pernoita, etc.; douro, douras, doura, etc. (sempre com [o]);

b' > antecede consoante nasal articulada ([m], [n], [jɫ]): tomo, tomas, toma, etc.; leciono, lecionas, leciona, etc.; sonho, sonhas, sonha, etc. (no português do Brasil sempre com [o]; no português de Portugal, com [o] nas formas rizotônicas, e com [u] nas arrizotônicas);

c) pertence a verbos terminados em -oar, como voar: voo, voas, voa, etc. (tanto no português do Brasil como no de Portugal, com [o] nas formas rizotônicas e com [u] nas arrizotônicas).

4.*) Os verbos que apresentam no radical e [e] ou o [e] nasal conservam estas vogais em todas as formas: tento, tentas, tenta, etc.; conto, contas, conta, etc.

1 Como dissemos, no português europeu normal, #s vogais radicais escritas o, e, soam [ɔ], [u] nas formas arrizotônicas. Os infinitivos levar e lograr são, pois, pronunciados [ld'var] e [lu'grar].

404

2.* Conjugação Modelos: dever e mover

	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
1ª	devo	deve	não devo
2ª	devas	deve	não devas
3ª	deva	não deva	
os	devamos	devamos	não devamos
	devais	devei	não devais
	devam	devam	não devam
	mova		
	movas	move	não movas
	mova	mova	não mova
nos	movamos	movamos	não movamos
s	movais	movei	não movais
a	movam	movam	não movam

de íamos que:

no PRESENTE DO INDICATIVO, as formas rizotônicas apresentam Iternância da vogal semifechada [e] e [o] da 1ª pessoa do singular g'vogal semi-aberta [E] e [D] da 2ª

e 3ª pessoas do singular e da 3ª nas formas arrizotônicas observa-se a distinção entre as vogais /fechadas [ɔ] e [u] do português de Portugal e as semifechadas [e]

do português do Brasil.

no PRESENTE DO SUBJUNTIVO, o português do Brasil mantém em i as formas a vogal [e] ou [o], conservada no português de Portugal fite nas formas rizotônicas, pois nas arrizotônicas se dá a redução à [ɔ] ou [u].

o) no IMPERATIVO AFIRMATIVO, a 2ª pessoa do singular, em correspondência com a do PRESENTE DO INDICATIVO, tem a vogal semi-aberta [D]; no português do Brasil, a 2ª pessoa do plural, forma arrizotônica, e as formas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO (3ª do singular, 1ª do plural e todas as pessoas do IMPERATIVO NEGATIVO) conservam a vogal semifechada [e] ou [o] deste tempo; no português de Portugal, as formas rizotônicas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO mantêm a vogal semifechada [e] ou [u], mas as formas arrizotônicas apresentam a redução à [ɔ] ou [u].

l*) Seguem o modelo de dever os verbos da 2* conjugação que têm o gráfico ttk radical, com exceção:

a) do verbo querer, cujo PRESENTE DO SUBJUNTIVO é irregular (queira, queiras, etc.) e que, no PRESENTE DO INDICATIVO, apresenta todas as formas rizotônicas com e

semi-aberto [e]: quero, queres, quer, querem.

b) no português do Brasil, dos verbos em que o e antecede uma consoante nasal, como temer: temo, temes, teme, etc. (sempre com [e]); no português de Portugal estes

verbos seguem o modelo de dever.

2.) Seguem o modelo de mover os verbos da 2.* conjugação que têm o gráfico no radical, com exceção:

a) do verbo poder, em que a vogal semi-aberta [o] aparece também na 1.* pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO e, conseqüentemente, em todas as formas rizotônicas

do PRESENTE DO SUBJUNTIVO: posso, podes, pode, podem; possa, possas, possa, possam;

b) no português do Brasil, dos verbos em que o o antecede consoante nasal, a exemplo de comer: como, comes, come, etc. (sempre com [o]); no português normal de Portugal

estes verbos seguem o modelo de mover.

Note-se que em algumas regiões do Brasil os verbos em que o o do radical antecede consoante nasal seguem também o modelo de mover.

3.*) Os verbos que apresentam no radical e [e] ou o [o] nasal conservam estas vogais em todas as formas: encho, enches, enche, etc.; rompo, rompes, rompe, etc.

3.m Conjugação Modelos: servir e dormir

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
sirvo	sirva		
serve	sirvas	serve	não sirvas
serve	sirva	sirva	não sirva
servimos	servamos	servamos	não servamos
servis	servais	servi	não servais
servem	servam	servam	não servam
durmo	durma		
dormes	durmas	dorme	não durmas
dorme	durma	durma	não durma
dormimos	durmamos	durmamos	não durmamos
dormis	durmais	dormi	não durmais
dormem	durmam	durmam	não durmam

Notamos que, nesses verbos, as vogais do radical alternam de modo ainda mais sensível. Assim:

a) no PRESENTE DO INDICATIVO, as formas rizotônicas apresentam uma alternância da vogal fechada [i] ou [u] da 1ª pessoa do singular com a vogal semi-aberta [e] ou [o] da 2ª e 3ª pessoas do singular e da 3ª do

406

formas arrizotônicas observa-se a redução vocálica normal a [d] if^oftuguês europeu e uma oscilação entre [e/i] ou [o/u] no por-Brasil, com predominância da vogal

fechada [i] ou [u] por in-umilatorã da vogal tônica;

o PRESENTE DO SUBJUNTIVO, derivado da 1.* pessoa do PRESEN-CATIVO, mantém-se em todas as formas as vogais daquela pesou [u], conforme o caso; no IMPERATIVO AFIRMATIVO,

a 2ª pessoa do singular, em corres-i com a do PRESENTE DO INDICATIVO, tem a vogal [e] ou [o]; a plural, em consonância com a do PRESENTE DO INDICATIVO, apresenta [ɐ] ou [u], no português de Portugal, e [e/i] ou [o/u], no português B; as formas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO (3ª do sin-3ª do plural e todas as pessoas

do IMPERATIVO NEGATIVO) con-i a vogal [i] ou [u] deste tempo.

	conferir	digerir	ingerir	repelir
tir	convergir	deferir	discernir	divergir
repetir	seguir		inserir	preferir
;lir	desferir	ferir	referir	sugerir
:tir	despir	inferir	refletir	vestir

.Seguem o modelo de servir os verbos da 3.* conjugação que têm e gráfico mrrvo. Assim:

rir

mentir e sentir. [Excttuarn-se, no entanto:

} os verbos medir, pedir, despedir e impedir, que apresentam e semi-aberto [g] das as formas rizotônicas do PRESENTE DO INDICATIVO e, por conseguinte, nas ttSENTE DO SUBJUNTIVO 6 dos IMPERATIVOS AFIRMATIVO C NEGATIVO: meo, medes, f. medem; mea, meas, meo, meam, etc.; peo, pedes, pede, pedem; pea ti, pea, peam, etc.

6) os verbos agredir, denegrir, prevenir, progredir, regredir e transgredir, que num [i] nas quatro formas rizotônicas do PRESENTE DO INDICATIVO, em todo o TE DO SUBJUNTIVO e nas formas dos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO dele

INDICATIVO 0:	PRESENTE \0\ ' .	agrido	agrides	agride	agredimos	agredis
agridem	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO				
	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO			
agridamos	agrida	agridas	agrida	agridamos	agridais	agride
n0o	agredida	agredidas	agredida	agredimos	agredidais	agredida
agridam	agridam	n0o	agridas	n0o	agrida	n0o
407	agridamos	n0o	agridais	n0o	agridam	n0o

2a) Seguem o modelo de dormir os verbos da 3a conjugação que tem o gráfico 0 no INFINITIVO: tossir, engolir, cobrir (e seus derivados, como descobrir, encobrir t"

recobrir). Excetuam-se, por0m:

a) os verbos em que o o corresponde ao antigo ditongo [ow], caso em que se conserva como [o] em toda a conjugação: ouo, ouves, ouve, etc.;

b) os verbos polir e sortir, que apresentam [u] nas formas rizotônicas, formas, alios, de pouco uso: pulo, pules, pule, pulem; surto, surtes, surte, surtem. altern0ncia voc0lica, isto 0, conservam o [u] do radical em outros menos usuais, os verbos:

curtir iludir
influir presumir
resumir urdir

Modelos: frigir e acudir

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
frijo	frija		
freges	frijas	freges	n0o frijas
frege	frija	frija	n0o frija
frigimos	frijamos	frijamos	n0o frijamos
frigis	frijais	frigi	n0o frijais
fregem	frijam	frijam	n0o frijam
acudo	acuda		
acodes	acudas	acode	n0o acudas
acode	acuda	acuda	n0o acuda
acudimos	acudamos	acudamos	n0o acudamos
acudis	acudais	acudi	n0o acudais
acodem	acudam	acudam	n0o acudam

l influir conjugam-se os demais verbos terminados em -vir. anuir, itituir, destituir, diluir, diminuir, estatuir, imbuir, instituir, restt-

I aspergir e submergir têm e semifechado [e] na 1.* pessoa do sin-! no INDICATIVO e, conseq0entemente, em todo o PRESENTE DO SUB-0 3* pessoas do singular e na 3.' do plural, a exemplo de servir, aberto UL

TROS TIPOS DE IRREGULARIDADE 1." Conjugação

,, a mais rica em número de verbos, a 1ª conjugação, a , número de verbos irregulares. Além de estar, cuja conjugação apenas os seguintes:

Vemos que, embora tenham [i] e [u] no radical, os verbos frigar e acudir se comportam como se fossem verbos com eco gráfico no INFINITIVO, conjugando-se nos

quatro tempos mencionados pelos modelos de servir e dormir.

irregularidades nestes tempos:

Observações:

1.*) Seguem o modelo de acudir os seguintes verbos:

bulir consumir
cuspir escapular
fugir sacudir
subir sumir

Na língua corrente também esta a conjugação dos verbos entupir e desentupir, que num registro mais culto apresentam, por vezes, as formas regulares entupo,

entupes, entupe, entupem; desentupo, desentupes, desentupe, desentupem.

2.') Os verbos construir, destruir e reconstruir, dependendo de uma maior ou menor formalização da linguagem, podem ser conjugados: construo, construis ou constróis,

construi ou constrói, constroem ou constroem, etc. Os outros derivados do latim *struere*, como instruir e obstruir, só conhecem a conjugação regular: instruo,

instruis, instrui, instruem; obstruo, obstruis, obstrui, obstruem.

408

MODO INDICATIVO

PRETÉRITO

PRETÉRITO PERFEITO

MAIS-QUE-PERFEITO

dei	dera
deste	deras
deu	dera
demos	dêramos
destes	dêreis
deram	deram

409

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE

PRETÉRITO IMPERFEITO

FUTURO

dê	desse	der
dês	desseis	deres
dê	desse	der
demos	dêssemos	dermos
deis	dêsseis	derdes
dêem	dessem	dcicin

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO

NEGATIVO

dê	não dê
di	não de
demos	não demos
dai	não deis
dêem	não dêem

No mais, conjuga-se como um verbo regular da 1ª conjugação.

Note-se que o derivado circundar não apresenta nenhuma destas irregularidades.

Segue em tudo o paradigma dos verbos regulares da 1ª conjugação.

2. Verbos terminados em -ear e -iar

1. Os verbos terminados em -ear recebem ê depois do e nas formas rizotônicas.

Sirva de exemplo o verbo passear, que assim se conjuga no PRESENTE

DO INDICATIVO, HO PRESENTE DO SUBJUNTIVO C HOS IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO:

e vadiar (com vadio).

2.' Conjugação

Além dos verbos haver, ser e ter, já conhecidos, devem ser mencionados os seguintes:

L Caber

Apresenta irregularidades no PRESENTE e no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO, irregularidades que se transmitem às formas deles derivadas.

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFETTO
caibo	coube	coubera
cabes	coubeste	couberas
cabe	coube	
cabemos	coubemos	couberamos
cabeis	coubestes	couberais
cabem	couberam	couberam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
caiba	coubesse	couber
caibas	coubesses	couberes
caiba	coubesse	couber
caibamos	coubéssemos	coubermos
caibais	coubésseis	couberdes
~ caibam	coubessem	couberem

412

itido próprio este verbo não admite IMPERATIVO.

Crer e ler

0 irregulares no PRESENTE DO INDICATIVO e, em decorrência, no TE DO SUBJUNTIVO C NOS IMPERATIVOS AFIRMATIVO C NEGATIVO.

crês

crê

cren

cred

crêe

leio lêe

U

IMPERATIVO

SENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
0io 0S	creia creias	creia	crê creia creiamos
creia não creiamos			não creias não
ides > .	creiais	crede creiam	não creiais não creiam

10 i m0s d0s em leias leia leiamos leiais leiam l0 leia leiamos lede leiam não leias não leia não leiamos não leiais não leiam

Assim também se conjugam os derivados destes verbos, como descrever, reler, etc.

'3. Dizer

Apenas o PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO e o GERÚNDIO são ulares neste verbo.

Estas as suas formas simples:

PRESENTE

digo

dizes

diz

dizemos

dizeis

MODO INDICATIVO PRETÉRITO IMPERFEITO

dizia

dizias

dizia

dizemos
dizeis
diziam
PRETÉRITO PERFEITO
disse
disseste
disse
dissemos
dissestes
disseram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO		FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
dissera	direi	diria	
disseras	dirés	dirias	
dissera	diró	diria	
disséramos	diremos	diríamos	
disséreis	direis	diríeis	
disseram	diróo	diriam	

MODOSUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
diga	dissesse	disser
digas.	dissesses	disseres
diga	dissesse	disser
digamos	disséssemos	dissermos
digais	dissésseis	disserdes
digam	dissessem	disserem

MODOSUBJUNTIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO				
dize diga digamos	dizei digam	não digas	não diga	não digamos	não digais não digam

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
dizer	dizer	dizendo	dito
	dizeres		
	dizer		
	dizermos		
	dizerdes		
	dizerem		

414

o modelo de dizer conjugam-se os verbos dele formados: bendizer, des-ir. maldizer, predizer, etc.

fazer

w... neste verbo são o PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO e o t são regulares. As formas simples conjugam-se:

MODOSUBJUNTIVO

.PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	P
faço	fazia	
fazes faz	fazias fazia	
fazemos	fazíamos	
fazeis	fazíeis	
fazem	faziam	

PRETÉRITO PLUS-QUAM-PERFECTO	FUTURO DO PRESENTE	F
fizera. fizeras	farei farás	
fará		

fizéramos	faremos
Atireis fizeram	fareis farão

PRETÉRITO PERFEITO

fiz
fizeste

fez
fizemos
fizestes
fizeram
FUTURO DO PRETÉRITO

faria
farias
faria
fariamos
fariéis
fariam

MODO SUBJUNTIVO
PRESENTE
PRETÉRITO IMPERFEITO

fizesse
fizesse
fizesse
fizéssemos
fizésseis
fizessem

FUTURO
fizer
fizeres
fizer
fizermos
fizerdes
fizerem

415

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO NEGATIVO

faze não faças

faça

laçamos façai façam não façamos não façais não façam

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL INFINITIVO PESSOAL GERÚNDIO PARTICÍPIO

fazer fazer fazendo feito

fazeres
fazer
fazermos
fazerdes
fazerem

Por jazer se conjugam os seus compostos e derivados, como afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, rarefazer, refazer e satisfazer

5. Perder

Oferece irregularidade no PRESENTE DO INDICATIVO e esta se transmite às formas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO e dos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO.

Eis as suas formas irregulares:

INDICATIVO SUBJUNTIVO IMPERATIVO
PRESENTE AFIRMATIVO NEGATIVO

perco perca

perdes perde perdemos perdeis perdem percas perca percamos percais percam

perde perca percamos perdi percam não percas não perca não percamos

não percais não percam

416

Poder

prescrita irregularidades no PRESENTE e no PRETÉRITO PERFEITO DO vo e. em consequência, nas formas derivadas destes dois tempos:

MODO INDICATIVO

'RESHOK	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
OSSO	pude pudera	
ides	pudeste puderas	
ade	pode pudera	
odemos	pudemos pudoramos	
odeis	pudestes pudoreis	
jdem	puderam puderam	

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
possa	pudesse puder	
possas	pudesses puderes	
possa	pudesse puder	
possamos	pudéssemos pudermos	
possais	pudésseis puserdes	
possam	pudessem puserem	

desusado o IMPERATIVO deste verbo.

7. Por

Por, fornica contrata do antigo poer (ou puer, derivado do latim po-e), o único verbo da língua que tem o INFINITIVO irregular.

417

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO PERFEITO
ponho	punha pus	
pões	punhas puseste	
põe	punha pôs	
ponhos	ponhamos pusemos	
pondes	ponheis pusestes	
ponham	ponham puseram	

PRETÉRITO

MAIS-QUE-PERFEITO	FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
pusera	porei poria	
puseras	poros porias	
pusera	poro poria	
puseramos	poremos poríamos	
puserais	poreis poríeis	
puseram	poro poriam	

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
ponha	pusesse puser	
ponhas	pusesse puseres	
ponha	pusesse puser	
ponhamos	pusessemos pusermos	
ponhais	pusesseis puserdes	
ponham	pusessem puserem	

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
põe	não ponhas
ponha	não ponha
ponhamos	não ponhamos
ponde	não ponhais
ponham	não ponham

418

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
por pondo	posto	
pores por		
pormos pordes		

poem

E. 1,') Pôr (antigo poer) é um verbo anômalo da 2.* conjugação, que perdeu sua *e-* no INFINITIVO IMPESSOAL e em outros tempos. Esta vogal conservou-se, no em várias formas do verbo: pus-e-ste, pus-e-mos, pus-e-ra, pus-e-sse, etc. / Pelo paradigma de pôr se conjugam todos os seus derivados: antepor, apor, ir, contrapor, decompor, depor, descompor, dispor, expor, impor, opor, propor, jpr, supor, transpor, etc. f 3.*) Pela anomalia que este verbo apresenta no INFINITIVO, certos gramáticos pre-inclu-lo numa 4.' conjugação, que seria formada por ele e seus derivados.

-8. Prazer

Empregado apenas na 3ª pessoa, este verbo apresenta as seguintes for-irregulares:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFETTO
----------	--------------------	-----------------------------

praz	prouve	prouvera
------	--------	----------

MODO SUBJUNTIVO

PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
----------------------	--------

prouvesse	prouver
-----------	---------

419

Observações:

1.) As outras formas, inclusive o PRESENTE DO SUBJUNTIVO (= prazo), são regulares.

Por prazer se conjugam aprazer e desprazer.

2.) O derivado comprazer, além de não ser unipessoal, é regular no PRETÉRITO PERFEITO e nos tempos formados do seu radical. Assim, comprazi, comprazeste, comprazeu,

etc.; comprazer, comprazes, comprazer, etc.; comprazesse, comprazessem, comprazesse, etc.; comprazer, comprazes, comprazer, etc.

9. Querer Oferece irregularidades nos seguintes tempos:

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
----------	--------------------	-----------------------------

quero	quis	quisera
-------	------	---------

queres	quiseste	quiseras
--------	----------	----------

quer	quis	quisera
------	------	---------

queremos	quisemos	quiséramos
----------	----------	------------

quereis	quisestes	quiséreis
---------	-----------	-----------

querem	quiseram	quiseram
--------	----------	----------

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
----------	----------------------	--------

queira	quisesse	quiser
--------	----------	--------

queiras	quisesses	quiseres
---------	-----------	----------

queira	quisesse	quiser
--------	----------	--------

queiramos	quiséssemos	quisermos
-----------	-------------	-----------

queirais	quisésseis	quiserdes
----------	------------	-----------

queiram	quisessem	quiserem
---------	-----------	----------

Observações:

1.*) A par de quer, 3.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO, emprega-se também *quere* no português europeu, quando a forma verbal vem acompanhada de um pronome

enclítico: *quere-a*.

2.) É desusado o IMPERATIVO deste verbo.

420

derivado requerer faz *requeira* na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO no PRETÉRITO PERFEITO e nos tempos formados do seu radical: *requer i*, *requereu*, etc.; *requerer*,

requerer, etc.; *requeresse*, *reque-e*, etc.; *requerer*, *requereres*, *requerer*, etc. Além disso, emprega-se *Ativo*.

j Bem-querer e malquerer fazem no PARTICÍPIO *benquisto* e *malquisto*, respec-

10. Saber Formas irregulares:

MODO INDICATIVO

ff	0000000000000000	1 r	PRETÉRITO
PRESENTE	PRETÉRITO	PERFEITO	MAIS-QUE-PERFEITO
sei	soube	soubera	
sabes	soubeste	souberas	
sabe	soube	soubera	
	soubemos	souboramos	
sabeis	soubestes	souboreis	
i,	sabem	souberam	souberam

MODO SUBJUNTIVO

fc^	0000000000000000	. PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
saiba	soubesse	souber		
saibas	soubesses	souberes		
saiba	soubesse	souber		
saibamos	soubossemos	soubermos		
	soubosseis	souberdes		
saibam	soubessem	souberem		

421

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO

NEGATIVO

sabe
saiba
saibamos
sabei
saibam
n0o saibas n0o saiba n0o saibamos n0o saibais n0o saibam

11. Trazer

0 regular apenas no PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO e nas FORMAS NOMINAIS. Esta a sua conjugação:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO PERFEITO
trago	trazia	trouxe
trazes	trazias	trouxeste
traz	trazia	trouxe
trazemos	trazíamos	trouxemos
trazeis	trazíeis	trouxestes
trazem	traziam	trouxeram

PRETÉRITO

MAIS-QUE-PERFEITO	FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
trouxera	trarei	traria
trouxeras	trarás	trarias
trouxera	trará	traria
trouxoramos	traremos	traríamos
trouxoreis	trareis	traríeis
trouxeram	trarão	trariam

422

MODO SUBJUNTIVO

tragas	tragemos	tragais	tragam
	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO	
	trouxesse	trouger	
	trouxesses	trougeres	
	trouxesse	trouger	
	trouxossemos	trougermos	
	trouxosseis	trougerdes	
	trouxessem	trougerem	

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO

NEGATIVO

traze não tragas
 traga não traga
 tragamos não tragamos
 trazei não tragais
 tragam não tragam

vacuo:

Sobre a complexa morfologia de trazer, e em particular sobre as variadas formas pretérito perfeito que ainda se conservam na linguagem popular, consultem-se especialmente

F. Adolfo Coelho. Theoria da conjugação em latim e portuguez. Lisboa, 1870, p. 109-110; Joseph M. Piei. A flexão verbal do português. Separata fBiblos, XX. Coimbra, 1945, p. 24, 37, 38 possim. Uma bibliografia sobre o tema ler-se em Celso Cunha. Cancioneiro de Martin Codax. Rio de Janeiro, Im-i Nacional, 1956, p. 171.

12. Valer

Apresenta irregularidade na 1ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO, irregularidade que se transmite ao PRESENTE DO SUBJUNTIVO e as formas do IMPERATIVO dele derivadas.

Assim:

423

INDICATIVO	SUBJUNTIVO		IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE		AFIRMATIVO	NEGATIVO
valho	valha			
vales	valhas	vale	não valhas	
vale	valha	valha	não valha	
valemos	valhamos	valhamos	não valhamos	
valeis	valhais	valei	não valhais	
valem	valham	valham	não valham	

Observação:

Por valer se conjugam desvaler e equivaler.

13. Ver

irregular no PRESENTE e no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO, nas formas deles derivadas, assim como no PARTICÍPIO, que visto. Enumeremos tais formas irregulares:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO		PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
vejo	vi	vira	
vos	viste	viras	
vê	viu	vira	
vemos	vimos	viramos	
vedes	vistes	virais	
vêm	viram	viram	

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
veja	visse	vir
vejas	visseis	vires
veja	visse	vir
vejamos	vissemos	virmos
vejais	visseis	virdeis
vejam	vissem	virem

424

MODO IMPERATIVO

NEGATIVO

não vejas não veja não vejamos não vejais não vejam

pi.*) Assim se conjugam antever, entrever, prever e rever.

K*) Prover, embora formado de ver, regular no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e nas formas dele derivadas: provi, proveste, proveu, etc.; provera, proveras, l, etc.; provesse, provesses, provesse, etc.; prover, proveres, prover, etc. O NO

prov/do, também regular. O prover conjuga-se o seu derivado desprover.

3." Conjugação

Excluídos os que sofrem apenas mutação da vogal do radical, que es-imos no início deste capítulo, restam ainda alguns verbos da 3ª conjugação cujas irregularidades devem ser conhecidas. São eles:

L Ir

O verbo anômalo, somente regular no PRETÉRITO IMPERFEITO e nos tuos DO PRESENTE e do PRETÉRITO do MODO INDICATIVO: ia, irei, iria;

FORMAS NOMINAIS DO INFINITIVO: Ir; GERÚNDIO: indo; PARTICÍPIO: ido.

Suas formas do PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e dos tempos dele derivados identificam-se com as correspondentes do verbo ser: fui, fora, , for. Nos demais tempos simples assim conjugado:

	IMPERATIVO				
	SUBJUNTIVO				
	INDICATIVO	PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
VOU vais	vá vós vá	vai vá	não vós não vá		
vamos	vamos vades	vamos ide	não vamos não vades		
vão	vão	vão			

425

2. Medir e Pedir

Além da alternância vocálica entre as formas rizotônicas e arrizotônicas, estes verbos apresentam modificação do radical med- e ped- na 1ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, conseqüentemente, no PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nas pessoas do IMPERATIVO dele derivadas.

INDICATIVO	SUBJUNTIVO		IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO	
medo	meça			
medes	meças	mede	não meças	
mede	meça	meça	não meça	
medimos	meçamos	meçamos	não meçamos	
medis	meçais	medi	não meçais	
medem	meçam	meçam	não meçam	
peço	peça			
pedes	peças	pede	não peças	
pede	peça	peça	não peça	
pedimos	peçamos	peçamos	não peçamos	
pedis	peçais	pedi	não peçais	
pedem	peçam	peçam	não peçam	

Observações:

1.*) Por medir conjuga-se desmedir.

2. '.) Conjugam-se por pedir, embora dele não sejam derivado*, os verbos despedir, expedir e impedir, bem como os que destes se formam: despedir, reexpedir, etc.

3. Ouvir

Irregularidade semelhante à anterior. O radical ouv- muda-se em ou- na 1ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, em decorrência, em todo o PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nas pessoas do IMPERATIVO dele derivadas. Assim:

INDICATIVO	PRESENTE	SUBJUNTIVO		PRESENTE	IMPERATIVO
		AFIRMATIVO	NEGATIVO		
OUO	oua				
ouves	ouas	ouve	não ouas		
ouve ouvimos	ouvis ouvem	oua ouamos	ouais ouam	oua ouamos	ouvi
ouam	não oua	não ouamos	não ouais	não ouam	

426

|'Em Portugal, ao lado de ouo, há oio para a 1ª pessoa do singular do PRESENTE ITIVO. Esta dualidade fonética estende-se a todo o PRESENTE DO SUBJUNTIVO e do IMPERATIVO dele derivadas: oua ou oia, ouas ou oias, etc.

4. Rir

Apresenta irregularidades nos seguintes tempos:

		IMPERATIVO			
INDICATIVO PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO		
rio	ria				
ris	rias	ri	não	nas	
	ria	na	não	na	
rimo:	riamos	riamos	não	riamos	
rides	riais	ride	não	riais	
riem	riam	riam	não	riam	

Pelo modelo de rir conjuga-se sorrir.

5. Vir

o verbo anômalo, assim conjugado nos tempos simples: MODO INDICATIVO

	PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO PERFEITO
venho	vinha	vim	
:	vens	vinhas	vieste
r	vem	vinha	veio
vimos	vinhamos	viemos	
vindes	vinheis	viestes	
vêm	vinham	vieram	

PRETÉRITO FUTURO DO PRESENTE FUTURO DO PRETÉRITO
MAIS-QUE-PERFEITO

viera	virei	viria
vieras	viros	virias
viera	virô	viria
viáramos	viremos	viríamos
viáveis	vireis	viríeis
vieram	virôo	viriam

427

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
venha	viesses	vier
venhas	viesses	vieres
venha	viesses	vier
venhamos	viéssemos	viermos
venhais	viésseis	vierdes
venham	viéssem	vierem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
vem venha venhamos	vinde vcnluini não venhas não venha não venhamos não
venhais	não venham

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
vir	vir vindo	vindo	
	vires		
	vir		
	virmos		
	virdes		
	virem		

Observação:

Por este verbo se conjugam todos os seus derivados, como advir, avir, convir, desavir, intervir, provir e sobrevir.

428

Verbos terminados em -uzir

l verbos assim terminados, como aduzir, conduzir, deduzir, induzir, Ur, luzir, produzir, reduzir, reluzir, traduzir, etc., não apresentam

l -e na 3a pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO: (ele)

% conduz, deduz, induz, introduz, etc.

VERBOS DE PARTICÍPIO IRREGULAR

o

| Hó alguns verbos da 2ª e da 3ª conjugação que possuem apenas par-
irregular, não tendo conhecido jamais a forma regular em -ido. i os seguintes:
dizer escrever fazer ver

PARTICÍPIO	INFINITIVO	PARTICÍPIO
dito	por posto	

escrito feito visto abrir cobrir vir aberto coberto vindo
;!.') Também os derivados destes verbos apresentam somente o particípio irregular.
i, desdido, de desdizer; reescrito, de reescrever; contrafeito, de contrafazer;
preços prever; imposto, de impor; entreaberto, de entreabrir; descoberto,
de >; convindo, de convir, etc.

') Desabrido não é particípio regular de desabrir, mas forma reduzida de dessa-i,
"sem sabor", provavelmente de origem espanhola. Usa-se apenas como adjetivo

de "rude", "violento", "descontrolado": palavras desabridas, ventos M, discurso
desabrido.

Neste grupo devemos incluir três verbos da 1.ª conjugação ganhar, gastar ir de
que outrora se usavam normalmente os dois particípios. Na linguagem preferem-se,
tanto nas construções com o auxiliar ser como naquelas em que o auxiliar ter, as
formas irregulares ganho, gasto e pago, sendo que a última completamente o antigo
pagado.

VERBOS ABUNDANTES

Vimos que são chamados ABUNDANTES os verbos que possuem duas ou mais formas
equivalentes. Vimos também que, na quase totalidade dos
is, essa abundância ocorre apenas no PARTICÍPIO, o qual, em certos verbos apresenta
com uma forma reduzida ou anormal ao lado da forma
liar em -ado ou -ido.

429

De regra, a forma regular emprega-se na constituição dos tempos compostos da voz
ATIVA, isto é, acompanhada dos auxiliares ler ou haver; a irregular usa-se, de
preferência,

na formação dos tempos da voz PASSIVA, ou seja, acompanhada do auxiliar ser.

Examinemos os principais verbos ABUNDANTES no particípio.

Primeira conjugação

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
aceitar entregar enxugar expressar expulsar	isentar	aceitado entregado
enxugado expressado expulsado isentado	aceito, aceite entregue enxuto	
expresso		
expulso		

salvar soltar	matado salvado soltado	morto salvo solto
vagado	vago	

Segunda conjugação

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
acender	acendido	
benzer	benzido	
eleger	elegido	
incorrer	incurrido	incurso
morrido		
prender	prendido	
romper	rompido	
suspender	suspendido	suspenso

430

Terceira conjugação

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
emergir	emergido	emerso
primir	exprimido	expresso
destruir	extinguido	extinto
frigor	frigido	frito
mergir	imerso	imerso

imprimir	imprimido	impresso
lerir	inserido	inserto
omitir	omitido	omisso
mergir	submergido	submerso

Somente as formas irregulares se usam como adjetivos e são elas as únicas combinam com os verbos estar, ficar, andar, ir e vir. A forma aceite é mais usada em Portugal. Morto é particípio de morrer e estendeu-se também a matar. O particípio rompido usa-se também com o auxiliar ser. Ex.: Foram rompi-relações. Roto emprega-se mais como adjetivo. Imprimir possui duplo particípio quando significa "estampar", "gravar". Na de "produzir movimento", "infundir", usa-se

apenas o particípio em -ido. por exemplo: Este livro foi Impresso no Brasil. Mas, por outro lado: Foi , enorme velocidade ao carro. Pelo modelo de entregue, formou-se

empregue, de uso frequente em Portugal uagem popular do Brasil.

Muitos particípios irregulares, que outrora serviam para formar tempos começaram em desuso. Entre outros, estão nesse caso: cinto, do verbo cingir; do verbo colher; despeso, do verbo despender. Alguns, como absoluto (de r) e resolutivo (de resolver), continuam na língua, mas com valor de adjetivos.

VERBOS IMPESSOAIS, UNIPESOAIS E DEFECTIVOS

Há verbos que são usados apenas em alguns tempos, modos ou vozes.

As razões que provocam a falta de certas formas verbais são múltiplas e nem sempre apreensíveis.

Muitas vezes é a própria ideia expressa pelo verbo que não pode aplicar-se a determinadas pessoas. Assim, no seu significado próprio, os verbos exprimem fenômenos da

natureza, como chover, trovejar, ventar, só aparecem na 3ª pessoa do singular; os que indicam vozes de animais, como *ganir, ladrar, zurrar, normalmente só se empregam na 3ª pessoa do singular e do plural.

431

Aos primeiros chamamos IMPESSOAIS; aos últimos, UNIPESOAIS.

Outras vezes o desuso de uma forma verbal é ocasionado por sua pronúncia desagradável ou por prestar-se a confusão com uma forma de outro verbo, de emprego mais

frequente. A razão de ordem eufônica atribui-se, por exemplo, a falta da 1ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO e, conseqüentemente, de todas as pessoas

do PRESENTE DO SUBJUNTIVO do verbo abolir; pela homofonia com formas do verbo falar, justifica-se a inexistência das formas rizotônicas do verbo falir. Mas, como

a própria caracterização do que é agradável ou desagradável ao ouvido é sempre difícil, pois está condicionada ao gosto pessoal, há frequentes discordâncias entre

os gramáticos em estabelecer os casos de lacuna verbal aconselhados por motivos eufônicos. Não raro, não se vislumbra mesmo razão maior do que o simples desuso de

uma forma para que ela continue sendo evitada pelos que falam ou escrevem.

Aos verbos que não têm a conjugação completa consagrada pelo uso damos o nome de DEFECTIVOS.

VERBOS IMPESSOAIS

Não tendo sujeito, os VERBOS IMPESSOAIS são invariavelmente usados na 3ª pessoa do singular. Assim:

a) os verbos que exprimem fenômenos da natureza, como:

alvorecer	chover	nevar	saraivar
amanhecer	chuviscar	orvalhar	trovejar
anoitecer	estiar	relampejar	ventar

b) o verbo haver na acepção de "existir" e o verbo fazer quando indica tempo decorrido:

Houve momentos de pânico. Faz cinco anos que não o vejo.

c) certos verbos que indicam necessidade, conveniência ou sensações, quando regidos de preposição em frases do tipo:

Basta de provocações! Chega de lamórias. De-me do lado esquerdo.

432

VERBOS UNIPessoais

dissemos, UNIPessoais os verbos que, pelo sentido, são ad-: sujeito da 3ª pessoa do singular ou do plural. Assim: 1 verbos que exprimem uma ação ou um estado peculiar

a deter-al, como ladrar, rosar, galopar, trotar, pipilar, zurrar:

Zumbem a porta insetos variegados. Os periquitos verdes grazinavam. Os sapos coaxavam nas águas mortas. Borboletas tontas esvoaçavam de ramo em ramo.

Os potros galopavam incontidos.

os verbos que indicam necessidade, conveniência, sensações, quando o sujeito um substantivo, ou uma oração substantiva, seja reduzido a infinitivo, seja iniciada pela integrante

que:

Urgem as providências prometidas. Convém sair mais cedo. Pareceu-me que ele chorava,

os verbos acontecer, concernir, grassar e outros, como constar constituído), assentar (= ajustar uma vestimenta), etc.:

Aconteceu o que eu esperava. O exemplo não concerne ao caso. As epidemias grassavam na região. O livro consta de duas partes. Os vestidos assentaram-lhe bem.

claro que, em sentido figurado, tanto os verbos que exprimem fenômenos da natureza como os que designam vozes de animais podem aparecer em todas as pessoas, usam-se estes

exemplos literários:

Os oficiais anoiteceram e não amanheceram na propriedade. (I. Lins do Rego. ME, 70.)

Tanto ladras, rosnei com os meus botões, que trincas a língua.

(A. Ribeiro, ES, 189.)

2

Por outro lado, convém ter presente que, nos casos de personificação, como as is, tais verbos podem ser empregados, com o significado próprio, em todas as

433

VERBOS DEFECTIVOS

Os VERBOS DEFECTIVOS, em sua grande maioria pertencentes à 3ª conjugação, podem ser distribuídos por dois grupos principais:

1º grupo. Verbos que não possuem a 1ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, conseqüentemente, nenhuma das pessoas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO nem as formas do IMPERATIVO

que delas se derivam, isto é, todas

as do IMPERATIVO NEGATIVO e as do IMPERATIVO AFIRMATIVO: 3ª pessoa do singular e a 1ª e 3ª do plural. Sirva de exemplo o verbo banir:

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO
	AFIRMATIVO	NEGATIVO

bane

banes bane banimos banis banem

bani

Pelo modelo de banir conjugam-se, entre outros, os seguintes verbos:

abolir	carpir	exaurir	imersar
aturdir	colorir	fremir	jungir
brandir	demolir	fulgir	retorquir

brunir emergir haurir ungir
2º grupo. Verbos que, no PRESENTE DO INDICATIVO, só se conjugam nas formas arrizotônicas e não possuem, portanto, nenhuma das pessoas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO nem do IMPERATIVO NEGATIVO; C, no IMPERATIVO AFIRMATIVO, apresentam apenas a 2ª pessoa do plural.

434

exemplo o verbo falir:

0	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO
	AFIRMATIVO	NEGATIVO
	000	

fali

modelo de falir conjugam-se, entre outros, os seguintes verbos njugam-se:

aguerrir
combalir
comedir-se
delinqüir empedernir puir
descomedir-se foragir-se remir
tmbair fornir renhir

rio o verbo adequar, da 1ª conjugação, e precaver-se e reaver, da 2ª.

OUTROS CASOS DE DEFECITIVIDADE

Os verbos adequar e antiquar usam-se quase que exclusivamente INITIVO PESSOAL e no PARTICÍPIO. Transir só aparece no PARTICÍPIO

Estava transido de frio.

_. Soer praticamente só se emprega nas seguintes formas: sói, soem PRESENTE DO INDICATIVO) e soa, soas, soa, soamos, soleis, soam IMPERFEITO DO INDICATIVO).

. Precaver-se, como dissemos, só possui as formas arrizotônicas do ENTE DO INDICATIVO: precavemo-nos, precaveis-vos; a 2ª pessoa do tº IMPERATIVO

AFIRMATIVO:

precavei-vos; e nenhuma do PRESENTE UBJUNTIVO e do IMPERATIVO NEGATIVO. 0 um verbo regular, não de_endo nem de ver, nem de vir. Faz, por conseguinte, precavi-me, pre-tste-te, precaveu-se, etc., no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO; pre-esse-me, precavesses-te, precavesse-se, etc., no IMPERFEITO DO SUBJUN-0, de acordo com o paradigma dos verbos da 2ª conjugação.

435

r

4. Haver, mesmo quando pessoal, não se usa na 2ª pessoa do singular do IMPERATIVO AFIRMATIVO.

5. Há certos verbos que são desusados no PARTICÍPIO e, conseqüente-mente, nos tempos compostos. E o caso de concernir, esplender e alguns mais.

SUBSTITUTOS DOS DEFECTIVOS

As carências de um VERBO DEFECTIVO podem ser supridas pelo emprego de formas verbais ou de perfrases sinônimas. Diremos, por exemplo, redimo e abro falência, em

lugar da lacunosa primeira pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO dos verbos remir e falir; acautelo-me, ou precató-me, pela equivalente pessoa de precaver-se; e assim

por diante.

SINTAXE DOS MODOS E DOS TEMPOS

Entende-se por MODO, como vimos, a propriedade que tem o verbo de indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação

ao fato que enuncia; e, por TEMPO, a de localizar o processo verbal no momento de sua ocorrência, referindo-o seja 0 pessoa que fala, seja a outro fato em causa.

MODO INDICATIVO

Com o MODO INDICATIVO exprime-se, em geral, uma ação ou um estado considerados na sua realidade ou na sua certeza, quer em referência ao presente, quer ao passado ou ao futuro. É, fundamentalmente, o modo da oração principal.

EMPREGO DOS TEMPOS DO INDICATIVO

PRESENTE

O PRESENTE DO INDICATIVO emprega-se:

1.) para enunciar um fato atual, isto é, que ocorre no momento em que se fala (PRESENTE MOMENTÂNEO):

Cai chuva. É noite. Uma pequena brisa abate o calor.

(F. Pessoa, OP, 474.)

> céu está limpo, não há nenhuma nuvem acima de nós. (R. Braga, CR, 51.)

Ações e estados permanentes ou assim considerados, dade científica, um dogma, um artigo de lei (PRESENTE

A Terra gira em torno do próprio eixo.

Deus Pai! Pai de toda a criatura: E a todo o ser o seu amor assiste: De seus filhos o mal sempre é lembrado... (A. de Quental, SC, 4.)

A lei não distingue entre nacionais e estrangeiros quanto à aquisição e ao gozo dos direitos civis. " (Código Civil Brasileiro, Art. 3?)

expressar uma ação habitual ou uma faculdade do sujeito, estejam sendo exercidas no momento em que se fala (PRESENTE HABITUAL ou FREQUENTATIVO) :

Sou tímido: quando me vejo diante de senhoras, em-!" burro, digo besteiras. (G. Ramos, A, 31.)

Como pouquíssimo...

(M. Torga, V, 50.)

para dar vivacidade a fatos ocorridos no passado (PRESENTE ou NARRATIVO), como nesta descrição de um carnaval antigo, romance de Marques Rebelo:

A Avenida é o mar dos foliões. Serpentinhas cortam o ar carregado de fumaça, rodam das sacadas, pendem das árvores e dos fios, unem com os seus matizes os automóveis

do curso. "Sai da frente! Sai da frente!" é o grupo dos cartolas empurra para passar, com a corneta que arreventa os ouvidos. O chão é um espesso tapete de confetes.

Há uma loucura de pandeiros, de cantos e chocalhos...

E o curso movimentava-se vagarosamente com estampidos de motores.

(M, 48 e 51.)

436

437

5.) para marcar um fato futuro, mas próximo; caso em que, para impedir qualquer ambiguidade, se faz acompanhar geralmente de um adjunto adverbial:

Amanhã mesmo voou para Belo Horizonte e lá pegou o avião do Rio.

(A. Callado, MC, 19.)

Outro dia eu volto, talvez depois de amanhã, ou na primavera.

(A. Bessa Luís, QR, 277.)

Valores afetivos

1. Ao empregarmos o PRESENTE HISTÓRICO ou NARRATIVO (denominações provenientes do seu tradicional e largo uso nas narrativas históricas), imaginamo-nos no passado, visualizando os fatos que descrevemos ou narramos. É um processo de dramatização linguística de alta eficiência, é utilizado de forma adequada e sóbria, pois que o seu valor expressivo decorre da aparente impropriedade, de ser acidental num contexto organizado com formas normais do pretérito. O abuso que dele fazem alguns

romancistas contemporâneos é contraproducente: torna invariável o estilo e, com isso, elimina a sua intensidade particular.

Como nos ensinam aqueles que o souberam usar com mestria, quando se emprega o presente histórico numa série de orações absolutas, ou coordenadas, deve a última oração

conter o verbo novamente no pretérito.

Observe-se, porém, que, sendo o período composto por subordinação, não se deve empregar na principal o pretérito e na subordinada o presente histórico, ou vice-versa.

Não são de imitar exemplos clássicos, como o seguinte:

Vi logoj>or sinais e por acenos. Que com isto se alegra grandemente. (Camões, Lus., V, 29.)

2. O emprego comedido do presente para designar uma ação futura pode ser um meio expressivo de valioso efeito por emprestar a certeza da atualidade a um fato por ocorrer. É particularmente sensível tal expressividade em afirmações condicionadas do tipo:

Se ele partir amanhã, sigo com ele. Se ele parte amanhã, sigo com ele. Mais um passo e és um homem morto!

: < forma delicada de linguagem, e denota intimidade entre pessoas, feito no presente do indicativo quando, logicamente, deveria imperativo ou no futuro.

Exemplo:

Você me resolve isto amanhã (= Resolva-me isto amanhã; ou: Você me resolver isto amanhã).

Para atenuar a rudeza do tom imperativo, costuma-se empregar o do verbo querer seguido do infinitivo do verbo principal:

Quer sentar-se, minha senhora?...

(C. Castelo Branco, CC, 198.)

Quer me dar minha carteira?

(C. Drummond de Andrade, OC, 921.)

PRETÉRITO IMPERFEITO

própria denominação deste tempo é PRETÉRITO IMPERFEITO -aos o seu valor fundamental: o de designar um fato passado, mas cluído (imperfeito = não perfeito, inacabado).

Encerra, pois, uma |de continuidade, de duração do processo verbal mais acentuada do l outros tempos pretéritos, razão por que se presta especialmente para e narrações

de acontecimentos passados. Empregamo-lo, assim: ?) quando, pelo pensamento, nos transportamos a uma época e descrevemos o que então era presente:

Debaixo de um itapicuru, eu fumava, pensava e apreciava a tropilha de cavalos, que retouvavam no gramado vasto. A cerca impedia que eles me vissem. E alguns estavam muito perto.

(Guimarães Rosa, 5, 216.)

O frio ia aumentando e o vento despenteava o cabelo de ambos.

(M. J. de Carvalho, A K, 104.)

Vf) para indicar, entre ações simultâneas, a que se estava proces-> quando sobreveio a outra:

Falava alto, e algumas mulheres acordaram. (M. Torga, K, 183.)

438

439

Quando se aproximava a Noite para me servir o sono, meteram-me num conflito...

(A. M. Machado, CJ, 165.)

3<?) para denotar uma ação passada habitual ou repetida (IMPERFEITO FREQUENTATIVO) :

Se o cacique marchava, a tribo inteira o acompanhava. (J. Cortesão, IHB, II, 178.)

Quando eu não a esperava, e ela aparecia, o coração vinha-me à boca, dando pancadas emotivas. (L. Jardim, MP, 36.)

40) para designar fatos passados concebidos como contínuos ou permanentes:

As Índias adaptavam-se mais facilmente à civilização, pois se consideravam elevadas pela união com os brancos, que não as desdenhavam.

(A. Peixoto, NHLB, 38.)

Sentou-se no muro que dava para o rio, o jornal nas mãos.

(A. Abelaira, CF, 173.)

5?) pelo futuro do pretérito, para denotar um fato que seria consequência certa e imediata de outro, que não ocorreu, ou não poderia ocorrer:

• O patrão • porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto virava um fazendão.
(Monteiro Lobato, U, 236.)

• Se eu não fosse mulher, ia também! (M. Torga, K, 307.)

60) pelo presente do indicativo, como forma de polidez para atenuar uma afirmação ou um pedido (IMPERFEITO DE CORTESIA) :

• Tive alta ontem, e vinha agradecer a V. Ex*.

(M. Torga, K, 279.) Diz-lhe:

• Pedro, eu vinha exclusivamente para tratar de negócios.

(C. dos Anjos, M, 192.)

440

para situar vagamente no tempo contos, lendas, fábulas, etc. que se usa o imperfeito do verbo ser, com sentido existencial):

Era uma vez uma mulher que queria ver a beleza. (G. de Almeida, N, 25.)

Era uma vez uma rapariga chamada Judite. r (Almada Negreiros, NG, 13.)

afetivos

Por expressar um fato inacabado, impreciso, em contínua reali-i linha do passado para o presente, o IMPERFEITO •, como dissemos, • que melhor se presta a descrições

e narrações, sendo de notar i narrações serve menos para enumerar os fatos do que para explic-minúcias. 'o imperfeito faz ver sucessivamente os diversos moda aão,

que, • semelhante de um panorama em movimento, se i diante de nossos olhos: • o presente no passado" (C.-M. Robert). os escritores naturalistas este imperfeito descritivo

assume im-capital na língua literária e •, hoje, um dos recursos mais. de que dispõem os romancistas do idioma. Veja-se, por exemplo, passo do romance Mar morto,

de Jorge Amado:

Como um monstro estranho um guindaste atravessou a chuva e o vento, carregando fardos. A chuva açoitava sem piedade os homens negros da estiva. O vento passava veloz,

assoviando, derrubando coisas, amedrontando as mulheres. A chuva embaciava tudo, fechava até os olhos dos homens. São os guindastes se moviam negros. (MM, 18.)

liaste outro, do romance Vindima, de Miguel Torga:

Outros ranchos desciam por outros caminhos em dire-ção a outras quintas. Vinham numa nuvem de pó e num redemoinho de som de todos os lados da serra. Nos rostos ossudos

de cada bando lia-se a mesma felicidade nômade

de ciganos libertos, com os haveres uma saca. Cantavam, riam, paravam a dançar nas encruzilhadas, comiuni. bebiam, sem horas e sem ave-marias. E do Senhor Jesus a Terra-feita, de Favaios a Vale de Mendiz. era um póo de alegria, decantigas e de sol. A grande festa do mosto ia começar.

(K, 15.)

441

E também este, de A vida verdadeira de Domingos Xavier, de José Luandino Vieira:

Francisco João desceu sem as olhar. O mar vinha de longe, murmurante, se roçar nos pés da areia. Trazia o bom cheiro da costa angolana... Na praia, as cubatas dos pescadores se desenhavam na sombra... Redes dormiam em baixo da capa das folhas de coqueiros na praia deserta e canoas descansavam das longas viagens nos seus dormentes

de mafumeira.. . Mulheres sopravam seus fogareiros de lata, assavam peixe ou cozinhavam panela de feijão. Velhos pescadores cachimbavam nas portas ou filosofavam

em grupo. Moças de panos, com cheiro de mar e sol, riam em suas conversas. E, no fim da tarde calma, o fumo e o murmúrio das falas subiam da sanzala • beira-mar. (VVDX, 40-41.)

2. Relevância particular tem o IMPERFEITO DO INDICATIVO no chamado DISCURSO INDIRETO LIVRE, em que autor e personagem se confundem na narração viva de um

fato. Leia-se

o que, a propósito de tal meio de expressão, escrevemos no Capítulo 20.

Além dos empregos a que nos referimos, o IMPERFEITO pode ter outros, já que, sendo um tempo relativo, o seu valor temporal é comandado pelos verbos com os quais se relaciona ou pelas expressões temporais que o acompanham. Nos casos em que a época ou a data em que ocorre a ação vem claramente mencionada, ele pode indicar até um só fato preciso. Assim:

Em um momento do século XVII colocava-se o autor da Ulíssia acima do Camões!
(J. Ribeiro, PE, 8.)

Os 6 horas em ponto batia a sua porta. (M. de S. Carneiro, CF, 230.)

No dia seguinte Geraldo Viramundo era expulso do seminário.

(F. Sabino, GM, 42.)

Dentro em pouco os capinhas, salvando a pulos as trincheiras, fugiam à velocidade espantosa do animal... (Rebello da Silva, CL, 177.)

442

PRETÉRITO PERFEITO

Ao contrário do que ocorre em algumas línguas românicas, há em nós clara distinção no emprego das duas formas do PRETÉRITO PER-a SIMPLES e a COMPOSTA, constituída

do presente do indicativo do ar ter e do particípio do verbo principal. A FORMA SIMPLES indica uma ação que se produziu em certo momento do passado. É a que se emprega

para "descrever o passado tal aparece a um observador situado no presente e que o considera l presente":

Jantei com um apetite devorador e dormi como um anjo. (M. Torga, V, 108.)
ros.

Ergui-me, tonto, e vi em rebolo no chão os dois farolei- (Monteiro Lobato, U, 103.)

A FORMA COMPOSTA exprime geralmente a repetição de um ato ou a sua continuidade até o presente em que falamos. Exemplos:

Eu tenho lutado contra a adversidade e tenho compre-os homens.

(Cochar Osório, CF, 134.)

Tenho escrito bastantes poemas. (F. Pessoa, OP, 175.)

Eu tenho cruzado o nosso Estado em caprichoso zigzague.

(Simões Lopes Neto, CGLS, 123.)

Em síntese:

O PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES, denotador de uma ação completa-ite concluída, afasta-se do presente; o PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO, só de um fato repetido ou contínuo,

aproxima-se do presente.1

' Veja-se Manuel de Paiva Bolão. O perfeito e o pretérito em português em confronto com as outras línguas românicas. (Estudo de caráter sintático-estilístico).

Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1936.

443

Observações:

1.) Para exprimir uma ação repetida ou contínua, o PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES exige sempre o acompanhamento de advérbios ou locuções adverbiais, como sempre, frequentemente,

várias vezes, muitas vezes, todos os dias, etc. Assim:

Os homens do mar drenam

(R. Brandão, P, 164.)

uma grande ternura pelas

Ai,

no fundo da casa lavei essa máquina, poli-a, escovei-a.

(C. Drummond de Andrade, R. 71.)

Em tais casos, a ideia de repetição ou continuidade é dada não pelo verbo mas pelo advérbio que o modifica.

2.*) Na linguagem coloquial não é raro o emprego do PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES

pele FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO. Assim:

Quando virmos, ló em baixo, o claró da fogueira, jó ele óor-reu... (= teró morrido).

(Sttau Monteiro, f HL, 162.)

DISTINÓES ENTRE O PRETORITO IMPERFEITO E O PERFEITO

Convém ter presentes as seguintes distinóes de emprego do PRETORITO IMPERFEITO e do PRETORITO PERFEITO SIMPLES DO INDICATIVO:

a) o PRETORITO IMPERFEITO exprime o fato passado habitual; o PRETORITO PERFEITO, o não habitual:

Quando o via, cumprimentava-o. Quando o vi, cumprimentei-o.

b) o PRETORITO IMPERFEITO exprime a ação durativa, e não a limita no tempo; o PRETORITO PERFEITO, ao contrário, indica a ação momentânea, definida no tempo. Comparem-se

estes dois exemplos:

O mancebo desprezava o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos furtavam de longe, levava o arrojo a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.

O mancebo desprezou o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos furtaram de longe, levou o arrojo a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.

PRETORITO MAIS-QUE-PERFEITO

1. O pretorito MAIS-QUE-PERFEITO indica uma ação que ocorreu antes de outra ação já passada:

O monólogo tornara-se tão fastidioso que o Barbaças desinteressou-se.

(F. Namora, TJ, 193.)

Quando voltei

as casuarinas tinham desaparecido da cidade.

(Agostinho Neto, SE, 121.)

Samuel aproximou-se para avisar que o tóxi tinha chegado.

(C. Drummond de Andrade, CA, 130.)

2. Além desse valor normal, o MAIS-QUE-PERFEITO pode denotar:

a) um fato vagamente situado no passado, em frases como as seguintes:

Casara, tivera filhos, mas nada disso o tocara por dentro. (M. Torga, NCM, 55.)

Até que afinal conseguira u meu carneiro para montar. (J. Lins do Rego, ME, 73.)

No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. (G. Ramos, VS, 177.)

b) um fato passado em relação ao momento presente, quando se eja atenuar uma afirmação ou um pedido:

Eu tinha vindo para convenc-lo de que Pedro é seu amigo e pedir-lhe que apoiasse Hermeto. (C. dos Anjos, M, 243.)

3. Na linguagem literária emprega-se, vez por outra, o MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES em lugar:

a) do FUTURO DO PRETORITO (SIMPLES OU COMPOSTO):

Um pouco mais de sol é e fora [= teria sido] brasa, Um pouco mais de azul é e fora [= teria sido] além, Para atingir, faltou-me um golpe de asa... (M. de Sô-Carneiro, P, 69.)

445

Oh! se lutei!... mas devera [= deveria] Expor-te em pública praça, Como um alvo é população, Um alvo aos dictórios seus!

(Gonçalves Dias, PC PE, 270.)

b) do PRETORITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO:

Só propócia para mim, socorre Quem te adorara, se adorar pudera!

(A. de Guimaraens, OC, 139.)

Assistimos é divina Tragédia, como se fóramos, no prodigioso quadro, os últimos personagens póstumos do Mestre.

(Teixeira de Pascoaes, V, 193.)

Na linguagem corrente este emprego fixou-se em certas frases exclamativas:

Quem me dera! [= Quem me desse!] Prouvera a Deus! [= Prouvesse a Deus!] Pudera!

Tomara (que)!

Exemplos literários:

Quem me dera ser como Casimiro Lopes! (G. Ramos, SB, 178.)

Prouvera a Deus que eu não soubesse tanto! (F. Pessoa, OP, 544.)

Tomara eu ser-lhe útil.

(J. de Araújo Correia, FX, 53.)

FUTURO DO PRESENTE

1. O FUTURO DO PRESENTE SIMPLES emprega-se: l?) para indicar fatos certos ou prováveis, posteriores ao momento em que se fala:

As aulas começaram depois de amanhã. (C. dos Anjos, DR. 222.)

446

Mudaremos de casa. Uma casa inteiramente nua quando lá entrarmos.

(A. Abelaira, QPN, 19.)

Não escreverei o poema.

(Agostinho Neto, SE, 98.)

2?) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) fatos atuais:

"Meu Anjo!" dizem de mim, Serei, talvez, porque enfim Eu vejo Deus em meus Pais...

(A. Correia d'Oliveira, M, 91.)

Hei uma varzea no meu sonho, Mas não sei onde seré..

(A. Meyer, P, 265.)

Quem está aqui? Será um ladrão? (G. Ramos, Ins., 9.)

Será que desta vez ele fica mesmo? (M. Torga, CM, 47.)

19) como forma polida de presente:

Não, não posso ser acusado. Dirá o senhor: mas como foi que aconteceram? E eu lhe direi: sei lá. Aconteceram: eis tudo

(C. Drummond de Andrade, CA, 141.)

E que vou eu fazer para Angola, não me dirá? (J. Paão d'Arcos, CVL, -699.)

49) como expressão de uma súplica, de um desejo, de uma ordem, i em que o tom de voz pode atenuar ou reforçar o caráter imperativo:

Lerás por um algum dia

Meus versos, d'alma arrancados,

D'amargo pranto banhados...

(Gonçalves Dias, PCPE, 273.)

Morrerás da tua beleza!

(Teixeira de Pascoaes, OC, VII, 88.)

447

Honrarás pai e mãe.

50) nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos de realização provável:

Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa, acharás tua mãe morta!

(Machado de Assis, OC, I, 444.)

Se pensares bem, verás que não é isto. (Sttau Monteiro, AP J, 87.)

Se assim fizeres, dominarás como rainha. (O. Ribas, t/, 21.)

Observações:

1.) Convém atentar nos efeitos estilísticos opostos: se o emprego do presente pelo futuro empresta ao fato a ideia de certeza, o uso do futuro pelo presente provoca efeito contrário, por transformar o certo em possível.

2.)* Em alguns escritores modernos, talvez por influência francesa, vai encontrando guarida o emprego do futuro para indicar que uma ação foi posterior a outra no passado. Assim:

\
João casou-se em 1922, mas Pedro esperará ainda dez anos para constituir família. Tal uso se assemelha ao do presente histórico.

SUBSTITUTOS DO FUTURO DO PRESENTE SIMPLES

Na língua falada o FUTURO SIMPLES é de emprego relativamente raro. Preferimos, na

conversa^o, substitu^o-lo por locu^oes constitu^odas:

a) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo haver + PREPOSI^o de -\- INFINITIVO do verbo principal, para exprimir a inten^o de realizar um ato futuro:1

Ai roupas que hei-de vestir, Ai gestos que hei-de fazer, Ai frases que hei-de tecer, Ai palavras que hei-de ouvir... (J. R^ogio, ED, 30.)

1 Sobre outros valores desta per^ofrase, principalmente quando o sujeito n^o ^o da 1.ª pessoa, veja-se lo^o de Almeida. Introdu^o ao estudo das per^ofrases verbais de infinitivo. S^o Paulo. ILHPA-HUCITEC, 1980. p. 142-147.

448

^o Hei-de castig^o-lo*; havemos de castig^o-los.

(Machado de Assis, OC, I, 653.)

^o Eu sou novo e sei trabalhar... Hei-de arranjar emprego...

(Cochat Os^orio, CV, 226.)

b) do PRBSENTE DO INDICATIVO do verbo ter 4- PREPOSI^o de + PINITIVO do verbo principal, para indicar uma a^oo futura de car^oter it^orio, independente, pois, da vontade do sujeito:1

Temos de recriar de novo o mundo... (T. da Silveira, PC, 341.)

Aquela.hora tinha de chegar.

(J. Pa^o d'Arcos, CVL, 1187.>

Temos de resolver isso em primeiro lugar. (Pepetela, M, 130.)

c) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo ir + INFINITIVO do verbo incipal, para indicar uma a^oo futura imediata:

^o Vamos entrar no mar.

(Adonias Filho, LBB, 113.)

Vai casar com o meu melhor amigo. (A. Abelaira, CF, 234.)

O gerente foi demitido e o Costa vai substitui-lo. (Ferreira de Castro, OC, II, 613.)

2. O FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO emprega-se: 1^o) para indicar que uma a^oo futura estar^o consumada antes de Ira:

Amanh^o procure o Dr. Alceb^oades, disse o Dr. Viriato. J^o terei conversado com ele.

(Autran Dourado, IP, 23.)

Quanto ^o distin^o, estil^ostica entre ter de e ter que seguidos de iNFLNrrrvo, leiam-as considera^oes de lo^o de Almeida. Obra cit-, p. 148-154, onde se justifica

vernaculidade da segunda constru^o, posta em d^ovida por alguns gram^othos.

149

Dentro de uns cinco dias tereis acabado o esqueleto do segundo andar e ent^o me olhareis de cima. (R. Braga, CCE, 250.)

Os homens ser^o prisioneiros das estruturas que ter^o criado.

(Pepetela, M, 122.)

2?) para exprimir a certeza de uma a^oo futura:

Pe^ogio! se dentro de oito dias n^o houvermos voltado. ora a Deus por n^os, que teremos dormido o nosso ^oltimo sono.

(A. Herculano, E, 180.)

S^o o Direito perdurar^o e n^o ter^o sido v^oo o esfor^o da minha vida inteira.

(J. Pa^o d'Arcos, CVL, 721.)

3<?) para exprimir a incerteza (probabilidade, d^ovida, suposi^o) sobre fatos passados:

Ter^o passado o furac^oo?

(C. dos Anjos, DR, 191.)

Quanto tempo ter^o levado ele a fazer este caminho? (J. Cardoso Pires, D, 340.)

N^o sei se mie engano, mas creio que nem uma s^o vez ele ter^o falhado.

(M. Bandeira, A^o, 345.)

O c^o regressa do fundo da praia ^o algu^om o ter^o abandonado?

(V. Ferreira, NN, 89.)

FUTURO DO PRET^oRITO

1. O FUTURO DO PRET^oRITO SIMPLES emprega-se:

1^) para designar a^oes posteriores ^o ^opoca de que se fala:

Tens a certeza de que, passadas as primeiras semanas, não lamentaria tamanho sacrifício?

(A. Abelaira, NC, 155.)

450

Depois de instalada, a Academia se transformaria em sua outra casa.

(T. Martins Moreira, VVT, 43.)

2?) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) fatos passados:

Quem seria aquele sujeitinho que estava de pé, encostado ao balcão, todo importante no terno de casimira? (M. Palmério, VC, 34.)

Era ela, seria ela?

(M. J. de Carvalho, A V, 91.)

Eu teria, talvez, uns doze anos.

(J. de Sena, NAD, 196.)

3?) como forma polida de presente, em geral denotadora de desejo:

Sereis capazes, minhas Senhoras, De amar um homem deste feitio? (A. Nobre, S, 79.)

Desejamos ouvi-lo sobre o crime.

(C. Drummond de Andrade, BV, 103.)

?) em certas frases interrogativas e exclamativas, para denotar sur-ou indignação:

O nosso amor morreu... Quem o diria? (F. Espanca, S, 168.)

Seria possível que assim se desvanecessem as esperanças da iminente vitória da verdade e calúnia, urdida contra o pobre moço!...

(D. Olímpio, LH, 158.)

59) nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos que i se realizaram e que, provavelmente, não se realizaram:

Se não houvesse diferenças, nós (G. Ramos, SB, 102.)

uma pessoa só.

451

Se o meu avô Sebastião pudesse assistir ao meu enleio, ficaria envergonhado de mirn, pensei naquele momento. (Alves Redol, F, 154.)

Qual a mulher que, se pudesse, o senhor levaria para uma volta ao cosmos?

(C. Drummond de Andrade, BV, 105.)

Se tivessem ouvido o conselho, essa desgraça não se daria.

(O. Ribas, EMT, 117.) Observações:

1.) Como dissemos, o FUTURO DO PRETÉRITO pode ser substituído pelo IMPERFEITO DO INDICATIVO nas afirmações condicionadas. Comparem-se as seguintes asserções:

Sem a sua interferência, eu estaria perdido. Sem a sua interferência, eu estava perdido.

Na primeira, o fato principal (estar perdido) é apresentado como consequência provável da condição que não ocorreu; na segunda, ele aparece como o efeito imediato

e inelutável dela.

Frequente é também esta substituição com os verbos modais, como poder, dever, saber, querer, desejar, sugerir, etc.:

Que moços lhe sugeria para uma sala?

(M. J. de Carvalho, A V, 104.)

Que palavras um sujeito podia usar para responder ao Vieirinha? (F. Namora, TL, 261.)

2.*) Sobre o uso do MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES pelo FUTURO DO PRETÉRITO, leia-se o que dissemos ao tratar daquele tempo.

3.) A Nomenclatura Gramatical Brasileira eliminou a denominação de MODO CONDICIONAL para o FUTURO DO PRETÉRITO. Apesar de, no projeto de Nomenclatura Gramatical

Portuguesa não se ter adotado esta última designação, decidimos optar pelo seu emprego nesta obra porque, em nossa opinião, se trata de um tempo (e não de um

modo)

que se diferencia do FUTURO DO PRESENTE por se referir a fatos passados, ao passo que o último se relaciona com fatos presentes. E acrescenta-se que ambos aparecem

nas asserções condicionadas, dependendo o emprego de um ou de outro do sentido da oração condicionante. Comparem-se:

Se ele vier, não sairei. Se ele viesse, não sairia.

2. O FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO emprega-se:

1) para indicar que um fato teria acontecido no passado, mediante certa condição:

452

Teria sido diferente, se eu o amasse? (C. dos Anjos, M, 143.)

Se eu estivesse c, nada disso se teria passado.

(Castro Soromenho, TM, 242.)

Ter-lhe-ia rido na cara se não fossem os posteriores acontecimentos.

(M. J. de Carvalho, AV, 109.)

2) para exprimir a possibilidade de um fato passado:

1) Sem ti, quem sabe? teria sido uma grande cantora. (A. Abelaira, B, 163.)

Calculou que a costureira teria ido por ali. (Machado de Assis, OC, I, 637.)

3) para indicar a incerteza sobre fatos passados, em certas frases errogativas que dispensam a resposta do interlocutor:

Aquele malandro os teria engolido?

(C. Drummond de Andrade, CA, 144.)

Que teria acontecido para que Margarida não viesse nem uma vez ao muro?

(V. Nemésio, MTC, 111.)

4) Quem teria escrito? Perdiam-se num silêncio de cogitações.

(J. Amado, GCC, 128.)

MODO SUBJUNTIVO

INDICATIVO e SUBJUNTIVO

1. Quando nos servimos do MODO INDICATIVO, consideramos o fato expresso pelo verbo como certo, real, seja no presente, seja no passado, seja no futuro.

2. Ao empregarmos o MODO SUBJUNTIVO, temos uma atitude completamente diversa a respeito do fato. Encaramos, então, a existência ou não existência do fato como uma coisa incerta,

duvidosa, eventual ou, mesmo, irreal.

453

Comparem-se, por exemplo, estas frases:

TEMPO MODO INDICATIVO MODO SUBJUNTIVO

PRESENTB IMPERFEITO PERFEITO MAIS-QUE-PERP. Afirmo que ela estuda Afirmo que ela estudava

que ela estudava Afirmo que ela estudou (ou tem estudado) Afirmava que ela tinha estudado (ou estudara)

Duvido que ela estude Duvidei que ela estudasse

Duvido que ela tenha estudado Duvidava que ela tivesse estudado

2. Em decorrência dessas distinções, podemos, desde já, estabelecer os seguintes princípios gerais, norteadores do emprego dos dois modos nas orações subordinadas substantivas:

1) O INDICATIVO é usado geralmente nas orações que completam o sentido de verbos como afirmar, compreender, comprovar, crer (no sentido afirmativo), dizer, pensar,

ver, verificar.

2) O SUBJUNTIVO é o modo exigido nas orações que dependem de verbos cujo sentido está ligado à ideia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras correlatas. É o caso, por exemplo, dos verbos desejar, duvidar, implorar, lamentar, negar, ordenar, pedir, proibir, querer, rogar e suplicar.

EMPREGO DO SUBJUNTIVO

Como o próprio nome indica, o SUBJUNTIVO (do latim subjunctivus "que serve para ligar, para subordinar") denota que uma ação, ainda não realizada, é concebida como

dependente de outra, expressa ou subentendida. Daí o seu emprego normal na oração subordinada. Quando usado em orações absolutas, ou orações principais, envolve sempre a ação verbal de um matiz afetivo que acentua fortemente a expressão da vontade do indivíduo que fala. A Nomenclatura Gramatical Portuguesa preferiu a SUBJUNTIVO

a designação sinónima CONJUNTIVO (do latim conjunctivus "que serve para ligar").
SUBJUNTIVO INDEPENDENTE

Empregado em orações absolutas, em orações coordenadas ou em orações principais, o SUBJUNTIVO pode exprimir, além das noções imperativas que examinaremos adiante:
454

a) um desejo, um anelo:

Chovam hinos de glória na tua alma! (A. de Quental, SC, 35.)

Que as horas voltem sempre, as mesmas horas! (A. Meyer, P, 254.)

b) uma hipótese, uma concessão:

Seja a minha agonia uma centelha De glória!...

(O. Bilac, r, 197.)

Que a tua música seja o ritmo de uma conquista! E que o teu ritmo seja a cadência de uma vida nova! (F. J. Tenreiro, OP, 62.)

c) uma dúvida (geralmente precedido do advérbio talvez):

Paula talvez lhe telefonasse à noite.

(M. J. de Carvalho, PSB, 34.)

Um cachorro talvez rosnasse ou mordesse. (Adonias Filho, LBB, 101.)

d) uma ordem, uma proibição (na 3ª pessoa):

Que levem tudo no caixão: A alma e o suporte!

(M. Torga, CH, 31.)

Que não se apague este lume! (A. Meyer, P, 126.)

e) uma exclamação denotadora de indignação:

Raios partam a vida e quem lá ande! (F. Pessoa, OP, 316.)

Ó Diabos te k vem!

(F. Botelho, X, 198.)

455

Observações:

1.*) Vemos que estas orações geralmente se iniciam por que, partícula de classificação difícil, pois o seu valor, no caso, é mais afetivo do que lógico. É uma espécie

de prefixo conjuncional, peculiar ao subjuntivo.

2.') A exclamação viva! é um antigo subjuntivo, que outrora concordava sempre com o sujeito. Hoje a concordância é facultativa, porque o singular adquiriu o valor de interjeição:

Viva os heróis! Vivam os heróis!

3.*) Observe-se, por fim que alguns linguistas, principalmente os da escola gerativo-transformacional, negam a existência do SUBJUNTIVO INDEPENDENTE, interpretando-o

como o efeito do apagamento, na superfície, da oração principal. Leia-se, a propósito, I. Hub Faria. Conjuntivo e a restrição da frase-mais-alta. Separata do Boletim

de Filologia. XXIII. Lisboa, 1974.

SUBJUNTIVO SUBORDINADO

O SUBJUNTIVO é por excelência o modo da oração subordinada. Emprega-se tanto nas SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS, como nas ADJETIVAS e nas ADVERBIAIS.

NAS ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Usa-se geralmente o SUBJUNTIVO quando a ORAÇÃO PRINCIPAL exprime:

1) a vontade (nos matizes que vão do comando ao desejo) com referência ao fato de que se fala:

Não quero que ele me julgue sem pudor, uma mulher de prendas desoladas, nada tendo a defender. (N. Pinon, CC, 145.)

Em todo o caso, gostava que me considerasse um amigo. (M. J. de Carvalho, A K, 119.)

b) um sentimento, ou uma apreciação que se emite com referência ao próprio fato em causa:

❖ Pior ser que nos enxotem daqui... (A. Peixoto, RC, 273.)

456

❖ Eu bem queria que tu fosses como empregado. (Ferreira de Castro, OC, I, 94.)

a dúvida que se tem quanto à realidade do fato enunciado:

Receaya que eu me (ornasse ingrato, que o tratasse mal na velhice.

(A. Abelaira, NC, 14.)

❖ Não acredito que ela chore aqui. (Autran Dourado. TA, 75.)

NAS ORAÇÕES ADJETIVAS

_ SUBJUNTIVO ❖ de regra nas ORAÇÕES ADJETIVAS que exprimem: B) um fim que se pretende alcançar, uma consequência:

Humana, mulher, a companheira tentava chamá-lo a uma realidade que reanimasse fogueiras mortas, sonhos desfeitos.

(M. Torga, NCM, 59.)

❖ Portanto, quero coisa de igreja, coisa pia, que dê gosto a um bom sacerdote como

❖ padre Estêvão. (A. Callado, MC, 99.)

-b) um fato improvável:

Ainda que eu discordasse deles não diria nada para os não aborrecer, mas que sabia eu que pudesse contrariar essa opinião de amigos?

(Machado de Assis, OC, I, 1081.)

Gerson saiu rapidamente, e durante bastante tempo não houve quem o convencesse a voltar lá.

(A. Bessa Luís, AM, 139.)

Tristão podia resolver esta minha luta interior cantando alguma coisa que me obrigasse a ouvi-lo.

(Machado de Assis, OC, I, 1098.)

c) uma hipótese, uma conjectura, uma simulação:

Então não havia um direito que lhe garantisse a sua casa?

(J. Lins do Rego, FM, 159.)

457

Estaria ali para dar esperança aos que a tivessem perdido?

(M. J. de Carvalho, A V, 138.)

Sonhara apenas com uma fazenda de gado onde pudesse viver no trato da criação, sentindo o cheiro da terra, o contato com a natureza, tendo a companhia de uma mulher

("Ah, Alzira" ❖ suspirou) a quem amasse e com quem partilhasse de tudo isso.

(J. Conde, C, 10.)

NAS ORAÇÕES ADVERBIAIS

1. Nas ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS o SUBJUNTIVO, em geral, não tem valor próprio. ❖ um mero instrumento sintático de emprego regulado por certas conjunções.

Em princípio, podemos dizer que o SUBJUNTIVO ❖ de regra depois das conjunções:

a) CAUSAIS, que negam a ideia da causa (não porque, não que):

Não que não quisesse amar, mas amar menos, sem tanto sofrimento.

(L. Fagundes Telles, DA, 107.)

Eu deixei-me ir atrás daquela ternura, não que a compartisse, mas fazia-me bem.

(Machado de Assis, OC, I, 1124.)

Foi a única coisa grandiosa da minha vida. Não porque me sentisse apaixonado, ela também não se apaixonara por mim.

(A. Abelaira, B, 49.)

b) CONCESSIVAS (embora, ainda que, conquanto, posto que, mesmo que, se bem que, etc.):

O povo não gosta de assassinos, embora inveje os valentes.

(C. Drummond de Andrade, C/4, 7.)

❖ Ainda que o morto se chamasse Adalardo, não seria o nosso.

(G. França de Lima, IV, 19.)

.458

Por muito que eu desejasse ter aqui uma burra, não trocava a amizade do Barbaças por todas as burras desta freguesia.

(F. Namora, TJ, 165.)

c) FINAIS (para que, a fim de que, porque):

Para que tudo retomasse a quietude inicial, e os coelhos se resolvessem a vir gozar a fresca, seriam precisas horas, e então já não teria luz.

(M. Torga, NCM, 64.)

Rubião não entendeu; mas o sócio explicou-lhe que era útil desligarem já a sociedade, a fim de que ele sozinho liquidasse a casa.

(Machado de Assis, OC, I, 670.)

d) TEMPORAIS, que marcam a anterioridade (antes que, até que e elhantes):

Vamos embora, antes que nos veja.

(Machado de Assis, OC, I, 1030.)

Deu para frequentar, pela manhã, a rua Eró e fica a conversar com Emília até que eu me levante. (C. dos Anjos, DR, 183.)

Usa-se também o SUBJUNTIVO, em razão de ser o modo do eventual do imaginário, nas:

a) ORAÇÕES COMPARATIVAS iniciadas pela hipotética como se:

As pernas tremiam-me como se todos os nervos me estivessem golpeados.

(C. Castelo Branco, os, I, 761.)

Cantavam os galos no poleiro como se fosse de madrugada.

(J. Lins do Rego, FM, 135.)

b) ORAÇÕES CONDICIONAIS, em que a condição é irrealizável ou hipotética:

Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la.

(G. Ramos, VS, 47.)

459

Ó Morte, dava-te a vida, Se tu lha fosses levar!...

(Guerra Junqueira, S, 74.)

Se viesse o sol, tudo mudava.

(Ó. Veríssimo, LS, 138.)

c) ORAÇÕES CONSECUTIVAS que exprimem "simplesmente uma concepção, um fim a que se pretende ou pretenderia chegar, e não uma realidade" (Epifânio Dias):

Ó Que quer vomeço? Ó perguntou rudemente, de longe, interrompendo a marcha de modo que ela pudesse chegar até junto dele.

(F. Namora, TJ, 70.)

Pôs-lhe uma nota voluntariamente seca, em maneira que lhe apagasse a cor generosa da lembrança.

(Machado de Assis, OC, I, 1122.)

SUBSTITUTOS DO SUBJUNTIVO

Por vezes a construção com o SUBJUNTIVO é pesada ou malsoante.

Convém, nesses casos, substituí-la por uma forma expressional equivalente.

Entre os substitutos possíveis do SUBJUNTIVO, devem ser mencionados:

1. O INFINITIVO. Comparem-se estas frases:

O professor mandou que o aluno lesse um romance. O professor mandou o aluno ler um romance. Exortava os companheiros a que continuassem a resistência.

Exortava os companheiros a continuarem a resistência.

2. O GERÚNDIO, principalmente nas orações condicionais. Comparem-se estas frases:

Se seguisses o caminho normal, chegarias primeiro. Seguindo o caminho normal, chegarias primeiro. Se andarmos depressa, ainda o alcançaremos. Andando depressa, ainda

o alcançaremos.

460

Um SUBSTANTIVO ABSTRATO. Comparem-se estas frases:

Se tivesses voltado, serias bem recebido. Tua volta seria bem recebida.

Acredito que ele esteja inocente. Acredito em sua inocência.

"4. Uma CONSTRUÇÃO ELÉPTICA. Comparem-se estas frases:

Quer sejam ricos ou pobres, quer sejam brancos ou pretos,

são todos iguais perante a lei.

Ricos ou pobres, brancos ou pretos, todos são iguais perante a lei.

Se fosse de ferro, a ponte suportaria o peso. De ferro, a ponte suportaria o peso.

avaioi

Quanto a substituição do IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO pelo MAIS-QUE-PERFEITO DO CATIVO, veja-se o que dissemos ao tratar deste tempo.

TEMPOS DO SUBJUNTIVO

Dissemos anteriormente que as formas do SUBJUNTIVO enunciam a do verbo como eventual, incerta, ou irreal, em dependência estreita . a vontade, a imaginação ou o

sentimento daquele que as emprega. Por isso, as noções temporais que encerram não são precisas como as expressas nas formas do INDICATIVO, denotadoras de ações concebidas em sua realidade.

Feita essa advertência, examinemos os principais valores dos tempos do SUBJUNTIVO.

1. A modalidade subjuntiva, por princípio, é uma modalidade de oposição à modalidade indicativa. Logo, "os tempos do subjuntivo não representam noções de época da forma por que o fazem os do indicativo. Pode-se, no entanto, falar de certos hábitos de concordância dos tempos, que não procedem de um automatismo rígido e puramente

formal, antes resultam do funcionamento de mecanismos delicados e complexos" (Gérard Moignet. Essai sur le mode subjunctif en latin post-classique et en ancien

français, \. Paris-Alger, P.U.F., 1959, p. 131.)

461

1. O PRESENTE DO SUBJUNTIVO pode indicar um fato: a) presente:

Não quer dizer que se conheçam os homens quando se duvida deles.

(A. Bessa Luós, QR, 33.)

Pena é que os meninos estejam tão mal providos de roupa.

(O. Lara Resende, BD, 128.)

b) futuro:

No dia em que não faça mais uma criança sorrir, vou vender abacaxi na feira.

(N. Pifton, CC, 152.)

Meus olhos apodrecem se abençoar você. (Adonias Filho, LP, 140.)

2. O IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO pode ter o valor:

a) de passado:

Todos os domingos, chovesse ou fizesse sol, estava eu lá. (H. Sales, DBFM, 112.)

Não havia intenção que ele não lhe confessasse, conselho que lhe não pedisse.

(A. Bessa Luós, S, 58.)

Cuido que quisesse mostrar-me as cartas do rapaz, uma só que fosse, ou um trecho, uma linha, mas o temor de enfadar fez calar o desejo.

(Machado de Assis, OC, I, 1059.)

b) de futuro:

Alberto era inteligente e se não se deixasse engazapar, talvez aquilo até lhe fosse um bem...

(Ferreira de Castro, OC, I, 87.)

462

Aos domingos, treinava o discurso destinado ao pretendente que chegasse primeiro.

(N. Pinon, CC, 144.)

Ide presente:

Tivesse coração, terias tudo.

(Guimarães Passos, VS, 166.)

Como imaginar um ser que não precisasse de nada? (C. Lispector, ME, 148.)

O PRETÉRITO PERFEITO DO SUBJUNTIVO pode exprimir um fato: passado (supostamente concluído):

Espero que você tenha encontrado esse alguém na rua, depois daquela cena patética do carro. (F. Sabino, EM, 193.)

Espero que não a tenha ofendido.

(M. J. de Carvalho, AV, 109.)

futuro (terminado em relação a outro fato futuro):

Espero que João tenha feito o exame quando eu voltar.

f

4. O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO SUBJUNTIVO pode indicar:

a) uma ação anterior a outra ação passada (dentro do sentido even-|do modo subjuntivo):

Esprei-a um pouco, até que tivesse terminado sua toi-lette e pudéssemos sair juntos.

(C. dos Anjos, DjR, 167.)

Estaria ali para dar esperança aos que a tivessem perdido.

(M. J. de Carvalho, AV, 135.)

b) uma ação irreal no passado:

Se a vitória os houvesse coroado com os seus favores, não lhes faltaria o aplauso do mundo e a solicitude dos grandes advogados.

(R. Barbosa, EDS, 794.)

463

E a arca estremecia como se de novo se houvessem aberto as cataratas do céu.

(Machado de Assis, OC, II, 303.)

5. O FUTURO DO SUBJUNTIVO SIMPLES marca a eventualidade no futuro, e emprega-se em orações SUBORDINADAS:

a) ADVERBIAIS (CONDICIONAIS, CONFORMATIVAS E TEMPORAIS), CUJA PRINCIPAL vem enunciada no futuro ou no presente:

Se quiser, irei vê-lo.

Se quiser vê-lo, vá a sua casa.

Farei conforme mandares. Faça como souber.

Quando puder, passarei por aqui. Quando puder, venha ver-me.

b) ADJETIVAS, dependentes de uma PRINCIPAL também enunciada no futuro ou no presente:

Direi uma palavra amiga aos que me ajudarem. Diga uma palavra amiga aos que o ajudarem.

6. O FUTURO DO SUBJUNTIVO COMPOSTO indica um fato futuro como terminado em relação a outro fato futuro (dentro do sentido geral do MODO SUBJUNTIVO) :

Ex. D. Sancha, peço-lhe que não leia este livro; ou, se o houver lido até aqui, abandone o resto.

(Machado de Assis, OC, 855.)

Quando tiverdes acabado, sereis desalojados de vosso precioso pouso e devolvidos

as vossas favelas. (R. Braga, CCE, 250.)

MODO IMPERATIVO FORMAS DO IMPERATIVO

1. Há em português, como sabemos, dois IMPERATIVOS: um AFIRMATIVO, OUTRO NEGATIVO.

464

o IMPERATIVO AFIRMATIVO possui formas próprias somente para as 1ª e 2ª pessoas do singular (sujeito eu) e do plural (sujeito vós). As demais são expressas pelas formas correspondentes

do presente do

IMPERATIVO NEGATIVO não tem nenhuma forma própria. É formado pelo presente do subjuntivo.

no IMPERATIVO o indivíduo que fala se dirige a um interlocutor deste modo as pessoas que indicam aquele a quem se fala,

as 2ª pessoas do singular e do plural;

as 1ª e 2ª pessoas do singular e do plural, quando o sujeito é expresso de tratamento, como você, o senhor. Vossa Senhoria, etc., a 3ª pessoa do plural, que no caso denota estar o indivíduo que se associa ao cumprimento da ordem, conselho ou súplica a outros.

As formas correspondentes do IMPERATIVO certas formas do SUBJUNTIVO empregadas sem a anteposição do que. O IMPERATIVO, no caso, exprime ordem, ou exortação; o SUBJUNTIVO,

de-anelo. Assim:

Caíam de bruços! (IMPERATIVO)

Caíam sobre vós as bênçãos divinas! (SUBJUNTIVO)

EMPREGO DO MODO IMPERATIVO

Embora a palavra IMPERATIVO esteja ligada, pela origem, ao latim "comandar", não é para ordem ou comando que, na maioria dos casos servimos desse modo. Há, como veremos,

outros meios mais eficientes expressarmos tal coisa. Quando empregamos o IMPERATIVO, em o intuito de exortar o nosso interlocutor a cumprir a ação imperativa, pois, "

mais o modo da exortação do conselho, do que propriamente do comando, da ordem. Tanto o IMPERATIVO AFIRMATIVO como o NEGATIVO usam-se só em orações absolutas,

em orações principais, ou em orações coordenadas

Ambos podem exprimir: z) uma ordem, um comando:

Calate, não lhe digas nada.

(C. de Oliveira, AC, 98.)

Cavem, cavem depressa!

(L. Jardim, MP, 47.)

465

b) uma exortação, um conselho:

Sê todo em cada coisa. Põe quanto és No mínimo que fazes.

(F. Pessoa, OP, 239.)

Não olhes para trás quando tomares o caminho sonâmbulo que desce. Caminha e esquece.

(G. de Almeida, PV, 24.)

c) um convite, uma solicitação:

Georges! anda Ver meu país de romarias E procissões!

(A. Nobre, 5; 32.)

Vinde ver! Vinde ouvir, homens de terra estranha! (O. Mariano, TVP, 1, 273.)

d) uma súplica:

Sossegai, esfriai, olhos febris.

(C. Pessanha, C, 44.)

Jesus, valha-me Nossa Senhora!

(B. Santareno, TPM, 25.)

Não me deixes só, meu filho!...

(Luandino Vieira, NM, 82.)

3. Emprega-se também o IMPERATIVO para sugerir uma hipótese em lugar de asserções condicionadas expressa por se -f- FUTURO DO SUBJUNTIVO:

Leia este livro, e conhecerá o Brasil. [Se ler este livro, conhecerá o Brasil.]

Suprima a vírgula, e o sentido ficará mais claro. [Se suprimir a vírgula, o sentido ficará mais claro.]

Note-se que a voz se eleva no fim da primeira oração, e retoma a segunda em tom sensivelmente mais baixo.

466

diversos valores dependem do significado do verbo, do sen-P do contexto e, principalmente, da entoação que dermos à frase Por exemplo, em frases como: Desce daí, moço!

(C. Drummond de Andrade, F A, 64.)

Deixe-me ficar sozinha.

(Alves Redol, BC, 56.)

Saiam da chuva, meninos!

(L. Jardim, MP, 47.)

! o tom da voz, a noção de comando pode enfraquecer-se até a súplica.

'Releva ponderar ainda que o IMPERATIVO é enunciado no tempo , - mas na realidade este "presente do imperativo" tem valor de um DCS a ação que exprime está por realizar-se.

SUBSTITUTOS DO IMPERATIVO

Língua oferece-nos outros meios para exprimir os diversos matizes Atados pelo IMPERATIVO. Assim:

Uma ordem pode ser enunciada por frases nominais, ou por sim-erjeições:

Fogo! Silêncio! Avante! Mãos ao alto!

nte-se, porém, que nessas frases, em que a supressão do verbo (fio tom de comando, as palavras ou locuções vocabulares perdem próprio para denotar uma ideia verbal de ação. Podemos, por-estabelecer as seguintes equivalências:

Fogo! [= Atire! Faça fogo!] Silêncio! [= Cale-se! Faça silêncio!] Avante! [= Siga avante!]

Mãos ao alto! [= Levante as mãos! Ponha as mãos ao alto!]

Certos tempos do INDICATIVO, como dissemos ao estudar este mo-f podem ser utilizados com valor de IMPERATIVO.

467

Assim:

a) com o PRESENTE atenuamos a rudeza da forma imperativa em frases como:

O senhor me traz o dinheiro amanhã. [Traga-me o dinheiro amanhã.]

Você toma o remédio indicado. [= Tome o remédio indicado.]

b) com o FUTURO DO PRESENTE SIMPLES atenuamos ou reforçamos o caráter imperativo de frases do tipo:

Tu irás comigo. [Vem comigo.] Não matarás. [= Não matos.]

de acordo com a entoação que lhes emprestarmos.

3. O IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO transforma a ordem numa simples sugestão em frases como as seguintes:

(E) se você se calasse!? [= Cale-se!] (E) se chegasses na hora exata!? [= Chega na hora exata.]

Exemplos literários:

E se fosses dar leis para a cozinha? (M. Torga, V, 298.)

E se tentasses compreender?

(J. Régio, SM, 275.)

4. Com o valor de IMPERATIVO IMPESSOAL, usam-se:

a) o INFINITIVO (principalmente na expressão de um comando, de uma proibição):

Marchar!

Direita, volver!

Sublinhar os verbos do texto.

Não assinar a prova.

Não falar ao motorista com o carro em movimento.

Não fumar.

b) o GERÚNDIO (construção elíptica, frequente na linguagem popular, de valor geralmente depreciativo para quem recebe a ordem):

468

Andando! [= Vá andando! Ande!] Correndo! [= Vá correndo! Corra!]

alta sobremaneira o sentido do verbo a perífrase formada de PERATIVO) e do verbo principal (no INFINITIVO) :

• Não vá se afogar, moço.

(A. M. Machado, JT, 72.)

• Não vá me dizer que foi o Diabo.

(O. Lara Resende, BD, 121.)

Em frases de entoação interrogativa, usa-se não raro o INFINITIVO que exprime a ordem antecedido de formas do PRESENTE ou do ITO DO INDICATIVO do verbo querer.

Quer levantar-se? fê Levante-se!]

Quer ia fechar a janela? [fê Feche a janela!]

Para se fazer sentir a intervenção do indivíduo que fala, costuma-rdinar o verbo denotador da ação que deve ser cumprida a outro qual marca a vontade do locutor:

Quero que retornes ao Colégio. [= Retorna ao Colégio.] Ordeno-te que me respondas. [= Responde-me.]

REFORÇO OU ATENUAÇÃO DA ORDEM

Além dos processos que examinamos, dispõe a língua de variados re-estilísticos para reforçar ou atenuar a vontade expressa pelo IMPE-vo. A sua eficácia, porém,

est

sempre condicionada ao tom de voz, l, nas formas afetivas da linguagem, um elemento essencial.

REFOR

Pode também ser obtido pelo emprego: a) da forma verbal repetida:

Calai-vos! Pela Virgem! calai-vos!

(Machado de Assis, OC, 11, 1114.)

469

V embora, v embora, gritou de repente. (D. Silveira de Queirós, FS, 118.)

Sente-se, meu amigo, sente-se. (O. Mendes, P, 166.)

Fale, fale, que eu vou ouvindo...

(D. Mourão-Ferreira, 7, 44.)

b) de um advérbio, de uma expressão de insistência, ou de imprecisões:

Escreva por amor de Deus imediatamente para Barcelona!. ..

(M. de São-Carneiro, CFP, II, 9.)

Abre a porta, cachorro, senão te mando fogo. (J. Lins do Rego, C, 269.)

Ora, v amolar o boi disse Marta, (A. Callado, MC, 123.)

Deixe-me dormir, sen bado.

(C. de Oliveira, PB, 21.)

c) da 3ª pessoa do subjuntivo aplicada ao interlocutor:

Pega... Pega... L-se foi... Que o leve o diabo. (Martins Pena, T, I, 36.)

ATENUA

Por dever social e moral, geralmente evitamos ferir a suscetibilidade de nosso interlocutor com a rudeza de uma ordem. Entre os numerosos meios de que nos servimos

para enfraquecer a noção de comando, devemos ressaltar (além dos já estudados), pela sua eficiência, o emprego de fórmulas de polidez ou de civilidade, tais como:

por favor, por gentileza, digno-se de, tenha a bondade de, etc.:

Fale mais alto, por favor!

(F. Botelho, X, 177.)

470

Entrem, por favor, que não ocupam lugar exclamava Seu Pio.

(A. F. Schmidt, GB, 165.)

Tenham a bondade de sentar e esperar um momento. [= Sentem-se e esperem um momento]. (R. Braga, CCE, 272.)

.claro que também aqui o tom de voz de suma importância. Qual-sas frases pode, não obstante as fórmulas de cortesia empregadas, rude e seca, ou mesmo insolente, com a simples mudança de

EMPREGO DAS FORMAS NOMINAIS CARACTERÍSTICAS GERAIS

FORMAS NOMINAIS do verbo O INFINITIVO, O GERÚNDIO C O PAR-f.

Caracterizam-se todas por não poderem exprimir por si nem o tempo modo. O seu valor temporal e modal está sempre em dependência do texto em que aparecem.

Distinguem-se,

fundamentalmente, pelas seguintes peculiaridades: a) o INFINITIVO apresenta o processo verbal em potência; exprime a -'da a, aproximando-se, assim, do substantivo:

Não dizer nada, chorar Até o pranto coalhar Na retina.

(M. Torga, CH, 29.)

Sofrer por sofrer,

Somente eu sofria.

(C. Meireles, OP, 581.)

g; f) o GERÚNDIO apresenta o processo verbal em curso e desempenha funções exercidas pelo advérbio ou pelo adjetivo:

Metendo o barco pela terra dentro, mesmo possível ir mais além.

(M. Torga, P, 86.)

471

Ouvia-se o cantar de carros de boi, chorando, de muito longe.

(J. Lins do Rego, FM, 146.)

c) o PARTICÍPIO apresenta o resultado do processo verbal; acumula as características de verbo com as de adjetivo, podendo, em certos casos, receber como este as

desinências -a de feminino e -s de plural:

Umás vezes, tais gaiolas vão penduradas nos muros.

(J. Cabral de Melo Neto, AP, 32.)

Uma das cenas fora filmada numa loja do bairro, ampla, bem iluminada, com prateleiras carregadas dos mais diversos produtos.

(Sttau Monteiro, APJ, 47.)

Tens os olhos encovados, De fundos visos cercados, Sinistros sulcos deixados Por atros vícios talvez; A fronte escura e abatida, Roxa a boca comprimida, A face magra

tingida Da morte na palidez.

(Fagundes Varela, PC, I, 211.)

Acrescente-se, ainda, que:

a) o INFINITIVO e o GERÚNDIO possuem, ao lado da forma simples, uma forma composta, que exprime a ação concluída; apresentam, pois, internamente, uma oposição de

ASPECTO:

INFINITIVO	ASPECTO NÃO CONCLUÍDO	ASPECTO CONCLUÍDO
ler	ter lido	

GERÚNDIO	lendo	tendo lido
----------	-------	------------

b) o INFINITIVO assume, em português, duas formas: uma não flexionada; outra flexionada, como qualquer forma pessoal do verbo;

c) o GERÚNDIO é invariável;

d) o PARTICÍPIO não se flexiona em pessoa.

Feitas essas considerações de ordem geral, passemos ao exame de alguns dos valores e empregos particulares das FORMAS NOMINAIS.

472

EMPREGO DO INFINITIVO

n INFINITIVO IMPESSOAL E INFINITIVO PESSOAL

par do INFINITIVO IMPESSOAL, isto é, do infinitivo que não tem su-|-porque não se refere a uma pessoa gramatical, conhece a língua por-

o INFINITIVO PESSOAL, que tem sujeito próprio e pode ou não fle-r-se. Assim, em:

Se criar é criar-se, cantar é ser.

(E. Moura, IP, 187.)

Amar é a eterna inocência.

(F. Pessoa, OP, 139.)

TNITIVO é IMPESSOAL.

Jé nas frases:

O difícil é estatmos atentos.

(V. Ferreira, NP, 128.)

Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos.

(G. Ramos, VS, 31.)

amos diante de formas do INFINITIVO PESSOAL.

O INFINITIVO PESSOAL FLEXIONADO possui, como dissemos, desinên-especiais para as três pessoas do plural e para a 2ª pessoa do singular.

EMPREGO DISTINTIVO

O emprego das formas flexionada e não flexionada do INFINITIVO é na das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa. Numerosas sido as regras propostas pelos

gramáticos para orientar com precisão uso seletivo das duas formas. Quase todas, porém, submetidas a um exame mais acurado, revelaram-se insuficientes ou irreais.

Em verdade, os Escritores das diversas fases da língua portuguesa nunca se pautaram, no >#aso, por exclusivas razões de lógica gramatical, mas se viram sempre,

no

473

ato da escolha, influenciados por ponderáveis motivos de ordem estilística, tais como o ritmo da frase, a ênfase do enunciado, a clareza da expressão.

Por tudo isso, parece-nos mais acertado falar não de regras, mas de tendências que se observam no emprego de uma e de outra forma do INFINITIVO.

São algumas destas tendências que passamos a indicar.

EMPREGO DA FORMA NÃO FLEXIONADA

1. O INFINITIVO conserva a forma NÃO FLEXIONADA: IP) quando é IMPESSOAL, ou seja, quando não se refere a nenhum sujeito:

Viver é exprimir-se.

(G. Amado, TL, 9.)

Jurar falso é grande crime.

(A. Ribeiro, -V, 415.)

Amar os homens é sempre uma alegria dolorosa. (Luandino Vieira, NM, 135.)

2.<?) quando tem valor de imperativo:

E Deus responde é "Marchar!"

(Castro Alves, EF, 2.)

é Formar! é ordenou o sipaio Jacinto. (Castro Soromenho, K, 197.)

Se o indez morre, deixá-lo...

(M. de São-Carneiro, P, 142.)

3?) quando, em frase nominal de acentuado caráter afetivo, tem sentido narrativo ou descritivo (INFINITIVO DE NARRAÇÃO) :

O pai nos cabarés, nas casas das mulheres, gastando com raparigas, jogando nos hotéis, nos bares, com amigos bebendo. A mãe a fenecer em casa, a ouvir e a obedecer.

(J. Amado, GCC, 277.)

Mais dois dias. E Catarina a piorar. (J. Ribas, U, 243.)

474

4) quando, precedido da preposição de, serve de complemento no-al a adjetivos como fácil, possível, bom, raro e outros semelhantes:

Já não transitam pelo correio aquelas cartas de letra miudinha, impossíveis de ler, gratas de ler, pois derramavas nelas uma intacta ternura. ..

(C. Drummond de Andrade, CE, 137.)

Há decisões fáceis de manter, lembranças difíceis de afastar.

(J. Paão d'Arcos, CVL, 890.)

5) quando, regido da preposição a, equivale a um gerúndio em Iões formadas com os verbos estar, andar, ficar, viver e semelhantes:

Olha, triste viuvinha, já estou a ouvir teus passos nos surdos corredores da memória.

(Luandino Vieira, NANV, 80.)

Andam a montar casa.

(J. Paão d'Arcos, CVL, 704.)

E, porque conheceu que o vento era mais da madrugada que da noite, ficou a esperar a manhã.

(Adonias Filho, LBB, 118.)

t*->

1f 2. é também normal o emprego do INFINITIVO NÃO FLEXIONADO:

1) quando pertence a uma locução verbal e não está distanciado seu auxiliar:

Os galos começaram a cantar.

(A. Arinos, OC, 456.)

Este emprego da forma não flexionada deve ser incluído, como ensina Theodoro Enrique Maurer Jr., entre aqueles, nos quais o INFINITIVO depende "de um adjetivo,

de um substantivo ou de um verbo em construções em que corresponde a um supino i -u ou a um infinitivo passivo da língua latina. Exemplos: 'As crianças são fáceis contentar'; 'Estas nozes são boas de abrir'; 'Ficaram algumas peças por cortar'; vta ntf.itas cartas que escrever'; 'Tais resultados eram de prever';

'Ele mandou ar as figueiras"; 'Contas a pagar'". (O infinitivo flexionado português; estudo \torico-descritivo. São Paulo, Companhia Editora Nacional / USP, 1968, p. 236).

Para o ilustre filólogo paulista, que neste ponto acompanha o pensamento de Blyrop e Ferdinand Brunot, o infinitivo não apresenta em tais construções o sentido || Mssivo,

que costumam atribuir-lhe es gramáticos, mas "um sentido geral, em que a Ideia de voz ativa ou passiva se apaga." (Ibid., p. 139.).

475

☉ Amanhã vamos passar o dia no Oiteiro. (J. Lins do Rego, ME, 121.)

Importavam menos as palavras, essas talvez pudessem esquecer-se, porque outras se lhes viriam sobrepor e cobri-las, e assimilá-las.

(Alves Redol, BC, 57.)

2?) quando depende dos auxiliares causativos (deixar, mandar, fazer e sinônimos) ou sensitivos (ver, ouvir, sentir e sinônimos) e vem imediatamente depois desses verbos ou apenas separado deles por seu sujeito, expresso por um pronome oblíquo:

☉ Deixas correr os dias como as águas do Paraíba? (Machado de Assis, OC, II, 119.)

E as lágrimas que choro, branca e calma, Ninguém as vê brotar dentro da alma! (F. Espanca, S, 18.)

Esta viu-os ir pouco a pouco.

< Machado de Assis, OC, II, 509.)

Neste caso, costuma ocorrer também a forma flexionada, quando entre o auxiliar e o infinitivo se insere o sujeito deste, expresso por substantivo ou equivalente:

Domingos mandou os homens levantarem-se.

(Castro Soromenho, C, 56.)

Vi teus vestidos brilharem sem qualquer clarão do dia.

(C. Meireles, OP, 615.)

Finalmente, vin os três pastores pegarem nos alforjes e dirigirem-se ao regato, para lavar as mãos.

(Ferreira de Castro, OC, I, 404.)

E, mais raramente, quando o sujeito ☉ um pronome oblíquo:

Ele viu-as entrarem, prostrarem-se de braços estendidos, chorando, e não se comoveu...

(Coelho Netto, OS, I, 1328.)

476

instruções do tipo:

Vi surgirem os primeiros brotos nas árvores, nascerem as primeiras flores, e chegarem enfim os frutos inocentes e verdes.

(A. F. Schmidt, AP, 170.)

ao comuns'e explicam-se pelo realce que, no caso, se concede ao su-do infinitivo.

EMPREGO DA FORMA FLEXIONADA

INFINITIVO assume a forma FLEXIONADA: 1<?) quando tem sujeito claramente expresso:

Mas o curioso ☉ tu não perceberes que não houve nunca "ilusão" alguma.

(V. Ferreira, NN, 312.)

Vila Nova lembrou que o melhor era irem todos logo falar ao Bom Jesus.

(A. Arinos, OC, 207.)

2"?) quando se refere a um agente não expresso, que se quer dar a er pela desinência verbal:

☉ Acho melhor não fazeres questão.

(Ferreira de Castro, OC, I, 94.)

Bom seria andarmos nus como as feras. (Adonias Filho, LBB, 108.)

ato:

quando, na 3ª pessoa do plural, indica a indeterminação do

Ouvi dizerem que Maria Jeroma, de todas a mais impressionante, pelo ar desafrontado e pela pintura na cara, ganhara o sertão.

(G. Amado, HMI, 143.)

0 O culpado de tudo 0 aquele tal de Doutor Reinaldo. Por que não deixou levarem a sujeita para o Recife? (J. Conde, TC, 247.)

477

40) quando se quer dar 0 frase maior 0nfase ou Harmonia.

Tomar um tema e trabalh0-lo em varia00es ou, como na forma sonata, tomar dois temas e op0-los, faz0-los lutarem, embolarem, ferirem-se e estra0alharem-se e dar a

vit0ria a um ou, ao contr0rio, apazigu0-los num entendimento de todo repouso. . . creio que não pode haver maior del0cia em mat0ria de arte.

(M. Bandeira, PP, II, 37.)

Aqueles homens gotejantes de suor, b0bedos de calor, desvairados de insola00o, / a quebrarem, / a espica0arem, / a torturarem a pedra, / pareciam um punhado de dem0nios

revoltados na sua impot0ncia contra o impass0vel gigante. (A. Azevedo, C, 66.)

Observa00o:

O uso do infinitivo flexionado parece ser mais frequente no portugu0s europeu do que no do Brasil sm raz0o da vitalidade, em Portugal, do tratamento tu e, por consequ0ncia,

da flex0o correspondente a esta pessoa no infinitivo pessoal. Predominando na maior parte do Brasil o tratamento 0ntimo voc0, que se constr0i com o verbo na 3. '

pessoa do singular 0 pessoa desprovida de desin0ncia, ou melhor, com desin0ncia zero (0 0, da0 decorre a identifica00o desta forma do infinitivo pessoal com a do impessoal.

CONCLUS0O

Como vemos, "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da a00o ou do intuito ou necessidade de pormos em evid0ncia o agente da a00o" (Said Ali).1

No primeiro caso, preferiremos o INFINITIVO N0O FLEXIONADO; no segundo, o FLEXIONADO.

Trata-se, pois, de um empregip seletivo, mais do terreno da estil0stica do que, propriamente, da gram0tica.

1 Said Ali. Gram0tica secund0ria da l0ngua portuguesa. S0o Paulo, Melhoramentos, s.d., p. 180. Sobre a origem e o emprego das formas flexionada e n0o flexionada do infinitivo, consulte-se a excelente monografia hist0rico-descritiva de Theodoro Henrique Maurer Jr.: O infinito flexionado portugu0s; estudo hist0rico-descritivo.

S0o Paulo, Companhia Editora Nacional / USP, 1968. A prop0sito, leiam-se tamb0m: Said Ali. Dificuldades da l0ngua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro, Acad0mica, 1957,

p. 55-76; Holger Sten. LMinfinitivo impessoal et l'infinitivo pessoal en portugais moderne. Boletim de Filologia, 13: 83-142, 201-256, 1952; Maunce Molho. L0 probl0me

de rinfnitif en portugais. Bulletin Hispanique, 61: 26-73, 1959; Knud Togeby.

L'enigmatique infinitif personnel en portugais. Studia Neophilologica, 27: 211-218,

1955; Jos0 Maria Rodrigues. Sobre o uso do infinitivo impessoal e do pessoal em

478
EMPREGO DO GER0NDIO FORMA SIMPLES E COMPOSTA

Vimos que o GER0NDIO apresenta duas formas: uma SIMPLES (lendo), COMPOSTA (tendo ou havendo lido). A forma COMPOSTA 0 de car0ter perfeito e indica uma a00o conclu0da riormente 0 que exprime o verbo da ora00o principal:

N0o tendo conseguido dormir, fui esca1dar um ch0 na cozinha e dei de cara com a Rosa e a Idalina. (O. Lara Resende, BD, 112.)

J0 o sol, tendo dado volta 0s ameias da catedral, vinha muito baixo, por alta fresta, espojar-se no meio dos casacos pretos e vestes eclesi0sticas.

(A. Ribeiro, AFPB, 265.)

Sem que eu soubesse, ele acabava de chegar do Rio, havendo regressado 0s pressas,

por causa de complicações políticas.

(C. dos Anjos, M, 126.)

A forma SIMPLES expressa uma ação em curso, que pode ser imediata anterior ou posterior do verbo da oração principal, ou contemporânea dela.

Este valor temporal do GERÚNDIO depende quase sempre de sua posição na frase.

GERÚNDIO ANTEPOSTO À ORAÇÃO PRINCIPAL

Colocado no início do período, o GERÚNDIO exprime: a) uma ação realizada imediatamente antes da indicada na oração principal:

Proferindo estas palavras, o gárgalo atravessou rapidamente a caverna e desapareceu nas trevas exteriores. (A. Herculano, E, 180.)

Ganhando a praia, o engenheiro suspirou livre. (A. M. Machado, HR, 41.)

Lusitana. Boletim de Filologia. 1: 3-7, 177-184, 1932-1933; 2: 1-2, 1933-1934;

...ek Hampejs. Nota sintático-estilística sobre o infinito flexionado português.
.vista

Brasileira de Filologia, 5: 115-118, 1959-1960; Jacinto do Prado Coelho. O infinito absoluto no Romanceiro Popular. Boletim de Filologia, 11: 133-140, 1950.

479

b) uma ação que teve começo antes ou no momento da indicada na oração principal e ainda continua:

Estalando de dor de cabeça, insone, tenho o coração vazio e amargo.

(O. Lara Resende, BD, 51.)

Estremecendo, vejo um casal de sessenta anos. (A. Abelaira, QPN, 131.)

GERÚNDIO AO LADO DO VERBO PRINCIPAL

Colocado junto do verbo principal, o GERÚNDIO expressa de regra uma ação simultânea, correspondente a um adjunto adverbial de modo:

Maciel ouvia sorrindo.

(Machado de Assis, OC, II, 506.)

Chorou soluçando sobre a cabeça do cão. (Castro Soromenho, TM, 203.)

Arrastou-se penosamente, gatinhando na areia. (C. de Oliveira, AC, 91.)

GERÚNDIO POSPOSTO À ORAÇÃO PRINCIPAL

Colocado depois da oração principal, o GERÚNDIO indica uma ação posterior e equivale, na maioria das vezes, a uma oração coordenada iniciada pela conjunção e:

As trajetórias recomeçaram, processando-se a um ritmo regular.

(F. Botelho, X, 158.)

No regresso para os musseques elas cantavam-na bem perto da casa, deturpando intencionalmente a letra da canção.

(A. Santos, KOP, 53.)

No quintal as folhas fugiam com o vento, dançando no ar em reviravoltas de brinquedo.

(L. Jardim, MP, 47.)

480

GERÚNDIO ANTECEDIDO DA PREPOSIÇÃO EM

Precedido da preposição em, o GERÚNDIO marca enfaticamente a ante-de imediata da ação com referência do verbo principal:

Eu tinha umas asas brancas, Asas que um anjo me deu, Que, em me eu cassando da terra, Batia-as, voava ao céu.

(Almeida Garrett, O, II, 123.)

Em se lhe dando corda, ressurgia nele o tagarela da cidade.

(Monteiro Lobato, U, 127.)

CONSTRUÇÕES AFETIVAS

*t. O aspecto inacabado do GERÚNDIO permite-lhe exprimir a ideia de ação indefinida, naturalmente mais acentuada se a forma vier repetida em certos passos: Viajando, viajando, esquecia-se o mal e o bem. (Adonias Filho, LBB, 101.)

Andando, andando, escureceu-nos. (A. Ribeiro, Af, 137.)

2. Na linguagem popular, já o dissemos, o GERÚNDIO substitui por vez a forma IMPERATIVA:

Andando! [= Vá andando! Ande!]

O GERÚNDIO NA LOCUÇÃO VERBAL

, O GERÚNDIO combina-se com os auxiliares estar, andar, ir e vir, para ar diferentes aspectos da execu00o do processo verbal. 1. Estar seguido de GERÚNDIO indica

uma a00o durativa num momen-Droso:

Estavam todos dormindo, Estavam todos deitados, Dormindo, Profundamente.

(M. Bandeira, PP, l, 211.)

481

ler.

Estas delongas est0o afligindo a curiosidade de quem me (C. Castelo Branco, OS, I, 461.)

2. Andar seguido de GERÚNDIO indica uma a00o durativa em que predomina a ideia de intensidade ou de movimento reiterado:

Jo0o Fanhoso andava amanhecendo sem entusiasmo, sem coragem para enfrentar os problemas que enchiam aqueles dias compridos.

(M. Palm0rio, VC, 97.)

Andei buscando esse dia p0los humildes caminhos...

(C. Meireles, OP, 277.)

A popula00o andava agora vivendo dias grandes de chuva, ainda meio arrelampada com aquela prodigalidade da natureza.

(M. Ferreira, HB, 146.)

3. Ir seguido de GERÚNDIO expressa uma a00o durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas:

Chamas novas e belas v0o raiando, V0o-se acendendo os l0mpidos altares E as almas v0o sorrindo e v0o orando... (Cruz e Sousa, OC, 218.)

Vagaroso, o tempo foi passando. (M. Torga, NCM, 21.)

A terra ia crescendo e a mata fechando-se cada vez mais. (Ferreira de Castro, OC, I, 125.)

4. Vir seguido de GERÚNDIO expressa uma a00o durativa que se desenvolve gradualmente em dire00o 0 0poca ou ao lugar em que nos encontramos:

Vinha amanhecendo, ainda havia um resto de escurid0o, era dif0cil enxergar as coisas afastadas. (G. Ramos, AOH, 109.)

A noite vem chegando de mansinho. (F. Namora, RT, 86.)

482

EMPREGO DO PARTICÍPIO ELEMENTO DE TEMPOS COMPOSTOS

PARTICÍPIO desempenha important0ssimo papel no sistema do verbo ermitir a forma00o dos tempos compostos que exprimem o aspecto sivo do .processo verbal.

nprega-se: com os auxiliares ter e haver, para formar os tempos compostos ativa:

Temos estudado muito. Havia escrito v0rias cartas.

0 b) com o auxiliar ser, para formar os tempos da voz passiva de a00o:

A carta foi escrita por mim. p0) com o auxiliar estar, para formar tempos da voz passiva de estado:

Estamos impressionados com a situa00o.

PARTICÍPIO SEM AUXILIAR

1. Desacompanhado de auxiliar, o PARTICÍPIO exprime fundamen-tite o estado resultante de uma a00o acabada:

Achada a solu00o do problema, n0o mais torturou a cabe0a.

(A. Arinos, OC, 456.)

Crucificada em mim, sobre os meus bra0os,

Hei del poisar a boca nos teus passos Pra n0o serem pisados por ningu0m. (F. Espanca, S, 115.)

Meia l0gua andada, todos eram irm0os. (J. Saramago, MC, 303.)

Chegada a casa, n0o os encontra.

(F. Pa0o d'Arcos, CVL, 358.)

483

2. O PARTICÍPIO dos VERBOS TRANSITIVOS tem de regra valor passivo:

Lidas uma e outra, procedeu-se 0s assinaturas. ']. Pa0o d'Arcos, CVL, 550.)

Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato.

(G. Ramos, VS, 177.)

3. O PARTICÍPIO dos VERBOS INTRANSITIVOS tem, quase sempre valor ativo:

Chegado aos pés, olhava-me para cima. (V. Ferreira, NN, 66.)

Era um burrinho pedregoso, miúdo e resignado, vindo de Passa Tempo, Conceição do Serro, ou não sei onde no sertão. (Guimarães Rosa, S, 7.)

4. Exprimindo embora o resultado de uma ação acabada, o PARTICÍPIO não indica por si próprio se a ação em causa é passada, presente ou futura. Só o contexto a que pertence precisa a sua relação temporal. Assim, a mesma forma pode expressar:

a) ação passada:

Aberta uma exceção, estávamos perdidos, fe) ação presente:

Aberta uma exceção, estamos perdidos, c) ação futura:

Aberta uma exceção, estaremos perdidos.

Nos casos acima, vemos que a oração de PARTICÍPIO tem sujeito diferente da principal e estabelece, para com esta, uma relação de anterioridade.

Mas a relação temporal entre as duas orações pode ser de simultaneidade, principalmente se o sujeito for o mesmo:

Embaralhado, não consegui chegar à porta. (O. Lara Resende, B D, 121.)

Rodeada do bando, Mariana comia em paz na cozinha o caldo caridoso.

(M. Torga, NCM, 126.)

Deitada na terra, a chuva na manta, Imboti não enxerga o céu de nuvens pesadas e escuras.

(Adonias Filho, LP, 24.)

! Quando o PARTICÍPIO exprime apenas o estado, sem estabelecer a relação temporal, ele se confunde com o adjetivo:

O vento enfurecido açoitava a rancharia. (A. Meyer, SI, 15.)

Os gritos das gentes desoladas atroavam a vila revolvida. (V. Nemosio, MTC, 365.)

O corpo torturado do tratorista caía em cima dos presos já adormecidos naquela hora da noite.

(Luandino Vieira, VVDX, 76.)

CONCORDÂNCIA VERBAL

A solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no exterioriza-se na CONCORDÂNCIA, isto é, na variabilidade do verbo formar-se ao número e à pessoa do sujeito.

A CONCORDÂNCIA evita a repetição do sujeito, que pode ser indi-ela flexão verbal a ele ajustada:

Eu acabei por adormecer no regaço de minha tia. Quando acordei, já era tarde, não vi meu pai. (A. Ribeiro, CKG, 257.)

Tu tens razão. Agora, tudo se clareou para mim. Não precisas voltar aqui. Não quero que te exponhas. (J. Montello, DP, 296.)

A chuva caía violenta no quintal, ensopava a areia vermelha dos caminhos e invadia mesmo a cela, colando-lhe a roupa no corpo dorido.

(Luandino Vieira, VVDX, 72.)

484

485

REGRAS GERAIS COM UM SÓ SUJEITO

O verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido:

A paisagem ficou espiritualizada. Tinha adquirido uma alma. E uma nova poesia Desceu do céu, subiu do mar, cantou na estrada... (M. Bandeira, PP, 70.)

Nada sou, nada posso, nada sigo. Trago, por ilusão, meu ser comigo. (F. Pessoa, OP, 675.)

Vieste de um país que não conheço.

(C. Nejar, OP, 1, 26.)

COM MAIS DE UM SUJEITO

O verbo que tem mais de um sujeito (SUJEITO COMPOSTO) vai para o plural e, quanto à pessoa, irá:

a) para a 1ª pessoa do plural, se entre os sujeitos figurar um da 1ª pessoa:
Só eu e Florêncio ficamos calados, à margem. (C. dos Anjos, DR, 39.)
Tu por um lado e eu por outro o acautelaremos das horas más.

(A. Ribeiro, K, 415.)

b) para a 2ª pessoa do plural, se, não existindo sujeito da 1ª pessoa, houver um da 2ª:

Nuvem sólida, rosa virginal, água branca E tu, antiga sinfonia aérea,
Pertenceis ao anjo, não a mim. (M. Mendes, P, 164.)

Tu ou os teus filhos vereis a revolução dos espíritos e costumes.

(C. Castelo Branco, /, I, 21.)

486

Para a 1ª pessoa do plural, se os sujeitos forem da 3ª pessoa:

Quando o Loas e a filha chegaram às proximidades da rela, logo se anunciaram.

(F. Namora, TJ, 227.)

^Mestre Gaudêncio curandeiro, seu Libório cantador, o preto Firmino e Das Dores exigiram a história dos tatus,, " que saiu deste modo.

(G. Ramos, AOH, 76.)

A linguagem corrente do Brasil evita-se as formas do sujeito composto que Verbo 2ª pessoa do plural, em virtude do desuso do tratamento vós e, da substituição do tratamento tu por você, na maior parte do país. Alugar da 2ª pessoa do plural, encontramos, vez por outra, tanto em Portugal Brasil, o verbo na 3ª pessoa do plural, quando um dos sujeitos da 2ª j singular (tu) e os demais da 3ª pessoa:
Em que língua tu e ele falavam?

(R. Fonseca, C, 35.)

Mas nem tu, nem os teus ulemas e cacizes entendem estas cousas.

(A. Herculano, MC, I, 91.)

O Pomar e tu os esperam.

(F. Namora, NM, 242.)

Tu e o Chko levem o Sr. Alves para casa, ; (Castro Soromenho, C, 198.)

CASOS PARTICULARES 1. COM UM SÓ SUJEITO

O SUJEITO É UMA EXPRESSÃO PARTITIVA

Quando o sujeito é constituído por expressão partitiva (como: parte porção de, o grosso de, o resto de, metade de e equivalentes) e substantivo ou pronome plural, o verbo pode ir para o singular ou para a 1ª:

A maior parte deles já não vai à fábrica! (B. Santareno, TPM, 40.)

487

A maior parte destes quartos não tinham teto, nem por-tas, nem pavimento.

(C. Castelo Branco, OS, I, 196.)

Uma porção de moleques me olhavam admirados. (J. Lins do Rego, ME, 29.)

Para meu desapontamento, a maioria dos nomes anotados não dispunha de telefone, ou eram casas comerciais, que não queriam conversa.

(C. Drummond de Andrade, BV, 12.)

usa-se, porém, o verbo no plural quando tais expressões vêm repetidas, nelas haja ideia de reciprocidade. Assim:

Mais de um velho, mais de uma criança não puderam fugir a tempo.

Mais de um orador se criticaram mutuamente na ocasião.

O SUJEITO É O PRONOME RELATIVO QUE

O verbo que tem como sujeito o pronome relativo que concorda em número e pessoa com o antecedente deste pronome:

Observação:

A cada uma destas possibilidades corresponde um novo matiz da expressão. Deixamos o verbo no singular quando queremos destacar o conjunto como uma unidade. Levamos o verbo ao plural para evidenciarmos os vários elementos que compõem o todo.

O SUJEITO DENOTA QUANTIDADE APROXIMADA

Quando o sujeito, indicador de quantidade aproximada, é formado de um número plural precedido das expressões cerca de, mais de, menos de e similares, o verbo vai

normalmente para o plural:

Ainda assim, restavam cerca de cem viragos...

(J. Ribeiro, FE, 53.)

... e afinal, depois de tanto trabalho, de tantas palavras e canseiras, fugirem-lhe nada menos de três! (Ferreira de Castro, OC, I, 85.)

Observação:

Enquanto o sujeito de que participa a expressão menos de dois leva o verbo ao plural, o sujeito formado pelas expressões mais de um ou mais que um, seguidas de substantivo,

deixa o verbo de regra no singular:

A gauchada estava dividida no julgamento da carreira; mais de um torcna coçou o punho da adaga, mais de um desapareceu a pistola, mais de um virou as esporas para

o peito do pé..... (Simões Lopes i teto, CGLS, 331.)

Mais de um sujeito correu na salvação do pescoço-pelado. (J. C. de Carvalho, CLH, 137.)

Fui eu que lhe pedi que não viesse. (J. Montello, DP, 245.)

Sou eu que lhe peço.

(Castro Soromenho, TM, 244.)

Os tu que vais acompanhá-lo.

(Alves Redol, BC, 343.)

Não os tu que me das felicidade.

(M. de Andrade, PC, 253.)

Foram eles que criaram o Brasil, que o tornaram independente, que deram maior brilho ao nosso passado. (G. Amado, TL, 193.)

Se o antecedente do relativo que é um demonstrativo, que serve ativo ou aposto de um pronome pessoal sujeito, o verbo do relativo concorda com o pronome pessoal sujeito, principalmente quando entre o demonstrativo o (a, os, as):

Não somos nós os que vamos chamar esses leais companheiros de além-mundo.

(R. Barbosa, EDS, 680.)

Ou talvez Ngunga tivesse um poder misterioso e esteja agora em todos nós, nós os que recusamos viver no arame farpado, nós os que recusamos o mundo dos patrões e dos criados, nós os que queremos o mel para todos. (Pepetela, AN, 59.)

488

489

b) ir para a 3ª pessoa, em concordância com o demonstrativo, só não há interesse em acentuar a íntima relação entre o predicativo e o sujeito:

Fui Essa que nas ruas esmolou E fui a que habitou Paços Reais... (F. Espanca, S, 103.)

Eu sou aquele que veio do imenso rio. (M. de Andrade, PC, 352.)

3. Quando o relativo que vem antecedido das expressões um dos, uma das (+ substantivo), o verbo de que ele é sujeito vai para a 3ª pessoa do plural ou, mais raramente,

para a 3ª pessoa do singular:

Os um dos raros homens que têm o mundo nas mãos. (A. Abelaira, NC, 121.)

Uma das coisas que mais me impressionam é a terrível carreira em que nos excedemos.

(G. Amado. TL, 8.)

Foi um dos poucos no seu tempo que reconheceu a originalidade e importância da literatura brasileira. (J. Ribeiro, AC, 326.)

Acurvado sobre a mesa esconso de seu labor mercantil, era, até mesmo, um dos primeiros homens doutos que escrevia em português sem mácula.

(C. Castelo Branco, BE, 213.)

Observação:

O verbo no singular destaca o sujeito do grupo em relação ao qual vem mencionado, ao contrário do que ocorre se construirmos a oração com o verbo no plural.

4. Depois de (um) dos que (= um daqueles que) o verbo vai normalmente para a 3ª pessoa do plural:

Ela passou-se para outro mais decidido, um dos que moravam no quartinho dos grandes.

(J. Lins do Rego, D, 107.)

Naqueles dias a meninada do colégio interessava-se vivamente pelos concursos e eu era um dos que não perdiam o bate-boca das arguições.

(M. Bandeira, PP, II, 360-361.)

490

Por vezes omite-se o um:

Não sou dos que acreditam no direito divino da velhice. (J. Nabuco, A, 294.)

Eu fui dos que se meteram ao lodo. (Alves Redol, BSL, 325.)

João Guimarães Alves foi dos que se perderam na distância.

(C. Drummond de Andrade, OC, 527.)

poucos raros exemplos literários contemporâneos como estes:

O homem fora um dos que não resistira a tal sortilégio. (F. Namora, CS, 168.)

O bispo de Silves foi um dos que caiu no erro funesto. (A. Ribeiro, PSP, 250.)

O SUJEITO E O PRONOME RELATIVO QUEM

1. O pronome relativo quem constrói-se, de regra, com o verbo na ssoa do singular:

És tu quem murmura nas águas, Tu és quem respira por mim. (M. Mendes, P, 181.)

E não fui eu quem te salvou?

(D. Mourão-Ferreira, /, 91.)

2. Não faltam, porém, exemplos de bons autores em que o verbo ia com o pronome pessoal, sujeito da oração anterior. Neste caso, em relevo, sem rodeios mentais, o sujeito efetivo da ação expressa

s;verbo:

Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela E oculta mão colora alguém em mim. (F. Pessoa, OP, 55.)

Eram os filhos, estudantes nas Faculdades da Bahia, quem os obrigavam a abandonar os hábitos frugais. (J. Amado, GCC, 249.)

1. É esta a construção preferida da linguagem popular.

491

O SUJEITO E UM PRONOME INTERROGATIVO,

DEMONSTRATIVO OU INDEFINIDO PLURAL,

SEGUIDO DE DE (OU DENTRE) NÓS (OU VÓS)

1. Se o sujeito é formado por algum dos pronomes interrogativos quais? quantos?, dos demonstrativos (estes, esses, aqueles) ou dos indefinidos no plural (alguns,

muitos, poucos, quaisquer, vários), seguido uma das expressões de nós, de vós, dentro nós ou dentro vós, o verbo ficar na 3ª pessoa do plural ou concordar com o pronome pessoal que designa o todo:

Mas, quantos, dentro nós, ainda estão vivos, devotam vida a mesma paixão de outrora?

(N. Pifion, FD, 47-48.)

Quantos dentro vós que me ouvís não tereis tomado parte em romagens a Aparecida?

(A. Arinos, OC, 770.)

Quais de vós sois, como eu, desterrados no meio do gênero humano?

(A. Herculano, /, 170.)

Muitos de nós andam por aí, querendo puxar conversa com vocês.

(C. Drummond de Andrade, CB, 163.)

Estou falando, portanto, com aqueles dentre vós que trabalham na construção em frente de minha janela. (R. Braga, CCE, 249.)

Se o interrogativo ou o indefinido estiver no singular, também no singular deverá ficar o verbo:

Quando as nuvens começaram a existir, qual de nós estava presente?

(C. Meireles, OP, 299.)

Nenhum de vós, ao meu enterro, Irá mais d'onde, olhai! do que eu! (A. Nobre, S, 83.)

492

O SUJEITO É UM PLURAL APARENTE

nes de lugar, e também os títulos de obras, que têm forma de é tratados como singular, se não vierem acompanhados de artigo:

Mas Vassouras é que não o esquecerá tão cedo. (R. Correia, PCP, 492.)

Comparado, por exemplo, com Agosto Azul, Regressos acusa nalguns capítulos uma ligeira variação de timbre. (U. Tavares Rodrigues, MTG, 50.)

Alegrias de Nossa Senhora tem a sua história. (M. Bandeira, PP, II, 70.)

Quando precedidos de artigo, o verbo assume normalmente a forma

Os Estados Unidos, então, por sua vez, tentam uma demonstração espetacular.

(U. Tavares Rodrigues, JE, 308.)

As Memórias Postumas de Brás Cubas lhe davam uma outra dimensão.

(T. Martins Moreira, VVT, 38.)

O SUJEITO É INDETERMINADO

nas orações de sujeito indeterminado, já o dissemos, o verbo vai para a 1ª pessoa do plural:

É Pediram-me que a procurasse. (F. Botelho, X, 203.)

Estavam notando o bôzio para os que ficavam mais distantes.

(J. Lins do Rego, ME, 60.)

Se, no entanto, a indeterminação do sujeito for indicada pelo pronome-se, o verbo fica na 3ª pessoa do singular:

Veio a hora do chá. Depois cantou-se e tocou-se ainda. (Machado de Assis, OC, II, 106.)

Ainda se vivia num mundo de certezas. (A. Bessa Luísa, OM, 296.)

493

CONCORDÂNCIA DO VERBO SER

1. Em alguns casos o verbo ser concorda com o predicativo. Assim: l?) Nas orações começadas pelos pronomes interrogativos substantivos que? e quem?:

É Que são seis meses?

(Machado de Assis, OC, I, 1041.)

Quem teriam sido os primeiros deuses?

(A. Sérgio, E, IV, 245.)

Quis saber quem eram meus pais e o que faziam.

(Machado de Assis, OC, II, 567.)

2?) Quando o sujeito do verbo ser é um dos pronomes isto, isso, aquilo, tudo ou o (= aquilo) e o predicativo vem expresso por um substantivo no plural:

Tudo isto eram sintomas graves.

(Machado de Assis, OC, II, 280.)

Ér- Isto não são conversas para ti, pequena. (F. Namora, TJ, 196.)

O que há de novo nelas são as cores.

(M. Bandeira, A, 51.)

Tudo na vida são verdades de relação.

(U. Tavares Rodrigues, JE, 309.)

Tal concordância explica-se pela tendência que tem o nosso espírito de preferir destacar como sujeito o que representamos por palavra nominal, pois esta alude a realidades mais evidentes.

Mas, neste caso, também não é raro aparecer o verbo no singular, em concordância com o pronome demonstrativo ou com o indefinido:

Tudo é flores no presente.

(Gonçalves Dias, PCP, 230.)

Se calhar, tudo é símbolos.

(F. Pessoa, OP, 352.)

Tudo era os estudos, brincadeiras.

(Luandino Vieira, V, 49.)

exemplos, os três escritores, convg singular (isto é, colocando concordância com o pronome indefinido), procuram realçar isto, e não os elementos que o compõem, a fim de sugerir-nos as realidades transformadas numa só coisa, ante-se no efeito estilístico provocado pelo contraste de concordância-passo de Camilo Castelo Branco:

Há neles muita lágrima, e o que não é lágrimas são algemas.

?) Quando o sujeito é uma expressão de sentido coletivo, como p, o mais: O resto são atributos sem importância. (M. Torga, V, 214.)

O-mais são casas esparsas.

(C. Drummond de Andrade, CA, 73.)

Nas orações impessoais:

São duas horas da noite.

(A. Botto, AO, 141.)

Eram quase oito horas.

(A. F. Schmidt, GB, 133.)

pregados com referência às horas do dia, os verbos dar, bater, soar e sinfonizam com o número que indica as horas:

Soaram doze horas por igrejas daqueles vales. (C. Castelo Branco, QA, 163.)

Batiam oito horas quando o ló -acordou e abriu as janelas. (Machado de Assis, OC, l, \$2.)

há o sujeito relógio (ou sino, sineta, ele.), o verbo naturalmente con-com ele:

O sino da Matriz bateu seis horas. (A. Meyer, P, 159.)

O relógio de uma das igrejas bateu duas horas. (Ferreira de Castro, OC, l, 571.)

494

495

2. Se o sujeito for nome de pessoa ou pronome pessoal, o verbo normalmente concorda com ele, qualquer que seja o número do predicativo^

Ovídio é muitos poetas ao mesmo tempo, e todos ex lentes.

(A. F. de Castilho, A O, 25.)

Todo eu era olhos e coração.

(Machado de Assis, OC, I, 742.)

Não é rara, porém, a concordância com o predicativo plural quando este representa partes do corpo da pessoa nomeada no sujeito:

Santinha eram dote olhos mopes, quatro incisivos claros e flor da boca.

(M. Bandeira, PP, l, 403.)

3. Quando o sujeito é constituído de uma expressão numérica que se considera em sua totalidade, o verbo ser fica no singular:

Oito anos sempre é alguma coisa.

(C. Drummond de Andrade, CA, 146.)

É Dez contos?! Não será demais?

(Almada Negreiros, NG, 80.)

4. Nas frases em que ocorre a locução invariável é que, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito:

Tu é que deves escolher o sítio. (Alves Redol, BC, 343.)

Eu é que estou escutando o assobio no escuro. (C. Lispector, AV, 94.)

Observações:

1.) A locução de realce é que é invariável e vem sempre colocada entre o sujeito e o verbo a que ele se refere. Assim:

José é que trabalhou, mas os irmãos é que se aproveitaram do seu esforço.

496

\ construção fixa, e não deve ser confundida com outra semelhante, mas que o verbo se antecede o sujeito e passa, naturalmente, a concordar e a harmonizar-se com o tempo dos outros verbos. !-se, por exemplo, ao anterior o seguinte período:

José é que trabalhou, mas foram os irmãos que se aproveitaram do seu esforço.

Foi José que trabalhou, mas os irmãos é que se aproveitaram do seu esforço.

Também não deve ser confundido com a expressão de realce é que o enforma .verbal é com a conjunção integrante que em "Contextos do tipo:

Bom é que não haja mais discussões. O certo é que ele não voltará.

ites a:

é bom que não haja mais discussões. Que ele não voltará é o certo.

Sobre estas e outras construções em que se dá a concorrência das formas 1 e sobre a interpretação cabível em cada caso, vejam-se José Oiticica. Manual Vise (léxica e sintática). 6. ed. refundida. Rio de Janeiro, Francisco Alves, pp. 235-227;

000. Sobre a expressão "o que". Revista Filológica, 7 (27): 5, 1944; João Malaca Casteleiro. Sintaxe e semântica das construções enfáticas que. Boletim de filologia, 25: 97-166, 1976-1979.

2. COM MAIS DE UM SUJEITO

CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO MAIS PRÓXIMO

, Vimos que o adjetivo que modifica vários substantivos pode, em certos casos, concordar com o substantivo mais próximo. Também o verbo f' tem mais de um sujeito pode

concordar com o sujeito mais próximo: a) quando os sujeitos vêm depois dele:

Que te seja propício o astro e a flor, Que a teus pés se incline a Terra e o Mar. (F. Espanca, S, 163.)

Habita-me o espaço e a desolação.

(V. Ferreira, A, 24.)

497

Rua da União onde todas as tardes passava a preta das [bananas com o xale vistoso de pano da Costil]

o vendedor de roletas de cana.

(M. Bandeira, PP, I, 200.)

b) quando os sujeitos são sinónimos ou quase sinónimos:

A conciliação, a harmonia entre uns e outros é possível.

(A. Abelaira, N.º, 178.)

Todo o seu comentário, toda a sua exegese e todo o seu exame crítico vinha insuflado dessa virtude elucidativa em que a sua contribuição pessoal se fazia sentir,

ainda que no campo da hipótese ou da conjectura.

(Joaquim Ribeiro, in João Ribeiro, CD2, III.)

O amor e a admiração nas crianças compraz-se dos extremos.

(A. Ribeiro, CRG, 86.)

INFINITIVOS SUJEITOS os sujeitos são dois ou mais infinitivos, o verbo fica no Olhar e ver era para mim um recurso de defesa. (J. Lins do Rego, P, 93.)

Fazer e escrever é a mesma coisa.

(J. de Araújo Correia, FX, 52.)

Vê-lo e amá-lo foi obra de um minuto. (R. de Queirós, CCE, 95.)

o verbo pode ir para o plural quando os infinitivos exprimem lamentações:

Em sua vida, é porfia, Se alternam rir e chorar.

(A. de Oliveira, Post., 43.)

c) quando há uma enumeração gradativa:

A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. (Monteiro Lobato, N, 4.)

O grotesco, o pobre, o sem forças, era triturado agora na pressão dessa grande cidade, ininterrupta de gente, de casos que profundamente a excluam.

(A. Bessa Luís, A M, 54.)

d) quando os sujeitos são interpretados como se constituíssem em conjunto uma qualidade, uma atitude:

A grandeza e a significação das coisas resulta do grau de transcendência que encerram.

(M. Torga, TU, 63.)

Morro, se a graça e a misericórdia de Deus me não acode.

(C. Castelo Branco, CE, 40.)

ÍTOS RESUMIDOS POR UM PRONOME INDEFINIDO

Quando os sujeitos são resumidos por um pronome indefinido (como a, ninguém), o verbo fica no singular, em concordância com esse

O pasto, as varzeas, a caatinga, o marmeleiral esquelético, era tudo de um cinzento de borralho. (R. de Queirós, TR, 15.)

Letras, ciências, costumes, instituições, nada disso é nacional.

(Eça de Queirós, O, II, 1108.)

mesma concordância se faz quando o pronome anuncia os sujeitos:

Tudo o que fazia lembrar-se dela: a manhã, os passaros, o mar, o azul do céu, as

flores, os campos, os jardins, a relva, as casas, as fontes, sobretudo as fontes, principalmente as fontes.

(Almada Negreiros, NG, 112.)

498

499

l

E não são dos homens se arreceava tudo temia: o sol J do verão, o frio do inverno, os frutos que ela colhia, flores com que se enfeitava.

(Coelho Netto, OS, I, 1420.)

SUJEITOS REPRESENTANTES DA MESMA PESSOA OU COISA

Quando os sujeitos, por palavras diferentes, representam uma só pessoa ou uma só coisa, o verbo fica naturalmente no singular:

A Ideia, o sumo Bem, o Verbo, a Essência, São se revela aos homens e os nações No céu incorruptível da Consciência! (A. de Quental, SC, 62.)

Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria, nunca mais me esqueceu, nem achei que lhe fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie.

(Machado de Assis, OC, I, 741.)

SUJEITOS LIGADOS POR OU E POR NEM

1. Quando o sujeito composto formado de substantivos no singular ligados pelas conjunções ou e nem, o verbo costuma ir:

a) para o plural, se o fato expresso pelo verbo pode ser atribuído a todos os sujeitos:

O mal ou o bem dali teriam de vir.

(D. Silveira de Queiroz, MLR, 188.)

Por muito que o tempo ou a paisagem se repetissem, essa teimosia apenas a aproximava da harmonia caprichosa da paisagem da sua infância, lá onde os cheiros, os dias

e as cores nunca chegavam a sedimentar. (F. Namora, TJ, 301.)

A nobre dama recém-chegada, a qual nem o cansaço de trabalhosa jornada nem o hábito dos cômodos do mundo puderam impedir acompanhasse na oração aquelas que o trato de poucas horas já lhe fazia amar como irmãs. (A. Herculano, E, 130.)

500

Nem a monotonia nem o tédio a fariam capitular agora. (C. dos Anjos, M, 235.)

i o singular, se o fato expresso pelo verbo só pode ser atribuído a isto, se há ideia de alternativa:

Fui devagar, mas o pé ou o espelho traiu-me.

(Machado de Assis, OC, I, 763.)

Nem tormenta nem tormento nos poderia parar.

(C. Meireles, OP, 141.)

Nota-se, porém, na linguagem coloquial uma tendência de anular principalmente quando os sujeitos estão ligados pela conjunção ou e nem, frequentemente o plural onde seria de esperar o singular.

Nem João nem Carlos serão eleitos presidente do clube.

de presidente é exercido por um só indivíduo. Logo, o verbo marcar a alternância. vezes, faz-se a concordância com o sujeito mais próximo, em João se refira a cada um dos sujeitos. Assim:

Nem o sol, nem o vento, nem o ruído das águas, nem mesmo a preocupação de que eu pudesse persegui-los, perturbava o aconchego.

(D. Silveira de Queiroz, EHT, 53.)

Nem eu, nem tu, nem ela, nem qualquer outra pessoa desta história poderia responder mais, tão certo é que o destino, como todos os dramaturgos, não anuncia as peripécias

nem o desfecho.

(Machado de Assis, OC, I, 805.)

Se os sujeitos ligados por ou e por nem não são da mesma pessoa, se entre eles há algum expresso por pronome da 1ª ou da 2ª

o verbo ir normalmente para o plural e para a pessoa que tiver
Ou ela ou eu havemos de abandonar para sempre esta casa; e isto hoje mesmo.
(B. Guimarães, El, 56.)

501

Nem tu nem eu soubemos ser nós uma única vez. (A. Abelaira, B, 122.)

4. As expressões um ou outro e nem um nem outro, empregadas como pronome substantivo ou como pronome adjetivo, exigem normalmente o verbo no singular:
Um ou outro porco era cevado e as salgadeiras de Corro-covo suavizaram o inverno.
(C. de Oliveira, CD, 96.)

Só um ou outro menino usava sapatos; a maioria, de tamancos ou descalça.
(G. Amado, HMI, 57.)

Nem um nem outro havia idealizado previamente este encontro.
(T. da Silveira, SC, 220.)

Anteontem perguntou-me qual deles levaria; respondi-lhe que um ou outro lhe ficava bem.

(Machado de Assis, OC, II, 280.)

Não é rara, porém, a construção com o verbo no plural quando as expressões se empregam como pronome substantivo:

Mas nem um nem outro puderam compreender logo toda a extensão e a gravidade do mal. (A. Arinos, OC, 325.)

Nem um nem outro desejavam questionar. (J. Paço d'Arcos, CVL, 1145.)

A LOCUÇÃO UM E OUTRO

A locução um e outro pode levar o verbo ao plural ou, com menos frequência, ao singular:

Um e outro tinham a sola rota.

(Machado de Assis, OC, III, 1000.)

Uma e outra obedecia logo e, os que fazia ouvidos moucos, ele enviava uma pedrada.
(Ferreira de Castro, OC, l, 364.)

502

As duas construções são admissíveis ainda quando a locução é usada i pronome adjetivo, caso em que precede sempre um substantivo no

Mas uma e outra cousa duraram apenas rápido instante. (A. Herculano, E, 207.)

Uma e outra cousa existiam em estado latente, mas existiam.

(Machado de Assis, OC, II, 287.)

Um e outro jugo nos é odioso; contra ambos protestamos.

(A. de Quental, P, l, 167.)

SUJEITOS LIGADOS POR COM

Quando os sujeitos vêm unidos pela partícula com, o verbo pode usaria plural ou em concordância com o primeiro sujeito, segundo a valor-i expressiva que dermos ao elemento regido de com. sim, o verbo ir normalmente:

* 0) para o plural, quando os sujeitos estão em p de igualdade, e a ila com os enlaça como se fosse a conjunção e:

O mestre com o boleeiro fizeram a emenda.

(J. Lins do Rego, FM, 94.)

Garcilaso com Boscón e Petrarca são os poetas favoritos do grande épico.

(J. Ribeiro, F, 294.)

O pontífice, com todos os membros do consistório, mal puderam sair suplentes.
(Machado de Assis, OC, III, 582.)

b) para o número do primeiro sujeito, quando pretendemos real-lo ^detrimento do segundo, reduzido é condição de adjunto adverbial de anhia:

O Coronel Lula de Holanda, de preto, com a mulher e a filha, sobranceiro, de cabeça erguida, mostrava-se é canalha de olhos compridos, com a família na seda.

(J.

Lins do Rego, FM, 229.)

503

A viúva, com o resto da família, mudara-se para Vila Isabel, desde o rompimento.
(Ribeiro Couto, NC, 71.)

SUJEITOS LIGADOS POR CONJUNÇÃO COMPARATIVA

Quando dois sujeitos estão unidos por uma das conjunções comparativas como, assim como, bem como e equivalentes, a concordância depende da interpretação que demos ao conjunto:

Assim, o verbo concordar:

a) Com o primeiro sujeito, se quisermos destacá-lo:

O nome, como o corpo, **é** nos também. (V. Ferreira, A, 20.)

O dólár, como a girafa, **não** existe.

(C. Drummond de Andrade, F A, 89.)

Neste caso, a conjunção conserva pleno o seu valor comparativo; e o segundo termo vem enunciado entre pausas, que se marcam, na escrita, por vírgulas.

b) Com os dois sujeitos englobadamente (isto é: o verbo **ir** para o plural), se os considerarmos termos que se adicionam, que se reforçam, interpretação que normalmente

damos, por exemplo, a estruturas correlativas do tipo tanto... como:

É inútil acrescentar que tanto ele como eu esperamos que **você** nos dê sempre notícias.

(Ribeiro Couto, C, 202.)

Tanto um como outro se ocupavam em mercadejar. (A. Ribeiro, PSP, 265.)

É um homem excelente, e tanto Emília como Francisquinha o estimam muito, a seu modo.

(C. dos Anjos, DR, 128.)

Entre os sujeitos **não** há pausa; logo, **não** devem ser separados, na escrita, por vírgula.

De modo semelhante se comportam os sujeitos ligados por **série** aditiva enfática (**não** só... mas [senão ou como] também):

Qualquer se persuadir **de** que **não** só a nação mas também o príncipe estariam pobres.

(A. Herculano, HP, III, 303.)

504

REGÊNCIA VERBAL REGÊNCIA

Em geral, as palavras de uma oração são interdependentes, isto é, am-se entre si para formar um todo significativo. Essa relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma ; quais serve de complemento a outra, é o que se chama REGÊNCIA. A dependente denomina-se REGIDA, e o termo a que ela se subordina, ENTE.

As relações de REGÊNCIA podem ser indicadas: t a) pela ordem por que se dispõem os termos na oração;

b) pelas preposições, cuja função é justamente a de ligar palavras estabelecendo entre elas um nexo de dependência;

c) pelas conjunções subordinativas, quando se trata de um período apostro.

Em outros capítulos deste livro, estudamos parceladamente tais relacionamentos pedidos por substantivos, por adjetivos, por verbos, por advérbios e, mesmo, por orações.

Procuraremos, agora, precisar melhor formas que assume a REGÊNCIA VERBAL.

|;A REGÊNCIA é o movimento lógico irreversível de um termo regente a um regido, e-se o termo regido por ser aquele que é necessariamente exigido pelo outro.

Pexemplo:

a conjunção embora pede o verbo no subjuntivo, mas o verbo no sub-não exige obrigatoriamente a conjunção embora; logo a conjunção é o termo fente, e a forma verbal

o termo regido. Sobre o conceito de REGÊNCIA e suas relações com o de CONCORDÂNCIA, veja-se Louis Hjelmslev. La notion de rection. Acta 'óstica, 1: 10-23, 1939.

REGÊNCIA VERBAL Vimos que, quanto é predicado, os verbos nocionais se dividem em UNSITIVOS e TRANSITIVOS.

Os INTRANSITIVOS expressam uma ideia completa:

A criança dormiu.

Pedro viajou.

Os TRANSITIVOS, mais numerosos, exigem sempre o acompanhamento uma palavra de

valor substantivo (OBJETO DIRETO ou INDIRETO) para dar-lhes o sentido:

O menino comprou um livro.

O velho carecia de roupa.

Pedro deu um presente ao amigo.

505

A ligação do verbo com o seu complemento, isto é, a REGÊNCIA VERBAL, pode, como nos mostram os exemplos acima, fazer-se:

a) diretamente, sem uma preposição intermédia, quando o complemento é OBJETO DIRETO.

b) indiretamente, mediante o emprego de uma preposição, quando o complemento é OBJETO INDIRETO.

DIVERSIDADE E IGUALDADE DE REGÊNCIA

Verbos há que admitem mais de uma regência. Em geral, a diversidade de regência corresponde a uma variação significativa do verbo. Assim:

Aspirar [= sorver, respirar] o ar de montanha. Aspirar [= desejar, pretender] a um alto cargo.

Alguns verbos, no entanto, usam-se na mesma acepção com mais de uma regência.

Assim:

Meditar num assunto. Meditar sobre um assunto.

Outros, finalmente, mudam de significação, sem variar de regência. Assim:

Carecer [= não ter] de dinheiro. Carecer [= precisar] de dinheiro.

Observação:

No estudo da regência verbal cumpre não esquecer os seguintes fatos: 1.º) O OBJETO INOIRETO só não vem preposicionado quando é expresso pelos pronomes pessoais oblíquos

me, te, se, lhe, nos, vos e lhes.

2.º) Somente as preposições que ligam complementos a um verbo (OBJETO INDI-RETO) ou a um nome (COMPLEMENTO NOMINAL) estabelecem relações de regência. Por isso, convém

distingui-las, com clareza, das que encabeçam ADJUNTOS ADVERBIAIS OU ADJUNTOS ADNOMINAIS.

3.º) Os VERBOS INTRANSITIVOS podem, em certos casos, ser seguidos de OBJETO DIRETO. De regra, isso se dá quando o substantivo, núcleo do objeto, é formado da mesma

raiz ou contém o sentido fundamental do verbo. Exemplos:

Viver uma vida alegre. Chorar lágrimas de

506

14.*) Também VERBOS TRANSITIVOS costumam ser usados intransitivamente:

O pior cego é o que não quer ver. Ele é manhoso: não afirma nem nega.

5.º) Muitas vezes, a regência de um verbo estende-se aos substantivos e aos vos cognatos:

Obedecer ao chefe. Obediência ao chefe. Obediente ao chefe.

Contentar-se com a sorte. Contentamento com a sorte. Contente com a sorte.

REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS

ASPIRAR 1.º) é TRANSITIVO DIRETO quando significa "sorver", "respirar":

Aspirando o frescor do seu vestido...

(G. Pessanha, C, 82.)

Destampava as panelas, especulava o que se ia comer, aspirava com gosto o perfume do refogado da salsa, do alho, da cebolinha.

(O. Lara Resende, RG, 36.)

Arregalhou o focinho, aspirou o ar lentamente, com vontade de subir a ladeira e perseguir os prelos, que pulavam e corriam em liberdade.

(G. Ramos, VS, 130-131.)

2.º) é TRANSITIVO INDIRETO na acepção de "pretender", "desejar", caso, o OBJETO INDIRETO vem introduzido pela preposição a (ou }, não admitindo a substituição pela

forma pronominal lhe (ou lhes), (.somente por a ele(s) ou a ela(s):

Sua vigilância exasperava-me, no íntimo, fazendo-me aspirar, com ansia,

liberta~~o~~o.

(C. dos Anjos, DR, 407.)

Aspiramos a uma terra pac~~o~~fica.

(C. Drummond de Andrade, OC, 830.)

507

E a mim, que aspiro a ele, a mim, que o amo, Que anseio por mais vida e maior brilho, H~~o~~ de negar-me o termo deste anseio? (A. de Quental, SC, 10.)

Advirta-se, por~~o~~m, que, embora invariavelmente condenado p~~o~~los gram~~o~~ticos, o regime direto se insinua, vez por outra, na pena de escritores brasileiros modernos

e contempor~~o~~neos:

Ele sente, ele aspira, ele deseja A grande zona da imortal bonan~~o~~a.

(Cruz e Sousa, OC, 212.)

Oh! o que eu n~~o~~o aspirava, no titanismo das minhas ~~o~~nsias de mo~~o~~, para o meu pa~~o~~s!

(G. Amado, PP, 49.)

ASSISTIR

l"?) Uma longa tradi~~o~~o gramatical ensina que este verbo ~~o~~ TRANSITIVO INDIRETO no sentido de "estar presente"-, "presenciar". Com tal significado, deve o OBJETO INDIRETO ser encabe~~o~~ado pela preposi~~o~~o a, e, se for expresso por pronome de 3^a pessoa, exigir~~o~~ a forma'a ele(s) ou a ela(s), e n~~o~~o lhe(s). Assim:

Assisti a algumas touradas.

(A. F. Schmidt, AP, 175.)

N~~o~~o ~~o~~ prop~~o~~sito nosso descrevermos uma corrida de touros. Todos t~~o~~m assistido a elas e sabem de mem~~o~~ria o que o espet~~o~~culo oferece de not~~o~~vel.

(Rebello da Silva, CL, 177:)

Na linguagem coloquial brasileira, o verbo constr~~o~~i-se, em tal acep~~o~~o, de prefer~~o~~ncia com OBJETO DIRETO (cf.: assistir o jogo, um filme), e escritores modernos

t~~o~~m dado acolhida ~~o~~ reg~~o~~ncia gramaticalmente condenada. Sirvam de exemplo estes dois passos:

Trata-se de um filme que eu assistia.

(C. Lispector, AV, 32.)

Dava dinheiro e corrompia para fazer passar de novo e sempre as fitas que n~~o~~o assistira.

(Autran Dourado, IP, 38.)

508

~~o~~ 2<?) ~~o~~ TRANSITIVO INDIRETO na acep~~o~~o de "favorecer", "cabere (di- * ou raz~~o~~o, a algu~~o~~m)", mas, neste caso, pode construir-se com a forma nominal lhe(s):

Ao dono da loja assiste raz~~o~~o de gabar-se, como o fez, por sua iniciativa.

(C. Drummond de Andrade, CB, 94.)

Que direito lhe assistia de julgar Jacinto? (U. Tavares Rodrigues, N R, 31.)

3?) Usa-se, indiferentemente, como TRANSITIVO DIRETO ou INDIRETO sentidos de "acompanhar", "ajudar", "prestar assist~~o~~ncia", "socorrer":

Deus bom, que assiste os coitados.

(C. dos Anjos, DR, 129.)

Continuarei a assisti-la com a descri~~o~~o requerida pela sua sensibilidade.

(J. Pa~~o~~o d'Arcos, ~~o~~VL, 695.)

~~o~~ S~~o~~ esta manh~~o~~ ~~o~~ que tivemos o doutor no Pomar; veio assistir ~~o~~ filha do Manuel Calmeiro.

(F. Namora, NM, 216-217.)

K

O encarregado era assistido por dois homens de bordo, um deles de olhos muito brancos. (B. Lopes, C, 64.)

E ali ficava, animando-o a seu modo, enquanto punha em ordem o quarto, assistida pelo c~~o~~o, que se acomodava ao lado da cama.

(J. Montello, DP, 255.)

4<?) No sentido de "morar", "residir", "habitar", o locativo vem induzido pela preposição em:

Dois daqueles assistiam no termo de Vila Nova da Rai-

(A. Arinos, OC, 407.)

• Você então está assistindo por aqui, neste começo de Gerais?

(Guimarães Rosa, CB II, 493.)

509

Este emprego do verbo assistir, muito frequente nos clássicos, tem sabor arcaizante num contexto literário contemporâneo.

CHAMAR

Ressaltem-se os seguintes valores e empregos: 1) Com o significado de "fazer vir", "convocar", usa-se com OBJETO DIRETO:

O presidente do banco chamou-o para uma conversa peúsa.

(C. Drummond de Andrade, CA, 139.)

• claro que chamei o sacristão e lhe pedi silêncio. (C. de Oliveira, AC, 29.)

2?) Na acepção de "invocar", pede OBJETO INDIRETO encabeçado pela preposição por:

As tias chamavam por Santa Bárbara e por São Jerônimo.

(O. Lara Resende, PM, 97.)

Tanto valeu tanger a campainha da ordem como chamar pelo miraculoso padre Antônio.

(A. Ribeiro, V, 421.)

O Negrinho chamou pela Virgem sua madrinha e Senhora Nossa.

(Simões Lopes Neto, CGLS, 333.)

3<?) No sentido de "qualificar", "apelidar", "dar nome", constrói-se: a) com OBJETO DIRETO + PREDICATIVO:

O povo chamava-o maluco.

(J. Lins do Rego, V, 127.)

del):

b) com OBJETO DIRETO + PREDICATIVO (precedido da preposição

Chamaram-no de mentiroso, de ingrato e de vítima.

(C. Drummond de Andrade, CB, 71.)

1 Esta construção, desusada em Portugal e condenada pelos puristas, é a predominante na linguagem coloquial brasileira e tende a ser-lo também na expressão literária

modernista.

510

^' C) Com OBJETO INDIRETO -f- PREDICATIVO:

Chama-lhe amizade, se preferires. (F. Namora, Or, 173.)

d) com OBJETO INDIRETO + PREDICATIVO (precedido da preposição

Chamava-lhe sempre de miúdo.

(Luandino Vieira, L, 22.)

4?) Pode ser INTRANSITIVO, quando equivale a "dar ou fazer sinal com a voz e o gesto, para que alguém venha":

Chamasse, gritando, José Balbino invadiria o quarto. (Adonias Filho, LBB, 53.)

• Chamou? pergunta-me o guarda.

• Não chamei.

(V. Ferreira, NN, 78.)

Neste sentido também se usa com objeto indireto precedido da preposição por (per):

Sampaio correu a porta e chamou pelos sipaios. (Castro Soromenho, TM, 215.)

• Ela chamou por mim, Barbasal (F. Namora, TJ, 45.)

ENSINAR

11?) Na língua atual, constrói-se preferentemente com OBJETO DIRETO "coisa" e INDIRETO de "pessoa":

Vou dizer que o Antoninho andou pelas portas a ensinar-vos a lição e a prometer-vos peitas. (A. Ribeiro, V, 410.)

E eu lhe ensinei a pura alegria.

(Luandino Vieira, NANV, 200.)

Se lhe ensinasse um ofício, podia fazer um pedaço. (J. Lins do Rego, MR, 13.)

511

2.0) Quando a "coisa" ensinada vem expressa por um infinitivo precedido da preposição a, a língua atual oferece-nos dois tipos de construção:

- a) ensinar-lhe a + infinitivo;
- b) ensin-lo a -^ infinitivo.

Comparem-se estes exemplos:

Em voo ensinara-lhe a proteger os animais das pragas e dos vendavais.

(N. Pinon, CC, 52.)

Tinha de o convencer, de o ensinar a ver claro. (U. Tavares Rodrigues, PC, 154.)

3?) Quando se silencia a "coisa" ensinada, a denominação da "pessoa" costuma funcionar como OBJETO DIRETO:

Uma moça formada de anel no dedo podia ensinar as meninas até o curso secundário. (J. Lins do Rego, MV A, 189.)

Sem que o Antunes a tivesse ensinado, ela tinha aprendido com ele a ver-se de uma maneira diversa da que costumava nos clubes.

(Almada Negreiros, NG, 85.)

4<?) Nos sentidos de "castigar", "bater", "adestrar", "amestrar", "educar", usa-se normalmente com OBJETO DIRETO:

A tarimba que viria ensin-lo.

(Machado de Assis, OC, II, 482.)

Era seu luxo mont-lo na vila, exibindo-o em dias de feira no apuro da maestria com que o mandara ensinar. (Alves Redol, MB, 263.)

5?) Apontem-se ainda as construções:

a) com OBJETO DIRETO de "coisa" explícito e OBJETO INDIRETO de "pessoa" não expresso:

Não basta o que a vida ensina.

(O. Soares, DF, I, XIII.)

Tu deves ensinar o que eu hei de fazer. (Almada Negreiros, NG, 85.)

512

f>) com OBJETO INDIRETO de "pessoa" explícito e com o OBJETO DIRETO de "coisa" calado:

Pode ser mesmo que em alguma ocasião lhe tivesse ensinado mal...

(Machado de Assis, OC, II, 534.)

Foi ao lado do motorista para lhe ensinar.

(Almada Negreiros, NG, 81.)

c) como INTRANSITIVO:

Na vossa terra não há quem ensine? (F. Namora, TJ, 294.)

Como mestra, a vida ensina mal.

(O. Soares, DF, I, XIII.)

ESQUECER

1<?) Na acepção própria de "olvidar", "sair da lembrança", este verbo constrói-se, tradicionalmente:

a) seja com OBJETO DIRETO:

Esqueci um ramo de flores no sobretudo.

(C. Drummond de Andrade, R, 9.)

0 Pois 0, não deve deixar que-o esqueçam. (J. Paão d'Arcos, CVL, 722.)

Eu não esqueço o bem que ele me fez.

(Castro Soromenho, TM, 244-245.)

b) seja com OBJETO INDIRETO introduzido pela preposição de, quan-pronominal: Tendo de lutar para obter melhoria de situação, foi-se esquecendo dos deveres religiosos.

(C. Drummond de Andrade, CA, 123.)

Diabo: o Barbaças esquecia-se de deixar as rações na manjedoura.

(F. Namora, TJ, 325.)

2<?) Do cruzamento destas duas construções resultou uma terceira,

513

sem o pronome reflexivo, mas com o OBJETO introduzido por de:

Esqueceu os deveres religiosos vx
Esqueceu-se dos deveres religiosos X Ew̄luece ** *VCT' hngiosos.
Tal construo, considerada viciosa p̄olos gram̄ticos, mas muito frequente no
col̄quio dīrio dos brasileiros, j̄ se vem insinuando na linguagem liter̄ria,
principalmente

quando o complemento de esquecer ̄ um infinitivo. Sirvam de exemplo estes passos:
Guma esquece de tudo, e se deixa ir no doce acalanto dessa toada t̄o bela.
(J. Amado, MM, 55.)

Ah, sim, esqueci de confessar quando a vi. (N. Finon, S̄, 155.)

3?) Tamb̄m n̄o ̄ raro na l̄ngua atual o tipo sint̄tico esquecer-se que, com elipse
da preposīo:

̄ Toma esta chave, e n̄o te esqueas que o seu poder ̄ sobrenatural.

(G. Amado, TL, 5.)

̄ Um homem acostuma-se a tudo, sim, a tudo, at̄ a esquecer-se que ̄ uin homem . .

(Castro Soromenho, C, 66.)

̄ Esquece-se que n̄o tenho outra companhia*. . . (Alves Redol, BC, 296.)

4<?) A semelhan̄a de lembrar-se, o verbo esquecer-se admite uma construo de
estrutura diversa das que at̄ agora examinamos. Os elementos que nestas funcionam
como

OBJETO (DIRETO ou INDIRETO) v̄o figurar nela como sujeito:

E o pior ̄ que me esqueceu tudo, valha-me Deus I (J. Rogio, SM, 303.)

Esqueceram-me todas as m̄goas, e comecei a gostar desse Belmiro que olhava para o
sal̄o como se estivesse contemplando o mar.

(C. dos Anjos, DR, 116.)

514

5"?) Finalmente, do cruzamento das construōes: Esqueci-me de tudo. Esquece-me
tudo, sultou uma nova:

Esqueceu-me de tudo.1 Comparem-se estes exemplos:

N̄o lhes esquea de regarem o passeio adiante da porta. (Almeida Garrett, O, II,
1262.)

Esqueceu-me de citar no texto a formāo de emp̄os, justaposīo de em e p̄os,
que ̄ o post latino. (M. Barreto, FLP, 98.)

INTERESSAR

1<?) Usa-se, indiferentemente, como TRANSITIVO DIRETO ou INDIRETO, acep̄oes de
"dizer respeito a", "importar", "ser proveitoso", "ser do nteresse de":

Pensei que os interessasse estar ao corrente disto. (C. de Oliveira, AC, 161.)

̄ Fiz uma visita ̄ mulher, o caso interessou-me. E tamb̄m o h̄-de interessar a si.
(F. Namora, RT, 39.)

E eu calculei que talvez a transāo lhe interessasse. (G. Ramos, SB, 20.)

O mundo mudava, e a Ternura n̄o interessava mais viver depois que tudo ficara
diferente.

(A. M. Machado, JT, 220.)

2?) ̄ TRANSITIVO DIRETO quando significa:

* a) "captar ou prender o esp̄rito, a aten̄o, a curiosidade"; "excitar
a":

1 Esta construo ̄ desusada dos escritores contempor̄neos, quer portugueses,
quer brasileiros.

515

Ele percebeu ent̄o que falara demais, a ponto de interess̄-la, e olhou-a
rapidamente de lado. (C. Lispector, ME, 178.)

As hist̄rias de Zefinha n̄o o interessavam. (J. Lins do Rego, MVA, 318.)

b) "alcanar", "ofender", "ferir":

O fermento interessou a aorta.

(A. Nascentes, PR, 231.)

A fachada interessou o pulm̄o direito.

(Caldas Aulete, DCLP, 986.)

39) Emprega-se com OBJETO INDIRETO introduzido pela preposīo em nos sentidos

de "ter interesse", "tirar utilidade, lucro ou proveito":

O rei interessava em que os concelhos fossem poderosos e livres.

(A. Herculano, MC, II, 78-79.)

E lícito supor que desejava prolongar a luta, porque interessava em residir na corte de Roma.

(A. Herculano, OEIP, II, 50.)

49) E TRANSITIVO DIRETO e INDIRETO quando significa:

a) "dar a alguém parte num negócio ou nos lucros":

Interessei-o nesta empresa.

(M. de Sousa Lima, GP, 294.)

Interessei meu irmão na charutaria.

(A. Nascentes, PR, 231.)

b) "atrair", "provocar o interesse ou a curiosidade de":

Foi fácil para ele interessar toda a cidade na incrível figurinha de Shirley Temple.

(Autran Dourado, IP, 38.)

A princípio tentara interessá-lo nos problemas sociais que o entusiasmavam.

(Castro Soromenho, TM, 171.)

516

Josefina, a verdade que nunca se aproximou de mim para me interessar DOS seus enigmas.

(A. Bessa Luísa, M, 296.)

59) No sentido de "empenhar-se", "tomar interesse por", tem forma exa e faz-se acompanhar de OBJETO INDIRETO encabeçado por uma das leposições em ou por:

Interessei-me em aspirar todos os aromas que recendem das essências angélicas.

(C. Castelo Branco, OS, I, 509.)

Zazé não se interessava muito pelo futebol.

(Ribeiro Couto, NC, 46.)

Interessavam-se as três, humanamente, pelos alunos, pelos seus casos familiares, pelas inclinações que revelavam, pelas suas singularidades físicas e espirituais.

(U. Tavares Rodrigues, PC, 198.)

LEMBRAR

O verbo lembrar(-se) apresenta os mesmos tipos de construção que o ieu antónimo esquecer(-se). Assim:

19) Com o sentido de "trazer a lembrança", "evocar", "sugerir", "ordar-se" a TRANSITIVO DIRETO:

O monte lembrava um lençol esburacado.

(A. Ribeiro, M, 147.)

Lembrei dias de ventanias, seis de correrias.

(Luandino Vieira, NANV, 194.)

Lembro-a hoje, com os seus cabelos brancos... (A. F. Schmidt, F, 43.)

) Na acepção de "sugerir a lembrança", "fazer recordar", "advertir", constrói-se com OBJETO DIRETO e INDIRETO:

E ali era ele quem mandava, não precisara de o lembrar a filha.

(Alves Redol, BC, 29.)

517

Para me lembrar ao senhor? Para lembrá-lo a mim?

Nosso entendimento se tornou tão fácil que dispensa a operação da lembrança.

(C. Drummond de Andrade, CB, 153.)

30) Com o sentido de "vir à memória", que é o mais usual, admite, a semelhança de esquecer, três modelos de construção:

a) Lembro-me do acontecimento.

b) Lembra-me o acontecimento.

c) Lembra-me do acontecimento.

O primeiro é o mais frequente, seja na linguagem coloquial, seja na literatura:

João não se lembra da picardia que me fez? (A. Ribeiro, M, 67.)

Nisto o meu companheiro lembra-se de cantar. (U. Tavares Rodrigues, J E, 167.)

① J@ não se lembra de num, naturalmente... (M. Lopes, FVL, 85.)

Eu me lembro do outro cajueiro que era menor e morreu h@ tanto tempo. Eu me lembro dos p@s de pinha...

(R. Braga, CCE, 321.)

Lembra-te, Belmiro, de que essas bodas s@o imposs@veis.

(C. dos Anjos, DR, 44-45.)

Quando o OBJETO INDIRETO vem expresso por uma ora@o desenvolvida, como no @ltimo exemplo, a preposi@o de pode faltar:

Lembro-me que certa vez jantei ama por@o de artigos m@dicos sobre o assunto.

(R. Braga, CCE, 49.)

Lembrou-se que teria de passar junto de tr@s oa quatro casas conhecidas.

(F. Namora, HD, 53.)

Lembro-me que devo voltar a missa solene...

(A. Schmidt, F, .37.)

518

(f O segundo modelo sint@tico @ mais usado em Portugal do que no |il, onde o seu emprego se circunscreve @ linguagem formal:

O filme j@ não me lembra.

(V. Ferreira, NN, 74.)

N@o me lembra o motivo que alegou.

(C. Drummond de Andrade, CB, 57.)

O terceiro, cruzamento dos dois esquemas anteriores, @ de emprego i na l@ngua atual:

Voltei depois que ela entrou em casa, e s@ muito abaixo @ que me lembrou de ver as horas.

(Machado de Assis, OC, II, 648.)

J@ me lembrou de o esperar no caminho e pendurar pelo gasnete no galho de um sobreiro.

(C. Castelo Branco, OS, l, 401.)

4"?) Paralelamente @ constru@o esquecer de (algu@ ou alguma), aparece na linguagem coloquial brasileira lembrar de (algu@ ou na coisa), reg@ncia tamb@ tida por viciosa. Um exemplo liter@rio:

Lembrava do negro velho Mac@rio que fora escravo do capit@ Tom@s e que morrera servindo na casa. (J. Lins do Rego. FM, 55.)'

OBEDECER (E DESOBEDECER)

l?) Na l@ngua culta moderna, fixou-se como TRANSITIVO INDIRETO:

S@ os lavradores, e alguns, t@m obedecido a este preceito!

(Alves Redol, BC, 48.)

Mas todos obedeciam a ele. Ah! Quem disse que n@o obedeciam?

(G. Ramos, VS, 29.)

Cf. Lu@s Carlos Lessa. Obra cit., p. 192-193, onde se mencionam mais exemplos liter@rios desta constru@o condenada.

519

2?) Admite, no entanto, voz PASSIVA:

Sofreste tanto que at@ perdeste a consci@ncia do teu imp@rio; est@s pronta a obedecer; admira-te de seres obedecida. (Machado de Assis, OC, 111, 1044.)

Depois de outras muitas e reiteradas ordens loi enfim obedecida.

(M. Barreto, CP, 303.)

Esta constru@o corresponde ao antigo regime TRANSITIVO DIRETO do etbo, que ainda se documenta em escritores do s@culo passado:

@ Meu tio Campeio ordenou-me e eu o obede@o.

(J. de Alencar, OC, III, 1243.)

3') N@o @ raro o seu emprego como INTRANSITIVO:

Restitua o dinheiro @quela menina. Se ainda o tem. Obedeci.

(J. Rodrigues Migueis, GTC, 135.)

A ru@na vem muitas vezes dessas naturezas feitas para obedecer.

(A. Bessa Lu@s, M, -261.)

Voc@ @ o @nico que n@o obedeci (C. Lispector, ME, 202.)

4?) Idêntica é a construção do antônimo desobedecer.

PERDOAR

1?) Na língua culta de hoje, constrói-se, preferentemente, com OBJETO DIRETO de "coisa" e OBJETO INDIRETO de "pessoa":

Crimes da terra, como perdoá-los?

(C. Drummond de Andrade, R, 78.)

Perdoai o nosso erro.

(J. Régio, SM, 94.)

Ela perdoara-lhe.

(J. Paão d'Arcos, CVL, 718.)

520

Perdoem-lhe esse riso.

(Machado de Assis, OC, I, 600.)

Na voz PASSIVA pode o sujeito corresponder também ao OBJETO ETO da ativa:

Todos os demais pecados te serão perdoados. (Vianna Moog, T, 353.)

Outras vezes penso o contrário: só serei perdoada, se não te amar.

(A. Abelaira, B, 127.)

Entre nós, não se perdoa a incompetência verbal. (N. Pinon, CC, 26.)

3?) A construção com OBJETO DIRETO de "pessoa", normal no português antigo e médio, é frequente na linguagem coloquial brasileira, razão l'que alguns escritores atuais

não têm dúvida em acolhê-la:

A velha tia Neném não perdoava ninguém.

(J. Lins do Rego, V, 221.)

Ele havia perdoado os infames.

(D. Silveira de Queirós, A, 367.)

Ela é Maria e Deus a perdoa por não odiar o mar. (Adonias Filho, LBB, 110.)

RESPONDER

Entre as diversas construções que admite, apontem-se as seguintes: 1?) Na acepção de "dar resposta", "dizer ou escrever em resposta", iprega-se, geralmente:

a) com OBJETO INDIRETO em relação à pergunta:

O Faustino teve de responder às próprias perguntas.

(M. Torga, CM, 24.)

' Veja-se, a propósito, Luís Carlos Lessa. Obra cif., p. 197-198, onde se aduz abonação convincente.

521

Por onde erraria a verdadeira Cecília, que, respondendo à indagação de um curioso, admitiu ser seu principal defeito uma certa ausência do mundo?

(C. Drummond de Andrade, CB, 150.)

b) com OBJETO DIRETO para exprimir a resposta:

O homem comum não responderia o que ele me responde, se lhe pergunto a que hora gosta de escrever.

Nenhum escritor comum, igualmente, responderia isso. (C. Drummond de Andrade, CB, 72.)

O homem respondeu qualquer coisa de ininteligível.

(J. Rodrigues Migueis, GTC, 106.)

podendo, naturalmente, usar-se na passiva:

... um violento panfleto contra o Brasil que foi vitoriosamente respondido por De Angelis. (E. Prado, IA, 145.)

C) Com OBJETO DIRETO E INDIRETO:

Quando lhe perguntei por que motivo ninguém o via há um mês, respondeu-me que estava passando por uma transformação.

(Machado de Assis, OC, II, 83.)

Respondi-lhe que já tinha lido a receita em qualquer parte.

(J. Cardoso Pires, D, 295.)

2?) Na acepção de "replacar", "retorquir", usa-se, normalmente, com OBJETO INDIRETO:

Quase que lhe respondera com escárnio. (J. Paão d'Arcos, CVL, 706.)

o linguagem do deputado o jovem médico respondeu com igual franqueza.
(Machado de Assis, OC, II, 60.)

Não raro, porém, o emprego INTRANSITIVO:

522

Respondia sem revolta ou renúncia na voz. (M. Torga, CM, 14.)

Nascimento não respondeu logo. (H. Sales, C, 209.)

O guarda gritara duas vezes, espantadas, e como o da Administração não respondera, calou-se.

(Castro Soromenho, TM, 251.)

Respondeu muito o vontade e com presteza. (C. dos Anjos, M, 170.)

3?) Na acepção de "repetir a voz, o som", "dizer, cantar ou tocar |resposta" o INTRANSITIVO:

João Fanhoso cantou outra vez. O mesmo canto rachado de taquara ou, alto e que ia longe. Mas desta vez responderam. . .

Longe, bem longe, outro canto respondeu. E outro. E outro.

(M. Palrnório, VC, 102.)

Fr. José, depois de ter invocado Nossa Senhora do Salvamento, encetou o terço e as monjas responderam. (A, Ribeiro, 05, 210.)

41?) No sentido, hoje pouco usual, de "corresponder", "equivaler", "ndizer" constrói-se com OBJETO INDIRETO:

Quis puxar as mãos de Capitu, para obrigá-la a vir atrás delas, mas ainda agora a não respondeu o intenção.

(Machado de Assis, OC, I, 769.)

O movimento bem visível da dobradoira era regular, e respondia ao movimento quase imperceptível das mãos da velha.

(Almeida Garrett, O, I, 55.)

Legítimo português o reclamo, do gênero masculino, que responde cabalmente ao francês une reclame. (R. Barbosa, R, 184.)

523

59) Quando significa "ser eu ficar responsável", "responsabilizar-se", "fazer as vezes (de alguém)", exige complemento introduzido pela preposição por:

Parecia que outro personagem respondia por ele, a fim de deixá-lo o vontade.

(A. M. Machado, JT, 112.)

Nunca me aconteceu responder por contara quebrada.

(A. Bessa Luós, QR, 226.)

Um dia ser o conjunto e não o pormenor e a parcela que responder por nós.

(O. Mendes, LFNF, 119.)

VISAR

l?) o TRANSITIVO DIRETO nas acepções de:

a) "mirar", "apontar (arma de fogo)":

Sem perda de tempo, Jenner disparou um terceiro tiro, e sem demora outro, visando o alvo de baixo para cima. (H. Sales, A M, 44.)

O cano da arma aflorou sobre as hastas do feno, visando o intruso, precisamente no instante em que Alice, espreitando o silêncio das imediações da casa, transpunha o umbral da porta.

(F. Namora, TL, 330.)

b) "dar ou por o visto (em algum documento)":

Visar um passaporte. Visar o diploma.

2?) No sentido de "ter em vista", "ter por objetivo", "pretender", pode construir-se:

a) com OBJETO INDIRETO introduzido pela preposição a:

Não visava a lucros e, sim, ajudar o próximo. (J. Amado, MG, 80-81.)

o Não acha que, visando a Custódio, o Figueirô busca atingir você?

(C. dos Anjos, A0, 170.)

324

b) com OBJETO DIRETO:

Concentro-me sem visar nenhum objeto e sinto-me tomado por uma luz.

(C. Lispector, SV, 35.)

O balde de água fria visava também uma finalidade concreta.

(M. Torga, V, 214.)

Esta última construção, condenada por alguns gramáticos, é a dominante na linguagem coloquial e tende a dominar também na língua literária, principalmente quando

o complemento vem expresso por uma oração reduzida de infinitivo:

O ataque visava cortar a retaguarda da linha de frente.

(E. da Cunha, OC, II, 399.)

Numa palavra, essa revolução visa derrubar as oligarquias que nos infelicitam!

(V. Veríssimo, A, II, 485.)

SINTAXE DO VERBO HAVER

O verbo haver, conforme o seu significado, pode empregar-se em Modas as pessoas ou apenas na 3ª pessoa do singular. 1. Emprega-se em todas as pessoas:

a) quando AUXILIAR (com sentido equivalente a ter) de VERBO 1: PESSOAL, quer junto a particípio, quer junto a infinitivo antecedido da pre-; posição de:

Também a mim me há ferido.

(J. Régio, F, 56.)

Outros haverão de ter

O que houvermos de perder.

(F. Pessoa, OP, 17.)

b) quando VERBO PRINCIPAL, com as significações de "conseguir", "obter", "alcançar", "adquirir":

Donde houveste, pélagos revoltos, Esse rugido teu?

(Gonçalves Dias, PCPE, 191.)

525

Tão nobres, como os melhores, e rico; porque a ninguém mais que a ti devem de pertencer as terras que teu avô Diogo Álvares conquistou ao gentio para El-Rei, de quem as houvemos nós e nossos pais.

(J. de Alencar, OC, II, 422-423.)

c) quando VERBO PRINCIPAL, com a forma reflexa, nas acepções de "portar-se", "proceder", "comportar-se", "conduzir-se":

Talvez passasse por cima de tudo, da maneira como ele a tratara, da dureza com que se houvera e se lembrasse de que ele era o seu pai.

(L. Paão d'Arcos, CVL, 702.)

Soares houve-se como pôde na singular situação em que se achava.

(Machado de Assis, OC, II, 51.)

d) quando VERBO PRINCIPAL, também com a forma reflexa, no sentido de "entender-se", "avir-se", "ajustar contas":

Que para as excomunições e interditos de Roma, el-rei não se haveria com eles, que podia.

(Almeida Garrett, O, I, 308.)

O mestre padeiro, que era do mesmo sangue do patrão, que se houvesse com ele.

(J. Lins do Rego, MR, 34.)

e) quando VERBO PRINCIPAL, acompanhado de infinitivo sem preposição, com o sentido equivalente a "ser possível":

Não há negá-lo, o apito de uso geral e comum. (Machado de Assis, OC, III, 536.)

Não há julgá-lo de outro estofado, vindo-o trazer consigo de Nápoles uma gentil italiana, e dois filhinhos, que aposentou em Lisboa num palacete de Belém.

(C. Castelo Branco, OS, I, 229.)

2. É raro nos escritores modernos, mas muito frequente nos do português antigo e médio, o uso pessoal do verbo haver, como verbo principal, nas acepções de:

526

.., "ter", "possuir":

Aos que o bem fizeram, hei inveja. (A. Ferreira, C, v. 688.)

"julgar", "pensar", "considerar", "ter para si":

O que eu hei por gram crueza.

(C. Falcão, C, v. 763.)

• Isto •: o que eu julgo (ou considero) grande crueldade. • 3. Comparem-se as expressões:

a) haver por bem = "dignar-se", "resolver", "assentar", "julgar limo ou conveniente":

O coronel, que neste momento lia na rede as folhas re-côm-chegadas, houve por bem interromper a ingestão de um flamante discurso sobre a questão do Amapá para acudir

em apoio ao fedelho.

(Monteiro Lobato, U, 178.)

O sino da igreja badalava freneticamente desde cedo, apinhado de macacos, ainda que o vigário houvesse por bem suspender a missa naquela manhã, porque havia macaco

escondido até na sacristia.

(F. Sabino, HN, 147.)

b) haver mister = "precisar", "necessitar":

Não há mister mais que um módulo ou matiz para os descontar como poesia de lei.

(J. Ribeiro, PE, 19.)

Deus o auxilie e ilustre, e a todos nós, que bem o havemos mister.

(Almeida Gattrett, O, l, 1086.)

4. Emprega-se como IMPESSOAL* isto •, sem sujeito, quando signi-"existir", ou quando indica tempo decorrido. Nestes casos, em qual-er tempo, conjuga-se tão-somente

na 3ª pessoa do singular:

Há trovoadas em toda a parte...

(M. Torga, V, 158.)

527

Havia simples marinheiros; havia inferiores; havia et>| crevantes e operários de bordo.

(Lima Barreto, TFPQ, 279.)

Tinha adoecido, havia quinze dias. (M. Torga, A/CA, 16.)

Há oito dias que não via Guina. (J. Amado, MM, 20.)

• Há dois dias que não vem trabalhar! (Luandino Vieira, NM, 129.)

S. Quando o verbo haver exprime existência e vem acompanhado dos auxiliares ir, dever, poder, e t c., a locução assim formada •, naturalmente, impessoal.

• Eu não sei, senhor doutor, mas deve haver leis. (Eça de Queirós, O, l, 164.)

• Deve haver muitas diferenças entre nós. (G. Ramos, SB, 102.)

Podia haver complicações, quem sabe? (C. dos Anjos, M, 193.)

Observações:

O verbo haver, quando sinônimo de "existir", constrói-se de modo diverso deste.

Nesta acepção, haver não tem sujeito e é transitivo direto, sendo o seu objeto o nome da coisa existente ou, a substituí-lo, o pronome pessoal o (a, Io, Ia).

Existir, ao contrário, é intransitivo e possui sujeito, expresso pelo nome da coisa

existente.

Dir-se-á, pois:

Há tanta* folhas pelas calçadas! Existem tantas folhas pelas calçadas!

Construções do tipo:

Houveram moitas lágrimas de alegria.

(C. Castelo Branco, V, 82.)

Ali haviam vários deputados que conversavam de política. (Machado de Assis, OC, II, 67-68.)

embora se documentem em alguns dos melhores escritores da língua, especialmente do século passado, háo devem ser hoje imitadas.

528

14

ADVERBIO

1. O ADVÉRBIO é, fundamentalmente, um modificador do verbo:

Logo depois, recomencara a chover.

(O. Lins, FP, 63.)

Você compreendeu-me mal.

(Almada Negreiros, NG, 61.)

O almoço decorria agora lentamente.

(A. Santos, K, 103.)

1. A essa função básica, geral, certos advérbios acrescentam outras lições privativas, e assim, os chamados ADVÉRBIOS DE INTENSIDADE e formas semântica-correlatas

podem reforçar o sentido:) de um adjetivo:

Antes de partir, teve com o padre uma derradeira conversa, muito edificante e vasta.

(Guimarães Rosa, S, 346.)

Olhei Maria, desesperado, mas ela sorria, sorria um longínquo tão feliz sorrir de olhos semicerrados... (Luandino Vieira, NM, 105.)

Ficara completamente imóvel.

(Branquinho da Fonseca, B, 70.)

^-b) de um advérbio:

Eu Mas passei a noite mal! bem mal! (J. Régio, J, 102.)

Os bem pertinho estavam Masseur e Angelo. (L. Jardim, AMCA, 49.)

529

O homem caminhava muito devagar.

(S. de Mello Breyner Andresen, CE, 156.)

3. Saliente-se ainda que alguns advérbios aparecem, não raro, modificando toda a oração:

Infelizmente, nem o médico lhes podia valer. (M. Torga, NCM, 150.)

Possivelmente, não haverá ceia este ano. (V. Ferreira, A, 137.)

Eu me recuso, simplesmente.

F. Sabino, EM, 84.)

Neste último emprego, vêm geralmente destacados no início ou no fim da oração, de cujos termos se separam por uma pausa nítida, marcada na escrita por vírgula.

Observação:

Sob a denominação de ADVÉRBIOS reúnem-se, tradicionalmente, numa classe heterogênea, palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes

muito diversas. Por esta razão, nota-se entre os linguistas modernos uma tendência de reexaminar o conceito de advérbio, limitando-o seja do ponto de vista funcional,

seja do ponto de vista semântico. Bernard Pottier chega mesmo a eliminar a denominação do seu léxico linguístico (Cf. Introduction à l'étude de la morpho-syntaxe

espagnole. 3. ed. Paris, Ediciones Hispanoamericanas, 1964, p. 78.)

CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Os ADVÉRBIOS recebem a denominação da circunstância ou de outra ideia acessória que expressam.

A Nomenclatura Gramatical Brasileira distingue as seguintes espécies:

a) ADVÉRBIOS DE AFIRMAÇÃO: sim, certamente, efetivamente, realmente, etc.;

b) ADVÉRBIOS DE DÚVIDA: acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quem, talvez, etc.;

c) ADVÉRBIOS DE INTENSIDADE: assaz, bastante, bem, demais, mais, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão, etc.;

d) ADVÉRBIOS DE LUGAR: abaixo, acima, adiante, a, além, ali, aqui,

1. O que a Nomenclatura Gramatical Portuguesa chama ADVÉRBIOS DE ORAÇÃO. 530, atrás, através, c, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, 9, etc.;

ADVÉRBIOS DE MODO: assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, pior, pior e quase todos os terminados em -mente: fielmente, levemente,

/) ADVÉRBIO DE NEGAÇÃO: não;

g) ADVÉRBIOS DE TEMPO: agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, já, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, já, tarde, etc. A Nomenclatura Gramatical Portuguesa acrescenta a essa lista três espécies: a) ADVÉRBIO DE ORDEM: primeiramente, ultimamente, depois, etc.;

b) ADVÉRBIOS DE EXCLUSÃO 6 c) ADVÉRBIOS DE DESIGNAÇÃO.

Os dois últimos foram incluídos pela Nomenclatura Gramatical Brasileira num grupo à parte, denominado, em razão de não apresentarem as características normais dos advérbios, quais sejam as de modificar o verbo, ojetivo ou outro advérbio. Deles trataremos adiante sob a denominação PALAVRAS DENOTATIVAS. ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS

Por se empregarem nas interrogações diretas e indiretas, os seguintes advérbios de causa, de lugar, de modo e de tempo são chamados INTERROGATIVOS:

a) DE CAUSA: por que?

Por que não vieste à festa?

Não sei por que não vieste à festa.

b) DE LUGAR: onde?

Onde está o livro? Ignoro onde está o livro.

c) DE MODO: como?

Como vais de saúde? Dize-me como vais de saúde.

531

d) DE TEMPO: quando?

Quando voltas aqui?

Quero saber quando voltas aqui.

ADVÉRBIO RELATIVO

Como dissemos na página 342, o relativo onde, por desempenhar normalmente a função de adjunto adverbial (= o lugar em que, no qual), é considerado por alguns

gramáticos ADVÉRBIO RELATIVO, designação que não consta da Nomenclatura Gramatical Brasileira, mas que foi acolhida pela Portuguesa.

LOCUÇÃO ADVERBIAL

1. Denomina-se LOCUÇÃO ADVERBIAL o conjunto de duas ou mais palavras que funciona como advérbio. De regra, as LOCUÇÕES ADVERBIAIS formam-se da associação de uma preposição com um substantivo, com um adjetivo ou com um advérbio. Assim:

Fernanda sorriu em silêncio.

(O. Veríssimo, LS, 133.)

Sorrindo mais, obedeceu de novo.

(Ferreira de Castro, OC, 1, 4.)

Vou comer por aqui!...

(M. da Fonseca, SV, 133.)

Mas há formas mais complexas, como:

De onde em onde, para, sussurra frases incompletas. (M. da Fonseca, SV, 209.)

O cachimbo de água passou de mão em mão.

(Castro Soromenho, V, 205.)

Respondi-lhe que aquilo devia ser alguma ideia de minha mulher, que de vez em quando tem uma. (R. Braga, CCE, 97.)

Só de longe em longe se ouvia, vindo das muralhas, o grito de ronda dos soldados. (S. de Mello Breyner Andresen, CE, 184-185.)

532

A semelhança dos advérbios, as LOCUÇÕES ADVERBIAIS podem ser: DE AFIRMAÇÃO (ou DÍVIDA) : com certeza, por certo, sem dúvida: ate-se na distinção:

Com certeza [= provavelmente] ele virá. Ele virá com certeza [= com segurança].

k) DE INTENSIDADE: de muito, de pouco, de todo, etc.;

DE LUGAR: à direita, à esquerda, à distância, ao lado, de dentro, de longe, de perto, em cima, para dentro, para onde, por ali, por dentro, por fora, por onde, por perto, etc.;

DE MODO: à toa, à vontade, ao contrário, ao léu, às avessas, às , às direitas, às pressas, com gosto, com amor, de bom grado, de cor, à vontade, de regra, em geral,

em silêncio, em voo, gota a gota, passo por acaso, etc.;

DE NEGAÇÃO: de forma alguma, de modo nenhum, etc.;

DE TEMPO: à noite, à tarde, à tardinha, de dia, de manhã, de noite, em quando, de vez em quando, de tempos em tempos, em breve, \ manhã, etc.

[Quando uma preposição vem antes do advérbio, não muda a natureza deste; i com ele uma LOCUÇÃO ADVERBIAL: de dentro, por detrás, etc. e, ao contrário, a preposição vem depois de um advérbio ou de uma locução líai, o grupo inteiro transforma-se numa LOCUÇÃO PREPOSITIVA: dentro de, por de, etc.]

COLOCAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

1. Os ADVÉRBIOS que modificam um ADJETIVO, um PARTICÍPIO isola-ou um outro ADVÉRBIO colocam-se de regra antes destes:

À Por que me escondeu um segredo tão grande? (Ribeiro Couto, C, 195.)

Muito apressado, num visível nervosismo, veio de casa até ali.

(M. da Fonseca, SV, 193.)

O teu pai está muito mal.

(Castro Soromenho, TM, 206.)

533

2. Dos ADVÉRBIOS que modificam o VERBO:

a) os DE MODO colocam-se normalmente depois dele:

A mãe e a irmã choravam tristemente...

(R. Correia, PCP, 309.)

Ela ouvia-o atentamente.

(Almada Negreiros, NG, 61.)

Quatro jovens vestidas de panos escuros entram vagarosamente no local vindas dos lados dos espectadores. (Costa Andrade, NVNT, 13.)

b) os DE TEMPO e DE LUGAR podem colocar-se antes ou depois do VERBO:

De manhã, acordei cedo.

(Machado de Assis, OC, II, 537.)

Hei de atirar com esse tipo de cão para fora. (J. Paão d'Arcos, CVL, 683.)

Cão fora era noite.

(Luandino Vieira VVDX, 73.)

Aqui outrora retumbaram hinos.

(R. Correia, PCP, 196.)

A minha sombra há de ficar aqui! (A. dos Anjos, E, 21.)

c) o de NEGAÇÃO antecede sempre o VERBO:

Então não se cava a terra?... não se lavra?... não se aduba?... não se semeia?... (A. Ribeiro, CRG, 66.)

3. O realce do ADJUNTO ADVERBIAL é expresso de regra por sua antecipação ao verbo:

No dia seguinte, pela manhã, a cozinheira foi ajeitar a lata de lixo para o caminho, e recebeu uma bicada voraz no dedo.

(C. Drummond de Andrade, CB, 30.)

534

De longe e reverenciosamente as cortejei. (C. Castelo Branco, OS, 451.)

Lá ao fundo, à cabeceira, uma cruz, sobranceira, cn-cerrava o círculo de assistentes.

(A. de Assis Júnior, SM, 56.)

REPETIÇÃO DE ADVÉRBIOS EM -MENTE

1. Quando numa frase dois ou mais advérbios em -mente modificam sma palavra, pode-se, para tornar mais leve o enunciado, juntar o sufixo -mente ao último deles:

Dir-se-ia que tudo naquele paraíso murado se movimentava lúdica e religiosamente.

(M. Torga, CM, 176.)

À longa a estrada... Aos rúspidos estalos do impaciente lótego, os cavalos Correm veloz, larga e fogosamente...

(R. Correia, PCP, 123.)

2. Se, no entanto, a intenção é realçar as circunstâncias expressas pe-

advérbios, costuma-se omitir a conjunção e e acrescentar o sufixo a um dos advérbios:

Apenas, Nhô Augusto se confessou aos seus pretos tutelares, longamente, humanamente, e foi essa a primeira vez. (Guimarães Rosa, S, 351.)

Cerrou os olhos, profundamente, angustiadamente, sufocado de comoção.

(V. Ferreira, CF, 73.)

De repente, pus-me de pé e aproximei-me lentamente, ritmadamente, voluptuosamente, da janela. (F. Namora, RT, 169.)

Sobre as fronteiras nem sempre notadas entre o adjetivo e o advérbio, a que damos no Capítulo 10, e em particular sobre os tipos de construção com advérbios frásicos,

sua origem e seu emprego, consultem-se especialmente Harri Meier (En-Itálias de filologia românica. Lisboa, Revista de Portugal, 1948, p. 55-114) e Bernard Pottier

(Linguística moderna y filologia hispánica. Madrid, Ctedos, 1968, p. 217-231),

fique trazem bibliografia referente à questão. Quanto aos valores estilísticos dos

ad-

535

advérbios em -mente no* escritores modernos da língua, vejam-se Rodrigues Lapa.

Estilística da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro, Académica, 1965, p. 180-184;

Ernesto Guerra da Cal. Lengua y estilo de Eça de Queiroz. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1954, p. 168-194; Maria Helena de Novais Paiva.

Contribuição

para uma estilística da ironia. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1961, p.

267-272; Maria Manuela Moreno de Oliveira. Processos de intensificação no português

contemporâneo. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 136-140. Sobre o emprego em espanhol dos advérbios em -mente, veja-se em particular Esteban Rafael Egea. Los advérbios en -mente en el español contemporáneo. Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 1979, que examina criticamente toda a bibliografia anterior.

GRADACÃO DOS ADVÉRBIOS

Certos advérbios, principalmente os de modo, são suscetíveis de gradação. Podem apresentar um COMPARATIVO e um SUPERLATIVO, formados por processos análogos aos que

observamos na flexão correspondente dos adjetivos.

GRAU COMPARATIVO

Forma-se o COMPARATIVO:

a) DE SUPERIORIDADE é antepondo mais e pospondo que ou do que ao advérbio:

O filho andava mau depressa que (ou do que) o pai.

b) DE IGUALDADE é antepondo tão e pospondo como ou quanto ao advérbio:

O filho andava tão depressa como (ou quanto) o pai.

c) DE INFERIORIDADE é antepondo menos e pospondo que ou do que ao advérbio:

O pai andava menos depressa do que (ou que) o filho.

GRAU SUPERLATIVO

Forma-se o SUPERLATIVO ABSOLUTO:

a) SINTÉTICO é com o acréscimo de sufixo:

muitoíssimo

pouquíssimo

sendo de notar que nos advérbios em -mente esta terminação se pospõe à forma superlativa feminina do adjetivo de que se deriva o advérbio:

536

SUPERLATIVO

RETIVO 'ÉRBIO lento lentamente lentíssimo lentíssimamente

b) ANALÍTICO é com a ajuda de um advérbio indicador de excesso:

Machado, o funcionário e diretor de repartição, muito mal se conhece.

(T. Martins Moreira, VVT, 78.)

Sobado, deu-me uma palmada de alegria, muito satisfeito, exclamando "vai belo, vai belo! vai muitíssimo bem". (A. Nobre, Cl, 147.)

• Fizeste bem mal, muito mal mesmo • repreendeu Elmira.

(A. de Assis Júnior, SM, 205.)

OUTRAS FORMAS DE COMPARATIVO E SUPERLATIVO

1. Melhor e pior podem ser COMPARATIVOS dos adjetivos bom e mau também, dos advérbios bem e mal. Neste caso são, naturalmente, inva-veis:

Quem escreveu melhor? Quem escreveu bem no Brasil? (Graça Aranha, OC, 708.)

• E o professor não estaria aqui pior? (F. Botelho, X, 150.)

• O velho está cada vez pior.

(Castro Soromenho, C, 228.)

f': Não raro, tais formas comparativas são intensificadas com um dos Ndvérbios muito, bem, bastante, etc.:

• Meus irmãos, tudo no mundo bem melhor se entenderia, se houvesse mais bem-querer. .'. - (L. Jardim, AMCA, 52.)

2. A par dessas formas anômalas, existem os COMPARATIVOS regulares mais bem e mais mal, usados, de preferência, antes de adjetivos-parti-cípios:

537

As paredes da sala estão mais bem pintadas que as dos quartos.

Não pode haver um projeto mais mal executado do que este.

Advirta-se, porém, que na posposição só se empregam as formas sintéticas:

As paredes das salas estão pintadas melhor que as dos quartos.

Não p'ode haver um projeto executado pior do que este.

3. No SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO, bem apresenta a forma otimamente; e mal, a forma pessimamente:

Maria está passando otimamente. O cavalo correu pessimamente.

4. Muito e pouco, quando advérbios, têm como COMPARATIVOS mais e menos, e como SUPERLATIVOS o mais ou muitíssimo e o menos ou pouquíssimo, respectivamente:

• Dom Juari, quando menos pensava, lá se foi para as profundas do Inferno.

(Artur Azevedo, CFM, 9.)

• Imagina tu que a Clara tem um tipo encantador, que a trata muitíssimo bem e que... que... a ajuda... (Sttau Monteiro, APJ, 138.)

O certo • que tinha em mente gastar o menos possível com o enterro.

(A. Ribeiro, V, 368.)

Esse tipo de publicação, pouquíssimo difundido entre nós, • todavia da maior importância e largamente praticado em outros países.

(E. Pereira Filho, in TPB, de Gondavo, 13.)

5. O SUPERLATIVO INTENSIVO, denotador dos limites da possibilidade, forma-se antepondo o mais ou o menos ao advérbio e pospondo-lhe a palavra possível ou uma expressão

(ou oração) de sentido equivalente:

O administrador ia o mais depressa possível.

(Castro Soromenho, TM, 181.)

538

Escreveram entretanto a D. Madalena, pedindo-lhe que os tirasse daquele purgatório o mais cedo possível. (Rebello da Silva, CL, 72.)

• Não quero saber dos santos •leos da teologia; desejo sair daqui o mais cedo que puder, ou já...

(Machado de Assis, OC, I, 794.)

REPETIÇÃO DO ADVÉRBIO

• Como a do adjetivo, a repetição do advérbio • uma forma de inten-•lo:

V•-se logo logo a intenção!...

(M. da Fonseca, SV, 30.)

• Pois não lhe digam nada, mas vão busc•-lo, já, já, não se demorem.

(Machado de Assis, OC, I, 800.)

E estive quase quase a ir de rastos, beijar os degraus da escada...

(Machado de Assis, OC, I, 689.)

DIMINUTIVO COM VALOR SUPERLATIVO

Na linguagem coloquial é comum o advérbio assumir uma forma diminutiva (com os sufixos -inho e -zinho), que tem valor de SUPERLATIVO:

Vem (Ondinho) vem logo que amanheça! (E. de Castro, UV, 59.)

Era mais de meia-noite quando ele entrou lento, devagarinho. ~~

(Coelho Netto, OS, I, 243.)

Se faltaram os mapas de Marte, diz baixinho. (M. J. de Carvalho, TM, 190.)

ADVÉRBIOS QUE NÃO SE FLEXIONAM EM GRAU

Como sucede com alguns adjetivos, há advérbios que não se flexionam em grau porque o próprio significado não admite variação de intensidade. Entre outros, apontem-se:

aqui, ali, lá, hoje, amanhã, diariamente, anualmente e formas semelhantes.

539

PALAVRAS DENOTATIVAS I

1. Certas palavras, por vezes enquadradas impropriamente entre os advérbios, passaram a ter, com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, classificação própria, mas sem nome especial.

São palavras que denotam, por exemplo:

a) INCLUSIVO: até, inclusive, mesmo, também, etc.:

Tudo na vida engana, até a Glória. (A. Nobre, D, 114.)

Os bichos sentem, o mato sente também, quando se fala sem modos, sem carinho e sem perdão. (L. Jardim, A MC A, 52.)

b) EXCLUSIVO: apenas, salvo, senão, só, somente, etc.:

Da família só elas duas subsistiam. (J. Montello, DP, 382.)

Os vezes interrompia-o apenas com um gestozinho frio e elegante.

(A. Bessa Luós, A A, 360.)

c) DESIGNATIVO: eis:

Eis o dia, eis o Sol, o esposo amado! (A. de Quental, SC, 4.)

Subamos ainda e eis-nos na grande Praça de Vila-Rica. (A. Arinos, OC, 820.)

d) REALCE: cá, lá, que, só, etc.:

Pior eu sei lá, Manuel, pior que uma desgraça! (A. Nobre, S, 51.)

1 A denominação PALAVRAS DENOTATIVAS foi proposta pelo professor José Oiticica em seu Manual de análise (léxica e sintática), 6. ed. refundida. Rio de Janeiro, Francisco

Alves, 1942, p. 50-55. A falta de uma designação mais precisa e mais generalizada, adotamos provisoriamente esta, embora reconhecendo que "denotar" é próprio das unidades lexicais em geral.

540

Eu cá tenho mais medo do sol que dos leões. (Castro Soromenho, C, 204.)

RETIFICATIVO: aliás, ou antes, isto é, ou melhor, etc.:

É sinto que ele me escapa, ou melhor: que nunca me pertenceu.

(A. Abelaira, CF, 226.)

De repente nasci, isto é, senti necessidade de escrever. (C. Drummond de Andrade, CA, 200.)

*--/) SITUATIVO: afinal, agora, então, mas, etc.:

Desculpe-me... Mas sente-se mal? (A. Abelaira, NC, 40.)

Então conheceu o meu irmão?

(E. Veríssimo, A, II, 463.)

É Afinal, ela não tem culpa de ser filha de ministro. (F. Sabino, EM, 85.)

2. Como vemos, tais palavras não devem ser incluídas entre os advérbios. Não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem outro advérbio. São vezes de classificação extremamente

difícil. Por isso, na análise, condizer apenas: "palavra ou locução denotadora de exclusão, de realce, 'retificativo", etc.

3. A Nomenclatura Gramatical Portuguesa admite a existência dos

ADVÉRBIOS DE EXCLUSÃO E DE INCLUSÃO. Considera ADVÉRBIOS DE ORAÇÃO o que denominamos PALAVRAS DENOTATIVAS DE SITUAÇÃO.

PREPOSIÇÕES

FUNÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Chamam-se PREPOSIÇÕES as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (ANTECEDENTE) é explicado ou completado

pelo segundo (CONSEQUENTE). Assim:

ANTECEDENTE	PREPOSIÇÃO	CONSEQUENTE
Vou	a	Roma
Chegaram	a	tempo
Todos saíram	de	casa
Chorava	de	dor
Estive	com	Pedro
Concordo	com	você

FORMA DAS PREPOSIÇÕES

Quanto à forma, as PREPOSIÇÕES podem ser:

- SIMPLES, quando expressas por um só vocábulo;
- COMPOSTAS (ou LOCUÇÕES PREPOSITIVAS), quando constituídas de dois ou mais vocábulos, sendo o último deles uma PREPOSIÇÃO SIMPLES (geralmente de).

PREPOSIÇÕES SIMPLES As PREPOSIÇÕES SIMPLES são:

a	com	em	por (per)
ante	contra	entre	sem
após	de	para	sob
até	desde	perante	sobre
		trás	

Tais PREPOSIÇÕES se denominam também ESSENCIAIS, para se distin-

de certas palavras que, pertencendo normalmente a outras classes, nas vezes como preposições e, por isso, se dizem PREPOSIÇÕES DENTAS. Assim: afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mente, menos, não obstante, salvo, segundo, senão, tirante, visto, etc.

LOCUÇÕES PREPOSITIVAS Eis algumas LOCUÇÕES PREPOSITIVAS:

abaixo de	apesar de	embaixo de	para baixo de
acerca de	a respeito de	em cima de	para cima de
acima de	atrás de	em frente a	para com
a despeito de	através de	em frente de	perto de
adiante de	de acordo com	em lugar de	por baixo de
a fim de	debaixo de	em redor de	por causa de
além de	de cima de	em torno de	por cima de
antes de	defronte de	em vez de	por detrás de
ao lado de	dentro de	gracias a	por diante de
ao redor de	depois de	junto a	por entre
a par de	diante de	junto de	por trás de

SIGNIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

1. A relação que se estabelece entre palavras ligadas por intermédio PREPOSIÇÃO pode implicar movimento ou não movimento; melhor dizendo: pode exprimir um movimento

ou uma situação daí resultante. Nos exemplos atrás mencionados, a ideia de movimento está presente

Vou a Roma.

Todos saíram de casa.

São marcadas pela ausência de movimento as relações que as PREPOSIÇÕES a, de e com estabelecem nas seguintes frases:

Chegaram a tempo. Chorava de dor. Estive com Pedro. Concordo com você.

2. Tanto o MOVIMENTO como a SITUAÇÃO (termo que adotaremos daqui por diante para indicar a falta de movimento na relação estabelecida, daí) podem ser considerados

em referência ao ESPAÇO, ao TEMPO e ao NÓO.

543

A PREPOSIÇÃO de, por exemplo, estabelece uma relação: a) ESPACIAL em:

Todos saíram de casa. 6) TEMPORAL em:

Trabalha de 8 às 8 todos os dias. c) NOCIONAL em:

Chorava de dor. Livro de Pedro.

Nos três casos a PREPOSIÇÃO de relaciona palavras à base de uma ideia central: "movimento de afastamento de um limite", "procedência". Em outros casos, mais raros,

predomina a noção, daí derivada, de "situação longe de". Os matizes significativos que esta preposição pode adquirir em contextos diversos derivam sempre desse conteúdo significativo fundamental e das suas possibilidades de aplicação aos campos espacial, temporal ou nocional, com a presença ou a ausência de movimento.

3. Na expressão de relações preposicionais com ideia de movimento considerado globalmente, importa levar em conta um ponto limite (A), em referência ao qual o movimento

será de aproximação (B * A) ou de afastamento (A > C):

Vou a Roma.

Trabalharei até amanhã.

Foi para o Norte.

Venho de Roma.

Estou aqui desde ontem.

Saíram pela porta.

.4. Recapitulando e sintetizando, podemos concluir que, embora as preposições apresentem grande variedade de usos, bastante diferenciados no discurso, é possível

estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental, marcada pela expressão de movimento ou de situação resultante (ausência de movimento) e aplicável aos

campos espacial, temporal e nocional.

544

Esquematisando:

CONTEÚDO SIGNIFICATIVO FUNDAMENTAL

MOVIMENTO

SrRuAção

[ESPAÇO | | TEMPO | | NÓO | | ESPAÇO! | TEMPO |]

Noção

\f,0000000\ |00000000J L0 i 00J L0000.0_)

|

Esta subdivisão possibilita a análise do sistema funcional das prepo-em português, sem que precisemos levar em conta os variados ma-significativos que podem adquirir

em decorrência do contexto em que inseridas.

5NTEÚDO SIGNIFICATIVO E FUNÇÃO RELACIONAL

'; \. Comparando as frases:

Viajei com Pedro. Concordo com você.

vamos que, em ambas, a PREPOSIÇÃO com tem como antecedente uma na verbal (viajei e concordo), ligada por ela a um consequente, que, primeiro caso, é um termo acessório

(com Pedro é ADJUNTO ADVER-M.) e, no segundo, um termo integrante (com você = OBJETO INDIRETO) oração.

2. A PREPOSIÇÃO com exprime, fundamentalmente, a ideia de "asso-ção", "companhia". E esta ideia básica, sentimo-la muito mais intensa .primeiro exemplo:

Viajei com Pedro, que no segundo:

Concordo com você.

a elaboração deste capítulo inspiramo-nos fundamentalmente nas obras de rd Pottier: Systematique des éléments de relation. Etude de morphosyntaxe cturale

romane.

Paris, Klincksieck, 1962; Sobre la naturaleza dei caso y la prepo-e Espado y tiempo en el sistema de las preposiciones, estudios incluidos no Linguística moderna y filología hispónica. Madrid, Credos, p. 137-153. Na sma linha é o ensaio de Marta Luísa López. Problemas y métodos en el análisis de las preposiciones. Madrid, Credos, 1970.

545

Aqui o uso da partícula com após o verbo concordar, por ser construído já fixada no idioma, provoca um esvaecimento do conteúdo significativo de "associação", "companhia", em favor da função relacional pura.

3. Costuma-se nesses casos desprezar o sentido da PREPOSIÇÃO, e considerá-la um simples elo sintático, vazio de conteúdo nocional.

Cumprido, no entanto, salientar que as relações sintáticas que se fazem por intermédio de PREPOSIÇÃO OBRIGATORIA selecionam determinadas PREPOSIÇÕES exatamente por causa do seu significado básico.

Assim:

O verbo concordar elege a PREPOSIÇÃO com em virtude das afinidades que existem entre o sentido do próprio verbo e a ideia de "associação" inerente a com.

O OBJETO INDIRETO, que em geral é introduzido pelas preposições a ou para, corresponde a um "movimento em direção a", coincidente com a base significativa daquelas preposições.

4. Completamente distinto é o caso do OBJETO DIRETO PREPOSICIONAL, em que o emprego de PREPOSIÇÃO não obrigatória transmite é relação um vigor novo, pois o reforço

que advém do conteúdo significativo da preposição é sempre um elemento intensificador e clarificador da relação verbo-objeto:

Conhecer da natureza quanto seja mister, para adorar com discernimento a Deus. (R. Barbosa, EDS, 653.)

Vejo Deus pelos teus olhos, Maria, e beijo a Deus, na tua face.

(Teixeira de Pascoaes, OC, VII, 91.)

É Duas blasfêmias, menina; a primeira é que não se deve amar a ninguém como a Deus.

(Machado de Assis, OC, I, 662.)

5. Em resumo: a maior ou menor intensidade significativa da PREPOSIÇÃO depende do tipo de RELAÇÃO SINTÁTICA por ela estabelecida. Essa RELAÇÃO, como esclareceremos a seguir, pode ser FIXA, NECESSÁRIA ou LIVRE.

1 A respeito, escreve Bernard Pottier, que tem sistematicamente combatido esta interpretação: "Até já se pode dizer que há preposições que chegam a não ter significado

(a propósito do de francês), o que não tem justificativa: se existe um morfema em uma língua, está ele condicionado e, portanto, desempenha um papel na estrutura da língua" (Linguística moderna y filología hispónica, p. 145).

546

RELAÇÕES FIXAS

Examinando as relações sintáticas estabelecidas, nas frases abaixo. PREPOSIÇÕES marcadas em negrita:

O rapaz entrou no café da Rua Luísa de Camões. (C. Drummond de Andrade, CB, 30)
Necessariamente há de vencer eles.

(C. Castelo Branco, OS, I, 653.)

Porém poesia não sai mais de mim senão de longe *m longe.

(M. de Andrade, CMB, 214.)

Então, sigo em frente até dar com eles. (A. Ribeiro, V, 438.)

Definimos que o uso associou de tal forma as PREPOSIÇÕES a determinadas palavras (ou grupo de palavras), que esses elementos não mais se des-

ulam: passam a constituir um todo significativo, uma verdadeira pala-composta.

Nesses casos, a primitiva função relacional e o sentido mesmo da PRE-POSIÇÃO se esvaziam profundamente, vindo a preponderar tanto na orga-nização da frase como no valor significativo o conjunto léxico resultante fixado da relação sintática preposicional. Em dar com (= "topar"), por exemplo, a preposição, fixada à for-ma verbal, não lhe acrescenta apenas novos matizes conotativos, mas altera-a própria denotação.

RELAÇÕES NECESSÁRIAS

Nas orações:

1 Eu já nem me lembro de nada... (M. Torga, NCM, 49.)

2 Foi vontade de Deus.

(G. Ramos, SB, 129.)

Ontem fui a Cambridge.

(U. Tavares Rodrigues, JE, 135.)

Um magro procurava saber se a minha roupa preta tinha sido feita por alfaiate.

(J. Lins do Rego, D, 23.)

547

as preposições relacionam ao termo principal um conseqüente sintaticamen- j te necessário:

lembro-me de nada (verbo + objeto indireto) vontade de Deus (substantivo + complemento nominal) fui a Cambridge (verbo + adjunto adverbial necessário) feita por

alfaiate (particípio + agente da passiva)

Em tais casos, intensifica-se a função relacional das preposições com prejuízo do seu conteúdo significativo, reduzido, então, aos traços característicos mínimos. Daí o relevo, no plano expressivo, da relação sintática em si.

RELAÇÕES LIVRES A comparação dos enunciados:

Encontrar com um amigo. Encontrar um amigo. Procurar por alguém. Procurar alguém. mostra-nos que a presença da PREPOSIÇÃO (possível, mas não necessária sintaticamente) acrescenta, às relações que estabelece, as ideias de "associação" (com) e de

"movimento que tende a completar-se numa direção determinada" (por).

O emprego da PREPOSIÇÃO em relações livres é, normalmente, recurso de alto valor estilístico, por assumir ela na construção sintática a plenitude de seu conteúdo significativo.

A Nomenclatura Gramatical Brasileira não distingue os advérbios e locuções adverbiais de valor puramente accidental dos que são necessários ao entendimento da oração.

Considera, pois, ADJUNTO ADVERBIAL; ou seja um termo acessório dela. o COMPLEMENTO DIRECIONAL que aparece em frases como Fui A CAMBRIDGE, VIM DE LISBOA, VOLTEI DO COLÉGIO. Julgamos que a Nomenclatura deve ser revista neste ponto e que Antenor Nascentes tem razão quando afirma que, "tratando-se de verbos intransitivos de movimento,

o complemento de direção não pode ser considerado elemento meramente acessório" (O problema da regência. 2ª ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960. p. 17-18).

548

VALORES DAS PREPOSIÇÕES A

1) Movimento = direção a um limite: i) no espaço:

Do Leme ao Posto 6, a viagem é proporcionada aos recursos menores de que disponho. (C. Drummond de Andrade, CB, 40.)

Rompo é frente, tomo a mão esquerda. (A. Ribeiro, M, 59.)

Nunca tinha visto com bons olhos aquelas idas do alferes à casa de nhá Venêcia. (M. Ferreira, HB, 71.)

b) no tempo:

Daqui a uma semana o senhor vai lá em casa. (C. Drummond de Andrade, BV, 18.)

Lá de ano a ano é que vinha procurá-la. (M. Torga, B, 30.)

Daí que de tempos a tempos tenha de dar-se uma nova ruptura, que apanhe desprevenida a norma retificadora. (F. Namora, E, 64.)

c) na noção:

A sua vida com o marido vai de mal a pior. (J. Paão d'Arcos, CVL, 937.)

Aquele trabalho em dia destinado a descanso causava-me impressão e censuravam-no por ali com certo azedume. (R. M. F. de Andrade, V, 133.)

A prova estava em que durante os nossos encontros nunca deixara entrever tendência ao mal. (Ribeiro Couto, C, 148.)

2. Situação = coincidência, concomitância: a) no espaço:

Santos cumpriu tudo e risca.

(Machado de Assis, OC, I, 1928.)

549

O que está ao pé é igual ao que está longe. (V. Ferreira, NN, 43.)

A mulher adormeceu ao seu lado. (N. Pinon, S, 146.)

Meu pai, o cabeceira, saboreava a goles extensos a alegria dos convivas.

(Machado de Assis, OC, I, 431.)

b) no tempo:

A sobremesa, antes que ele pedisse, o garçom trouxe as garrafas e a taça.

(C. Drummond de Andrade, CB, 20.)

Ao entardecer avistei uma povoação. . .

(C. Castelo Branco, OS, l, 164.)

A tantos de novembro houve breves períodos de calma intermitente.

(M. Lopes, FVL, 118.)

c) na noção:

Amanhã, a frio, poderei dizer-te o contrário. (Pepetela, M, 182.)

Não podemos gastar dinheiro à toa. (O. Lins, FP, 157.)

Os outros dois também não pareciam mais à vontade (Alves Redol, BC, 203.)

ANTE

Situação = anterioridade relativa a um limite: a) no espaço:

Foi pelo corredor fora quase ao pé, para não acordar os filhos.

(U. Tavares Rodrigues, PC, 160.)

Parou o ate o corpo de sua mãe que esfriava lentamente nas extremidades.

(A. M. Machado, HR, 194.)

550

A imagem de Carlos Maria veio postar-se ante ela, com os seus grandes olhos de espectro querido e aborrecido, s (Machado de Assis, OC, l, 646.)

b) no tempo (substituída por antes de):

Tenho de estar de volta antes das sete horas. (M. J. de Carvalho, AV, 84.)

Antes de chegar lá parou e voltou-se para mim com as mãos a tapar a boca.

(L. B. Honwana, NMCT, 15.)

Antes de seguir, hei de escrever-te outra vez. (E. da Cunha, OC, II, 668.)

c) na noção:

Ante a súbita ideia, Alberto hesitou.

(Ferreira de Castro, OC, l, 265.)

Ante a nova aliança daqueles territórios soberanos, o povo manifestou-se aos gritos.

(N. Pinon, S, 25.)

Ante a recordação de todas elas, esforça-se o poeta por mostrar-se equânime, generoso mesmo.

(D. Mourão-Ferreira, HL, 249.)

APÓS

Situação é posterioridade relativamente a um limite próximo. No dis-o, pode adquirir o efeito secundário de "consequência": a) no espaço (usa-se também após de):

Após eles, iam ficando medas de cereal, restolhos e uma terra saqueada.

(F. Namora, TJ, 152.)

Luzia foi subindo após eles, sem esforço, lentamente, até a primeira volta da ladeira.

(D. Olímpio, LH, 274.)

Enxota Ardila após as mulheres.

(M. da Fonseca, SV, 221.)

551

/>) no tempo:

Após meia hora de caminho, vislumbrou a luz amortecida no cimo do cerro do Valmurado. (M. da Fonseca, SK, 164.)

Após a afirmativa, o Gigi lembrou-se da alegria dos colegas e começou a pular, a gritar. (A. Santos, K, 31.)

Após alguns momentos, levantou-se grave, a fisionomia desfeita, e se dirigiu à mãe.

(A. M. Machado, HR, 267.)

ATÉ

Movimento até aproximação de um limite com insistência nele:

a) no espaço:

Arrastou-se até ao quarto.

(U. Tavares Rodrigues, PC, 160.)

Subiu o Quemo até chegar ao Contuba. (Pepetela, AN, 16.)

Macambira adiantou-se até a acácia, sentou-se no banco. (Coelho Netto, OS, I, 1237.)

b) no tempo:

Saúde eu tenho, mas não sei se serei Ministro até a semana que vem.

(C. Drummond de Andrade, CB, 121.)

Todos passaram a dar-lhe a dignidade que lhe negavam até ali.

(M. Torga, CA, 96.)

Até meados do mês ventou.

(M. Lopes, FVL, 63.)

Observações:

1.) No português moderno, esta preposição, quando rege substantivo acompanhado de artigo, pode vir, ou não, seguida da preposição a:

552

Ir ao Porto ou, com mais calor familiar, ir até ao Porto ou ir até o Porto, é sempre uma festa para o duriense e até nos casos em que a festa envolve necessidade.

(J. de Araújo Correia, PP)

Podem-se dizer que, de um modo geral, o português europeu usa, atualmente, [com a preposição a, ao passo que no português do Brasil há uma sensível preferência para a outra construção, a de até diretamente ligada ao termo regido.

2.) Cumpre distinguir a preposição até, que indica movimento, da palavra de na idêntica, denotadora de inclusão, que estudamos na página 540. Quanto à criação de construção de uma e outra com o pronome pessoal, leia-se o que escrevemos nas p. 301-302.

COM

Situação = adição, associação, companhia, comunidade, simultaneidade. Em certos contextos, pode exprimir as noções de modo, meio, causa, icesse:

na noção:

Rir dos outros é sinal de pobreza de espírito. Deve-se rir com alguém, não de alguém, como dizia Dickens. (G. Amado, DP, 254.)

É Vou amanhã de manhã com o Rocha. (Castro Soromenho, TM, 242.)

A proposta foi recebida com reserva.

(C. Drummond de Andrade, CB, 125.)

É Saio do hotel com o sol já alto.

(U. Tavares Rodrigues, JE, 273.)

CONTRA

Movimento é direção a um limite próximo, direção contrária. A noção de oposição, hostilidade, é um efeito secundário de sentido decorrente i contexto: a) no espaço:

Aturdida, a rapariga aperta-se contra ele. (Alves Redol, MB, 329.)

Maria projectou o corpo contra a parede do celeiro e desviou a cara.

(L. B. Honwana, NMCT, 51.)

553

Eu castigava a mão contra o meu próprio rosto E contra a minha sombra erguia a lanterna em riste. .. (O. Bilac, T, 175.)

b) na noção:

Era assim, caudalosamente, que os garotos reagiam contra alguém que punha desconfiança nas histórias do Choa. (A. Santos, K, 16.)
ele.

Revoltei-me contra o seu despotismo e não esperei por (Branquinho da Fonseca, B, 66.)

Começaram a surgir argumentos contra eles. (A. Peixoto, RC, 259.)

DE

Movimento = afastamento de um ponto, de um limite, procedência, origem. As noções de causa, posse, e t c., daí derivadas, podem prevalecer em razão do contexto:

a) no espaço:

Vinha de longe o mar... Vinha de longe, dos confins do medo... (M. Torga, API, 65.)

O silêncio sobe da terra magoada, o silêncio desce do céu luminoso. (E. Moura, IP, 25.)

O Tonecas e o Neco tinham chegado da Floresta, com as gaiolas de bordão, e explicavam algo, excitados. (A. Santos, K, 17.)

b) no tempo:

Roma fala do passado ao presente.

(A. A. de Melo Franco, AR, 27.)

1 Sobre as múltiplas e matizadas noções que esta preposição pode assumir no discurso, veja-se, especialmente, Sousa da Silveira. Sintaxe da preposição de. Rio de

Janeiro, Simões, 1951.

554

Como pudera desaparecer de um momento para outro? (J. Montello, LD, 199.)

O Comissário partiu de manhã com um pequeno grupo. (Pepetela, M, 75.)

c) na noção:

Mais do que a sombra do teu vulto, vi o claro outrora do teu riso largo. .. (A. Renault, LSL, XLVI.)

Ela vem falar da agricultura, isto é, da atividade fundamental do seu grupo, que nela assenta a defesa de todos os seus valores, materiais e morais.

(A. Margarido, ELNA, 317.)

Lá dentro, as discípulas recomeçam o barulho do trabalho, dos risos e cantigas. (Luandino Vieira, L, 15.)

DESDE

Movimento = afastamento de um limite com insistência no ponto de tida (intensivo de de): a) no espaço:

Desde longe, sob o céu limpo de nuvens, a intensa claridade arroxeadada do poente, irradia como uma assombração. (M. da Fonseca, SV, 204.)

Desde o Luita ao posto, ou seja ao rio Cuñlo, toda essa planície pode dizer-se que era uma só senzala. (Castro Soromenho, C, 224.)

Dessa calamidade partilharam todas as regiões banhadas pelo Atlântico desde as Flandres até o estreito de Gibraltar. (J. Cortesão, FDFP, 28.)

Esse maciço dos Andes, esse compridíssimo levantamento da crosta da terra, próximo ao Oceano Pacífico, vem desde a Patagônia até o Alasca.

(Monteiro Lobato, GDB, 107.)

555

b) no tempo:

É já a trago debaixo de olho desde o Santo Antônio. (M. Torga, K, 21.)

Desde o ano passado guardara essa migoa. (A. M. Machado, HR, 272.)

O céu azul não tinha nuvens e desde manhazinha a cidade estava debaixo de um calor asfixiante. (Luandino Vieira, VVDX, 53.)

EM

1. Movimento = superação de um limite de interioridade; alcance de uma situação dentro de: a) no espaço:

A notícia corria a medo, de casa em casa, provocando a fuga de muita gente.

(Adonias Filho, F, 36.)

Os Garcias entraram em casa calados. (V. Nemésio, MTC, 194.)

Os serventes caminhavam em todas as direções transportando padiolas de cimento.

(A. Santos, K, 56.)

b) no tempo:

Nazário visitava-as de quando em quando. (Coelho Netto, OS, I, 81.)

A cicatriz da testa pusera-se mais vermelha e mexia-se de vez em quando; também de vez em quando ele cerrava os punhos num sinal de desespero.

(Alves Redol, MB, 178.)

c) na noção:

Meu ser desfolha-se em íntimas lembranças, que revivem. ..

(Teixeira de Pascoaes, OC, VII, 140.)

556

E a lagoa entrou em festa.

(A. M. Machado, JT, 21.)

D. Jovita embuchava e fervia em ira, as faces afogueadas, os olhos duros.

(Castro Soromenho, TM, 125-6.)

2. Situação = posição no interior de, dentro dos limites de, em contato com, em cima de:

a) no espaço:

Um gato vive um pouco nas poltronas, no cimento ao sol, no telhado sob a lua.

(C. Drummond de Andrade, CB, 43.)

Trazia no sangue

o calor humano da amizade.

(Agostinho Neto, SE, 106.)

Angelo estava estirado na casa.

(V. Nemésio, MTC, 124.)

b) no tempo:

Tudo aconteceu em 24 horas.

(C. Drummond de Andrade, CB, 125.)

Em 1815 voltou meu pai.

(C. Castelo Branco, OS, I, 183.)

Sabe quanto custava, em quarenta e um, um quilo de uvas?...

(Luandino Vieira, NANV, 102.)

c) na noção:

Somos muitos Severinos iguais em tudo e na sina.

(J. Cabral de Melo Neto, DA, 172.)

Pareceu-lhe que toda a povoação estava em chamas. (Castro Soromenho, TM, 255.)

Um vasto silêncio de cúpulas, de largas superfícies nuas afoga-me em pesadelo.

(V. Ferreira, A, 239.)

557

ENTRE

Situação = posição no interior de dois limites indicados, interioridade:

a) no espaço:

Convém intercalar este capítulo entre a primeira oração e a segunda do capítulo CXXIX.

(Machado de Assis, OC, I, 531.)

Os seus olhos encontraram-se com a máscara que estava pendurada na parede entre duas lanternas. (Castro Soromenho, V, 190.)

Entrou a criada com uma travessa onde fumegava um galo assado, entre batatas loiras.

(Branquinho da Fonseca, B, 37.)

b) no tempo:

Todos os barcos se perdem entre o passado e o futuro.

(C. Meireles, OP, 37.)

A terra nativa l  continuava ainda a acenar. Mas a alma dele ia-se dividindo entre o passado e o presente, escan ada sobre o oceano.

(M. Torga, TU, 47.)

É O instante entre as lágrimas e o respeito. Entre a memória e o primeiro passo do depois!

(F.Costa Andrade, NVNT, 23.)

c) na no o:

Entre o sonho e o desejo quando nos veremos, tarde ou cedo?

(Agostinho Neto, SE, 111.)

Prossiga ela sempre dividida entre compensa es e desenganos. (V. de Moraes, LS, 74.)

558

PARA

Movimento = tendência para um limite, finalidade, dire o, perspec-f. Distingue-se de a por comportar um traço significativo que implica destaque do ponto de partida

com predominância da ideia de dire-sobre a do término do movimento:

a) no espaço:

Agora, não lhe interessava ir pira o Huamba. (Castro Soromenho, TM, 200.)

Eu ia arrastado não sabia para onde, ele ia levado para onde o chamava a obsessão.

(Branquinho da Fonseca, B, 65.)

Quando meu Pai deixou Juiz de Fora e mudou-se para o Rio veio morar com suas irmãs. (P. Nava, B0, 335.)

b) no tempo:

Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte.

(Machado de Assis, OC, II, 538.)

É Quando está melhor, quando vai descer à rua, padre?

  L  para o fim da semana.

(A. Abelaira, BI, 35.)

O nordeste, de um momento para outro, varreu as nuvens em dire o ao Sul.

(M. Lopes, FVL, 118.)

c) na no o:

Deram-lhe o formulário para preencher   máquina e reconhecer a firma.

(C. Drummond de Andrade, CB, 111.)

Cala-se para não mentir.

(A. Abelaira, BI, 95.)

Se trazia qualquer coisa, trazia também assunto para conversa.

(M. Lopes, FVL, 185.)

559

PERANTE

Situa o = posi o de anterioridade relativamente a um limite, presença, confronto (intensivo de ante): a) no espaço:

Permaneceu calada perante o olhar escuro de Leonardo. (A. Abelaira, CF, 228.)

  Perderias totalmente o prestígio perante eles. (Pepetela, M, 142.)

Poupando-o, queriam colocá-lo mal perante companheiros que tinham gramado cadeia.

(C. dos Anjos, Aí, 47.)

6) na no o:

Um arrependimento tardio, perante o irremediável. (U. Tavares Rodrigues, PC, 151.)

Perante a grandeza e o poder do Céu, a esperan a era o melhor compromisso dos homens para com a vida. (M. Lopes, FVL, 14.)

Vejo a sua tr mula palidez, à luz da lua nova, e o seu aspecto desgrenhado, perante o mistério e a dor.

(Teixeira de Pascoaes, OC, VII, 77.)

POR (PER)

l. Movimento = percurso de uma extensão entre limites, através de, dura o:

a) no espaço:

Vai-se por aí devagarinho.

(Coelho Netto, OS, I, 217.)

Pela quinta, ia um movimento desabituai. (C. de Oliveira, CD, 56.)

A rapariga arrastou-se pelo capim, fugindo devagarinho. (L. B. Honwana, NMCT, 93.)

b) no tempo:

Daqui por seis meses quero beber água dele. (Alves Redol, BC, 267.)

Mas a permanência em casa do nortista me parecia intolerável por muito tempo.

(R. M. F. de Andrade, V, 146.)

Devorou-o por semanas uma febre ligeira, imas impertinente.

(R. Pompéia, A, 235.)

c) na noção:

Este lia os jornais, artigo por artigo, pontuando-os com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pan-cadinhas na mesa.

(Machado de Assis, OC, II, 535.)

A sua morte por um era caprichosa, queria comer a presa devagar, pedaço por pedaço, sem pressa, sem precipitação.

(J. Lins do Rego, U, 300.)

A noite desfê-los, um por um, logo que os vultos se curvaram sobre os degraus das rochas.

(F. Namora, NM, 147.)

2 Situação = resultado do movimento de aproximação a um limite: a no espaço:

Por cima delas, lá em cima, perto da lâmpada do teto, a cara fitava-me, atenta, sorrindo satisfeita. (L. B. Honwana, NMCT, 54.)

↳ Vai de calor por baixo.

(F. Sabino, EM, 101.)

b) no tempo:

Pelo crepúsculo, a chuvada esmoreceu. (C. de Oliveira, CD, 169.)

561

Era pelos anos de 1861 ou 1862.

(Machado de Assis, OC, II, 585.)

Pela madrugada, a ventania vibra com um fragor subterrâneo de sentimentos ↳ solta.

(M. da Fonseca, SV, 202.)

c) na noção:

Volto-me por acaso.

(U. Tavares Rodrigues, JE, 168.)

↳ Estou preso; antes que te digam que por alguma indignidade, previno: por ter dado uma lição ao Malheiro. (R. Pompéia, A, 146.)

Por ti ardem corios.

(Luandino Vieira, NM, 55.)

SEM

Situação . = subtração, ausência, desacompanhamento: na noção:

↳ próprio do gato sair sem pedir licença, voltar sem dar satisfações.

(C. Drummond de Andrade, CB, 43.)

O sol subia no céu azul sem nuvens.

(Luandino Vieira, VVDX, 16.)

Sem o espírito de simpatia, tudo se amesquinha e diminui. (M. Torga, P, 120.)

SOB

Situação ↳ posição de inferioridade em relação a um limite (no sentido concreto ou no figurado): a) no espaço:

Sob um céu nórdico, opalino, cruzavam-se as gaivotas. (U. Tavares Rodrigues, J E, 150.)

O vento da noite roçava sombras duplas gemendo docemente, sob uma chuva de jasmims-do-cabo. (P. Nava, B0, 158.)

562

Sob a camisa, a água escorre-lhe para o peito e para as costas.

(M. da Fonseca, SV, 244.)

↳ f>) no tempo:

Sob os Filipes, os Ramires, amuados, bebem e caçam nas suas terras.

(Eça de Queirós, O, l, 1157.)

A Companhia só voltou a se instalar no Brasil em 1841, sob Pedro II Imperador.
(A. A. de Melo Franco, AR, 359.)

Sob D. Manuel floresceram as artes e as letras em Portugal como sob Leão X na Itália.

(Caldas Aulete, DCLP, s.v.)

c) na noção:

Sob o aspecto faunístico, o Novo Mundo trouxe grande decepção aos seus descobridores.

(G. Cruls, HA, 95.)

Sob certos aspectos, foi ele, não há dúvida, "o último lusitano".

(D. Mourão-Ferreira, HL, 161.)

Mas o tempo arrasta-se, afunda-o de novo sob o revoltear dos pensamentos.

(M. da Fonseca, SV, 229.)

SOBRE

Situação = posição de superioridade em relação a um limite (no sentido concreto ou no figurado), com contato, com aproximação, ou com uma distância; tempo aproximado:

a) no espaço:

Veio a criada e pôs quatro taças sobre a mesa. (Branquinho da Fonseca, B, 46.)

Considerai o espaço imenso a vossos pés e sobre vossa cabeça.

(A. Arinos, OC, 748.)

563

Cruzou os braços sobre o puto e apertou as mãos às costas.

(L. B. Honwana, NMCT, 51.)

f>) no tempo:

Entrementes foi acabando o ano e já era sobre o Natal. (Simões Lopes Neto, CGLS, 255.)

Sobre tarde descemos à praia ou vamos ao Passeio Público, fazendo ele os seus cálculos, eu os meus sonhos. (Machado de Assis, OC, l, 838.)

Sobre a madrugada o sipaio Tipia chegou às imediações da aldeia do capitão Oxenda.

(Castro Soromenho, V, 147.)

c) na noção:

Pouco de preciso se conhece sobre a distribuição dos Lusitanos no território.

(J. Cortesão, FDFP, 35.)

Preferiu, porém, tomar a sopa inteirinha, antes de me interpelar sobre o que pretendia.

(R. M. F. de Andrade, V. 122.)

Conversavam alegremente sobre os acontecimentos do dia.

(A. Santos, K, 15.)

TRÁS

A PREPOSIÇÃO trás, que indica situação posterior, arcaizou-se. Na língua atual é substituída pelas locuções atrás de e depois de; mais raramente, por sua sinônima após.

O sentido originário desta preposição era "além de", que subsiste nos compostos Trás-os-Montes e trasanteontem.

564

16

CONJUNÇÃO

CONJUNÇÃO COORDENATIVA E SUBORDINATIVA

1. CONJUNÇÕES são os vocábulos gramaticais que servem para rela- ar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração.

As CONJUNÇÕES que relacionam termos ou orações de idêntica função sintática têm o nome de COORDENATIVAS. Comparem-se os seguintes

O tempo e a maré não esperam por ninguém. Ouvi primeiro e falei por derradeiro.

Denominam-se SUBORDINATIVAS as CONJUNÇÕES que ligam duas orações das quais determina ou completa o sentido da outra. Comparem-se:

Eram três da tarde quando cheguei às arenas romanas. (U. Tavares Rodrigues, J E, 183.)

Pediram-me que definisse o Arpoador.

(C. Drummond de Andrade, CB, 106.)

2. Compreende-se facilmente a diferença entre as conjunções coordenativas e as subordinativas quando se comparara construções de orações a construções de nomes.

Assim,

nestes enunciados:

Estudar e trabalhar. Estudar ou trabalhar.

O estudo e o trabalho. O estudo ou o trabalho.

que a CONJUNÇÃO COORDENATIVA não se altera com a mudança de construção, pois liga elementos independentes, estabelecendo entre eles relações de adição, no primeiro caso, e de igualdade ou de alternância, no segundo.

565

Já nos enunciados seguintes:

Depois que tiveres estudado, podes trabalhar. Após o estudo, o trabalho.

observa-se a dependência do primeiro elemento ao segundo.

No último exemplo, em lugar da conjunção subordinativa (depois] que), aparece uma preposição (após), indicadora da dependência de um termo da oração a outro.

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

Dividem-se as CONJUNÇÕES COORDENATIVAS em:

-i, l. ADITIVAS, que servem para ligar simplesmente dois termos ou duas orações de idêntica função. São as conjunções e, nem [= e não].

Leonor voltou-se e desfaleceu. (G. Ramos, /, 81.)

Ele não me agradece, nem eu lhe dou tempo. (F. Botelho, A', 41.)

-k- 2. ADVERSATIVAS, que ligam dois termos ou duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém, uma ideia de contraste. Assim: mas, porém, todavia, contudo,

no entanto, entretanto;

Apetece cantar, mas ninguém canta. (M. Torga, CH, 44.)

Não havia muitas casas e nenhum edifício de apartamentos, porém sobravam grandes, extensos terrenos baldios. (A. F. Schmidt, AP, 20.)

-ST- 3. ALTERNATIVAS, que ligam dois termos ou orações de sentido distinto, indicando que, ao cumprir-se um fato, o outro não se cumpre. São as conjunções ou (repetida

ou não) e, quando repetidas, ora, quer, seja, nem, etc.:

O Antunes das duas uma: ou não compreendia bem ou não ouvia nada do que lhe dizia o seu companheiro. (Almada Negreiros, NG, 19.)

Ora lia, ora fingia ler para impressionar aos demais passageiros.

(A. F. Schmidt, AP, 74.)

566

s CONCLUSIVAS, que servem para ligar a anterior uma oração que conclusão, consequência. São: logo, pois, portanto, por consequência, assim, etc.:

Conheci, pois, Ari Ferreira, quando comecei a trabalhar em Clínica Médica, portanto em 1924. (P. Nava, BM, 329.)

Nas duas frases a experiência é a mesma. Na primeira não instrui, logo prejudica. (Almada Negreiros, NG, 150.)

o. EXPLICATIVAS, que ligam duas orações, a segunda das quais justifica a contida na primeira. São as conjunções que, porque, pois, por-tanto, em exemplos como:

Vamos comer, Aécio, que estou morrendo de fome. (Adonias Filho, LP, 109.)

Dorme cedo, pois quero mostrar-lhe as minhas fazendas. (A. Ribeiro, M, 43.)

POSICÃO DAS CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

o l. Das CONJUNÇÕES COORDENATIVAS apenas mas aparece obrigatoriamente no começo da oração; porém, todavia, contudo, entretanto e no início da oração

ou após um de seus termos:

o noite, mas toda a noite se pesca. (R. Brandão, P, 139.)

A igreja também era velha, porém não tinha o mesmo prestígio.

(C. Drummond de Andrade, CA, 200.)

Este último período poderia ser também enunciado:

A igreja também era velha; não tinha, porém, o mesmo prestígio.

A igreja também era velha; não tinha o mesmo prestígio, porém.

567

2. Pois, quando CONJUNÇÃO CONCLUSIVA, vem sempre posposto a um termo da oração a que pertence:

Era, pois, um homem de grande caráter e foi, pois, também um grande estilista. (J. Ribeiro, PE, 17.)

Para ali estavam, pois, horas sem conto, esperando, inutilmente, ludibriarem-se a si próprios. (F. Namora, CS, 83.)

3. As CONCLUSIVAS logo, portanto e por conseguinte podem variar de posição, conforme o ritmo, a entoação, a harmonia da frase.

VALORES PARTICULARES

Certas CONJUNÇÕES COORDENATIVAS podem, no discurso, assumir variados matizes significativos de acordo com a relação que estabelecem entre os membros (palavras e orações) coordenados.

1. El, por exemplo, pode:

a) ter valor adversativo:

Tanto tenho aprendido e não sei nada. (F. Espanca, 5, 61.)

Era M. C. um homem feio e extremamente inteligente. (A. F. Schmidt, GB, 246.)
fronteiriço, por vezes, do concessivo:

Torço as orelhas e não doo sangue. (A. Peixoto, RC, 451.)

Fui, como as ervas, e não me arrancaram. (F. Pessoa, OP, 328.)

1 A propósito dos valores que esta conjunção assume no discurso, consultem-se Rocha Lima. Em torno da conjunção "e". *Sludia*, 9, 87-%, 1979; 70:117-126, 1980; Adriano

da Gama Kury. A valorização estilística da conjunção "e" em Graciliano Ramos. In *Miscelânea em honra de Rocha Lima*. Rio de Janeiro, Colégio Pedro H, 1980, p. 35-44;

M. Rodrigues Lapa. *Estilística da língua portuguesa*, 4. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1965, p. 201-205.

368

b) indicar uma consequência, uma conclusão:

Qualquer movimento, e será um homem morto. (Adonias Filho, LP, 26.)

Embarco amanhã, e venho dizer-lhe adeus. (M. Torga, CA, 51.)

c) expressar uma finalidade:

Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. (G. Ramos, VS, 84.)

No elevador, em frente ao espelho, levou um lenço aos olhos e retocou a pintura. (Sttau Monteiro, AP J, 184.)

d) ter valor consecutivo:

Esperei mais algumas palavras. Não vieram e saí desapontado. (G. Ramos. /, 62.)

Estou sonhando, e não quero que me acordem. (C. Castelo Branco, QA, 203.)

e) introduzir uma explicação enfática:

Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu. (Machado de Assis, OC, II, 538.)

Que perdoava tudo, menos que lhe mordessem na reputação das filhas. Estavam casadas, e muito bem casadas. (M. Torga, CM, 99.)

/) iniciar frases de alta intensidade afetiva, com o valor próximo ao PC interjeições:

El-rei preso! E não se levanta este Minho a livrá-lo!...

(C. Castelo Branco, BP, 170.)

E os críticos! E os leitores! E a glória! Esgaravata-ram tudo, raspam tudo, recolheram todas as minhas sobras, pensaram tudo por mim, não me deixam respirar.

(A. Meyer, MA, 237.)

569

g) facilitar a passagem de uma ideia a outra, mesmo que não relacionadas, quando

vem repetido ritmicamente em fórmulas paralelas que imitam o chamado estilo bíblico: E a minha terra se chamará a terra de Jafé, e a tua chamará a terra de Sem; e iremos às tendas um do outro, partiremos o pão da alegria e da concórdia. (Machado de Assis, OC, II, 302.)

2. Mas há outra partícula que apresenta múltiplos valores afetivos. Além da ideia básica de oposição, de contraste, pode exprimir, por exemplo, as:

a) de restrição:

Continuou a conversa interrompida com a senhora gorda, que tinha muitos brilhantes, mas uma terrível falta de ouvido, porque não se pode ter tudo. (M. J. de Carvalho, PSB, 145.)

«Vai, se queres», disse-me este, mas temporariamente. (Machado de Assis, OC, I, 547.)

b) de ratificação:

Eram mãos nuas, quietas, essas mãos; serenas, modestas e avessas a qualquer exibicionismo. Mas não acanhadas, isso nunca. (M. J. de Carvalho, PSB, 138.)

«O major, hoje, parece que tem uma ideia, um pensamento muito forte.

«Tenho, filho, não de hoje, mas de há muito tempo. (Lima Barreto, TFPQ, 94.)

1 Sobre os valores desta conjunção, leiam-se Sousa da Silveira. *Línguas de português*, 8. ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1972, p. 240-245; M. Rodrigues Lapa.

Estilística da língua portuguesa, p. 205-208; C. Coelho Pereira Leite. A linguagem: um jogo de valores. In *Actas del XI Congreso Internacional de Lingüística y Filología*

Románicas, I. Madrid, C.S.I.C., 1968, p. 245-254. Sobre o *mas* empregado como palavra de situação, veja-se o que dissemos no Capítulo 14.

570

|c) de atenuação ou compensação:

Vinha um pouco transtornado, mas dissimulava, afetando sossego e até alegria. (Machado de Assis, OC, I, 541.)

Uma luz bruxuleante mas teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.

(M. Torga, F, 252.)

d) de adição:

Anoitece, mas a vida não cessa. (R. Brandão, P, 150.)

Era bela, mas principalmente rara.

(Machado de Assis, OC, I, 639.)

as mais.

«particularmente importante o emprego desta conjunção (assim como *porém*) para mudar a sequência de um assunto, geralmente com o retomar o fio do enunciado anterior que ficara suspenso. Assim:

Mas continua. Não te esqueças do que estavas a contar. (D. Mourão-Ferreira, /, 69.)

Mas os dias foram passando.

(J. Lins do Rego, U, 16.)

Um dia, *porém*, o Duro regressou à terra. (M. Torga, CM, 131.)

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

H 1. As CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS classificam-se em CAUSAIS, CONDICIONAIS, CONCESSIVAS, FINAIS, TEMPORAIS, COMPARATIVAS, CONSECUTIVAS e INTEGRANTES. As CAUSAIS, CONCESSIVAS, CONDICIONAIS, FINAIS, TEMPORAIS, COMPARATIVAS e CONSECUTIVAS iniciam orações adverbiais. As INTEGRANTES introduzem orações substantivas. 2. A Nomenclatura Gramatical Brasileira inclui ainda as conjunções

INFORMATIVAS e PROPORCIONAIS, que a Nomenclatura Gramatical Portuguesa não distingue das COMPARATIVAS.

571

OteervacSm

Saliente-se que as COMPARATIVAS e CONSECUTIVAS introduzem orações subordinadas adverbiais, mas vêm geralmente correlacionadas com um termo de outra oração.

Exemplifiquemos:

1. CAUSAIS (iniciam uma oração subordinada denotadora de causa) j porque, pois, porquanto, como [= porque], pois que, por isso que, j que uma vez que, visto que,

visto como, que, etc.:

Tenho continuado a poetar, porque decididamente me renovou o estro.

(A. de Quental, C, 357.)

Tio Couto estava sombrio, pois aparecera um investiga*] dor da polícia perguntando por Gervásio. (E. Veríssimo, LS, 137.)

Como as pernas tropegas exigiam repouso, descia raro j a cidade.

(G. Ramos, /, 195.)

2. CONCESSIVAS (iniciam uma oração subordinada em que se admite] um fato contrário a principal, mas incapaz de impedi-la): embora,] conquanto, ainda que, mesmo que, posto que, bem que, se bem que, por] mais que, por menos que, apesar, de que, nem que, que, etc.:

Não saberei nunca escrever sobre ele, embora tenha tentado mais de uma vez.

(F. Sabino, G, II, 76.)

Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.

(J. Cortesão, IHB, II, 228.)

Nem que a matassem, confessava. (A. Ribeiro, M, 344.)

3. CONDICIONAIS (iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato principal): se, caso,

contanto que, salvo se, sem que [= se não], dado que, desde que, a menos que, a não ser que, etc.

Se aquele entrasse, também os outros poderiam tentar... (Branquinho da Fonseca, MS, 41.)

572

A entrevista ficou marcada para as quatro da tarde, você não prefira ir à noite.

(C. dos Anjos, M, 160.)

4. FINAIS (iniciam uma oração subordinada que indica a finalidade principal): para que, a fim de que, porque [= para que]:

.Não bastava a sua boa vontade para que tudo se arranjasse.

(Almada Negreiros, NG, 82.)

Recolheu a carta e a sobrecarta, para mostrá-las a Rubião, a fim de que ele visse bem que não era nada. (Machado de Assis, OC, I, 646.)

5. TEMPORAIS (iniciam uma oração subordinada indicadora de circunstância de tempo): quando, antes que, depois que, até que, logo que, r que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, \que [= desde que], etc.:

Quando tio Severino voltou da fazenda, trouxe para Luciana um periquito.

(G. Ramos, Ins., 79.)

Sempre que posso, vou onde as recordações me chamam. (M. Torga, TU, 149.)

Tio Cosme vivia com minha mãe, desde que ela enviou.

(Machado de Assis, OC, I, 734.)

Enquanto Tamar e a irmã estavam no colégio, uma rapariga fugiu de lá.

(A. BessaLuís, AM, 89.)

6. CONSECUTIVAS (iniciam uma oração na qual se indica a consentia do que foi declarado na anterior): que (combinada com uma das Ilavras tal,* tanto, tão ou tamanho,

presentes ou latentes na oração anterior), de forma que, de maneira que, de modo que, de sorte que, etc.:

Deu um filho de tal sorte, que eram carros e carros de volfrômio estreme.

(M. Torga, CM, 191.)

Foi tão ágil e rápida a saída que Jandira achou graça. (C. dos Anjos, DR, 108.)

573

O frio é tanto, é tamanho Que a pena cai-me da mão... (A. Gil, U, 143.)

Ainda hoje os marmeleiros carregam, que é uma temeridade.

(Simões Lopes Neto, CGLS, ~138.)

7. COMPARATIVAS (iniciam uma oração que encerra o segundo membro de uma comparação, de um confronto): que, do que (depois de mais, menos, maior, menor, melhor e pior), qual (depois de tal), quanto (depois de tanto), como, assim como, bem como, como se, que nem:

Mais do que as palavras, falavam os fatos. (M. Torga, V, 278.)

Unidas, bem como as penas Das duas asas pequenas De um passarinho do céu... Como um casal de rolinhas, Como a tribo de andorinhas Da tarde no frouxo vau.

(Castro Alves, EF, 125.)

lida.

Surgiu, como se viesse doutro mundo, inesperada e pô-

(C. de Oliveira, AC, 159.)

Ele comeu-a que nem confeitos.

(C. Castelo Branco, OS, I, 368.)

8. INTEGRANTES (servem para introduzir uma oração que funciona COMO SUJEITO, OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL ou APOSTO de outra oração). São as conjunções que e se:

Não sei, sequer, se me viste, Não vou jurar que me vias. (J. Régio, F, 54.)

Quando o verbo exprime uma certeza, usa-se que:

Tenho certeza de que gosta de mim. (C. dos Anjos, DR, 103.)

É Tive medo, vi que tinha feito uma doidice. (G. Ramos, AOH, 34.)

574

João Garcia garantiu que sim, que voltava. (V. Nemosio, MTC, 61.)

Quando o verbo exprime incerteza, usa-se se. Por exemplo: a) numa dúvida:

Ninguém sabia se estava ferido ou se ferira alguém. (L. Jardim, MP, 54.)

Você se me entendes.

(M. Torga, 717, 156.)

b) numa interrogação indireta:

Não sei se sentiré saudades, não sei se pensaré em mim. (A. Abelaira, NC, 26.)

Pergunto a Deus se estou viva, se estou sonhando ou acordada.

(C. Meireles, OP, 417.)

GCONJUNÇÕES CONFORMATIVAS E PROPORCIONAIS

Como dissemos, a Nomenclatura Gramatical Brasileira distingue ida, entre as CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS, as CONFORMATIVAS e as PROPORCIONAIS.

1. As CONFORMATIVAS iniciam uma oração subordinada em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da oração principal. | São as conjunções conforme, como

[é conforme], segundo, consoante, etc.:

O som de uma sineta, conforme o capricho do vento, aproximava-se ou perdia-se ao longe. (A. Meyer, SI, 50.)

Como ia dizendo, o seu raciocínio não está certo (C. de Oliveira; CD, 111.)

Cada um tinha razão levando a vida consoante a criação da sua alma.

(M. Lopes, FVL, 167.)

2. As PROPORCIONAIS iniciam uma oração subordinada em que se menciona um fato realizado ou para realizar-se simultaneamente com o da oração principal. São as conjunções

é medida que, ao passo que, é proporcional que, enquanto, quanto mais... mais, quanto mais... tanto mais, quanto

575

mais... menos, quanto mais... tanto menos, quanto menos... menos, quanto menos... tanto menos, quanto menos... mais, quanto menos... tanto mais:

é medida que avançavam, iam penetrando no coração da trovoadas.

(M. Torga, V, 295.)

Tornavam-se agressivos, os nervos cada vez mais tensos, é proporcional que o tempo passava.

(Adonias Filho, LBB, 103.)

Quanto mais se distingue, mais se funde. (V. Nemésio, SOP, 336.)

POLISSEMIA CONJUNCIONAL

Algumas conjunções subordinativas (que, como, porque, se, etc.) podem pertencer a mais de uma classe. Sendo assim, o seu valor está condicionado ao contexto em que se inserem, nem sempre isento de ambiguidades, pois que há circunstâncias fronteiriças: a condição da concessão, o fim da consequência, etc.

LOCUÇÕES CONJUNTIVAS

Como vimos, há numerosas conjunções formadas da partícula que antecedida de advérbios, de preposições e de participios: desde que, antes que, logo que, até que, sem que, dado que, posto que, visto que, etc.

São as chamadas LOCUÇÕES CONJUNTIVAS.

576

17

INTERJEIÇÕES

INTERJEIÇÃO é uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo emoções.

A mesma reação emotiva pode ser expressa por mais de uma interjeição. Inversamente, uma só interjeição pode corresponder a sentimentos vários e, até, opostos. O valor de cada forma interjectiva depende fundamentalmente do contexto e da entoação.

1 CLASSIFICAÇÃO DAS INTERJEIÇÕES

Classificam-se as INTERJEIÇÕES segundo o sentimento que denotam, as mais usadas, podemos enumerar as:

a) DE ALEGRIA: ah! oh! oba! opa!

b) DE ANIMAÇÃO: avante! coragem! eia! vamos! . c) DE APLAUSO: bis! bem! bravo! viva!

d) DE DESEJO: oh! oxalá!

e) DE DOR: ai! ui!

f) DE ESPANTO ou SURPRESA: oh! chi! ih! oh! ué! puxa!

g) DE IMPACIÊNCIA: hum! hem!

h) DE INVOCAÇÃO: alô! ô! ô! olô! psiu! psit!

i) DE SILÊNCIO: psiu! silêncio!

j) DE SUSPENSÃO: alto! basta! alto logo!

l) DE TERROR: ui! uh!

LOCUÇÕES INTERJECTIVAS

Além de interjeições expressas por um só vocábulo, há outras forma-por grupos de duas ou mais palavras. São as LOCUÇÕES INTERJECTIVAS. exemplos: ai de mim! ora, bolas!

raios te partam! valha-me Deus!

vações:

!.") Não incluímos a INTERJEIÇÃO entre as classes de palavras pela razão aduzida Capítulo 5.

Com efeito, traduzindo sentimentos súbitos e espontâneos, são as interjeições > gritos instintivos, equivalendo a frases emocionais.

' 2.') Na escrita, as interjeições vêm de regra acompanhadas do ponto de exclamação (!).

577

18

O PERÍODO E SUA CONSTRUÇÃO

PERÍODO SIMPLES E PERÍODO COMPOSTO

No Capítulo 7, fizemos a análise interna da oração. Examinamos, a ela, os seus TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES e ACESSÓRIOS; e, para tal estudo, servimo-nos sobretudo de PERÍODOS SIMPLES, isto é, de períodos constituídos de uma só oração, chamada ABSOLUTA.

Incidentemente, porém, mostramos que os TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES e ACESSÓRIOS de uma oração podem ser representados por outra ORAÇÃO. É agora o momento de

examinarmos mais detidamente esse ponto.

COMPOSIÇÃO DO PERÍODO

1. Tomemos o seguinte período:

As horas passam, os homens caem, a poesia fica.

(E. Moura, IP, 169.)

Vemos que ele é composto de três orações:

1* = As horas passam,

2? = os homens caem,

3? = a poesia fica.

Vemos, ainda, que as três orações são da mesma natureza, pois: a) são autônomas, INDEPENDENTES, isto é, cada uma tem sentido próprio;

b) não funcionam como TERMOS de outra oração, nem a elas se referem: apenas, uma pode enriquecer com o seu sentido a totalidade da outra.

A tais orações autônomas dá-se o nome de COORDENADAS, e o período por elas formado diz-se COMPOSTO POR COORDENAÇÃO. 2. Examinemos agora este período:

578

O meu André não lhe disse que temos aí um holandês que trouxe material novo... ?

(V. Nêmesio, MTC, 363.)

1. Aqui, também, estamos diante de um período de três orações: 1 = O meu André não lhe disse 2? = que temos aí um holandês 3? = que trouxe material novo

Mas a sua estrutura é diferente da do anterior, pois:

a) a primeira oração contém a declaração principal do período, rege-se por si, e não desempenha nenhuma função sintática em outra oração do período; chama-se, por isso,

ORAÇÃO PRINCIPAL;

b) a segunda oração tem sua existência dependente da primeira, de verbo é OBJETO DIRETO; funciona, assim, como TERMO INTEGRANTE

1

c) a terceira oração tem sua existência dependente da segunda, de i objeto direto é ADJUNTO ADNOMINAL; funciona, por conseguinte, como 4o ACESSÓRIO dela.

As orações sem autonomia gramatical, isto é, as orações que funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração chamam-se SUBORDINADAS. O período

constituído de orações SUBORDINADAS :uma oração PRINCIPAL denomina-se COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO.

3. Vejamos, por fim, este período:

Moleque Nicanor arregalou os olhos, e eu pensei que ia ouvir as pancadas do seu coração.

(Guimarães Rosa, 5, 216.)

Ainda aqui temos um período composto de três orações:

1? = Moleque Nicanor arregalou os olhos,

2? = e eu pensei

3? = que ia ouvir as pancadas do seu coração.

Sua estrutura é, porém, distinta das duas que examinamos, ou melhor, é uma espécie de combinação delas, pois:

a) as duas primeiras orações são COORDENADAS (a primeira é COORDENADA ASSINDÉTICA; a segunda, COORDENADA SINDÉTICA ADITIVA);

b) a última é SUBORDINADA, uma vez que funciona como OBJETO DIRETO da oração anterior.

O período que apresenta orações COORDENADAS E SUBORDINADAS diz-se composto por COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO.

579

CARACTERÍSTICAS DA ORAÇÃO PRINCIPAL

Uma ORAÇÃO SUBORDINADA pode depender de um termo de outra ORAÇÃO SUBORDINADA.

No período de Vitorino Nêmesio, atrás citado, vimos que a ORAÇÃO SUBORDINADA: que trouxe material novo

é adjunto adnominal do objeto direto (um holandês) da ORAÇÃO SUBORDINADA

que temos aí um holandês,

a qual, por sua vez, é objeto direto da ORAÇÃO PRINCIPAL: O meu André não lhe disse.

Neste caso, alguns gramáticos consideram a 2ª oração, simultaneamente, SUBORDINADA e PRINCIPAL: SUBORDINADA em relação à 1ª; PRINCIPAL com referência à 3ª.

Tal classificação tem o inconveniente de se basear em dois critérios; ou melhor, de fazer predominar o critério semântico sobre o sintático.

Em verdade, a ORAÇÃO PRINCIPAL (ou um de seus termos) serve sempre de suporte a uma ORAÇÃO SUBORDINADA. Mas não é esta a sua característica essencial; e, sim, o fato de não exercer nenhuma função sintática em outra oração do período. Ora, no PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO só há uma que preenche tal condição. A esta, pois,

se deve reservar, com exclusividade, o nome de PRINCIPAL.

Observação:

A Nomenclatura Gramatical Portuguesa eliminou a designação de ORAÇÃO PRINCIPAL sob o argumento de não fazer falta ao estudo desses processos e de "dar ensejo a duplas

interpretações, quer no plano lógico, quer no plano gramatical."

CONCLUSÃO

Na análise de um PERÍODO COMPOSTO, cumpre, pois, ter em mente que:

a) a ORAÇÃO PRINCIPAL não exerce nenhuma função sintática em outra oração do período;

b) a ORAÇÃO SUBORDINADA desempenha sempre uma função sintática (SUJEITO, OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL, AGENTE DA PASSIVA, ADJUNTO

ADNOMINAL, ADJUNTO ADVER-

580

APOSTO) em outra oração, pois que dela é um termo ou parte de no.

?:c) a ORAÇÃO COORDENADA, como a PRINCIPAL, nunca é termo de ou-nem a ela se refere; pode relacionar-se com outra COORDENADA, sua integridade.

COORDENAÇÃO

ORÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS E ASSINDÉTICAS

As ORÇÕES COORDENADAS podem estar:

a) simplesmente justapostas, isto é, colocadas uma ao lado da outra, qualquer conectivo que as enlace:

Será uma vida nova, / começará hoje, / não haverá nada para trás. /"

(A. Abelaira, QPN, 19.)

b) ligadas por uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA:

A Grécia seduzia-o, / mas Roma dominava-o. (Graça Aranha, OC, 701.)

No primeiro caso, dizemos que a ORAÇÃO COORDENADA é ASSINDÉTICA, i seja,

desprovida de conectivo. No segundo, dizemos que ela é SINDÉTICA,

esta denominação acrescentamos a da espécie da CONJUNÇÃO COORDENATIVA que a inicia.

ORÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

Classificam-se, pois, as ORÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS em: 1. COORDENADA

SINDÉTICA ADITIVA, se a conjunção é ADITIVA:

Insisti no oferecimento da madeira, / e ele estremeceu. / (G. Ramos, SB, 29.)

Não é chuva, / nem é gente, / Nem é vento com certeza. /

(A. Gil, LJ, 24.)

2. COORDENADA SINDÉTICA ADVERSATIVA, se a conjunção é ADVERSA-

TIVA:

Estava frio, / mas ela não o sentia. /

(M. J. de Carvalho, TGM, 75.)

581

Ele não exigira dos filhos devoção e lavoura, / por isso deixara de seguir a fatalidade pela terra. /

(N. Pinon, S, 102-103.)

3. COORDENADA SINDÉTICA ALTERNATIVA, se a conjunção é ALTERNATIVA:

O bode tinha descido com o senhor / ou tinha ficado na ribanceira? /

(G. Ramos, AOH, 48.)

Ou eu me engano muito / ou a água manqueja. /

(C. de Oliveira, AC, 25.)

Todas as casas sertanejas são humildes, / quer sejam de palha / ou de palha e taipa / como a dos pobres, / quer sejam de taipa e telha / como a dos abastados. (G. Barroso, TS, 181.)

SIVA:

4. COORDENADA SINDÉTICA CONCLUSIVA, se a conjunção é CONCLUSIVA: Ou música, / logo ainda não me enterraram. /

(P. Mendes Campos, AB, 67.)

Não pacteia com a ordem; / é, pois, (J. Ribeiro, PE, 95.) rebelde.

Queria casar a filha, bem ao gosto dela, / não ponha, portanto, nenhum obstáculo ao programa de Olga. /

(Lima Barreto, TFPQ, 86.)

5. COORDENADA SINDÉTICA EXPLICATIVA, se a conjunção é EXPLICATIVA:

É Eh, camarada, espere um pouco, / que isto acaba-se

J*- /

(F. Namora, N M, 233.)

Um pouquinho só lhe bastava no momento, / pois estava com fome. /

(A. M. Machado, JT, 105.)

582

mesmo período podem ocorrer ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS de vários

O menino olhava, / mas não falava, / nem lamuriava.

(J. de Araújo Correia, FX, 34.)

Tentei detê-los por mais tempo; / eles porém tinham pressa, / ou estavam desconfiados. /

(R. de Queirós, CCE, 159.)

Como dissemos, nem todas as conjunções coordenativas encabeçam a oração, clausiva pois vem sempre posposta a um de seus termos. As adversativas porém, o, no entanto,

entretanto e todavia, bem como as conclusivas logo, portanto e e conseguinte, podem variar de posição, conforme o ritmo, a entoação, a harmonia frase.

SUBORDINADA ORAÇÃO SUBORDINADA COMO TERMO DE OUTRA ORAÇÃO

Dissemos que as ORAÇÕES SUBORDINADAS funcionam sempre como TER-ESSENCIAIS, INTEGRANTES ou ACESSÓRIOS de outra oração. Esclareça-melhor tais equivalências.

1. No seguinte exemplo:

É necessária tua vinda urgente.

o sujeito da oração é tua vinda urgente, TERMO ESSENCIAL, cujo núcleo é o t substantivo vinda.

Mas, em lugar dessa construção com base no substantivo vinda, poderíamos dizer: ; É necessário que venhas urgente.

O sujeito seria, então, que venhas urgente, TERMO ESSENCIAL representado por oração.

2. Neste exemplo:

Ninguém esperava a tua vinda.

o objeto direto de esperava é a tua vinda, TERMO INTEGRANTE, cujo núcleo é o substantivo vinda.

Em vez dessa construção nominal, poderíamos ter dito:

Ninguém esperava que viesses.

583

Com isso, o objeto direto de esperava passaria a ser que viesses, TERMO INTEGRANTE representado por uma oração.

3. Neste exemplo:

Não desaprendi as lições recebidas.

o adjunto adnominal, TERMO ACESSÓRIO, está expresso pelo adjetivo recebidas.

Mas, se quiséssemos, poderíamos ter substituído o adjetivo recebidas por que recebi:

Não desaprendi as lições que recebi.

Teríamos, neste caso, como adjunto adnominal de lições a oração que recebi. Por

outras palavras: teríamos um TERMO ACESSÓRIO representado por uma oração.

4. Neste exemplo:

Ainda não o tinha visto depois da volta. São três os adjuntos adverbiais (TERMOS ACESSÓRIOS) da oração:

- a) ainda é adjunto adverbial de tempo;
- b) não é adjunto adverbial de negação;
- c) depois da volta é adjunto adverbial de tempo.

Em lugar da expressão adverbial de tempo depois da volta, poderíamos ter empregado uma oração depois que voltara:

Ainda não o tinha visto depois que voltara.

Depois que voltara, adjunto adverbial de tinha visto, é, pois, um TERMO ACESSÓRIO representado por uma oração.

5. "Do que dissemos uma conclusão se impõe: o PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO é, na essência, equivalente a um PERÍODO SIMPLES. Distingue-os apenas o fato de os TERMOS (ESSENCIAIS, INTEGRANTES e ACESSÓRIOS) deste serem representados naquele por ORAÇÕES.

CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

As ORAÇÕES SUBORDINADAS classificam-se em SUBSTANTIVAS, ADJETIVAS e ADVERBIAIS, porque as funções que desempenham são comparáveis às exercidas por substantivos, adjetivos e advérbios.

584

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

As ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS vêm normalmente introduzidas pela CONJUNÇÃO INTEGRANTE que (às vezes, por se) e, segundo o seu valor sintático, podem ser:

1. SUBJETIVAS, quando exercem a função de sujeito:

É certo / que a presença do dono o sossegava um pouco.

(M. Torga, B, 52-53.)

2. OBJETIVAS DIRETAS, quando exercem a função de objeto direto:

Respondi-lhe / que já tinha lido a receita em qualquer parte. /

(J. Cardoso Pires, D, 295.)

Não sei / se Padre Bernardino concordar comigo. / (O. Lara Resende, BD, 109.)

3. OBJETIVAS INDIRETAS, quando exercem a função de objeto indireto:

Não me esqueço / de que estavas doente / quando ele nasceu.

(J. Montello, SC, 31.)

4. COMPLETIVAS NOMINAIS, quando exercem a função de complemento nominal:

Calipso! Ele tem a mania / de que alho faz bem à saúde! /

(A. Abelaira, NC, 155.)

5. PREDICATIVAS, quando exercem a função de predicativo:

A verdade é / que eu ia falar outra vez de Noémia. /

(A. Bessa Luís, AM, 39.)

6. APOSITIVAS, quando exercem a função de aposto:

É preciso que o pecador reconheça ao menos isto: / que a Moral católica está certa / e é irrepreensível. /

(O. Lara Resende, BD, 163.)

585

7. AGENTES DA PASSIVA, quando exercem a função de agente da passiva:

As ordens são dadas / por quem pode. /

(F. Namora, NM, 215.)

Observação:

As orações que desempenham a função de agente da passiva iniciam-se por pronomes indefinidos (quem, quantos, qualquer, etc.) precedidos de uma das preposições por ou de.

OMISSÃO DA INTEGRANTE QUE

Depois de certos verbos que exprimem uma ordem, um desejo ou uma súplica, a língua portuguesa permite a omissão da INTEGRANTE que:

Penso / daria um sofrível monge, / se não fossem estes nervos miseráveis.

(A. de Quental, C, 337.)

Queira Deus / não volteis mais triste... /

(M. Bandeira, PP, 348.)

Olhar o Brasil como hóspedes em casa alheia, que as regras mandam / se coloquem tanto quanto possível no ponto de vista do anfitrião. /

(M. Torga, TU, 21.)

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

As ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS vêm normalmente introduzidas por um PRONOME RELATIVO, e exercem a função de ADJUNTO ADNOMINAL de um substantivo ou pronome antecedente:

Susana, / que não se sentia bem, / estava de cama. (M. Torga, V, 178.)

O / que tu vês / é belo; / mais belo o / que suspeitas; / e o / que ignoras / muito mais belo ainda. (R. Brandão, H, 3.)¹

1 Frase que Raul Brandão diz ser de autor desconhecido. 586

RELACÃO COM O TERMO ANTECEDENTE

'A ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA pode, COMO todo ADJUNTO ADNOM

L, depender de qualquer termo da oração, cujo núcleo seja um subs-ou um pronome: SUJEITO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL,

OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO, AGENTE DA PASSIVA, ADJUNTO ADVERBIAL, APOSTO e, até mesmo, VOCATIVO.

1. Neste período de Fernando Pessoa:

Deu-lho a criada Velha / que o trouxe ao colo. / (OP, 77.)

a ORAÇÃO ADJETIVA que o trouxe ao colo está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de criada, SUJEITO de deu-lho.

2. Neste período de Agustina Bessa Luísa:

Era uma cachopa um tanto atarracada, / que usava meias palmilhadas e anéis de latão. /

(AM, 92.)

a ORAÇÃO ADJETIVA que usava meias palmilhadas e anéis de latão está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL do substantivo cachopa, núcleo do PREDICATIVO da oração anterior.

3. Neste período de Machado de Assis:

Na petição de privilégio / que então redigi / chamei a atenção do governo para este resultado, verdadeiramente / cristão.

a ORAÇÃO ADJETIVA que então redigi está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de de privilégio, COMPLEMENTO NOMINAL.

4. Neste período de Carlos de Oliveira:

Iria remediar o / que pudesse. / (CD, 90.)

r

a ORAÇÃO ADJETIVA que pudesse está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL do pronome o, OBJETO DIRETO de iria remediar.

5. Neste período de Jorge Amado:

o mesmo porque vem um apito triste do navio, um pedido de socorro, e a lei do cais manda que se atenda aos / que no mar pedem socorro. /

(MM, 74.)

587

a ORAÇÃO ADJETIVA que no mar pedem socorro está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL do pronome os, núcleo do OBJETO INDIRETO aos.

6. Neste período de Manuel Bandeira:

O ciou da festa no Conservatório de Canto Orfeônico foi a saudação lida por um menino / que é um prodígio. / (AB, 106.)

a ORAÇÃO ADJETIVA que é um prodígio está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de menino, núcleo do AGENTE DA PASSIVA por um menino.

7. Neste período de Antônio Nobre:

Na vida / que a Dor povoa, /

há só uma coisa boa, que é dormir, dormir, dormir... (5, 113.)

a ORAÇÃO ADJETIVA que a Dor povoa está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de vida, núcleo do ADJUNTO ADVERBIAL na vida.

8. Neste período de Machado de Assis:

Entroncou-se na família daquele meu famoso homônimo, o capitão-mor Brás Cubas, /

que fundou a Vila de São Vicente. /

(OC, I, 417.)

a ORAÇÃO ADJETIVA que fundou a vila de São Vicente está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de capitão-mor Brás Cubas, APOSTO.

9. Neste período do Romance da Nau Catrineta:

Renego de ti, demônio, / que me estavas a tentar. / a ORAÇÃO ADJETIVA que me estavas a tentar está funcionando como

ADJUNTO ADNOMINAL de demônio, VOCATIVO.

ORAÇÕES ADJETIVAS RESTRITIVAS E EXPLICATIVAS

Quanto ao sentido, as SUBORDINADAS ADJETIVAS classificam-se em RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS.

1. As RESTRITIVAS, como o nome indica, restringem, limitam, precisam a significação do substantivo (ou pronome) antecedente. São, por conseguinte, indispensáveis

ao sentido da frase; e, como se ligam ao antecedente sem pausa, dele não se separam, na escrita, por vírgula. Exemplos:

588

Es um dos raros homens / que têm o mundo nas mãos. /

* (A. Abelaira, NC, 121.)

Certamente não perdoa o abandono / que lhe votei. / (N. Pinon, FD, 98.)

2. As EXPLICATIVAS acrescentam ao antecedente uma qualidade acrescida, isto é, esclarecem melhor a sua significação, e têm a semelhança de um ito. Mas, por isso mesmo,

não são indispensáveis ao sentido essencial da frase. Na fala, separam-se do antecedente por uma pausa, indicada na rima por vírgula:

Tio Cosme, / que era advogado, / confiava-lhe a cópia de papéis de autos.

(Machado de Assis, OC, I, 734.)

Eu, / que não tenho nenhuma certeza, / sou mais certo ou menos certo?

(F. Pessoa, OP, 324.)

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

b'. Funcionam como ADJUNTO ADVERBIAL de outras orações e vêm, normalmente, introduzidas por uma das CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS (com exclusão das INTEGRANTES que, vimos, iniciam ORAÇÕES SUBSTANTIVAS).

Segundo a conjunção ou locução conjuntiva que as encabece, classificam-se em:

1. CAUSAIS, se a conjunção é subordinativa causal:

Não veste com luxo / porque o tio não é rico. / (Machado de Assis, OC, II, 204.)

/ Como anoitecesse, / recolhi-me pouco depois e deitei-me.

(Monteiro Lobato, V, 102.)

Ceamos a lareira, / que a noite estava fria. /

(A. Ribeiro, M, 44.)

2. CONCESSIVAS, se a conjunção é subordinativa concessiva:

/ Ainda que não dessem dinheiro, / poderiam colaborar com um ou outro trabalho.

(O. Lara Resende, BD, 134.)

589

O Albino, / posto que homem correntão, / ficou vaiado. (A. Ribeiro, M, 99.)

A regra era ir sempre desacompanhado, / mesmo que levasse o gado até aos confins da serra. /

(M. Torga, B, 101.)

Observação:

Nas ORAÇÕES CONCESSIVAS, a conjunção subordinativa pode:

a) vir intensificada em por mais que, por maior que, por melhor que, por menos que, por menor que, por pior que; ou mais que, maior que, melhor que, menos que, menor

que, pior que, etc.:

/ Por mais que quisesse, / não conseguia decidir-se por nenhum. (M. Torga, CM, 36.)

b) ficar reduzida a palavra que, com antecipação do predicativo:

/ Padre que seja, / se for vigário na roça, é preciso que monte a cavalo.
(Machado de Assis, OC, I, 735.)

Advirta-se, porém, que não é pacífica a análise que propomos para essas fórmulas concessivas. Filólogos eminentes, como os professores Sousa da Silveira (Línguas de portugueses, 8. ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1972, p. 166) e Martinz de Aguiar (cf. Evanildo Bechara. Moderna gramática portuguesa, 21. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976, p. 230) consideram que, em tais construções, o que é um pronome relativo em função de predicativo.

3. CONDICIONAIS, se a conjunção é subordinativa condicional:

Tudo vale a pena /

Se a alma não é pequena. /

(F. Pessoa, OP, 19.)

É Eles não dormem, / sem que primeiro a mãe lhes cante a berceuse de Jocelyn. /
(E. Veríssimo, A, I, 83.)

Trago uma caixa de metralhadoras para os Gregos, / caso eles estejam em perigo de ser batidos pelos Troianos. /

(A. Abelaira, NC, 69.)

4. FINAIS, se a conjunção é subordinativa final:

Viera um vestido de Marta, / para que a vestissem com ele. /

(J. Lins do Rego, A-M, 343.)

590

Deu-me Deus o seu gládio, / porque eu faço A sua santa guerra. /

(F. Pessoa, OP, 11.)

Fiz-lhe sinal / que se calasse. /

(Machado de Assis, OC, I, 525.)

5. TEMPORAIS, se a conjunção é subordinativa temporal;

/ Quando estiou, / partiram.

(C. de Oliveira, AC, 19.)

Renovaram a fogueira / até que chegasse a luz da manhã. /

(Adonias Filho, LBB, 111.)

/ Mal sentiu rumores dentro de casa, / ergueu-se (M. Torga, V, 269.)

6. CONSECUTIVAS, se a conjunção é subordinativa consecutiva:

Há segredos, de natureza tal, / que é imperdoável imprudência / descobri-los.

(M. de Maricó, A, 416.)

Falava com tanta naturalidade, / que se convencia a si mesmo. /

(M. Torga, V, 157.)

Era uma voz tão grave, / que metia medo. /

(A. Meyer, SI, 12.)

O sino tocava / que se desfazia. /

(M. Torga, CM, 65.)

l A conjunção pode vir omitida, como nestes versos de Emília Moura:

O chamado é tão grave, / não comporta lágrimas; / o caminho é tão longo, / não chegarias nunca / (IP, 171.)

7. COMPARATIVAS, se a conjunção é subordinativa comparativa-

Não, meu coração não é maior / que o mundo / (C. Drummond de Andrade, R, 60.)

591

Jurou-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste / do que podia parecer. /

(Machado de Assis, OC, I, 416.)

É choupó magro e velhinho, Corcundinha, todo aos nós, os tal / qual meu Avozinho:
/

Falta-te apenas a voz.

(A. Nobre, S, 47.)

Comeuaste a correr / que nem uma louca. /

(A. Abelaira, QPN, 190.)

O lavrador revirou os olhos e comeu a tremer / como se tivesse uma sezo. /

(J. de Araújo Correia, FX, 28.)

Observações:

1. *) O primeiro membro da comparação pode estar oculto: {tal\ qual, [ta!] como, etc.:

Havia já dois anos que nos não víamos, e eu via-a agora não / qual era, / mas / qual fora, / quais fomos ambos, / porque um Ezequias misterioso fizera recuar o sol até os dias juvenis. (Machado de Assis, OC, I, 419,)'

2.) Costuma-se omitir o predicado da ORAÇÃO SUBORDINADA COMPARATIVA, quando repete uma forma do verbo da oração principal. Assim:

Teus olhos são negros, negros, / Como as noites sem luar... / (Castro Alves, EF, 35.)

Isto é: como as noites sem luar [são negras].

Tu vais a correr sozinho, Ribeirinho, / como eu. / (F. Pessoa, QCP, n.º 112.)

Ou seja: como eu [vou a correr sozinho].

ORAÇÕES CONFORMATIVAS E PROPORCIONAIS

Corno na classificação das conjunções subordinativas a Nomenclatura Gramatical Brasileira inclui as conformativas e as proporcionais, consequentemente admite ela

a existência de ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS:

1. CONFORMATIVAS, quando a conjunção que as inicia é subordinativa conformativa: 592

/ Conforme declarei, / Madalena possuía um excelente coração. (G. Ramos, 50, 122.)

As distâncias hoje em dia, / como sabe, / contam pouco. (M. Torga, V, 278.)

Exteriormente era modesto, / segundo convém aos sabedores. / (Machado de Assis, OC, H, 256.)

2. PROPORCIONAIS, quando encabeçadas por conjunção subordinativa proporcional: / é medida que o tempo decorria / as figuras iam tomando maior vulto na sua retina.

(J. Paão d'Arcos, CVL, 295.)

Choviam os ditos / ao passo que ela seguia pelas mesas. /

(Almada Negreiros, NG, 92.)

Duas ou três funcionárias aproximaram-se, / enquanto o servidor / que fizera a pergunta / ia dando o fora. / (C. Drummond de Andrade, CB, 38.)

ervação:

Estas orações podem estar em correlação com um membro da oração principal iem construções do tipo: quanto mais... tanto mais, quanto mais... tanto menos, Quanto

menos., tanto menos, quanto menos... tanto mais:

j Quanto mais o conheço, / tanto mais o admiro.

Como nestas orações não raro se omitem as palavras quanto e tanto, é necessário examinar com atenção o período em que elas ocorrem para classificá-las com acerto.

JPor exemplo, nas construções:

/ Quanto mais o conheço, / mais o admiro. / Mais o conheço, / tanto mais o admiro.

/ Mais o conheço, / mais o admiro.

1* primeira oração é sempre a SUBORDINADA ADVERBIAL PROPORCIONAL; e a segunda, a PRINCIPAL.

593

ORAÇÕES REDUZIDAS ORAÇÕES DESENVOLVIDAS E ORAÇÕES REDUZIDAS

Estudamos até aqui as ORAÇÕES SUBORDINADAS encabeçadas por nexos subordinativos (pronomes relativos ou conjunções subordinativas), com o verbo sempre numa FORMA FINITA

(do indicativo ou do subjuntivo).

Vejamos agora outro tipo de oração subordinada é a REDUZIDA é, isto é, a oração dependente que não se inicia por relativo nem por conjunção subordinativa, e que tem o verbo numa das FORMAS NOMINAIS é o

INFINITIVO, O GERÚNDIO, OU O PARTICÍPIO. Assim:

1. Neste período de Machado de Assis:

Todos nós havemos de morrer; basta / estarmos vivos. / (OC, l, 420.)
a oração estarmos vivos tem valor SUBSTANTIVO. Não a encabeça, porém, a integrante que, nem o seu verbo se apresenta numa forma finita, mas na do INFINITIVO PESSOAL.

A oração denomina-se, por isso, SUBSTANTIVA REDUZIDA DE INFINITIVO, e pode ser equiparada à oração subordinada desenvolvida que estejamos vivos:

Todos nós havemos de morrer; basta / que estejamos vivos. /

2. Neste período de Augusto Frederico Schmidt:

Era o sortilégio, a sedução / ferindo os corações. / (AP, 17.)

a oração ferindo os corações tem valor adjetivo. Não vem, no entanto, encabeçada por pronome relativo, nem traz o verbo numa forma finita, mas na do gerúndio.

A oração denomina-se, neste caso, ADJETIVA REDUZIDA DE GERÚNDIO, ; corresponde à oração desenvolvida que feria os corações:

Era o sortilégio, a sedução / que feria os corações. /

3. Neste período de Manuel da Fonseca:

/ Ansiado, / agarrou-se à árvore. (FC, 126.)

594

cão ansiado tem valor ADVERBIAL. Não está, porém, encabeçada por cão subordinativa, nem traz o verbo numa forma finita, mas na do PARTICÍPIO.

oração denomina-se, então, ADVERBIAL REDUZIDA DE PARTICÍPIO, e ile à oração desenvolvida porque estava ansiado:

/ Porque estava ansiado, / agarrou-se à árvore.

| Verifica-se do exposto que as ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS, ETIVAS e ADVERBIAIS podem estar:

f 19) DESENVOLVIDAS, quando encabeçadas por nexos subordinativos e verbo num tempo do indicativo ou do subjuntivo:

a) seja numa forma simples:

Creio / que não há gente inocente. /

(M. J. de Carvalho, AV, 126.)

Não tinha dinheiro / que chegasse. / (V. Nemésio, MTC, 372.)

Eram sete e meia da noite, / quando avistamos as luzes de Benfica. /

(F. Sabino, HN, 31.)

b) seja numa locução verbal:

Disse / que ia por tudo em pratos limpos, / não disse? (U. Tavares Rodrigues, NS, 84.)

Vou deitar ao papel as reminiscências / que me vierem vindo. /

(Machado de Assis, OC, I, 731,)

Vira-os a bordo, / como estava a ver o próprio Viçar. /

(Adonias Filho, LBB, 84.)

2?) REDUZIDAS, quando não apresentam nexos subordinativos e têm verbo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio: a) seja numa forma simples:

Os homens do grupo do curral afastaram-se / para Maria passar. /

(L. B. Honwana, NMCT, 51.)

595

/ Chegando à rua, / arrependi-me de ter saído. (Machado de Assis, OC, I, 483.)

Que seria do Futuro se trocássemos esses hábitos / sagrados pela experiência / e nos deixássemos arrastar falsos profetas?

(A. Abelaira, NC, 211.)

b) seja numa locução verbal:

Bernardo estava certo / de não poder confiar nas boas intenções dele. /

(O. Lins, FP, 183.)

O que me lembrou esta data foi, / estando a beber café, / o prego de um vendedor de vassouras e espanadores. (Machado de Assis, OC, l, 1029.)

ORAÇÕES REDUZIDAS DE INFINITIVO

As ORAÇÕES REDUZIDAS DE INFINITIVO podem vir ou não regidas de preposição e, como as desenvolvidas, classificam-se em:

SUBSTANTIVAS:

1. SUBJETIVAS:

0 preciso / caminhar com o passo certo. /
(Costa Andrade, NVNT, 30.)

2. OBJETIVAS DIRETAS:

Espero tamb0m / poder confiar em ti. /
(J. R0gio, SM, 57.)

3. OBJETIVAS INDIRETAS:

Encarregara-a / de anunciar-se pessoalmente. /
(N. Pinon, FDj 69.)

4. COMPLETIVAS NOMINAIS:

Estou ansioso / por ir v0-lo. /
(A. de Quental, C, 228.)

596

PREDICATIVAS:

A sua inten00o era / comunicar a Augusta o resultado da conversa com o
pretendente. /

(Machado de Assis, OC, II, 97.)

5. APOSITIVAS:

A coragem 0 isto: / meter o p0ssaro do medo na capanga. /
(Luandino Vieira, NM, 116.)

ADJETIVAS:

Mas a vis0o logo se desvaneceu, ficando apenas os vidros, / a ocultarem, com o seu
brilho, o / que l0 dentro existia.

(Ferreira de Castro, OC, I, 136.)

Aqueles homens gotejantes de suor, b0bedos de calor, desvairados de insola00o, / a
quebrarem, / a espica0arem, / a torturarem a pedra, / pareciam um punhado de demo'

nios revoltados na sua impot0ncia contra o impass0vel gigante.

(A. Azevedo, C, 66.)

P Observa00o:

As ORA00ES ADJETIVAS REDUZIDAS DE INFINITIVO s0o mais frequentes no portugu0s 0
europeu. No portugu0s do Brasil empregam-se de prefer0ncia as ADJETIVAS REDUZIDAS
DE GER0NDIO.

ADVERBIAIS:

1. CAUSAIS:

/ Por serem trivialidades quotidianas tais virtudes, / ningu0m repara nelas.
(M. Torga, TV, 63.)

2. CONCESSIVAS:

/ Mesmo sem saber / se jamais chegarei, apetece-me rir e cantar em honra da beleza
das coisas.

(S. de Mello Breyner Andresen, CE, 102.)

597

3. CONDICIONAIS:

/ A n0o ser isto, / eu preferia ficar na sombra, e trabalhar como simples soldado.
(J. de Alencar, CD, 30.)

4. CONSECUTIVAS:

O mancebo desprezava o perigo e pago at0 da morte p0los sorrisos, que seus olhos
furtavam de longe, levou o arrojo / a arrepiar a (esta do touro com a ponta da
lan0a.

/

(Rebello da Silva, CL, 178.)

5. FINAIS:

Conheces-lhe a vida / para poderes afirmar tal coisa. /

(A. Abelaira, CF, 148.)

0. TEMPORAIS:

Viajante que deixaste As ondas do Panam0, Vela / ao entrares no porto /
Aonde o gigante est0!

(Fagundes Varela, VA, 76.)

ORA00ES REDUZIDAS DE GER0NDIO

Podem ser ADJETIVAS ou ADVERBIAIS. ADJETIVAS:

Virou-se e viu a mulher / dando com a mão / fazendo sinal / para que ele voltasse.

(L. Jardim, BA, 18.)

Perdeu o desfile da milícia triunfante, / marchando a quatro de fundo. /

(J. Saramago, MC, 348.)

Viu um grupo de homens / conversando. / (Pepetela, AN, 42.)

598

Emprego do GERÚNDIO com valor de ORAÇÃO ADJETIVA tem sido considerado raramente gramaticais um galicismo intolerável. Cumpre, no entanto, acentuar que é no idioma a construção

quando o GERÚNDIO expressa a ideia de atividade passageira.

Veja-se este exemplo de D. Denis, trovador que poetou em fins do século XIII

cópias do século XIV:

Ela tragia na mão um papagai mui fremoso, cantando [= que cantava] mui saboroso...

(CBN 534 C V 137.)

Construção em tudo semelhante que vigorou na língua até começos do século e que continua no português do Brasil:

Vi um menino / cantando. /

Distinto deste o emprego, cada vez mais frequente nos dias que correm, do GERÚNDIO como representante de uma ORAÇÃO ADJETIVA que designa um modo de ; ou uma atividade

permanente do substantivo a que se refere, construção que é simples decalque do francês:

Meu coração é um portico partido / Dando excessivamente sobre o mar. /

(F. Pessoa, OP, 54.)

De onde estava via as torres da igreja metodista, / erguendo-se acima da massa de arvoredo dum jardim. /

(E. Veríssimo, LS, 133.)

ADVERBIAIS:

Como o GERÚNDIO tem principalmente significado temporal, as REDUZIDAS por ele formadas correspondem, na maioria dos casos, a ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS TEMPORAIS. Comparem-se, por exemplo:

/ Passando hoje pela porta do meu compadre José Amaro, / ele me convidou para tomar conta de sua causa. (J. Lins do Rego, FM, 279.)

Mas podem equivaler também a outras ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS:

1. CAUSAIS:

/ Pressentindo / que as suas intenções haviam sido adivinhadas, Macedo tentou minorar a situação. (Ferreira de Castro, OC, I, 89.)

599

Z. CONCESSIVAS:

Aqui mesmo, / ainda não sendo padre, / se quiser florear com outros rapazes, e não souber, há de queixar-se de você, Mana Glória.

(Machado de Assis, OC, I, 735.)

3. CONDICIONAIS:

Pensando bem, / tudo aquilo era muito estranho. (A. Meyer, SI, 25.)

ORAÇÕES REDUZIDAS DE PARTICÍPIO

Como as REDUZIDAS DE GERÚNDIO, as DE PARTICÍPIO podem ser ADJETIVAS OU ADVERBIAIS.

ADJETIVAS:

As rosas brancas agrestes / Trazidas do fim dos montes /

Vós mas tirastes, que as destes... (F. Pessoa, OP, 118.)

ADVERBIAIS: São mais comuns as TEMPORAIS:

/ Acabada a cerimônia, / demos a volta ao adro. (V. Nêmesio, SOP, 90.)

/ Armadas as barracas, / abrigados caminheiros e camaradas, / roncou a tormenta.

(A. Amoroso Lima, A, 47.)

Não raro, ocorrem também as: 1. CAUSAIS:

/ Desesperado, / parecia um doido por toda a casa. (M. Torga; NCM, 36.)

600

CONCESSIVAS:

Creio, porém, que, / ainda admitidas as exagerações do Jornal do Comércio, / pode-se assegurar que a guerra está concluída.

(J. de Alencar, OC, IV, 1331.)

'3. CONDICIONAIS:

/ Dada essa hipótese, / espero de nossos amigos dedicados que não sofrerão impassíveis uma oposição injusta. (J. de Alencar, CD, 33.)

601

19

FIGURAS DE SINTAXE

Nem sempre as frases se organizam com absoluta coesão gramatical. O empenho de maior expressividade leva-nos, com frequência, a superabundâncias, a desvios, a lacunas

nas estruturas frásicas tidas por modelares. Em tais construções a coesão gramatical é substituída por uma coesão significativa, condicionada pelo contexto geral e pela situação.

Os processos expressivos que provocam essas particularidades de construção denominam-se FIGURAS DE SINTAXE.

Examinemos as principais:

ELIPSE

1. ELIPSE é a omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir:

À esquerda, panos de velhos muros, à direita o campo deserto.

(V. Ferreira, A, 273.)

Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para arroz. (Guimarães Rosa, S, 123.)

A lua, um pequeno disco branco só, lá em cima. (Luandino Vieira, VVDX, 73.)

“O senhor está preso.”

“Preso, eu?!”

(C. Drummond de Andrade, CB, 93.)

2. A ELIPSE é responsável por numerosos casos de DERIVAÇÃO IMPROPRIA, nos quais o termo expresso absorve o conteúdo significativo do termo omitido:

a (cidade) capital um (dente) canino um (navio a) vapor

uma (igreja) catedral uma (carta) circular uma folha (de papel)

602

A ELIPSE COMO PROCESSO GRAMATICAL

1. Em gramática, a ELIPSE de um termo deve ser invocada apenas quando manifesta. E, ainda assim, com extrema prudência.

São correntes, por exemplo, as ELIPSES: a) do sujeito:

Ternura sacudiu os ombros, no susto. Ergueu a cabeça, fixou Manuel:

“Para onde?” exclamou.

(A. M. Machado, JT, 135.)

Levantei-me de mansinho, e mais manso que um ladrão me vesti. Abri a porta da rua, e com cautela a fechei. Num rufo corri ao macho que estava, à mão de largar, no grande alpendre e deitei-lhe o aparelho. E, sem ruído, sem voltar a cabeça, vergonhoso de mim, saí daquela terra. (A. Ribeiro, W, 46.)

b) do verbo (parcial ou total):

Voo os dois em diálogo peripatético, ele em passo largo, ela no voo.

(C. Drummond de Andrade, CB, 26.)

Vida ruim, a nossa...

(Alves Redol, G, 105.)

Um senhor. Até na miséria, um senhor. (F. Namora, RT, 16.)

c) da preposição que introduz certos adjuntos:

Miguel foi atrás dela, mãos nos bolsos, falando calmo. (Luandino Vieira, VVDX, 69.)

Olegário debruçou-se sobre ele, os olhos cheios de espanto, outro homem naquele momento. (Adonias Filho, F, 40.)

O Bento move-se no assento, os braços bem apoiados na mesa, a cabeça baixa.
(F. Botelho, X, 200.)

603

d) da preposição de antes da integrante que introduz as orações objetivas indiretas e as completivas nominais:

Bem me lembro que ainda eu mesmo alcancei a casa de Dona Rosinha em cuja porta de entrada passei horas seguidas espiando a maré humana.

(A. F. Schmidt, GB, 44.)

Tem medo que fique alguém fora da malhada!... (Alves Redol, G, 65.)

Uma vez certa que morria, ordenou o que prometera a si mesma.

(Machado de Assis, OC, II, 497.)

e) da conjunção integrante que:

Não cuideis seja a masmorra... Não cuideis seja o degredo...

(C. Meireles, OP, 862.)

Querendo poupar o moço e a mim tal vexame, solicitei fosse a pena comutada, senão em substância, pelo menos em grau.

(C. dos Anjos, DR, 279.)

Hoje me disseram ele era um dos bons.

(Luandino Vieira, VVDX, 21.)

2. Na análise dessas e de outras orações manifestamente incompletas convém repor os elementos omitidos. Mas seria uma arbitrariedade pretender reconstruir, nas mesmas

bases, formas expressivas elaboradas dentro de princípios linguísticos diversos.

O caso, por exemplo, da FRASE NOMINAL, organizada sem verbo e, justamente por isso, mais incisiva:

Que talento, que bom gosto, uma delícia! (A. Meyer, MA, 153.)

Oh, a nudez da noite! Que esplendor!

(Teixeira de Pascoaes, OC, I, 50.)

Roma em chamas, que espetáculo! (R. Pompéia, A, 144.)

604

A noite, o vento baixo, algumas estrelas. (Adonias Filho, LP, 101.)

Primavera. Manhã. Que eflúvio de violetas! (C. Pessanha, C, 52.)

A ELIPSE COMO PROCESSO ESTILÍSTICO

Recurso condensador da expressão, a elipse é naturalmente usada de preferência naqueles tipos de enunciado que se devem caracterizar pela concisão ou pela rapidez.

Seus efeitos estilísticos são, portanto, apreciáveis: a) na descrição

esquemática de ambientes, de estados de alma, de perfis:

Subiu a escada. A cama arrumada. O quarto. O cheiro do jasmineiro. E a voz de uma das filhas, embaixo: Papai! O telefone. ..

(A. M. Machado, CJ, 119.)

E o trabalho, as esperanças perdidas, a magreza, a fome de todo o ano. Seções e tifos. Sonhos e raivas encobertos em xales e saias escuras, em fatos de bombazina de contrabando, gente de luto.

(F. Namora, NM, 155.)

Sentou-se na cama a arfar, a gritar que morria. Uma espuma sanguinolenta na boca. Abafava. Escarros de sangue. O coração a falhar. Injeções nas veias. Sangria. Um caixão e quatro velas.

(Cochar Osório, CL/, 153.)

h) em anotações rápidas, como as de um diário íntimo, de um caderno de notas:

Outubro, 10 Depressão. Hipocondria. Reações súbitas de ódio. Depois, desalento. Pelo menos, antes havia um mistério algo excitante. Agora, mais melancolia,

apenas.

(C. dos Anjos, M, 143.)

Paris da guerra! De dia apenas o movimento diminuído 25% e os ônibus desaparecidos. Mas imensa gente. Mulheres lindas, muitas e deliciosamente vestidas. Militares.

605

ou mais sugestiva:

Poucos feridos. Rara gente de luto. Nenhuma tristeza. Muitos espetáculos. Cafés do centro, cheios.

(M. de Sô-Carneiro, C, 91.)

c) na enunciação de pensamentos 'condensados, provérbios, divisas, ditos sentenciosos ou irónicos:

Cada dia, cada via; cada vida, cada lida. (Luandino Vieira, JV, 63.)

Uma vida nova numa terra nova.

(Castro Soromenho, V, 50.)

• Meu dito, meu feito.

(Machado de Assis, OC, I, 634.)

A paciência da Esfinge. Que paciência! (A. M. Machado, C J, 244.)

d) nas enumerações, onde a inexistência do artigo, como dissemos no Capítulo 9, costuma sugerir as ideias de acumulação, de dispersão:

Jantares, danças, luminárias, músicas, tudo houve para celebrar tão fausto acontecimento.

(Machado de Assis, OC, I, 281.)

Quando voltar, • tardinha, minha pele vai estar que • são boi, vaca, ovelha, leite, couro, remédio, pasto, fumaça, sal, sol, suor.

(A. C. Resende, LD, 1.)

Cristais retinem de medo, Precipitam-se estilhaços, Chovem garras, manchas, laços... Planos, quebras e espaços Vertiginam em segredo.

(M. de Sô-Carneiro, P, 76.)

ZEUGMA

1. A ZEUGMA • uma das formas da elipse. Consiste em fazer participar de dois ou mais enunciados um termo expresso apenas em um deles:

606

Na vida dela houve só mudança de personagens; na dele mudança de personagens e de cenários.

(J. Paço d'Arcos, Cl/L, 249.)

Isto •: na dele houve mudança de personagens e de cenários.

Podemos denominar SIMPLES a zeugma em que o termo omitido • atamente o mesmo empregado na oração anterior, como no exemplo de Joaquim Paço d'Arcos.

2. Com mais frequência, a designação aplica-se • chamada zeugma ICOMPLEXA, que abarca principalmente os casos em que se subentende um pcerbo já expresso, mas sob

outra flexão. Assim:

10-

Entenda-se:

A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes. (C. Drummond de Andrade, R, 181.)

Os altares eram humildes.

3. A ZEUGMA tem na oração comparativa um campo privilegiado de produção de efeitos estilísticos, como nos mostram estes exemplos:

Unidas, bem como as penas Das duas asas pequenas De um passarinho do céu... Como um casal de rolinhas, Como a tribo de andorinhas Da tarde no frouxo vóu.

(Castro Alves, EF, 125.)

O perene mistério, que atravessa Como um suspiro céus e corações... (F. Pessoa, OP, 423.)

PLEONASMO

1. PLEONASMO • a superabundância de palavras para enunciar uma ideia, como se vê nestes passos, em que se procura reproduzir a fala popular:

• Sai lá para fora, João.

(M. Torga, NCM, 228.)

• Entra pra dentro, Cadinhos.

(J. Lins do Rego, ME, 186.)

607

três.

☉ Só o Clemente falou aqui direito. A gente volta para (F. Namora, NM, 146.)

2. Cumpre acentuar que o pleonasma ☉ a reiteração da ideia. A repetição da mesma palavra ☉ um recurso de ênfase e, segundo a forma por que se disponha no período ou na oração, tem na retórica nome especial. Não ☉, porém, um pleonasma.

PLEONASMO VICIOSO

O pleonasma só se justifica para dar maior relevo, para emprestar maior vigor a um pensamento ou sentimento. Quando nada acrescenta ☉ força da expressão, quando resulta apenas da ignorância do sentido exato dos termos empregados, ou de negligência, ☉ uma falta grosseira.

Estão neste caso frases como:

Fazer uma breve alocução. Ter o monopólio exclusivo. Ser o principal protagonista. Em todas elas o adjetivo representa uma demasia condenável: alocução ☉ um "discurso breve"; não há monopólio que não seja "exclusivo"; e protagonista significa "principal personagem".

PLEONASMO E EPÓTETO DE NATUREZA

Cumpre, no entanto, distinguir dessas redundâncias viciosas o emprego do adjetivo como EPÓTETO DE NATUREZA em expressões do tipo céu azul, lã neve, prado verde, mar salgado, noite escura e equivalentes. Compara-se estes exemplos:

☉ mar salgado, quanto do teu sal São lágrimas de Portugal!

(F. Pessoa, OP, 19.)

E a Noite sou eu própria! A Noite escora!!

(F. Espanca, S, 41.)

Aqui não se trata de inútil reiteração da ideia que já se continha no substantivo. O adjetivo insiste sobre o caráter intrínseco, normal ou dominante do objeto.

☉ uma forma de ênfase, um recurso literário.

608

OBJETO PLEONÁSTICO

1. Vimos que, para dar realce ao OBJETO DIRETO, ☉ costume coloca-se no início da frase e, depois, repeti-lo com a forma pronominal o (a, os, et), como nestes passos.

As posições, conquistara-as umas após outras. (C. dos Anjos, M, 163.)

Paisagens, quero-as comigo.

(F. Pessoa, OP, 531.)

Meu saco de ilusões, bem cheio tive-o. (M. Quintana, P, 115.)

2. Com a mesma finalidade de ênfase, o pronome lhe (lhes) pode preterir o OBJETO INDIRETO expresso por um sintagma nominal colocado já no início da frase, como nos provérbios:

Ao homem mesquinho basta-lhe um burrinho. Ao pobre não lhe prometas e ao rico não lhe faltes.

3. Também para ressaltar o OBJETO (DIRETO ou INDIRETO), usa-se ' fazer acompanhar um pronome tônico da correspondente forma tônica regida da preposição a: Uma mulher preconceituosa que prefere tudo a que digam que o marido a deixou, ou que ela o deixou a ele. (M. J. de Carvalho, TM, 188.)

A mim não me enganas tu.

(M. Torga, NCM, 36.)

Luzia, por que a ventura A mim me queres negar?

(J. Cardoso, SE, 91.)

A mim até me pareceu que o sarro fosse dela. (M. Lopes, FVL, 162.)

609

HIPÓRIBATO

HIPÓRIBATO (do grego hypóribaton "inverso", "transposição") ☉ a separação de palavras que pertencem ao mesmo sintagma, pela intercalação de um membro frásico, como

nestes passos:

Essas que ao vento vêm Belas chuvas de junho!

(J. Cardoso, SE,

16.)

Que arcanjo teus sonhos veio Velar, matem os, um dia?

(F. Pessoa, OP, 11.)

Em sentido corrente, porém, hipérbato é termo genérico para designar toda inversão da ordem normal das palavras na oração, ou da ordem das orações no período, com finalidade expressiva.

ANASTROFE

ANASTROFE (do grego anastrophé "mudança de posição", "inversão", "transposição") é o tipo de inversão que consiste na anteposição do determinante (PREPOSIÇÃO -f SUBSTANTIVO) ao determinado, como nestes passos:

Vingai a pátria ou valentes Da pátria tombai no chão!

(Fagundes Varela, PC, I, 159.)

Mas esse astro que fulgente Das ogivas brilhara é frente, do Capitólio baixou.

(Soares de Passos, P, 91-92.)

PROLEPSE

PROLEPSE (do grego prólepsis "ação de tomar antes"), figura também conhecida como ANTECIPAÇÃO, consiste na deslocamento de um termo de uma oração para outra que a preceda, com o que adquire excepcional realce:

Os pastores parece que vivem no fim do mundo. (Ferreira de Castro, OC, I, 435.)

É O próprio ministro dizem que não gostou do ato. (Machado de Assis, OC, I, 643.)

Nas porteiras ou nos terreiros das fazendas, as pessoas que a gente vê parece que brincam de tomar conta da natureza.

(Ribeiro Couto, C, 32.)

SINQUISE

SINQUISE (do grego sfgchysis "confusão", "mistura") é a inversão de tal modo violenta das palavras de uma frase, que torna difícil a sua interpretação.

É o que se observa, por exemplo, nesta quadra do soneto Tábua de fcora/, de Alberto de Oliveira:

Lúcias, pastor é enquanto o sol recebe, Mugindo, o manso armento e ao largo espraia, Em sede abrasa, qual de amor por Febe,

É Sede também, sede maior, desmaia. (P, II, 111.)

Entenda-se:

"Lúcias, pastor, enquanto o manso armento recebe o sol e, mugindo, espraia ao largo é, abrasa em sede, qual desmaia de amor por Febe, sede também, sede maior."

ASSONDETO

Dizemos que há ASSONDETO (do grego asyndeton "não unido", "não ligado") quando as orações de um período ou as palavras de uma oração se sucedem sem conjunção coordenativa

que poderia enlaçá-las. É um vício-E roso processo de encadeamento do enunciado, que reclama do leitor ou do ouvinte uma atenção maior no exame de cada fato, mantido

em sua individualidade, em sua independência, por força das pausas rítmicas:

A barca vinha perto, chegou, atracou, entramos. (Machado de Assis, OC, I, 1067.)

Lavava roupas da Baixa, vestia, usava, lavava outra vez, levava.

(Luandino Vieira, 3V', 103.)

610

611

É Veio, esteve aqui, arranjou-se-lhe o emprego que ele queria, embarcou, acabou-se.

(J. de Sena, SF, 512.)

Arcos de flores, fachos purpurinos, Trons festivos, bandeiras desfraldadas, Girândolas, clarins, atropeladas Legiões de povo, bimbalar de sinos. . . (R. Correia,

PCP. 196.)

Fulgem as velhas almas namoradas. . .

É Almas tristes, severas, resignadas, De guerreiros, de santos, de poetas. (C. Pessanha, C, 48.)

POLISSÍNDETO

O POLISSÍNDETO (do grego polysyndeton "que contém muitas conjunções") é o contrário do assíndeto, ou seja, é o emprego reiterado de conjunções coordenativas, especialmente das aditivas:

Como uma horda de seres vivos, cobramos gradualmente a terra. Ocupados como quem lavra a existência, e planta, e colhe, e mata, e vive, e morre, e come. (C. Lispector, FC, 92.)

Fui cisne, e lório, e búgia, e catedral! (F. Espanca, S, 59.)

O quinhão que me coube é humilde, pior do que isto: nulo. Nem glória, nem amores, nem santidade, nem heroísmo.

(O. Lara Resende, B D, 10.)

Com o POLISSÍNDETO interpenetram-se os elementos coordenados; a expressão adquire assim uma continuidade, uma fluidez, que a tornam particularmente apta para sugerir,

movimentos ininterruptos ou vertiginosos, como nos mostram os exemplos citados, e também o seguinte, de Vinícius de Moraes:

É crescer, e saber, e ser, e haver E perder, e sofrer, e ter horror De ser e amar, e se sentir maldito... (L5, 119.)

612

U.É a este emprego da conjunção que se costuma chamar e DE MOVIMENTO.1

Por vezes, a repetição é simétrica, rítmica, e o polissíndeto passa a ser urso característico do chamado estilo bíblico. Veja-se este exemplo:

E a minha terra se chamará terra de Jafé, e a tua se chamará a terra de Sem; e iremos às tendas um do outro, e partiremos o pão da alegria e da concordia.

(Machado de Assis, OC, II, 302.)

ANACOLUTO

ANACOLUTO é a mudança de construção sintática no meio do enunciado, geralmente depois de uma pausa sensível, como nestes exemplos:

pio berço, pendente dos ramos floridos, Em que eu pequenino feliz dormitava: Quem é que esse berço com todo o cuidado Cantando cantigas alegre embalava?

(C. de Abreu, O, 78.)

Um carabina que guardava atrás do guarda-roupa, a gente brincava com elas, de tão imprestáveis. (J. Lins do Rego, ME, 136.) "

Bom! bom! eu parece-me que ainda não ofendi ninguém! (J. Régio, SM, 105.)

No primeiro exemplo, observamos que a oração iniciada por no berço teve seguimento normal no 3º verso, que devia continuá-la, e, em confluência, aquela expressão ficou solta no período.

Também no exemplo de José Lins do Rego a expressão um carabina ficou desligada do resto da oração principal.

No exemplo de José Régio foi o pronome eu, que se anunciava como eito do verbo seguinte, o elemento que ficou sem função. Com a impre-estrutura assumida pela frase,

a primeira pessoa, por ele representada, ou a objeto indireto (me).

É sobre o chamado e DE MOVIMENTO, leiam-se Ernesto Guerra da Cal. Obra cit., 256; Raymond Cantei. Les sermons de Vieira. Elude du style. Paris, Ediciones ano-Americanas, 1959, p. 337; Rocha Lima. Subsídios para o estudo da partição em algumas construções da língua portuguesa. Rio de Janeiro, 1975, p. 49-50 (mimeografado).

613

O ANACOLUTO é um fenómeno muito comum, especialmente na linguagem falada, e pode ser assim explicado: "depois de uma pausa, aquele que fala ou escreve abstrai-se do começo do enunciado e continua a exprimir-se como se iniciasse uma nova frase".1

SILEPSE

SILEPSE (do grego sfllepsis, "ação de teunir, de tomar em conjunto") é a

concordância que se faz não com a forma gramatical das palavras, mas com o seu sentido, com a ideia que elas expressam. Segundo a aceção originária, o termo SILEPSE deveria referir-se apenas à concordância de número. Cedo, porém, ele passou a ser aplicado a certas anomalias formais na concordância de gênero e pessoa e, hoje, abarca praticamente todo o campo da CONCORDÂNCIA IDEOLÓGICA.

2. Há também SILEPSE DE NÚMERO quando o sujeito da oração é um pronome nós e vós, aplicados a uma só pessoa, e permanecem no singular os adjetivos e participios

que a eles se referem. Assim:

Propelido por essas ideias e sentimentos, pelas conveniências de nossas funções no Ginásio do Estado nesta capital, e animado pelo acolhimento que teve o nosso curso

de gramática expositiva, pusemos muito diligente neste trabalho, que ora entregamos receoso à mocidade estudiosa e aos homens de letras do nosso país.

(E. C. Pereira, GH, IV.)

Sois injusto comigo.

(A. Herculano, MC, II, 35.)

SILEPSE DE NÚMERO

1. Pode ocorrer a SILEPSE DE NÚMERO com todo substantivo singular concebido como plural e, particularmente, com os termos coletivos. Assim neste passo de Machado de Assis:

Deu-me notícias da gente Aguiar; estio bons.

(OC, I, 1093.)

A ocorrência desta SILEPSE vai-se acentuando à medida que o verbo se distancia do sujeito coletivo, sendo particularmente comum quando, na oração, o coletivo está subentendido. Assim:

É o costume, mulher! É o costume desta gente, quando gostam dum branco querem-no para padrinho dos filhos...

(Luandino Vieira, NM, 12.)

Já toda a gente estava indignada. Queriam ouvir. (M. Torga, CM, 88.)

É o povo de Maravalha? perguntava ele aos ca-noeiros.

Estão em São Miguel.

(J. Lins do Rego, ME, 63.)

1 Maurice Dessaintes. *L'Analyse grammaticale. Au seuil de la stylistique.* Namur-Bruxelles-Tournai. La Procure, 1962, p. 371.

614

SILEPSE DE GÊNERO

Sabemos que as expressões de tratamento Vossa Majestade. Vossa Excelência, Vossa Senhoria, etc. têm forma gramatical feminina, mas aplicam-se com frequência a pessoas

do sexo masculino. Neste caso, quando funciona como predicativo, o adjetivo que a elas se refere vai sempre para o masculino:

Imediatamente, pode Vossa Excelência ficar descansado!...

(B. Santareno, TPM, 119.)

V. Ex? parece magoado... .

(C. Drummond de Andrade, CB, 119.)

SILEPSE DE PESSOA

1. Quando a pessoa que fala ou escreve se inclui num sujeito enunciado na 3ª pessoa do plural, o verbo pode ir para a 1ª pessoa do plural:

Deixa lá, que ainda havemos de ser felizes os dois, com a nossa casinha e as nossas coisas.

(Almada Negreiros, NG, 89.)

Todos entramos imediatamente.

(O. Lara Resende, BD, 25.)

615

Estava designada a noite dum baile em casa de Rita Emília, quando os convidados recebemos aviso da súbita doença de Francisco José de Sousa.

(C. Castelo Branco, OS, I, 504.)

Sós os quatro velhos, o desembargador com os três, fazíamos planos futuros. (Machado de Assis, OC, I, 1126.)

2. Se no sujeito expresso na 3ª pessoa do plural queremos abranger a pessoa a quem nos dirigimos, é lícito usarmos a 2ª pessoa do plural:

Os dois ora estais reunidos numa aliança bem maior que o simples elo da terra.

(C. Drummond de Andrade, R, 197.)

Mas suponho que todos sois da mesma opinião! Todos acordais em me condenar e abandonar. (J. Régio, ERS, 83.)

3. No português popular, tanto da Europa como do Brasil e de África, a palavra gente costuma levar o verbo para a 2ª pessoa do plural:

«A gente precisa de mostrar os raparigas que não somos nenhuns miseráveis.

(F. Namora, TJ, 94.)

«No fundo a gente se consolava, pensávamos em nós mesmos.

(Autran Dourado, IP, 27.)

«A gente perdemos sempre, mas nunca que desistimos. ..

(Luandino Vieira, NANV, 200.)

20

616

DISCURSO DIRETO, DISCURSO INDIRETO

E DISCURSO INDIRETO LIVRE

ESTRUTURAS DE REPRODUÇÃO DE ENUNCIACÕES

| Para dar-nos a conhecer os pensamentos e as palavras de personagens reais ou fictícios, dispõe o narrador de três moldes linguísticos diversos, iniciados pelos nomes

de:

| a) DISCURSO (ou ESTILO) DIRETO,

b) DISCURSO (ou ESTILO) INDIRETO.

c) DISCURSO (ou ESTILO) INDIRETO LIVRE.

DISCURSO DIRETO

Examinando este passo das Memórias póstumas de Brás Cubas, Machado de Assis:

Virgília replicou:

«Promete que algum dia me farás baronesa?

(OC, I, 462.)

Verificamos que o narrador, após introduzir a personagem, Virgília, deixou-a expressar-se por si mesma, limitando-se a reproduzir-lhe as palavras como ela as teria

efetivamente selecionado, organizado e emitido.

Também neste trecho do romance O manto, de Agustina Bessa Luísa:

«Posso levar uma rosa?» pergunta o poeta Adriano, avançando a mão para o meio da mesa. (M, 130.)

neste outro de A chaga, de Castro Soromenho:

Lourenço continuou, sem olhar para o seu velho companheiro:

«A morte das cousas que criamos é que nos faz sofrer.

(C, 117.)

617

ocorre a reprodução textual das falas dos personagens.

A essa forma de expressão, em que o personagem é chamado a apresentar as suas próprias palavras, denominamos DISCURSO DIRETO.

Nos exemplos acima, distinguimos claramente os narradores e Machado de Assis, Agustina Bessa Luísa e Castro Soromenho e dos locutores: Virgília, o poeta Adriano e

Lourenço. Mas narrador e locutor podem confundir-se em casos como o das narrativas memorialistas feitas na primeira pessoa. Assim, na fala de Riobaldo, o personagem-narrador

do romance Grande Sertão-Veredas, de Guimarães Rosa:

Explico ao senhor: o diabo vive dentro do homem, os crespos do homem ou o homem arruinado, ou o homem dos avessos.

Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens.

Até: nas crianças eu digo. Pois não é ditado: "menino é trem do diabo"? (GS-V, 12.)

CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO DIRETO

1. No PLANO FORMAL, um enunciado em DISCURSO DIRETO é marcado, geralmente, pela presença de verbos do tipo dizer, afirmar, ponderar, sugerir, perguntar, indagar, responder e sinônimos, que podem introduzi-lo, arrematá-lo, ou nele se inserir: Meneou a cabeça com ar triste e acrescentou: "O homem acostuma-se a tudo, sim, a tudo, até a esquecer-se que é um homem..."

(Castro Soromenho, C, 66.)

— Esta a gaveta? — perguntou ele.

(O. Lins, V, 53.)

Penso que disse meu pai que te daria melhor em Letras.

(V. Ferreira, A, 26.)

Quando falta um desses verbos dicendi, cabe ao contexto e a recursos gráficos tais como os dois pontos, as aspas, o travessão e a mudança de linha a função de

indicar a fala da personagem. É o que observamos nestes passos:

618

"Todos vamos ficando diferentes, e vinte e cinco anos é uma vida."

"Para muitos é mais do que isso." "Claro que é."

(M. J. de Carvalho, TM, 49.)

O amigo abraçou-o. E logo recuou com certo espanto: — O seu chapéu, Zé Maria?

— Ah, não uso mais!...

— Felizardo!

(A. M. Machado, HR, 47.)

2. No PLANO EXPRESSIVO, a força da narração em DISCURSO DIRETO vem essencialmente de sua capacidade de atualizar o episódio, fazendo incidir da situação a personagem,

tornando-a viva para o ouvinte, é maura de uma cena teatral, em que o narrador desempenha a mera função; indicador das falas. Estas, na reprodução direta, ganham

naturalidade e vacuidade, enriquecidas por elementos linguísticos tais como exclamações, interrogações, interjeições, vocativos e imperativos, que costumam impregnar

emotividade a expressão oral.

Observe-se, também, que a variedade de verbos introdutórios oferecida pela língua portuguesa aos seus usuários permite a quem se sirva do DISCURSO DIRETO caracterizar,

com precisão e colorido, a atitude da personagem cuja fala vai ser textualmente reproduzida.

Daí ser esta a forma de relatar preferentemente adotada nos atos diálogos de comunicação e nos estilos literários narrativos em que os autores pretendem representar diante dos leitores "a comédia humana, com a maior naturalidade possível" (E. Zola).

DISCURSO INDIRETO

Tomemos como exemplo esta frase de Machado de Assis:

José Dias deixou-se estar calado, suspirou e acabou confessando que não era médico. (OC, I, 733.)

Ao contrário do que observamos nos enunciados em discurso direto, narrador (Machado de Assis) incorpora aqui, ao seu próprio falar, uma forma da personagem (José

Dias), contentando-se em transmitir ao leitor apenas o seu conteúdo, sem nenhum respeito à forma linguística que teria sido realmente empregada.

Este processo de reproduzir enunciados chama-se DISCURSO INDIRETO.

619

k

Observação:

Também, neste caso, narrador e personagem podem confundir-se num só:

Engrosso a voz e afirmo qnt sou estudante.

(G. Ramos, Ins., 182.)

CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO INDIRETO

1. No PLANO FORMAL, verifica-se que, introduzidas também por um verbo declarativo (dizer, afirmar, ponderar, confessar, responder, etc.), as falas das personagens aparecem, no entanto, numa oração subordinada substantiva, em geral desenvolvida: João Garcia garantiu que sim, que voltava.

(V. Nemésio, MTC, 11.)

Nestas orações, como vimos, pode ocorrer a elipse da conjunção integrante:

Como supunha fôssemos ter ainda uma quinzena de ati-vidade e pudôssemos esgotar o programa, demorara-me alguns dias em Machado e em Eça.

(C. dos Anjos, DR, 283.)

A integrante falta, naturalmente, quando, numa construção em DISCURSO INDIRETO, a subordinada substantiva assume a forma reduzida:

Foi nesse sertão primitivo e rude que Arinos me contou ter sentido talvez a maior, a mais pura das sensações de arte.

(A. Amoroso Lima, A, 40.)

2. No PLANO EXPRESSIVO, assinala-se, em primeiro lugar, que o emprego do DISCURSO INDIRETO pressupõe um tipo de relato de caráter pre-dominantemente informativo e intelectual, sem a feição teatral e atualiza-dora do DISCURSO DIRETO. O diálogo é incorporado e narrado mediante uma forte subordinação semântico-sintática estabelecida

por meio de nexos e correspondências verbais entre a frase reproduzida e a frase introdutora. Como, na passagem ao DISCURSO INDIRETO, todas as formas de DISCURSO DIRETO de primeira ou de segunda pessoa se apresentam em terceira pessoa, dá-se em geral um esvaecimento das realidades concretas de tempo e lugar a que as pessoas e coisas referidas estariam vinculadas.

Em síntese: no DISCURSO INDIRETO o narrador subordina a si a personagem, com retirar-lhe a forma própria e afetivamente matizada da expressão. Mas não se conclua

daí que tal modalidade de discurso seja uma construção estilística pobre. O seu uso ressalta o pensamento, a essência

significativa do enunciado reproduzido, deixando em segundo plano as circunstâncias e os detalhes acessórios que o envolvem.

É, na verdade, do emprego sabiamente dosado de um e outro tipo de discurso que os bons escritores extraem da narrativa os mais variados efeitos artísticos, em consonância

com intenções expressivas que só a análise em profundidade de uma dada obra pode revelar.

TRANSPOSIÇÃO DO DISCURSO DIRETO PARA O INDIRETO 1. Do confronto destas duas frases:

“A senhora vai sair” disse ela olhando-o muito.

(Eça de Queirós, O, I, 878.)

Ela disse olhando-o muito que a senhora ia sair.

verifica-se que, ao passar-se de um tipo de relato para outro, certos elementos do enunciado se modificam, por acomodação ao novo molde sintático.

2. As principais transposições que ocorrem são:

DISCURSO DIRETO:

a) enunciado em 1ª ou em 2ª pessoa:

“Preciso de dinheiro” disse o capitão.

(A. Bessa Luís, M, 151.)

“Não achas melhor tirar esse poncho?” perguntou-lhe Rodrigo.

(E. Veríssimo, A, II, 323.)

b) verbo enunciado no presente:

“Sou a Julieta” disse, hesitante. (A. Abelaira, B, 81.)

c) verbo enunciado no pretérito perfeito:

☉ Nem banho tomei, ela esclarecia. (N. Pinon, CP, 82.)

d) verbo enunciado no futuro do presente:

DISCURSO INDIRETO: a) enunciado em 3ª pessoa:

Disse o capitão que precisava de dinheiro.

Perguntou-lhe Rodrigo se [ele] não achava melhor tirar aquele poncho.

b) verbo enunciado no imperfeito:

Disse, hesitante, que era a Julieta.

c) verbo enunciado no pretérito mais-que-perfeito:

Ela esclarecia que nem banho tinha tomado.

d) verbo enunciado no futuro do pretérito (condicional):

620

621

☉ Que será feito do senhor padre

Brito? perguntou D. Joaquina Gansoso.

(Eça de Queirós, O, I, 43.)

c) verbo no modo imperativo:

☉ Não faça escândalo ☉ disse a outra.

(O. Lins, V, 100.)

/) enunciado justaposto:

☉ Foi um tempo velhaco ☉ disse, concordante e enfasiado.

(F. Namora, NM, 213.)

g) enunciado em forma interrogativa direta:

☉ "Lá ☉ bom?" ☉ perguntei.

(Guimarães Rosa, GS-V, 103.)

h) pronome demonstrativo de 1ª (este, esta, isto) ou de 2ª pessoa (esse, essa, isso):

☉ Não abro a porta a estas horas a ninguém ☉ disse Gracia.

(A. Bessa Luís, M, 266.)

☉ Isso ☉ um número muito comprido, respondeu Cesária.

(G. Ramos, AOH, 108.)

i) advérbio de lugar aqui:

☉ Aqui amanhece muito cedo ☉ disse Sales.

(Castro Soromenho, C, 199.)

Perguntou D. Joaquina Gansoso que seria feito do senhor padre Brito.

e) verbo no modo subjuntivo:

Disse a outra que não fizesse escândalo.

/) enunciado subordinado, geralmente introduzido pela integrante que:

Disse, concordante e enfasiado, que tinha sido um tempo velhaco.

g) enunciado em forma interrogativa indireta:

Perguntei se lá era bom.

h) pronome demonstrativo de 3ª pessoa (aquele, aquela, aquilo):

Disse Gracia que não abria a porta aquelas horas a ninguém.

Cesária respondeu que aquilo era um número muito comprido.

/') advérbio de lugar ali:

Disse Sales que ali amanhecia muito cedo.

DISCURSO INDIRETO LIVRE

Na moderna literatura narrativa, tem sido amplamente utilizado um terceiro processo de reprodução de enunciados, resultante da conciliação

622

dois anteriormente descritos. ☉ o chamado DISCURSO INDIRETO LIVRE, 1 na de expressão que, em vez de apresentar a personagem em sua voz própria (DISCURSO DIRETO), ou

de informar objetivamente o leitor sobre que ela teria dito (DISCURSO INDIRETO), aproxima narrador e personagem, dando-nos a impressão de que passam a falar em uníssono.

Comparem-se estes exemplos:

O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade

sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família.

(C. Lispector, LF, 56.)

Um empregado de farda amarrotada pegou na mala e também na chave da qual ele se esquecera de tomar posse, começou a subir a escada depois de explicar que o elevador estava avariado havia quase uma semana e na terra ninguém sabia consertá-lo, era preciso virem de Lisboa. Ora primeiro que se resolvessem... Uma maçada. (M. J. de Carvalho, TM, 12.)

Não era a primeira vez que sucedia aquilo o fiasco daquele engano. Amanhã, seriam os comentários na rodinha do sura antipático, sem rabo ainda, sem voz ainda, pescoço pelado, e já metido a galo. Na do sura e na do garnis branco esse, então, um afeminado de marca, com aquela, vozinha esganiçada e o passinho miúdo. João Fanhoso fechou os olhos, mal-humorado. A sola dos pés doá, doá. Calo miserável!

(M. Palmério, KC, 99.)

;' Este molde linguístico tem recebido variadas denominações. Charles Bally, o primeiro que o analisou, deu-lhe o nome de ESTILO INDIRETO LIVRE. T. Kalepky chamou-o

DISCURSO VELADO; Leo Spitzer serviu-se das designações DISCURSO MÓDICO, DISCURSO IRÔNICO e DISCURSO CÔNICO; E. Lorck usou a expressão DISCURSO REVIVIDO, que teve fortuna, especialmente na Itália, onde Nicola Vita sugeriu a denominação DISCURSO NARRATIVO; O. Jespersen caracterizou-o como DISCURSO REPRESENTADO e E. Lerch preferiu chamá-lo DISCURSO DIRETO IMPROPRIAMENTE DITO, mas nenhuma dessas designações

conseguiu vulgarizar-se como a de Bally.

623

CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO INDIRETO LIVRE

1. No PLANO FORMAL, verifica-se que o emprego do DISCURSO INDIRETO LIVRE "pressupõe duas condições: a absoluta liberdade sintática do escritor (fator gramatical)

e a sua completa adesão à vida do personagem (fator estético)"1.

Os exemplos dados deixam-nos perceber com nitidez os traços mais salientes deste terceiro tipo de construção.

Assim, examinando os enunciados em negrita, comprovamos:

a) que eles aparecem liberados de qualquer liame subordinativo, embora mantenham as transposições características do DISCURSO INDIRETO;

b) ao contrário do que acontece no DISCURSO INDIRETO, o INDIRETO LIVRE conserva as interrogações, as exclamações, as palavras e as frases do personagem na forma por que teriam sido realmente proferidas.

2. No PLANO EXPRESSIVO, devem ser realçados alguns valores desta construção híbrida:

19) Evitando, por um lado, o acúmulo de quês, ocorrente no DISCURSO INDIRETO, e, por outro, os cortes das posições dialogadas, peculiares ao DISCURSO DIRETO, o DISCURSO INDIRETO LIVRE permite uma narrativa mais fluente, de ritmo e tom mais artisticamente elaborados;

20) O elo psíquico que se estabelece entre narrador e personagem neste molde frásico torna-o o preferido dos escritores memorialistas em suas páginas de monólogo interior;

21) Para a apreensão da fala do personagem nos trechos em DISCURSO INDIRETO LIVRE, cobra importância o papel do contexto, pois que a passagem do que seja relato por parte do narrador a enunciado real do locutor é muitas vezes extremamente

sutil, como nos mostra o passo de Mário Palmério atrás mencionado;
40) Finalmente, cumpre ressaltar que o DISCURSO INDIRETO LIVRE nem sempre aparece isolado em meio da narrativa. Sua riqueza expressiva aumenta quando ele se relaciona,

dentro do mesmo parágrafo, com os discursos direto e indireto puro", pois o emprego conjunto faz que para o enunciado confluem, "numa soma total, as características

de três estilos diferentes entre si".2

21

1 Nicola Vita, in Cultura Neolatina, 05:18, Modena, 1955. Vem a propósito o lema naturalista, preconizado por Flaubert: "O artista deve ser na sua obra como Deus na Criação, invisível e todo-poderoso, que seja sentido em tudo, mas que não seja visto em nada." O ideal de perder-se o autor na sua criatura, este culto da impersonalidade

dos naturalistas, haveria de encontrar no DISCURSO INDIRETO LIVRE a sua forma de expressão ideal. Zola é o próprio DISCURSO INDIRETO LIVRE "em carne e osso", no dizer de Charles Bally.

2 G. Verdón Díaz. Introducción al estilo indirecto libre en español. Madrid, C.S. L.C.

1970. p. 149.

PONTUAÇÃO

SINAIS PAUSAIS E SINAIS MELÓDICOS

A língua escrita não dispõe dos inúmeros recursos rítmicos e melódicos da língua falada. Para suprir esta carência, ou melhor, para reconstruir aproximadamente o movimento vivo da elocução oral, serve-se da PONTUAÇÃO.

Os sinais de pontuação podem ser classificados em dois grupos: O primeiro grupo compreende os sinais que, fundamentalmente, se destinam a marcar as PAUSAS:

a) a VÍRGULA (,)

b) o PONTO (.)

c) o PONTO-E-VÍRGULA (;)

O segundo grupo abarca os sinais cuja função essencial é marcar a MELÓDIA, a INTONACÃO:

a) os DOIS-PONTOS (:)

b) o PONTO-DE-INTERROGAÇÃO (?)

c) o PONTO-DE-EXCLAMAÇÃO (!)

d) as TRÊS RÁSCAS (...)

e) as ASPAS (" ")

f) OS PARÊNTESES (()) g) OS COLCHETES ([]) h) O TRAVESSÃO (~)

Observações:

1.) Esta distinção, didaticamente cômoda, não é, porém, rigorosa. Em geral, os sinais de pontuação indicam, ao mesmo tempo, a pausa e a melodia.

2.) Outros sinais podem ter valor expressivo: o HÍFEN, o PARÁGRAFO, o emprego de letras maiúsculas e o uso de diversos tipos e cores dos caracteres de imprensa (ITÁLICO, VERSAL, VERSALETE, NEGRITA, etc.).

624

625

SINAIS QUE MARCAM SOBRETUDO A PAUSA A VIRGULA

A VIRGULA marca uma pausa de pequena duração. Emprega-se não só para separar elementos de uma oração, mas também orações de um só período.

1. No interior da oração serve:

10) Para separar elementos que exercem a mesma função sintática (sujeito composto, complementos, adjuntos), quando não vêm unidos pelas conjunções e, ou e nem.

Exemplos:

A sua frente, a sua boca, o seu riso, as suas lágrimas, enchem-lhe a voz de formas e de cores. . .

(Teixeira de Pascoaes, OC, VII, 83.)

Os homens em geral são escravos; vivem presos às suas profissões, aos seus interesses, aos seus preconceitos. (G. Amado, TL, 12.)

Achava os homens declamadores, grosseiros, cansativos, pesados, frívolos, chulos, triviais.

(Machado de Assis, OC, I, 660-661.)

Observação:

Quando as conjunções e, ou e nem vêm repetidas numa enumeração, costuma-se separar por VÍRGULA os elementos coordenados, como nestes exemplos:

Abrem-se lírios, e jasmims, e rosas.

(A. de Oliveira, P, U, 344.)

Vai o fero Itajuba perseguir-vos

Por água ou terra, ou campos, ou florestas;

Tremei!...

(Gonçalves Dias, PCPE, 523.)

Nem eu, nem tu, nem ela, nem qualquer outra pessoa desta história poderia responder mais.

(Machado de Assis, OC, I, 803.)

20) Para separar elementos que exercem funções sintáticas diversas, geralmente com a finalidade de realçá-los. Em particular, a vírgula é usada:

626

a) para isolar o aposto, ou qualquer elemento de valor meramente explicativo:

Alice, a menina, estava feliz.

(F. Namora, TL, 30.)

A meu pai, com efeito, ninguém fazia falta. (O. Lara Resende, RG, 93.)

Conheço, sim, o cansaço do nosso corpo. (F. J. Tenreiro, OP, 100.)

b) para isolar o vocativo:

Que ideias tóxicas, minha senhora! (J. Paço d'Arcos, CVL, 366.)

D. Glória, a senhora persiste na ideia de meter o nosso Bentinho no seminário?

(Machado de Assis, OC, I, 731.)

Como é que tu te chamas, é rapaz?

(L. B. Honwana, NMCT, 87.)

c) para isolar os elementos repetidos:

Nada, nada é dizia Vilaça todo amável e cê o nosso solzinho português sempre é melhor. (Eça de Queirós, O, II, 89.)

Contigo, contigo, António Machado, fora bom passear.

(C. Meireles, OP, 344.)

Se minha, minha, minha, eu quero!... (Luandino Vieira, V, 86.)

d) para isolar o adjunto adverbial antecipado:

Lá fora, a chuvada despenhou-se por fim. (C. de Oliveira, AC, 17.)

À noite, às vezes, fazia baralho.

(A. F. Schmidt, AP, 62.)

Fora, a ave agitou-se medonhamente. (R. Ribas, EMT, 86.)

627

Observação

Quando os adjuntos adverbiais são de pequeno corpo (um advérbio, por exemplo), costuma-se dispensar a VÍRGULA. A VÍRGULA é, porém, de regra quando se pretende realçá-los.

Comparem-se estes passos:

Depois levaram Ricardo para a casa da mãe Avelina. (J. Lins do Rego, U. 320.)

Depois, o engraçado são as passagens de nível, os aparelhos de sinalização, os vagões-cisternas...

(A. Abelaira, D, 30.)

Depois, tudo caiu em silêncio.

(Castro Soromenho, TM, 261.)

30) Emprega-se ainda a vírgula no interior da oração:

a) para separar, na datação de um escrito, o nome do lugar:

Paris, 22 de abril de 1983.

b) para indicar a supressão de uma palavra (geralmente o verbo) ou de um grupo

de palavras:

No céu azul, dois fiapos de nuvens. (A. F. Schmidt, A P, 176.)

A tarde, de ouro polido, e o mar, tranquilo como o céu. (G. Amado, TL, 33.)

Chuva, nevoa, desconforto, A imagem da minha vida!

(A. Botto, OA, 236.)

2, Entre orações, emprega-se a vírgula:

10) Para separar as orações coordenadas assindéticas:

Acendeu um cigarro, ciuzou as pernas, estalou as unhas, demorou o olhar em Mana Maria.

(A. de Alcântara Machado, NP, 136.)

Pois eu caçava, visgava, alçapava.

(Luandino Vieira, JV, 74.)

Veio a hora do almoço, o céu cobriu-se de negro, a chuva desabou, continua e pesada.

(A. Abelaira, D, 178.)

628

20) Para separar as orações coordenadas sindéticas, salvo as introduzidas pela conjunção e:

0 Não me disseste, mas eu vi.

(A. Abelaira, QPN, 19.)

Ou, elas tocavam, ou jogávamos os trós, ou então lia-se alguma coisa.

(Machado de Assis, OC, II, 497.)

Não comas, que o tempo é chegado. (J. Saramago, MC, 356.)

Observações:

1.) Separam-se geralmente por vírgula as orações coordenadas unidas pela conjunção e, quando têm sujeito diferente:

O sol já ia fraco, e a tarde era amena. (Graça Aranha, OC. 148.)

A mulher morreu, e cada um dos filhos procurou o seu destino. (F. Namora, T/, 23.)

Costuma-se também separar por vírgula as orações introduzidas por essa conjunção quando ela vem reiterada:

Comigo, o mundo canta, e cisma, e chora, e reza, H sonha o que eu sonhar.

(Teixeira de Pascoaes, OC, III, 27.)

E eles riem, e eles cantam, e eles dançam. (0. Ribas, EMT. 75.)

2.") Das CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS, mas emprega-se sempre no começo da oração; porém, todavia, contudo, entretanto e no entanto, podem vir ora no início da oração,

ora após um dos seus termos. No primeiro caso, põe-se uma VÍRGULA antes da conjunção; no segundo, vem ela isolada por vírgulas. Compare-se este período de Machado

de Assis:

0 V0 aonde quiser, mas fique morando conosco. (OC, I, 733.)

aos seguintes:

0 V0 aonde quiser, porém fique morando conosco.

0 V0 aonde quiser, fique, porém, morando conosco.

Em virtude da acentuada pausa que existe entre as orações acima, podem ser

629

elas separadas, na escrita, por PONTO-E-VÍRGULA. Ao último período e mesmo a pontuação que melhor lhe convém:

0 V0 aonde quiser; fique, porém, morando conosco.

3.*) Quando CONJUNÇÃO CONCLUSIVA, pois vem sempre posposto a um termo da oração a que pertence e, portanto, isolado por VÍRGULAS:

Não pacteia com a ordem; 0, pois, uma rebelde. (J. Ribeiro/PE, 95.)

As demais conjunções conclusivas (logo, portanto, por conseguinte, etc.) podem encabeçar a oração, ou pospor-se a um dos seus termos. 0 semelhante das adversativas,

escrevem-se, conforme o caso, com uma vírgula anteposta, ou entre vírgulas. Veja-se a Observação 2.) ao PONTO-E-VÍRGULA.

30) Para isolar as orações intercaladas:

Se o alienista tem razão, disse eu comigo, não haverá muito que lastimar o Quincas Borba.

(Machado de Assis, OC, I, 546.)

Amanhã mesmo vou encerrá-lo, assegurei, um tanto espantado com a facilidade com que assumia aquele compromisso.

(C. dos Anjos, DR, 356.)

"Lá vem ele com as raízes", resmungou Paulino, baixando a cabeça.

(Castro Soromenho, C, 137.)

40) Para isolar as orações subordinadas adjetivas explicativas:

O Loas, que tinha relações sobrenaturais, diagnosticara um espírito.

(F. Namora, TJ, 24.)

Eu, que tinha ido ensinar, agora me via diante de trinta examinadoras.

(Genolino Amado, RP, 24.)

D. Apolônia, que se habituara ao desdém das senhoras do Quinaxixe, não amolecia no entanto como patroa. (A. Santos, P, 66.)

630

Observação:

Como sabemos, as ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS classificam-se em RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS.

As RESTRITIVAS, necessárias ao sentido da frase, ligam-se a um substantivo (ou pronome) antecedente sem pausa, razão por que dele não se separam, na escrita, por

VÍRGULA. Já as EXPLICATIVAS, denotadoras de uma qualidade acessória do antecedente e, portanto, dispensáveis ao sentido essencial da frase, separam-se dele por uma pausa, indicada na escrita por VÍRGULA.

Comparem-se, por exemplo, estes dois passos:

Não se lembraria do beijo que me jogara de longe, dos cravos que me atirara...

(Ribeiro Couto, C, 85.)

Os dois espanhóis e meu tio, que o ouviam, olharam para mim. (J. de Sena, SF, 175.)

No primeiro, há duas orações adjetivas restritivas: que me jogara de longe e que me atirara; no segundo, uma oração adjetiva explicativa: que o ouviam. Daí a diversidade

de pontuação.

50) Para separar as orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antepostas à principal:

Quando se levantou, os seus olhos tinham uma fria determinação.

(F. Namora, NM, 243.)

Se eu o tivesse amado, talvez o odiasse agora. (C. dos Anjos, M, 146.)

De tudo se lembrara nesse momento, porque de tudo queria esquecer depois...

(A. de Assis Júnior, SM, 140.)

60) Para separar as orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de participio, quando equivalentes a orações adverbiais:

A não ser isto, é uma paz regalada.

(Castro Soromenho, C, 225.)

Sendo tantos os mortos, enterram-nos onde calha. (J. Saramago, MC, 221.)

Fatigado, ia dormir.

(Lima Barreto, TFPQ, 279.)

631

CONCLUSÃO:

Finalizando as nossas observações, devemos acentuar o seguinte:

a) toda oração ou todo termo de oração de valor meramente explicativo pronunciam-se entre pausas; por isso, são isolados por vírgulas, na escrita;

b) os termos essenciais e integrantes da oração ligam-se uns com os outros sem pausa; não podem, assim, ser separados por vírgula. Esta a razão por que não é admissível

o uso da vírgula entre uma oração subordinada substantiva e a sua principal;

c) há uns poucos casos em que o emprego da vírgula não corresponde a uma pausa

real na fala; o que se observa, por exemplo, em respostas rápidas do tipo: Sim, senhor. Não, senhor.

O PONTO

1. O PONTO assinala a pausa máxima da voz depois de um grupo fónico de final descendente.

Emprega-se, pois, fundamentalmente, para indicar o término de uma ORAÇÃO DECLARATIVA, seja ela absoluta, seja a derradeira de um período composto: Entardecer no Angico. Estou parada, sozinha, na frente da casa da estância, olhando para o poente. O sol parece uma grande laranja temporária, cujo sumo escorre pelas

faces da tarde. O ar cheira a guaco queimado. Um silêncio de paina crepuscular envolve todas as coisas. A terra parece anestesiada. Raras estrelas começam a apontar

no firmamento, mais adivinhadas do que propriamente visíveis. Sinto um langor de corpo e espírito. Decerto a tardinha que me contagia com sua doce febre.

(C. Veríssimo, A, III, 932.)

2. Quando os períodos (simples ou compostos) se encadeiam pelos pensamentos que expressam, sucedem-se uns aos outros na mesma linha. Diz-se, neste caso, que estão

separados por um PONTO SIMPLES.

Observações:

O PONTO tem sido utilizado pelos escritores modernos onde os antigos poriam PONTO-E-VÍRGULA, ou mesmo VÍRGULA. Trata-se de um eficiente recurso estilístico, quando usado adequada e sobriamente. Com a segmentação de períodos compostos em orações absolutas, ou com a transformação de termos destas em novas orações, obriga-se o leitor a ampliar as pausas entre os grupos fónicos de determinado texto, com o que lhe modifica a entoação e, conseqüentemente, o próprio sentido. As orações assim criadas adquirem um realce particular; ganham em afetividade e, não raro, passam a insinuar ideias e sentimentos, inexprimíveis numa pontuação normal e lógica. Leiam-se, por exemplo, estes passos:

Era, na verdade, um mestre, o mestre. Mestre Goeldi. (M. Bandeira, A, 60.)

A tua presença provocou em mim o sentimento inédito que buscava. Fiquei transposto. Outro. Como desejava. (Almada Negreiros, OC, III, 61.)

A música toca uma valsa lenta. O desânimo aumenta. Os minutos passam. A orquestra se cala. O vento está mais forte.

Clarissa começa a ficar decepcionada. Decerto o poeta está doente. Ou com frio. Ou se esqueceu de aparecer. (C. Veríssimo, ML. 155-156.)

3. Quando se passa de um grupo a outro grupo de ideias, costuma-se marcar a transposição com um maior repouso da voz, o que, na escrita, se representa pelo PONTO-PARÁGRAFO.

Deixa-se, então, em branco o resto da linha em que termina um dado grupo ideológico, e inicia-se o seguinte na linha abaixo, com o recuo de algumas letras.

Assim:

Lá embaixo era um mar que crescia.

Começava a chover um pouco. E o carro subia mais para o alto, com destino à casa de Amâncio, que era a melhor da redondeza. O povo olhava feito besta para o carro

com o dr. Jucá deitado. O usineiro gemia com as dores que não duravam a chegar.

Maria Augusta passava as mãos pela sua cabeça quase toda branca.

(J. Lins do Rego, U, 337.)

4. Ao ponto que encerra um enunciado escrito dá-se o nome de PONTO-FINAL.

Observações:

1.)* Além de servir para marcar uma pausa longa, o ponto tem outra utilidade. É o sinal que se emprega depois de qualquer palavra escrita abreviadamente. Assim: V. S." (Vossa Senhoria), Dr. (Doutor), C. F. C. (Conselho Federal de Cultura), I.N.L.C. (Instituto Nacional de Investigação Científica).

Note-se que, se a palavra assim reduzida estiver no fim do período, este encerra-

se com o ponto abreviativo, pois não se coloca outro ponto depois dele.

2.) Quanto ao uso de ponto depois do vocativo que encabeça cartas, requerimentos, ofícios, etc., vejam-se as nossas Observações aos DOIS-PONTOS.

n

632

633

i

O PONTO-E-VÍRGULA

1. Como o nome indica, este sinal serve de intermediário entre o PONTO e a VÍRGULA, podendo aproximar-se ora mais daquele, ora mais desta, segundo os valores pausais

e melódicos que representa no texto. No primeiro caso, equivale a uma espécie de PONTO reduzido; no segundo, assemelha-se a uma VÍRGULA alongada.

2. Esta imprecisão do PONTO-E-VÍRGULA faz que o seu emprego dependa substancialmente do contexto. Entretanto, podemos estabelecer que, em princípio, ele é usado:

1º) Para separar num período as orações da mesma natureza que tenham uma certa extensão:

Numa tarde de Outono murmuraste; Toda a magoa do Outono ele me trouxe . . . (F. Espanca, S, 49.)

Não sabe mostrar-se magoada; é toda perdão e carinho. (Machado de Assis, OC, I, 1051.)

2º) Para separar partes de um período, das quais uma pelo menos esteja subdividida por VÍRGULA:

Chamo-me Inácio; ele, Benedito.

(Machado de Assis, OC, II, 680.)

Era cedo ainda; mas, depois que saí da farmácia, fiquei ansioso por ver a Mercedes, e com receio de encontrar alguém que me complicasse a vida.

(J. de Sena, SF, 201.)

3º) Para separar os diversos itens de enunciados enumerativos (em leis, decretos, portarias, regulamentos, etc.). Sirva de exemplo o Título I (Dos fins da Educação)

da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

Art. 1º A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim:

a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade;

b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;

c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;

d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum;

e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades

do meio;

f) a preservação e expansão do patrimônio cultural;

g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de classe ou de raça.

Observações:

1.*) O ponto-e-vírgula divide longos períodos em partes menores e semelhança da CESURA, ou deflexão interna de um verso longo. As vezes, os elementos separados são

simétricos, e disso resulta um ritmado encadeamento do período, muito ao gosto do estilo oratório. Leia-se este passo de Rui Barbosa em louvor de Machado de Assis:

Não é o clássico da língua; não é o mestre da frase; não é o árbitro das letras;

não é o filósofo do romance; não é o mágico do conto; não é o joalheiro do verso,

o exemplar sem rival entre os contemporâneos, da elegância e da graça, do aticismo e da singeleza no conceber e no dizer; é o que soube viver intensamente a arte,

sem deixar de ser bom.

(R. Barbosa, EDS, 676.)

2.*) Em lugar da vírgula, costuma-se empregar o ponto-e-vírgula antes das conjunções adversativas (mas, porém, todavia, contudo, no entanto, etc.) e das conclusivas

(logo, portanto, por isso, etc.) colocadas no início de uma oração coordenada. Com o alongamento da pausa, acentua-se o sentido adversativo (ou conclusivo) das referidas conjunções.

Comparem-se estes períodos:

Pode a virtude ser perseguida, mas nunca desprezada. Pode a virtude ser perseguida; mas nunca desprezada.

Ele anda muito ocupado, por isso não tem respondido às suas cartas.

Ele anda muito ocupado; por isso não tem respondido às suas cartas.

Em certos casos, o tom enfático aconselha mesmo o uso do ponto em tal posição. É o que ocorre, por exemplo, neste passo de Rui Barbosa:

Qual é a doença reinante? Bubões. Logo, Tarântula cubensis-Porque a mordedura desse aracnódeo gera sintoma de peste. Logo, a previne. Logo, há de curá-la.

634

635

VALOR MELÓDICO DOS SINAIS PAUSAIS

Dissemos que a VÍRGULA, o PONTO e o PONTO-E-VÍRGULA marcam sobretudo e não exclusivamente a pausa. No correr de nosso estudo, ressaltamos até algumas de suas características melódicas.

É o momento de sintetizá-las:

a) o PONTO corresponde sempre à final descendente de um grupo fônico;

b) a VÍRGULA assinala que a voz fica em suspenso, e espera de que o período se complete;

c) o PONTO-E-VÍRGULA denota em geral uma débil inflexão suspensiva, suficiente, no entanto, para indicar que o período não está concluído.

SINAIS QUE MARCAM SOBRETUDO A MELODIA OS DOIS-PONTOS

Os DOIS-PONTOS servem para marcar, na escrita, uma sensível suspensão da voz na melodia de uma frase não concluída. Empregam-se, pois, para anunciar:

1^) uma citação (geralmente depois de verbo ou expressão que signifique dizer, responder, perguntar e sinônimos):

Como ele nada dissesse, o pai perguntou:

Queres ou não queres ir?

(E. Veríssimo, A, III, 675.)

Nenhum pareceu por fim compreender, porque desviou o olhar e atalhou secamente:

Está bem. Vou-te arranjar o aumento. (A. Santos, P, 156.)

Clemente voltou para dizer:

Não enxerguei ninguém, camarada. Era bicho. (F. Namora, NM, 112.)

2) uma enumeração explicativa:

Não fosse ele, outros seriam: pajens, gente de guerra, vadios de estalagens, andejes das estradas. (Coelho Netto, OS, I, 1420.)

3) Temos dezenas de amigos: S. João, S. José, Santo Antônio, o beato João de Brito... mas nenhum deles era estabelecido e nenhum deles tinha conta no banco.

(Sttau

Monteiro, APJ, 13.)

636

À sua volta, tudo lhe parece chorar: as árvores, o capim, os insetos.

(E. Ribas, EMT, 104.)

3) um esclarecimento, uma síntese ou uma consequência do que foi enunciado:

A razão é clara: achava a sua conversação menos insossa que a dos outros homens. (Machado de Assis, OC, II, 495.)

E a felicidade traduz-se por isto: criarem-se hábitos. (A. Abelaira, NC, 154.)

Não era desgosto: era cansaço e vergonha. (Cochat Osório, CV, 178.)

Eu em sua igreja não mando: só assisto e apoio. (S. de Mello Breyner Andresen, CE, 11.)

Observações:

Depois do vocativo que encabeça cartas, requerimentos, ofícios, etc., costuma-se colocar DOIS-PONTOS, VÍRGULA ou PONTO, havendo escritores que, no caso, dispensam qualquer pontuação. Assim:

Prezado senhor: Prezado senhor. Prezado senhor, Prezado senhor
Sendo o vocativo inicial emitido com entoação suspensiva, deve ser acompanhado, preferentemente, de DOIS-PONTOS ou de VÍRGULA, sinais denotadores daquele tipo de inflexão.

O PONTO-DE-INTERROGAÇÃO

1. O sinal que se usa no fim de qualquer interrogação direta, ainda que a pergunta não exija resposta:

Então a coisa sai mesmo?

Se saiu? Já saiu! Não viu os jornais? (O. Veríssimo, A, 1, 253.)

Vão para África, então? O Paulo decidiu-se? (Luandino Vieira, NM, 52.)

Estará surdo? Está a tentar irritar-me? (Sttau Monteiro, AP], 101.)

637

2. Nos casos em que a pergunta envolve dúvida, costuma-se fazer seguir de reticências o ponto-de-interrogação:

Então?... que foi isso?... a comadre?... (Artur Azevedo, CFM, 86.)

Quem está aí?...

(Branquinho da Fonseca, B, 86.)

Enfim, que direi?...

(A. de Assis Júnior, SM, 269.)

3. Nas perguntas que denotam surpresa, ou naquelas que não têm endereço nem resposta, empregam-se por vezes combinados o ponto-de-interrogação e o ponto-de-exclamação:

Não digas isso! O branco... teu homem... vender-te?! (O. Ribas, EMT, 14.)

Ah, a senhora?! Pois entre, a casa é sua... (A. M. Machado, HR, 86.)

Quem é que não conhece Coimbra?!!!

(Branquinho da Fonseca, B, 18.)

Observações:

1.') O ponto-de-interrogação nunca se usa no fim de uma interrogação indireta. Como salientamos no Capítulo 7, a 'interrogação indireta termina com entoação descendente,

exigindo, por isso, um ponto. Comparem-se:

Quem chegou? [= interrogação direta]

Diga-me quem chegou. [= interrogação indireta]

2.') Há escritores que, para acentuar, nos diálogos, a atitude de expectativa de um dos interlocutores, usam reduzir a sua réplica ao ponto-de-interrogação, seguido

às vezes do ponto-de-exclamação.

Esses recursos de pontuação não têm apenas valor linguístico; visam a indicar também a expressão do corpo e do espírito que acompanha e valoriza a pausa linguística.

O PONTO-DE-EXCLAMAÇÃO

1. O sinal que se põe a qualquer enunciado de entoação exclamativa. Mas, como a melodia das exclamações apresenta muitas variedades, o seu valor só pode ser depreendido do contexto. Cabe, pois, ao leitor

638

a tarefa, extremamente delicada, de interpretar a intenção do escritor; de recriar, com apoio em um simples sinal, as diversas possibilidades da inflexão exclamativa

e, em cada caso, escolher dentre elas a mais adequada se se trata de uma expressão de espanto, de surpresa, de alegria, de entusiasmo, de cólera, de dor,

de súplica, ou de outra natureza.

2. Normalmente, emprega-se o ponto-de-exclamação:

a) depois de interjeições ou de termos equivalentes, como os vocati-vos intensivos, as apostrofes:

☞ Credo em cruz! gemeu Raimundo assombrado. (G. Ramos, AOH, 147.)

Que formosura tão de corte, de palácio, de aristocracia! Que pureza e correção de linhas! Que fidalguia de olhar e falar!

(C. Castelo Branco, OS, I, 87.)

☞ Adeus, senhor, adeus!

(O. Ribas, EMT, 16.)

b) depois de um imperativo:

☞ Não vós! Volta, meu filho! Não vós! (O. Veríssimo, A, II, 604.)

Ide, ide de mim!

(F. Pessoa, OP, 166.)

☞ Agarrem!

☞ Gentes, agarrem! agarrem!

(Castro Soromenho, K, 113.)

3. Tão variado como o seu valor melódico é o valor pausai do ponto-de-exclamação. Para acentuar a inflexão da voz e a duração das pausas pedidas por certas formas exclamativas ou para sugerir a música emocional que as acompanha, alguns escritores usam de artifícios semelhantes aos que apontamos no emprego do ponto-de-interrogação.

Costumam, assim:

a) juntar o ponto-de-exclamação ao de interrogação, para obter os efeitos que indicamos. Quando a entoação é predominantemente interrogativa, o ponto-de-interrogação

antecede o de exclamação; quando é mais sensível o tom exclamativo, o de exclamação precede o de interrogação:

Ah! minha Nossa Senhora, para que Felícia veio falar dessas histórias agora de noite!?

(Coelho Netto, OS, I, 926.)

☞ Consentir?! Ele é isso?

(F. Namora, NM, 222.)

639

[f l

sf

A referida combinação costuma ser seguida ou antecedida de reticências, o que lhe acrescenta uma nota de incerteza:

☞ Estes a ver se disfarças?!... (Alves Redol, F, 223.)

☞ Coitada!... quem diria... quem imaginaria que acabaria assim!?!... (A. de Assis Júnior, SM, 52.)

(A. de Assis Júnior, SM, 52.)

b) repetir o ponto-de-exclamação, para marcar um reforço especial na duração, na intensidade ou na altura da voz:

☞ Varo-.os como a cães! . . . Canalhas!!!... Hei de lhes acabar com a manha de andarem atrás de mim! . . . Não sou menino de mama! Carneirada!!!... (Branquinho da Fonseca, B, 86.)

(Branquinho da Fonseca, B, 86.)

Ah! Porfido! Se os teus não lhes respondem mais, para sempre!!!!!!! meus beijos emurchecerão! Triste! Triste da abandonada!...

(M. de Andrade, OL, 162.)

4. Às vezes, encadeiam-se em forma dialogada essas tentativas de notação musical. Veja-se este exemplo de Antônio Nobre:

Enfim, feliz! ☞? ☞! ☞ Desesperado. ☞ Vem! (S, 128.)

AS RETICÊNCIAS

As reticências marcam uma interrupção da frase e, conseqüentemente, a suspensão da sua melodia.

1. Empregam-se em casos muito variados. Assim:

a) para indicar que o narrador ou a personagem interrompe uma ideia que começou a exprimir, e passa a considerações acessórias:

Peca-lhe a sua felicidade, que eu não faço outra coisa. .. Uma vez que você não

pode ser padre, e prefere as leis. . . As leis são belas, sem desfazer na teologia, que é melhor que tudo, como a vida eclesiástica é a mais santa... Por que não há de ir estudar leis fora daqui? (Machado de Assis, OC, I, 757.)

640

li

"Quanto ao seu pai... às vezes penso... Asseguro-lhe que é verdade. Penso que ela se esqueceu de tudo. Que teve uma crise de amnésia e perdeu determinados acontecimentos."

(M. J. de Carvalho, TM, 121.)

b) para marcar suspensões provocadas por hesitação, surpresa, dúvida ou timidez de quem fala:

o Homem, vó-lo... Pensa bem no que vais fazer... é avisou o prior. é A Raquel é boa rapariga... Mas a geração. . . Olha, eu não digo nada. Resolve tu... (M.

Torga,

NCM, 142.)

o Você... tão sozinha... Não lhe ocorre, muitas vezes, que se um homem... Não tem vontade de casar-se... (O. Lins, V, 19.)

o Eu... eu... queria... um agasalho é respondeu soluçando a miserável.

(Graça Aranha, OC, 164.)

c) para assinalar certas inflexões de natureza emocional (de alegria, de tristeza, de cólera, de sarcasmo, etc.):

o Há que tempos eu não chorava! . . . Pois me vieram lágrimas..., devagarinho, como gateando, subiram... tremiam sobre as pestanas, luziam um tempinho... e ainda quentes, no arranco do galope, lá caíam elas na polvadeira da estrada, como um pingo d'água perdido, que nem mosca nem formiga daria com ele!...

(Simões Lopes Neto, CGLS, 128.)

Mógoa de o ter perdido, amor ainda. Ódio por ele? Não... não vale a pena... (F. Espanca, S, 74.)

d) para indicar que a ideia que se pretende exprimir não se completa com o término gramatical da frase, e que deve ser suprida com a imaginação do leitor:

Duas horas te esperei. Duas mais te esperaria. Se gostas de mim não sei... Algum dia há de ser dia...

(F. Pessoa, QGP, n.º 98.)

641

Garoa do meu São Paulo,

o Costureira de malditos é Vem um rico, vem um branco, São sempre brancos e ricos...

(M. de Andrade, PC, 385.)

2. Empregam-se também as RETICÊNCIAS para reproduzir, nos diálogos, não uma suspensão do tom da voz, mas o corte da frase de um personagem pela interferência da

fala de outro:

o A senhora ia dizer que...

o Nada... nada... é atalhou a mulher. (A. M. Machado, HR, 15.)

o Sempre tens vontade de pegar uma fanga?

o Se não tivesse...

o Ias-te embora...

(Alves Redol, F, 276.)

o Isso também conta. As razões...

o Que razões? é cortou José Paulino, bruscamente. (Castro Soromenho, C, 121.)

Se a fala do personagem continua normalmente depois dessa interferência, costuma-se preceder o seguimento de RETICÊNCIAS:

o O que me parece, aventurou o coronel, é que eles vieram ao cheiro dos cobres...

o Decerto.

... e que a tal D. Helena (Deus lhe perdoe!) não estava tão inocente como dizia. (Machado de Assis, OC, II, 866.)

o Eu vi as ondas engolirem-no...

☺ Chega, meu marido. Chega!...

☺ ... ele ainda voltou ☺ tona duas vezes!

☺ Já acabou! Não se pensa mais, João. ☺ ... Eu não queria dizer, para não passar por doido... (A. M. Machado, HR, 247.)

3. Usam-se ainda as RETICÊNCIAS antes de uma palavra ou de uma expressão que se quer realçar:

E as Pedras... essas... pisa-as toda a gente!... (F. Espanca, S, 30.)

E teve um fim que nunca se soube... Pobrezinho... Andaria nos doze anos. Filho único.

(Simões Lopes Neto, CGLS, 225.)

Observações:

1.) Como os outros sinais melódicos, as RETICÊNCIAS têm certo valor pausai, que é mais acentuado quando elas se combinam com outro sinal de pontuação. Duas combinações

são possíveis:

a) Com um sinal pausai (VÍRGULA, ou PONTO-E-VÍRGULA) . Neste caso as RETICÊNCIAS têm apenas valor melódico; a pausa é indicada pela VÍRGULA, ou pelo PONTO-E-VÍRGULA

que as segue:

Passai, ☺ vagas..., mas passai de manso! (Castro Alves, OC, 331.)

☺ ☺ uma dos diabos, ☺...; mas não se acoquie, homem! (Simões Lopes Neto, CGLS. 126.)

b) Com um sinal melódico (PONTO-DE-INTERROGAÇÃO, ou PONTO-DE-EXCLAMAÇÃO, ou os dois conjugados). Neste caso, as RETICÊNCIAS prolongam a duração das inflexões interrogativa

e exclamativa e lhes acrescentam certos matizes particulares, que indicamos ao estudarmos aqueles sinais.

2.) Não se devem confundir RETICÊNCIAS, que têm valor estilístico apreciável, com os três pontos que se empregam, como simples sinal tipográfico, para indicar que foram suprimidas palavras no início, no meio, ou no fim de uma citação.

Modernamente, para evitar qualquer dúvida, tende a generalizar-se o uso de quatro pontos para marcar tais supressões, ficando os três pontos como sinal exclusivo das RETICÊNCIAS.

AS ASPAS

1. Empregam-se principalmente:

a) no início e no fim de uma citação para distingui-la do resto do contexto: Definiu César toda a figura da ambição quando disse aquelas palavras: "Antes o primeiro na aldeia do que o segundo em Roma."

(F. Pessoa, LD, 100.)

O poeta espera a hora da morte e só aspira a que ela "não seja vil, manchada de medo, submissão ou cálculo". (M. Bandeira, PP, II, 1293.)

Ele me contou, com naturalidade, que, algum tempo antes, estivera bem próximo da morte, "acompanhado pela Virgem Maria".

(A. A. Melo Franco, AR, 187.)

642

643

b) para fazer sobressair termos ou expressões, geralmente não peculiares à linguagem normal de quem escreve (estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, vulgarismos,

etc.):

Era melhor que fosse "clown".

(☺. Verossimo, C, 227.)

☺ verdade que desde esses tempos remotos o "senhor" se adoeceu em "sinhô", em "nhonhô", em "ioiô". (G. Freyre, OE, 378.)

c) para acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão:

A palavra "nordeste" é hoje uma palavra desfigurada pela expressão "obras do Nordeste" que quer dizer: "obras contra as secas". E quase não sugere senão as secas.

(G. Freyre, OE, 611.)

Não o meu esse "abstraião". Ao não sensorial chamo eu "formal".

(A. Sérgio, E, VII, 45.)

O "leão espanhol" é a Espanha aspirando a dominar, ou a Império; sem essa significação, a Espanha, ou Castela, são apenas a "grifa".

(F. Pessoa, SP, 153.)

d) para realçar ironicamente uma palavra ou uma expressão:

Está o mundo perdido, até a Judite já tem "arran-jinho"!

(Almada Negreiros, OC, II, 135.)

Muda-se a face deste mundo inteiro, Tudo transformam guerras e procelas: E há sempre um "ela" na conversa deles, E há sempre um "ele" na conversa delas. (D. Andrade,

VEE, 128.)

2. Usam-se também as ASPAS para indicar:

a) a significação de uma 'palavra ou de uma frase, em geral de língua estrangeira:

Comentando largamente a definição de Banville, começa Gide pelos vocábulos "magia" e "sortilégio" (sorcellerie). (M. Bandeira, PP, II, 1275.)

644

No Alentejo jazendo significa "rebanho de gado macho". (Leite de Vasconcelos, LFP, 274.)

b) nos diálogos, a mudança de interlocutor (emprego que em alguns escritores contemporâneos substitui o valor normal do TRAVESSÃO):

"Como vê. Estava à sua espera." "Precisa muito de falar comigo?" "Precisar talvez seja exagero. Muito, nem pensar nisso. Apeteceu-me vê-lo, é mais verdadeiro." "É muito verdadeira?" perguntou ele. "às vezes. é conforme."

(M. J. de Carvalho, TM, 118.)

"Vamos mudar de assunto", eu disse. "Você quer falar de amor?" "É. Quero falar de amor."

(R. Fonseca, C, 79.)

c) o título de uma obra:

Belinha acaba de ler "Elzira, a Morta Virgem". (O. Verossimo, C, 197.)

Jó Velozquez, no século XVII, pintava quadros como as "Hilanderas" e as "Meninas", nos quais ignorantemente se profetizava, com três séculos de antecedência, o atual

aparelho fotográfico.

(Almada Negreiros, OC, V, 91.)

Recebi do Vinícius o livrinho com o "Pátria Minha". (M. Bandeira, PP, II, 1450.)

Observações:

1.) Na escrita, em vez de isolarmos por aspas tais dizeres, costumamos sublinhá-los. Nas obras impressas os elementos sublinhados vêm em tipo diverso, preferentemente

em itálico (ou grifo).

2.) No emprego das aspas, cumpre atender a estes preceitos, aprovados nos acordos ortográficos luso-brasileiros: "Quando a pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva nota fica abrangida por elas."

645

J

OS PARÊNTESES

1. Empregam-se os PARÊNTESES para intercalar num texto qualquer indicação acessória. Seja, por exemplo:

a) uma explicação dada ou uma circunstância mencionada incidentemente:

Conseguia controlar a bola que me passavam (quando passavam) jogando em geral (quando deixavam) na ponta direita, por ser pequenino mas veloz. (F. Sabino, ME, 145.)

o ló (no café) que se encontra a estalajadeira. (J. Cardoso Pires, D, 51.)

b) uma reflexão, um comentário o margem do que se afirma:

Mais uma vez (tinha consciência disso) decidia o seu destino.

(A. Alcântara Machado, NP, 151.)

A minha guerra, como a dos que tinham partido (se o que tinham), começava agora.

(J. de Sena, SF, 295.)

c) uma nota emocional, expressa geralmente em forma exclamativa ou interrogativa:

Mais nada. Boas-Noites. Fecha a porta: (Que linda noite! os cravos vão abrir...

Faz tanto frio!) Apaga a luz! (Que importa? A roupa chega para me cobrir...) (A. Nobre, S, 172.)

Havia a escola, que era azul e tinha Um mestre mau, de assustador pigarro.; . (Meu Deus! que o isto? que emoção a minha Quando estas coisas tão singelas narro?) (B. Lopes, H, 65.)

No perfil da lua, um nimbo mortal. (Mas quem ló na nóva o amargo sinal?)

(C. Meireles, OP, 796.)

646

Observações:

Entre as explicações e as circunstâncias acessórias que costumam ser escritas entre PARÊNTESES, incluem-se:

a) referências a datas, a indicações bibliográficas, etc.:

"Boa noite, Maria! Eu vou-me embora."

(Castro Alves. Espumas fluctuantes. Poesias. Bahia, 1870, p. 71.)

b) a citação textual de uma palavra ou frase traduzida:

Parece que o duunvirato jurisdicional (duunviri ou quatuorviri juridicundo), já muito cerceada a sua jurisdição nos últimos tempos do império, deixou de existir.

(S. da Silva Neto, HLP, 319.)

c) as indicações cónicas (numa peça de teatro):

. 1.* JOVEM o Como te chamas? PASTORINHO o (Sorridente.) Prometeu. 1o JOVEM o E aquela voz que se ouve? PASTORINHO o o meu pai (Ri.) 2.' JOVEM o E como se chama teu pai? PASTORINHO o (Dando uma gargalhada.) Prometeu. (Almada Negreiros, OC, III, 239.)

2. Usam-se também os parênteses para isolar orações intercaladas com verbos declarativos:

Quem os (lhe perguntei com grande abalo) Fantasma a quem odeio e a quem amo? (A. de Quental, SC, 79.)

Uma vez (contavam) a polícia tinha conseguido deitar a mão nele.

(Autran Dourado, RB, 196.)

o que se faz mais frequentemente por meio de vírgulas ou de travessões.

Observações:

A posição dos parênteses com referência aos sinais pausais obedece o seguinte norma: "Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo

sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses; mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação"

(Formulário Ortográfico oficial brasileiro).

647

OS COLCHETES

Os COLCHETES são uma variedade de PARÊNTESES, mas de uso restrito. Empregam-se:

a) quando, numa transcrição de texto alheio, o autor intercala observações

próprias, como nesta nota de Sousa da Silveira a um passo de Casi-miro de Abreu:

Entenda-se, pois: "Obrigado! obrigado [pelo teu canto em que] tu respondes [o minha pergunta sobre o porvir (versos 11-12) e me acenas para o futuro (versos 14 e

85), embora o que eu percebo no horizonte me pareça apenas uma nuvem (verso 15)]." (C. de Abreu, O, 374.)

b) quando se quer isolar uma construção internamente já separada por PARÊNTESES, o

semelhança do que ocorre com os segundos COLCHETES do exemplo anterior;
c) quando se deseja incluir, numa referência bibliográfica, indicação que não conste da obra citada, como neste exemplo:

Dom Casmurro. Por Machado de Assis, da Academia Brasileira. H. Garnier, Livreiro-Editor nº 71, Rua Moreira César, 71, Rio de Janeiro nº 6, Rue des Saints-Pères, 6 nº Paris [1899].

Observação:

O uso dos COLCHETES é frequente nos trabalhos de linguística e de filologia. Como dissemos no Capítulo 3, coloca-se entre COLCHETES uma palavra transcrita foneticamente.

Por exemplo:

mundo [mõdu] fugir [fu'3õr]

Também entre COLCHETES se colocam, nas edições críticas, os elementos que devem ser introduzidos no texto, encerrando-se entre PARÊNTESES os que dele devem ser eliminados.

O TRAVESSÃO

Emprega-se principalmente em dois casos:

1º) Para indicar, nos diálogos, a mudança de interlocutor:

Ele não quer responder.

Mas por quê?

Diz que não está autorizado...

(O. Veríssimo, A, I, 434.)

648

Quem é o seu tabelião, Domasó?

O Nunes, na Rua do Ouro... Por quê?

Oh! nada.

(Eça de Queirós, O, II, 388.)

2º) Para isolar, num contexto, palavras ou frases. Neste caso, em que desempenha função análoga à dos parênteses, usa-se geralmente o TRAVESSÃO DUPLA:

Acho e retomou o discurso que já assustamos demais o nosso jovem amigo.

(J. de Sena, G-C, 179.)

Abel, sem responder, sem voltar-se para mim, cinge mais forte e não sem brandura os meus dedos. (O. Lins, A, 64-65.)

Mas não é raro o emprego de um só TRAVESSÃO para destacar, enfaticamente, a parte final de um enunciado:

Porque do português, pai de amplos mares, Querer, poder só isto: O inteiro mar, ou a orla vã desfeita O todo, ou o seu nada.

(F. Pessoa, OP, 12.)

Um povo é tanto mais elevado quanto mais se interessa pelas coisas inúteis e a filosofia e a arte. (G. Amado, TL, 16.)

Observações:

1.*) Às vezes, para dar maior realce a uma conclusão, que representa a síntese do que se vinha dizendo, usa-se o TRAVESSÃO SIMPLES em lugar dos DOIS PONTOS:

Deixai-me chorar mais e beber mais, Perseguir doidamente os meus ideais, E ter fé e sonhar e encher a alma. (C. Pessanha, C. 40.)

No exemplo de Fernando Pessoa, atrás citado, o TRAVESSÃO SIMPLES tem o mesmo valor. Mas a ênfase do seu emprego é especialmente aconselhável por mostrar que o elemento

final conclusivo faz parte de uma construção mais ampla, já antecedida de DOIS-PONTOS.

2.) Emprega-se o travessão, e não o hífen, para ligar palavras ou grupos de palavras que se encadeiam em sintagmas do tipo: A viagem Rio-Lisboa; o percurso Paris-Londres.

649

22

NOTAS DE VERSIFICAÇÃO

I. ESTRUTURA DO VERSO RITMO E VERSO

1. Examinemos estes versos do poeta Cruz e Sousa:

Vai, Peregrino do caminho santo, Faz da tu'alma lâmpada do cego, Iluminando, pego sobre pego, As invisíveis amplidões do Pranto.

Verificamos que as sílabas tônicas, marcadas com negrita, se repetem depois de uma, duas ou três sílabas tônicas. Esta sucessão de sílabas fortes e fracas, com intervalos

regulares, ou não muito espaçados (para que a reiteração possa ser esperada e sentida pelo nosso ouvido), é uma fonte de prazer a que chamamos RITMO.1

2. A contiguidade de sílabas tônicas prejudica o RITMO e, consequentemente, desagrada ao ouvido. Por isso, a sílaba anterior é última tónica é necessariamente tónica.

Tão forte é esta exigência rítmica que, mesmo sendo tónica no vocábulo isolado, ela se atonifica pela posição. Por exemplo, nestes dissílabos de Casimiro de Abreu:

Tu ontem Na dança, Que cansa, Voavas...

o pronome tu, monossílabo tónico, sofre uma deflexão de pronúncia, no primeiro verso, por ser obrigatoriamente acentuado, como sílaba final do verso, o -ê de ontem,

que lhe está contíguo.

1 Esta definição que apresentamos tem finalidade meramente didática. Uma análise crítica das diversas conceituações de RITMO pode ver-se na recente e importante obra de Henri Meschonnic: Critique du rythme: anthropologie historique du langage. Paris, Verdier, 1982, com rica bibliografia.

630

3. O RITMO é o elemento essencial do VERSO, pois este se caracteriza, em última análise, por ser o período rítmico que se agrupa em séries numa composição poética.

Quando tais períodos rítmicos apresentam o mesmo número de sílabas em todo o poema, a versificação diz-se REGULAR. Se não há igualdade silábica entre eles, a versificação

é IRREGULAR ou LIVRE.

OS LIMITES DO VERSO

1. A forma do verso é determinada pela combinação de sílabas, acentos e pausas, contando-se as suas sílabas até a última acentuada. Assim, têm igualmente dez sílabas

métricas os seguintes versos de Augusto dos Anjos:

A es	ca	Ia	dos	Ia	ti	dos	an	
côs	trais							
No	tem	pê	de	meu	Pai,	sob	es	
tes	ça	lhos						
Sob	a	for	ma	de	mi	ni	mas	
ca	môn	dulas						
1	2	3	4	5	6	7	8	9
10								

porque não se leva em conta a tónica final da palavra galhos, nem tampouco as duas finais da palavra camândulas.1

2. O número de unidades silábicas que se contém num verso, desde o seu início até a última sílaba tónica, é indicado por compostos gregos em que entra a forma do numeral seguida do elemento -sílaba: MONOSSÍLABO, DISSÍLABO, TRISSÍLABO, TETRASSÍLABO, PENTASSÍLABO, HEXASSÍLABO, HEPTASSÍLABO, OCTOSSÍLABO, ENEASSÍLABO, DECASSÍLABO, HENDECASSÍLABO C DODECASSÍLABO.

Vejamos agora como se contam estas unidades silábicas.

AS LIGAÇÕES RÍTMICAS

A melodia do verso exige que as palavras venham ligadas umas às outras mais estreitamente do que na prosa.

1 Este sistema de escandir o verso até o último acento tónico, segundo o modelo francês, foi introduzido em Portugal no século XVIII por Miguel do Couto Guerreiro

(Tratado de versificação portuguesa. Lisboa, Francisco Luiz Ameno, 1784, p. 6-7), mas só se vulgarizou em nossa métrica pelo enorme prestígio de António Feliciano de Castilho, que o acolheu no seu Tratado de metrificacão portuguesa. Lisboa, Imprensa Nacional, 1851. Anteriormente, contavam-se os versos portugueses, semelhantes

dos espanhóis e italianos, com base no verso grave, ou seja, considerando sempre no cómputo a existência de uma sílaba tónica depois da última tónica.

651

SINALEFA, ELISÃO E CRASE

Comparemos estes versos de Olavo Bilac, todos com dez sílabas métricas:

Che	guei.	Che	gos	te.	Vi	nhos
E	tris	te, e	tris	te e	fa	ti
Ti	nhos	a ai	ma	de	s	hhos
E a ai	ma	de	s	nhos	p	vo
1	2	3	4	5	6	7
fa ga p						
ti	ga	(da)				
do eu	vi	(nh.)				
vo	a	(da,)				
da eu	ti	(nh...)				
9	10					

Verificamos que no primeiro haver sempre, de qualquer forma que o leiamos, dez sílabas até a última tónica. Nele a fronteira das sílabas é coincidente, seja numa

leitura pausada ou acelerada, seja na prosa ou no verso, seja, enfim, numa emissão isolada das palavras, se abandonarmos a última sílaba tónica.

Já não sucede o mesmo com os três outros versos, que só atingem aquela medida pela leitura numa só sílaba da vogal final de uma palavra com a vogal inicial da palavra

seguinte. Assim:

a) no segundo verso, temos de juntar numa só emissão de voz o e final de triste e a vogal da conjunção aditiva (duas vezes), bem como o o de fatigado e o ditongo do pronome eu;

b) no terceiro verso, ligamos o artigo a à vogal inicial de alma;

c) no quarto, finalmente, fundimos numa só sílaba as vogais da conjunção e, do artigo a, e a inicial do substantivo alma; e, também, a vogal final do adjetivo povoada

e o ditongo constituído pelo pronome eu.

Na leitura destes versos, sentimos que há três soluções para obtermos a contração numa sílaba de duas- ou mais vogais em contacto:

1?) A primeira vogal pode perder a sua autonomia silábica e tornar-se uma semivogal, que passa a formar ditongo com a vogal seguinte. É o que se observa, por exemplo,

na pronúncia:

fa/ti/ga/dwew/[=: fatigado eu]

Dizemos que, neste caso, há SINALEFA.

2*) A primeira vogal pode desaparecer na pronúncia diante de uma vogal de natureza diversa. Por exemplo, na pronúncia:

fa/ti/ga/dew/[=: fatigada en]

652

A este fenómeno 'chamamos ELISÃO.

3?) A primeira vogal pode ser igual à seguinte e com ela fundir-se numa só. É o que se dá, por exemplo, com a emissão:

Ti/nhas/al/ma/ |= Tinha a ;ilma| Neste caso, verifica-se o que denominamos CRASE.

ECLIPSE

Examinamos até aqui encontros vocálicos intervocábulares em que a primeira vogal é ORAL. Mas pode ocorrer que ela seja NASAL; e, neste caso, a regra é manter-se a autonomia silábica, isto é, o HIATO das vogais em contacto.

Há, porém, certos encontros de vogal nasal com vogal (oral ou nasal) que na própria língua corrente costumam ser resolvidos em DITONGO, ou mesmo em CRASE. O que

se observa, por exemplo, em ligações como co'a, c'a, c'o (= com a, com o), que a própria ortografia oficial admite que se escreva sem apóstrofo, com os elementos totalmente aglutinados (coa, ca, co). A esta fusão vocálica, facilitada pela perda da ressonância nasal da primeira vogal, deu-se o nome de ECTLIPSE.

De acordo com as necessidades métricas, os nossos poetas tom-se servido das duas soluções que a língua lhes oferece no particular: a conservação das duas vogais em sílabas distintas, ou a fusão delas, numa só sílaba. Leiam-se, a propósito, estes versos de Casimiro de Abreu, todos de sete sílabas métricas:

Tudo muda com os anos: A dor é em doce saudade, Na velhice é a mocidade, A crença é nos desenganos!

No primeiro, temos o encontro com os pronunciado em duas sílabas. Já nos seguintes versos do mesmo poeta, também de sete sílabas, por duas vezes deu-se a ECTLIPSE no encontro com as (co'as):

é Jesus! Como eras bonita, Co'as tranças presas na fita, Co'as flores no samburó!
Observações:

1.*) Como nos mostram os exemplos citados, para que um encontro vocálico intervocabular possa ser pronunciado em uma só sílaba, é necessário que a sua primeira

653
meia vogal seja tónica, ou capaz de atonificar-se pela próclise. Sendo tónica, a solução normal é o hiato com a vogal seguinte, seja esta tónica ou tona.

2.') Os termos SINALEFA e ELISÃO costumam ser empregados como sinónimos. É, porém, de toda a conveniência aplicá-los distintamente, como fazem os modernos estudiosos

da versificação românica.

O HIATO INTERVOCABULAR

Desde os tempos antigos, os poetas têm procurado evitar o HIATO de vogais pertencentes a palavras distintas, encontro que os compêndios de métrica, invariavelmente,

consideram um defeito grave no verso, por torná-lo frouxo. Cabe, no entanto, ponderar que nesta, como em outras questões, não se devem estabelecer normas de rigor

absoluto, pois nem sempre o poeta querê ceder é forma o pensamento e, em certos casos, o HIATO INTERVOCABULAR pode ser não um defeito, mas um recurso de alta expressividade

para realçar determinada palavra, ou para nos obrigar a emitir o verso num tom pausado. Em alguns poetas torna-se até condenável o excessivo escrupulo em evitá-lo.

É o que se observa, por exemplo, na obra de Hermes Fontes, de méritos inegáveis, mas por vezes artificial. Citemos, a propósito, este seu dodecassílabo:

Luz é saúde, e treva é incerteza, é ansia, é doença é

em que, contra a realidade idiomática, temos de emitir numa só sílaba as vogais marcadas com negrita (-a é on-).

Ora, quando num encontro concorrem duas vogais tónicas, elas não podem fundir-se numa sílaba nem no verso, nem na prosa. Mesmo se houver um enfraquecimento relativo

da primeira vogal, como notamos no dis-sílabo de Casimiro de Abreu:

Tu / on / (tem),

tal enfraquecimento não evitará, normalmente, a separação silábica das vogais.

Excluindo-se, porém, este caso em que o HIATO é inevitável, e outros excepcionais, em que ele vale como recurso de estilo, pode-se afirmar que, desde o século XVI, os poetas da língua manifestaram uma decidida e definitiva opção por solucionarem com SINALEFA ou ELISÃO os encontros vocálicos intervocabulares, a fim de conseguir

para os seus versos uma estrutura mais contínua, mais fluente, mais plástica.1

1 Sobre o HIATO, a SINALEFA e a ELISÃO na métrica medieval e renascentista,

consulte-se Celso Ferreira da Cunha. Estudos de versificação portuguesa (séculos XIII a XVI). Paris, Centro Cultural Português, 1982, p. 1-168 e 273-319.

654

A MEDIDA DAS PALAVRAS

Relativamente à contagem das sílabas no interior das palavras, temos de considerar, em primeiro plano, os fatores de ordem gramatical. Como nos ensina a gramática, também no verso os DITONGOS e os TRI-TONGOS se contam em uma sílaba e as vogais em HIATO, em sílabas diferentes. Assim, nestes hendecassílabos

de Castro Alves:

A	tar	de	mor	ri	a!	dos	rô
môs,	das	Ias	(côs,)				
Das	pô	dras,	do	H	quen,	das	he
rôs,	dos	car	(dos,)				
As	tre	vôs	rôs	tei	rôs	com o	ven
tre	por	ter	(rô)				
Sô	ô	am	quais	ne	gros,	cru	ôis
lô	o	par	(dos.)				
1	2	3	4	5	6	7	8
10	11						

a palavra rasteiras conta-se em três sílabas e quais, em uma. Esse número de sílabas elas o terão igualmente na prosa, ou, mesmo, se tomadas isoladamente. O DITONGO

[ejj], que se contém na primeira, e o TRITONGO [waj], que apresenta a segunda, são, pois, as pronúncias normais desses encontros vocálicos em todas as formas da língua.

Por outro lado, as palavras morria e saíam, em que há os HIATOS /i-a/ e /a-ô-a/, serão sempre emitidas em três sílabas, não importando o tipo de enunciado no qual apareçam.

SINCRESE

Nas palavras que acabamos de examinar há perfeita coincidência da sílaba gramatical com a sílaba métrica. Mas esta concordância pode não existir, porque, em certas condições, o verso permite a criação de novos DITONGOS, ou melhor, admite que se ditonguem vogais que, na pronúncia normal, formam HIATO.

Por exemplo, palavras como povoado e magoado são tetrassílabos na língua corrente, já que apresentam o encontro -oô-, pronunciado de regra com as vogais em HIATO. Também no verso costumam ser assim emitidas, como nos mostram estes decassílabos de Olavo Bilac:

Ti	nhôs	a ai	ma	de	sô	nhos	pô
vo	a	(da,)					
E a ai	ma	de	sô	nhos	pô	vo	a
da eu	ti	(nhô...)					
1	2	3	4	5	6	7	8
10							9

655

e este heptassílabo de Augusto Gil:

Tio							
l							
ma	2						
do,	5	tio	6	lin	7		
(do)							

Não é raro, porém, o emprego destas palavras no verso como trissílabos, com a transformação do HIATO /o-a/ (= /u-a/) no DITONGO [wa]. Compare-se ao -que citamos

anteriormente este heptassílabo de Augusto Gil:

Mas l

seu 3
lhar 5
goa 7
(do)

Ambos aparecem ató na mesma estrofe:

Gordo, nódio, bem trajado, Deveria ser feliz, Deveria estar sorrindo; Mas o seu olhar magoado, Tóo magoado, tóo lindo, Que não o ó, bem no diz...

Esta passagem de um hiato a ditongo, por exigência métrica, chama-se SINOSE.

DIÓRESE

Menos frequente do que a SINOSE é o fenómeno inverso, ou seja, a transformação de um DITONGO normal em HIATO. A esse alongamento silábico dá-se o nome de DIÓRESE.

Exemplifiquemos:

Na língua viva de nossos dias a palavra saudade é um trissílabo (sau-da-de), e como tal se emprega comumente quer na versificação erudita, quer na versificação popular.

Mas, vez por outra, ainda aparece usada no verso com a antiga pronúncia tetrassilábica (sa-u-da-de). Citem-se, a propósito, estes heptassílabos de duas conhecidas quadrinhas:

Eu não quero, nem brincando, Dizer adeus a ninguém: Quem parte, leva saudades, Quem fica, saudades tem.

A ausência tem uma filha, Que se chama saudade: Eu sustento mãe e filha. Bem contra minha vontade.

656

Na primeira, por duas vezes, temos a palavra em sua enunciação normal, trissílabo. Na segunda, empregada com DIÓRESE, devemos emití-la em quatro sílabas: sa-u-da-de. CRASE, AFÓRESE, SINCOPE E APÓCOPE

Além dos que estudamos, outros processos têm sido utilizados por nossos poetas para reduzir ou ampliar o número de sílabas de uma palavra, segundo as necessidades

métricas. Entre os processos de redução vocabular, devem ser conhecidos:

1º) A CRASE, ou seja, a fusão de duas vogais idênticas numa só, o que ocorre, por exemplo, com os dois -a- contíguos de Saara neste decassílabo de Castro Alves:

(da) 29) A AFÓRESE, ou seja, a supressão de sons no início da palavra. É o caso do emprego da forma 'stamos por estamos neste decassílabo de Castro Alves:

Quan 1 do eu 2 pós 3 só 4 no 5 Saa 6 ró
a 7 mor 8 ta 9 lha 10

'Sta 1

mós 2

em 3

pie

4

no 5

mar... 6 Do 7 fir 8 ma 9 men 10

(to)

Es 1 p'ran 2 óas 3 ai 4 tas... 5 Ei-6

Ias 7 jó 8 tóo 9 ró 10

3*) A SINCOPE, ou seja a supressão de sons no meio da palavra, o que sucede na pronúncia es p'r ancas por esperanças neste decassílabo de Casimira de Abreu:

(sôs) 4) A APÓCOPE, ou seja, a supressão de sons no fim da palavra. Sirva de exemplo o emprego de mormor pela forma mormore neste decassílabo de Castro Alves:

(ró)

Observação: Estes processos de redução silábica, muito do agrado dos poetas românticos, caíram

em desuso com o parnasianismo.

657

Ar 1 tis 2 ta 3 cor 4 ta o 5 mar 6 mor
7 de 8 Car 9 r 10

A CESURA E A PAUSA FINAL

1. O período rítmico formado pelo verso termina sempre numa PAUSA, que o delimita. Esta PAUSA pode consistir numa interrupção mais ou menos longa da cadeia falada, conforme assinala o final de verso, de estrofe, ou do próprio poema, caso em que é absoluta. Pode ser ela brevíssima, ou, mesmo, não passar de um simples abaixamento

da voz. nos pontos de separação dos versos, mas não pode faltar. Omiti-la é retirar o sinal determinador da extensão e unidade dos períodos rítmicos em que se estrutura o poema.

2. A CESURA é um descanso da voz no interior do verso. Ocorre principalmente nos versos longos, que ficam por ela divididos em GRUPOS FENÍCOS, como dissemos no Capítulo 7.

Comparem-se estes exemplos de Olavo Bilac:

Ceguei. // Chegaste. // Vinhas fatigada ..

E um dia assim! // de um sol assim! // E assim a
[esfera..

Despencando os rosais, // sacudindo o arvoredoo..

Quando o verso apresenta apenas uma CESURA, os dois GRUPOS FENÍCOS por ela formados recebem o nome de HEMISTÍQUIOS (= metades do verso), embora nem sempre contenham

o mesmo número de sílabas.

Vejam-se estes exemplos de Alphonsus de Guimaraes:

E os arcanjos dirão // no azul ao vê-la,

Pensando em mim: // "Por que não vieram juntos?"

Acentue-se, ainda, que, ao contrário da PAUSA FINAL do verso, a CESURA que recaia entre duas vogais não impede que elas se ditonguem ou, até, se fundam pela crase.

Compare-se este decassílabo de Camilo Pessanha:

E um lenço bordado... // Esse hei de o levar...

1 Sobre a diferença entre a PAUSA é "elemento essencial, determinador da extensão e unidade do verso", que impede "a sinalefa e permite que versos e hemistíquios terminem com final grave, aguda ou esdrúxula" é a CESURA, "breve descanso" que "repugna o hiato", "aceita a sinalefa" e "não admite adição nem supressão alguma que afete o número de sílabas", veja-se Tomás Navarro Tomás. Métrica española- New York, Syracuse University, 1956, p. 14.

638

que temos de ler com sinalefa do -o de bordado e o E- de Esse; e o segundo destes outros, do mesmo poeta, em que apesar de recair a CESURA entre oiro e o, a emissão

se faz com a crase dos dois oo:

Muda outra vez: // gorjeios estribilhos

Dum clarim de oiro // o cheiro de junquinhos,

Vívido e agro! // tocando a alvorada...

CAVALGAMENTO (ENJAMBEMENT)

1. Dissemos que o verso finaliza sempre com uma pausa ou com uma deflexão da voz que, ainda que breve, deve ser suficientemente percebida como o sinal característico

do término de um período rítmico.

Geralmente a pausa final do verso coincide com uma pausa existente, ou possível, na estrutura sintática. é o que observamos nestes decassílabos do soneto Nel mezzo

dei cammin..., de Olavo Bilac:

Ceguei. Chegaste. Vinhas fatigada/

E triste, e triste e fatigado eu vinha./

Tinhas a alma de sonhos povoada,
E a alma de sonhos povoada eu tinha.../

2. Não raro, no entanto, os poetas servem-se de um recurso estilístico, de alto efeito quando usado comedido, recurso este que consiste em terminar o verso em discordância flagrante com a sintaxe, pela separação de palavras estreitamente unidas num grupo fônico. As palavras deslocadas para o verso seguinte adquirem, com isso, um realce extraordinário, como vemos neste passo do mesmo soneto de Bilac:

E paramos de súbito na estrada Da vida: longos anos, presa à minha A toa mão, a vista deslumbrada Tive da luz que teu olhar continha.

A esta bipartição do grupo fônico pela suspensão inesperada da voz em seu interior e pelo relevo do segundo elemento, ansiosamente esperado pelo ouvinte, dá-se o nome de CAVALGAMENTO ou, na designação francesa, ENJAMBEMENT.

O CAVALGAMENTO E A PAUSA FINAL

1. Em geral, nossos compêndios de versificação aconselham que, nos casos de CAVALGAMENTO, a leitura do verso se faça com a supressão da

659
pausa final e, conseqüentemente, com o prolongamento do enunciado até a primeira depressão da voz no interior do verso seguinte.

Esta forma de ler o verso que cavalga altera-lhe substancialmente o ritmo e modifica a figura tonal do poema. Nos poemas de versificação irregular, será apenas uma

outra maneira de dispor a irregularidade de versos que já são flutuantes. Mas, naqueles estruturados com versos regulares, provoca uma mudança rítmica essencial,

ou seja, a quebra da própria regularidade. Assim, o soneto de Olavo Bilac atrás mencionado não mais será uma sequência de quatorze decassílabos, se lermos numa emissão

contínua até a parte conclusiva o verso:

E paramos de súbito na estrada Da vida:

o qual passará a ter treze sílabas métricas:

E 1 p 2 r 3 m 4 de 5 s 6 bi 7
to 8 na es 9 tra 10 da 11 da 12 vi 13
(da)

2. A propósito, escreve Maurice Grammont: "Não é exato que o ENJAMBEMENT suprima, como dizem alguns, a pausa do fim do verso, nem que ele suprima ou mesmo enfraqueça

o último acento rítmico do verso; longe disso, a pausa final do verso que cavalga é tão nítida e tão longa como as outras, e o seu último acento rítmico é também forte. Tudo se reduz ao seguinte: enquanto nos versos comuns abaixamos a voz no fim de cada verso, deixamo-la interrompida e suspensa no fim daqueles que cavalgam.

Daí resulta um aguçamento da atenção do auditor, que fica em ansiosa expectativa durante a pausa. E, como a voz não abaixou, ela deve, na parte excedente, aumentar

de intensidade ou mudar de entoação".1

Desse fato decorre também que o CAVALGAMENTO, para surtir o efeito desejado, deve ter a parte conclusiva curta e constituída de palavra ou expressão de grande valor

significativo. -'

1 Petit traité de versification française, 3. ed. Paris, Armand Colin, 1916, p. 92-93. O eminente foneticista desenvolve melhor sua interpretação do cavalgamento em Le vers (français. Ses moyens d'expression. Son harmonie, 2. ed. Paris, Champion, 1913, p. 33-58. Importante estudo sobre o assunto, e com interesse maior para

a versificação portuguesa, e a Estructura dei encabalgamiento en Ia métrica española (Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1964), de

Antônio

Quilis. que, em muitos pontos, contradiz Grammont.

1 Na métrica francesa chama-se REJET as palavras do grupo fônico deslocadas para o verso seguinte. No exemplo de Olavo Bilac: as expressões Da vida e A tua mão. Em português, não há uma denominação tradicional para este segmento complementar. Manuel Saíd Ali, na sua Versificação portuguesa (Rio de Janeiro, MEC/INL, 1949, p. 23), propôs chamar-lhe PARTE EXCEDENTE, ou só EXCEDENTE, o que nos parece melhor.

660

TIPOS DE VERSO OS VERSOS TRADICIONAIS

Embora não faltem exemplos de versos de treze e mais sílabas desde a poesia dos trovadores galego-portugueses, podemos considerar o dodecassílabo o verso mais longo

normalmente empregado pelos poetas da língua antes da eclosão dos movimentos modernistas em Portugal e no Brasil.

MONOSSÍLABOS

Os versos de uma sílaba são de uso raro. Geralmente aparecem combinados com outros maiores para obtenção de certos efeitos sonoros.

De Cassiano Ricardo são estes MONOSSÍLABOS, agrupados em dísticos:

Rua

torta.

Lua morta.

Tua porta.

DISSÍLABOS

Como os MONOSSÍLABOS, os versos de duas sílabas não são frequentes. Também se empregam, de regra, em estrofes polimétricas para obtenção de efeitos expressivos.

Com DISSÍLABOS compôs Casimiro de Abreu o seu harmonioso poema A valsa:

Quem dera Que sintas As dores De amores Que louco Senti!

Quem dera Que sintas!...

• Não negues, Não mintas...

• Eu vi!...

661

TRISSÍLABOS

Com versos de três sílabas os -fizeram alguns poemas nas literaturas de língua portuguesa, mas os TRISSÍLABOS costumam ser mais usados em estrofes compostas, geralmente

combinados com HEPTASSÍLABOS, como neste passo de Mimosas e bela, de Gonçalves Dias:

Assim murcha a sensitiva,

Sempre viva,

Sempre esquiva, Assim perde o colorido Por um toque irrefletido,

Mal sentido...

Além do acento principal na 3ª sílaba, podem os TRISSÍLABOS apresentar ou não um acento secundário na 1ª sílaba:

Sempre viva... Que padece...

TETRASSÍLABOS

Podem apresentar três cadências, que documentamos -com versos do poema A lua, de Antônio Botto:

a) acentuação na 2ª e na 4ª sílaba (mais comum j: Na noite negra

b) acentuação na 1ª e na 4ª sílaba: Gente perdida

c) acentuação apenas na 4ª sílaba: Nos corações

Como verso auxiliar, o TETRASSÍLABO é usado de preferência em combinação com o HEPTASSÍLABO e com o DECASSÍLABO. Vejam-se estes exemplos de Gonçalves Dias:

• Leda ao ver-me parecia,

• Era boa e me sorria...

• Que riso o seu!

Tão belo o nosso amor! • foi só de um dia

Como uma flor! Oh! que bem cedo o talismão quedaste

Do nosso amor!

662

PENTASSÍLABOS

Desde a época trovadoresca, o PENTASSÍLABO, ou verso de REDONDI-LHA MENOR, tem sido usado nas quatro cadências possíveis no idioma, aqui documentadas com versos de João de Deus:

a) acentuação na 2ª e na 5ª sílaba (mais comum): Bonina do vale

b) acentuação na 1ª, na 3ª e na 5ª sílaba: Luz dos olhos meus!

c) acentuação na 3ª e na 5ª sílaba:

Ao romper da aurora (") acentuação na 1ª e na 5ª sílaba:

Porola do mar

HEXASSÍLABOS

O verso de seis sílabas teve certa voga na poesia trovadoresca. Depois caiu em desuso, para ressurgir no século XVI em combinações com o DECASSÍLABO HERÓICO, razão

por que também se denomina HERÓICO QUEBRADO. Readquiriu posteriormente sua autonomia e, hoje, tem largo emprego entre nossos poetas.

Pode apresentar as seguintes cadências, que documentamos com versos do poema Perguntas, de Carlos Drummond de Andrade:

a) acentuação na 2ª, na 4ª e na 6ª sílaba: Ou desse mesmo enigma

b) acentuação na 2ª e na 6ª sílaba: Propícios a naufrágio

c) acentuação na 4ª e na 6ª sílaba: De me inclinar aflito

d) acentuação na 1ª, na 4ª e na 6ª sílaba:

Desse calado irreal

663

e) acentuação na 1ª, na 3ª e na 6ª sílaba:

Magras reses, caminhos (/) acentuação na 3ª e na 6ª sílaba:

Do primeiro retraio

HEPTASSÍLABOS

O verso de sete sílabas ou de REDONDILHA MAIOR foi sempre o verso popular, por excelência, das literaturas de língua portuguesa e espanhola. Verso básico da poesia

popular, desde os trovadores medievais aos modernos cantadores do Nordeste brasileiro, o HEPTASSÍLABO nunca foi desprezado pelos poetas cultos, que dele se serviram

por vezes em poemas de alta indagação filosófica.

O HEPTASSÍLABO é usado em oito movimentos rítmicos, que passamos a documentar com exemplos colhidos na obra de José Régio:

a) ritmo alternante de sílaba forte e fraca, ou seja, acentuação na 1ª, na 3ª, na 5ª e na 7ª sílaba:

Velha, grande, tosca e bela.

b) variante do tipo anterior, com falta de acentuação na 1ª sílaba: O luar no mar espria

c) variante do primeiro tipo, sem acentuação na 5ª sílaba: Sinto os olhos a turvar

d) variante também do primeiro tipo, sem acentuação na 1ª e na 5ª sílaba:

Na amurada dum veleiro

e) acentuação na 4ª e na 7ª sílaba:

Que me diria, afinal, (/) variante do tipo precedente, com acentuação também na 2ª sílaba:

Nas negras noites de inverno

664

g) variante do tipo e, com acentuação também na 1ª sílaba:

Choupos transidos de moga h) acentuação na 2ª, na 5ª e na 7ª sílaba:

Da banda de ló do rio

A outra cadência possível dentro das peculiaridades fonéticas do idioma é o HEPTASSÍLABO com acentuação na 1ª, na 5ª e na 7ª sílaba, por sua raridade, não deve

agradar ao ouvido dos poetas. Veja-se este exemplo, colhido num poema de Cecília Meireles:

Sobre o comprimento do ar

OCTOSSÍLABOS

O OCTOSSÍLABO foi um dos versos mais usados pelos trovadores galego-portugueses, principalmente nas cantigas de caráter cortês. Importado da poesia narrativa e didática do Norte e do Sul da França, onde apresentava de regra acento interno na 4ª sílaba, conservou na Península predominantemente esta forma.

Com o declínio da poesia trovadoresca, o OCTOSSÍLABO caiu em desuso, tendo reaparecido em nossa literatura no século passado, novamente por influência francesa,

em cuja versificação desempenha, como verso leve, o papel do nosso HEPTASSÍLABO.

Eis os seus movimentos rítmicos, documentados na prática de Alphon-sus de Guimaraens:

a) ritmo alternante de sílaba fraca e forte, isto é, acentuação na 2ª, na 4ª, na 6ª e na 8ª sílaba:

Baixava lento. A noite vinha.

b) variante do tipo anterior, sem acentuação na 6ª sílaba: Espectros cheios de esperança

c) variante do mesmo tipo, sem acentuação na 2ª sílaba, mas podendo ter ou não aí sílaba acentuada:

No campanário, ao sol incerto Basta, talvez, a cova enorme

665

d) variante também do primeiro tipo, com acentuação interna apenas na 4ª sílaba, ou na 1ª e na 4ª:

O campanário do deserto Cheio de lugubre mistério

e) variante ainda do primeiro tipo, sem acentuação na 4ª sílaba:

Paramos de repente a porta /) acentuação na 1ª, na 3ª, na 5ª e na 8ª sílaba:

Era tarde. O sol no poente g) variante do tipo anterior, sem acentuação na 1ª sílaba:

Com fadigas, suores e pranto h) variante do mesmo tipo, sem acentuação na 3ª sílaba:

Quando o Jubileu se aproxima i) acentuação na 2ª, na 5ª e na 8ª sílaba:

Em ondas o basto cabelo

;') acentuação na 3ª, na 6ª e na 8ª, podendo ter a 1ª sílaba também forte:

Entrevados de muitos anos Junto deste caixão informe

ENEASSÍLABOS

Há dois tipos de versos de nove sílabas, ambos com raízes antigas na literatura portuguesa:

1ª) O ENEASSÍLABO ANAPÉSTICO, que apresenta acentuação na 3ª, na 6ª e na 9ª sílaba e, por sua cadência uniforme e pausada, se tem prestado a composições de hinos patrióticos e de poemas cuja expressividade ressalta da absoluta regularidade rítmica. Comparem-se estes versos do Hino à Bandeira (letra de Olavo Bilac):

Contemplando o teu vulto sagrado, Compreendemos o nosso dever; E o Brasil, por seus filhos amado, Poderoso e feliz há de ser.

666

Note-se que no ENEASSÍLABO ANAPÉSTICO é tão forte a intensidade da 3ª, da 6ª e da 9ª sílaba, que todas as demais, ainda que de natureza tônica, nele se obscurecem em benefício daquelas.

2ª) O ENEASSÍLABO com acento interno fundamental na 4ª sílaba, que, por exigência idiomática, recebe forçosamente um outro na 6ª ou na 7ª sílaba. Seus movimentos rítmicos são, pois, os seguintes, documentados com exemplos colhidos no Sô, de Antônio Nobre:

a) acentuação na 4ª, na 6ª e na 9ª sílaba, podendo ter a 1ª ou a 2ª sílaba também forte:

O que no Mundo cê o esperava. Adeus! Lua, Lua dos Meses, Lua dos Mares, ora por nós!... Adeus! Na ausência meses são anos.

b) acentuação na 4ª, na 7ª e na 9ª, com a possibilidade de ser a 1ª ou a 2ª

também acentuada:

Adeus! Que estranha Visão é aquela

Que vem andando por sobre o mar? Todos exclamam de mãos para ela. "Nossa Senhora! que vens a andar!"

DECASSÍLABOS

É longa e complexa a história do DECASSÍLABO nas literaturas de língua portuguesa. Em sua estrutura mais antiga, possuía acento interno fundamental na 4ª sílaba, assemelhando-se, portanto, ao verso primitivo da épica francesa.

Cedo, porém, apareceram outros tipos de DECASSÍLABO. Desenvolveu-se uma forma, na qual a acentuação interna, que por vezes recaía também na 6ª sílaba, veio a basear-se

essencialmente nela. E, posteriormente, com a dissolução do esquema inicial, surgiram ainda novas formas: os DECASSÍLABOS com acentuação interna fundamental na 5ª

e, mais raramente, na 3ª sílaba.

Eram essas as formas conhecidas do verso de dez sílabas, quando, em princípios do século XVI, por influência italiana, se fixaram os dois tipos, que iriam predominar

até os dias de hoje nas literaturas de língua portuguesa.

São eles:

a) o DECASSÍLABO chamado HERÓICO, acentuado fundamentalmente na 6ª e na 10ª sílaba, mas com possibilidades de ter acentuações secundárias na 8ª e numa das quatro

primeiras sílabas:

667

As minhas mãos magritas, afiladas, Tão brancas como a água da nascente, Lembram polidas rosas entornadas Dum regaço de Infanta do Oriente. (F. Espanca)

b) o DECASSÍLABO chamado SÓFICO, que apresenta acentuação na 4ª, na 8ª e na 10ª sílaba, podendo, naturalmente, ter a 1ª ou a 2ª também fortes:

Quando eu te fujo e me desvio cauto Da luz de fogo que te cerca, oh! bela, Contigo dizes, suspirando amores "Ó Meu Deus! que gelo, que frieza aquela!" (C. de Abreu)

Mas os antigos ritmos não se perderam. Mesmo os poetas do período clássico não os olvidaram totalmente. Foram, porém, os simbolistas e os modernistas que souberam reabilitá-los, mostrando os apreciáveis movimentos melódicos que se podem obter num poema com o emprego do DECASSÍLABO em suas variadas cadências.

Sirva de exemplo o soneto No Claustro de Celas, de Camilo Pessanha:

E eis quanto resta do idílio acabado,

Ó Primavera que durou um momento... Como vão longe as manhãs do convento!

Ó Do alegre conventinho abandonado...

Tudo acabou.. Ó Anêmonas, hidrôngeas, Silindras, Ó flores tão nossas amigas! No claustro agora vivem as urtigas, Rojam-se cobras pelas velhas lójeas.

Sobre a inscrição do teu nome delido! Ó Que os meus olhos mal podem soletrar.

Cansados... E o aroma fenecido

Que se evola do teu nome vulgar! Enobreceu-o a quietidão do olvido, Ó doce, ingênua, inscrição tumular.

668

Destas formas renovadas merecem referência especial:

a) o DECASSÍLABO acentuado na 4ª, na 7ª e na 10ª sílaba, comumente chamado VERSO DE GAITA GALEGA, mas de longa tradição também na poesia italiana e espanhola:

Já vai florir o-pomar das maceiras... (C. Pessanha)

b) o DECASSÍLABO com acentuação na 3ª, na 7ª e na 10ª sílaba:

Primavera que durou um momento... (C. Pessanha)

c) o DECASSÍLABO com acentuação na 5ª, na 7ª (ou na 8ª) e na 10ª sílaba, forma que costumava assumir o antigo VERSO DE ARTE-MAIOR e cadência frequente do DECASSÍLABO

francês:

Ao meu coração um peso de ferro Eu hei de prender na volta do mar. (C. Pessanha)

O sonho passou. Traz magoado o rim, Magoada a cabeça exposta e humildade. (M. Bandeira)

HENDECASSILABOS

O HENDECASSILABO foi muito usado pelos nossos poetas românticos numa cadência sempre uniforme, ou seja, com acentuação na 2ª, na 5ª, na 8ª e na 11ª sílaba: Nas horas caladas das noites d'este Sentado sozinho c'oa face na mão, Eu choro e soluço por quem me chamava "Oh filho querido do meu coração!" (C. de Abreu) Este tipo de HENDECASSILABO nada mais é do que a simples restauração da forma por que se apresentava com mais frequência o VERSO DE ARTE-MAIOR, o verso longo, de quatro acentos, que servia aos poetas peninsulares em suas composições graves e solenes até princípios do século XVI, quando foi eclipsado pelo decassilabo de origem italiana.

669

Ho outro tipo de HENDECASSILABO, empregado por Guerra Junqueira, com acentuação fixa apenas na 5ª e na 11ª sílaba:

(Venho morto, morto!...) deixa-me deitari Ai, o teu menino, como este mudado! Minha velha ama, como este mudado! Canta-lhe cantigas de dormir, sonhar?...

Neste século, o poeta Hermes Fontes tentou novos ritmos para o verso de onze sílabas, um dos quais particularmente agradável é o HENDECASSILABO com acentuação na

3ª, na 7ª e na 11ª sílaba:

Alvas pétalas do lírio de tua alma... Estas cartas e estas flores desfolhadas...

DODECASSILABOS

O DODECASSILABO é mais conhecido por VERSO ALEXANDRINO, provavelmente por ter sido o metro adotado num poema que teve larga voga na Idade Média, a versão do Romance de Alexandre, de Lambert le Tort, Alexandre de Bernay e Pierre de Saint-Cloud.

Esta denominação tem gerado numerosos equívocos, principalmente pelo fato de existirem, ainda hoje, dois tipos de ALEXANDRINO: o ALEXANDRINO FRANCÊS (de doze sílabas)

e o ALEXANDRINO ESPANHOL (de treze sílabas), este último muito pouco cultivado pelos poetas de nossa língua.

O ALEXANDRINO FRANCÊS apresenta dois tipos ritmicamente bem distintos: O CLÁSSICO e O ROMÂNTICO.

O ALEXANDRINO chamado CLÁSSICO tem a CESURA no meio do verso, que fica assim dividido em dois HEMISTÍQUIOS de partes iguais (6 + 6). Daí resulta ser acentuado na

6ª e na 12ª sílaba, como se vê destes exemplos de Augusto de Lima:

Nessas noites de luz // mais belas do que a aurora, As errantes visões // das almas peregrinas Vão voando a cantar // pela amplitude afora...

Como o ritmo de 6 + 6 tende a subdividir-se, por exigência da harmonia interna do verso, em 3 + 3 + 3 -j- 3, desenvolveu-se um tipo especial dentro do ALEXANDRINO CLÁSSICO e o chamado TETRAMETRO, que apresenta, além dos acentos principais (na 6ª e na 12ª), dois outros secundários (na 3ª e na 9ª). É o caso deste ALEXANDRINO de Alberto de Oliveira:

Como lençóis de longe a dizerem-lhe adewl

670

Os românticos franceses não desdenharam do clássico ritmo binário (6 + 6), nem do seu submúltiplo, o TETRAMETRO (3 + 3 + 3 + 3), mas deram ênfase a uma forma pouco usada pelos clássicos, o ALEXANDRINO de ritmo ternário (4 + 4 + 4), em que a CESURA deixa de coincidir com o HEMISTÍQUIO. A este tipo de dodecassilabo dá-se o nome

de TRIMETRO, ou de ALEXANDRINO ROMÂNTICO. Leia-se, por exemplo, este verso de Camilo Pessanha:

Adormecei. Não suspireis. Não respireis.

Vitor Hugo, que foi o grande reformador do ALEXANDRINO FRANCÊS, tentou ainda outras formas do TRIMETRO, fazendo variar o número de sílabas de suas três partes (3

+ 5'+4, ou 4 + 5 + 3), mas estes ritmos não aparecem nos parnasianos portugueses e brasileiros, dos poetas da língua os que mais se utilizaram do dodecassílabo. Em verdade, os parnasianos nada inovaram no particular. Contentaram-se com as consagradas variações dos acentos secundários do ALEXANDRINO CLÁSSICO e com tônicas

explorações da fôrmula usual do ALEXANDRINO ROMÂNTICO. Por outro lado, seguiram rigorosamente dois princípios na junção dos hemistíquios:

a) só empregavam palavra grave no final do primeiro hemistíquio se o segundo hemistíquio começasse por vogal, a fim de garantir a integridade do verso pela síncrese

das duas vogais em contato, como nos mostra este verso de Amadeu Amaral:
Ora, crespa, referve; // ora é um cristal sem ruga!

b) nunca usavam palavra esdrúxula no final do primeiro hemistíquio.

Finalmente, como os franceses, os poetas de nossa língua infringiram com frequência a regra arbitrária, de Boileau, que manda encerrar em cada hemistíquio uma unidade

de sentido, seguindo até o exemplo daqueles na prática amidiada do CAVALGAMENTO (ENJAMBEMENT):

Bela! dizia eu, como uma Feiticeira da Tessália, evocando a ensanguentada lua.
(Gomes Leal)

Oh! esse último olhar ao firmamento! A vida Em surtos de paixão e febre repartida,
Toda, num só olhar, devorando as estrelas! (O. Bilac)

No exemplo de Bilac observa-se o que Maurice Grammont chama CONTRE-REJET: a parte curta é a final de um verso e cavalga sobre todo o verso seguinte, ou, apenas, sobre o primeiro hemistíquio dele.

671

O Romance de Alexandre (Li Romans d'Alexandre), na versão mais vulgarizada na Idade Média, consta de cerca de 20.000 dodecassílabos, escritos em fins do século XII

por Lambert le Tort de Châteaudun, Alexandre de Bernay, apelidado de Paris, e Piem de Saint-Cloud. Aceita-se hoje que estes autores apenas amplificaram um poema anterior de Albéric de Pisançon, cuja fonte seria uma Epítome, feita no século IX, que resumiria a tradução latina de Julius Valerius (séc. IV) da obra do falso Calístenes (séc. II) sobre o herói macedônio. Albéric empregara o verso de oito sílabas, mas, cedo, um outro rimador refez o seu poema em decassílabos. Foi este texto, já amplificado, que serviu de base ao trabalho de refundição empreendido por Lambert le Tort e seus continuadores. O interesse do público pelo poema na versão

dodecassilábica teria feito que o metro nele adotado se ligasse ao próprio tema da obra, e viesse a ser conhecido por ALEXANDRINO. Mas cabe advertir que o DODECASSÍLABO

não foi usado pela primeira vez no Romance de Alexandre, como afirmam alguns. Nele já se haviam composto outros poemas, entre os quais a gesta Le Pèlerinage de Charlemagne à Jérusalem, que é do segundo quartel do século XII.

Na forma medieval, o ALEXANDRINO era um verso de doze sílabas, com cesura depois da 6.ª sílaba acentuada. Esta sílaba poderia ser seguida de uma inacentuada, que não se contava na medida do verso. O tipo em causa foi empregado em todo o domínio românico, e as Cantigas 'de Santa Maria, do rei D. Afonso X, o Sábio, dão-nos a prova de sua utilização na literatura galego-portuguesa.

O ALEXANDRINO podia ter assim doze, treze, ou mesmo, quatorze sílabas métricas (tipo este usual na Itália), caso o primeiro hemistíquio terminasse em palavra aguda,

grave, ou esdrúxula. Em francês, cujo léxico é formado essencialmente por palavras oxítonas, cedo se fixou como padrão o ALEXANDRINO de doze sílabas. Sendo o espanhol

e o galego-português línguas em que predominam os paroxítonos, é natural que servisse "de modelo o ALEXANDRINO de treze sílabas, forma ainda usual do verso no primeiro

desses idiomas.

ISOSSILABISMO E VERSIFICAÇÃO FLUTUANTE

1. Estudamos até aqui a versificação portuguesa de base silábica, ou seja, aquela em que a sílaba é incontestavelmente a unidade de medida do verso.

Neste sistema de versificação as sílabas são sempre tratadas como isócronas, isto é, não diferenciadas para efeito métrico em longas e breves segundo o modelo quantitativo

greco-latino. Daí a tendência ao ISOSSILABISMO e cada tipo de verso a acomodar-se em um número fixo de sílabas, limitado por um acento tônico final, obrigatória

2. Há, porém, certas formas de versificação cultivadas nas literaturas de língua portuguesa que não obedecem ao princípio isossilábico.

Nas cantigas trovadorescas, por exemplo, especialmente nas paralelísticas e nos refrans, a tendência ao ISOSSILABISMO era contra-regrada pela forte corrente nativa

de VERSIFICAÇÃO ACENTUAL, em cuja estrutura se tor-

672

nava irrelevante a igualdade silábica, pois que a perfeita ritmia auditiva provinha do número e da disposição dos acentos. Assim as "quatro altas" do VERSO DE ARTE-MAIOR

igualavam linhas que podiam oscilar entre nove e treze sílabas.

Outra forma de versificação não isossilábica é a chamada MÉTRICA BORBARA, tentativa de reproduzir os metros quantitativos latinos, em particular o HEXAMETRO DACTÍLICO.

Na literatura brasileira cultivou-a Carlos Magalhães de Azeredo, sensivelmente influenciado pela técnica de Giosuè Carducci.

O VERSO LIVRE

Tanto os METROS BORBAROS como os antigos VERSOS ACENTUAIS contrariam o princípio isossilábico, mas as flutuações que apresentam não excedem determinados limites.

Não assim no VERSO LIVRE, posto em prática pelo grande poeta norte-americano Walt Whitman na obra Folhas de Erva (Leaves of Grass, 1855), e que, a partir de 1886, iria dominar na poética dos simbolistas de língua francesa: Gustave Kahn, Jules Laforgue, Emile Verhaeren, Francis Vielé-Griffin, Henri de Régnier, Jean Moréas e tantos outros.

Gustave Kahn, poeta e principal teorizador do VERSO LIVRE, procurou estabelecer-lhe os princípios, que podem ser assim resumidos:

a) o verso deve possuir sua existência própria e interior consubstanciada numa coerente unidade semântica e rítmica;

b) a unidade do verso será então definida como o fragmento mais curto possível em que haja uma pausa da voz e uma conclusão de sentido;

c) a estrofe não terá mais um desenho preestabelecido, mas será condicionada pelo pensamento ou pelo sentimento;

d) a inversão e o cavalgamento são recursos que devem ser banidos do verso.

Tais princípios se consubstanciam, por exemplo, na Ode marítima, de Fernando Pessoa, como nos mostra este passo:

Ah, seja como for, seja por onde for, partir! Largar por aí fora, pelas ondas, pelo perigo, pelo mar, Ir para Longe, ir para Fora, para a Distância Abstrata, Indefinidamente,

pelas noites misteriosas e fundas, Levado, como a poeira, pelos ventos, pelos vendavais! Ir, ir, ir, ir de vez!

e no poema Os ombros suportam o mundo, de Carlos Drummond de Andrade, cuja primeira estrofe é a seguinte:

673

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.

Tempo de absoluta depuração.

Tempo em que não se diz mais: meu amor.

Porque o amor resultou inútil.

E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.

Mas, como bem salienta Henri Morier, não podemos dizer que exista a priori uma técnica uniforme do VERSO LIVRE.¹ Cada poeta procura forjar o seu próprio instrumento,

não sendo raro o mesmo autor ensaiar várias técnicas, como documenta a obra dos principais poetas modernistas portugueses e brasileiros.

Adverta-se, por fim, que um verso só pode ser considerado LIVRE dentro de certos tipos de estrutura poética, estrutura que representa sempre uma organização interativa.

"A linha só é unidade poética se há poema. É o poema que faz o verso livre, e não o verso livre que 'faz o poema. Exatamente como nos versos métricos".²

Em resumo:¹

"No verso livre o fator que coordena artisticamente a palavra em seus grupos respectivos se funda na sucessão dos apoios psicossentimentais que o poeta, intuitiva

ou intencionalmente, dispõe como efeito da harmonia interior que o orienta na criação de sua obra. Por seu próprio sentido individual, esta espécie de ritmo exige

de parte do autor uma fina sensibilidade expressiva e um perfeito domínio do material linguístico".³

E concluamos com estas palavras de Pedro Henriquez Ureña:

"Reduzido a sua essência pura, sem apoios rítmicos acessórios, o verso conserva intacto seu poder de expressar, sua razão de existir. Os apoios rítmicos que a uns

parecem necessários, a outros sobram ou estorvam. E tais apoios têm vida limitada: atravessam séculos e desaparecem. Desapareceu a quantidade nos velhos idiomas indo-europeus; desapareceu a aliteração nos germânicos... Não há formas universais nem eternas".⁴

1 Dictionnaire de poétique et de rhétorique, 2. ed. Paris, P.U.F. , 1975, p. 1119;

e também Le rythme du vers libre symboliste, 3 vols. Genève, Presses Académiques, 1943-1944.

2 Henri Meschonnic. Obra cit., p. 607.

3 Tomás Navarro Tomás, Obra cit., p. 444-445.

4 En busca del verso puro. In Estudios de versificación española. Buenos Aires, EUDEBA, 1961, p. 267-268.

674

A RIMA

1. Lendo esta quadrinha popular:

Tanto limão, tanta lima, Tanta silva, tanta amora, Tanta menina bonita... Meu pai sem ter uma nora!

verificamos que:

a) o 1º e o 3º verso apresentam uma identidade de vogais a partir da última vogal tônica: i-a (/ima- bonita);

b) o 2º e o 4º verso apresentam uma correspondência de sons finais ainda mais perfeita, pois, a partir da última vogal tônica, se igualam todos os fonemas (vogais

e consoantes): -ora (amora é nora).

2. Esta identidade ou semelhança de sons em lugares determinados dos versos é o que se chama RIMA.* Se a correspondência de sons é completa, a RIMA diz-se SOANTE,

CONSOANTE ou, simplesmente, CONSONÂNCIA. Se há conformidade apenas da vogal tônica, ou das vogais a partir da tônica, a RIMA denomina-se TOANTE, ASSONANTE ou, simplesmente, ASSONÂNCIA.

A RIMA E O ACENTO

Quanto à posição do acento tónico, as RIMAS, como as palavras, podem ser:

a) AGUDAS:

Vinhos dum vinhedo, frutos dum pomar,
Que no céu os anjos regam com luar...
(Guerra Junqueira)

b) GRAVES:

Calçou as sandálias, tocou-se de flores, Vestiu-se de Nossa Senhora das Dores. (A. Nobre)

> Sobre a RIMA na poesia de língua portuguesa, consultem-se especialmente: João da Silva Correia. A rima e a sua acção linguística, literária e ideológica. Lisboa, 1930 (conjunto de nove artigos publicados, durante o ano de 1930, em várias revistas portuguesas, enfeixados pelo autor num volume com capa própria); Mello Nobrega.

Rima e poesia. Rio* de Janeiro, MEC/INL, 1965.

675

c) ESDRÓXULAS:

No ar lento fumam gomas aromáticas, Brilham as navetas, brilham as dalmótkas. (E. de Castro)

As rimas agudas são também chamadas RIMAS MASCULINAS; e as graves, RIMAS FEMININAS.

RIMA PERFEITA E RIMA IMPERFEITA

1. A rima é uma coincidência de sons, não de letras. Por exemplo, há RIMA SOANTE PERFEITA nestes versos de Alphonsus de Guimaraens:

Céu puro que o Sol trouxe Claro de norte a sul, O teu olhar é doce, Negro assim, qual se fosse Inteiramente azul.

tanto entre sul e azul, como entre as formas trouxe, doce e fosse, que apresentam a mesma terminação grafada de três maneiras diferentes.

2. Perfeita é também a rima de tem com mãe nestes versos do poeta português Fernando Pessoa:

Tão jovem! que jovem era! (Agora que idade tem?) Filho único, a mãe lhe dera Um nome e o mantivera: "O menino da sua mãe." é

porque no falar lisboeta estas palavras soam normalmente [taj] e [møj].

3. Mas nem sempre há identidade absoluta entre os sons dispostos em rima, quer soante, quer toante. Algumas discordâncias têm sido mesmo largamente toleradas através

dos tempos. Entre os casos de RIMA IMPERFEITA consagrados pelo uso, cabe mencionar:

a) o das vogais acentuadas e e o semi-abertas com semifechadas, prática iniciada por Gil Vicente, no século XVI, e adotada desde então pelos poetas da língua:

Quem disse é estrela o caminho Que ela há de seguir no céu? A fabricar o seu ninho Como é que a ave aprendeu? (Almeida Garrett)

676

Pensar eu que o teu destino Ligado ao meu outro fora, Pensar que te vejo agora, Por culpa minha, infeliz... (Gonçalves Dias)

b) o de vogal simples com ditongo (a-ai, e-ei, é-êi, u-ui), como nestes versos de Casimira de Abreu:

Meus tristes cantos comecei chorando, Santas endeixas, doloridos ais... E a turba andava! São de vez em quando Languido rosto se volvia atrás!

O' brisa linda e travessa, No teu mais doce bafejo Em seus lábios cor-de-rosa Bem de manso, dá-lhe um beijo.

é Pés descalços, braços nus é Atrás das asas ligeiras Das borboletas azuis!

r) o de rima de vogal oral com vogal nasal:

De que ele, o sol, inunda O mar, quando se põe, Imagem moribunda De um coração que foi... (J. de Deus)

Observação:

A bem dizer, não existe nestes casos WMA IMPERFEITA, mas RIMA PARCIAL. Na rima de vogal aberta com vogal fechada, bem como na de vogal oral com vogal nasal, há uma

semi-homofonia vocálica, ou seja, identificam-se apenas os traços básicos dos fonemas em apreço, aqueles que os diferenciam fundamentalmente dos outros fonemas vocálicos.

A rima de vogal simples com ditongo, a rigor, nem deve ser considerada RIMA IMPERFEITA, pois corresponde geralmente a uma efetiva igualdade fônica. Palavras como

atros, vez, retrós e nus, por exemplo, são pronunciadas [a'trajf], ['vej], [re'troj e fnujj"] em muitas áreas da língua portuguesa, entre as quais o Rio de Janeiro.

Lembre-se, a propósito, estas rimas usadas numa antiga marchinha carnavalesca carioca:

Existem quatrocentas mil mulheres a mais

Da Penha ao Posto Seis. São mais de dez mulheres para cada rapaz:

Só eu não tenho vez...

677

RIMA POBRE E RIMA RICA

1. Consideram-se POBRES as rimas soantes feitas com terminações muito correntes no idioma, principalmente as de palavras da mesma classe gramatical. É o caso, por exemplo, dos infinitivos em -ar, dos participípios em -ado, dos gerúndios em -ando, dos diminutivos em -inho, dos advérbios em -mente, dos adjetivos em -ante, dos substantivos em -ao e -eza, das palavras primitivas com os seus derivados por prefixação: amor-desamor, ver-rever, etc.

2. São RICAS as rimas que se fazem com palavras de classe gramatical-diversa ou de finais pouco frequentes, como nestes versos de Alphonsus de Guimaraens:

O teu olhar, Senhora, é a estrela da alva
Que entre alfombras de nuvens irradia:
Salmo de amor, canto de alívio, e salva
De palmas a saudar a luz do dia...

Alguns metricistas preferem reservar a qualificação RICAS para as RIMAS com consoante de apoio, do tipo dia-irradia.

3. Denominam-se RARAS ou PRECIOSAS as rimas excepcionais, difíceis de encontrar. Foram procuradas sobretudo pelos poetas parnasianos e simbolistas. Veja-se, por exemplo, esta rima de ditirambos com f lombos, que aparece nos Helenos, de B. Lopes.

E, a rir, levamos entre ditirambos, Eu, no acafate, as provisões do lanche, Ela, um beijo a trinar nos lábios flambos!

E as de cêlix com digíolis e de leque com Utreque, empregadas nas Horas, de Eugénio de Castro:

Oh os seus olhos! suas unhas em amêndoa! e em cêlix o seu colo! e os seus dedos de digíolis!

Vai com suas aias, leva fino leque, Cauda de veludo pólido, de Utreque.

4. Por vezes, o poeta procura a raridade não só no campo fonético, mas também no morfológico. Do mesmo Eugénio de Castro são estes versos, em que rima um substantivo

com uma forma verbo-pronominal:

Eis que diz uma: Meus chapins descalça-mos, Unge meus pés brancos com cheirosos babamos.

678

COMBINAÇÕES DE RIMAS

1. Os versos de um poema podem ser MONORRIMOS, isto é, podem terminar todos pela mesma consonância ou pela mesma assonância. É o que sucede comumente com os versos

dos romances tradicionais, em que uma só assonância liga um número indefinido deles.

2. Mas, em geral, as combinações rítmicas processam-se dentro de unidades menores do poema e as ESTROFES, cujos principais tipos estudaremos adiante.

Nas estrofes, as disposições mais frequentes de RIMAS são as seguintes:

a) RIMAS EMPARELHADAS, quando se sucedem duas a duas:

Ele deixava atrás tanta recordação! E o pesar, a saudade até no próprio chão,
Debaixo dos seus pés, parece que gemia, Levantava-se o sol, vinha rompendo o dia,

E

o bosque, a selva, o campo, a pradaria em flor Vestiam-se de luz, como um peito de amor. (A. de Oliveira)

b) RIMAS ALTERNADAS, quando, de um lado, rimam os versos ímpares (o 1º com o 3º, etc.); de outro, os versos pares (o 2º com o 4º, etc.):

Tu és um beijo materno! Tu és um riso infantil, Sol entre as nuvens de inverno, Rosa entre as flores de abril! (J. de Deus)

c) RIMAS OPOSTAS ou INTERPOLADAS, quando o 1º verso rima com o 4º, e o 2º com o 3º:

Saudade! Olhar de minha mãe rezando E o pranto lento deslizando em fio... Saudade! Amor da minha terra... O rio Cantigas de águas claras soluçando. (Da Costa e Silva)

d) RIMAS ENCADEADAS, quando o 1º verso rima com o 3º; o 2º com o 4º e com o 6º; o 5º com o 7º e o 9º e assim por diante, como nestes versos do poema Uma criatura, de Machado de Assis:

Sei de uma criatura antiga e formidável,
Que a si mesma devora os membros e as entranhas
Com a sofreguidão da fome insaciável.

679

Caelum nitescert, arbores frondescere, Vites laetificae pampinis pubescere, Rami bacarum ubertate incurvescere...'

Não faltam exemplos de rima em Horácio, Vergílio e outros poetas do período clássico, mas é nos cantos de textura popular, como o carmen, que vamos encontrá-los

com maior frequência, o que nos leva a considerar tal homofonia de sons finais um de seus elementos característicos.

O fato explica-se pelas necessidades do canto e, principalmente, pelo progressivo predomínio do acento de intensidade.

Numa versificação baseada na quantidade silábica e no acento de altura, como era a latina no período clássico, a rima teria forçosamente o caráter de puro adorno acidental e recurso lúdico ou de harmonia imitativa, quando não uma negligência. Nada, lembra I. M. Meunier, poderia ser mais contrário ao princípio da métrica erudita do que volver, continuamente, os mesmos terminações. Obrigando a fixar a atenção em certas sílabas em detrimento do conjunto, essas rimas perturbavam a harmonia

resultante da sucessão regular e do agrupamento variado das longas e das breves, sobre as quais incidia, ou o tempo forte métrico, ou o acento de altura. Nesta organização

rítmica flexível e delicada, elas apareciam como notas discordantes e de tonalidade vulgar.²

Já numa versificação puramente silábica, o ritmo é o simples efeito da alternância de sílabas fortes e fracas, ou seja impressionadas ou não pelo acento intensivo. A igualdade de som ou sons finais dos versos surge então como uma tosca forma de marcar-lhes o término. Gaston Paris chega a afirmar, com certo exagero, que "uma versificação simplesmente silábica não passa de um corpo sem alma; é necessariamente em tudo material, e só pode obter efeitos pelo meio brutal da rima".³

A partir do século IV da nossa era, a rima começa a ser empregada de forma sistemática. Aparece, então, na peça que finaliza as Instruções de Comodiano e fixa-se,

depois, nos hinos da liturgia cristã. Com o florescimento da poesia trovadoresca, nos séculos XII e XIII, ela assume uma importância capital e é explorada até os limites de seu poder expressivo. Basta para comprová-lo o fato de Los Leys d'Amors, tratado de poética do século XIV, enumerar 43 espécies de rimas utilizadas

pelos trovadores occitânicos.

ESTROFAÇÃO

ESTROFE (do grego strophé "volta", "conversão") é um agrupamento rítmico formado

de dois ou mais versos que, em geral, se combinam pela rima. Quanto maior o número de versos, tanto maior a possibilidade de variar a distribuição das rimas.

Eis os principais tipos de ESTROFE:

1 Cf. Alfred Ernout. Recueil de textes latins archaïques. Paris, Klincksieck, 1938, p. 178.

2 Cf. La vie de Saint Alexis, poème français du XI^e siècle. Paris, Droz, 1933, p. 101. Citado por J.-M. Meunier, p. 96 da obra mencionada na nota anterior.

682

O DISTICO

a menor estrofe, constituída de dois versos que rimam entre si, pelo esquema: aa-bb, etc.:

Filho meu, de nome escrito da minha Alma no Infinito. Escrito a estrelas e sangue no farol da lua langue... (Cruz e Sousa)

O TERCETO

a estrofe de três versos, hoje mais usada na composição do SONETO, da qual trataremos adiante.

Os poemas estruturados em TERCETOS seguiram largo tempo o modelo célebre da Divina Comédia, de Dante a TERZA RIMA, sequência de TERCETOS decassilábicos em rima ENCADEADA (esquema: aba-bcb-cdc...). O segundo verso do último TERCETO devia rimar com um verso final, remate do poema ou do canto (esquema: xzx-z).

Posteriormente, compuseram-se TERCETOS com outras combinações rímicas (aab-ccb, abc-abc, etc.), ou mesmo sem rima, como estes do poema Rosa da montanha, de Alphonsus

de Guimaraens Filho:

Um luar velho dei sobre o silêncio. As mãos furtivas despetalam mortes E o coração se perde em nostalgia.

Fugir na noite inconsolável, ir

Ao teu suplício, rosa da montanha,

a delicada pétala de sangue!

A QUADRA

a estrofe de quatro versos, os quais, na poesia culta, se apresentam geralmente em rima ALTERNADA (abab) ou OPOSTA (abba), como vimos anteriormente. Na literatura

popular, onde vale por um verdadeiro poema de forma fixa, a QUADRA, por via de regra, constituída de heptassílabos com uma só rima, do 2º com o 4º verso.

Exemplo:

O pouco-que Deus nos deu

Cabe numa mão fechada;

O pouco com Deus é muito,

O muito sem Deus é nada.

683

A QUINTILHA

a estrofe de cinco versos. Em suas formas comuns, apresenta a combinação de duas rimas dispostas nas séries: a) abaab:

Além dos ares, tremulamente, Que visão branca das nuvens sai! Luz entre franjas, fria e silente; Assim nos ares. tremulamente, Balão aceso subindo vai... (R. Correia)

b) ababa:

O tempo que eu hei sonhado Quanto tempo foi de vida! Ah, quanto do meu passado Foi só a vida mentida De um futuro imaginado! (F. Pessoa)

c) abbab:

Mas, em vida tão escassa, Que esperança ser? Fraqueza da humana sorte. Que quanto da vida passa Está recitando a Morte. (Camões)

A SEXTILHA

a estrofe de seis versos. Nela, a disposição das rimas pode variar muito.

Gregório de Matos, por exemplo, usava o esquema aabbcc:

O namorado, todo almiscarado,
Jo de amor obrigado, Faz a dama um poema em um bilhete. Covarde o faz, e tímido o remete: Se lhe responde branda, alegre o gosta, E, se tirana, estima-lhe a resposta.

684

Nas Sextilhas de Frei Antão, Gonçalves Dias rimou apenas os versos pares (abcbdb):
Mimoso tempo d'outrora Qual nunca mais o verei, Nem tão inteiros sujeitos, Um ao outro dando a lei: No Paço o rei ao vassalo, Na Igreja o vassalo ao rei!
E assim fizeram outros poetas românticos, os quais preferiam, no entanto, o esquema aabccb:

Simpatia são dois galhos Banhados de bons orvalhos Nas mangueiras do jardim; Bem longe os vezes nascidos, Mas que se juntam crescidos E que se abraçam por fim.
(C. de Abreu)

esquema também do agrado de Antônio Nobre:

As vezes, passo horas inteiras Olhos fitos nestas braseiras, Sonhando o tempo que
lê vai; E jornadaio em fantasia Essas jornadas que eu fazia Ao velho Douro, mais
meu Pai.

Poetas contemporâneos continuam a empregar a SEXTILHA nas suas múltiplas combinações rímicas, algumas muito harmoniosas, como o tipo ababab:

Por água brava ou serem

Deixamos nosso cantar,

Vendo a voz como a pequena

Sobre o comprimento do ar.

Se alguém ouvir temos peia:

Só cantamos para o nwr... (C. Meireles)

685

A ESTROFE DE SETE VERSOS

Frequente na poesia trovadoresca de caráter culto, a estrofe de sete versos teve menor fortuna a partir do Renascimento.

Aparece em composições ligeiras de poetas do período clássico, geralmente no esquema abbaacc, como nesta volta de uma cantiga de Camões:

Leva na cabeça o pote, o testo nas mãos de prata, cinta de fina escarlata, sainho de chamalote: traz a vasquinha de cote, mais branca que neve pura; vai fermosa, e não segura.

Poetas posteriores usaram outras combinações rímicas, entre as quais podem ser citadas as seguintes: aabcbbc (Alvares de Azevedo); abababa, aabcbdc, abcbdc (Casimiro

de Abreu); abacbac (Vicente de Carvalho); abaaca, abbacbc (Fernando Pessoa);

abcdfcd, ababcac, abcbec, abcbbc (Cecília Meireles).

A OITAVA

Da estrofe de oito versos há um tipo tradicionalmente fixo, a OITAVA HERÓICA, e outro métrica e rímicamente variável, a OITAVA LÍRICA.

A OITAVA HERÓICA é formada de oito decassílabos, os seis primeiros com rima alternada e os dois últimos com rima emparelhada (esquema: abababcc. Foi a estrofe empregada

por Camões em Os Lusíadas:

De Formoso, filósofo elegante, Vereis como Aníbal escarnecia, Quando das artes bélicas diante Dele com larga voz tratava e lia. A disciplina militar prestante
Não

se aprende, senhor, na fantasia Sonhando, imaginando ou estudando, Senão vendo, tratando e pelejando. (Lus., X, 153)

A OITAVA LÍRICA admite grande variedade de combinações rímicas. Por vezes é uma simples justaposição de duas quadras. Assim nos esquemas ababcdcd e abbacddc. Para

lhe dar estrutura mais orgânica, procuram os

686

poetas ligar pela rima um verso da primeira metade com um verso da segunda, geralmente o 4º com o 8º. Este, por exemplo, o caso dos esquemas:

a) abbcaddc:

Uma tarde cor-de-rosa... Uma vila assim modesta, Assim tristonha como esta.. De pescadores, também... Sobre a planície arenosa Por onde o Jordão deriva, Pousa a sombra evocativa Das montanhas de Siquém... (V. de Carvalho)

b) ababcccb:

Ama tudo o que é beleza, Quer da terra quer dos céus. Ama toda a natureza, Ama o seu e nosso Deus; Ama a doce melodia, Ama a noite como o dia, Ama instintiva a poesia,

Que ela tem nos beijos seus! (Mendes Leal)

c) aaabcccb:

Os trêmulos lumes, Da veiga os perfumes, Da fonte os queixumes, Dos prados a flor, Do mar a ardentia, Da noite a harmonia, Tudo isso é poesia! Tudo isso é amor! (C. de Abreu)

Os poetas românticos preferiam, não raro, variantes desses tipos com falta de rima no 1^o e no 3^o verso, ou no 1^o e no 5^o, ou em todos os versos ímpares.

Não faltam também oitavas lóricas em que os versos se distribuem por duas rimas, como nesta de Gomes Leal, que obedece ao esquema abaaabab:

Pegou no copo, com graça,

E brindou, em língua estranha...

687

E a rainha, a vista baça,

Como a um punhal que a trespassa,

Encheu de prantos a taça,

E o seu lenço de Bretanha...

Chorou baixo, ao ouvir, com graça,

Esse brinde, em língua estranha

A ESTROFE DE NOVE VERSOS

Embora tenha raízes antigas na literatura portuguesa, a estrofe de nove versos foi sempre pouco usada. Dela se serviu, por exemplo, Machado de Assis, no poema Visto (esquema aabcbcbcb), que assim principia:

Eras plida. E os cabelos, Aóreos, soltos novelos, Sobre as espaldas caíam... Os olhos meio cerrados De volúpia e de ternura Entre lágrimas luziam... E os braços entrelaçados, Como cingindo a ventura, Ao teu seio me cingiam...

Mais recentemente, empregou-a Fernando Pessoa em O mostrengo (esquema aabaacdcd), cujo início é o seguinte:

O mostrengo que está no fim do mar Na noite de breu ergueu-se a voar; a roda da nau voou três vezes, Voou três vezes a chiar, E disse, "Quem é que ousou entrar Nas

minhas cavernas que não desvendo, Meus tetos negros do fim do mundo?" E o homem do leme disse, tremendo, "El-Rei D. João Segundo!"

A DECIMA

Em geral, a DECIMA é a simples justaposição de uma QUADRA e uma SEXTILHA, ou de duas QUINTILHAS. No período clássico, a DECIMA em heptassílabos era usada para poesias

ligeiras: cantigas, glosas, vilancetes e esparsas. São de Miranda empregou-a nos esquemas abbaacdcd e abaabacdcd; Camões, na forma abaabacdcd; e Gregório de Matos,

que dela se serviu largamente nas sátiras, preferia o tipo abbaacdcd, de que nos dá mostra a

688

seguinte, endereçada ceí com vinagre":

"a um livreiro que havia comido um canteiro de alfa-

Levou um livreiro a dento De alface todo um canteiro, E comeu, lendo livreira, De encadernadameata. Porém, eu digo que mente A quem d'luo o quer tachar; Antei para

notar Que trabalhou como um moura Poli meter folhai no couro Também é encadernar.

A ene tipo de décima de setlisHabov, agrupados no esquema rímico abbaacdcd, dá-se o nome de BSPINELA, por ler atribuída a IUB inventado ao poeta espanhol Vicente

Eiplnel,

A partir do romantismo, novoi tlpoi de DÉCIMA têm aparecido, de regra com Intercalações de versos brancos. Compare-se este exemplo de Castro Alves (esquema: abcbbdefle):

Talhado para ai grandezai, Para crescer, criar, subir, O Novo Mundo noi músculos
Sente a seiva do porvir.

Estatuário de colonos Cansado doutros esboco, Disse um dia Jeov: "Vai, Colombo, abre a cortina "Da minha eterna oficina... "Tira a América de l".

E este outro de Antônio Botto (esquema: abcbbdfghg):

Se eu fosse alguém ou mandasse Neste mundo de vllea, S pensava numa coita

Acabar com a pobreu. Dar vida outra felo Mais igual, mais repartida, Seria o meu grande sonho. A minha grande alegria, E a cada boca num beijo, Dar o pio d* cada dia.

689

ESTROFES SIMPLES E COMPOSTAS

Chamam-se SIMPLES as estrofes formadas de versos de uma só medida, e COMPOSTAS as que combinam versos maiores com menores.

As combinações mais comuns são: a) a do decassílabo com o hexas-sílabo; b) a do hendecassílabo com o pentassílabo; c) a do alexandrino com os versos de oito, de seis ou de quatro sílabas; d) a do heptassílabo com os versos-de três ou de quatro sílabas.

ESTROFE LIVRE

Denomina-se LIVRE ou POLIMÉTRICA a estrofe que apresenta versos de diferentes medidas e agrupados sem obediência a qualquer regra. Em verdade, a ESTROFE LIVRE

a negação da estrofe, no sentido tradicional dessa palavra.

POEMAS DE FORMA FIXA

H poemas que têm uma forma fixa, isto é, submetida a regras determinadas quanto à combinação dos versos, das rimas ou das estrofes. Assim

O SONETO, O RONDO, O RONDEL, a BALADA, O CANTO REAL, O VILANCETE,

a VILANELA, a SEXTINA, o PANTUM, o HAICAI e a QUADRA popular. Dentre eles, merece um comentário particular o SONETO por sua longa vitalidade em várias literaturas, inclusive na portuguesa e na brasileira.

O SONETO H duas variedades do SONETO: o SONETO ITALIANO e o SONETO INGLÊS.

1. Compõe-se o SONETO ITALIANO de quatorze versos, geralmente decassílabos ou alexandrinos, agrupados em duas quadras e dois tercetos.

As rimas das quadras são as mesmas. Um par de rimas serve a ambas, segundo um dos dois esquemas:

19) abba-abba, que é o mais usual e se pode ver, por exemplo, no soneto No Claustro de Celas, de Camilo Pessanha, reproduzido na página 668 deste livro.

20) abab-abab, disposição de rimas a que obedece por exemplo, as do soneto Remissão, de Carlos Drummond de Andrade:

Tua memória, pasto de poesia, tua poesia, pasto dos vulgares, vão se engastando numa coisa fria a que tu chamas: vida, e seus pesam.

90

Mas, pesares de quê? perguntaria, se esse travo de angústia nos cantares, se o que dorme na base da elegia vai correndo e secando pelos

2. Nos tercetos podem combinar-se duas ou, mais frequentemente, três rimas.

Quando há apenas duas rimas, dispõem-se elas normalmente de forma

alternada: cdc-dcd. Assim no soneto de Camilo Pessanha, atrás mencionado. Se as rimas são três, distribuem-se em geral nos esquemas: 19) ccd-eed, empregado preferentemente

por Florbela Espanca, a

exemplo destes tercetos de Languidez:

Fecho as pálpebras roxas, quase pretas, Que pousam sobre duas violetas, Asas leves cansadas de voar...

E a minha boca. tem uns beijos modos... E as minhas mãos, uns polidos veludos,
Traçam gestos de sonho pelo ar...

29) cdc-ede, que se documenta nos tercetos de Lar Paterno, de Bel-miro Braga:
Serras virentes, que não mais transponho, Na retina fiel ainda eu vos tenho, E
revejo, através de um brando sonho,
A casa onde nasci, as mansas reses,
O viveiro, o laranjal, a horta, o engenho
E a cruz onde rezei por tantas vezes...

39) cde-cde, que aparece nestes tercetos de Zulmira, de Raimundo Correia:
Não sei porque chorando toda a gente, Quando Zulmira se casou, estava: Belo era o
noivo... que razões havia?
A mãe e a irmã choravam tristemente; Só o pai de Zulmira não chorava... E era o
pai, afinal, quem mais sofria!

691

Bitu u prlnclpiiii dlipoilofiei rfmllcai do SONETO ITALIANO, ou seja, da formi
tridiclonil deite breve e afortunado poem.

3. O SONETO INOIOS, modernamente Introduzido nai literaturas de língua portuguesa,
também conita de quatorze verioi, mai distribuido* em três quadris e um dicitlco
final, que te eicrevem tem eipicejamento. Obedece a um ddi doii eiquemai; a)
ababbccdc et; b) ababccdtfef gg. Na literatura Inglesa, o primeiro tipo
conhecido

por SONETO SPBNSBMANO (Sptmtrlansonnet), por ter lido cultivado Inicialmente pelo
poeta Edmund Spenser (1552-1599); o segundo denomina-se SONETO SHAKESPEARIANO
(SHakespearean)

sonnet), ou, simplesmente, SONETO INOIOS (English sonnet), por ter havido a
forma mais usual do poema desde que dele se viu o genial dramaturgo no 154
eipicejamento do gênero que nos legou.

De Manuel Bandeira o eite soneto shakespeariano: SONETO INOLB N. 2

Aceitar o castigo merecido, Não por fraqueza, mas por altivez, No tormento mais
fundo o teu gemido Trocar num grito de ódio a quem o fôs. As delícias da carne e
pensamento Com que o Instinto da espécie nos engana Sobpor ao generoso sentimento
De uma afélio mais simplesmente humana. Não tremer de esperança nem de espanto,
Nada pedir nem desejar, senão A coragem de ser um novo sintoma Sem fô num mundo além
do mundo. B entio Morrer sem uma lágrima, que a vida Não vale a pena e a dor de
ser vivida.

Elenco e desenvolvimento das abreviaturas usadas

A, A. de Melo Franco, AR m FRANCO,

Afonio Arlno de Melo, Amor a Roma.

Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1964, A, Abelilri, B = Aeiuiiu, Auguilo,

Bolor, 3ª ed. Amadori, Bertrand, 1974. A. Abelilre, BI - 00, Ai bota inttn-

fdn; romance. 2ª ed, Amadora, Bar-

trand, 1971. A. Abelalra, CF - 00. A eldadn da

llorn; romance, Rio de Janeiro, Clvl-

llxaolo Braillelra. 1972. A, Abelalra, D = 00, Oi dturlom;

romance, 3ª ed. Amadora, Bertrand

[1971], A, Abelalra, JVC = 00. O narot di

Cttopatra, Comédia em 3 atos. Amadora, Bertrand [1962], A. Abelalra, QPN -- 00.

Quatro p-

ndti nuca: contai. Amadora, Bertrand,

1972. A, Abelalra, TM - 00, O triunfo da

morft, Lliboa, S da Coita, 1981. A. Amoroso Lima, A ~ LIMA, Alceu

Amoroso [Trilítio de Atafde], Atonto

Arlno de Janeiro-Lliboa-Porto,

1922. A, Arlno, OC 00 AHINOI, Afonio, Obra

eomplta. Rio de Janeiro, MEC/INL,

1969. A. Asovedo, C AIIIVIDO, Aludlo, O

corti. Segundo milheiro. Rio de Janeiro, Oarnler, 1890. A. Bem Lufi, AM = Lula,

Aguilna

Beia. A 'muralha; romance. Lliboa, Oulmarlh Edltorei, 1957. A. Bem Lufi, M = 00, O manto; romance. Amadora, Bertrand, i,d. A, Bena Lud, OM = 00, O moitilro; romance, 0 20 ed, Lliboa, Oulmarlei tt Cia,, 1980.

A. Bom Lud, QR 0- 00, Ai rrtla0Bn humanou Oi quatro rloi; romance. Lliboa, Oulmarlei Edltorei, i,d, A, Bena Lud, S 0 00, A iibtla\ romance, S0 ed, Lliboa, Oulmariei & Cia',, i.d, A, Botto, C ss Borro, Ant0nio, Can00ti, Nova edl0lo definitiva, Ilibo0, Bertrand, 1941.

A, Botto, OA 0 -0, 0dlo i amor. Lia-boa, Atlea, 1947.

A, Callado, MC 0 CALLADO, Ant0nio, A madona dt eidro. 2* cd, Nova Fronteira, 1981.

A. Callado, Q = 00, Quarup; romance. 2* ed, Rio de Janeiro, Clvllllia0lo Breillelra, 1967,

A. Carloi Reiente, LD s RIIINDI, Ant0nio Cifloi, O Louva-a-Diui\ novela. Porto Aleire, Globo, 1980,

A. Corria d'0llvelra, M - OLIVIIM, Ant0nio Corria d'. Menino, Parli-Lliboa, Alllaud e Bertrand i Rio de Janeiro, Franclico Alvei, i.d.

A, Corraa d'0llvelra, V5VA 0 00. Vtrbo itr t vtrbo amar, Lliboa, Alllaud & Bertrand, 1926,

A. de Alc0ntara Machado, NP s MACHADO, Ant0nio de Alc0ntara, Novtloi paullitanat: Br0i, Btxlga t Barra Funda; Laranja da Chlnat Mana Maria; Conta Avultai. 6* ed. Rio de Janeiro, Jo(4 Olymplo, 1979.

A. de Anil j0nior, SM a AIIII J0NIO0, Ant0nio de. O iffwdo da morta; romance de coitumei angolenei, 2* ed. Lliboa, Edl00oi 70, 1979,

A, de Oulmaraeni, OC - QUIMARAINI, Alphoniui de. Obra completa. Rio de Janeiro, Agullar, 1960,

693

A. de Oliveira, P = OLIVEIRA, Alberto de. Poesias; 1* e 2* s0ries, edi00o melhorada. Rio de Janeiro, Garnier, 1912; 3* s0rie. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1913,

4* s0rie, 2* ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1928. A. de Oliveira, P0st. = 00. P0stuma. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1944.

A. de Quental, C = QUENTAL, Antero de. Cartas. 2* ed. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921. A. de Quental, P = 00. Prosas. Lisboa, Couto Martins-Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923-1931. 3 v. A. de Quental, SC = 00. Sonetos completos, publicados por J. P. Oliveira Martins. 2* ed. aumentada. Porto, Portuense, 1890.

A. Deodato, POBD 0 DEODATO, Alberto. Pol0ticos e outros bichos dom0sticos; cr0nicas. 2* ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1963. A. dos Anjos, E = ANJOS, Augusto dos.

Eu. Rio de Janeiro, s. ed. 1912. A. Frederico Schmidt, AP = SCHMIDT, Augusto Frederico. Antologia de prosa. Rio de Janeiro, Letras e Artes, 1964. A. Frederico Schmidt, F = 00. As florestas; p0ginas de rmm0rias. Rio de Janeiro, Jos0 Olympio, 1959.

A. Frederico Schmidt, GB 0 00. O galo branco; p0ginas de mem0rias. Rio de Janeiro, Jos0 Olympio, 1957. A. Frederico Schmidt, PE = 00. Poesias escolhidas. Rio de Janeiro, Am0-ric-Edit., 1946.

A. Feliciano de Castilho, AO 0 CASTILHO, Ant0nio Feliciano de. Os amores de P. Ov0dio Nas0o. Rio de Janeiro, Ed. Bernardo Xavier Pinto de Sousa, 1858. 4 t.

A. Feliciano de Castilho, F = 00. Os fastos de Publio Ov0dio Nas0o. Lisboa, Imprensa da Academia Real das Scien-cias, 1862. t. 3.

A. Ferreira, C = FERREIRA, Ant0nio. Castro. In SILVEIRA, A. F. de Sousa da. Textos quinhentistas; estabelecidos e comentados por 000. Rio de Janeiro, Imprensa

Nacional,

1945, p. 143-262.

A. Gil, Lf = GIL, Augusto. Luar de janeiro. 3^o ed. Lisboa, Bertrand, 1917.

A. Herculano, E = HERCULANO, Alexandre. Eurico, o presbitero. 32^o ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do Auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa,

Bertrand, s.d.

A. Herculano, HP = ~~00~~. História de Portugal, desde o começo da monarquia até o fim do reinado de Afonso III. 8^a ed., dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud & Bertrand, s.d. 8 t.

A. Herculano, LN ~~0 00~~. Lendas e narrativas, 22^o ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do Auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa-Rio de Janeiro, Bertrand/Francisco Alves, s./d. 21.

A. Herculano, MC = ~~00~~. O Monge de Cister, ou a epocha de D. João I. 19^a ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do Auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa, Bertrand, s.d., 21.

A. Herculano, OEIP = ~~00~~. Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal; tentativa histórica, Lisboa, -Imprensa Nacional, 1855-1864. 3 v.

A. M. Machado, C/ = MACHADO, Anibal M. Cadernos de João. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

A. M. Machado, HR = ~~00~~. Histórias reunidas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

A. M. Machado, JT = ~~00~~. João Ternura. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

A. Magalhães, OC = MAGALHÃES, Adelino. Obra completa. Rio de Janeiro, Aguilar, 1963.

A. Margarido, ELNA = MARCARIDO, Alfredo. Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa. Lisboa, A Regra do Jogo, 1980.

A. Meyer, CM = MEYER, Augusto. A chave e a máscara. Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1964.

A. Meyer, MA = ~~00~~. Machado de Assis (1935-1958). Rio de Janeiro, São José, 1958.

A. Meyer, P = ~~00~~. Poesias (1922-1955). Rio de Janeiro, São José, 1957.

694

A. Meyer, SI = ~~00~~. Segredos da infância. Porto Alegre, Globo, 1949.

A. Nascentes, PR = NASCENTES, Antenor. O problema da regência: regência integral e viva. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1944.

A. Nobre, Cl = NOBRE, António. Cartas inéditas. Coimbra, Presença, 1934.

A. Nobre, D ~~0 00~~. Despedidas. (1895-1899). Porto, s. ed., 1902.

A. Nobre, S = ~~00~~. S^o. 2^a ed. Lisboa, Guillard & Aillaud, 1898.

A. O'Neill, S^o = O'NEILL, Alexandre. A saca de orelhas. Lisboa, S^o da Costa, 1979.

A. Patrício, P ~~0~~ PATRÍCIO, António. Poesias. Lisboa, Atiça, 1954.

A. Peixoto. NHLB = PEIXOTO, Afrônio. Noções de história da literatura brasileira. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1931.

A. Peixoto, RC = ~~000~~. Romances completos. Rio de Janeiro, Aguilar, 1962.

A. Rangel, IV ~~0~~ RANGEL, Alberto. Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas. 3^a ed. Tours, Typ. E. Ar-rault, 1920.

A. Renault, LSL = RENAULT, Abgar. A lúpide sob a lua. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1968.

A. Ribeiro, AFPB = RIBEIRO, Aquilino. Andam faunos pelo bosque; romance. Lisboa, Bertrand, 1962.

A. Ribeiro, CRG = ~~00~~. Cinco reis de gente; romance. 3^a ed. Lisboa, Bertrand. s.d.

A. Ribeiro, ES = ~~00~~. Estrada de Santiago. Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1922.

A. Ribeiro, M = ~~00~~. O Malhadinhas ~~0~~ Mina de Diamantes. Lisboa, Bertrand, 1958.

A. Ribeiro, PSP = ~~00~~. Portugueses das sete partidas. 3^a ed. Lisboa, Bertrand, s.d.

A. Ribeiro, SBAM = ~~00~~. S. Banaboiço, ancoreta e mártir. 2^a ed. Lisboa, Bertrand, s.d.

A. Ribeiro, V = ~~00~~. Volfrômio. Nova ed. Lisboa, Bertrand, s.d.

A. Santos, K = SANTOS, Arnaldo. Kina-xixe e outras prosas. São Paulo, Atiça, 1981.

A. Santos, P = Prosas. Lisboa, Edições 70, 1977.

A. Sôrgio, D = SÔRGI0, Antônio. Obras completas: Democracia. Lisboa, Sô da Costa, 1974.

A. Sôrgio, E = 00. Obras completas: Ensaio. Lisboa, Sô da Costa, 1972-1974, 8 t.

A. Tavares, PC = TAVARES, Adelmar. Poesias completas. Nova ed. Rio de Janeiro, Sô Josô, 1958.

Adonias Filho, LP = AGUIAR FILHO. Adonias. Lôguas da promissôo; novelas. Rio de Janeiro, Civilizaôôo Brasileira, 1968.

Adonias Filho, LBB 0 00. Luanda, Beira, Bahia. Rio de Janeiro, Civilizaôôo Brasileira, 1971.

Adonias Filho, F = 00. O forte; romance. Rio de Janeiro, Civilizaôôo Brasileira, 1965.

Agostinho Neto, SE = NETO, Agostinho. Sagrada esperanôa; poemas. 9* ed. Lisboa, Sô da Costa, 1979.

Almada Negreiros, NG = NEGREIROS, Josô de Almada. Nome de Guerra. Lisboa, Verbo, 1972.

Almada Negreiros, OC 0 00. Obras completas. Lisboa, Estampa, 1970-1972. 6 v.

Almeida Garrett, O = GARRETT, J. B. de Almeida. OBRAS de Almeida Garrett. Porto, Leio & Irmôo, 1966, 2 v.

Almeida Garrett, RCG = 00. Romanceiro e cancionero geral. I. Adozinda e outros. Lisboa, Sociedade Propagadora de Conhecimentos Ôteis, 1.843.

Alves Redol, BC = REDOL, Alves. Barranco de cegos. 40 ed. Lisboa, Europa-Amôrica, 1973.

Alves Redol, BSL = 00. A barca dos sete lemes. 60 ed. Lisboa, Europa-Amô-rica, 1972.

Alves Redol, C = 00. Constantino, guardador de vacas e de sonhos. Lisboa, Europa-Amôrica, 1975.

Alves Redol, F = 00. Fanga. 8* ed. Lisboa, Europa-Amôrica, 1972.

695

Atai lUdol, FM 0 0, Um fanda M
 muratto. 40 0d. Lliboa, Buropi-Amô-
 rtoi, 1976, Alvm Ridol, 0 0 00. Oo/MiM. 4* id.
 Lliboi, Buropi-Amôrlei, 1979. Alvn Ridol, MB 0 ^0. O muro tronco. 3* 0d, Lliboi,
 Buropi-Amôrloi,
 1976. A. Anvido, C 0 Auvno, Alufilo. O
 oorttôo. Sisundo Onllhilo. Rio d* J0
 miro, Oirnlir, IMO. Arthur Anvido, CFM 0 Anvno, Af
 thur. Contai lera da moda. 7* id. Rio
 dl Iinilro, Alhimbn, 1912. Autrin Dourado, IP 0 -0. DotflUM,
 Autrin. Ai tmailnaôôu pteaninotu.
 Rio di Janilro, Rword, IM1. Autrin Dourido, RB * 00. O rtoco de
 berdadet rominei. 6* id. lio Piulo-
 Rio dl Jimlro, Dlfil, 1976. Autrin Dourado, TA 0 00. Tampo da
 amor. [Blo Piulo] Dlf0l, 1979. Brinquinho di POAMII, B 0 PONUCA,
 Brinquinho di. O barôo. 60 id. U*
 boi, Portuioilli, 1972. Brinquinho di Poniwi, MS 0 00-. Mar
 contai novili. 30 id. Lliboi, Portuui-
 lll, 1964. B. QuimulM, El 0 OuiMAuXu, Birnir-
 do. A tterava luunn rominei. Rio di
 Jinilro, Oirnlir, 1879, B. Lopn, H 0 LOPII, Birnudlno di
 Coiti. Htltnoi. Rto di Jinilro, i,id.,
 1901. B. Lopu di Sllvi, C B SILVA, Biltuir
 Lopii di, Chlqulnho] ronunoi. 8lo
 Vleinti-Cibo Viridi, Clirdidi, 0947. B. Sintmno, TPM 0 SANTAMNO, Bir-
 nirdo. A traiôôo do Padra Marl/n/oi
 nirratlvi drimôtlei im deli totoi. LI*
 boi, Atlei, 1969. Birlo do Rlo-Brinee, D 0 OBRAS do
 Bôrio do Rlo-Braneo, IX. Diteww0.
 Rio di Imilro, Mlnlitôrlo dii Rili-

9611 Extiriorii, 1948. Cildii, Auliti, DCLP a AULITB, P. f.
 Cildu. Dleelonorlo eontamponmao da
 l'ongua porfufwMi filto wbn um pi*
 no Intilriminti novo. Lliboi, Antõnio
 Mirli Pirilri, [1902]. 2 v.
 C. Ciitilo Brinco, BB 00 BRANCO, C0 mUlo Ciitillo. Behtmia do nprttrto. Porto,
 Llvrirli Clvlllu0lo, 1886.
 C. Cutilo Brinso, BP 00, A brait-loira da Prailrui Scana0 do Minho. Porto, Bmnto
 Chirdron, 1883,
 C. Cutilo Brinco, CC "000. Somai comamporanaai. 2* id, Porto, Crui Ooutlnho,
 1862.
 C. Cutelo Brineo, Cff 00-. Coita0 HJNMMMI. 2* td. Lliboi, Antõnio M0 rli Pwelri,
 1864.
 C. CMtilo Brineo, / 00-. O ludoui rominei hlitdrleo. Porto. Ciu di Vld-vi Mar0,
 1866.
 C. Cutilo Brinoo, OS 000. Obra ulteta. Orjinlii0lo, teleo0lo Introdu-0lo 0 not0
 di Iielnto do Prado Caolho. Rio di Iimlro, Afullir, 1960-1963. 2 v,
 C. Cutelo Brinoo, QA 000. A quadt fum ante. Bdl0lo diflnltlvi rtvliti 0 eorrl|ldi
 pilo tutor. Llibo*Rlo dl J0 miro, Cimp0* A CU., 1887.
 C. Ciitilo Brinco, RI 000. Prificlo blopiphlco, Ini CATno, Antõnio B0 rio di. Oi
 ratai da /nfuMeJo. Porto, Brnnto Chirdron, 1883, p. 9-109,
 C. Cutilo Brineo, V 00. Vingan0a, Porto, Crui Coutlnho, 1163.
 C. dl Abriu, O 00 OBRAS da Cat0mlre da Abriu, Apuri0lo 0 nvlilo do teu-to, 0cor0o
 biogr0fico, notii i (ndlcii por Sou0 di Sllvilri, 2* id. Rio di Iimiro, MEC/Cm di
 Rui Buboii, 1999,
 C. di Ollvilri, AC m OUVBIIU, Cirloi dl, Uma aolha na ehuva\ rominci. l0 id.
 Lliboi, Si di Coiti, 1979.
 C. dl Ollvilri, CD 000. COM na rfunai rominei. 9* id. Lliboi, S0 di Coiti, 1977.
 C. di Oliveira, PB 000. Ptqutnot 0urju00l rominei. 7* id. Uiboi, S0 dl Coiti,
 1981.
 C. d0i Anjo*, DR 00 ANJM, Ciro de0, i romanettt O amanuinu Balmlrot Ab-dia. Rio dl
 Jimiro, M Olymplo, 1997.
 C. d0i Anjoi, M a 00. Monlontei ro-minei. Rio dl Jmilro, 1996.
 6M
 C. dos Anjos, MS = 00. A menina do sobrado. Rio de Janeiro, Jos0 Olym-pio/MEC,
 1979.
 C. Drummond de Andrade, BV = ANDRADE, Carlos Drummond de. A bolsa & a vida. Rio de
 Janeiro, Edi00es do Autor, 1962.
 C. Drummond de Andrade, CA 000. Contos de aprendiz. 2* ed. Rio de Janeiro, Jos0
 Olympio, 1958.
 C. Drummond de Andrade, CB = 00. Cadeira de balan0o; cr0nicas. Rio de Janeiro,
 Jos0 Olympio, 1966.
 C. Drummond de Andrade, C/B = 00. Caminhos de Jo0o Brand0o. Rio de Janeiro, Jos0
 Olympio, 1970.
 C. Drummond de Andrade, CM = 00. Confiss0es de Minas. Rio de Janeiro, Am0ric-
 Edit., 1944.
 C. Drummond de Andrade, FA = 00. Fala, amendoeira. Rio de Janeiro, Jos0 Olympio,
 1957.
 C. Drummond de Andrade, /B = 00. As impurezas' do branco. Rio de Janeiro, Jos0
 Olympio/MEC, 1973.
 C. Drummond de Andrade, MA 000. Menino antigo (Boitempo-II). Rio de Janeiro,
 Sabi0/Jos0 Olympio/MEC, 1973.
 C. Drummond de Andrade, OC =000. Obra completa. Rio de Janeiro, Agui-lar, 1964.
 C. Drummond de Andrade, R ~ 00. Reuni0o; 10 livros de poesias. Rio de Janeiro,
 Jos0 Olympio, 1969.
 C. Falcoo, C 00 FALCOO, Crist0v0o. Cris-)al. In SILVEIRA, A. F. de Sousa da. Textos
 quinhentistas; estabelecidos e comentados por 00-. Rio de Janeiro, Imprensa
 Nacional,

1945, p. 57-142.

C. Lispector, AV = LISPECTOR, Clarice. Água viva. 4ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

C. Lispector, BF = 00. A bela e a fera. 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

C. Lispector, FC = 00. Felicidade clandestina; contos. 3ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

C. Lispector, HE = 00. A hora da estrela. 4ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.

C. Lispector, LF = 00. Laços de lamé-lia; contos. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1965.

C. Lispector, L = 00. O lustre; romance. 5ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

C. Lispector, ME = 00. A mãe no escuro. 6ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

C. Lispector, PSGH = 00. A paixão segundo GH; romance. 7ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

C. Lispector, SV = 00. Um sopro de vida (Pulsões). 4ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

C. M. da Costa, OP = COSTA, Cláudio Manuel da. Obras poéticas. Nova edição... por João Ribeiro. Rio de Janeiro, Garnier, 1903. 2 t.

C. Meireles, OP = MEIRELES, Cecília. Obra poética. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

C. Meireles, Q, / = MEIRELES, Cecília et alii. Quadrante I; crônicas. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1962.

C. Nejar, OP = NEJAR, Carlos.

C. Pena Filho, LG = PENA FILHO, Carlos. Livro geral. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1969.

C. Pessanha, C = PESSANHA, Camilo. Clópsidra. Lisboa, Atiça, 1945.

Castro Alves, EF = ALVES Castro. Espumas jluquantas; poesias. Bahia, Typ. de Camillo de Lellis Masson, 1870.

Castro Alves, OC = 00. Obra completa. 3ª ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1976.

Castro Soromenho, C = SOROMENHO, Castro. A chaga; romance, 2ª ed. Lisboa, Sô da Costa, 1979.

Castro Soromenho, TM = 00. Terra morta; romance. Lisboa, Sô da Costa, s.d.

Castro Soromenho, V = 00. Viragem.

3ª ed. Lisboa, Sô da Costa, 1979. Cochat Osório, CV = OSÓRIO, Cochat. Capim verde; contos. Luanda, Lello, 1957.

Coelho Netto, OS, I = NETTO, Coelho. Obra seleta, I. Romances. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

697

Costa Andrade, NVNT = ANDRADE, Fernando Costa. No velho ninguém toca Lisboa, Sô da Costa, 1974. Cruz e Sousa, OC = CRUZ E SOUSA. Obra completa. Rio de Janeiro, Aguilar, 1961.

D. Andrade, VEE = ANDRADE, Djalma. Versos escolhidos e epigramas. 3ª ed. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1952.

D. Mourão-Ferreira, HL = MOURÃO-FERREIRA, David. Hospital das letras; ensaios. Lisboa, Guimarães Editores, 1966.

Dr. Mourão-Ferreira, / = 00. O irmão; peça em 2 atos. Lisboa, Guimarães Editores, 1965.

D. Olímpio, LH = OLÍMPIO, Domingos. Luzia homem. Rio de Janeiro, Companhia Litho-Typographia, 1903. D. Silveira de Queirós, EHT = QUEIRÓS, Dinah Silveira de.

Eles herdaram a terra. Rio de Janeiro, GRD, 1960. D. Silveira de Queirós, FS = 00. Pioradas na serra; romance, 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1955. D. Silveira

de Queirós, M = 00. A muralha. 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

D. Silveira de Queirós, MLR = 00. Margarida La Rocque. Rio de Janeiro, José

Olympio, 1949.

D. Silveira de Queirós, VI = 00. Verbo dos infiéis, romance. 2* ed. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1971. Da Costa e Silva, PC 0 SILVA, Da Costa e. Poesias completas.

2* ed., revista e anotada por Alberto da Costa e Silva. Rio de Janeiro, Cotredra/MEC, 1976.

E. C. Pereira, GH = PEREIRA, Eduardo Carlos. Grammatica histórica. 9* ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1935.

E. da Cunha, OC = CUNHA, Euclides da. Obra completa. Rio de Janeiro, Aguil-ar, 1966, 2 v.

E. de Castro, OP = CASTRO, Eugénio de. Obras poéticas. Lisboa, Lumen. 1927-1940; Barcelos, Portucalense, 1944, 10 v.

098

E. de Castro, UV = 00. Últimos versos. Lisboa, Bertrand, 1938. E. Moura, IP 0 MOURA, Emílio. Itinerário poético; poemas reunidos. Belo Horizonte, Imprensa Oficial,

1969. E. Pereira Filho, in TPB de Gondavo. PEREIRA FILHO, Emanuel. In: GONDAVO, Pedro de Magalhães de. Tratado da província do Brasil. Edição crônica.

MEC/INL, 1965.

E. Prado, IA = PRADO, Eduardo. A ilusão americana, 3* ed. São Paulo, Escola Typ. Salesiana, 1902. 0. Verossimo, A = VEROSSIMO, 0rico. O tempo e o vento, III.. O arquipélago. Porto Alegre, Globo, 1* ed., 2* impr. 1962-1966. 3 v. 0. Verossimo, C 0 00. Clarissa. 6* ed.

Porto Alegre, Globo, 1947. 0. Verossimo, GPCN =0 00. Gato preto em campo de neve, 9* ed. Rio de Janeiro-Porto Alegre-São Paulo, Globo, 1952.

0. Verossimo, LS = 00, Um lugar ao sol, 2* ed. Porto Alegre, Globo, 1963.

0. Verossimo, ML = 00. Música ao longe. 8* ed. Porto Alegre, 1947. Eça de Queirós, O = OBRAS de Eça de Queirós. Porto, Lello & Irmão, 1958, 3 v.

F. A. Varnhagen, CTA = VARNHAOEN, Francisco Adolpho. Cancioneirinho de trovas antigas coligidas de um grande cancionero da Biblioteca do Vaticano. Viena, Typ. I

e R. do E. e da Corte, 1870.

F. Botelho, X = BOTELHO, Fernanda. Xerazade e os outros; romance (tragédia em forma de). Amadora, Bertrand, s.d.

F. de Castro, ANE = CASTRO, Fernanda de. Asa no espaço. Lisboa, Atiça, 1955. F. Espanca, S = ESPANCA, Florbela. Sonetos; edição integral. 10* ed. Porto, Tavares

Martins, 1962. F. J. Tenreiro, OP = TENREIRO, Francisco José. Obra poética. Lisboa, Associação dos Antigos Alunos do ISCPU, 1967.

F. Namora, CS = NAMORA, Fernando. Cidade solitária; narrativas. 4* ed. Lisboa, Publicações Europa-América, 1969.

F. Namora, DT = 00. Domingo 0 tarde-, romance. 11* ed. Amadora, Bertrand, 1975.

F. Namora, 0 = 00. ENCONTROS com Fernando Namora. 2* ed. Amadora, Bertrand, 1981.

F. Namora, HD = 00. O homem disfarçado; romance. 6* ed. Lisboa, Europa-América, 1970.

F. Namora, NM = 00. A noite e a madrugada; romance. 5* ed. Paris, Europa-Brasil, 1968.

F. Namora, RT = 00. O rio triste; romance. Rio de Janeiro, Nordica, 1982.

F; Namora, T/ = 00. O trigo e o joio. *12* ed. Amadora, Bertrand, 1974.

F. Pessoa, LD = PESSOA, Fernando. Livro do desassossego por Bernardo Soares.

Recolha e transcrição dos textos: Maria Aliete Galhoz, Teresa Sobral Cunha. Prefácio

e organização: Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Atiça, 1982.

F. Pessoa, OP = 00. Obra poética. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Dores Galhoz. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

F. Pessoa, QGP = 00. Quadras ao gosto popular. Lisboa, Ati0a, 1965.

F. Pessoa, SP = 00. Sobre Portugal: introdu00o ao problema nacional. Recolha de textos: Dra. Maria Isabel Rocheta, Dra. Maria' Paula Mor0o. Introdu00o e organiza00o: Joel Serr0o. Lisboa, Ati0a, 1978.

F. Sabino, EM = SABINO, Fernando. O encontro marcado. 8* ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1966.

F. Sabino, G = 00. Gente. Rio de J0. neiro, Record, 1975, 2 t.

F. Sabino, GM = 00. O grande mentecapto. Rio de Janeiro, Record, [1979].

F. Sabino, HN = 00. O homem nu. 5* ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

F. Sabino, ME = 00. O menino no espelho; romance. 2* ed. Rio de Janeiro, Record, 1982.

Fagundes Varela, PC = VARELA, L. N. Fagundes. Poesias completas. Organiza00o e apura00o do texto de Mi0cio T0ti e E. Carreiro Guerra. S0o Paulo, Ed. Nacional, 1957, 3 v.

Fagundes Varela, VA = 00. Vote0 de America; poesias. 2* ed. Porto, Typ. de Ant0nio Jos0 da Silva Teixeira, 1876.

Ferreira de Castro, OC = CASTRO, Ferreira de. Obra completa. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958-1961. 3 v.

Fontoura Xavier, O 0 XAVIER, Fontoura. Opalas; edi00o definitiva, muito aumentada. Lisboa, Vi0va Tavares Cardoso, 1905.

G. Amado, DP = AMADO, Gilberto. De pois da pol0tica. Rio de Janeiro, Jos0 Olympio, 1960.

G. Amado, HMI = 00. Hist0ria da minha inf0ncia. 3* ed. Rio de Janeiro, Jos0 Olympio, 1966.

G. Amado, PP = 00. Presen0a na pol0tica. Rio de Janeiro, Jos0 Olympio, 1958.

G. Amado, TL = 00. Tr0s livros: A chave de Salom0o e outros escritos, Gr0o de areia e estudos brasileiros, A dan0a sobre o abismo. Rio de Janeiro, Jos0 Olympio, 1963.

G. Barroso, TS = BARROSO, Gustavo, Terra de sol (Natureza e costumes do Norte). 5* ed. Rio de Janeiro, S0o Jos0, 1956.

G. Cru0s, HA = CRULS, Cast0o. Hil0ia amaz0nica. 3* ed. Rio de Janeiro, Jos0 Olympio, 1958.

G. Cru0s, QR = 00. Quatro romances. Rio de Janeiro, Jos0 Olympio, 1958.

G. de Almeida, N = ALMEIDA, Guilherme de. Natalika. Aio de Janeiro, Candeia Azul, 1924.

G. de Almeida, PV = 00. Poesia v0ria. 20 ed. S0o Paulo, Martins, 1963.

G. de Almeida, TP = 00. Toda a poesia. Sio Paulo, Martins, 1952. 7 t.

G. Fran0a de Lima, /V 0 LIMA, Geraldo Fran0a de. Jazigo dos vivos; romance. 2* ed. Rio de Janeiro, Jos0 Olympio, 1969.

G. Freyre, OE = FREYRE, Gilberto. Obra escolhida. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1977.

G. Ramos, A = RAMOS, Graciliano. Ang0stia; romance. 3* ed. Rio de Janeiro, Jos0 Olympio, 1947.

699

O. Ramos, AOH = 00. Alexandre e outros her0is; obra p0stuma. 4* ed. S0o Paulo, Martins, 1968.

G. Ramos, C = 00. Caet0s; romance. 2* ed. Rio de Janeiro, Jos0 Olympio, 1947.

G. Ramos, / = 00. Inf0ncia. 9* ed. S0o Paulo, Martins, 1972.

G. Ramos, Ins. = 0;00. Ins0nia; contos. Rio de Janeiro, Jo00 Olympio, 1947. .

G. Ramos, SB = 00. S0o Bernardo; romance. 3* ed. Rio de Janeiro, Jos0 Olympio, 1947.

G. Ramos, VS = 00. Vidas secas; romance. 2* ed. Rio de Janeiro, Jos0 Olympio, 1947.

Genolino Amado, RP 0 AMADO, Geno-lino. O reino perdido. (Hist0rias de um professor de Hist0ria). Rio de Janeiro, Jos0 Olympio, 1971.

Gonçalves Dias, PCPE = DIAS, António Gonçalves. Poesia completa e prosa escolhida. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959.

Graça Aranha, OC = ARANHA, Graça. Obra completa. Rio de Janeiro, MEC/ INL, 1969.

Guerra Junqueira, S = JUNQUEIRO, Guerra. Os simples. Porto, Typ. Occidental, 1892.

Guimarães Passos, VS = PASSOS, Guimarães. Versos de um simples (1886-1891). Rio de Janeiro, s. ed., 1891.

Guimarães Rosa, CB = ROSA, João Guimarães. Corpo de baile; sete novelas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956, 2 v.

Guimarães Rosa, GS-V = 00. Grande sertão: veredas. 5* ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

Guimarães Rosa, PE = 00. Primeiras estórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962.

Guimarães Rosa, S = 00. Sagarana. 4* ed. versão definitiva. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

Guimarães Rosa, T = 00. Tutaméia. Terceiras estórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

H. Sales, AM = SALES, Herberto. Além dos marimbás. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1961.

700

H. Sales, C = 00. Cascalho; romance. 4* ed. Rio de Janeiro, O Cruzeiro. 1966.

H. Sales, DBFM 0 00. Dados biográficos do finado Marcelino; romance. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1965. H. Sales, HO = 00. Histórias ordinárias. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1966. I. Losa, EO = LOSA, Use. Encontro no outono; contos. 2* ed. Lisboa, Portti-gália, 1966.

I. Lisboa, MC/V = LISBOA, Irene. Uma mão cheia de nada, outra de coisa nenhuma; historietas. Lisboa, Portugal, s.d.

J. Amado, GCC = AMADO, Jorge. Ca-briela, cravo e canela; crônica de uma cidade do interior. 15* ed. São Paulo, Martins, 1960.

J. Amado, MG 0 00. O menino gra-piõna. Rio de Janeiro, Record, 1982. J. Amado, MM = 00. Mar morto; romance. 18* ed. São Paulo, Martins, 1968.

J. Amado, TBCG = 00. Teresa Batista cansada de guerra. São Paulo, Martins, 1972.

J. Cabral de Melo Neto, DA = MELO NETO, João Cabral de. Duas águas; poemas reunidos. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Cabral de Melo Neto, PC = 00. Poesias completas (1940-1965). Rio de Janeiro, Sabiô, 1968. J. Cândido de Carvalho, CL = CARVALHO, José Cândido de. O coronel e o lobisomem. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1964.

J. Cândido de Carvalho, NMAI 0 00. Não matem o arco-ôris. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.

J. Cardoso, SE = CARDOZO, Joaquim. Signo estrelado. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1960.

J. Cardoso Pires, D = PIRES, José Cardoso. O delfim; romance. 3* ed. Lisboa, Moraes. 1969.

J. Conde, C = CONDE, José. As chuvas. Rio de Janeiro, Civilizaçãoo Brasileira, 1972.

J. Conde, TC 0 00. Terra de Caruaru. 20 ed. [Rio de Janeiro], Bloch. 1968.

J. Cortesão, CP = CORTESÃO, Jaime. Cancioneiro popular. Porto, Renascença, 1914.

J. Cortesão, FDFP = 00. Os factores democráticos na formação de Portugal. 2* ed. Lisboa, Portugal, 1966.

J. Cortesão, IHB = 00-... Introduçãoo 0 história das bandeiras. Lisboa, Portugal, 1964. 2 v.

J. de Alencar, C0> = MENEZES, Raimundo de. Cartas e documentos de José de Alencar. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1967.

J. de Alencar, G = ALENCAR, José de. O Guarani; romance brasileiro. Edição crítica por Darcy Damasceno. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1958.

J. de Alencar, OC = 00. Obra completa. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959-1960. 4 v.

J. de Araújo Correia, FX 0 CORREIA, João de Araújo. Folhas de xisto; contos. Régua. Imprensa do Douro, 1959.

J. de Deus, CF = DEUS, João de. Campo de flores; poesias lyricas completas

coordenadas sob as vistas do auctor por Theophilo Braga. 2* ed. 0 ne varie-tur. Lisboa, Imprensa Nacional, 1896.

J. de Deus, FS = Folhas soltas. Porto, Magalhães & Moniz, 1876.

J. de Figueiredo, C = FIGUEIREDO, Jackson de. Correspondência. Rio de Janeiro, A.B.C., [1938].

J. de Lima, OC = LIMA, Jorge de. Obra completa. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958. 1<? vol.

J. de Sena, G-C = SENA, Jorge de. Os grão-capitães; contos. 30 ed. Lisboa, Edições 70, 1982.

J. de Sena, NAD = 00. Novos andanças do demônio; contos. Lisboa, Portugalia, 1966.

J. de Sena, SF = 00. Sinais de fogo (Monte cativo 0 1); romance, 2* ed. Lisboa, Edições 70, 1971.

J. do Prado Coelho, PHL = COELHO, Jacinto do Prado. Problemática da história literária. Lisboa, Atiça, 1961.

J. Lins do Rego, A-M = RE00, José Lins do. Água-móe. 4* ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, C = 00. Cangaceiros. Rio de Janeiro, José Olympio, 1953.

J. Lins do Rego, D 0 00. Doidinho. 6* ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, E = 00. Euródice. 4* ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, FM = 00. Fogo morto. 2* ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1944.

J. Lins do Rego, ME = 00. Menino de engenho. 6* ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, M R -- 00. O moleque Ricardo. 5* ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, MVA = 00. Meus verdes anos; memórias. 2* ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

f. Lins do Rego, P = -00. Pureza. 5* cd. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, RD 0 00. Riacho doce. 3* ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, U = -00. Usina. 4* ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Manuel de Macedo, RQ = MACEDO, Joaquim Manoel de. O rio do quarto. 3* ed. Rio de Janeiro, Garnier, 1901.

J. Montello, A 0 MONTELLLO, Josué. Aleluia. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

J. Montello, DP = 00. Os degraus do paraíso; romance. São Paulo, Martins, 1965.

J. Montello. DVP = 00. Duas vezes perdida; novelas. São Paulo, Martins, 1966.

J. Montello. L0 = 00. Labirinho de espelhos. 2* ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.

J. Montello, PMA = 00. O presidente Machado de Assis. São Paulo, Martins, 1961.

J. Montello, SC = 00. O silêncio da confissão. 2* ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

J. Montello, TSL = 00. Os tambores de São Luís. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1975.

701

J. Nabuco, A 00 NABUCO, Joaquim. O abolicionismo. Conferências e discursos abolicionistas. São Paulo, IP0, 1949.

J. Nabuco, MF 0 00. Minha formação. São Paulo, IP0, 1947.

J. Paço d'Arcos, CVL = ARCOS, Joaquim Paço d'. Crônica da vida lisboeta. Organização e introdução do Prof. António Soares Amora. Rio de Janeiro, Aguilar, 1974.

J. Régio, CL = R0GIO, José. A chaga do lado; sátiras e epigramas. 2* ed. Lisboa, Portugalia, 1936.

J. Régio, ED 0 00. As encruzilhadas de Deus; poema. 3* ed. Lisboa, Portugalia, s.d.

J. Régio, ERS = 00. El-Rei Sebastião; poema espectacular em três actos. Coimbra, Atlfintida, 1949.

J. Rógio, F = 00. Fado, 20 ed. Lisboa, Portugal, 1957.

J. Rógio, {A = 00. facob e o anjo; mistério em três actos, um prólogo e um epólogo, 2* ed. Vila do Conde, Edições "Ser", 1953.

J. Rógio, PDD = 00. Poemas de Deus e do Diabo. 4* ed. Lisboa, Portugal, 1955.

J. Rógio, SM = 00. A salvação do mundo; tragicomédia em três actos. Lisboa, Inquirito, 1954.

J. Ribeiro, AC = RIBEIRO, João. Autores contemporâneos. Excerpts de es-criptores brasileiros e portugueses contemporâneos. 25* ed. refundida, anno-tada e actualizada.

Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1907.

J. Ribeiro, CD2 = 00. Cartas devolvidas. 2* ed. com prefácio de Joaquim Ribeiro. Rio de Janeiro, São José.

J. Ribeiro, F = 00. O fabordão; crónica de vário assunto. Rio de Janeiro/Paris, Garniet, 1910.

J. Ribeiro, FE = 00. Floresta de exemplos. Rio de Janeiro, J. R. de Oliveira, 1931.

J. Ribeiro, FL 0 00. O folk-lore. E todos de literatura popular. Rio de Janeiro. Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919.

J. Ribeiro, PE =000. Páginas de esthe-tica. Lisboa, Clássica Editora, 1905.

J. Rodrigues Migueis, GTC = MIGUEIS, José Rodrigues. Gente de terceira classe; contos e novelas. 2* ed. Lisboa, Estudos Cor, 1971.

J. Saramago, LC = SARAMAGO, José. Levantado do chão. 3* ed. Lisboa, Ed. Caminho, 1982.

J. Saramago, MC = 00. Memorial do Convento; romance. Lisboa, Ed. Caminho, 1982.

L. B. Honwana, NMCT = HONWANA, Luís Bernardo. Nós matamos o cão-tinhoso. São Paulo, Atiça, 1980. L. Fagundes Telles, ABV = TELLES, Ly-gia Fagundes. Antes do baile verde. 2* ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971. L. Fagundes Telles, DA 0 00. A disciplina do amor. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

L. Fagundes Telles, M = 00. Mistério; ficções. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

L. Fagundes Telles, SR = 00. Seminário dos ratos. 3* ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.

L. Forjaz Trigueiros, ME = TRIGUEIROS, Luís Forjaz. Monólogo -em ofeso. Amadora, Bertrand, s.d.

L. Jardim, AMCA = JARDIM, Luís. Aventuras do menino Chico de Assis. Rio de Janeiro, José Olympio/INL, 1971. L. Jardim, BA = 00. O boi aru. Rio de Janeiro, Alba, 1940. L. Jardim, CTG = 00. Confissões do meu tio Gonzaga; romance. 2* ed. Rio de Janeiro. José Olympio, 1966. L. Jardim, MP = 00. Maria perigosa. 2* ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959. L. Jardim, MPM = 00. O meu pequeno mundo: algumas lembranças de mim mesmo. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.

Luandino Vieira, Cl = 00. VIEIRA, José Luandino. A cidade e a infância, histórias. 2* ed. Lisboa, União dos Es-, critores Angolanos 0 Edições 70, 1977. Luandino Vieira,

JV = 00. João Vendo: os seus amores; história. Lisboa, Edições 70, 1979.

Luandino Vieira, 0, = 00. Luanda; histórias. São Paulo. Atiça, 1982.

702

Vieira, NANV = 00. No ente, na vida; histórias. 3* ed. |, Edições 70, 1977.

.Vieira, NM 0= 00. Nós, os tlusu. 3* ed. Lisboa, S0 da .1977.

Vieira, V0 = 00. Velhas es-contos. 2* ed. Lisboa, Edições

Vieira, VVDX = 00. A vida deira de Domingos Xavier. São Atiça, s.d.

Vasconcellos, LFP = VASCON-José Leite de. Livres de filo-portuguesa. 2* ed. Lisboa, Biblio-

- Nacional, 1926.

l, Barreto. REIC = BARRETO, Lima. es do escritor Isaias Cami-2* ed. São Paulo, Brasiliense,

eto, TFPQ 0 00. Triste fim [Policarpo Quaresma. 3* ed. São D, Brasiliense, 1965. ndeira, A0 = BANDEIRA, Manuel. a, andorinha. Rio de Janeiro, | Olympio,

1966.

ndeira, PP = 00. Poesia e prosa. de Janeiro, Aguilar, 1958. 2. v. eto, CP = BARRETO, MÓrio. Car-persas, de Montesquieu. Verso e anotaões de 00. Rio Janeiro-Paris, Garnier, 1923.

eto, FLP = 00. Fatos da lŕngua Rio de Janeiro, Francisco 1916.

Fonseca, FC = FONSECA, Manuel 1 O fogo e as cinzas; contos. 2* ed. a, Portugŕlia, 1965. Fonseca, SV = 00. Seara de 90 ed. [Lisboa], Forja, 1979.

Andrade, CMB ANDRADE, MÓ-, ' Cartas de MÓrio de Andrade a Bandeira. Rio de Janeiro, Si-1958.

i Andrade, OI = 00. Obra imatu-Sio Paulo, Martins, 1960.

Andrade, PC = 00. Poesias npletas. Sŕo Pauto, Martins, 1955. Mi de Sŕo-Carneiro, C = Sŕo-CARNEIRO, MÓrio de. Cartas de MÓrio.de Sŕo Car-Mfro a Luŕs de Montalvor,

Cŕndida

Ramos, Alfredo Guisado, Josŕ Pacheco. Leitura, seleoŕo e notas de Arnaldo Saraiva, Porto, Limiar, 1977.

M. de Sŕo-Carneiro, CF = 00. Cŕu em fogo; novelas. 2* ed. Lisboa, ŕtica, 1956.

M. de Sŕo-Carneiro, CFP = 00. Cartas a Fernando Pessoa. Lisboa, Atiŕa, 1958-1959. 2 v.

M. de Sŕo-Carneiro, CL = 00 A confissŕo de Lŕcio. 2* ed. Lisboa, Atiŕa, 1945.

M. de Sŕo-Carneiro, P = 00. Poesias. Lisboa, Atiŕa, 1953.

M. de Sousa Lima, CP = LIMA, MÓrio Pereira de Souza. Gramŕtica portuguesa. Ediŕo revista e aumentada de acordo com o Programa Oficial, para as 4 sŕries. Rio de Janeiro, Josŕ Olympio, 1945.

M. Ferreira, HB = FERREIRA, Manuel. Hora di bai. Sŕo Paulo, Atiŕa, 1980.

M. J. de Carvalho, AV = CARVALHO, Maria Judite de. Os armŕrios vazios. 2* ed. Amadora, Bertrand, 1978.

M. J. de Carvalho, PSB = 00. Paisagem sem barcos. Lisboa, Arcŕdia, s.d.

M. J. de Carvalho, TGM = 00. Tanta gente, Mariana... 2* ed. Lisboa, Ar-, cŕdia, 1960.

M. J. de Carvalho, TM = 00. Tempo de mercŕs. Lisboa, Seara Nova, 1973.

M. Lopes, FVL = LOPES, Manuel. Os flagelados do vento leste. Sŕo Paulo, Atiŕa, 1979.

M. Mendes. P = MENDES, Murilo. Poesias (1925-1955). Rio de Janeiro, Josŕ Olympio, 1959.

M. Mesquita, LT = MESQUITA, Marcellino. Leonor Teles. Lisboa, s. ed., 1892.

M. Palmŕrio, CB = PALMŕRIO, MÓrio. Chapadŕo do Bugre; romance. Rio de Janeiro, Josŕ Olympio, 1965.

M. Palmŕrio, VC = 00. Vila dos confins. Rio de Janeiro, Josŕ Olympio. 1956.

M. Pederneiras, LSMV = PEDERNEIRAS, MÓrio. Ao lŕu do sonho e.ŕ mercŕ da vida. Rio de Janeiro, s. ed., 1912.

M. Quintana, P = QUINTANA, MÓrio. Poesias. 2* ed., 2* impr. Porto Alegre, Globo, 1975.

703

M. Rubiŕo, D = RUBIŕO, Murilo. Os dragŕes e outros contos. Belo Horizonte, Ediŕoes MP, 1965.

M. Torga, API = TORGA, Miguel. Alguns poemas ibŕricos. Coimbra, s. ed., 1952.

M. Torga, B = 00. Bichos. 9* ed. Coimbra, s. ed., 1978.

H. Torga, CH = 00. Cŕntico do homem; poesia. 3* ed. Coimbra, s. ed., 1954.

M. Torga, CM = 00. Contos da montanha. 2* ed. Rio de Janeiro, Pongetti, 1955.

M. Torga, NCM 0 00. Novos contos da montanha. 3* ed. Coimbra, s. ed., i 1952.

M. Torga, P 0 00. Portugal. Coimbra, s. ed., 1950.

M. Torga, TU = 00. Traŕo de uniŕo; temas portugueses e brasileiros. Coimbra, s. ed., '1955.

M. Torga, V = 00. Vindima. 2* ed., refundida. Coimbra, s. ed., 1954.

Machado de Assis, OC = Assis, Machado de. Obra completa. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959, 3 v.

Marquês de Maricó, M = Moximas, pensamentos e reflexões do Marquês de Maricó. Edição dirigida e anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

Marques Rebelo, M = REBELO, Marques. Marajó. 3ª ed. São Paulo, Martins, 1956.

Marques Rebelo, SMAP = 00. Stela me abriu a porta; contos. Porto Alegre, Globo, 1942.

Martins Pena. T = PENA, Martins, Teatro. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1956. 2 v.

Monteiro Lobato, CDB = LOBATO, Monteiro. Geografia de Dona Benta. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1950.

Monteiro Lobato, N = 00. Negrinha; contos, 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1951.

Monteiro Lobato, U = 00. Urupês. 12ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1962.

N. Pinon, CC = PINON, Nélida. O calor das coisas. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

N. Pinon, CP = 00. A casa da paixão, 3ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1978.

N. Pinon, FD = 00. A força do destino. 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

N. Pinon, S0 = 00. Saída de armas; contos. 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

O. Bilac, DN = BILAC, Olavo. A defesa nacional; discursos. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1965.

O. Bilac, P = 00. Poesias infantis. Rio de Janeiro, Garnier, 1904.

O. Bilac, T = 00. Tarde. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1919.

O. de Andrade, PR = ANDRADE. Oswald de. Poesias reunidas. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1966.

O. Lara Resende, BD = RESENDE, Otto Lara. O braço direito; romance. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

O. Lara Resende, PM = 00. As pompas do mundo. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1975.

O. Lara Resende, RG = -0. O retrato na gaveta. 3ª ed. Rio de Janeiro, Sabiá, 1971.

O. Lins, A 0 LINS, Osman. Avalovara; romance. 3ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1975.

O. Lins, FP = 00. O fiel e a pedra; romance. 2ª ed. São Paulo, Martins, 1967.

O. Lins, V = 00. O visitante; romance. 3ª ed. São Paulo, Summus, 1979.

O. Mariano, TVP = MARIANO, Olegório. Toda uma vida de poesia; poesias completas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957. 2 v.

O. Mendes, LFNF = MENDES, Orlando. Lume florindo na forja. Lisboa, Edições 70, 1980.

O. Mendes, P 0 00. Portagem. São Paulo, Atiá, 1981.

O. Ribas, EMT 0 RIBAS, Oscar. Ecos da minha terra: dramas angolanos. Lisboa, Distribuidora Lello & Cia., s.d.

O. Ribas, U = 00. Uanga: feitiço; romance folclórico angolano. Lisboa, Lello & Cia. Distribuidores, s.d.

DF = SOARES, Orris. Dicio-pj>< filosofia, volume I 0 A-D. 0 Janeiro, MEC/INL, 1952. , VB = MENDES, Manuel Odo-ílio brasileiro. Tradução do o. Rio de Janeiro-Paris, Gar-E*.

0 Campos, AB = CAMPOS, Pau-Jaes. O anjo bobado. Rio de Janeiro, Sabiá, 1969.

0r BC = NAVA, Pedro. Balço ca-p0? volume de suas memórias. P0 Janeiro, José Olympio, 1973.

B-M = 00. Beira-mar. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.

p, B0 0 00. Baço de ossos; me-0 I. 2ª ed. Rio de Janeiro, José pio/Sabiá, 1974.

0, AN = PEPETELA. As aventu-% Ngunga. São Paulo, Atiá, 1980.

l, M = 00. Mayombe; rotnan-p Paulo, Atiá, 1982. ,0sa, EDS = BARBOSA, Rui. Es-e discursos seletos. Seleção, or-0o e notas de Virgônia Cortes ;erda. Rio de Janeiro, Aguilar, <;jsa, R = 00. R0plica do Sena-0&uy Barbosa 0s defesas da redação projeto da Câmara dos Deputados. '-de Janeiro,

Imprensa Nacional,
Iga, CCE = BRAGA, Rubem. 100 escolhidas. Rio de Janeiro, Olympio, 1958.
i, CR = 00. A cidade e a roça primitivos. 2* ed. Rio de Janeiro, 1964.
id00, H = BRAND00, Raul. H0-4* ed. Paris-Lisboa, Aillaud & 0jrand, s.d.
,_jd00, P = 00. Os pescadores. loa, Estudos Cor, 1957. ...lia. PCP = CORREIA,
Raimundo. lia completa e prosa. Texto, cro-Clgia, notas e estudo biogr0fico por
ildir
Ribeiro do Vai. Rio de Janeiro-ff0.0 Aguilar, 1961. 0lrlFonseca, C = FONSECA, Rubem.
O "Vibrador. 2* ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
R. de Queiros, CCE = QUEIROZ, Rachel de. 100 cr0nicas escolhidas. Rio de Janeiro,
Jos0 Olympio, 1958. R. de Queiros, TR = 00. 3 romances: O Quinze, Jo0o Miguel,
Caminho de pedra. 2* ed. Rio de Janeiro, Jos0 Olympio, 1957.
R. M. F. de Andrade, V = ANDRADE, Rodrigo M. F. de. Vel0rios. Belo Horizonte, Os
Amigos do Livro, s.d. R. Pomp0ia, A = POMPOIA, Raul. O Atheneu; cr0nica de
saudades,
4* ed. definitiva. Rio de Janeiro, Francisco Alves, s.d.
Rebello da Silva, CL = SILVA, Rebello da. Contos e lendas. Lisboa, Mattos Moreira,
1873.
Ribeiro Couto, C = Couro, Ribeiro. Cabocla; romance. 3* ed. Lisboa, S0 da Costa,
1945.
Ribeiro Couto, NC = 00. Uma noite de chuva e outros contos. Lisboa, Inqu0rito,
1944.
Ribeiro Couto, PR = 00. Poesias reunidas. Rio de Janeiro, Jos0 Olympio, 1960.
S. da Silva Neto, HLP = SILVA NETO, Serafim. Hist0ria da l0ngua portuguesa. 2* ed.
Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1970.
S. da Silva Neto, 0ELPB = 00. Introdu00o ao estudo da l0ngua portuguesa no Brasil.
2* ed. Rio de Janeiro, MEC/ INL, 1963.
S. de Mello Breyner Andresen, CE = ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Contos
exemplares. 6* ed. Lisboa, Por-tug0lia, s.d.
Said Ali, DLP 0 ALI, Manuel Said. Dificuldades da l0ngua portuguesa. 5* ed. Rio de
Janeiro, Livraria Acad0mica, 1957.
Said Ali, CS = 00. Grammatica secundaria da l0ngua portuguesa. 4* ed. S0o Paulo,
Melhoramentos, s.d. Sim0es Lopes Neto, CGLS = LOPES NETO, J. Sim0es. Contos
gauchescos
e lendas do Sul. Ed. cr0tica por Aur0lio Buarque de Holanda. 5* ed. Porto Alegre,
Globo, 1957.
704
705
Soares dos Passos, P = PASSOS, Soares dos. Poesias. 9* ed. Porto, Chardron, 1909.
Sousa da Silveira, LP = SILVEIRA, A. F. de Sousa da. Li00es de portugueses. 8* ed.
Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1972.
Sttau Monteiro, APJ = MONTEIRO, Lu0s Sttau. Ang0stia para o jantar. 5* ed. Lisboa,
Ati0a, 1967.
Sttau Monteiro, FHL = 00. Felizmente h0 luar!, teatro. 3* ed. Lisboa, Portu-g0lia,
1962.
T. Barreto, QV = BARRETO, Tobias. Quest0es vigentes. In: Obras completas. Ed. do
Estado de Sergipe, 1962, t. 9.
T. A. Gonzaga, OC = GONZAGA, Tom0s Ant0nio. Obras completas. Edi00o cr0tica de M.
Rodrigues Lapa. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1957. 2. v. T. da Silveira, PC 0
SILVEIRA,
Tasso da. furo canto; poemas completos. Rio de Janeiro, GRD, 1962. T. da
Silveira, SC 0 00. Sombras do
caos. Rio de Janeiro, GRD, s.d. T. Martins Moreira, MP = MOREIRA, Thiers
Martins. O menino e o palacete. Rio de Janeiro, Sim0es, 1954. T. Martins Moreira,
VVT = 00-. Vis0o em v0rios tempos. Rio de Janeiro, Livraria S0o Jos0, 1970.
Teixeira de Pascoaes, OC = PASCOAES, Teixeira de. Obras completas. Paris-
Lisboa,
Aillaud e Bertrand, s. d. 7 v Trindade Coelho, AL 0 COELHO, Trindade. Ao leitor.

In João de Deus. A cartilha maternal e a crônica. Lisboa, Bertrand/José Bastos, 1897. U. Tavares Rodrigues, AM = RODRIGUES, Urbano Tavares. As aves da madrugada; aovelas. Amadora, Bertrand, 1959. U. Tavares Rodrigues, /U = UU. jornadas na Europa. [Lisboa] Europa-América, 1958.

U. Tavares Rodrigues, MTG = UU. Manuel Teixeira Gomes; introdução ao estudo de sua obra. Lisboa, Portugal, 1950.

U. Tavares Rodrigues, NR = UU. A noite roxa; novelas. Amadora, Bertrand, 1956.

U. Tavares Rodrigues, NS = UU. Nus e suplicantes; novelas. Amadora, Bertrand, 1960.

U. Tavares Rodrigues, PC = UU. Uma pedrada no charco. Lisboa, Bertrand, 1957.

U. Tavares Rodrigues, TO = UU. Terra ocupada; novelas. Amadora, Bertrand, s. d.

U. Tavares Rodrigues, VP = UU. Vida perigosa; novelas. Lisboa, Bertrand, 1955.

V. de Moraes, LS ---= MORAES, Vinícius de. Livro de sonetos. 3* ed. Rio de Janeiro. Sabido, 1968.

V. de Moraes, PCP = UU. Poesias completas e prosa. 2* ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1980.

V. Ferreira, A = FERREIRA, Vergílio. Aparição, 7* ed. Lisboa, Portugal, 1971. V. Ferreira, CF = UU. Cântico final. Lisboa, Ulisseia, s.d. V. Ferreira, NN = UU, Notido nulo; romance, 2* ed. Lisboa, Portugal, 1972. V. Nemosio, Cl = NEMOSIO, Vitorino. Corsário das ilhas. Lisboa, Bertrand [1956]. V. Nemosio, MPM = UU. O mistério do Paço do Milhafre. Lisboa, Bertrand, 1949. V. Nemosio, MTC = UU. Mau tempo no canal; romance. 5* ed. Amadora, Bertrand, s.d. V. Nemosio, SOP = UU. O segredo de Ouro Preto e outros caminhos. Lisboa, Bertrand, 1954.

V. Nemosio, VM = UU. Violão de morro. Lisboa, Edições Panorama, 1968. V. Vitorino, F = VITORINO, Virginia. Fascinação. Lisboa, J. Rodrigues & C., 1933.

Visconde de Taunay, / = TAUNAY, Visconde de. Innocencia. 4* ed. Rio de Janeiro, 1899. Vianna Moog, T = Mooc, Viana. Tóia; romance. 4* ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1964.

706

ÍNDICE ONOMÁSTICO

URA, A.: 122,
 i 48, 149, 150,
 211,212,214,
 Sll, 323, 344,
 . 449, 450, 453,
 502,521,541,
 ; 589, 590, 592,
 , 63-7.

, C. de: 229,
 , 661, 668, 669,

OS FILHO:

455, 462, 475,
 556, 567, 569,
 127, 130,
 153, 160,
 217, 222,
 348, 349,
 457, 458,
 559, 560,

596, 598,
137, 139,
194, 207,
227, 228,
154, 440,
480, 490,
575, 581,
621, 628,
613, 648, 650, 654,
677, 685, 686, 687.
158, 240, 331, 385,
477, 481, 485, 511,
576, 591, 595, 603,
3NSO X, D.: 672. STINHO NETO: 274, 275, 445, 7, 557, 558. EL: 372.
O IAR, Martinz de: 142, 590. RCOS LLORACH, E.: 200.
* < CAR, J. de: 231', 520, 526, 598,
r-M. Said: 345, 478, 660. O Jr., J. H. D.: 87. ., EIDA, G. de: 441, 466. 4EIDA,
Jo O de: 448, 449. 3NSO, A.: 90. R, M.: 4, 111.
S, Castro: 150, 156, 157, 168, 209, .3, 275, 276, 279, 474, 574, 592, 607, 43,
647, 655, 657, 680, 689.
3, Genolino: 204, 211, 215, 232,
SDO, G.: 123, 141. 201, 208, 224,
O; 236, 240, 297, 321, 339, 341, 356, l, 474, 477, 489, 502? 508, 514, 553, i 628,
649.
, O > O, J.: 153, 159, 286, 289, 348, l O 441, 453, 474, 491, 514, 524, 528,
Amadeu: 671.
O RADE, C. Drummond de: 116, 3, 127, 129, 131, 137, 142, 143, 146, 0, 193, 194,
212, 214, 228, 255, 262, 9, 302, 303, 324, 325, 327, 338, 339, 9, 354, 439, 444,
445,
447, 451, 452,
5. 458, 467, 475, 488, 491, 492, 495,
6. 504, 507, 509, 510, 513, 518, 519, , 522, 534, 541, 547, 549, 550, 552, SSJ,
557, 559, 562, 565, 567, 591, 593, 602, 603, 607, 615, 616, 663, 673, 690.
ANDRADE, D.: 644.
ANDRADE, F. Costa: 340, 534, 558, 596.
ANDRADE, M. de: 211, 258, 354, 489, 490, 547, 640, 642.
ANDRADE, O. de: 337.
ANDRADE, R. M. F. de: 199, 224, 231, 279, 286, 340, 355, 549, 561, 564.
ANDRESEN, S. de Mello Breyner: 530, 532, 597, 637.
ANJOS, A. dos: 534, 651.
ANJOS, C. dos: 125, 126, 133, 138, 142, 147, 158, 159, 195, 206, 209, 217, 232,
256, 286, 288, 289, 291, 301, 310, 319, 321, 323, 333, 338, 347, 440, 445, 446,
450,
453, 459, 479, 486, 501, 504, 507, 509, 514, 518, 523, 524, 528, 560, 573, 574,
604, 605, 609, 620, 630, 631.
ARANHA, Gra Oa: 290, 537, 581, 629, 641.
ARCOS, J. Pa O d': 117, 138, 141, 143, 149, 152, 195, 298, 330, 353, 447, 449,
450, 475, 483, 484, 502, 509, 513, 520, 522, 526, 534, 549, 593, 607, 627.
ARINOS, A.: 315, 475, 477, 483, 492, 502, 509, 540, 563.
ASSIS JUNIOR, A. de: 315, 326, 327, 329, 332, 346, 355, 535, 537, 631, 638, 640.
ASSIS, Machado de: 118, 122, 135, 136, 138, 140, 141, 143, 146, 149, 150, 151,
153, 154, 160, 212, 214, 224 227, 231, 258, 275, 279, 282, 289, 290, 291, 293,
295,
297, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 311, 312, 313, 315, 319, 323, 325, 326, 330,
331, 332, 337, 338, 339, 340, 341, 343, 348, 353, 355, 357, 367, 448, 449, 453,
457,
458, 459, 460, 462, 464, 469, 476, 480, 493, 494, 495, 496, 500, 501, 502, 503,
512, 513, 519, 520, 521, 522, 523, 526, 528, 539, 546, 549, 550, 551, 558, 559,

561,
562, 564, 569, 570, 571, 573, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596,
597, 600, 604, 606, 611, 613, 614, 616, 617, 618, 619, 626, 627, 629, 630, 634,
635,
637, 640, 642, 648, 679, 688.
AULETE, Caldas: 516, 563. AZEREDO, C. Magalhães de: 673. AZEVEDO, A.: 336, 478,
597. AZEVEDO, Alvares de: 686. AZEVEDO, Artur: 315, 340, 538, 638.
707
BALLY, Charles: 623, 624. BANDEIRA, M.: 127, 145, 158, 162,
210, 211, 222, 263, 292, 301, 311, 334,
450, 478, 481, 486, 490, 493, 494, 496,
498, 586, 588, 633, 643, 644, 645, 669,
692. BARBOSA, R.: 160, 218, 299, 303, 312,
463, 489, 523, 546, 635. BARRENECHEA, A. Maria: 367. BARRETO, Lima: 142, 148,
150, 336,
528, 570, 582, 631. BARRETO, M.: 103, 296, 515, 520. BARRETO, T.: 326. BARROSO,
G.: 582. BASILIO, M.: 103. BECHARA, Evanildo: 590. BERNAY, A. de: 670, 672. BESSA,
J. R. Fontenele: 83. BILAC, O.: 159, 160, 162, 226, 251, 274,
278, 303, 455, 554, 652, 655, 658, 659,
660, 666, 671. BOILEAU: 671.
BOLÃO, M. de Paiva: 9, 10, 384, 443. BOPP, R.: 55, 60. BOTELHO, F.: 122, 132, 146,
199, 455,
470, 480, 493, 537, 566, 603. BOTTO, A.: 126, 289, 329, 495, 628,
662, 689. BRAGA, B.: 691. BRAGA, R.: 145, 212, 314, 340, 437,
450, 464, 471, 492, 518, 532. BRANCO, C. Castelo: 13b, 140, 150,
195, 222, 223, 256, 297, 313, 339, 345,
346, 439, 459, 482, 486, 488, 490, 495,
498, 517, 519, 526, 528, 535, 547, 550,
557, 569, 574, 616, 639. BRANDÃO, R.: 212, 224, 263, 292, 298,
444, 567, 571, 586. BRUNOT, Ferdinand: 475. BUREAU, Conrad: 370.
CAFEZEIRO, E.: 178.
CALISTENES (falso): 672.
CALLADO, A.: 284, 438, 457, 470.
CALLOU, D. M. Isensee: 46.
CAMARÃO Jr., J. Mattoso: 38, 113, 281.
CAMÕES, L. de: 341, 351, 438, 684, 686, 688.
CAMPOS, P. Mendes: 582.
CANTEL, R.: 613.
CARDOSO, J.: 220, 609, 610.
CARDUCCI, Giosuè: 673.
CARVALHO, J. C. de: 316, 348.
CARVALHO, J. G. Herculano de: 91, 111.
CARVALHO, M. J. de: 127, 131, 140, 146, 147, 152, 230, 269, 307, 321, 323, 325,
332, 439, 451, 452, 453, 455, 456, 458, 463, 488, 539, 551, 570, 581, 595, 609,
619,
623, 641, 645.
CARVALHO, Vicente de: 686, 687.
CASAL, Aires de: 242.
CASTELEIRO, João Malaca: 255, 497.
CASTILHO, A. F. de: 496, 651.
CASTILHO, Ataliba T. de: 372.
CASTRO, E. de: 227, 275, 320, 331, 539, 676, 678.
CASTRO, Fernanda de: 118.
CASTRO, Ferreira de: 214, 223, 292, 303, 304, 322, 328, 351, 355, 357, 359, 449,
457, 462, 476, 477, 482, 488, 495, 502, 532, 551, 597, 599, 610.
CAVACAS, A. d'Almeida: 178.
CELA, Claudino: 372. CHERVEL, A.: 133. CHING, L.: 84, 111. CINTRA, L. F. Lindley:

10, 18, 278. CINTRA, M. A. Valle: 10. COELHO, F. Adolfo: 423. COELHO, Jacinto do Prado: 233, 479. COELHO-NETTO: 212, 273, 292, 298, 301, 307, 340, 476, 500, 539, 552, 556, 560, 636, 639. COLLINDER, B.: 5. COMODIANO: 682. CONDE, J.: 130, 135, 256, 458, 477. CORREIA, J. da Silva: 675. CORREIA, J. de Araújo: 226, 232, 338, 345, 446, 499, 553, 583, 592. CORREIA, R.: 195, 268, 305, 318, 493, 534, 535, 612, 684, 691. CORTESÃO, J.: 195, 210, 211, 276, 338, 440, 555, 564, 572. COSERIU, E.: 3, 7, 372. COSTA, Hipólito José da: 242. COSTA, C. M. da: 218. COUTO, Ribeiro: 118, 126, 292, 314, 320, 324, 357, 504, 517, 533, 549, 611, 631. CRULS, G.: 326, 563. CULIOLI, Antoine: 372. CUNHA, C.: 5, 8, 24, 423, 654. CUNHA, E. da: 227, 268, 306, 311, 318, 525, 551.

708

D

683. 5, Jean: 372. 'RE, P.: 29. E, K. Heinz: 138. 599. KTO, A.: 215. ,_, J.-P.: 372. UNTES, Maurice: 614. i 0- de: 281, 302, 663, 677, 679. , Epifônio da Silva: 142, 281. DIAS, Gonçalves: 8, 52, 137, 263, 278, 279, 342, 446, 447, 494, 525, 626, 662, 677, 685. DIAZ, G. Verdón: 624. DIETRICH, W.: 10. DIOMEDES, 60. DOURADO, Autran: 117, 130, 137, 142, 207, 308, 449, 457, 508, 516, 616, 647. DUBOIS, J.: 83, 135. , Esteban Rafael: 536. 681. >T, Alfred: 682. rf0ZI, A.: 197. MCA, F.: 139, 155, 157, 195, 196, 213, 229, 274, 275, 300, 306, 307, 3)1, 344, 347, 451, 476, 483, 490, 497, 568, 608, 612, 634, 641, 642, 668, 691. ESPINEL, Vicente: 689. , C.: 527. ..C. G. M.: 29. l, I. Hub: 456. V, A.: 527. V, M.: 355, 356, 549. _... V.: 233, 450, 473, 477, 484, E504, 511, 519, 530, 535, 550, 557, ,618. EIREDO, J. de: 311. M1: 624. fc0M, L: 6. FONSECA, Branquinho da: 131, 146, 147, 199, 210, 220, 230, 264, 529, 554, 558, 559, 563, 572, 638, 640. FONSECA, M. da: 123, 532, 533, 539, 551, 552, 555, 562, 563, 594. FONSECA, R.: 146, 487, 645. FONTES, Hermes: 654, 670. FRANCO, A. A. de Melo: 140, 554, 563, 643. FREYRE, G.: 644. JCHET, Georges: 155. _.-?, Almeida: 262, 318, 326, i. 515, 523, 526, 527, 676. JHJX, J.: 5. >; 147, 574, 581, 656: GAYA, Samuel: 261. *GA, T. A.: 352. HLEZ OLL0, F.: 91. , Her0clito: 345. 40NT, Maurice: 660, 671. 0ES, R.: 90. Zdenek; 479. RLOT, B.: 90. ,. B. F.: 46. RfQUEZ UREflA, Pedro: 674. .JULANO, A.: 131, 258, 292, 450, 0 0l, 487, 492, 500, 503, 504, 516, 615. ttfBLMSLEV, Louis; 505.

H

GROSS, Maurice: 372. GUERRA DA CAL, Ernesto: 536, 613. GUERREIRO, Miguel do Couto: 651. GUIMARAENS, A. de: 139, 154, 209, 212, 269, 274, 298, 344, 355, 446, 658, 665, 676, 678, 680. GUIMARAENS FILHO, Alphonsus: 683. GUIMAR0ES, B.: 501. HOEPELMAN, J.: 372. HOLANDA, Aur0lio Buarq0e:v 343. HONWANA, L. B.: 122, 124, 282, 551, 553, 560, 564, 595, 627. HORACIO: 682. HUBER, Joseph: 281. HUGO, V0tor: 671. HUIDOBRO, Vicente: 261.

709

IORDAN, L: 111.
JAKOBSON, R.: 7, 29. JARDIM, L.: 126, 148, 149, 339, 440, 465, 467, 480, 529, 537, 540, 575, 598.
JESPERSEN, O.: 6, 623. JUCO, C.: 90.
JUNQUEIRO, Guerra: 137, 303, 460, 670, 675.
KALEPKY, T.: 623. KAHN, Gustave: 673. KLUM, Ame: 372. KURY, Adriano da Gama: 568.
LABAN, M.: 24.
LACERDA, Armando de: 170.
LAFORGUE, Jules: 673.
LAPA, Rodrigues: 536, 568, 570.
LAPESA, R.: 197.
LAROCHETTE, Joe: 372.
LEAL, Gomes: 671, 687.
LEITE, C. Coelho .Pereira: 570.
LERCH, E.: 623.
LESSA, Lu0s Carlos: 519, 521.
LIDA, Raimundo: 229.
LIMA, A. Amoroso: 204, 230, 600, 620.
LIMA, Augusto de: 670.
LIMA, G. Fran0a de: 159, 353, 458.
LIMA, J. de: 198, 345.
LIMA, M. de Sousa: 516.
LIMA, Rocha, 568, 613.
LINS, O . 327, 358, 529, 550, 596, 618, 622, 641, 649. LISBOA, L: 142.
LISPECTOR, C.: 122, 130, 140, 146, 148, 205, 210, 236, 344, 346, 463, 496, 508, 516, 520, 525, 612, 623.
LOBATO, L0cia Maria Pinheiro: 383.
LOBATO, Monteiro: 202, 326, 440, 443, 481, 498, 527, 555, 589.
LOMBARD, A.: 197.
LOPES, B.: 509, 646, 678.
LOPES, M.: 518, 550, 552, 559, 575, 609.
LOPES NETO, Sim0es: 118, 200, 253, 262, 324, 343, 443, 488, 510, 564, 574, 641, 643.
L0PEZ, Maria Lu0sa: 545.
LORCK, E.: 623.
LOSA, L: 231.
LU0S, A. Bessa: 117, 118, 122, 125, 127, 132, 134, 337, 358, 367, 438, 457, 462, 493, 498, 517, 520, 524, 540, 573, 585, 587, 617, 618, 621, 622.
M
MA0AS, D.: 90.
MACEDO, J, M. de: 359.
MACHADO, A. de Alcantara: 194, 329, 358, 628, 646.
MACHADO, A. M.: 126, 137, 138, 147, 149, 203, 222, 231, 240, 264, 274, 301, 303, 304, 329, 331, 346, 440, 469, 479, 515, 524, 552, 556, 557, 582, 603, 605, 606, 619, 638, 642.
MACHADO M. T. da Malta: 30.
MACLENNAN, L. Jenaro: 372.
MAGALH0ES, A.: 298.
MALKIEL, Y.: 89.
MALMBERG, B.: 5.
MANOLIU, M.: 111.
MARGARIDO, A.: 555.
MARIANO, O.: 299, 335, 466.
MARIC0, Marqu0s de: 148, 334, 335, 591.
MARTIN, Robert: 372.
MARTINET, A.: 112.
MARTINS, Maria Raquel Delgado: 29,

170.

MATEUS, M. H. Mira: 38. MATOS, Gregório de: 684, 688. MAURER, Jr. Theodoro Henrique: 90, 475, 478.

MAURO, T. de: 2. MEIER, Harri: 535. MEILLET, A.: 2. MEIRELES, C.: 77, 159, 219, 290, 293, 304, 305, 306, 320, 345, 347, 471, 476, 482, 492, 501, 575, 604, 627, 646, 665, 685.

MELO, D. F. M. de: 327. MELO Neto, J. Cabral de: 196, 472, 557. MENDES, M.: 486, 491. 710

__, Odorico: 341.

ifeS. O.: 142, 207, 263, 295, 470,

ionNIC, Henri: 650, 674.

JITA, M.: 138. OER, I. M.: 682. OR, A.: 204, 205, 318, 348., 367, , 455, 485, 495, 569, 575, 591, 600,

BIS, J. Rodrigues: 289, 520, 522. .NDA, SØ de: 688. 3NET, GØrard: 372, 461.

ØØ, Maurice: 478.

.EIRØ, Sttau: 291, 304, 315, 444,

, 472, 538, 636, 637.

MONTELLO, J.: 117, 119, 123, 124, 140, 151, 161, 212, 215, 217, 222, 308, 485, 489, 509, 540, 555, 585.

MOOG, Vianna: 137, 139, 141, 145, 521.

MORAIS-BARBOSA, J.: 38.

MORAIS, V.: 52, 124, 156, 157, 197, 209, 295. 558, 612.

MORØAS, Jean: 673.

MOREIRA, T. Martins: 451, 493, 537.

MORIER, Henri: 674.

MOUNIN, George: 370.

MOURA, E.: 473, 554, 578, 591.

MOURAO-FERREIRA, D.: 123, 139, 470, 491, 551, 563.

N

,UCO, J.: 491.

HORA, F.: 126, 130, 135, 140, 143, 7, 149, 151, 158, 194, 205, 210, 212, Ø, 236, 262, 268, 275, 288, 302, 304, 4, 315, 316, 321, 328, 329, 346, 445, 2, 459, 460, 482, 487, 491, 494, 500, 8, 511, 513, 515, 518, 524, 535, 549,

, 561, 568, 582, 586, 603, 605, 616

. 627, 629, 630, 631, 636, 639.

FERNANDEZ, E.: 91.

DENTES, A.: 21, 516, 548. .Ø, P.: 150, 207, 223, 559, 562. VARRO TOMAS, T.: 163, 658, 674. VØS RUIZ, Ricardo: 371. P, FrØderic: 372. 3REIROS, Almada: 128, 152, 264,

314, 325, 355, 356, 357, 441, 496, 499, 512, 513, 529, 534, 566, 567, 573, 593, 615, 633, 644, 645, 647.

NEJAR, C.: 486.

NEMØSIO, V.: 117, 135, 148, 150, 159, 252, 273; 278, 352, 453, 485, 556, 557, 575, 576, 579, 580, 595, 600, 620.

NOBRE, A.: 118, 148, 156, 200, 209, 213, 217, 221, 237, 271, 311, 315, 321, 326, 334, 337, 341, 342, 451, 466, 492, 537, 540, 588, 592, 646, 667, 675.

NOBREØA, Mello: 675.

NOGUEIRA, R. SØ: 27.

NOREEN, A.: 5, 6.

NYROP: 475.

ICICA, JosØ: 497, 540. Aflo, D.: 451, 551. EIRA, A. CorrØa d': 226, 354, ;IRA, A. de: 294, 499, 611, 626, 679.

JIRA, C. de: 124, 129, 130, 133, Ø, 145, 149, 193, 206, 256, 258, 299, 344, 3.52, 357, 367, 465, 470, 480, 502,

510, 515, 560, 561, 574, 575, 582, 587,
591, 627. OLIVEIRA, Maria Manuela Moreno de:
197, 253, 330, 536. O'NEILL, A.: 160. OSÓRIO, Cochat: 443, 449, 605, 637.
i, Maria Helena de Novais: 536. OSÓRIO, M.: 120, 152, 256, 293, , 325,327, 341,
451, 482, 523, 623,
S, Gaston: 682.
OAES, Teixeira de: 116, 198, 343, ,... , 346, 446, 447, 546, 556, 560, 604,
06.
PASSOS, Guimarães: 263, 312, 313,463. PASSOS, Soares de: 610.
PATROCIO, A.: 251. PEDERNEIRAS, M.: 324. PEIXOTO, A,: 133,194, 222, 287, 302,
357, 440, 456, 554, 568. PENA FILHO, C.: 331. PENA, Martins: 470. PEPETELA: 327,
449, 450, 489, 550,
552, 555, 560, 598. PEREIRA, E. C.: 615. PEREIRA FILHO, E.: 538.
711
PESSANHA, C.: 295, 466, 507, 605, 612, 649, 658, 668, 669, 671, 690, 691.
PESSOA, F.: 119, 122, 131, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 143, 158, 159, 160, 201,
203, 2130 263, 281, 288, 290, 294, 295, 311, 318, 323, 329, 332, 335, 337, 339,
340, 342, 349, 356, 436, 443, 446, 455, 466, 473, 486, 491, 494, 525, 568, 587,
589, 590, 591, 592, 599, 600, 607, 609, 610, 641, 643, 644, 649, 673, 676, 684,
686,
688.
PIEL, Joseph, M.: 423.
PINCHON, J.: 196.
PIRON, N.: 122, 123, 129, 131, 139, 193, 338, 456, 462, 492, 512, 514, 521, 550,
551, 582, 589, 596, 621.
PIRES, J. Cardoso: 139, 154, 354, 357, 386, 450, 522, 585, 646.
PISANON, Alboric de: 672.
POMPEIA, R.: 132, 134, 194, 292, 305, 349, 561, 562, 604.
PONTES, Eunice: 383.
POTTIER, Bernard: 372, 530, 535, 545, 546.
PRADO, E.: 522.
QUEIRÓS, D. Silveira de: 470, 500,
501, 521. QUEIRÓS, Eóa de: 225, 284, 301, 306,
314, 316, 352, 355, 499, 528, 563, 621,
622, 627, 649. QUEIRÓS, R.: 133, 499, 583.
QUENTAL, A. de: 142, 154, 158, 159. 161, 206, 215, 255, 278, 305, 334, 345, 357,
437, 455, 500, 503, 508, 540, 572, 586, 596, 647.
QUILIS, A.: 55, 660.
QUINTANA, M.: 336, 609.
RAMOS, G.: 118, 124, 127, 152, 153, 159, 199, 236, 262, 287, 298, 306, 307, 321,
329, 334, 346, 349, 352, 355, 437, 445, 446, 447, 451, 459, 473, 482, 484, 487,
507, 515, 519, 528, 547, 566, 567, 569, 572, 573, 574, 581, 593, 620, 622, 639.
RANGEL, A.: 318.
RAPOSO, Eduardo Paiva: 383.
REBELO, Marques: 60, 163, 169, 342, 437.
REDOL, Alves: 122, 130, 137, 149, 153, 194, 215, 224, 256, 291, 293, 303, 304,
305, 307, 313, 317, 323, 330, 343, 348, 351, 353, 452, 467, 476, 489, 491, 496,
512,
514, 517, 519, 550, 553, 556, 561, 603, 604, 640, 642.
RÓGIO, J.: 137, 139, 271, 274, 278, 293, 297, 300, 302, 317, 448, 468, 520, 525,
529, 574, 596, 613, 616,
RÓGNIER, Henri de: 673.
REGO, J. Lins do: 127, 145, 152, 194, 209, 215, 225, 226, 228, 236, 286, 289, 292,
294, 308, 315, 316, 328, 330, 335, 354, 356, 433, 445, 459, 470, 472, 476, 488,
490, 493, 503, 510, 511, 512, 516, 519, 521, 547, 561, 571, 590, 599, 607, 613,
628, 633.
REGULA, M.: 197.
RENAULT, A.: 131, 555.

RESENDE, A. C.: 606.
RESENDE, O. Lara: 462, 469, 479, 480,
292,
514,
664.
161,
256,
322,
457,
499,
526,
614,
484, 507, 510, 585, 589, 612, 615, 627.
REY, A.: 87.
RIBAS, O.: 304, 315, 331, 448, 452, 474, 627, 629, 637, 638, 639.
RIBEIRO, A.: 119, 125, 146, 150, 154, 159, 161, 194, 214, 219, 223, 224, 225, 251,
252, 253, 274, 282, 286, 287, 295. 303, 305, 306, 318, 325, 328, 329, 335, 353,
358, 433, 474, 479, 481, 485, 486, 491, 498, 504, 510, 511, 517, 518, 523, 534,
538, 547, 549, 567, 572, 589, 590, 603.
RIBEIRO, J.: 21, 226, 232, 442, 488, 490, 503, 527. 568, 582, 630.
RIBEIRO, Joaquim: 498.
RIBEIRO^O.: 18.
RIBEIRO, T.: 680.
RICARDO, Cassiano: 143, 661.
RIO BRANCO, Barão do: 317.
ROBERT, C. M.: 441.
RODRIGUES, José Maria: 478.
RODRIGUES, U. Tavares: 207, 209, 212, 220, 231, 290, 293, 297, 302, 320, 330,
345, 493, 494, 509, 512, 517, 518, 547, 550, 552, 553, 560, 562, 565, 595.
ROHRER, C.: 372.
ROSA, Guimarães: 124, 253, 281, 439, 484, 509, 529, 535, 579, 602, 618, 622.
ROSENBLAT, A.: 5.
ROSSI, N.: 21, 22.
RUBIAO, M.: 149, 159.
RUIPÉREZ, Martin S.: 372.
712
ONO, F.: 314, 351, 442, 463, 527, D, 561, 572, 595, 646.
ARNEIRO, M.: 152, 228, 229, 301, O, 445, 470, 474, 606.
r-CLOUD, Pierre de: 670, 672.
S, H.: 252, 281, 462, 523, 524. fAREN0, B.: 150, 198, 209, 289, O, 293, 298, 302,
303, 346, 349, 466, 7,615.
TOS, A.: 328, 353, 480, 529, 552, 4, 556, 564, 630, 636. MWAGO, J.: 162, 316,
324, 483, 629, 631.
SORE, F. de: 2.
IMIDT, A. F.: ne, 153. 100. 101,
O, 224, 227, 232, 236, 256, 268, 293, 8, 314, 351, 386, 471, 477, 495, 508, 7,
518, 566, 568, 594, 604, 627, 628. EOK, T. A.: 7. OA, J. de: 328, 451, 612, 631,
634,
649.
OIO, A.: 118, 123, 334, 494, 644. . B. Lopes da: 307.
SILVA, Da Costa e: 116, 118, 132, 679.
SILVA, M. H. Santos: 10.
SILVA NETO, S. da: 9, 317, 647.
SILVA, Rebelo da: 202, 442, 508, 539, 598.
SILVEIRA, Sousa da: 60, 197, 281, 354, 554, 570, 590, 648.
SILVEIRA T. da: 122, 449, 502.
SKORGE, S.: 90, 192.
SLAMA-CASACU, T.: l, 2.

SOARES, O.: 512, 513.
 SOBEJANO, Gonzalo: 241.
 SOROMENHO, Castro: 129, 142, 161, 193, 251, 316, 321, 322, 330, 349, 351, 357, 453, 474, 476, 480, 487, 489, 511, 513, 514, 516, 523, 532, 533, 537, 538, 541, 553, 555, 557, 559, 564, 606, 617, 618, 622, 628, 630. 631, 639, 642.
 SOUSA, Cruz e: 508, 650, 683.
 SPENSER, Edmund: 692.
 SPITZER, Leo: 229, 623.
 STAHL, G. rold: 372.
 STEN, Holger: 478.
 iJNAY, Visconde de: 161.
 IVARES, A.: 330,344.
 LOS, L. Fagundes: 147, 150, 206, tft, 256. 264. 458.
 OREIRO, F. J.: 455, 627. BBY, Knud: 478.
 RGA, M.: 126, 133, 136, 143, 148, J, 203, 207, 211, 214, 218, 240, 4, 279, 282, 298, 306, 310, 313, 9, 325, 328, 329, 330. 331, 332, 33, 338, 339, 344, 347, 348, 353, 356, 437, 439, 440, 441, 443, 445, 447, 455, 457, 459, 468, 471, 485, 495, 498, 521, 523, 525, 527, 528, 530, 535, 547, 549, 552, 554, 556, 562, 566, 569, 571, 573, 574, 575, 576, 585, 586, 590, 591, 593, 597, 600, 607, 609, 614, 641.
 TORT, Lambert lO: 670, 672.
 TRIGO, S.: 25.
 TRIGUEIROS, L. Forjaz: 233.
 TUTESCU, M.: 197.
 lilERIUS, Julius: 672. OELA, Fagundes: 295, 343, 472, 598, 10, 681.
 >IHAGEN, F. A.: 276. IR00: 8.
 :ONCELOS, J. Leite de: 10, 645. ^, F.: 6. t0tLIO: 682. tHAEREN, Emile: 673.
 IfSSIMO, O.: 122, 126, 128, 130, 147, 149, 195, 207, 223, 227, 230, 307, SIS. 353, 460, 525, 532, 541, 572, 590, 599, 621, 632, 633, 636, 637, 639, 644, 645, 648.
 VICENTE, Gil: 676.
 VIEIRA, Luandino: 24, 117, 148, 160, 279, 282, 286, 293, 305, 308, 310, 321, 328, 333, 342, 356, 442, 466, 474, 475, 485, 494, 511, 517, 528, 529, 534, 555, 556, 557, 562, 597, 602, 603, 604, 606, 611, 614, 616, 627,628, 637.
 VIEL0-GRIFFIN. Francis: 673.
 VITA, Nicola: 623, 624.
 VITORINO, V.: 352.
 713
 w
 WAGNER, M. L.: 90. WAGNER, R. L.: 196. WHITMAN, Walt: 673. WILMET, Marc: 372.
 XAVIER, Fontoura: 328.
 ZEMB, lean-Marie: 372. ZOLA, E.: 619, 624.
 ONDICE DE ASSUNTOS
 EVIA0AO VOCABULAR: 114, TRATOS (substantivos): 171, 172. 4DANTES (verbos): 429-431. TO: 55-62, 64-65; t0nico, 55-62; sifica00o das palavras quanto ao nto t0nico, 56-57; pron0ncia culta, 58; valor distintivo do acento to-o, 58; acento principal, 59; acento nd0rio, 59; grupo acentuai (ou intensidade), 59-60; 0nclise e pr0-e, 60; de insist0ncia, 61-62; afeti-61-62; intelectual, 61-62; agudo grave, 64; circunflexo, 65; regras acentua00o grafica, 69-73. ENTUA0AO GR0FICA: 69-73.
 PIVO: 77, 238-267; defini00o, 8; adjetivo de rela00o, 238; nome stantivo e nome adjetivo, 239; stantiva00o do adjetivo, 239; subs-utos do adjetivo, 239-240; morfo-[ia dos adjetivos, 241-254; p0trios, p0trios brasileiros, 241;

pórtios tugueses, 242; pórtios africanos, 2; pórtios compostos, 242-243; gen-241;
flexões dos adjetivos, 13-254; número, 243-244; plural dos etivos simples, 243; plural dos ad-voos compostos, 244; gênero, 244-formação do feminino, 244-246;
etivos uniformes, 244-246; femi-dos adjetivos compostos, 247; do adjetivo, 247-254; compa-vo, 247; de superioridade, 247-248; igualdade, 247-248; de inferiorida-; 247-248; comparativo anômalo, 253, +; superlativo, 247-248; superlativo oluto, 248, 249-251; superlativo dativo, 248, 252-253; de superioridade, 252; ou-formas de superlativo, 251-252; superlativo anômalo, 253-254; adjectivos que não se flexionam em grau, >f,234; funções sintáticas do adjetivo, 255-257, 258; adjunto adnominal, 255-257; predicativo do sujeito, 255-257, 258, 267; predicativo do objeto di-reto, 256, 257; predicativo do objeto indireto, 256;
emprego adverbial do adjetivo, 257-258; valor estilístico do adjetivo, 259; colocação do adjetivo adjunto adnominal, 259-261; epíteto retórico, 261; colocação do epíteto retórico, 261-262; epíteto de natureza, 261, 608; epíteto característico, 261; outras formas de realce do adjetivo, 262-263; concordância do adjetivo com o substantivo, 263-267; adjetivo referente a um substantivo, 264; adjetivo referente a mais de um substantivo, 264-266; silepse de gênero, 615.
ADJUNTO: adnominal, 145-146; adverbial, 145, 147-150; classificação dos adjuntos adverbiais, 147-150.
ADVERBIO: 77, 529-541; advérbios que não se flexionam em grau, 539; classificação, 530-531; colocação, 533-535; diminutivo com valor superlativo, 539; gradação, 536-539; interrogativo, 531-532; locução adverbial, 532-533; palavras denotativas, 540-541; relativo, 532; repetição do advérbio, 539; repetição de advérbios em -mente, 535.
AFÉRESE: 657.
AFETIVO (acento): 61, 62.
AFIXO: 79-80.
AGENTE DA PASSIVA: 143-145; transformação de oração ativa em passiva, 144-145.
AGLUTINAÇÃO: 104-105.
ALEXANDRINO (verso): 670-672.
ALFABETO: 63.
ALFABETO FONÉTICO: 30-32.
ANASTROFE: 610.
ANACOLUTO: 613.
714
715
APARELHO FONADOR: 25-28.
APÓCOPE: 657.
APOSTO: 145, 151-155; valor sintático do aposto, 152-154; aposto e predicativo, 154-155.
APOSTROFO: 65.
ARTIGO: 77, 199-237; definido, 199-229; formas simples, 200-201; formas combinadas, 201-203; crase, 201-202; valor determinativo, 204-205; empregos, 206-225; com os substantivos comuns, 206-216; como demonstrativo, 206-207; pelo possessivo, 207-208; antes dos possessivos, 208-209; emprego genérico, 210; em expressões de tempo, 211-213; com expressões de peso e medida, 213; com a palavra casa, 214; com a palavra palácio, 215; com o superlativo relativo, 215-216; com os nomes próprios, 216-222; com os nomes de pessoas, 217-219; com os nomes geográficos, 219-222; com os nomes

de obras literárias e artísticas, 222; casos especiais, 222-225; antes da palavra outro, 222-223; depois da palavra ambos e todos, 223-225; repetição do artigo, 226-227; com substantivos, 226; com adjetivos, 227; omissão do artigo, 228-229; indefinido,

199, 229-237; formas combinadas, 203-204; valor, 205; emprego, 229-233; com os substantivos comuns, 230-232; com os nomes próprios, 232-233; omissão do artigo, 233-237;

em expressões de identidade, 234; em expressões comparativas, 235; em expressões de quantidade, 235; com substantivo denotador de espécie, 236; nas enumerações, 236; nos opostos, 236-237.

ASSINDETO: 611-612.

ASPAS: 643-645.

ASPECTO (verbal): 370-372.

B

BISESDRUXULO: 56.

BILABIAIS (consoantes): 41, 43, 45.

716

C

CARDINAIS: 358, 359, 361-364, 365; cardinal como indefinido, 363; emprego da conjunção e com os cardinais, 363-364; emprego dos cardinais pelos ordinais, 364-365;

flexão, 359-360; quadro, 361-362; valores e empregos, 362-363.

CAVALGAMENTO: 659-660.

CEDILHA: 65.

CESURA: 658-659.

CLASSIFICAÇÃO DOS SONS LINGUÍSTICOS: 33-47.

CLIQUE: 25-26.

COLCHETES: 648-649.

COLETIVOS (substantivos): 172-174.

COLOCAÇÃO: do adjetivo adjunto ad-nominal, 259-261; do epíteto retórico, 261-262; dos termos da oração, 157-162; inversões de natureza estilística. 157; ordem direta

e inversa, 157; inversões de natureza gramatical, 158-162; inversão verbo + sujeito, 158-161; inversão predicativo + verbo, 161-162; posição das conjunções coordenativas

adversativas, 567; posição das conjunções coordenativas conclusivas, 568; do advérbio, 533-535; colocação dos pronomes tônicos, 300-307; colocação dos pronomes tônicos

no Brasil, 307-309.

COMBINAÇÃO: contração de pronomes tônicos, 299-300; de preposição com o artigo, 201-204.

COMPARATIVO (grau): 247, 248, 253, 254.

COMPLEMENTO: nominal, 135-136; verbal. 136-145; (vd. objeto direto, objeto indireto e agente da passiva).

COMPOSIÇÃO: 82,83,104-113; tipos de, 104-106; compostos eruditos, 107-113; radicais latinos, 107-108; radicais gregos, 108-113; recomposição, 111-113;

hibridismo, 113. COMUM (substantivo): 172. CONCORDÂNCIA: do adjetivo com o substantivo, 263-267; do pronome possessivo, 310-311; verbal, 485-504,

OCRETO (substantivo): 171. JUAÇÕES: 375; conjugação dos verbos ter, haver, ser, estar, 387-389; regulares, 392; voz passiva, 93-395; verbo reflexivo, 396-400; irregulares, 400-429; abundantes, 429-431; impessoais, 431, 432; lipessoais, 432, 433; defectivos, 432, 436.

UNÇÕES: 77, 565-576; coordenativas: aditivas, adversativas, alterativas, conclusivas, explicativas, 566-7; posição das conjunções coordenativas, 567-568; valores particulares, 1-571; subordinativas: causais, relativas, condicionais, finais, temais, consecutivas, comparativas, in-antes,

conformativas, proporção-s,
572-576; polissemia conjunção-
576; locução conjuntiva, 576. **SERVAÇÃO LINGUÍSTICA:** 2-3. **SOANTE:** 33, 41-47,
51-53; clácula, 41-47; modo de articulação, 42-43; ponto de articulação, 43-
(r
papel das cordas vocais, 44; posição das cavidades bucal e nasal, 44; direção das
consoantes, 45-47; posições das consoantes, 47; encontros onantais, 51-53;
consoante
de lição, 81.
ENANCIA: 675. **TRITIVAS (consoantes):** 41, 42. **PRE-REJET:** 671.
ENANCIA: 579, 581-583; oração coordenada assindética, 581; orações coordenadas
sindéticas: aditiva, ativa, alternativa, conclusiva, atrativa, 581-583.
>**AS VOCAIS:** 28; papel das cor-Évocais, 44. **IEÇÃO:** 4-8.
E: 201-202; vd. emprego do ar-definido, 206-225; (vd. versificação-653, 657).
LO: 9, 23-24; de Ano Bom, p de Cabo Verde, 23-24; de Cana-É, 24; de
Casamance, 24; de Chaul, de Cochim, 24; de Guiné-Bissau, ijHi de Korlai, 24; de
Macau,
24; de
Malaca, 24; de Príncipe, 23; de São Tomé, 23; de Tellicherry, 24; de Tugu, 24; de
Sri-Lanka, 24.
DECASSÍLABO (verso): 667-669. **DÉCIMA:** 688-689.
PEFECTIVOS (verbos): 432, 434-436. **DEMONSTRATIVO (pronome):** 319-333; diversidade
de emprego, 322-324; formas, 319-320; o(s), a(s) como demonstrativo, 331-332;
posição
do pronome adjetivo demonstrativo, 324-326; reforço, 327; substitutos dos pronomes
demonstrativos, 332-333; valores afetivos, 327-331; valores gerais, 320-322.
DERIVAÇÃO: 81-82, 83-104; prefixais, 83-87; sufixais, 87-101; parassintética, 101;
regressiva, 102-103; imprópria, 103-104.
DESINÊNCIA: 78-79.
DESCRIPÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA: 29-30.
DIALETO: 4, dialetos galegos, 10-11, 12, 17, 18; portugueses setentrionais, 10,
11, 17; portugueses centro-meridionais, 10, 17-18; das ilhas atlânticas, 19;
brasileiros,
19-23.
DIASSISTEMA: 3.
DIRESE: 50-51; 656-657.
DIGRAFO: 52-53.
DISCURSO: 1-2; 617-624; características do discurso direto, 618-619;
características do discurso indireto, 620-621; características do discurso
indireto livre,
624; discurso direto, 617-618; discurso indireto, 619-620; discurso indireto
livre, 622-623; transposição do discurso direto para o indireto, 621-622.
DISSÍLABO: 54; (verso): 661.
DÍSTICO: 683.
DITONGO: 4849, 69; 655, 656.
DIVERSIDADE GEOGRÁFICA, 4, 9-24 (vd. variação diatópica).
DODECASSÍLABO (verso): 670-671.
DOIS PONTOS: 636-637.
717
ECLIPSE: 653-654.
ELIPSE: 602-606; sujeito e predicado elípticos, 120.
ELISO: 652, 653, 654.
ENCLISE: 60, 300, 302, 303, 304, 305, 307.
ENCONTROS: vocálicos, 48-51; intra-verbais e interverbais, 50-51; conso-
nantais,
51-52; (vd. sínese, dírese, crase, sinalefa, eliso).
ENCLISE, 60.
ENEASSÍLABO (verso): 666-667.
ENTOAÇÃO ORACIONAL: 162-170; grupo acentuai, 163; grupo fónico, 163-164; orações

declarativa, 164-165; interrogativa, 165-167; interrogação direta e indireta, 167; exclamativa, 168-169.

ENJAMBEMENT (vd. cavalgamento)

ENUMERAÇÃO CAÓTICA: 229.

EPÍTETO: retórico, 261; colocação do epíteto retórico, 261-262; epíteto de natureza, 261, 608; epíteto característico, 261.

ERRO: 6.

ESTILO: 1-2; valor estilístico do adjetivo, 259.

ESTROFAÇÃO: 682-692. ESTROFE: 682-690; décima, 688-689; dístico, 683; livre, 690; de nove versos, 688; oitava, 686-688; quadra, 683; quintilha, 684; de sete versos, 686; sextilha, 684-685; simples, 690; composta, 690; terceto, 683. ESTRUTURA: das palavras, 78-81; do verbo, 376; do verso, 650.

FALAR: 4.

FAMÍLIAS DE PALAVRAS: 82.

FIGURAS DE SINTAXE: 602-616; anacoluto, 613; anástrofe, 610; assôn-deto, 611-612; eclipse, 602-606; hi-pórbato, 610; objeto pleonástico, 609; pleonasma, 607-608; polissândeto, 612-718

613; prolepse, 610-611; silepse, 614-616; sônquise, 611; zeugma, 606-607.

FLEXÃO: dos adjetivos, 243-254; dos artigos, 200-201; dos substantivo*, 174-193; dos verbos, 367-375.

FONEMA: 28-29; 75.

FONÉTICA E FONOLOGIA: 25-62; sons da fala, 25, 29; aparelho fonador, 25-28; som e fonema, 28-29; descrição fonética e fonológica, 29-30; fonética acústica, 29; fonética fisiológica, 30; transcrição fonética, 30; transcrição fonológica, 30; alfabeto fonético, 30-32; vogais, 33; classificação das vogais, 33-41; consoantes, 33; classificação das consoantes, 41-47; posição das consoantes, 47; semivogais, 33; encontros vocálicos, 48-51; encontros consonantais, 51-52; dígrafos, 52-53; sílaba, 53-54; acento tônico, 55-62.

FRACIONARIOS: 358, 360-361, 366; emprego, 366; flexão, 360-361; quadro, 366.

FRASE: 116-118; constituição da frase, 116-117; frase e oração, 117-118.

FRICATIVAS (consoantes): 41, 42, 45, 47.

FUNÇÕES SINTÁTICAS: (dos adjetivos), 145, 255-257, 258; adjunto adnominal, 145, 255, 257; predicativo do sujeito, 131, 255-256, 258, 267; predicativo do objeto direto, 142, 256, 257; predicativo do objeto indireto, 256; (dos artigos), 146; (dos substantivos), 193-196; sujeito, 193; predicativo do sujeito, 193; predicativo do objeto direto, 194; predicativo do objeto indireto, 194; objeto direto, 194; objeto indireto, 194; complemento nominal, 194; adjunto adverbial, 195; agente da passiva, 195; aposto, 195; vocativo, 195.

FUTURO: do presente, 369, 381, 446-450; futuro do pretérito, 369, 450-453; futuro do subjuntivo, 369, 464.

H

<ERO: dos adjetivos: 244-247; adjetivos uniformes, 244, 246; feminino s adjetivos compostos, 247; formação do feminino, 244-246; dos substantivos: 182-191; comum de ois gêneros, 189-190; epicenos, 189; feminino derivado de radical do masculino, 185-188; formação do feminino, 184-185; gênero vacilante, 191; masculino e feminino de radicais diferentes, 185; masculinos terminados a, 191-192; mudança de sentido mudança de gênero, 190; quanto à significação, 183-184; quanto à terminação, 184; sobrecomum, 189; unine, 189-191.

HÍFENES: 241.

HÍFENES: 368, 381, 382; emprego, 368, 472, 479-482.

OU: dos adjetivos: 247-254; com-ativo, 247; de superioridade, 247-8; de igualdade, 247-248; de inferioridade; 247-248; comparativo anômalo, 253-254; superlativo, 247-248; relativo absoluto, 248, 249-251; relativo relativo, 248, 252-253; de superioridade, 252; de inferioridade, outras formas de superlativo, 1-252; superlativo anômalo. 253-I; adjetivos que não se flexionam em grau, 254; dos substantivos, 192-especialização de formas, 193; das formas aumentativas e diminutivas, 192-193; graduação dos advérbios, 536-539; grau comparativo dos advérbios, 536-537; grau superlativo dos advérbios, 536-537; outras de comparativo e superlativo, diminutivo com valor substantivo, 539; advérbios que não se am em grau, 539. acentuati, 163; fonico, 163-grupo fonico e unidade melo-163; grupo fonico e acentuati, (-170).

HEMISTÍQUIO: 670.

HENDECASSILABO (verso): 669-670.

HEPTASSILABO (verso): 664-665.

HEXASSILABO (verso): 665-664.

HIATO: 50; intervocabular, 654, 655, 656, 657.

HIBRIDISMO: 113.

HÍFEN: 66-69; emprego do hífen, 66-69; nos compostos, 66-67; na prefixação, 67; com o verbo haver, 67; na separação de sílabas, 67-69.

HÍPÓCRITO: do indicativo, 377-378; emprego, 439-442; do subjuntivo, 380; emprego, 462-463.

l

IMPERFEITO: do indicativo, 377-378; emprego, 439-442; do subjuntivo, 380; emprego, 462-463.

IMPESSOAIS (verbos): 431, 432.

INDEPENDENTES (orações): 578.

INDEFINIDO (pronome): 347-357; forma, 347; locuções pronominais indefinidas, 348; oposições sistêmicas, 350; substantivo e adjetivo, 348-349; valores de alguns indefinidos, 351-357; (artigo), 199; emprego do artigo indefinido, 229-233; omissão do artigo indefinido, 233-237.

INDICATIVO (modo): 436-453, 454.

INFINITIVO: 368; impessoal, 381, 471, 472, 473; emprego do infinitivo impessoal, 473, 474-477; pessoal, 382; emprego do infinitivo pessoal, 473, 474, 477-478; emprego distintivo das formas flexionadas e não flexionadas, 473-474; orações reduzidas de infinitivo, 596-598.

INTEGRANTES: termos da oração, 134-145; conjunções, 571, 574-575.

INTENSIDADE; acento, 55; grupo, 59-60; advérbio, 529, 530.

INSISTÊNCIA: acento, 61.

INTELLECTUAL (acentos): 61, 62.

INTERJEIÇÃO: 577; classificação, 577; locução interjectiva, 577.

719

INTERROGAÇÃO: (ponto de), 637-638; interrogação direta e indireta, 167.

INTERROGATIVO (pronome): 343-347; emprego exclamativo dos interrogativos, 346-347; flexão, 344; forma, 343; valor e emprego, 344-346; (advérbio), 531-532.

INTRANSITIVO (verbo): 132.

IRREGULARIDADE VERBAL: 400-431; irregularidade verbal e discordância gráfica, 401-402; verbos com alternância vocálica, 402-409.

INVARIÁVEIS (palavras): 77.

INVERSO DOS TERMOS DA ORAÇÃO: 157-162.

ITÁLICO: 625.

ISOSSILABISMO: 672.

I

JUSTAPOSIÇÃO: 104-106.

LETRA: 63-64.

LIGAÇÕES RÍTMICAS: 651-652. (vd. crase, eclipse, elisão, sinalefa)

LÍNGUA: 1-2; unidade, 9.

LINGUAGEM: 1-2; linguagem monolítica, 7-8; culta, 7-8; média, 8; popular, 8; poética, 8; da prosa, 8.

LINHA MELÓDICA (função oraciosa): 169-170.

LIMITES DO VERSO: 651.

LOCUÇÕES: adverbiais, 532-533; conjuntivas, 576; interjectivas, 577; prepositivas, 543; pronominais, 348; verbais, 117-118.

M

MAJESTADE (plural de): 277.

MELÓDICOS (sinais): 625, 636-649.

MODÉSTIA (plural de): 276-277.

MODO (do verbo): 368; indicativo, 436-453; subjuntivo, 453-465; imperativo, 465-471; sintaxe dos modos, 436.

720

MONOSSÍLABO: 54; (verso), 661.

MORFEMA: 76-80; tipos de, 76-77; flexionais, 78-79; derivacional, 79-80; lexical, 76-78; gramatical, 76-78.

MUDANÇA DE SENTIDO NA MUDANÇA DE GÊNERO: 190.

MULTIPLICATIVOS: 358, 359, 360, 366; emprego, 366; flexão, 360; quadro, 366.

N

NEGRITA (sinal de): 625.

NOME: adjetivo, 239; substantivo, 239.

NOMINAL: complemento, 135-136; predicado, 129-132; sufixo, 87, 88-99.

NOTAÇÕES LÉXICAS: 64-66.

NORMA: 7-8.

NUMERAIS: 358-366; cardinais, 358, 359, 360, 361-364, 366; fracionários, 358, 360-361, 366; multiplicativos, 358, 359, 360, 366; ordinais, 358, 360, 361-362, 364-365, 366.

NÚMERO: dos adjetivos: 243-244; plural dos adjetivos simples, 243; plural dos adjetivos compostos, 244; dos substantivos, 174-182; formação, 174-182; plural dos

compostos, 181-182; plural com alteração de timbre da vogal tônica, 177-178;

plural dos diminutivos, 180; plural dos substantivos terminados em consoante, 178-180;

substantivos terminados em vogal ou ditongo, 174-177; substantivos de um só número, 180.

OBJETO: direto, 136-139; objeto direto preposicionado, 138; objeto direto pleonástico, 139; indireto, 139-141; objeto indireto pleonástico, 141; predicativo do objeto, 142.

OCLUSIVAS (consoantes): 41, 42, 47.

OCTOSSÍLABO (verso): 665-666.

OITAVA: 686-688.

ONOMATOPÉIA: 113.

ORAÇÃO: 117-170, 578-601; e período, 118-119; termos essenciais, 119-

0; sem sujeito, 126-128; termos integrantes, 134-145; termos acessórios-145-

156; colocação dos termos oração, 157-162; entoação oraciosa, 162-170; declarativa,

164-165; rogativa, 165-167; exclamativa, 1-170; independente, 578;

princípio, 580; coordenada assindética, 581; nada sindética: aditiva, adverbial,

conclusiva, explicativa, 581-583; oração subordinada a termo de outra oração,

583-584; identificação das orações subordinadas-584; oração subordinada sub-

jetiva, objetiva direta, indireta, completiva nominal, ativa, apositiva,

agente da passiva-585-586; omissão da integrante, 586; oração subordinada ad-

589;

adjetivas restritivas plicativas, 588-589; ora^oo su-adverbial: causal, concessiva; condicional, final, temporal, con-ya, comparativa, 589-592; ora^oo conformativas e proporcionais, 3; reduzida, 594-601; reduzi-infinitivo, 596-598; reduzida ^ondio, 598-600; reduzida de)io, 600-601. E NASAIS (sons): 36-41.

DIRETA E INVERSA: 157. MS: 358, 360, 361, 362, 364, ^o emprego dos cardinais p^olos or-364-365; flex^oo, 360; quadro, 2; valores e empregos, 364. 3RAFIA: 63-74;

letra e alfabe-*; nota^oes l^oxicas, 64-69; re-acentua^oo, 69-73; diverg^oo-n-as ortografias adotadas em e no Brasil, 73-74. 2AO DE PRON^oNCIA: 57-75-115; classes de, 77; da, 78-81; forma^oo de, 81-fam^olias de, 82; denotativa, (I; primitiva, 81; derivada, 82; simples, 82; composta, 82.

PALAVRAS DENOTATIVAS, 540-541.

PALATAIS: vogais, 33, 37, 38, 39, 40; consoantes, 41, 44, 45, 46.

POSTERIORES ou velares (vogais): 33, 37, 38, 39, 40.

PAR^oNTESSES: 646-647.

PARTICIPIO: 472, 483-485; ora^oo .reduzida de partic^opio, 600-601.

P^oTRIOS: 241-243; p^otrios brasileiros, 241; p^otrios portugueses, 242; p^otrios africanos, 242; p^otrios compostos, 242-243.

PAUSA (verso): 658, 659.

PENTASSILABO (verso): 663.

PER^oODO: 118-119, 578-601; simples, 118, 578; composto, 119, 578-601; composto por coordena^oo, 578-579, 581-583; composto por subordina^oo, 579, 583-601; caracter^osticas da ora^oo principal, 580-581.

PESSOAL (pronome): 269-309; coloca^oo dos pronomes ^otonos, 300-309; combina^oes e contra^oes dos pronomes ^otonos, 299-300; contra^oio das preposi^oes de e em com o pronome reto da 3.* pessoa, 282; emprego dos pronomes obl^oquos t^onicos e ^otonos, 289-299; emprego do pronome sujeito, 275-276; equ^ovocos e incorre^oes, 280-281; extens^oo de emprego dos pronomes retos, 276-279; formas o. Io e no do pronome obl^oquo, 270-272; fun^oes dos pronomes retos, 274-275; omiss^oo do pronome sujeito, 275; realce do pronome sujeito, 279; reflexivo e rec^oproco, 272-273; pronomes de tratamento, 282-289.

PLEONASMO: 607-609.

PLURAL: dos adjetivos simples e compostos, 243-244; plural de mod^ostia e de majestade, 276-277; dos substantivos simples e compostos, 174-182.

POLISSINDETO: 612-613.

PONTO: 632-633.

PONTO DE EXCLAMA^oo: 638-640.

PONTO DE INTERROGA^oo: 637-638.

PONTO-E-VIRGULA: 634-635.

721

PONTUA^oo: 625-649; apenas, 643-645; colchete, 648-649; dois pontos, 636-637; par^onteses, 646-647; ponto, 632-633; ponto de exclama^oo, 638-640; ponto de interroga^oo, 637-638; pontoe-v^orgula, 634-635; retic^oncias, 640-643; v^orgula, 625-632; travess^oo, 648-649.

PORTUGU^oS: de ^ofrica, 23; de ^osia, 23-24; da Oce^onia, 23-24 (vd. crioulos).

POSSESSIVO (pronome): 309-318; concord^oncia, 310-311; forma, 309-310; valor e emprego, 310-318.

PREDICADO: 129-134; nominal, 129-132; verbal, 132-133; verbo-nominal, 133-134; variabilidade de predica^oo verbal, 134; (vd. concord^oncia).

PREFIXO: 84-87; de origem latina, 84-86; de origem grega, 86-87.

PREPOSIO^oo: 542-564; conte^odo significativo, 545-546; fun^oo, 542; locu^oes prepositivas, 543; rela^oes fixas, 547; rela^oes livres, 548; rela^oes necess^orias,

547-548; significado, 543-545; simples, 542-543; valor, 549-564; a, 549-550; ante, 550-551; após, 551-552; até, 552-553; com, 553; contra, 553-554; de, 554-555; desde, 555-556; em, 556-557; entre, 558; para, 559; perante, 560; por (per), 560-561; sem, 562; sob, 562-563; sobre, 563-564; trás, 564.

PRETÉRITO: imperfeito do indicativo, 369, 377-378, 439-442; perfeito do indicativo, 369, 379, 443-444; distinções entre o pretérito imperfeito e o perfeito, 444; mais-que-perfeito do indicativo, 369, 379, 445-446; futuro, 369, 381-382, 450-453; perfeito do subjuntivo, 369, 463; mais-que-perfeito, 369, 463-464.

PROCLISE: 60, 287, 300, 301-302, 303-304, 305-306, 307, 308.

PROLEPSE, 610-611.

PRONOME: 77, 268-357; demonstrativo, 319-333; indefinido, 347-357; interrogativo, 343-347; pessoal, 269-309; possessivo, 309-318; relativo 722 333-343; substantivo e adjetivo, 268-269; de tratamento, 282-289.

PSEUDOPREFIXOS: 111-113 (vd. recomposição).

QUADRA: 683. QUANTIDADE: 55. QUINTILHA: 684.

RADICAIS: 78; radicais latinos, 107-108; radicais gregos, 108-111; hibridismo, 113.

RECOMPOSIÇÃO: 111-113.

REGÊNCIA VERBAL: 505-525; diversidade e igualdade de regência, 506-507; regência de alguns verbos, aspirar, 507; assistir, 508-510; chamar, 510-513; ensinar, 511-513; esquecer, 513-515; interessar, 515-517; lembrar, 517-519; obedecer e desobedecer, 519-520; perdoar, 520-521; responder, 521-524; visar, 524-525.

REFORÇO: dos possessivos, 313; dos demonstrativos, 327.

RELATIVO (pronome): 333-343; forma, 333-334; função sintática, 335-336; natureza do antecedente, 334; pronome relativo sem antecedente, 334; pronome relativo sem antecedente, 336-337; valor e emprego, 337-343.

RETICÊNCIAS: 640-643.

RIMA: 675-682; aguda, 675; alternada, 679; assonante, 675; consoante, 675; consonância, 675; emparelhada, 679; encadeada, 679; esdrúxula, 676; esquema de rima, 680; grave, 675; imperfeita, 676-677; de vogal semiaberta com semifechada, 676-677; de vogal simples com ditongo, 677; de vogal oral com vogal nasal, 677; interior: com eco, 680; leonina, 680; interpolada, 679; oposta, 679; perfeita, 676; pobre, 678; fica, 678; raras ou preciosas, 678; soante, 673; ante, 675; versos brancos, 681. RÍMMA: 650.

VOGAIS: 33. TÍLHA: 684-685. OLAS: 114-115.

VBA: 53-54; aberta e fechada, 54; classificação das palavras quanto ao de sílabas, 54.

EPSE: de gênero, 615; de número, 614; de pessoa, 615-616. AÍAS: pausais, 625, 626-636; melódico-fcos, 625, 636-649.

UEFA: 51, 652, 654. COPE: 657. RESE: 50-51, 655-656. QUISE: 611.

FAGMA nominal, 120-121; verbal, 120-121.

TAXE: dos modos e dos tempos: 136-485; sintaxe do verbo haver, 525-TEMA: 7. f: 28-29.

4ETO: 690-692; inglês, 690, 692; ita-o, 690-692; shakespeariano, 692; rano, 692. DA FALA: 25. JNTIVO (modo): 368, 369, 453-

TANTIVO: 77, 171-198, 239; abs-o, 171, 172; coletivo, 172-174; sto, 181-182; comum, 172; co-de dois gêneros, 189-190; con-o, 171; de gênero vacilante, 191; um só número, 180-181; epiceno, 9; flexão, 174-193; formação do il, 174-180; funções sintáticas do antivo, 193-198; gênero, 182-192; u, 192-193; masculino terminado a, 190-191; mudança de sentido j mudança de gênero, 190; número, 74-182;

sobrecomum, 189; uniforme, t-191; próprio, 172. 3RDINAÇÃO: 579, 583-601; classificação das orações subordinadas: antivas, 585-586; adjetivas, 586-589; adverbiais, 589-601; orações reduzidas, 594-601; de infinitivo, 596-598; de gerúndio, 598-600; participio, 600-601.

SUFIXO: 88-101; nominal, 88-99; aumentativo, 88-89; diminutivo, 90-93; diminutivo erudito, 93; verbal, 99-100; adverbial, 101.

SUJEITO: 119-129; representação do sujeito, 121-123; simples, 123; concordância com o sujeito simples, 483; composto, 123-124; concordância com o sujeito composto, 486-487; oculto (determinado), 124-125; indeterminado, 125-126; oração sem sujeito, 126-128; da atitude do sujeito, 128-129; (com verbos de ação, 128; com verbos de estado, 128-129).

SUPERLATIVO (grau): 247, 248-254.

TEMPO (verbal): 369; tempo simples, 376-382; composto, 390-392; formação dos tempos simples, 377-383; derivados do presente do indicativo, 377-379; derivados do pretérito do indicativo, 379-381; derivados do infinitivo impessoal, 381-383; formação dos tempos compostos, 390-392; locuções verbais, 383-387; sintaxe dos tempos, 436-464.

TERCETO: 683.

TERMOS: essenciais, 119-134, 578-579; integrantes, 134-145, 578-579; acessórios, 145-156; 578-579.

TETRASSILABO (verso): 662.

TIL: 65.

TIMBRE: 35-36.

TIPOS DE VERSO: 661-674; decassílabo, 667-669; dissílabo, 661; dodecassílabo, 670-671; eneassílabo, 666-667; endecassílabo, 669-670; heptassílabo, 664-665; hexassílabo, 663-664; monossílabo, 661; octossílabo, 665-666; pentassílabo, 663; tetrassílabo, 662; trissílabo, 662; isossilabismo e versificação flutuante, 672-673; verso livre, 673-674.

723

TOM: 55.

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA: 30.

TRANSITIVO (verbo): 132-133, 134. TRATAMENTO (pronome): 282-289; (vd. pessoal)

TRAVERSO: 625, 648-649. TREMA: 65. TRISSÍLABO: 54, 662. TRITONGO: 49-50, 655.

U

UNIDADE LINGÜÍSTICA: 9. UNIDADE MELÓDICA (vd. grupo fonico). UNIPESSOAIS (verbos): 431-432, 433.

VARIÁVEIS (palavras): 77.

VARIÁVEL LINGÜÍSTICA, 2-3; variações diatópicas, 3-4, 7, 9-24; variações diastróicas, 3, 7; variações diafísicas, 3, 8.

VERBO: 77, 367-528; abundantes, 429-431; aspecto, 370-372; defectivo, 431, 434-436; definição, 367; flexão, 367-374; modo, 368; número, 368; pessoa, 368; tempo, 369; simples, 376-383; composto, 390-392; impessoais, 431, 432; unipessoais, 431, 433; irregular, 400-431; auxiliar e o seu emprego, 383-387; emprego dos tempos do indicativo, 436-453; emprego dos tempos do subjuntivo, 453-464; emprego do imperativo, 464-471; emprego das formas nominais, 471-485; emprego do infinitivo, 473-478; emprego do gerúndio, 479-482; emprego do participio, 483-485; voz, 372-373; voz ativa, 372, 373; voz passiva, 372, 373, 393-395, 430; voz reflexiva, 372, 373, 395-400; formas rizotônicas, 374; formas arrizotônicas, 374; classificação do

verbo, 374-375; conjugação, 375, 392-528; concordância, 485-504; regência, 505-525;

sintaxe do verbo haver, 525-528.

VERSIFICAÇÃO: 650-692; versificação flutuante, 672-673.

VERSO: 650; limite, 651; tipos, 661-674; v lS> livre, 673-673.

VIRGULA. ,25-632.

VOCATIVO: 155-156.

VOGAIS: 33-41, 48-51; classificação, 33-41; articulação, 35; timbre, 35-36; intensidade e acento, 36; orais, 36, 37-38; nasais, 36, 37, 38; tônicas orais, 37-38;

tônicas nasais, 38; tônicas orais, 39-41; encontros vocálicos, 48-51; vogal temática, 80-81; vogal de ligação, 81.

VOZ: 372-373; ativa, 372-373; passiva, 373, 393-395; reflexiva, 373, 395-400.

ZEUGMA: 606-607.

724

Esta Gramática é uma descrição do português atual em sua forma culta, ou seja, da língua como a têm utilizado os escritores brasileiros, portugueses e africanos do Romantismo para cá, com privilégio concedido aos autores de nossos dias. Como pretende ela mostrar a superior unidade da língua portuguesa dentro da sua natural diversidade, uma atenção particular foi dada às diferenças no uso entre as

modalidades nacionais e regionais do idioma, sobretudo as que se observam entre a variedade nacional europeia e a americana.

Houve uma preocupação não só de examinar a palavra em sua forma e em sua função, de acordo com os princípios da morfo-sintaxe, mas também de salientar e valorizar os meios expressivos do idioma, o que torna este livro, a um tempo, uma gramática e uma estilística do português contemporâneo.

Termina a obra uma atualizada síntese dos problemas concernentes à nossa versificação.

EDITORA

NOVA FRONTEIRA

SEMPRE

UM BOM

LIVRO

ISBN. 85-209*0421-1